GERSON DE SOUSA

**MEMÓRIA E VELHICE: ENTRE A
IMAGINAÇÃO NA ARTE DE CONTAR
HISTÓRIAS E A EMOÇÃO AO
NARRAR A HISTÓRIA VIVIDA**

Tese apresenta ao Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação, Área de Concentração Interfaces Sociais da Comunicação, linha de pesquisa Comunicação e Cultura, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do Título de Doutor em Ciências da Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Roberto Alves.

São Paulo

2008

FICHA CATALOGRÁFICA

Sousa, Gerson de

Memória e Velhice: entre a imaginação na arte de contar histórias e a emoção ao narrar a história vivida / Gerson de Sousa. – São Paulo : G. Sousa, 2008.

251 f. + anexos.

Tese (Doutorado) – Departamento de Comunicação / Escola de Comunicações e Artes/USP, 11/02/2008.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Roberto Alves.

Bibliografia

1. Cultura Popular 2. Velhice 3. Memória 4. Modernidade 5. Emoção. Alves, Luiz Roberto II. Título.

CDD 21.ed. – 302.2

COMISSÃO JULGADORA:

Nome

Assinatura

- 1- _____
- 2- _____
- 3- _____
- 4- _____
- 5- _____

São Paulo, de de 2008.

AGRADECIMENTOS

A realização desta pesquisa só foi possível graças a colaboração direta e indireta de muitas pessoas. Manifesto minha gratidão a todas elas e de forma particular:

Ao prof. Dr. Luiz Roberto Alves, que acreditou na proposta desta pesquisa e constantemente instigou a refletir sobre o tema. Desde o primeiro encontro, em 1999, sou grato por acreditar no potencial e me possibilitar pensar a comunicação a partir deste embate entre o popular e o massivo. E, agora em 2008, não consigo decifrar o momento em que suas considerações teóricas deixaram de ser elemento instigante para pensar a sociedade e passaram a nutrir não só meu projeto de pesquisa, assim como o sentido de entender a vida.

A profa. Dra. Olga Rodrigues de Moraes Von Simson, da Unicamp, pela orientação tanto no grupo de pesquisa quanto na articulação desta tese.

À profa. Ms. Carmelina de Toledo Piza, que me acolheu com tanto carinho para entender esse projeto de contar histórias no asilo. Agradeço também as contadoras de histórias Suzana, Emanuela e Isabel. À diretora Ivone C. Costa, do Lar Betel, por me autorizar a realização desta pesquisa e pela entrevista com comentários e concessão de dados sobre os velhos.

À fisioterapeuta Márcia Regina Mainardes, da Unimed Campinas, e a pesquisadora Fernanda Mandetta, do Centro de Memória da Unicamp, pelos dados fornecidos da pesquisa e pelo contato para as entrevistas realizadas.

A todos os sujeitos desta pesquisa: Fábio Inácio, Judith Nalim, Agenor Denatti, Maria de Faria, José Rizzoli (in memória), Aparecida de Oliveira Franco Nascimento, Inês Gioconda Rodrigues (in memória), Isaura Granzoto, Flávia Paes Ramalho, Idalina Alves de Faria Frederice, Sebastião da Silva, José Otterço e Valdemar Lourenço Paulo.

Aos prof. Dr. Ecléa Bosi, Mauro Wilton de Sousa e Celso Frederico por possibilitarem pensar a memória e a velhice, a comunicação como processo e a crise da cultura na sociedade contemporânea. Os conceitos discutidos nas disciplinas alimentaram a força de ação desta tese.

Aos professores Dr. Belarmino César Guimarães Costa e Dr. Dennis de Oliveira pelos comentários e sugestões apresentadas durante o exame de qualificação. Mais do que debatedores e pensadores críticos, representam a amizade construída desde a graduação em 1992, juntamente com a Profa. Dra. Marta Regina Maia.

Às profas. Dra. Maria do Carmo de Sousa, Ms. Claudete de Sousa, Dra. Pilar Maria Peñuela e a jornalista Fátima Cosmo pela leitura atenta e comentários e revisão do texto. À Profa. Maria Celina Novaes Marinho pela revisão do texto.

A todos os familiares, e em especial à minha esposa Tânia Cristina de Almeida Silva Sousa, e alunos e professores do Ceunsp, cujos sentimentos integram esta tese.

Aos funcionários de Pós-Graduação da ECA-USP pelas informações e ajuda.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais **Roque de Sousa** (in memorian), que nos deixou durante o período de desenvolvimento desta tese, e **Maria Benedita de Almeida Sousa**.

RESUMO

O objetivo desta tese é analisar como as táticas e estratégias empregadas pelos velhos no cotidiano instigados pelos trabalhos de contadores de história no asilo Lar Betel, em Piracicaba, e a Oficina de Memória para reconstruir a história de Campinas contribuem para pensar o sujeito no processo de comunicação no Brasil. Ao partir da história oral, a tese busca entender o significado da cultura popular em uma modernidade em crise.

A proposta metodológica se sustenta em analisar o momento de ação do sujeito diante da ação da racionalidade da estrutura. Recusa-se aqui a afirmativa da morte do homem diante de um mundo padronizado. Ao partir da análise da memória subterrânea, esta pesquisa se sustenta na fundamentação teórica dos trabalhos alternativos e na contextualização da história de vida dos velhos.

A contradição exhibe a luta do homem no cotidiano. A lágrima, o sorriso, o silêncio, o sonho de vida ou o sonho noturno indicam a intensidade em que pulsa a vida. Em vez da morte, o velho ressignifica o sentido da vida no asilo e na cidade. A pluralidade do homem é assim construída no tempo e espaço. A lucidez vem no momento em que o testemunho oral conduz o velho ao estado de consciência do eu e da sociedade onde atua.

PALAVRAS CHAVES

1. Cultura Popular 2. Velhice 3. Memória 4. Modernidade 5. Emoção.

ABSTRACT

The objective of this thesis is to analyse how the tactics and strategies used for the old people everyday urged for the work of the story tellers in the Lar Betel's home, in Piracicaba, and the memory workshop to reconstruct the history of Campinas contribute to think the subject in the communications process in Brazil. Starting from the oral history, the thesis searches to understand the meaning of the popular culture in a modern time in crisis.

The methodologic proposal is based on analysing the moment of subject's action before the action of the rationality of the structure. It's refused here the affirmative of the men's death before a standard world. Starting from the analysis of the underground memory this research is based on the theoretic basis of the alternative works and in the contextualization of the history of the old's life.

The contradiction shows the man's fight everyday. The tear, the smile, the silence, the dream life or the nocturnal dream shows the intensity that life pulsates. Instead of death, the old give a new significance to life in home and in town. The plurality of the men is like this build in time and space. The lucidity comes in the moment of the oral evidence leads the old to the state of conscience of self and the society where its influences.

Keys words

1. Popular culture 2. Old age 3. Memory 4. Modern time 5. Emotion

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I : O PODER DA IMAGINAÇÃO NA EXPERIÊNCIA DO CONTAR HISTÓRIAS	19
1.1 – A Transgressão do Popular: memória em conflito	37
1.2 - O Cultivo do cotidiano no mundo da fantasia	53
CAPÍTULO II : A VELHICE CONSTRUÍDA NO ASILO	79
2.1 – A Expressão do irracional no cotidiano	100
2.2 – Infância: a memória para além do entretenimento	114
CAPÍTULO III : A EMOÇÃO COMO CONSCIÊNCIA CRÍTICA DO POPULAR	131
3.1 – A contradição do sujeito universal	148
3.2 – O paradoxo do sujeito na Modernidade	168
CAPÍTULO IV: A NARRATIVA COMO CONSCIÊNCIA	177
4.1 – O presente como tempo de ser velho	205
CAPÍTULO V : OS SENTIDOS DA COMUNICAÇÃO	217
CONSIDERAÇÕES FINAIS	235
BIBLIOGRAFIA	245
ANEXOS	255

INTRODUÇÃO

O som ainda pulsa na minha memória. **Noturno**, de Chopin. No primeiro contato, com o objetivo de agendar a entrevista para a semana seguinte, a pianista Marlene Estela Telesi não hesitou em buscar a pasta com composições românticas para mostrar o que a emocionava. E a emoção tomou conta de nós. Enquanto ela seguia a partitura do **Noturno OP 9/2 em Mi Bemol Maior**, recordava as primeiras palavras e parte da história de vida. Duas paixões a dominavam como essência de vida. A primeira pelo piano, caminho permeado por um fator negativo e outro positivo: a rejeição do pai em deixá-la se dedicar ao balé e a identificação alegre com a professora do ginásio a tocar o Hino Nacional. Seguiu por essas lembranças durante a melodia do **Noturno**. A segunda paixão veio no segundo casamento: Jesuel dos Santos. Ele morreu em 1999 e deixou significado especial aos momentos de vida da pianista. Ambos artistas tiveram as **Vidas Cruzadas** permeadas pela pintura, poesia e música.

O sentimento sempre esteve à flor da pele. Jesuel era pessoa muito emotiva. Há algo tão fantástico em ocorrências na nossa vida que por ora se mergulha num estado de êxtase. É nesse estado de espírito, de produção de sentido sobre as relações humanas, que a memória estabelece os momentos significativos da vida. “Jesuel estava pintando o quadro da nossa casa enquanto eu estava no piano da sala”. É uma identificação perturbadora para mostrar a ausência de gratuidade aos fatos ocorridos na vida. Há um sentido. E qual o sentido ter descoberto o amor com o segundo marido, num diálogo em que a arte é o elo dos sentimentos?

A emoção se extravasa numa melodia lenta e toma sentido triste. Não há como deixar de compartilhar a história. E as notas no piano ganham tonalidades mais fortes. A cena do momento em que compôs **Vidas Cruzadas**, revelada num estado de cumplicidade permitida pela memória, se refaz num trabalho de revigorar o sentido. Ao compartilhar as emoções, estabelecemos o

significado. Mas Marlene, ao tentar depois tocar **Vidas Cruzadas**, não consegue terminar a execução da música. De um trecho em diante, as notas parecem se tornar mais pesadas. As vidas se cruzam novamente e a emoção a faz tomar uma pausa. É um sentimento muito forte.

Por causa da entrevista, ela decidiu interromper o silêncio de cinco anos, desde a morte do marido. Retomar a pasta em casa. Rever a composição. Tocá-la. Expressar o sentimento até o limite do ser. Não há como mergulhar no sentido do texto sem mergulhar no contexto de sua vida. A adolescente, de família italiana, lembra do choro do pai no ato de relembrar a terra natal. As canções italianas que as pessoas cantarolavam nas ruas. Os vizinhos compartilhavam da mesma emotiva referência cultural. Não era simples relação de amizade. Transbordava numa cumplicidade de vivenciar a mesma história, a mesma tristeza expressa no choro, a mesma alegria do sorriso explícito no canto. E ela era a intérprete privilegiada desses momentos ao pedido incessante do pai para ir ao piano.

Essa força toma novos rumos. Da situação de mulher cuja profissão ou tipo de arte era determinada pelo homem pai, como avalizador da conduta social, ela atinge o estágio do seu próprio texto ao tomar a atitude da separação no primeiro casamento. E encontrar com o segundo marido, o estágio de ser ela mesma intérprete de sua própria vida. Não há mais uma separação. Nas canções italianas, o mundo da vida era a memória dos pais ao qual se interligava. Agora se tornou o seu próprio mundo. Quando tocou as últimas notas de **Vidas Cruzadas**, no surpreendente ato de composição, ela falava pelo piano. “Jesuel estava pintando o quadro da nossa casa enquanto eu estava no piano da sala”. Há muito tempo tinha deixado de ser somente intérprete de outros compositores. Cada nota tem um sentido. E essa descoberta, de expressar nota por nota, era a sua individualidade como artista e pessoa.

A estrutura da vida de Marlene ganha sentido e reconhecimento público na emotividade dos outros. Aos prantos, a empregada mergulha no sentimento da música e dialoga com a patroa.

A arte invade a relação de trabalho e Marlene se pergunta por quê faz isso. Por que provoca uma emoção na qual o outro não consegue fugir enquanto as notas pulsam pelas teclas do piano? Cada momento é vivido com atenção. O presente é vivenciado com tamanha força a ponto de o trabalho de memória, esse reviver o passado, estar mergulhado nesse sentido. Não há sentido somente em contar o vivido. Torna-se necessário viver o vivido. O passado mergulha no presente. O presente no passado. E o futuro se abre como uma luz, a mesma da cor violeta vista por um amigo médium, de sensibilidade muito desenvolvida. Ele consertava um aparelho elétrico na casa de Marlene enquanto ela tocava **Vidas Cruzadas**. O homem não se conteve ao término da música para falar sobre o sentimento e a experiência daquele instante. A luz sentida. Ou pressentida. Há uma força sobre-humana e não se duvida disso. “Você estava transformada em uma luz. Eu vi uma luz tocando. Uma luz que abria e fechava na cor de violeta”. Só isso lhe permite entender a força de sua vazão espiritual na musicalidade.

A pianista revela que nunca deu um concerto sozinha. É preciso, então, dar outro sentido ao significado de concerto. Pois o público de sua vida está aí identificado. É sintomático diferenciar esse aspecto em sua vida. Marlene revela nunca ter tocado para anônimos. O seu público pode ser identificado pelo nome, pela profissão, pelo espaço, pelo momento na sua vida. Jesuel pintor, seu ex-marido, que vai buscá-la no conservatório e é surpreendido com sua música preferida, ensaiada há dias com o violonista. Não suporta a emoção e o seu problema cardíaco se descontrola a ponto de ser levado ao hospital. Diagnóstico: ameaça de infarto. “Ele era uma pessoa muito emotiva”. Mas foi em outro momento que a morte se fez presente. **Improviso**, de Chopin. Não levou mais que três minutos. Quando terminou a interpretação da música, Jesuel se encontrava morto, em casa. Seu último pedido foi atendido: morrer ao som do piano.

Em outro cenário, sentada no banco de entrada do Lar Betel, asilo de Piracicaba, Dona Otília olha para o infinito. Esse olhar distante se mistura entre a esperança e o sentimento de

indignação. Há sensação de ter sido traída: “Da próxima vez que ela me chamar para dar um passeio direi não”. E ao início da noite ela se recolhe. Amanhã é outro dia.

Por onde anda Abigail de Oliveira? A pergunta está implícita na interrogação de Fábio Inácio. O sonho de construir uma família se desfez no momento em que o relacionamento, de décadas atrás, se rompeu. Ato de ciúme considerado hoje como tosco. Como seria a vida hoje se tivesse optado por aquele percurso na vida? Mas a saudade o conduz para um novo percurso. Quem é o seu Fábio Inácio hoje?

No outro espaço do asilo, isolada na enfermaria pela crise, Marina de Faria concede a entrevista. Ela termina o testemunho e pede ajuda para se levantar. As mãos pressionam a minha com mais força e ela me conduz para conhecer todos os pacientes. Quando a deixo na porta da enfermaria, limite de espaço, o tempo se perde. Já na rua, ainda pareço caminhar de mãos dadas. Quem de nós voltará ao normal?

As ruas de Campinas largas, resultado do progresso implantado, de repente são riscadas, perfuradas. E vem o cheiro de terra, do sangue dos escravos açoitados no Pelourinho. O prédio comercial é rejeitado pelo olhar e os pedaços demolidos do Teatro Municipal são novamente levantados. E vem a denúncia da violência do poder sobre a cultura popular. O silêncio se faz dizível. É possível pensar o popular para além da violência que o nega?

O tempo de uma pesquisa tem de ser narrado pelas emoções vivenciadas, distante da mera estatística reducionista da quantidade de anos, número de meses, total de dias. Seria incoerente, justamente no texto em que se eleva a experiência de vida, ocultá-la, permanecer como mero observador na tão almejada objetividade inserida no discurso positivista. Os homens e mulheres constroem a realidade no cotidiano. E a luta para manter-se respeitado como homem ou mulher nas relações cotidianas recusa o diagnóstico estereotipado do velho: o ser sereno, o sem utilidade ou o eterno jovem. E para se contrapor à racionalidade do asilo ou ao poder determinante da

história oficial da cidade, ele encontra a oportunidade, alguém para ouvir o testemunho. A narrativa se faz presente na crise da modernidade. Não há como encontrar as indagações de Walter Benjamin. “Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? (...) Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando a sua experiência?” (BENJAMIN, 1993:114).

A experiência vivida com a pianista é um dos momentos desta pesquisa em que o ser é levado para o extremo do sentimento. O que aconteceu com Marlene após ter deixado a sala? Quais as transformações essa forma de interação, denominada comunicação, instiga na construção de ser humano? A resposta não pode ser movida pelo imediatismo. Ao narrar essa história para alunos de graduação, o choro, a lágrima era parte do entendimento de um item da disciplina Teorias da Comunicação. O homem não é dono no interior de sua própria casa: eis o inconsciente. O mundo da vida se cruza com o mundo da história e o ser é conduzido a pensar sobre si.

O objetivo desta tese é entender o processo de comunicação a partir da relação entre os contadores de história e os velhos no Lar Betel, em Piracicaba, e a Oficina de Memória realizada com velhos para reconstruir a história de Campinas. Os trabalhos investigados confrontam diretamente ao discurso massivo da história de vida. O recurso de investigação partiu do emprego da teoria e dos teóricos que sustentam esses projetos e analisar a partir da imaginação, da emoção e da razão as coerências, contradições, tensão e conflito vivenciados no fazer cotidiano. Por outro lado, havia o desafio de entender os sujeitos da pesquisa, os velhos no asilo e os outros velhos a percorrer as ruas da cidade.

O primeiro aspecto de investigação é romper com o discurso automático determinado pela estrutura. A morte social do velho no asilo ou a liberdade dos velhos nas ruas de Campinas. O espaço se torna síntese de desigualdade e é preciso lutar para ser respeitado. E em seguida, a tese

tem de mergulhar no conceito de tempo do sujeito, como valor existencial. A proposta metodológica desta pesquisa se sustenta em analisar o momento de ação do sujeito diante da ação da racionalidade da estrutura. Recusa-se aqui a afirmativa da morte do homem diante de um mundo padronizado, dominado pelo mercado e a transformar os seres em mero consumidores. A cultura pode ser violentada, mas não é eliminada pelo mercado.

Para sustentar essa defesa, há outro desafio: retirar o entendimento da cultura popular a partir da força que a nega. Está-se diante da inversão: o homem sujeito, plural, tornado objeto, agora tem de provar ser sujeito para além do determinismo que o coisifica. Mas não se trata somente de recorrer ao discurso contrário de forma automática. Ser humano é construir-se ao longo da vida por meio da razão, emoção, imaginação. O irracional, longe de ser elemento a ser reprimido, é parte integrante desta construção do ser. Negá-lo por esse aspecto, é tentar subverter a pluralidade para a uniformização. Mas até que ponto essa negação determina o ser? Ou para fazer jus a esta tese: como entender o movimento do ser diante do discurso da imobilidade?

“A modernidade se propõe muito mais como estratégia de compreensão e de administração das irracionalidades e contradições da sociedade capitalista do que como disseminação ilimitada da racionalidade ocidental e capitalista”. (MARTINS, 21:2000). Esse ato de administrar o irracional não se completa. O projeto inconcluso da modernidade revela o teor da crise. Lá onde se analisa pelo poder econômico a fundamentação do poder, da estrutura, da administração do irracional, se situa o sujeito mergulhado no irracional, na emoção, na razão objetiva construída por meio de táticas e estratégias no cotidiano. O silêncio, o choro, a lágrima, o tempo vazio da entrevista tão forte na produção de sentido, o dizível, o indizível. A fraqueza é assumida como a força para prosseguir o caminho ou o momento de esperar a oportunidade de revelar a vida. É a memória subterrânea. Não é possível recordar sem passar pela emoção.

A crise do projeto de modernidade se mostra na separação sentida pelo sujeito no corpo e no espírito. Há clara dissociação entre o desenvolvimento tecnológico e a cultura cotidiana na qual ele está inserido. Há outro agravante: a violência da estrutura para determinar o ser a partir do poder, do domínio sobre a cultura. O outro estereotipa o eu. E a vida percorre entre as limitações impostas pelo outro e as possibilidades criadas pelo ser. Não é só a cidade que muda, mas o homem também muda. E, ao narrar o passado, diante de um presente com noção de tempo e espaço diferenciados, o velho se redescobre. A consciência vem no momento em que a lucidez sobre o mundo da vida e o mundo da história se faz de forma clara. Como traduzir a importância de trabalhos como os de contar histórias e reescrever a história da cidade a partir da oralidade?

A proposta de narrar, participar do texto, em vez de só descrever como observador não se trata de simples escolha metodológica. Trata-se da “da posição do escritor em face à vida”. (LUKACS, 99: 1936). É preciso sair da proposta de ouvir o outro como parte de um trabalho acadêmico e incorporar o testemunho do velho no contexto de luta histórica. Cada história de vida se torna uma tese a ser defendida. E é com este propósito que o desenvolvimento da tese se distribui nos capítulos.

O primeiro capítulo intitulado **O poder da imaginação na experiência de contar histórias** narra os passos da educadora Carmelina de Toledo Piza para mergulhar o irracional no espaço racionalizado do asilo. A experiência de romper com o padrão de ensino de decorar e adotar a estratégia de contar histórias desencadeou no pedido de exoneração e na luta para defender a cultura popular. A descoberta do texto do **Narrador**, de Walter Benjamin, a decisão de não contar histórias tristes para os velhos. Como entender a importância desse contar na sociedade atual? Será que a intenção de eliminar a tristeza das histórias e a proposta de resgatar a infância dos velhos não entram em contradição?

A resposta a essas interrogações se apresenta no segundo capítulo **A velhice construída no asilo**. Ninguém tem como projeto de futuro ser asilado, mas os caminhos que os conduzem a abrir essa porta não podem ser desprezados. Quem são esses velhos? Qual a história de vida? Faces importantes para analisar o sujeito no discurso do asilo e contexto contemporâneo. O objetivo deste capítulo é mergulhar nos anseios, na crise, no irracional do velho e como a partir de uma outra realidade ele passa a construir o cotidiano. Em vez da morte, o velho asilado pode se utilizar o espaço e tempo para o recomeço. Não é somente o contar histórias: a música caipira, o popular se faz voz, remete o tempo delimitado pela racionalidade ao tempo da cultura.

No capítulo III, **A emoção como consciência crítica do popular** a análise é sobre o **Projeto Saúde Toda Vida**, de Campinas. A proposta de emancipação, de possibilitar a consciência crítica do sujeito a partir do testemunho do passado. A Oficina de Memória se fundamenta no desafio de reconstruir a história de Campinas a partir da memória subterrânea. É no mergulho da cidade que se pode entender o momento em que o mundo da vida parece se separar do mundo da história. O olhar pela cidade implica no olhar a cultura. E, longe do sujeito universal, a cidade tem de se situar na diversidade do popular. A análise do progresso de Campinas instiga a entender esse movimento entre a cultura e a cidade.

A narrativa como consciência no capítulo IV identifica o olhar do velho sobre a cidade. A partir da construção do passado, o presente é interrogado e construído a partir de outra relação de tempo e espaço. Como é possível analisar o olhar do velho sobre a cidade por meio de sua história vivida? Quais as lutas do popular nesse processo de construção de identidade do sujeito?

O capítulo de encerramento desta tese se baseia na simples e complexa pergunta: qual o sonho de vida? Em os **Sentidos da Comunicação**, a proposta é analisar o processo de comunicação a partir do olhar dos velhos de Campinas e Piracicaba e os trabalhos de contadores de história e da Oficina de Memória. A pergunta em si já sinaliza a proposta da tese: mergulhar

no interior do espaço racionalizado pela estrutura e desvelar outro valor do tempo construído pelo velho a partir do irracional. O velho está lá, vivo, na luta contra o poder que o aflige e na estratégia de construir um futuro melhor. Não se trata de atribuir peso ao limite da expectativa de vida, a proximidade da morte pela idade. O sujeito reconstrói o mundo da vida a partir de outra relação com o tempo. E surgem diante de si as possibilidades para traçar novos caminhos. O desejo da vida é viver.

CAPÍTULO I

O PODER DA IMAGINAÇÃO NA EXPERIÊNCIA DO CONTAR HISTÓRIAS

“Há um momento de certeza em tudo, quando estou acordado dentro do próprio eu”.

Raul Gonçalves França (residente do lar Betel)

O ato de contar histórias está em descrédito. O narrador, como nos alertara Walter Benjamin (1993), há tempos está em vias de extinção. Quem se interessa hoje em contar histórias? A informação, racionalizada pelos meios massivos, se sobrepõe às múltiplas leituras da narrativa. Tudo leva ao caminho da morte, do lento desaparecimento de um valor tão integrado ao homem. A experiência, palavra tão aclamada nos dias atuais, se dissocia do viver. Por inversão de significado, o conceito de experiência deixou de ser interpretado como intensidade de viver, valor construído ao longo do tempo, para se transformar no espaço a ocupar na vida, seja na velhice, seja na modernidade. A modernidade, em crise filosófica de um projeto inconcluso, caminha demarcada por um presente em que se busca encontrar sentido. O homem defronta-se com um presente imediato frustrante, ao mesmo tempo em que o futuro é percebido somente pelo aspecto da utilidade. Quem ainda especula sobre o tempo vindouro?

Sobre a velhice, poucos deixariam de apontar, com dedo em riste, que se trata de um estado de lenta agonia do homem na sociedade contemporânea. Em entrevista no mestrado, a estudante Erlinda Casarotti elucidou a definição do ser velho:

“Eu acho que se sentir velho é quando acaba a ilusão, assim a gente começa a achar que não tem mais nada para a frente, sabe? Não ver horizonte mais nenhum. Então aí a gente acaba ficando velho ou por causa de doença ou por falta de carinho dos familiares, acho que isso é muito triste. (...) Quando a pessoa não tem mais o carinho dos filhos, dos parentes, da família, aí eu acho que é o pior na vida da gente” (SOUSA, 2002:104)

Por isso, soa ofensivo empregar esse termo, em público, para alguém. Velho é aquele que não encontra mais sentido na vida, não tem mais forças. Há outro fator a adicionar essa condição

carregada de negatividade apontada como irreversível. Aceitar-se como velho é ter de se confrontar com o estado de solidão, muitas vezes de abandono. Velho é o ser estático na realidade, portanto, sem utilidade. O sonho está ausente do presente, ilhado e ofuscado numa série de infortúnios da vida entendido somente como condição do passado. Se tomarmos o depoimento de Erlinda, fica explícito: até o sonho procura se retirar da capacidade deste ser. O sonho, ou traduzindo, o motivo a instigar a ação de tomar a vida, em alguns momentos, e transformá-la levado por um desejo, pela certeza de ter algo a expressar enquanto sujeito, agora está associado ao fim como ilusão da vida.

Em decorrência dessa afirmativa soa como consequência “natural” a aceitação dolorosa: velho é quando não há mais sentido para encontrar na vida. A ilusão acabou. É o presente dilacerado, muitas vezes distorcido com violência por uma realidade injusta, sentida com angústia ao entrar num estado de lucidez da vida. Eis o grito de **Donana**: a lucidez só me vem no momento em que perco a consciência”. (SOUSA, 2003:82) Na modernidade em crise ainda ecoa o grito de Simone de Beauvoir: “o descrédito da noção de experiência diminuiu o prestígio da velhice”. (BEAUVOIR, 1990:257). O silêncio foi quebrado.

O contraponto a esta denominação tomada como pejorativa é justificado: agora é Terceira Idade. Ou Idoso. Em alguns locais é traduzido pelo estado de espírito demonstrado por seus participantes: Feliz Idade, Melhor Idade. Os nossos velhos são jovens eternos pela saúde demonstrada nas braçadas em competições esportivas, nos golpes desferidos em artes marciais, na quantidade de relações sexuais crescentes a cada mês, a deixar muitos casais, mais jovens (no sentido meramente biológico), com o rosto corado. Há a energia mostrada em suor e giros nos bailes de sábado à tarde, às vezes em salões, às vezes em praça pública, ou a coragem de tomar a decisão de freqüentar as universidades do país. O que vale é a disposição.

Por consequência deste discurso funcional-pragmático impregnado no contexto social, a entrada no asilo, já na condição de velho, é o decreto do duplo fim existencial. Nada mais perverso. Nada mais triste. Nada mais significativo do estado de abandono. É a conclusão drástica: a história de vida está encerrada. Não há mais alternativa do indivíduo frente à estrutura cujo propósito é aprisioná-lo e realizar, de forma segura, a transição anônima e impessoal para a saída deste ou a entrada, se preferir, no outro mundo. Por isso soa como incoerente ao bom senso comum os termos asilo e terceira idade.

A informação disseminada pelos meios massivos deste espaço violento reforça o sentimento social da tragédia existencial. As cenas de velhos amarrados, desidratados e enganados por proprietários de asilos, muitas vezes intitulados como lar, angustiam os leitores. Nos telejornais, os gritos de desespero e as lágrimas a escorrer pela face mostram o estado de abandono. E, no paradoxo, revelam a violência do crime contra o ser humano, de homens e mulheres “enterrados” vivos.

Os filhos nem sempre se preocupam com o presente vivido desses humanos nesse espaço racionalizado. Entre um natal e outro, acompanham como meros leitores ou telespectadores de um estado acusado como barbárie, do qual o leitor, hoje (in)sensível, não tem certeza se escapará desse mesmo “destino” no futuro. Como é possível o filho levar o próprio pai ou a mãe para uma morte confinada?, perguntam as pessoas indignadas a cada entrevista, a cada lágrima de um velho exposto na tela. Não se trata de destino, mas da desumanidade, de uma impessoalidade nas relações do cotidiano somente perpetuado porque os sujeitos-filhos, distantes dos objetos-pais, estabelecem prazo de validade à vida de forma arbitrária.

Essa crise inscrita em uma modernidade cuja racionalidade se impõe de forma a negar o sujeito em sua individualidade reflete os sintomas do mundo atual. Porém, a conclusividade desta forma racionalizada não se processa. A angústia, o choro, o denunciar após longo silêncio

revelam táticas de ação que não podem ser entendidas com a hipermetropia, nem sentidas pela miopia estrutural. Onde se aponta a morte do sujeito, ainda pulsa vida. Considero erro estratégico acusar o sujeito de imobilidade, ou outra vez de inexistência, quando o diagnóstico, desenvolvimento e conclusão somente se efetuam por dois aspectos: primeiro, a sobreposição do político-econômico ao social. Segundo: pela relação de poder da estrutura ao sujeito.

Nomino este aspecto como incoerência conceitual. A cultura é encarada meramente como resíduo da força econômica e política ou como dissociado do sujeito em crise. Trata-se de uma forma reducionista de pensá-la. É preciso analisar o lugar de onde se fala e o contexto argumentativo deste conceito. Em uma sociedade onde a crise atua como desfigurativa, marginalizando e objetivando o homem de ser sujeito da própria vida, dessa mesma vida tornada estranha, é preciso entender o paradoxo. Quanto mais ele procura livrar-se da crise subjetiva, sair o mais rapidamente possível, a superficialidade discursiva aflora e a inexistência predomina. Como círculo vicioso, ao negar o passado em nome do presente, o homem se fragmenta, se destitui e se sente mais vulnerável.

Assim como o encontro da felicidade, a tão propagada desde o iluminismo, é preciso estar em outro lugar. A felicidade não está em sua busca incessante. Mas no encontro profundo consigo, no mergulho de um processo de individuação yunguiana, possível hoje de forma distante das fórmulas de auto-ajuda, mas com o estabelecimento da crise do sujeito. Há necessidade de mergulhar na crise de forma tão profunda, para lá, na sua essência, descobrir a dialética distante do dualismo entre o bem e o mal. Ou poderia se analisar a incompatibilidade da felicidade em uma sociedade onde o princípio de realidade se sobrepõe de forma repressiva ao princípio de prazer? É o preço a ser pago pelo progresso da civilização. Se o prazer, a felicidade está voltada para a liberdade do id, como nos aponta Freud, o ego e o superego traduzem o nosso crescimento. “A história do homem é a história de sua repressão”. Esse é o mal-estar da civilização.

A angústia subjetiva, ao se dissociar da crise objetiva, estabelece movimento a uma realidade tratada erroneamente como estática. Entender a violência do predomínio político-econômico sobre o social é perceber a violência da ação do sistema sobre a ação do sujeito. E a forma de ação de um não exige do ato do outro a mesma sintonia. Porém, este diagnóstico difere de traduzir esse enunciado como a morte da história, o fim da individualidade, a morte do sujeito, a morte do homem. E nessas descrições numéricas dos conduzidos ao fim, para a inevitável morte, estão postos o ser velho, principalmente no asilo, e o contar histórias. Com eles sangram no mesmo corpo rasgado pela estrutura ou pelos sistemas, o sujeito, o popular, a experiência vivida, a imaginação, o sonho, o irracional, a emoção...

Esta tese pretende retirar o discurso da imobilidade do ser, tão propagado ideologicamente pela estrutura nos dias atuais. A proposta é mergulhar neste mal-estar e descaracterizar a máxima deste foco estrutural onde o dilaceramento do ser passa a ser entendido como processo doloroso e irreversível, aceitado muitas vezes como natural. Natural, como a adaptação do homem ao irreversível progresso tecnológico. A negação do sujeito como ato de violência praticado pelo sistema, entendida como realidade estática, está distante de ser a natureza do homem. De um lado, a ação do sujeito, pelo dizível e indizível, para manter-se plural e orientador dos caminhos de sua história. Por outro, a ação da realidade objetiva de um sistema a impor uma uniformidade, a recusar esta condição plural. Esta recusa é traduzida como necessidade de encontrar a identidade do social. Quando uma força age não permitindo espaço e tempo para a ação do outro, tem-se a violência. Mas o ser negado elabora suas táticas, traduzidas aqui como concebe Certeau.

“As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um ‘golpe’, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos.” (CERTEAU, 1994:102).

Assim a “tática é movimento *dentro do campo de visão do inimigo* e no espaço por ele controlado”. (...) Em suma, a tática é a arte do fraco.” É nesse processo que é possível entender o estado de tensão e conflito do homem contemporâneo para estabelecer sentido e significado no cotidiano vivido do tempo e espaço.

O trabalho de contadores de história e os velhos no asilo Lar Betel, de Piracicaba, tem de ser compreendidos como espaço e tempo de luta neste contexto de crítica conceitual. O espaço da racionalidade abre as portas para o tempo do imaginário. Tratar o asilo como espaço físico estático é limitar o olhar somente pela estrutura, pelo panoptico. O velho também não está estático. E reage quando negam a sua existência no presente e é reduzido apenas ao ser de memória. O interesse desta tese é verificar a relação de forças a atuar no interior do asilo, cujo movimento, no espaço de poder de um, define, temporariamente, a imobilidade do tempo do outro. Portanto, é significativo compreender a diferença entre a realidade objetiva e a emoção subjetiva, na ação de um com outro.

Esse mergulho na relação de forças para entender o sujeito rompe com o discurso da morte do homem. O silêncio, guardado como tática por longo período, indica o estado de ação, de movimento. Toda a pesquisa desta tese comprova esse dilema. Então, como entender essa forma de existência, de reagir do fraco ao poder violento que o nega como ser plural? Em **Memória, Esquecimento e Silêncio**, Michel Pollack (1989) utiliza citação de Claude Olievenstein para se referir aos mecanismos psíquicos do indivíduo:

“A linguagem é apenas a vigia da angústia ... Mas a linguagem se condena a ser impotente porque organiza o distanciamento daquilo que não pode ser posto à distância. É aí que intervém, com todo o poder, o discurso interior, o compromisso do não-dito entre aquilo que o sujeito se confessa a si mesmo e aquilo que ele pode transmitir ao exterior”.
(POLLAK, 1989:08)

O primeiro aspecto está em entender a importância da memória em um país onde o processo civilizatório esteve estruturado na negação do sujeito. Como explica Darcy RIBEIRO (1995), foi uma tentativa de moldar o Brasil com a aplicação de um projeto ideológico das classes dominantes para aqui se transformar em um transplante europeu. Há neste percurso, portanto, o conflito. Ao lutar pelo valor do presente, o sujeito, negado pelo poder, reage com suas forças. A história passa a ser construída sobre os aspectos da importância do existir. É nesta busca de ser que se caracteriza a “resistência”. A memória do passado é a revelação do vivido. E o viver está em mesma intensidade interligado ao que é sempre dito, como também ao não-dito.

São duas vias. Há o caminho afirmativo: a exposição do estado de felicidade em poder realizar o sonho, de se expressar com liberdade sem a necessidade de depender do outro – ou da escuta do outro. O encontro interior como processo de autoconhecimento, nesta difícil tarefa de construção de ser humano. O prazer de abraçar os amigos na relação cotidiana, espaço onde a dimensão política reducionista pulsa cada vez mais forte. O sorriso de participar da mudança do país ao entender e sentir no corpo e na mente a importância da luta no cotidiano para estabelecer significado social.

Entretanto, em outro extremo, os sentimentos continuam a pulsar: a busca da felicidade em um mundo no qual, por instantes, não é permitido ao sujeito expressar seu estado de ser feliz. Pior: a busca da felicidade torna-se círculo vicioso movido pelo eterno sentimento de insatisfação e angústia. A castração da existência invade como ruptura a fraccionar o próprio indivíduo. Ele não deixa de ser sujeito, mas o ato do encontro interior é invadido pela decisão existencial do não agir.

Na espera do abraço, senão mais do amigo próximo, mas de alguém que virá distante para compartilhar, seja por pequenos instantes, seja pelo encontro da vida, novamente a angústia torna-se o momento então esperado. A lágrima, ora a correr pelos olhos como expressão de dor,

ora a lavar a alma no indicativo do estado de desespero. Em qualquer situação é o ser em movimento a defrontar com o mundo dominado ou incentivado em suas múltiplas facetas por uma estrutura política-econômica, de poder. Mas este mundo racionalizado também se movimenta. Com a agravante: nem sempre o encontro dessas duas vias é considerado como diferente.

Prevalece a hierarquia de valores. Na maior partes das vezes, a opressão é o indicativo de o homem, no mundo vivido, estar sempre em atraso com a realidade objetiva do social. Eis aqui a inversão existencial. O homem tem a sensação de estar em uma realidade estática, onde o detentor do poder continua a exercer a dominação num mundo em constante movimento. E a realidade objetiva está em uma velocidade em que é preciso acompanhar, não ficar atrasado, estar sempre na atualidade.

Está aqui a descrição da memória em conflito que nos permite avançar na particularidade da discussão da existência do ser. Estamos sempre no embate entre a história oficial e a memória coletiva do ser. Por um lado, há o predomínio da história oficial. A seleção da memória oficial tem o objetivo de construir um discurso lógico e coerente sobre o desenvolvimento da nação. E por extensão envolve os indivíduos como catalisadores deste movimento. Não é preciso se estender muito para entender os critérios promovidos para destacar cada ator principal e os “coadjuvantes” desta história.

Em nome do estado da normalidade, da ordem, discrimina-se o importante a ser preservado como referência. A hegemonia da racionalidade deste processo perturba o aspecto emotivo. É a lógica e coerência do sistema. Em uma realidade onde a luta perpassa pelos bens simbólicos, no plano de uma sociedade com a promessa não realizada da comunicação como processo, da felicidade coletiva, da maioria kantiana, a inconclusividade da própria modernidade, a justaposição do poder precisa se dimensionar ao passado. Esse mesmo passado,

descaracterizado no campo de luta da realidade atual, é sentido agora, no presente, como um futuro uniformizado.

“Mas a racionalidade não almeja meramente disseminar seu discurso. Ela se estabelece muito mais como negação do sujeito do que pela afirmação de sua própria racionalidade”, conceitua José de Souza MARTINS (2000:21). Trata-se de uma mudança de análise primordial. Está-se diante de uma racionalidade incompleta, que não se conclui. Essas são suas dificuldades. “O que se propõe à vida de todos os dias do homem contemporâneo não é essa racionalidade ilimitada, mas seus problemas, sua inconclusividade, suas dificuldades. O homem comum tem de descobrir e inventar caminhos para superá-las” (MARTINS, 2000:21).

Negar o sujeito implica destituí-lo de parte do seu ser. A imaginação, a irracionalidade, a narrativa são consideradas como fatores à margem da realidade. O existir só tem sentido quando inserido no contexto em que se assenta a coletividade. É o social que determina o indivíduo. O teor das teorias positivistas, convergente ao funcionalismo e ao estruturalismo, vigora como regra de determinação social. Em nome da objetividade, a estrutura científica se edificou como o meio por excelência para compreender a sociedade e suas ações. Por um lado, prioriza-se o fato social, como para identificar os sujeitos na sociedade. Nota-se que o termo sujeito aqui não é o histórico, mas o indivíduo como objeto, das teorias funcionalistas, ou o que necessita ser conduzido ao estado de consciência. Por outro lado, recusa-se a entender o indivíduo no seu plano particular. Em qualquer tentativa de percorrer esse trilho metodológico, a denúncia é que se recai num psicologismo.

Este é um valor discutido pela profa. Dra. Olga Rodrigues de Moraes Von Simson e ponto adicional na discussão sobre velhice nesta tese de doutorado. E o teor importante é compreender como toda essa discussão passou a ser estendida para a História Oral. Se mergulhássemos na ênfase do psicologismo, era possível considerar a história de vida narrada pelos velhos em

Piracicaba e Campinas, como trabalha esta tese, como mera particularidade. O projeto então recairia num subjetivismo cujo processo acusatório seria o de não traduzir o social. Trata-se de uma visão parcial e ideológica.

Há uma diferença crucial ao se estabelecer o termo hegemônico em detrimento do hierárquico, ao entender a relação de poder da estrutura das forças na sociedade contemporânea. Ao afirmar o particular como parte da essência para entender os caminhos da sociedade atinge-se outro painel: o do não-dito, o não trilhado, as vozes sufocadas, o grito do silêncio. Este é o contexto de identificação da memória subterrânea como explica a prof. Olga Von Simson. É a memória marginalizada. O indivíduo no seu constante estado de tensão e conflito com a sociedade.

O diferencial de todo este debate é o conceito desenvolvido pelo semiólogo Yuri Lotman sobre a forma de apropriação de cada indivíduo. O filtro que possibilita a seleção da memória é a cultura. Ou melhor: o capital cultural formado pelo indivíduo ao longo do processo de socialização realizado pelas instituições sociais: família, partido, religião, escola.

É este capital cultural o definidor do poder de selecionar ou descartar determinadas informações. A cultura de cada indivíduo determina o que será memorizado. Esta é a história de vida. Ora, então, por meio dos relatos da história de vida é possível construir este estado de constante tensão e conflito com a sociedade. A memória não é resgate do passado, mas a reconstrução do indivíduo, por meio de seu capital cultural, como sujeito histórico.

Este ponto é essencial para entender o debate proposto no texto **O que faz a história oral diferente**, de Alessandro PORTELLI (1997). A pergunta central é sobre o estatuto da história oral. Pode-se considerar como válido a história oral como instrumento para sustentar a pesquisa científica? A resposta não pode ser dada precipitadamente, pelo menos sem antes afastar a poeira a ofuscar o entendimento profundo do que está posto em questão. “Parece se temer que uma vez

abertos os portões da oralidade, a escrita (e a racionalidade junto com ela) será varrida como que por uma massa espontânea incontrolável de fluídos, material amorfo” (PORTELLI: 1997: 26).

O poder da racionalidade científica está em impedir a disseminação de outros valores. Este é o fundamento da discussão proposta por PORTELLI. Nega-se o estatuto da história oral precisamente porque está sustentada na visão particular. Ou se analisarmos por outro ângulo: porque historicamente se recusa a entender o sujeito como histórico.

Isto explica o paradoxo: a importância da história oral, como trabalha o autor, está exatamente neste aspecto particular, cuja essência é a emoção. “Mas o único e precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador, e que nenhuma outra fonte possui em medida igual, é a subjetividade do expositor. Se a aproximação para a busca é suficientemente ampla e articulada, uma secção contrária da subjetividade de um grupo ou classe pode emergir”. (PORTELLI, 1997:31).

A continuação do debate deste parágrafo proposto por Portelli recai em parte dos trechos citados acima. As fontes orais vão mais além do que retratar apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acredita estar fazendo, o que agora pensa que fez e o que desejaria ainda empreender. Ou se retratarmos os focos desta tese estão na simples pergunta: qual o seu sonho? O que é ser velho? “Pode-se não encontrar nas fontes orais o custo material de uma greve; mas contam-nos bastante sobre os custos psicológicos”. (PORTELLI, 1997:31).

O depoimento dos velhos sobre a situação política do Brasil, sobre a greve de sua cidade, sobre as mudanças no seu bairro, sobre os motivos que os conduziram ao asilo, tem outra configuração de valor. A credibilidade, como menciona Portelli, é diferente. “A importância do testemunho oral pode se situar não em sua aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir”. (1997:32).

A tradução neste trecho é filosófica. Há toda uma fundamentação do ponto de vista cartesiano do “Cogito, Ergo Sum” que desloca a imaginação para a margem da construção na filosofia do sujeito. A razão objetiva ganha reforço com os iluministas. O que se despreza nesse processo é o sujeito entendido como imaginação, fantasia, irracionalidade. A justificativa dessa marginalização é o dever de se buscar na isenção cada vez maior o valor da verdade. Mas a verdade está como valor absoluto. Ao primeiro grito de dor exposto por quem sofre a imposição do poder, como ato de violência sobre o outro, o absoluto perde seu estatuto e retrata somente a versão de um dos lados dos agentes da força. Torna-se obrigatório passar ao conceito de verdade relativa. E aí, a narrativa, o depoimento oral vislumbra outro espaço para entender a história.

Neste momento é precioso entender o significado do termo recordar. “É impossível recordar, relembrar, sem passar pela emoção”, conceitua Olga Von Simson. Cor vem do coração. Recordar: trazer de novo para o coração. Não dá para recordar sem juntar emoção. É a emoção do não-dito, do até então indizível, que ao encontrar uma oportunidade “sagrada”, uma escuta, possibilita exteriorizar o sentimento negado, frustrado no cotidiano por uma racionalidade em busca de sua conclusividade.

O depoimento oral se alicerça naqueles valores negados pela racionalidade: o choro, o sorriso, a pausa emotiva para agarrar as forças no momento em que se define como o ideal para reiniciar a luta, até então taticamente restrita ao campo interno. É neste momento que se pode entender a essência para esta tese de doutorado: o valor do silêncio.

Não é preciso se deter em minúcias para entender a importância do termo percepção em toda a tese. Não se trata apenas de sensação. É preciso mergulhar mais profundo no sentimento do ser. Como, a partir de sua realidade, o indivíduo percebe e relaciona os fatos sociais com o seu cotidiano? Qual o significado do passado e do presente ao mergulhar no silêncio à espera de

outro quadro futuro? Em que momento a projeção do futuro altera profundamente a arte do homem encarar sua própria realidade e encontrar com isso alternativas para o encontro consigo?

São perguntas cujas respostas devem ser encontradas lá no campo de batalha do mundo vivido pelo sujeito. E se muitas vezes não se apresenta como ato exteriorizado, visível, dizível, é porque está deslocado para outro plano. Não no inconsciente ou no sonho freudiano. Mas no sonho enquanto contexto político, sociológico. O sonho, enquanto manifestação interior decorrente do estado de silêncio do sujeito, torna-se então trabalho. “A coragem de nossa noite põe diante dos nossos olhos e da nossa consciência a coragem que nos falta durante o dia em face do que nos conforma e nos obriga. A loucura da noite e do sonho denuncia a insanidade do dia e da vigília: a insanidade de um agir conduzido e demarcado por um querer alheio e não interrogado, nem questionado” (MARTINS, 2000: 66).

É extremamente forte a relação proposta por MARTINS na discussão sobre o sonho, no contexto sociológico. A objetivação imposta pelo poder na negação do sujeito não implica em sua morte. Para entender este outro espaço em que a chama da luta social não se apaga é necessário voltar-se para o interior. O silêncio tem outro significado.

“O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas”. (POLLAK, 1989:05).

A hora da verdade é o momento do embate em que o não-dito do existir é posto na dimensão pública – ou se preferir na intersubjetividade. Em determinados casos, é precisamente o não-existir para o outro. Portanto, o homem não está morto. Este, aliás, é o sério problema a nos defrontar no contexto da modernidade. A racionalidade instrumental do sistema incorpora com tamanha brutalidade o cotidiano, que não é mais possível separar as instâncias. Mas a diferença

ou a igualdade não pode suprir a consciência de tratar-se de propostas originadas em campos distintos cujas forças só podem ser sentidas enquanto movimentos autônomos.

Por um lado, a atribuição objetiva a imperar como a verdade oficial no campo social. Por outro, a construção da existência do homem comum enquanto sujeito histórico, priorizando o subjetivo. A razão e a emoção, até então negadas por uma lógica sistemática, tornam-se, por ironia, o centro da crise de uma modernidade que procurou negá-la. Eis o paradoxo do momento em que vivemos.

Este é o silêncio, ora quebrado pela exposição fragmentada aos amigos e aos familiares, ora visível como instância de luta no sonho. Como argumenta HELLER (2000:09), “o valor é sempre absoluto e a perda relativa”. É o que a autora conceituará como invencibilidade da essência humana. Se traduzirmos essa afirmação, seria correto discriminar que todos os valores hoje conquistados pelo ser humano não podem ser eliminados por esta intercalação de outros valores impostos pelas forças hegemônicas.

Ora, se os valores não são anulados é porque eles continuam em determinados momentos submersos. O suporte que lhes dá vida é o ser humano, ou os grupos sociais, as testemunhas do grau de influência das forças dominantes sobre o cotidiano. Enquanto os valores ficam afastados da esfera pública, eles são entoados no silêncio dos sujeitos, testemunhas da inconclusividade da racionalidade moderna. É neste ponto que traduzimos a importância de entender o conceito de memória.

A memória dos velhos se desenvolve dentro do contexto social discutido por Maurice Halbwachs (1990) e das discussões elaboradas na obra **Memória e Lembrança de Velhos**, de Ecléa BOSI (1994). Porém, torna-se fundamental contextualizar o momento histórico em que o esquecimento deixa de ser “alimento” para a memória para se tornar um dos elementos a agudizar a crise do homem contemporâneo.

É importante entender um contraponto interessante entre a sociedade da memória e a sociedade do esquecimento. Na primeira, há toda uma lógica de relação social onde o velho é o guardião da memória. A experiência possui valor diferencial, pois é o retrato da experiência vivida. É preciso entender que o fato de localizarmos a sociedade da memória e do velho como guardião do passado não implica em estender e, portanto, considerar que houve uma idade de ouro da sociedade. A revelação de incorrer nesta falácia foi bem argumentada historicamente por Simone de BEAUVOIR (1994) na obra **A Velhice** e não precisa ser retratada aqui. O ponto essencial é sobre outros valores em crise na sociedade atual.

Em uma sociedade onde a tecnologia impera com status de sujeito, não há como desvincular a noção do objeto. A discussão metodológica é conhecida. O avanço capitalista no campo científico determinou a sobreposição ao valor humano, num desvio positivista do processo iniciado no Renascimento. Voltamos ao confronto induzido, não natural, de racionalidade e irracionalidade, razão e emoção. Só com um diferencial: o tema do debate se estende para entender o que está em crise: é o sujeito ou o sistema? É o indivíduo, como sujeito histórico, ou o projeto racional de modernidade com sua inconclusividade e que recai na morte do sujeito? A essência no debate contemporâneo é sobre a representação do que é feita do homem nesta passagem de ser sujeito para mero objeto ou fantoche, para ratificar uma expressão empregada constantemente pelo professor Octávio Ianni durante suas explicações sobre a Teoria Sistêmica.

Por quê se interroga o fato de o sujeito estar em crise? Porque o principal instrumento de poder do sistema é o estereótipo, traduzido nesta tese como negação do sujeito. Ao considerar a reação do sujeito em determinado aspecto – e a voz, a consciência e o silêncio são parte dela – somos obrigados a refletir onde está a crise e se a noção de modernidade ou pós-modernidade se sustenta com o mesmo teor ao apregoado. Ora: o ponto essencial de toda a discussão é o caráter do tempo e espaço.

Esta tese de doutorado parte da afirmação instigante de que houve, na década de 60, um valor essencial que estava em silêncio ou que foi violado nesta relação de conflito entre o indivíduo e o sistema. Não é sem razão que os movimentos sociais revelam suas forças neste período e em que conceitos como velhice, experiência, passado, memória, emoção, subjetividade, história oral, cultura popular, direitos da mulher, do negro e do e homossexual passam a ser estendidos a outro campo de luta.

O prosseguimento desta análise permite elaborar um pensamento perturbador: é a violação do tempo e do espaço a chave para entender todo este período. Enquanto a globalização arrasta com ela a desterritorialização do sujeito, a construção do ser humano parecia ser suportável. Prova disso é o que nos permite pensar a partir do **Povo Brasileiro**, sobre diáspora ou mesmo a transfiguração étnica. Era uma sensação arrasadora, porém a construção do ser não estava em xeque. Mesmo o desenraizamento do sujeito, enunciado por Ecléa BOSI (1996) pode ser minimizado pelo que Stuart HALL (2000) vai chamar de tradução: “aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado”. (HALL, 2000:88). Mas quando a negação implica dilacerar o tempo, é a existência posta em questão. E não há como indicar uma segunda natureza advinda deste processo.

A castração do tempo atinge o sujeito no que ele tem de exterior, de vida pública, negando conseqüentemente parte do seu interior. A violência do poder restringe sua capacidade expressiva forçando-o a recorrer a um diálogo interno violentado. O sujeito mergulha então num processo de revolta, conceito aqui empregado por Albert CAMUS (1996) em **O Homem Revoltado**: “A revolta não ocorre sem o sentimento de que, de alguma forma e em algum lugar, se tem razão” (CAMUS, 1996: 25). E toda revolta incorpora um valor ao sujeito numa tomada de consciência

sobre a sua situação. E aqui está a reação: exteriorizada em momentos estratégicos ou guardada no silêncio como tática do existir.

O contexto da narrativa associada à imaginação, ao velho contar história, ao homem comum da cultura popular é o retrato do mesmo mergulho de como a comunicação na modernidade está diretamente relacionada como contraponto à História Oficial. São esses valores que explodem na década de 60 em meio à crise da modernidade. Os problemas da modernidade então passam a ser de sua própria inconclusividade. A todo o momento está se expressando o papel do sujeito como razão.

E qual o papel da imaginação? Relegada como secundária (rejeitada por Descartes), dentro de um processo de hierarquização estabelecida pelo positivismo, a imaginação foi tratada como subproduto e despersonalizada de sua natureza humana. O problema da relação da imaginação com a racionalidade fora tratado com clareza por Castor RUIZ (2003): “a imaginação, mesmo sendo uma dimensão inegavelmente humana, resulta secundária perante a objetividade da racionalidade. A imaginação aparece como estéril, enquanto a razão contém um potencial produtivo inesgotável, promovido por suas filhas prediletas: a ciência e a tecnologia. O racional se apresenta como sinônimo do verdadeiro e, concomitantemente, daquilo que é bom” (RUIZ,2003:31).

Objetivação. Aqui estão descritos os elementos para visualizar a comunicação na modernidade. Ao partir do pensamento cartesiano, da superação do estado de menoridade considerado por Kant, da universalidade, individualidade e autonomia da ilustração, do progresso científico como balizador propiciado por uma acumulação capitalista agora sem a necessidade de fundamentação teológica - que implica em investimentos tecnológicos e novas técnicas de trabalho -, a modernidade agarrou-se à razão como sujeito. Mas o uso dela como instrumento descortina outro ambiente que denuncia-se na Revolução Industrial e na comunicação. Não se

discute mais a razão objetiva ilimitada, mas sim os seus limites e como passa a ser instrumentalizada.

E onde está o homem comum? Ao ter seu modo de viver plural como ofensa, ele é reprimido. Sua expressão é esvaziada de sentido: a magia, a superstição, o conto, o ser velho, a experiência vivida. O que era modo de viver passa a ser, por uma inversão de valores, resistência. A partir deste momento, para viver o cotidiano, para se expressar plural, ele tem de prestar contas, tem de provar. Por longos períodos históricos podemos escutar o grito a ecoar desses homens e mulheres. Em outros períodos, é preciso estar bem próximo do sujeito negado, tão perto, para escutar o tesouro guardado em silêncio por longo tempo.

1.1- A TRANSGRESSÃO DO POPULAR: MEMÓRIA EM CONFLITO

“Se eu aceitar a bitola que a sociedade impõe, eu seria respeitado, mas seria infeliz”.

Raul Gonçalves França (residente do Lar Betel)

A narrativa está em vias de extinção. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. A difusão da informação é responsável por este declínio. O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado. A cada golpe desferido por Benjamin (1993), no texto **o Narrador**, longe de provocar angústia narcotizante ou a certeza do determinismo econômico sobre o cultural, era assimilado pela educadora Carmelina de Toledo Piza como processo de individuação. Somado ao autoconhecimento, ela encontrava no texto o significado da ação social. Em cada golpe de Benjamin, o sentido da educadora se transformava em significado e afirmava a importância de toda a ação desenvolvida ao longo da vida.

“O grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais” (BENJAMIN, 1993:214). O movimento realizado pela educadora foi reviver, por meio da memória, as ações no cotidiano de Piracicaba. O ato de leitura de Benjamin abriu a possibilidade de Carmelina integrar a realidade subjetiva ao mundo objetivo. Como entender a crise anunciada da narrativa descrita por Benjamin, quando se convive com as rodas de conversas constantes de moradores, até hoje, século XXI, em Piracicaba? Como internalizar a denúncia de ninguém mais estar interessado em contar histórias, se todo o sentido de sua vida, a luta contra a racionalidade do sistema educacional, está sustentado neste ato de narrar para crianças e velhos?

O dilema vivido pela educadora proporcionou a profundidade da experiência vivida. A memória como ato de busca do sujeito permite vivenciar o presente, ao mesmo tempo do passado e do futuro. Diante da análise dos valores sociais realizados por Benjamin, Carmelina caminha com a mesma intensidade no mergulho realizado nas profundezas do seu ser.

“Eu tinha o quê de referência? Eu tinha o meu pai, que contava histórias; eu tinha o meu avô que contava histórias; eu tinha os meus vizinhos da Paulicéia, do bairro aqui de Piracicaba, onde eu morei, que contavam histórias. Eu tenho um rio no meio da minha cidade onde a gente senta até hoje e ouve histórias. E eu tinha isso. Então eu tinha o quê? O senso comum muito forte”. (Carmelina, Entrevista: 08/2005)

A narrativa sobre a memória no texto de Benjamin era sentida em outro ato simultâneo, o da memória da educadora. Trata-se da memória em conflito. O sentido do saber cotidiano, tratado pela educadora meramente como senso comum, agora se estabelecia em significado. Porém, o significado contrastava com a realidade vivida. No momento da descoberta da morte do narrador, Carmelina tomava consciência do valor do viver, numa cidade onde a cultura popular pode ser vivenciada pelas pessoas como algo inerente à vida.

A cultura popular como valor a pulsar nas praças ou aplaudida em outros espaços públicos, às vezes por meio do cururu ou do batuque de umbigada. Ou no entoar do “hino popular” da cidade, a moda sertaneja sobre o rio de Piracicaba. A crise objetiva, da perda da troca de experiência considerada por Benjamin no texto do narrador e descoberta por Carmelina na universidade, durante o mestrado, instalou uma problemática imensurável: o homem se descobre sujeito histórico.

Há algo mais essencial para entender o encontro da razão e emoção em Carmelina diante da obra do **Narrador**, de importância crucial para os passos de sua existência. A cada trecho vivenciado no texto, o pensamento apontava um direcionamento à própria vida. Até aquele instante, o contar histórias era entendido como ato afirmativo. Porém, como algo distante da razão. “Foi a partir daí que eu falei: não, agora dá para eu organizar o meu trabalho”. (Carmelina, Entrevista: 08/2005) De agora em diante, a existência da educadora passa a estruturar uma atividade iniciada pelo gosto de contar de histórias como ato de importância para manter o

patrimônio da humanidade. E há algo mais: trata-se de conscientizar o ser humano deste valor inerente, ora tratado como algo deslocado no espaço, a ser visto na praça pública.

Carmelina relembra o prazer, enquanto professora, de poder prender a atenção dos alunos sem a necessidade de gritar por silêncio. E, ao mesmo tempo, se emocionar com o brilho dos olhos das crianças a cada contar, a cada percepção de que as crianças a “ouviam com os olhos”. Por isso, o retrato de ser apaixonante a descoberta de Walter Benjamin. “Faltava alguém para vir melhorar este senso comum. E este alguém foi Walter Benjamin. Porque aí eu fui lendo o Walter, porque ele é apaixonante, ele é atual, ele é o nosso momento histórico, ele é o nosso momento da educação”. (Carmelina, Entrevista: 08/ 2005)

O impacto existencial é o mergulho da memória da educadora sobre a memória de Walter Benjamin. O que significa “resgatar” a infância para a educadora Carmelina? É fazer parte de um elo, um forte vínculo iniciado no passado, com o avô, pai, vizinhos contadores de história, e um presente no qual se torna representante desta tradição. Mais do que isso: torna-se o reconhecimento de vivenciar a cultura popular, não entendida como resistência, mas como valor de experiência vivida. O prazer está na descoberta de provocar emoção a partir das histórias de uma magia, em seu múltiplo sentido, há tempos reprimida pelo processo de racionalização ocidental. O resgatar deste momento sublime em sua vida então torna-se reviver.

Poder-se-ia então aqui objetar: não seria Piracicaba mera particularidade onde a cultura popular se aflora de uma forma intensa? Não há o equívoco de ultrageneralizar o discurso da sobrevivência da narrativa a partir de exemplo singular, envolto com a seguinte precaução: cidade do interior? Tomar o entendimento por este ângulo é desprezar dado relevante: a cultura popular não é exceção no Brasil. Pelo contrário: está-se diante da maioria, como nos ensina o prof. Dr. Luiz Roberto Alves. Só em uma realidade onde há tendência a hierarquizar as formas de expressões das pessoas no cotidiano, que esse discurso reducionista se dissemina a ponto de

imperar na percepção da realidade. Reducionista porque passa a determinar a existência do outro não por sua construção subjetiva e social, mas por algo dissociado dele.

O homem passa a ser medido por sua representação. Pior: a referência deixa de ser a experiência vivida, construída nas lutas do dia-a-dia, para prevalecer o estereótipo. Por uma mudança histórica no espaço urbano, essa forma de conhecer o outro invade com peso negativo a existência do ser. Por isso, soa como natural o entendimento de ser a cultura popular como relâmpagos surgidos no decorrer do calendário anual. É possível visualizar a cultura popular pela agenda afixada na parede de qualquer residência. O carnaval em fevereiro, o dia do índio em abril...Assim como é coerente o discurso de ser o popular mera resistência ao massivo. Resistência essa traduzida sempre com romantismo. Longe de recorrer ao maniqueísmo para defrontar este dilema político e social, torna-se necessário entender o mapa cultural a partir de outras formas de existência.

O depoimento de Carmelina revela o sentido da narrativa ao longo da sua vida. A perda de intercambiar experiência e o gradativo definhamento, apontados por Benjamin, se confrontavam com outra realidade. A experiência, longe de se dissociar das relações humanas ou em vias de extinção, era o valor natural de uma tradição popular. Este valor de contar histórias do avô foi transmitido ao pai e em seguida retomada por Carmelina. Como não retomar a indagação de Benjamin em **Experiência e Pobreza** : “Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devam ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno?” (Benjamin, 1993:114). E então o autor explicita a problemática dolorosa: “Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?”. Essa é a crise da humanidade anunciada por Benjamin recaída na pobreza da experiência.

A educadora então olha para si e descobre o anel. O fio da tradição não se rompeu. E o cantar sobre a terra, à beira do Rio Piracicaba, ou na voz da dupla sertaneja Tonico e Tinoco, mostra a forma de viver do popular.

“Piracicaba que eu adoro tanto,
cheia de flores,
cheia de encanto.
Ninguém compreende a dor
Que sofre tanto
Um filho ausente a suspirar por ti”.
(Composição de Newton A. Mello)

Compreende-se então com vigor a descrição sobre os itens dos quais Carmelina mantinha como substância inerente à cidade: as pessoas até hoje sentam e contam histórias em torno do rio Piracicaba. Esse “até hoje” institui o dilema comparativo. Embora o passado esteja como parte integrante do presente, há outra realidade a modificar a Piracicaba que se “adora tanto”.

A cidade cresceu e com ela veio o progresso. E o progresso, discursado como processo irreversível e desvinculado do esclarecimento, traz consigo as transformações materiais no espaço onde acontece cotidianamente as relações sociais. Esse progresso indica mudança na forma de entender o tempo, agora em ritmo acelerado. E por causa desse ritmo do irreversível, o sentido de viver o cotidiano nas relações interpessoais passa a ser atribuído agora a algo impessoal, tornado em si mesmo como discurso oficial da estrutura social. Assim como nos relatos dos velhos, de Campinas, como veremos mais adiante, a cidade torna-se espaço impessoal. Os rostos diferentes, na maioria, pelo qual os velhos cruzam nas ruas demarcam a mudança. Não se pode mais conhecer o todo, saber o nome de cada um e de qual família é proveniente.

Mas enquanto a ação da estrutura é sobre a mediação das pessoas no espaço, este poder permite a inquietação dos sujeitos. Atravessar a ponte que passa pelo rio de Piracicaba é uma

forma de se chegar ao Shopping Center. No entanto, durante a travessia, não há como deixar de ver o rio, não há como se esquivar de senti-lo, a partir da sua extensão. E então, no caminhar lento do pedestre ou mesmo ligeiro seguindo de carro, cantarolar ou assoviar a música “o rio de Piracicaba”. A diferença entre a forma de entender a realidade está em conceituar o popular como movimento, ação, não como algo estático no espaço e de um tempo passado no qual se entoa a saudade no cantar. Trata-se do mergulho do sujeito em sua construção de sentido.

Ao confrontar com o progresso, o popular é tratado como atrasado e denunciado como inculto. É o irreversível em confronto com a cultura em vias de extinção. O que leva essas pessoas a cantarem músicas cujos valores estão associado ao espaço, mas dissociado do tempo presente da cidade? Movido por esse discurso, o espaço entendido enquanto ação pela estrutura reduz a ação do coletivo a outras formas de mediação das relações sociais. A primeira delas é a informação. Cabe aos meios massivos ocuparem o lugar das cantigas de outrora. E o meio massivo se sustenta no ritmo acelerado do tempo, da informação disponível a uma diversidade de público. Só há sentido nessas reminiscências do popular se forem disseminadas com algum teor de nova roupagem.

Mesmo o reducionismo de se tratar de algo belo a ser preservado, esvazia a cultura popular de seu sentido. O belo está lá, determinado. O fim deste discurso comunicativo, entendido como valor da existência da cultura popular e da realidade atual, passa a ser medido pelo objeto transmitido pelos meios massivos. E para manter a coerência, o que não está nas páginas, nas telas, nos noticiários de rádio, significa a distância do considerado importante para a construção do cidadão informado em contraponto ao rotineiro, aquele restrito a épocas do calendário.

O atraso cultural só se resolve com educação e mais educação. Então a cultura estendida às ruas dos bairros onde se dança em ritmo afro, aos vizinhos contadores de histórias, as praças

como palco de músicas sertanejas, à beira do rio, enquanto inspiração para a ação do imaginário, da fantasia, sofre a violência do determinismo espacial racionalizado. A estrutura escolar é considerada o espaço por excelência para esse avanço e formação intelectual para o sujeito então viver por dentro ou “reciclado” para a nova realidade social.

O relato acima não acrescenta algo de novo no processo ocorrido em muitas cidades. O problema aqui é a inversão dos valores. A educação no processo tecnológico atua como espaço cultural. A legitimidade da qual a estrutura escolar exige como mediadora social instiga ao ato de permitir o encontro do popular com o massivo. Entretanto, quando a educação procura se sustentar como cultura, a consciência possível está em entender, em muitos casos meramente decorar informações sobre como acontece a evolução social inserida no progresso irreversível. O conhecimento é relacionado como algo dado, externo. E de períodos em períodos, no virar das páginas das apostilas, encontra-se a agenda da cultura popular.

A violência exposta sobre o popular está em vincular tradição como objeto estático, reduzido ao espaço e diluído no tempo. Faz parte do nosso passado e por isso tem importância. Isso basta. Neste momento, a violência se instaura no tempo e atinge o que há de primordial em seu núcleo: a existência. Portanto, as manifestações atuais da cultura popular são disseminadas como resistência ou curiosidade. Eis como o estereótipo passa a nominar a representação. É o momento em que a objeção do espaço define o tempo do outro. A inquietação, permitida então no contexto social, agora estruturada na escola, atua de forma hierárquica sobre o tempo do outro. E o tempo está vinculado ao existir.

É interessante visualizar o momento em que Carmelina descobriu a importância de contar história, em que a memória se tornou o fio da tradição a ligar com o avô. O espaço onde atuava era a escola, mais precisamente alunos da terceira série do ensino fundamental. O conhecimento racionalizado nesta estrutura é medido por estatísticas, número de exercícios realizados. A

exigência de ação observável inserido nesta lógica de comportamento, behaviorista, é a forma de apresentar à sociedade o crescimento do indivíduo distribuído em séries, com crescimento gradativo. Considerar a escola dentro desta estrutura e inserir automaticamente os professores como avalizadores deste processo é novamente cair no reducionismo. O interesse aqui é observar o momento da ação da imaginação frente ao agir racionalizado da estrutura.

Carmelina descobriu o poder de contar histórias para as crianças em uma situação inusitada. As crianças faziam cópia do livro didático. O incômodo de um agir sem expressão, sem corpo, sem imagens a fez questionar. Algo a instigava em seu interior para mudar essa dolorosa realidade. De repente, professor e alunos se surpreendem. Os papéis picados inundam o espaço da sala em meio ao grito da educadora: olhem. O movimento rotineiro da cópia não permitiu acompanhar, minutos atrás, o ato de rasgar o papel com agressividade como contraponto ao reducionismo educacional. A crítica veio como embrião de histórias de fadas, de bruxas, contos. No espaço racionalizado, a fantasia e a imaginação tomam o assento no espírito das crianças para fazer parte da construção do ser como conhecimento:

“Quando eu era bem pequenina, adorava ir à casa do meu vovô. Ele era um homem bem bonito, alto, tinha a barba branca, os cabelos eram brancos como a barba, parecia algodão. Os olhos dele eram verdes, verdes como a esmeralda. Às vezes, os olhos do vovô ficavam azuis como o céu. Não sei bem o porquê, nunca perguntei. Porque o que eu gostava mesmo era de quando vovô se sentava em sua cadeira de balanço, para frente e para a trás, e sentada no colo dele, eu ouvia histórias que até hoje guardo na memória. Vou contar para vocês.

Era uma vez uma menina que caminhava para o mercado levando na mão um litro de leite. Enquanto ela caminhava ia pensando: vou vender o litro de leite, vou ganhar uns dinheirinhos e vou comprar mais uma vaca. A vaca vai dar leite, vou vender o litro de leite no mercado e vou comprar umas galinhas. As galinhas vão botar ovos, vou vender os ovos no mercado e vou comprar uma cabrita. A cabrita vai dar leite, vou fazer queijo de leite de cabrita e vou vender tudo no mercado. Vou comprar um burro, vou encher o burro de leite, ovos, queijo de leite de cabrita e vou vender tudo no mercado. Vou comprar uma carroça, vou encher a carroça de leite, de ovos, de queijo de leite de cabrita, vou vender tudo no mercado. Enquanto a menina sonhava não viu a pedra, tropeçou, caiu

e o leite esparramou. A menina ficou chorando o leite derramado. A menina ficou chorando o leite esparramado”. (PIZA,2004: 42)

Eis a descrição de Carmelina para ilustrar a importância do momento na definição de sua vida como contadora de histórias. “Quando terminei, o silêncio era profundo, os olhos das crianças brilhavam, a magia pairava no ar. Havia conquistado um momento de fantasia, de sonho e encantamento. O silêncio foi quebrado com a fala de uma criança: “lindo professora!”. Olhei nos olhos do menino, uma lágrima corria, ele limpou-a disfarçadamente com uma das mãos e disse: ‘amanhã você conta outra?’” Foi assim que a educadora incorporou a narradora em si. E passou a dar testemunho de Benjamin, de que esta capacidade de intercambiar experiência é algo inerente ao ser humano.

Essa transgressão, ato subversivo da lógica do espaço e tempo racionalizado no sistema educacional, não ficou incólume. Para cada evento, há ação e reação. O desfile de carnaval com samba enredo criado pelos alunos perturba a tranquilidade das aulas nas salas ao lado. A crítica de uma professora identificava o nervosismo anterior: já bastam as músicas que tinha de ouvir toda semana. A revolta dos pais ao constatar no caderno dos filhos a ausência de anotações, critério exigido para confirmar o progressivo desenvolvimento do conhecer da criança.

Para Carmelina explicar os temas da região brasileira e os índios, os alunos assistiram ao filme **Brincando nos Campos do Senhor**. E durante três dias desenharam. Só que não houve exigência de cópia. Só o exercício da memória. A cultura popular, a tradição no ato de contar histórias mexia com a fantasia, com a imaginação dos alunos. Os alunos passaram a gostar de vir para a aula para ouvir histórias. Um golpe ao modelo racionalizado. E veio a ação da direção: o entusiasmo das crianças com as lendas, fábulas e causos tornam as aulas perdidas. E a matéria? Neste conflito, Carmelina agiu com o pedido de exoneração.

É com este grau de consciência que o trabalho de contadores de história chega ao asilo Lar Betel, em Piracicaba. No ato consciente de agir frente à ação do sistema, a educadora investiu do sentido de contadora de histórias. A exoneração não foi o fim, mas o início de um trabalho agora de preparação de professores para ser contadores de história. O ponto afirmativo de sua atitude era considerar a imaginação, a fantasia com força cuja intensidade seria capaz de mudar o sentido da realidade das pessoas.

Os homens e mulheres eram capazes de ouvir com os olhos. As lágrimas do aluno e o pedido, em situação próxima de juramento, de contar outra e outra história lhe animava o espírito. Era o caminho certo. Expulsa pela racionalização escolar pela porta da frente, Carmelina passa a incorporar o valor da tradição popular. E é pela porta da frente que anos depois volta para ensinar professores a magia para encantar alunos na estrutura escolar. A memória da educadora, no exercício do conflito, identifica as expressões populares em Piracicaba. E é neste mergulho que descobre o texto **o Narrador**, de Benjamin, durante o mestrado.

Ao entender a importância social do contar histórias, a magia, a imaginação, a fantasia e o irracional passam agora a ser meios para atingir fim: recuperar o valor considerado por Benjamin como algo inerente ao homem. A experiência está em entender a tradição, a cultura popular. E isto implica em considerar a comunicação como processo envolvendo a arte e a cultura. E a cultura popular com suas formas de expressões é retrato deste campo. Ao ampliar o espaço de atuação, a contadora de histórias passou das Santas Casas para o asilo Lar Betel. Juntamente com Carmelina, agora atuavam outras três formadas no curso de contador de história. A Escola da Tia Carmelina.

Os velhos dos asilos não são as crianças da escola do ensino fundamental. Torna-se necessário identificar essa diferença em um período em que o discurso oficial considera a infantilidade como o determinante do ser velho em todos os espaços. Seja o da terceira idade, seja

o do asilo. Não há diferença. Então veio a primeira interrogação: O que contar aos velhos? Não seria melhor ouvi-los? Como trabalhar com eles?

“Só que eles mandavam a mensagem, eles pediam as histórias da infância deles. E aí você vai vendo: o que eles querem, no momento da história, é resgatar momentos da infância, de sonho, de fantasia, de encantamento. Mesmo aqueles idosos que estão hoje com mal de Alzheimer. Eles querem as histórias para o resgate da infância, da criança que eles foram um dia. Então eu digo o seguinte: nós vamos lá, de quarta-feira, contar histórias para despertar a criança no interior em cada um deles. São histórias infantis, são histórias que nós contamos pra crianças de sete, de seis, de quatro anos, de dez anos. As histórias que nós contamos para eles são histórias infantis. É de bruxa, é de fada, são histórias de encantamento”. (Carmelina, Entrevista: 08/2005)

O espaço racionalizado do asilo, com tempo impessoal igual ao sentido pelos velhos na cidade, agora é invadido pela fantasia. As histórias de encantamento diante de um mundo ocidental racionalizado e desencantado. Desencantado por meio das explicações científicas e religiosas. E então vem a pergunta: qual o sentido de a imaginação, a fantasia entrar em um espaço considerado como abrigo de pessoas sem vida? Retorna-se ao discurso hierárquico da estrutura do econômico sobre o social.

Só há sentido em contar histórias aos velhos nos asilos se considerar, no mínimo, formas de vida diferentes do decretado como dupla morte social. Os velhos agem diante da ação do sistema. E é preciso entender essa forma de se relacionar. Primeiro porque a experiência vivida pelos homens e mulheres inseridos no asilo lhe proporciona discernimento para contrapor e situar neste resgate da infância. O velho tem a memória. Portanto, não é possível resgatar a infância dessas pessoas sem estabelecer uma relação com o sentido do existir de cada um. Situam-se nesta relação desde os momentos alegres, as brincadeiras infantis até os momentos tristes em que as lágrimas continuam a escorrer pela face interna. Resgatar a infância implica em provocar no presente do velho o reviver sentimentos profundos, ora abandonados na mocidade, ora presentes

na continuidade da vida. E consciente dessa profundidade existencial, ele estabelece conflito do ser.

Uma pergunta não pode deixar de ser feita: é possível resgatar a infância do velho, por meio da memória, sem que ele estabeleça o conflito de sua existência? Primeiro é preciso considerar a importância do sonho, da fantasia, como parte integrante do homem no processo de individuação. Quando Carmelina se identificou com o fio da tradição de sua família, houve um impacto existencial em entender os contadores de história em Piracicaba e a morte do narrador. Isso significa que a construção do ser está no despertar da fantasia, da descoberta da magia de um valor não racionalizado. Nesse contexto, as histórias de bruxas, de fadas, nesse resgate da infância proposto pelos contadores de histórias atingiriam um ponto inquestionável: o velho se defrontaria com os momentos realizados e indefinidos de sua vida. A possibilidade do sorriso está em mesma proporção ao da tristeza. Somado a impessoalidade do espaço do asilo, vem a hipótese inicial desta tese: o que o velho faz com esse despertar da fantasia num espaço racionalizado?

Parti do pressuposto inicial de os contadores de história possibilitarem a abertura de um campo de memória em conflito. Eis a proposta do discurso de resgatar a infância do velho. Como não se pode separar a história de vida do processo de conhecimento, esse confronto torna-se inevitável. Não é por acaso que esse trabalho é alternativo aos outros desenvolvidos com velhos. A emoção é a fonte essencial de provocar inquietação nos homens e mulheres asilados. Entretanto, há uma diferença essencial entre trabalhar a memória enquanto estática ou como parte da construção do ser humano no cotidiano.

Havia uma aldeia onde os jovens decidiram, repentinamente, fazer uma revolução, eliminando todos os velhos. Os jovens assumem então o poder, e uma aldeia vizinha, percebendo a ausência de idosos no local, imediatamente declara guerra aos revolucionários. A situação é resolvida por um dos velhos, que, tendo sobrevivido ao massacre, ensina aos jovens uma frase

misteriosa que deveria ser pronunciada diante dos inimigos. Ao ouvir a frase plena de sabedoria, os inimigos recuam, desistindo da guerra, certos de que nem todos os velhos foram eliminados. A paz é restabelecida.

A narrativa da experiência, por meio desta história contada, foi utilizada por uma terapeuta no primeiro dia da atividade programada de leitura de texto. O cenário é um asilo. A intenção da profissional é retratar a importância da memória dos velhos, do passado e de como sua experiência vivida são importantes para a construção do futuro. Os velhos são imprescindíveis para a sociedade por serem os guardiões do passado e por terem muitas histórias para contar. Mas, o que se apresenta como coerência de pensamento para a terapeuta entra em conflito com a vivência dos moradores.

Instigados a opinar sobre o conto, só há a manifestação do silêncio. O debate efervescente, visualizado pela terapeuta e tramado na narrativa, se fecha friamente. Há algo próximo de perturbador, de inquieto, na situação então vivenciada pela profissional. Nada do calor dos debates sobre a moral da história. Pelo contrário: uma moradora entrega outro texto para discutirem problemas do asilo. O texto refere-se à situação presente na qual vivem os velhos.

Assustada com o inesperado, a terapeuta reage ratificando o pensamento da importância da memória. A tensão se prolonga até um residente desvelar o atrito posto na trama: “Eu tenho muita coisa para contar, para quem quiser ouvir. Mas tenho que aproveitar o dia de hoje. A velhice é viver cada instante, para o velho não há futuro. Eu quero pôr uma pedra no passado”. E a terapeuta retoma: “mas isto é a memória, eu não posso perder isso, essas histórias que a senhora tem para contar”. Um senhor considera: “O velho assim não existe. Ele quer viver e aproveitar. Nós temos a mesma vontade que vocês, o físico às vezes não ajuda” (DEBERT, 1999: 128-129).

A discussão acima, descrita no livro **A Reinvenção da Velhice**, de Guita Grin DEBERT (1999), permite identificar a análise sobre o problema de a memória ser tratada como algo

estático. Há uma falha conceitual nos trabalhos na qual o homem comum, com seu saber cotidiano e mergulhado no mundo vivido, é muito mais analisado pela racionalidade perpetuada na modernidade do que por seu valor como sujeito histórico. A sua totalidade é desconsiderada. É como se fosse perda de tempo procurar então outro valor proposto na análise teórica.

A terapeuta partiu para a construção do seu trabalho na representação do ser velho. Os atributos como memória, guardião do passado e histórias para contar passam a figurar como a identidade deste grupo. Não se trata de uma afirmação falsa. A questão é denunciar o momento em que a representação passa a ser o determinante não para pensar o velho, mas para que ele seja o espelho. Cria-se então um problema: nesta relação de alteridade, do eu com o outro, a representação que o eu faz do outro não implica na obediência automática do outro em se identificar e se comportar da forma por mim designada. Temos então que analisar a discussão pelos dois olhares, para não correremos o risco de legitimarmos como problema do todo social o que fora estabelecido pelo político-econômico.

Para a terapeuta soa como infâmia a denúncia do residente: o velho assim não existe. Visto pelo seu olhar, a fuga da representação do ser velho com as atitudes dos residentes do asilo lhe retira as bases da identidade. É preciso questionar a terapeuta: como entender uma relação em que a “memória” se torna mais importante que o viver do sujeito? A memória, como valor do presente do passado, aqui está descontextualizada do viver do sujeito, presente do presente.

Mas podemos mudar a posição do olhar. O outro existe, o outro vivencia o presente. Tratá-lo como suporte de memória coletiva é aceitar o presente do passado. Mas no momento em que se defrontam com a recusa da profissional do presente do futuro, com essa expectativa de vida do velho na realidade, e só se valoriza o presente do passado, memória, então o sujeito se rebela.

A memória desfigurada do seu mundo vivido, racionalizada, torna-se elemento estranho à sua identidade. Estranho porque está associada à negação. E não há nada mais angustiante do que ter de desmascarar a representação do que se faz de si, enquanto se perde a possibilidade de conhecer. Ou para traduzir a questão: saber que o exercício da comunicação como processo está comprometido. Não há a busca para conhecer o outro. A representação está dada.

Qual a relação do problema encontrado na terapeuta ocupacional ao dos contadores de história em Piracicaba? É como o conto, sustentado pela fantasia, pela imaginação e pela emoção, é racionalizado. Esse processo é realizado pela terapeuta na busca da emancipação dos velhos no asilo. Ela está interessada na memória. Mas o velho reage, pois ao olhá-lo apenas como passado, algo estático, ele não existe. Assim como a cultura popular. Em Piracicaba, o contar história também sofre uma normatização. Conscientes de ser o asilo um espaço impessoal, triste, as contadoras de histórias decidem como estratégia suprimir a tristeza das histórias.

“A gente só não conta histórias, por exemplo, que tem um final triste. A menina dos fósforos, que é um conto de fadas, que ela morre no final; a gente não conta para eles. A gente deixa sempre uma mensagem alegre, uma mensagem de otimismo, uma mensagem de vida, de renascer. Sempre: as nossas histórias são sempre muito alegres. Muito pro alto, pra brincar, para deixá-los bem”. (Carmelina, Entrevista: 08/2005) A justificativa apresentada por Carmelina está no que acontece assim que os contadores deixam o asilo.

“Não é porque o que acontece: a gente sai de lá quatro e meia (16h30) mais ou menos, e vem embora. E deixa com a enfermeira, com a assistente social, mas é uma assistente social para todos os idosos, é uma ou o quê, duas enfermeiras para todos os idosos. Então nós temos que deixá-los bem. Então a idéia, nosso objetivo de ir cada vez para o Lar Betel: qual a história? Uma história alegre, uma história que fale de vida, de renascimento, de amor, sabe, é isso que a gente pensa sempre”. (Carmelina, Entrevista: 08/2005)

A moral da história a ser interpretada pelos moradores do asilo está determinada. Eles têm de se sentir alegres, em uma espécie de renascimento. Não se trata mais da memória em conflito, aberta aos sentimentos de alegria e tristeza. O sentido do contar histórias e tornar as horas presentes no asilo como algo a transcender a rotina, entendida como determinista. Essa espécie de renascimento do ser humano celebrado por Carmelina. Tem de haver alto astral. O trabalho de contar histórias se aproxima de uma forma de entretenimento, onde a memória do velho está dissociada do viver angustiante no asilo. A voz poderia ecoar: o velho assim não existe. E é assim que a fantasia e a imaginação têm de passar pelo crivo do racionalizado.

1.2 – O CULTIVO DO COTIDIANO NO MUNDO DA FANTASIA

“Em minha procura ou em minha busca, caminhei fechando minhas próprias portas”

Raul Gonçalves Franosa (residente do Lar Betel)

“Eu vou te contar um hist3ria, agora aten3o.
Que comea aqui no meio da palma da sua m3o
Bem no meio tem uma linha
Ligada ao cora3o
Que sabia desta hist3ria
Antes mesmo da can3o.
D3 tua m3o. D3 tua m3o, d3 tua m3o”. (2 x)
(Aplausos)

Em forma de can3o, cantiga de criana, as contadoras de hist3rias iniciam o despertar da criana interior, da mem3ria e da imagina3o dos velhos no lar Betel. O recurso a essa can3o, como meio de di3logo, traduz a estrat3gia de identificar em cada um dos asilados a mudana a ser realizada no tempo e espao. 3 como ritual a demarcar o seguinte pressuposto: agora 3 outro momento, trata-se de outro lugar. Nada da impessoalidade do asilo entendido como tratamento coletivo. A mensagem deve ser entendida a partir da individualidade, da viv3ncia de cada um. E enquanto se canta cada linha da musica de abertura, as contadoras passeiam na roda de cadeiras onde est3o sentados os velhos. Durante os pr3ximos minutos, o refeit3rio, onde a alimenta3o 3 servida com card3pio coletivo, se transformar3 em ambiente no qual cada velho poder3 tomar posse do tempo e assim retornar, sem ser vigiado, ao per3odo da inf3ncia.

“Agora aten3o”. N3o se trata de comando, como aqueles dados em uma classe de ensino fundamental para crianas pararem de conversar, interromperem o brincar no tempo errado, e prestar aten3o na mat3ria. Esse “aten3o” trata-se de despertar para o olhar do velho com o intuito de quebrar a dist3ncia, se aproximar de cada um por meio do di3logo expresso pelo toque dos olhos. Enquanto circulam, as contadoras Carmelina, Isabel, Emanoela e Suzana conversam sempre com sorriso expresso, olhos sempre fixos para estar em sintonia com a express3o de cada

velho. Essa história a ser contada é especial, somente para você. Preste atenção significa desligue-se deste presente, deste tempo, e remeta a sua imaginação para o passado, para despertar essa criança interior.

E assim ambos conversam e se tocam. O dedo de uma contadora percorre literalmente a palma da mão de cada velho e explora o corpo imaginariamente até atingir o coração. “Bem no meio tem uma linha, ligada ao coração”. É como se o trabalho árduo, o sofrimento, a tristeza e todos os pesares da vida pudessem ser lidos nas linhas das mãos dos velhos. O toque, traduzido como compartilhar a vida, penetra e percorre o sangue, até alcançar a vida submersa ao corpo apresentado. É essa vida a percorrer o íntimo, e não a externa, representada pelo corpo, que o mantém vivo e merece ser despertada. Não se injeta nenhuma substância. Até porque “já sabia desta história antes mesmo da canção”.

O velho precisa tomar contato consigo, mergulhar no interior. E assim, ao toque de cada palma da mão, na troca de olhar com cada homem e mulher no interior do asilo, é possível entender as lutas travadas pelo velho no cotidiano e como a racionalidade do asilo tem dificuldades de penetrar e modificar esse irracional. É esta sua inconclusividade.

“Me dá a sua mão”. Antes de o velho estender a vida, conceder esta licença para percorrer a imaginação materializada com o deslize do dedo pelo corpo, há toda uma preparação. E não se trata aqui das mudanças de mesas e cadeiras no refeitório, nesse ato de romper com o cotidiano de aparente sem sentido do asilo. No portão principal, as contadoras de história entram sempre em grupo. Com o violão, algumas vezes o rádio para tocar algum CD, e bolsa sempre lotada com roupas dos personagens das histórias, elas alteram a rotina, a cada quinze dias, mesmo de quem não participa das rodas do grupo. “lá vem as contadoras de histórias”, dizem. E elas entram com a alegria estampada no rosto, entonação forte de voz e rompem a primeira barreira: o silêncio expresso dos velhos. Sentam nos bancos de madeiras postos à beira das ruas e não raro ouvem

lamentos sobre a saúde, reclamação sobre determinado tratamento no asilo, indignações sobre desentendimentos internos e a conflituosa e difícil relação com os filhos. Como entender o asilo por trás de todos esses planos? É possível elaborar definição sobre esses homens e mulheres inseridos nesse espaço?

A diretora do Lar Betel Ivone Claudete Costa, com os anos de experiência, procura dimensionar os sujeitos do Lar Betel:

“É uma reunião de pessoas, com todos os seus problemas e traumas da vida toda e mais os problemas de saúde, da idade. Então lugar assim é...interessante. Você vê que as pessoas traz toda esta carga da frustração da vida pessoal e mais as doenças da idade. Você vê a pessoa que chega aqui no final da vida com toda esta carga. E a gente procura aqui aliviar. Tem uma psicóloga trabalhando aqui voluntariamente, conversando. Tem uma terapeuta ocupacional. Tem a Fisioterapeuta pra cuidar das dores. Mas, tem coisa que é da alma que não dá muito. Só Deus pra curar”. (Ivone Costa, Entrevista: 02/2006)

Como aliviar a dor desses homens e mulheres no presente? O diálogo, tratado como quebra do silêncio pelas contadoras de histórias, mesmo por pouco tempo, é imprescindível para a vida de cada um. É uma forma de ser ouvido. Tem de aproveitar o momento, que pode ser único no dia. Há um silêncio perturbador no asilo, às vezes como estratégia para enfrentar as dificuldades de cada dia, outras vezes porque os velhos mergulham em particularidades seja como revolta ao mundo do qual considera não ter sido bem tratado, seja para preservar dos ataques internos de intriga com quem passou a conviver diariamente. E o portão que divide a rua e o asilo deixa não só o olhar como o diálogo aberto para o contato e a constante indagação entre os mundos.

Você pode entrar, nem todos podem sair. Mas o que este mundo do lado de fora, de onde estava, pode ainda me oferecer? Qual é o tipo de relação tomada pelo asilado diante do espaço público, simbolizado pela rua, da qual por múltiplos motivos os levaram ao afastamento?

Sempre andando ou sentada no banco da frente do Lar Betel está Dona Otilia. A expressão misturada de espanto e tristeza em seu rosto indica apenas a certeza de ter sido “traída” pela filha. Otilia vive um sentimento contraditório. A esperança, sustentada talvez na regra moral, de sair do asilo está no retorno da filha para terminar o passeio que começaram e, talvez por estar distraída, foi deixada naquele espaço. “Faz um dia que estou aqui. Minha filha já vem me buscar”. Ao mesmo tempo, tomada pela consciência, nutre a revolta do presente e passa o tempo a elaborar a estratégia de como reagir ao próximo convite. Otilia não se cansa de dizer: “Quando ela (minha filha) pedir novamente para eu dar volta com ela no carro, vou dizer: vá sozinha. Eu vou ficar aqui”. (Otilia, Anotação Diário: 2005).

Como traduzir o olhar de Otilia para o infinito alimentado por esta contradição? A carga do passado soma-se ao problema de saúde e as angústias do presente. Há paciente com mal de Alzheimer e, não raro, diabetes, pressão alta. Mas há dores hoje “que são da alma”, no mais profundo do ser. O que fazer com este quadro? A busca incessante do asilo é aliviar este sofrimento dos velhos com os seus recursos, com os conhecidos instrumentos científicos e religiosos. A fisioterapia, a psicologia, a enfermagem, a missa celebrada na capela. Todos com o mesmo propósito: aliviar as dores, evitar a duração do sofrimento, propor-lhe renascimento. Cria-se assim outro estado de angústia, nesta angústia de dar dignidade aos velhos neste crepúsculo de vida.

Ao suprimir a tristeza, a morte, para outro plano do qual a história não faz parte, o trabalho das contadoras também alimenta esta proposta. É preciso deixar o velho contente, feliz, ter a certeza de alimentar o alto astral. E, nesta orientação, o sofrimento tem de ser substituído pelo prazer da imaginação, desvinculada da dor. Por que trazer mais sofrimento a esses homens e mulheres? Quem tem o direito de aprofundar a agonia do qual já são obrigados a conviver na rotina do dia-a-dia? Eis o problema inicial: ao utilizar a imaginação para aliviar a dor e

proporcionar entretenimento ao velho no asilo, por estar nos seus últimos dias, esta relação perde a oportunidade de explorar o conflito existencial inscrito na memória desses sujeitos. Pode ser interpretado como deixar de atingir a essência de ser homem no presente.

O mergulho da imaginação, neste espaço racionalizado, longe de ferir e permitir vivenciar a vida do velho em suas múltiplas faces é direcionado somente para o lado do prazer enquanto busca da felicidade – ou do sentido de ser feliz. Chega de tristeza. A hora em que a imaginação, sustentada pelo conto de fadas, de bruxa e monstros, é despertada, tem de ser somente como o momento de alívio. Por isso, todo o ritual de arrumar o ambiente, de buscar alguns velhos em seus quartos para alertá-los de ter chegado o instante de romper com a rotina, é algo tão rico quanto a própria história contada. Cada velho recebe convite no quarto, é abraçado e, porque não destacar, o ritmo dos passos segue em sintonia com a carência de uma relação mais próxima. Há o cansaço do corpo. Mas a satisfação deste cuidar, sem ser por dever de assalariado, torna o menor caminho uma avenida para se transpor. Tudo tem de ser feito sem se preocupar com o tempo.

Ao terminar a entrevista com a ex-professora Marina de Faria, ela me pediu ajuda para levantar do sofá. E assim de mãos dadas percorremos todo o setor da enfermaria. A cada cama, parávamos e ela me contava a história do velho ora enfermo. O tempo era outro, embora não tivéssemos saído do espaço. Nem parecia ser ela mesmo enferma, separada de outros velhos, e agora em observação na enfermaria. Estava em recuperação de uma crise sofrida há poucos dias. Essa linha de tempo se rompeu ao me despedir. Ela já havia declamado a sua vida, com direito a cantar as músicas do período em que atuava como missionária. Não há como marginalizar a emoção. Marina ficou na porta da enfermaria. Eu travei a porta do carro. Quem de nós voltaria ao “normal” do tempo? E a que preço?

A carência pode atingir intensidade maior e não se conformar somente com o toque do olhar e das mãos dos voluntários. Em outro asilo, as contadoras de histórias, depois de entreterem cada um, têm de sair praticamente escondidas. Motivo: os velhos podem querer sair junto. E para não criar essa angústia, todo o cuidado é pouco. Cumprimenta-se, festeja, dança e conta-se histórias. Para manter essa alegria, esse calor da companhia para cada velho as palavras de despedida têm de ficar no íntimo das contadoras. Altera-se a noção de tempo sem fechá-lo.

Esses trechos poderiam elucidar a importância do encontro entre as contadoras de histórias e os velhos. O ouvir, o tocar, o olhar e mesmo os abraços, entremeados a conversas como confidências em cada reunião, tornam a relação mais prazerosa. O velho então busca no encontro alguém para conversar e dividir sua dor. Se chegar à precoce conclusão de ser mais importante esse contato, o trabalho das contadoras de histórias deixa de ter particularidade nesse processo para se converter em algo comum. E assim facilmente se recai na indiferença: poderia ser qualquer outro trabalho produzido no asilo. Os velhos se animam por poder conversar, abraçar e ouvir, mesmo sem ser ouvido.

Se há espaço nos dias de hoje onde inúmeros trabalhos alternativos são direcionados esse é o asilo. Na semana do dia do idoso, no dia 28 de setembro de 2005, por exemplo, dezenas de crianças integrantes do coral da Escola Estadual Prof. Hélio Penteado de Castro, de Piracicaba, homenagearam os velhos do lar Betel. Estavam todos na capela. Outro encontro. A música é só para você. E assim a emoção tomou conta com canções da Campanha de fraternidade sobre os idosos, com sugestivo tema **Cada coisa tem seu tempo**, seguido da canção de Roberto Carlos, **Como é grande meu amor por você**. “Eu tenho tanto, pra lhe falar, mas com palavras, não sei dizer, como é grande o meu amor por você”...

Cada velho recebeu uma flor. E a lágrima, tanto evitada para aliviar a dor no dia-a-dia do asilo, passou a ser a forma de diálogo. A estudante Laísa Gabriela Guimarães não se conteve.

“Senti emoção, em primeiro lugar, ao ver os olhos deles encherem de lágrimas. Eu não agüentei e comecei a chorar também. E vendo eles assim que numa simples canção, eles iam ficando cada vez mais alegre e emocionado, em primeiro lugar”.(Laísa, Entrevista: 09/2005) O projeto, orientado pela professora Maria Estela Moral, tem o propósito de realizar a semana de sensibilidade fraterna.

“E nós viemos aqui no Lar Betel fazer uma apresentação, trazer um pouco de alegria para essas pessoas que às vezes, nem família tem. E foi muito gratificante porque você olha pra eles assim e até as músicas que a gente acaba cantando errado eles acham coisas mais linda mais maravilhoso. A hora que você falou o título da música pra cantar eles já estão aplaudindo. É muito reconfortante. Você vê que além, ao invés de a gente dar valor pra eles, de tudo que eles já sabem e viveram, eles acabam dando valor pros trabalhos da gente”. (Maria Estela Moral, Entrevista: 09/2005)

É sintomática a frase da professora Maria Estela Moral. “Ao invés de a gente dar valor pra eles, de tudo que eles já sabem e viveram, eles acabam dando valor pros trabalhos da gente”. As crianças vão ao asilo para proporcionar belo dia ao velho. É uma forma de entretenimento, daquelas experiências essenciais provocadas pela troca de energia entre gerações. Entretanto, fica no ar a interrogação: de quem é a carência? Do velho asilado, inserido numa rotina do qual aparenta não ter sentido, e por isso merece a solidariedade dos sujeitos do lado de fora? Ou das crianças que, mesmo sabendo ser importante ouvir os velhos, vão ao asilo para falar, cantar, expressar como coro e precisam ser motivados pelos aplausos, pelas lágrimas, pelo sujeitos do lado de dentro, a continuar o caminho da música e estabelecer sentido a vida no cotidiano?

Há uma dupla carência. Tanto que os aplausos expressos pelos velhos não mudam a intensidade e duração por causa de erros em frases ou trechos desafinados pelos alunos. O mais importante é a disposição dessas crianças, resultado de meses de ensaio. Essa disposição voluntária e fraterna, nem sempre tomada pela família do velho. A música, então, se torna o elo,

mesmo tratado como apêndice, para unir velhos e crianças. Por esta linha, o aplauso do velho a cada anúncio da nova música pode ser traduzido como a certeza de estender parte de si, o tempo da individuação, pelo espaço do qual o tempo racionalizado procura se completar.

Situação idêntica acontece do outro lado do portão do asilo. Em apresentações dos coros da Terceira Idade em praças públicas, as crianças ficam do lado de fora para prestigiar o evento. Também parte-se do mesmo pressuposto: independente dos erros, da afinação, o importante é eles estarem com disposição. Gerações e gerações passam a se admirar pela representação criada de um ao outro, tendo a disposição como ponto central. É indiferente se tratar de dança, canto, teatro, ginástica. Aplauda-se por ser velho. Isto não significa ausência de sentimento de quem incentiva os velhos com as palmas. O ponto essencial é entender como as pessoas conseguem desvincular atribuição de valor pelos atos expressos dos velhos da necessidade de demonstrar amabilidade para suprir carência afetiva.

Entretanto, o questionamento da professora Maria Estela não é solitário. Da mesma angústia inicial partiu Carmelina, antes de iniciar o trabalho de contadoras de histórias no Lar Betel. “Eu sei que o ideal seria ouvi-los, mas eu queria contar histórias” (Carmelina, Entrevista: 08/2005). Está implícito nesta inquietação de Carmelina, o questionamento de Benjamin em **Experiência e Pobreza** e tratado no texto anterior. “Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?”. (BENJAMIN, 1993:114). E assim o ato de contar histórias, embora seja significativo para não permitir a morte do narrador, deste sujeito a narrar a vida e histórias com significado crucial para a sociedade, entra em conflito com o desejo de Carmelina da troca de experiências.

Pois é o velho, personagem do mundo da vida e com muitas histórias para contar, o sujeito escolhido para ouvi-las. Ao direcionar a velhice a este ato, de voz interna e silêncio, o propósito é mostrar a importância do narrar e, sem perder a essência, devolver crédito à velhice. E assim o velho visitado escuta, aplaude, se traveste dos animais dos contos, participa com suas lágrimas, sorriso, incredulidade. Mas a história de cada um desses sujeitos, que só não estão na melhor idade ou no show da idade por estarem no asilo, é contada nos corredores, em rodas particulares, como convém a todo segredo. A vida fica fora do palco.

É preciso considerar algo mais além do encontro entre gerações para não cair no reducionismo interpretativo. Poder-se-ia acusar esses trabalhos de ignorarem a experiência do velho justamente no momento da vida em que ele mais necessita se expressar. Se esse julgamento fosse direcionado aos meios de comunicação massivos a sentença tomaria outro caminho. O velho sob o significado de massa simplesmente é o objeto da carência, na busca da eterna juventude. Embora a lágrima também percorra as páginas ou encham as telas e palcos, a violência social denunciada deixa de ser o silêncio conspiratório, da **Velhice** de Simone de Beauvoir, para compreender a obrigação da atividade, na **Reprivatização da Velhice**, de Guita Debert.

Há um tratamento ideológico. Da forma como se desenvolve os trabalhos alternativos há espaço para enriquecer a troca de energia, pela atividade, como para manter o silêncio conspiratório. Ao término de cada trabalho tudo volta à rotina. Se a análise percorresse somente este caminho e considerasse então ter chegado ao final do percurso com este argumento, não deixaria de estar certo. É difícil desconsiderar essa conclusão ao nutrir a análise pela estrutura. O perigo assim é uniformizar os trabalhos e se orientar por um estado de indiferença, a partir dos encontros no asilo. Só que a análise por esse prisma ainda deixa parte importante para entender a defesa desta tese.

As contadoras de histórias têm papel fundamental para a questão do imaginário, da fantasia, do irracional. Não como algo injetado no espírito, como já explicitado acima na discussão sobre a música de abertura. Mas para despertar o encontro do velho consigo, a individuação, mesmo em um recanto do passado traduzido como infância. A diferença desses focos está em negar a morte do velho no asilo, principalmente no momento e espaço onde todo mundo está distante. A realidade na qual o sujeito mergulha, embora aparente sem sentido, tem um significado.

Somado à inconclusividade da modernidade, a racionalidade do asilo perpassa por outra dificuldade para penetrar no cotidiano, além da tradição dos sujeitos asilados: é preciso vigiar o tempo da fantasia. Por ironia, o tempo de libertação, de exacerbação do irracional está compreendido por outra lógica do tempo. As duas horas da tarde devem-se iniciar as histórias. A mesma sirene impessoal tocada nos horários previstos para cada refeição é acionada pelas contadoras para indicar o momento da ruptura da rotina. Um sinal de alerta a mexer com todos os integrantes no asilo. “O que está acontecendo?” é comum alguns perguntarem. Não é o toque intermitente a prolongar-se por cinco segundos. São vários toques, descompassados, como atentado à ordem em vigor. O tempo assim é alterado dentro de seu próprio significado.

A sirene da rotina passa a ser a sirene do imprevisto. A alegria de uns a sentar no refeitório transfigurado em sala da Tia Carmelina. E na frustração, outros voltam para seus aposentos ou permanecem sentados no corredor. Eles ouvem as histórias, mas por inúmeras razões decidem acompanhar tudo do lado de fora da sala das histórias. Neste embate entre o racional e irracional, a sirene será soada outra vez, de forma contínua por alguns segundos, às quatro e meia da tarde para o jantar. As contadoras têm exatamente duas horas e meia para mostrar outra dimensão da realidade e fazer do ponto comum do refeitório a sala da imaginação.

O velho, então, não tem todo o tempo para transitar a sua infância, como havia sistematizado inicialmente no início deste texto. É algo a realizar no decorrer da semana, no silêncio das colheradas da sopa do jantar ou nos momentos em que se irrompe a lembrança no decorrer do dia-a-dia. O prolongamento do tempo das contadoras de histórias no asilo, depois das 16h30, torna um obstáculo aos que não participam do grupo. O jantar está atrasado. Tem de então prestar contas: “já vamos terminar”, enquanto alguns passam a transitar pelo corredor.

Carmelina procura evitar a lágrima dos velhos, com histórias alegres. É uma precaução do qual não se tem controle. Não por se tratar da vida alheia. Nem porque ela mesma não consegue evitá-la na própria vida. Há substancial diferença entre o almejar, esse desejo de poupar parte da vida do sujeito, de forma tão racionalizada, como se fosse bem material, portanto passível como propriedade, e o controle dos sentimentos dessas mesmas pessoas levadas à emoção. No decorrer de anos de trabalho voluntário, a história de Carmelina toma significado maior ao da própria proposta.

“Olha tem uma senhora, ela já faleceu, e ela era uma professora aposentada. Então, toda vez que eu chegava ela estava presente. Aí um dia ela chegou pra mim e disse: ‘eu vou pedir uma coisa pra você’. Eu falei: ‘pode pedir. É uma história?’, eu brinquei. Ela falou: ‘É. Desde o dia em que você contou aquela história, eu não esqueci mais. Eu gostaria tanto de ouvir novamente’. ‘Mas qual foi a história?’. Aí ela disse: o avental que o vento leva’. Ela guardou o nome da história. Eu falei: ‘Nossa! Eu vou contar’. Porque é uma história muito bonita. E depois não mais a vi’. (Carmelina Piza, Entrevista: 08/2005)

Ao terminar o comentário, Carmelina não se conteve. Durante alguns segundos, permanecemos no silêncio como cúmplices do sentimento como elo a unir as contadoras de história aos velhos. Não poderia haver pedido mais emocionante ao solicitado pela então professora aposentada. **O avental que o vento leva** é de Ana Maria Machado. Por conta da entrevista, Carmelina contou a história no primeiro dia de pesquisa de campo no Lar Betel.

Pronto. Então vamos lá contar uma história. Começar contando a história... (pequena pausa enquanto Izabel arruma outra pessoa na cadeira). É a história de uma menina, uma menina que gostava de brincar com cor. É! Ela gostava de desenhar. Ela gostava de pintar. Ela gostava de brincar com cor. Então ela adorava pegar os pincéis, as tintas, verde, vermelha, azul, claro, azul escuro. E ela gostava muito de poder pintar, poder desenhar. Ela ficava pintando, brincando, desenhando. Ela brincava e desenhava com todas as cores. Quando ela acabava de brincar. Ai,ai,ai,ai,ai...Ela acabava de brincar, ela estava com a roupa toda suja, de tanto que ela brincava. Então a mãe de menina resolveu fazer um avental para ela. Um avental branco. E este avental da menina estava sempre lavado, passado, engomado, tinha um babado e o ponto era bordado. A menina então colocava o seu avental e ia brincar. Mas ela não brincava só com as cores, ela brincava com a terra, com o barro, com a massinha, com tudo ela brincava. E um dia ela sujou tanto, tanto, tanto o avental que ela tirou o avental e pendurou no galho de uma árvore. Ela pendurou o avental lá. E ficou o avental lá dependurado.

(pequena pausa: conversa entre os residentes. Alguns velhos ficam na porta e são convidados a entrar, mas decidem sair).

Não vão entrar, vão ficar aí. Então vamos continuar.

A menina tinha esse avental. E um dia ela brincou tanto, tanto com o avental, que ela tirou o avental e dependurou o avental numa árvore. E continuou brincando. De repente ela olhou:

- Vento, você ventou meu avental?

E o vento não respondeu.

- Vento, você ventou meu avental?

E o vento não respondeu.

E a menina queria o avental dela de volta. É. Ela queria o avental branco, lavado, passado, engomado e ponto bordado. Mas como? Daí ela resolveu pedir ajuda pro gavião.

- Gavião, me ajude a procurar meu avental?

E ela viu uma pontinha branca lá no alto da montanha. Era o avental. E ela segurou firme no gavião e eles foram voando, voando, voando, voando, voando. E chegaram lá, lá no alto da montanha. E quando chegaram lá, não era o avental. Era uma nuvem que estava no alto da montanha. E a nuvem disse que quando ela estava passeando lá no alto do céu, viu uma pontinha branca lá no meio da floresta. Poderia ser o avental. A menina disse então:

- Oh gavião, você me leva pra lá?

O gavião foi voando, voando, voando e eles chegaram lá, no meio da floresta. Mas quando chegaram lá. Não era o avental. Era paina. Sabe a paina? E a paina disse que quando o vento ventou lá no alto, ela viu uma pontinha branca do outro lado da montanha. Pede pro gavião te ajudar.

Então ela pediu ajuda pro macaco:

- Oh!, macaco. Me leva até lá?

E o macaco levou. Pula, que pula. Pula, que pula. E eles chegaram lá, mas também não era o avental. Era um fiozinho de água que corria, que

formava um rio lindo, que lindo. E o fiozinho de água disse que tinha visto uma mulher lavar um avental branco e levar pra casa da menina mais levada que existe. O macaco não poderia mais ajudar. Ela pediu ajuda ao pato.

- *Pato, me leva até lá?*
E nada, e nada, nada e nada, nada, nada. A menina e pato chegaram na casa da menina. Era a casa da Corina. Eles chegaram lá. E quando a Corina entrou na casa dela, foi até o quarto, abriu a porta do guarda-roupa, abriu a gaveta e olhou:
- *O que tinha lá dentro?*
O avental, que estava lá, branco, lavado, passado, engomado, de babado e ponto bordado. Mas a Corina ainda não pode usar o avental. Já era noite. Ela tinha que tomar banho, jantar, dormir, para no noutro dia, levantar bem cedo, colocar o avental branco, lavado, passado, engomado, de babado e ponto bordado e começar tudo de novo.
- *Muito obrigada. (Aplausos). (1º Encontro: 03 de agosto de 2005)*

Uma leitura atenta da aventura de Corina em busca do avental branco certamente mergulharia na primeira problemática: a utilização da narrativa, em uma defesa do valor da história oral, transcrito sob a forma da escrita. A denúncia poderia ser feita do fechamento de sentido do qual essa forma última de expressão consiste, como a impedir alteração do sentido do relato ao longo do tempo. Esse sentido atua como indiferente ao contexto do qual o escritor e o leitor se situam. Diferente é, em relação à escrita, a forma da história oral. Os fatos são transmitidos com os sujeitos inseridos no mesmo contexto do qual vivenciam a realidade. Uma comunicação interpessoal, mediada por outras formas de se expressar como sorriso, ritmo da fala, pausas, caminhar lento, entre outros.

Então a aventura de Corina, transcrita da forma como foi narrada em história oral, tem o desafio de se empregar de algo tratado como fechamento de sentido para, num ato transgressor, provocar uma proximidade ao leitor como se estabelece na relação interpessoal. Esse diálogo implica, antes de discutirmos o conteúdo, se aventurar na forma. E não há outro meio sem ser pela imaginação, sem penetrar no reino da fantasia. O prazer de poder voar com (o) gavião,

atingir o alto da montanha, saltar com o macaco, percorrer o rio a bordo do pato. O cenário de Corina, na realidade infantil, é o equivalente, no mundo adulto, ao utilizado nas técnicas de relaxamento para as pessoas conseguirem, pelo menos por poucos minutos, fugir da rotina imposta mecanicamente e, não raro, de forma violenta no cotidiano.

O diagnóstico é sempre o mesmo: o homem se sente distante de si mesmo, não mais ator de sua vida ou dono do próprio tempo. Alguém controla, embora muitas vezes às pessoas acreditem que seja obra, ou provocação, do acaso. Então é preciso re-ligar o homem, tentar fechar essa fratura. Para relaxar, primeiro o som da natureza, leve, suave como um sussurrar, invadida persistentemente por sons de animais, pássaros. E com os olhos fechados, o ser ainda dividido entre as duas realidades, escuta então a narrativa:

“Imagine estar numa floresta. Lá na frente tem um fio de água. Você persegue esse fio. De repente descobre a correnteza até chegar num grande riacho. Os pés firmados na terra, agora sentem a areia, e aos poucos, bem devagar, lentamente você entra na água. Seu corpo começa a relaxar. E assim tão leve, você deita, permanece flutuando, a água a massagear as costas. Numa descoberta mágica, os olhos se fecham lentamente, no mesmo ritmo da alegria tomada no corpo. Sente-se apenas a companhia delirante da natureza”. O homem não quer mais dominá-la. A harmonia entre o homem e a natureza é retomada nas salas fechadas de técnicas de relaxamento, como remédio diário para romper com a violência da perda de domínio do próprio tempo no cotidiano.

A fantasia nas histórias é movimentada não só pelas mudanças de entonação como da expressão do corpo. O corpo que fala e sobre o corpo se busca ouvir. Essa forma de relação passou a atuar com significado para Carmelina desde o mergulho existencial em Walter Benjamin.

“Porque a hora que você lê a morte do narrador, ele explica...ele vem explicar para mim muita coisa que eu não tinha explicado. Você vê que ele fala, tem um pedacinho que ele fala na morte do narrador, da importância das mãos de um contador de histórias, de um narrador. Ele fala nisso. Eu não tinha prestado atenção quanto eu trabalho com as mãos. Tanto quanto com a fala. A minha mão ela envolve o ouvinte junto com a minha fala. Então ele faz certas...algumas descobertas que eu vim fazer, que eu estou fazendo isso. (Carmelina, Entrevista: 08/2005)

Considerada a forma da história dentro deste embate, não há como deixar de analisar o conteúdo da aventura de Corina diante do público ao qual é direcionada a história. Por mais que saliente a busca do imaginário com as brincadeiras da menina levada, com cores e terra, fica a interrogação de como o velho se comporta diante das histórias infantis. Já que a proposta é despertar a criança interior em cada sujeito do asilo não se estranha a afirmativa de Carmelina de a narrativa ter sido empregada anteriormente para as crianças do Ensino Fundamental. Essa é uma forma de depreciação do velho?

Para encontrar essa resposta tem de partir essencialmente do conceito sobre a velhice, pelo qual se nutre o trabalho voluntário, contido nas palavras de Carmelina. “Porque a velhice para mim é uma seqüência da vida. Você tem que aprender a envelhecer para envelhecer com dignidade”. (Carmelina, Entrevista: 08/2005) O velho tem de ter consciência da fase da vida em que está para estabelecer valor sobre si. Entender esse momento dentro da naturalidade, como seqüência da vida, é um aprendizado do qual se terá a dignidade.

A interrogativa aberta acima sobre a depreciação do velho não é aleatória. Poucas pessoas poderiam se esquivar de afirmar nunca ter ouvido a máxima de ser necessário tratar o velho como criança. Esse tom não se refere à fraqueza do corpo, mas ao desinteresse condicional do espírito. É perda de tempo discutir com o velho. E o discurso, com o mesmo ímpeto, deixa de citar somente os velhos presos, por inúmeros motivos, na rotina aparentemente sem sentido de cada asilo, para dominar os atos de voluntários, ou mesmo professores pagos, nas academias de

ginástica. Na dissertação de mestrado, a diretora Aracy Duarte Ferrari, uma das entrevistadas, confessou que essa forma de tratamento despendido pelos monitores é uma questão que há alguns anos é tema de reflexão.

“Eu tenho dito aos monitores: menina, fulano, fulana: eu não gosto para mim e acho que meus amigos não gostam que usem essas expressões: levantem o bracinho, levantem a perninha, abaixem a cabecinha. Não; se nós temos mais idade, nos temos até mais braço, mais perna, então devemos ser iguais aos demais. Levantem a perna, levantem os braços. Esses diminutivos não se coadunam com uma sociedade do século XXI” (SOUSA, 2003: 34).

Por isso é preciso justificar conceitualmente porque se utiliza a estratégia de contar as mesmas aventuras para as crianças e aos velhos. E qual o peso da imaginação em todo o contexto. Parte da história de Corina por um fator primordial: é o ponto máximo identificado pela própria Carmelina no desenvolvimento do trabalho alternativo no asilo. A emoção ao relatar a lembrança da professora aposentada, por sugerir esse recontar do avental que o vento leva, estabelece na prática o diálogo, o processo de comunicação. O pedido tem de ser entendido como mais do que uma simples informação. Trata-se de um convite a continuar uma relação até então mantida como conviver interno.

Essa interrogação coloca no centro do debate de alguns velhos, como nos relata o asilado Agenor Denatti. “Isso eu escutava quando eu era criança, né. Ainda tem gente que diz: Ah! Não vou assistir isso daí porque quando eu era criança escutava”. (Agenor Denatti, Entrevista: 01/2006). O ato de recusa em participar dos encontros, porque agora não se é mais criança, porque já ultrapassou esta fase, é parte da mesma moeda do velho que aceita. Mas há uma diferença básica: o lugar de onde se fala. Para os participantes, é uma forma de entretenimento a permitir entender as aventuras da infância. O exercício da memória lhe dá o direito de mergulhar no passado sem descaracterizar o ser velho no presente. Para os críticos, é um retorno do qual agora não tem mais sentido. O homem atravessa as etapas da vida e em cada uma delas se estende

o aprendizado. Por esse prisma torna-se contraditório ter de ficar escutando histórias de crianças, em uma etapa em que se poderia falar mais sobre a realidade da velhice.

Mas o vento também sopra por outros continentes nas histórias relatadas pelas contadoras.

A entrega da própria vida, em nome do amor, uniu a nuvem e a Duna no eterno paraíso.

Vou contar uma historia de amor. Lá pros lados do Mar Mediterrâneo, lá longe, porque lá nasceu uma nuvem, uma nuvem. Mas nem deu tempo de ela nascer, ela foi levada pra longe. Lá do lado da África. Uh!. O vento tava muito forte. E lá, o vento continuou soprando, continuou soprando, continuou soprando, Em cima de alguns lugares da África ele decidiu parar. Lá tinha umas dunas, muita areia. O vento era muito forte. E era muito bravo que ia levar até a África. Mas a dona nuvem, muito jovem, muito jovem, olhou pras dunas e gostou. E lá resolveu ficar. O que aconteceu? Deixou o vento ir embora e lá ficou. O vento até chorou:

- *Oh! Nuvem, vamos, se junta a nós pra fora daqui. Vamos embora pra floresta.*

Não. Ela não quis. Ela queria ficar com as dunas.

(Isabel) – O que é o amor, não.

E ela ficou lá. E foi vivendo, foi vivendo. E deixou se levar pela brisa e lá ficou. E percebeu que uma das dunas olhava pra ela sorrindo lá embaixo, e resolveu se aproximar. Perto da duna chegou e perguntou:

- *Como é viver aí embaixo?*

E a duna respondeu:

- *Ah! Aqui embaixo, tem o sol, tem o tempo, as caravanas passam por aqui. Às vezes é bem calor. E aí em cima, como é que é?*
- *Aqui em cima tem sol, também tem vento, não tem caravana, mas tem vento. O vento, basta ele chegar que eu vou pra onde quiser.*

Mas a essa hora a duna desistiu. Porque lembrou que quando o vento vem, ela se desfaz e morre. E contou pra nuvem.

- Ah! Você quando o vento vem, você vai pra onde você quiser. Vai pra outro continente, pra outros lugares. Mas eu, eu morro.

E a nuvem ficou triste. Porque sabia que se o vento levasse ela pra floresta. Lá ia chover, e também ela ia morrer. Mas a duna falou, que pra ela, se viesse a chuva...havia até uma lenda que dizia que quando a chuva vinha, a chuva era de Paraíso. E quando a chuva caía nas dunas, as flores nasciam, as folhas apareciam e tudo se transformava num paraíso. Então a nuvem resolveu se preparar.

- *Desde que eu te vi lá de longe, eu me apaixonei por você. E gostaria de te mostrar o paraíso. Então, o que você acha de chover.*

E a Duna falou:

- *Não, se chover a gente vai morrer.*
- *Mas a nuvem não queria saber.*
- *O amor, nunca morre. Ele apenas se transforma. E eu vou te transformar num paraíso. E assim nós continuaremos juntos pra sempre.*

E foi o que aconteceu. A nuvem atraiu a chuva, durante muito tempo choveu, até que veio o arco-íris. No outro dia quando amanheceu, as dunas estavam cheias de flores. E ela continuava lá. E o tempo passou mais um tempo e a Duna se transformou numa árvore. Onde as pessoas chegavam e lá ficavam. E tudo isso aconteceu, o oásis nasceu, porque um dia uma jovem nuvem não teve medo de dar sua vida por causa do amor. Muito obrigada.
(Aplausos). (3º Encontro, 31 de agosto 2005)

E é desta forma que a morte, decorrente de um ato de amor, entrou como ator principal em uma das histórias contadas no Lar Betel. A morte da nuvem e da duna resultou em flores, na árvore, possibilitou o oásis a testemunhar o enlace. “O amor nunca morre”. Quem teria coragem de dar a sua própria vida em nome do amor? Embora a pergunta não tenha sido feita, não há como negar a moral da história como interrogação aos sujeitos do asilo. Há dois temas intensos a circularem pelo mundo da vida dos velhos: o amor e a morte. Entre o vivido, ou do que deveria ter feito no passado, há a angústia do futuro, ou mais precisamente, de deixar este mundo sem ter resolvido o dilema a pulsar na memória. É desta forma que o presente se produz sem máscara. Não há mais motivo para se esconder do próprio eu diante do tempo da vida como limite. Ou, quando existe algum motivo para maquiar e justificar a ausência de atitude no cotidiano, é ao presente dilacerado do asilo, de aparente sem sentido, que o velho se refugia. O amor nunca morre. Mas o velho morre. E essa proximidade, ou distância, não é algo sem sentido no mundo cotidiano dos velhos.

Por isso, a morte da duna e da nuvem expressa na história passa a remeter da fantasia, do ficar só na imaginação, para uma realidade da qual todos atravessam. Se a solidão é um sentimento a acompanhar cada velho em relação à família, a perda do companheiro do quarto é como flecha a atravessar o coração, como perda de sentido. Que sentimento é este a envolver o velho como perda de sentido? Só é possível entender o profundo sentimento a invadir o espírito, a

ponto de não se conseguir dormir durante a noite por causa da morte do amigo, se considerar a vida a pulsar com intensidade em cada asilado.

Durante a etapa de pesquisa do doutorado acompanhei o estado de espírito dos velhos diante da iminente perda do amigo. Seu José Rizzioli havia tido um derrame e estava internado na UTI. Uma semana antes, deveria ser o meu entrevistado para esta tese. Decidi adiar para a próxima quarta-feira, para, naquela semana, entrevistar uma das asiladas que havia tido uma forte crise e estava na enfermaria. O sempre alegre, cantador e o que mais brincava, durante o trabalho de contadoras de histórias, agora estava entre a vida e a morte. Ao entrar no Lar Betel, durante esse período, o silêncio constante agora se estabelecia de forma perturbadora.

“Acho que agora ele não consegue escapar. Ele está muito mal”, explicavam os seus companheiros. Era um momento introspectivo, de mergulho interior, de um estado de consciência de um caminho a qual todos, sem exceção, percorrerão no futuro irreversível. E José Rizzioli não resistiu. A morte se tornou realidade. Não mais no campo da fantasia. Porém, num cotidiano de aparente sem sentido, a perda provoca a expulsão deste sem sentido do cotidiano. Eis o relato de Fábio Inácio sobre a forma de reação à morte, cujo resultado foi a perda do amigo Pedro Manesco. “E eu fiquei sozinho no quarto, porque era só eu e ele que dormia ali no quarto. E a noite inteira assim não dormi. Fiquei deitado assim, mas sempre pensando assim. Pensando com os olhos fechados, mas não consegui dormir não. Aquele sentimento profundo, sabe? Então isto daí mexe muito com a gente, né.” (Fábio Inácio, Entrevista:01/2006).

“Aquele sentimento profundo, sabe?” A vida começa a percorrer toda a mente inaugurada por um momento transgressor do cotidiano. Não se trata de apontar como falha a surpresa em cada velho, pelo diagnóstico de todos têm o dever de estar preparado para esta situação. Há algo mais: a saudade mergulhada no presente, a angústia e, enfim, este sentimento profundo do qual irrompe o ato de decifrar o sentido da existência. Não é a solidão em debate na frase “fiquei

sozinho no quarto”. É como a vida será percorrida daqui para a frente diante deste impacto, desse momento de reconstrução da vida. Será que o amor e morte da nuvem e Duna têm este poder de provocar sentimento profundo nos velhos? Racionalizada para entretenimento, a fantasia se dilui nas brincadeiras, no tempo demarcado e instituído como passageiro. Mas Carmelina adverte sobre a duração, apontada como efêmera, deste reviver pelas histórias contadas. “E aí eles ficam na conversa sobre o que aconteceu naquela tarde. Então, não pára quando a gente vem embora. Continua por dois, três dias a conversa da história, qual foi a história. Eles comentam sobre isso”. (Carmelina, Entrevista: 08/2005). Se há continuidade nas rodas dos velhos sobre trechos do que aconteceu naquela tarde, então torna-se necessário mergulhar em como a fantasia se refaz fragmentada nas conversas do cotidiano.

Embora nem todas as histórias contadas no asilo tenham como ponto final a moral - esse significado a determinar a interpretação da leitura - há frases que permeiam esses contos numa relação da fantasia como parte da realidade. O dilema do elegante pavão, bonito ao abrir as penas e com pé feio, de aceitar o convite da festa da floresta se encerra com moral. Depois de ouvir incentivo de uns animais e menosprezo de outros, a história então se encerra com a decisão de ele ir para a festa. Isso, depois de o urubu lhe dizer que embora seja feio e fedorento, o importante mesmo é o recheio. “O pavão ficou pensando, pensando. Feiúra de lixo ou beleza de artista não depende do bicho é só um ponto de vista. Cada um é diferente e o que importa mesmo é a gente”. (1º Encontro: 03 de agosto de 2005). Você não pode deixar de participar da festa da vida por causa das críticas de outros. Tudo não passa de ponto de vista, de leitura particular natural em um mundo onde temos de aprender a viver com a diversidade. Ser pavão é descobrir a beleza em ser você mesmo, enquanto a sociedade aponta as feiúras. É preciso reagir, se contrapor à denúncia com o que há de mais valor para cada um: viver sem rancor, sem o tormento de exibir a feiúra e a beleza.

Há momentos em que a fantasia se vincula diretamente à realidade vivida. Eis a transcrição do começo da história de **São Jorge e o Dragão**, no diálogo travado entre as contadoras e os velhos do asilo.

Eu vou contar uma história...

- ***Mas não é de velho? (José Rizzioli)***
- ***Não, porque de velho já chega eu. (José Rizzioli)***
Era uma vez um país muito bonito. Era um lugar muito bonito. Tudo muito amado, muito ajeitado. As pessoas que moravam lá eram muito feliz. Todos os homens tinham trabalho.
- ***Não era que nem o Lar Betel que ninguém fazia nada. Era um bando de vagabundo. (José Rizzioli)***
- ***Vagabundos! (Fábio Inácio)***
Era um lugar que todo mundo tinha trabalho. Os homens todos tinham que sustentar suas famílias com o suor do rosto. As mulheres viviam cantando enquanto cuidavam das suas casas. Faziam comida, lavavam roupas. E as crianças...as crianças eram muito felizes. Quando vieram das escolas elas tinham muito comida.
- ***Que vida boa esta. (José Rizzioli).***
- ***Eu estou falando que precisa comprar um patinete para ele. (durante alguns minutos há brincadeiras envolvendo José, Fábio, Cidinha e as contadoras Suzana, Isabel e Carmelina. É um momento descontraído em que aproveitam para rirem de todas as brincadeiras). (1º encontro, 03/08/2005)***

As brincadeiras, os risos, riscam o mapa da vida, daquele dia, como projeção da história na realidade de cada um. E o sucesso profissional de cada sujeito ressurge, irrompe, ao se defrontar com um lugar na fantasia onde todos os homens conseguem sustentar a família por meio do esforço. O trabalho não é só a realização do ser como a estrutura de harmonia da mulher e das crianças. É inevitável, ao sujeito com a sensibilidade à flor da pele, pensar no marido, na esposa, nos filhos ou na ausência dos mesmos. Quem sou eu? Quais as chances de trabalho obtidas no passado? O que pretendo ser no futuro? Qual é o sonho a me nutrir a viver a realidade do dia-a-dia?

As questões circulam, penetram na realidade do cotidiano, e então cada velho interpreta e sofre de acordo com o capital cultural e experiência vivida. O Lar Betel é um lugar onde ninguém faz nada, como ironiza José Rizzioli. Esse nada se refere ao conceito social de trabalho como produtividade e ganho por esse esforço. Todos estão estáticos em um tempo em que o lado de fora parece não cessar o movimento em ritmo acelerado. O velho se sente distante desta lógica e é natural vincular, como aspecto de julgamento, a história de vida. “As mulheres viviam cantando enquanto cuidavam das suas casas”.

O ato de aceitar ser parte da roda da história é permitir-se interrogar sobre a roda da vida. Por isso, cada espaço da brincadeira é o tempo estratégico de dar testemunho, de atuar como o pavão, mostrar a beleza da vida, sem se importunar com o menosprezo de outros. A referência agora é sobre a lenda da mulher de branco. A mulher casada, rica e avarenta que se apaixona por um caminhoneiro e passa a vida na estrada em busca do grande amor.

“Quando o motorista quer ver o seu rosto, ela tira e aparece uma caveira. Uhhhhhhhh!!!!!!!normalmente ela está vestida com alguma roupa que sempre tem duas cores. Branco e Preto. Azul e Vermelho. Verde e amarelo. Cada um vê uma cor diferente. E ela convida todo mundo para ir na sua casa. Quando as pessoas chegam lá na sua casa. Ela abre bem devagar o portão. Lá dentro a sua casa é o cemitério”. (2º Encontro: 17/08/2005)

Ao término da lenda da mulher de branco, como parte da comemoração do dia do folclore, a contadora Isabel confidenciou que a história havia aprendido na Bahia. E perguntou: quem é da Bahia? Um por um dos participantes anunciavam o lugar onde nasceram, até chegar o momento de ouvir Dona Otília.

“E a Sra. dona Otília. A Sra nasceu aqui?”

Não eu nasci no Sítio.

Mas perto da onde? De que cidade?

Não alembro o nome do lugar.

É longe daqui?

É. meu marido, antes dele morrer, ele também era sitiante. Ele foi me conhecer lavando roupa.

Olha que beleza?

Daí ele falou pra mim, que queria casar comigo.

A Sra. gostava de lavar roupa?

Eu falei pra ele: eu não tenho papel nenhum, como vou casar com você.

Aí ele foi buscar o papel pra poder casar comigo.

Encantou o homem. (Isabel)". (2º encontro: 17/08/2005)

Otília não lembra ou não se preocupa em saber o nome do lugar onde nasceu, até porque é indiferente no atual espaço onde vive. Porém, encontrou o momento oportuno para testemunhar o amor vivido. O homem com quem conviveu anos de existência, a conheceu no ato de lavar roupa. E, ao se defrontar com a mulher nesse trabalho doméstico, não houve obstáculo para se entregarem e ele a pedir em casamento. Basta reler a resposta de Otília para entender que agora não é o momento de falar sobre o trabalho, local de nascimento, ou se gostava de lavar roupa. Foi o momento permitido a si mesma para revelar a todos um momento importante da vida. A tímida Otília tomou a atitude de compartilhar a vida com o grupo, revelar sua pobreza material a indicar as dificuldades do passado. “O amor nunca morre”.

Se a simples pergunta sobre o local de nascimento permite ao sujeito do asilo inquietar-se e testemunhar aos outros, esse movimento significa que as frases pronunciadas durante a atividade de contar histórias não “entram por um ouvido e saem por outro”. Cada frase provoca elaboração de sentimento sempre com referência à história vivida. Mesmo uma pergunta, aparentemente solta, tomada como ilustrativo no meio da história, tem de ser considerada como elemento a instigar o espírito. “Não é o sonho de todo mundo ter casa própria?”.

A questão foi enunciada durante a história da onça e do bode, depois de decidirem, cada um a sua maneira, ter lugar fixo para morar. Contextualizada na relação do asilo, o sonho da casa própria, de ter o lar onde a esposa e as crianças possam viver tranquilas, esse espaço para se dizer como próprio, faz parte do sonho ainda não concluído ou da lembrança de anos bons, onde o tempo de vida tinha poder de negociação mais intensa com as regras determinadas do espaço

social. “Não é o sonho de todo mundo ter casa própria?”. Enquanto a frase soa com duração da apreensão crítica de cada velho, eles se travestem de onça e bode para ilustrar os conflitos desses animais em busca da realização do sonho.

De todas as histórias contadas, essa foi a única em que os velhos poderiam se utilizar da imaginação para compor novo final. Ao relato de Isabel, o bode, ao encontrar morta uma onça abatida por um caçador, mentiu para onça que tinha um anel mágico. Esse anel poderia ser utilizado a qualquer momento. Por não agüentar esse sofrimento, a onça decidiu então ir embora. O importante veio em seguida com as sugestões de novos finais, da mesma forma que a contadora havia proposto para as crianças do Ensino Fundamental. Para Cidinha “eles (a onça e o bode) casaram e viveram felizes para sempre”. (Cidinha, 2º Encontro: 17/08/2005) Para Fábio Inácio “o bode viveu com a onça e tirou o anel para ele não ficar com medo”. (Fábio Inácio, 2º encontro: 17/08/2005). E a contadora então considerou a importância da discussão. “Porque a história vem da nossa imaginação. A gente pode fabricar a nossa história. Basta a gente imaginar”. (Entrevista, 2º Encontro: 17/08/2005).

O final da história está vinculado ao grau de interesse de cada contador. Esse interesse não é dissociado da experiência vivida. Poder-se-ia então questionar sobre os limites da imaginação ao apontar as frases de Cidinha e Fábio Inácio. O final proposto para a resolução do conflito da onça e o bode está delimitado por suas angústias, crenças e desejos de realização. E não espanta a surpresa de todos, ao ouvir de Cidinha o absurdo, mesmo diante de um desafio para o imaginário, de a onça e o bode, para resolverem o dilema, casarem e viverem felizes para sempre. É o amor a retornar como essência do sujeito, agora como testemunha. Diferente foi a resolução proposta pelas crianças ao serem indagadas pela mesma contadora de histórias para proporem outro final.

“Na história pode tudo. Como é que poderia ser também? Eu perguntei pras crianças da escolinha e um falou: é só dividir os quartos. Pra não dar briga cada um vivia no quarto. Mesmo assim eu brigo com o meu

irmão. Aí outro falou: era só um construir uma outra casa e poderiam ser vizinhos. Cada um na sua casa. Pode ser o final também. As crianças falaram isto também”. (Carmelina, 2º Encontro: 17/08/2005)

O final da história a instigar a imaginação dos velhos pode tudo, da mesma forma ao desafio proposto às crianças. É só dividir o quarto para não dar briga ou cada um na sua. Bem diferente a proposta de casamento e ao final feliz de Cidinha e Fábio Inácio. Realmente, o final da história está vinculado ao interesse de cada contador e da forma como articula a realidade.

E nesta articulação da fantasia à realidade, a experiência vivida permite ao velho estabelecer sentido ao cotidiano por meio do trabalho de contadores de histórias. Está descrito o conjunto de valores do qual o processo de racionalização procura controlá-lo a todo momento. A cultura popular, expressada como música de raiz, não é mais um ponto a ser entendido no trabalho de contadores de histórias. É a referência pelo qual o popular nutre-se com forças à imaginação, ao próprio desafio de contar histórias no asilo, para provocar a identidade do sujeito. A cultura popular, com a qual não se pode deixar de ter contato do lado de fora, torna-se microcosmo e sintoma dos valores cotidianos do velho. E, no intervalo da imaginação de cada história, o popular se fortalece nas modas de viola.

*“ Fizemos a última viagem
Foi lá no sertão de Goiás
Fui eu e o Chico Mineiro
Também foi um capataz
Viajemo muitos dia
Pra chegar em Ouro Fino
Aonde nós passemos a noite
Numa festa do Divino.
A festa estava tão boa
Mas antes não tivesse ido
O Chico foi baleado
Por um homem desconhecido
Larguei de comprar boiada.
Mataram meu companheiro,
Acabou-se o som da viola
Acabou-se o Chico Mineiro.
Depois daquela tragédia*

*Fiquei mais aborrecido.
 Não sabia da nossa amizade
 Porque nós dois era unido.
 Quando vi seus documento
 Me cortou o coração
 De sabe que o Chico Mineiro
 Era meu legítimo irmão”.*
(Aplausos)
(Autoria Tonico e Francisco Ribeiro)

Esse é dos momentos nos quais os participantes expressam o grau de conhecimento e a cultura enraizada identificada como caipira. Conceito distante do sentido pejorativo adquirido pela exposição no meio massivo das novas duplas sertanejas e próximo da realidade daquele que cultiva a realidade do dia-a-dia, sem adaptá-la para lógica comercial. A cada moda de viola, tocada ao violão, o popular se faz e refaz como experiência vivida. Até porque é erro pensar que o velho se despe totalmente da história por estar no asilo. Como se a decepção na vida e a decisão de deixar do lado de fora o espaço público traduzisse nessa morte social e, portanto, no anonimato. Da morte de Chico Mineiro até **Luar do Sertão**, a memória se identifica com a realidade.

É certo que nesse processo de reviver a infância, outras canções invadem o mundo da fantasia. Como a de morar numa casinha infestada de cupim, Ciranda cirandinha vamos todos cirandar, marcha soldado cabeça de papel ou minhoca, minhoca, me da uma beijoca. São canções infantis a invadir a realidade do velho. Tudo isso vira entretenimento, momento de passagem. Mas nada compara ao cultivo do valor de ser caipira. Quem ousaria chamar de resistência essa forma de expressão de vida do sujeito?

CAPITULO II

A VELHICE CONSTRUÍDA NO ASILO

“Posso ser ninguém no mundo, mas poderei ser o mundo de alguém”

Raul Gonçalves Franosa (residente do lar Betel)

A entrada no asilo a dupla morte do velho. Sem a participao na atividade econmica, ao ser marginalizado do setor de produtividade e por isso considerado por muitos sem status na relao cotidiana, ele agora retirado da condio de sujeito social para viver os ltimos dias em um espao onde ningum considerou estar, ou chegar, ao final da vida. Pelo menos enquanto a busca da felicidade na realizao de viver o sonho, em percurso, transcorria sem suspeita. A leitura social da instituio asilar, marcada pela rejeio, despreza considervel sentido da vida para entender a ao do sujeito no cotidiano.

Para quem est do lado de fora, basta somente utilizar o termo asilo para tomar a dimenso histrica deste hospital geral ou panptico. O asilo sugere abandono dos filhos ou o resultado da relao conflituosa, ou falta dela, produzida ao longo da vida. Os dirigentes desses asilos h tempos procuram substituir esse termo pejorativo por outros mais atrativos como Lar, Residencial. Embora haja empenho para provar o tratamento mais humano devotado aos velhos, muitas vezes com conforto compatveis a mensalidades da classe econmica, as manchetes de jornais, de tempos em tempos, demolem a estrutura do paraso com as fotos de homens desnutridos ou em agonia.

Diante dessas lutas conotativas, a expresso do asilado Fbio Incio surpreende pelo contexto de identidade, a vincular o asilo como significado de existncia: casa de Deus. “ onde Jesus teve a morada dele n. Ento por isso que tem esta ...esta...esta palavra. Ento em vez de ser asilo, a gente fala Casa de Deus. uma palavra mais certa que tem”. (Fbio Incio, Entrevista: 01/2006).

O sentimento de estar na Casa de Deus indica estado de paz, movimento de espírito de homens e mulheres a justificarem a atual fase da vida como renascimento. A projeção e identificação na vida de Cristo transpõem a realidade impessoal, de todos serem tratados com o mesmo cuidado, para a particularidade do plano religioso, com o intuito de assim reencontrar a identidade. A cada 15 dias, na celebração religiosa da capela, essa relação é renovada pela fé.

Estar no asilo não é significado da morte social do homem. Mas um momento de entender e restaurar o espírito e construir então novas referências para os vivos, muitas vezes distantes, porém vigilantes olhares de familiares e amigos do outro lado do portão. Há algo mais importante do que estabelecer meramente sintonia com o renascimento, sentimento também proposto pelas contadoras de histórias. Exatamente pelo fato de a morte física parecer e se fazer tão próxima, com a certeza de o próximo dia poder ser o último, a vida toma outro sentido. Encontra-se a alegria e a tristeza no mesmo espaço e tempo.

Os depoimentos dos sujeitos desta pesquisa, residentes na Casa de Deus, reafirmam a mudança na relação do tempo como ponto essencial para analisar a própria vida. O fato de estarem mergulhados no asilo instiga a considerar os anos da vida com mais rigor. Há a fadiga do mea culpa, liberada nos testemunhos de um passado no qual encontra ações que poderiam ser modificadas, ter tomado outro rumo, mas o tempo, agora, é outro. E na mesma velocidade que o impulsiona a transgredir os atos deflagrados naquela época, sem sucesso no passado, é, com efeito, suficiente para repensar o rumo da história do presente, já que os velhos tomam com intensidade o tempo apresentado em sua rotina.

É nessa retomada de tempo, para explicar a fadiga do cotidiano, que o velho nutre forças para denunciar as articulações empreendidas, para expressar o silêncio, a dor, o sorriso, a experiência vivida. A força do cotidiano, desfigurada como rotina e, portanto, considerada em algumas análises como obstáculo para entender a construção do sujeito, é retomada pelo velho na

narrativa. Não se trata de salto: antes estava do lado dos transeuntes, agora os cumprimenta por detrás do portão. Essa distância analítica fere o sentido de construção do sujeito e abre as possibilidades de vingar o estereótipo, a representação como mediadora do diálogo. Porque na medida em que o diálogo é estruturado na representação está-se diante da violência. Essa é a dupla morte do velho: trazê-lo a vida não pelo mergulho em sua construção de identidade, mas por forçá-lo a assumir outra personalidade na qual a própria experiência vivida se torna marginalizada.

Cada velho ao entrar na Casa de Deus Lar Betel tem registrado de forma sucinta a história de vida em uma ficha cadastral. Pela primeira vez, narram a história de vida como condição para fazer parte da instituição. Nada é registrado de sua infância. A delimitação da ficha é sobre a profissão, o trabalho desenvolvido já na fase adulta, e o motivo de estar agora trancando o portão do lado de dentro. Os desafios da infância, da adolescência, desse tempo de vivenciar a rotina são excluídos do dado oficial. Até porque todo o processo de cadastro está vinculado à problemática da fase adulta e às dores do corpo. Entretanto, é só depois de os dias se seguirem, quando a rotina então revela o dilema a perturbar o espírito de cada velho, é que se identificam as dores da alma.

A diretora Ivone fala sobre os problemas como “fardo que eles trazem e não conseguem se libertar”. Por isso a função dos profissionais é curar essa ferida.

“Tem alguns que vivem bem com a vida. Bem com a vida, são felizes. Ah! Mas isso, mesmo os jovens a gente percebe isso. Uns sabem lidar mais com as suas frustrações do que outro. Ah! Tem pessoas que sofrem com as suas frustrações e ela se deprime, se revolta. E outras conseguem pela personalidade, temperamento, dar a volta por cima. E começar de novo. Agora tem alguns que eu vejo que arrastam pela vida toda”. (Ivone Costa, Entrevista:02/2006)

Aprender a lidar com as frustrações não deve ser atributo somente dos velhos. Como salienta a diretora Ivone, esse saber entender os dilemas vividos na juventude e conseguir romper

com a couraça é um desafio na tarefa de construção de ser humano. Eis aqui o argumento contundente de Walter Benjamin (1993) para orientar essa discussão. Ao analisar **Em Busca do Tempo Perdido**, de Proust, Benjamin expressa que esse trabalho é a tentativa interminável de galvanizar toda uma vida humana com o máximo de consciência. “Ele (Proust) está convencido da verdade de que não temos tempo de viver os verdadeiros dramas da existência que nos é destinada. É isso que nos faz envelhecer, e nada mais. As rugas e dobras do rosto são as inscrições deixadas pelas grandes paixões, pelos vícios, pelas intuições que nos falaram, sem que nada percebêssemos, porque nós, os proprietários, não estávamos em casa”. (BENJAMIN, 1993:46).

Utilizei esse trecho na dissertação de mestrado durante o capítulo em que fazia análise da peça **Donana**. A frase da velha septuagenária no decorrer do espetáculo é perturbadora: a lucidez só me vem no momento em que perco a consciência. Transcrevo o parágrafo desta análise para entender a linha da discussão.

*“Eis o que está implícito nesse brado de **Donana**, no momento em que tem a lucidez, mas perde a consciência. Ela está lúcida no presente de que não vivenciou os verdadeiros dramas da sua existência. Onde estava o proprietário quando as “reais” coisas aconteciam? A resposta parece estar clara: em busca da aparência – mesmo inconsciente -, de um reconhecimento social no qual o seu ser hoje não reconhece. E ao se reencontrar no hoje, também não se torna possível mais falar de que ela vivencia o presente. **Donana**, traída e abandonada, lúcida de que não viveu e, portanto, não se dimensiona como sujeito de sua própria vida, não consegue mais encontrar na memória a sua continuidade histórica”. (SOUSA, 2003:85).*

Não temos tempo para viver os dramas da existência humana e são esses dilemas não resolvidos a assaltar os velhos agora no tempo do asilo. A trajetória da vida poderia ser diferente. Por quê se seguiu desta forma? Uma análise estrutural teria a função de elucidar o momento em que o sujeito passou a ser objeto de sua própria vida. Parte-se de uma lógica: já que o viver a existência é o sentido de estar na realidade, delegar ou adiar esse ato é anular-se diante de outra

ação. Portanto, situa-se no ato de violência de um sistema a agir com proveito da passividade do sujeito, agora como objeto.

Há outra alternativa para entender o estado de sofrimento do velho no ato de transgredir o tempo passado agora no asilo. Se os verdadeiros dramas da existência não foram vivenciados à flor da pele, nem sempre é correto dizer que o sujeito permaneceu durante todo esse período distraído para a realidade. Muitas vezes, essa atitude de deixar de enfrentar determinado fato é porque o sujeito estava ocupado em responder ao ocorrido no passado recente a esse presente. Os problemas eram conhecidos, porém dividia a personalidade do indivíduo com a reação à outra situação vivenciada em sua história. Aproxima-se muito da afirmação de Freud: a história do homem é a história de sua repressão. Mas temos de superar esse contexto conceitual para entender a aflição do sujeito no presente.

Retornamos então a frase da diretora Ivone para entender esse dilema. Não é só os velhos, mesmo os jovens não conseguem superar essa frustração. A repressão incondicionada dos pais, a agressividade do marido, o término do namoro por causa de ciúme bobo, a ajuda financeira aos irmãos por imposição da mãe, seguido do calote deles quando mais precisava, são problemas a invadir o cotidiano e tomar o sentido do jovem. Negar ser isto uma forma de existir é impor ilusoriamente que a construção de identidade do sujeito é realizada no mar de tranqüilidade, cuja única surpresa é antecipar o tão proclamado estado de felicidade. Então é lá no cotidiano, no mergulho da rotina estabelecida, neste espaço e tempo em que o homem tem de responder ao que lhe aconteceu, imaginar caminhos, que é preciso encontrar o sentido do viver.

Ele tem consciência do que o aflige no presente e traça a perspectiva do futuro. Mas a lucidez de como a realidade pode tomar outro rumo se deflora nesse momento onde tem de preencher a ficha cadastral. Tem-se a sensação de tudo ter passado rápido demais. Entretanto, a síntese de quem eu sou, na declaração documental do asilo, não mapeia o mínimo do progresso

desse viver. Assim como a vida levada pelo sujeito, como resposta ao acontecido no passado, está distante do significado de viver os verdadeiros dramas da existência. E como nos elucida Proust: é isso que nos envelhece.

Ninguém planeja terminar a vida no asilo. Da mesma forma é engano afirmar que tudo acontece de repente, numa espécie de síntese de uma vida de 60, 70 anos. O caminho é longo. A estratégia é mergulhar no cotidiano, nos dilemas vivenciados pelo velho e entender o processo que o conduziu ao atual quadro. Ao ler a ficha cadastral de Fábio Inácio, a diretora Ivone conta que ele “entrou no dia 3 de abril de 1995. É um senhor calmo e lúcido. Veio para o lar mesmo sem idade porque queria ter convivência com mais pessoas. Viveu muito tempo no sítio e muito só. É um idoso bom no relacionamento com os demais. Esta conhecida, Ivani, o visita como se fosse parente”. E complementa: “É o que eu contei pra você, é o que esta Ivani conta. Que ele trabalhou, que a sogra pediu pra ela cuidar dele. A Ivani que me passou esta história do Seu Fábio”. (Ivone Costa, Entrevista: 02/2006)

A justificativa descrita na ficha cadastral rompe com o primeiro estereótipo apontado no asilo. Fábio Inácio, negro nascido em Piracicaba no dia do trabalho do ano de 1938, tomou o rumo de bater na porta da Casa de Deus porque se sentia só. A solidão como opressora de um sujeito pobre, trabalhador rural, e que pelos rumos da vida chegou a uma problemática: o indivíduo não nasceu para viver sozinho. Soa como paradoxo ele ter definido encontrar caminho para resolver esse dilema, justamente no asilo, instituição marcada pelo isolamento social do velho, a dupla morte do qual se apontou acima.

A pergunta ainda roda: como buscar solução para o sentir só na sociedade, no espaço do asilo? O sujeito é dono de seu ato quando abre somente uma alternativa para prosseguir a vida? Em uma realidade onde os meios disseminam o reino da Terceira Idade não soa como incoerente essa busca de convivência social justamente no asilo? Cada pessoa responde ao ocorrido em sua

vida de acordo com suas possibilidades, suas perspectivas do futuro, situação econômica e capital cultural. A cada decisão, o outro espaço e tempo no qual se decide prosseguir a luta do cotidiano, a personalidade e o caminho de construir a identidade se estruturam de forma oposta à realidade anterior.

Por isso, é imprescindível conhecer o mínimo da história do sujeito antes de afirmar sobre sua identidade e o porquê ele assim está atualmente. O presente está de forma tão intrínseco ao passado. É ilusório acreditar que a problemática se esvai, com tal velocidade a ponto de o sujeito não “perder” mais tempo com isso. Os ventos passados ainda rodam o moinho da vida. Sobre o sentimento de felicidade vivenciados no passado e no presente Fábio Inácio responde afirmativamente, com enfático sim. “Eu sempre fui muito feliz porque a gente tinha os pais, tinha a mãe, tinha os irmãos, e a gente passou um momento muito feliz, contente, graças a Deus, né. Que...nada dificuldade na vida não teve, né. Pelo menos o que eu alembro, né. Eu gostava muito dessa vida assim.” (Fábio Inácio, Entrevista: 01/2006).

A felicidade está na socialização, nessa convivência mesmo harmoniosa ou tensa com a família. Os problemas eram superados sempre em coletivo. Com essa descrição é possível defrontar com o dilema de Fábio Inácio no estado de solidão no sítio onde viveu por longos anos. A lembrança do período da vida em que todos dividiam a casa. Mesmo há uma década de convivência no asilo, a dor da alma é retirada do movimento interior para ser compartilhada como testemunho. “É, tem uns momentos que a gente sente um pouco de falta. Mas, como diz, o que passou já não, este não deve marcar. Então a gente deve continuar a vida, como se diz, daqui pra frente. Nada do que foi lá atrás não deve por no papel, nem no pensamento”. (Fábio Inácio, Entrevista: 01/2006).

Evitar que determinadas lembranças venham à tona, a invadir o cotidiano do qual se procura avançar, é um desejo do sujeito fadado sempre ao fracasso. Mesmo que não se descreva

no papel e evite pensar, em algum momento da vida, quando mais o sujeito estiver “distraído”, despreocupado em se defender, ele é assaltado pela lembrança do passado. É um golpe inevitável no qual ele se vê diante do paradoxo: esquecer tudo, mantido num passado aparentemente estático, e seguir a vida; ou enfrentar esse dilema em toda a sua plenitude, com o sentimento de riso e lágrima, nesse passado sempre em movimento no presente. As conseqüências de um ou outro ato têm pesos diferentes.

Na primeira atitude, a crise vivida pelo sujeito é convidada a participar sazonalmente da realidade. A cada impasse, a cada sorriso ou lágrima enfrentada na realidade, ela se apresenta a demonstrar o estado de superação ou demarca o “regresso”. Bem diferente é a outra atitude: a crise vivenciada em toda profundidade, sem a pressa de ser resolvida num passe de mágica, da noite para o dia, passa a ser a essência do sujeito em construção de identidade. Ele pode até mudar a forma de se relacionar com as pessoas, mas não será como o círculo vicioso de estar sempre respondendo ao que lhe acontece no recente passado.

Da característica de ser homem nervoso, Fábio Inácio é reconhecido agora como calmo e lúcido. O homem que entrou no asilo porque viveu muito tempo só agora é referência de solidariedade e socialização. Primeiro é preciso entender o contexto de vida de Fábio Inácio no trabalho com o patrão, situação última vivenciada do lado de fora do portão. E, por sinal, relato no qual se apóia o entendimento dos motivos levados à decisão de entrar no asilo.

A morte do patrão mudou os rumos da vida de Fábio Inácio. O trabalho no sítio consistia em tirar leite, buscar prato, limpar cocheira e o terreiro. Sem contar o suor no esforço de cortar e carregar cana em caminhão. Tudo feito com a força física, sem a interferência da máquina. Era o tempo bom do trabalho, mesmo com o salário “pouco” de R\$ 150 por mês. A relação com a realidade, agora calma e próxima da amizade do patrão consistia no estado de segurança: Fábio “tinha o meu quartinho, tinha o meu banheiro”. Mas os longos anos de relação se desgastaram

com a morte do patrão e com o benefício da aposentadoria que passou a receber. A patroa então não queria mais pagar o salário. E é nesse impasse de desvalorização da mão de obra, que o sentimento de solidão encontra tempo e espaço para proliferar.

A segurança do trabalho, no qual poderia usufruir da propriedade, mesmo simples, se desfaz. “Então eu fiquei desacomodado da vida, falei: mas como é que a gente vai fazer, né. Agora trabalhar assim de graça para a senhora eu não trabalho né. Porque se eu trabalho eu preciso ganhar também o meu ordenado”. (Fábio Inácio, Entrevista: 01/2006) Aos 58 anos, no ano de 1996, Fábio teve de decidir encontrar outro espaço para prosseguir a vida. A ajuda veio da família do patrão, especificamente da nora Ivani para quem fez o apelo: “Será que você não arrumaria um lugar melhor para eu poder ficar? Porque acho que com sua sogra não dá mais pra ficar porque...ela não quer pagar o meu ordenado e de graça não posso trabalhar, né”. (Fábio Inácio, Entrevista: 01/2006).

Pela segunda vez Fábio Inácio se deparava com o estado de solidão, esse estado perturbador no qual ficará depois quieto, no asilo, com a morte do companheiro do quarto. A primeira com a perda do pai e da mãe e o afastamento dos irmãos. Como é possível ter esse estado de sentimento, de solidão, em uma família de mais ou menos sete irmãos? A explicação, embora possa justificar o sentimento de Fábio, abre dúvidas do momento em que se instaura esse problema social: com o tempo, todos os irmãos foram casando. O solteiro Fábio Inácio, que cuidou da mãe até os 85 anos, ao se deparar na casa sozinho, tomou a decisão de vender todos os móveis e se mudar para a casa do patrão, no sítio.

A distância entre a morte do pai, quando tinha 16 anos, e da mãe é o tempo cotidiano em que ele luta para sobreviver e aos poucos reage ao que lhe acontece. Um a um dos irmãos sai de casa. A falta de realização no trabalho, quando jovem, lhe faz lembrar como era nervoso. Havia

forte desejo de mudar a vida, como prova de sucesso, mas por razões múltiplas era como se o destino estivesse pondo sempre a prova, com negativas e mais negativas.

O homem a bater na porta do asilo, aos 58 anos, é diferente do da juventude. Há um estado de lucidez de agora entender tudo o que tentou na juventude para melhorar a vida. Quantas vezes, quantas noites o pensamento permaneceu firme no propósito de ter dias melhores, de conseguir uma coisa melhor. Mas não dava certo. E com isso os fatos iam se sucedendo em meio ao nervosismo. “É porque quando eu trabalhava assim eu era um pouquinho nervoso. Eu era muito nervoso, eu não tinha muita paciência. Qualquer coisa já estourava a bomba. E depois que eu mudei pra cá, então, parece...que o silêncio do cego se acomodou. Não tenho mais aquele nervosismo, aquela coisa”. (Fábio Inácio, Entrevista: 01/2006) A lucidez só me vem no momento em que perco a consciência.

Para quem passa do lado da rua, Fábio Inácio ganha automaticamente a representação do velho agora inserido no asilo e, portanto, solitário. E não soa estranho esse quadro atingir tamanha relevância porque a história do sujeito é destituída de sentido. Quantos sabem da história de Fábio Inácio no asilo? Ele mesmo confidencia: ninguém. Ao entrar no asilo a pessoa precisa ultrapassar outro obstáculo: como interpretar essa dissociação social de entender o asilo como abandono, quando o distanciamento se efetiva na forma em que a sociedade se organiza? É como se a solidão fosse levada a testemunhar sobre a diluição do espaço onde atua e como se apropria agora do tempo como existência do sujeito. E aí está o sentido de renomear o hospital geral de Casa de Deus.

A solidão não é um estado de sentimento exclusivo do solteiro. Pior do que se lastimar com a oportunidade perdida de ter trocado alianças no altar, é viver a dor de esse passo realizado ser a desfiguração do estado de paz, o início do tormento do qual se pretendeu estar excluído com o sim no casamento. Judith Nalim decidiu por conta própria a entrada no asilo. Como toda a

decisão existencial, não foi fácil, muito menos sem pesar a tristeza a girar como círculo vicioso do qual parecia destinada a permanecer, até extinguir sua vida. Não disse estar desacomodada; porém cansada.

No “tempo em que ainda se casava de verdade”, no cumprimento de ser um ato a valer por toda a vida, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, Judith disse sim e encontrou o tormento. O homem todo sorridente que havia conhecido na quitanda, durante as compras com a patroa, no primeiro dia em que agora era um só corpo e uma só alma lhe fez um desafio. Uma frase disparada, estereotipada, da qual Judith repete ainda hoje com angústia. “Agora eu tenho uma mulher pra cuidar de mim e uma casa pra mim morar”. (Judith Nalin, Entrevista:02/2006) Soou mais como ofensa o desabafo do marido. O sempre sorridente começou a beber e fumar. E diante do sofrimento, desencantada com o homem, Judith encontrou o significado de viver dia após dia.

“Deus mandava eu ficar quieta. Que um dia o Senhor tiraria ele de casa. E eu fui ficando quieta. O Senhor falou que a minha prova com ele era de 20 anos. Apanhando, machucando; dava nos meninos. Que ele falava que até não ver sangue ele não se contentava. Machucava mesmo”. (Judith, Entrevista: 02/2006). Durante esse período, trabalhou como empregada doméstica para alimentar os filhos nascidos do casamento. Depois de 19 anos de relacionamento tenso, agressivo, de lamento, de uma alegria envolta com tristeza, Deus atendeu ao seu pedido: o marido decidiu ir embora da casa. A prova de resistência acabou.

Não é só o fato de ser evangélica, da Congregação Cristã, a explicação de o porquê Judith vincula esse sofrimento como prova de religiosidade. A tristeza vem desde a forma de relação cultivada com os pais, num estado de privação. Até os 27 anos, o trabalho era na roça na função de cortar cana. Uma rotina de acordar de madrugada, passar o dia todo no engenho e só chegar em casa dez horas da noite. Nada de incentivo dos pais, nada indicava o rumo diferente da vida.

A principal consequência de todo esse período hoje vinculado à memória é a dificuldade de dormir. “Eu nunca dormi na vida: o senhor acredita nisto?”. A falta de identificação com a família lhe abriu outra alternativa quando veio vender alimentos na cidade. A possibilidade de trabalhar como empregada doméstica lhe indicava outra perspectiva de futuro, de se retirar do trabalho árduo do engenho.

E é assim que o novo mundo parecia dar outro contorno, agora como empregada, galanteada pelo sorriso de um desconhecido na quitanda. A felicidade parecia estar ao seu lado. Esses 19 anos de casamento, entremeados de esperança, falta de perspectiva e luta para construir sentido no cotidiano, lhe deram serenidade para prosseguir o caminho. Quando novamente sentiu a felicidade a acompanhá-la, Judith estava só com os filhos. Mas a sequência de golpes desferidos no relacionamento com os três, lhe conduziria a buscar paz na Casa de Deus.

A morte do filho pelo qual tanto sentia orgulho, ainda jovem, a saída de casa do outro, e a difícil convivência por causa do gênio da filha. Uma decisão em busca da independência. “Eu que resolvi vim. Cansei. Meu filho, casado. Minha filha é gênio muito pesado. Ela não tem amor, ela só quer dinheiro, dinheiro. Ela não liga muito pra trabalhar. Tem faculdade, tem tudo, mas ela não gosta de trabalhar. Então ela fica criticando a gente e eu acabei vendo que aquilo não dava mais. Eu não queria ficar discutindo, brigando porque é feio”. (Judith Nalim, Entrevista: 02/2006)

A filha até tentou impedir a entrada da mãe, sem sucesso. No asilo, Judith encontrou a paz, o sossego do qual ficou privada durante o relacionamento social. Essa paz, esse sossego seguro de poder então só descobrir na menopausa o que é dormir e ter alguma atividade para dar sentido ao cotidiano. O tempo deixa de ser violentado a qualquer momento e volta a ser momento do próprio sujeito. Mesmo em um espaço como o asilo onde o sentido da tranquilidade está atrelado ao fato de tudo ter o seu horário. Engana-se que a descendente de italianos encare a vida agora como trauma. As angústias e medos compartilham a memória, mas a suposta

passividade da qual relutou em seu ser desde criança agora se tornou em temperamento forte. Próxima de autoritária, com jeitão meio grotesco.

Esses dados não eliminam o bom relacionamento do qual cultiva na realidade do asilo. Embora o corpo ainda ressinta dos murros na cabeça e nas costas, pontapés na perna, Judith ainda se nutriu do valor do casamento, da amizade, para providenciar a aposentadoria e a casa de repouso para a velhice do marido. Ela se encarregou de tudo pessoalmente. E mesmo diante do dilema com a filha, do gênio forte, nutre a esperança de a menina encontrar um homem que a faça feliz e a fincar os pés na realidade.

Sabe como é pedido de mãe, não! “Seu Agenor Denatti é solteiro e fez vários serviços na vida: foi até cozinheiro e tapeceiro. Lúcido, mora no porão da casa de um dos sete irmãos. Acontece que quer ter o seu caminho, pois seus cunhados e cunhadas não o querem. Ele se sente mal. Vai compartilhar o quarto com mais dois idosos. Feito a avaliação em processo normal Tudo Ok.”. A síntese na ficha cadastral de Agenor Denatti revela a angústia de sua entrada na Casa de Deus,¹⁰ de dezembro, uma semana antes de fazer aniversário. Solteiro, se viu no estado de solidão com a morte dos pais, mesmo sendo o segundo mais velho de uma família de cinco homens e três mulheres.

Há em Agenor sentimento contraditório de solidariedade a misturar com algo próximo de traição, toda vez em que lembra o conselho da mãe para ajudar financeiramente os irmãos. Quem hoje vem visitá-lo na Casa de Deus? Nenhum deles. Esse dilema está presente em suas palavras para expressar o momento mais triste da vida. “Ah! Pra mim foi quando eu fiquei sozinho de tudo. Sabendo que os irmãos pegaram o dinheiro. Pai e mãe falecidos, fiquei sozinho de uma vez. Fazer o quê? Vim pra cá, né. Aqui achei que foi a casa minha”. (Agenor Denatti, Entrevista: 01/2006).

A história de vida de Agenor parece reprodução de Fábio Inácio. Pobre, trabalhou dos 7 aos 27 anos na lavoura de cana. Coube aos cuidados dele a saúde dos pais, enquanto um a um dos irmãos foram casando, deixando a casa, até o ponto de Agenor pronunciar a frase de ter se acostumado a viver sozinho. E foi diante de olhares de terceiros, do administrador do Lar Betel, sobre as dificuldades de um homem viver sozinho somado aos impasses de ter de conduzir a vida nessa situação, que o convidaram a entrar no Lar Betel. Não se trata de uma decisão fácil, ainda mais quando se fala de uma família tão grande. A necessidade de encontrar caminho, sentido para vida, tinha de superar o sentimento de rejeição dos cunhados.

É importante esclarecer que ter dificuldades de viver só na sociedade não é significativo de ter os mesmos problemas ao viver em comunidade no asilo. E assim o homem rejeitado, por trás do portão, mostrou seu dote de repentista, um sujeito que adora fazer versos e declamar poesia. “Você dá um tema pra ele, ele desenvolve o tema. Ou às vezes ele olha pra pessoa e fala, descreve a pessoa. Ele é muito engraçado”. (Ivone Costa, Entrevista: 02/2006) O nervosismo do lado de fora do portão por causa do problema de saúde, problema cerebral, do qual tem até hoje de tomar remédio, permanece como parte da personalidade. Atualmente ele é mais prosa e brincalhão. E não se esquivou de assumir a responsabilidade pela portaria.

Era Agenor quem nas visitas de sábado e domingo abria e fechava os portões, sem deixar dúvidas para qualquer atitude que pudesse transgredir a rotina em que todos estavam inseridos. Talvez por isso ressinta com mais gravidade o fato de nunca ter aberto o portão para qualquer irmão visitá-lo. É uma dupla traição: a primeira, financeira; a segunda, de sentimento. Parte do dinheiro reservado e acumulado da mensalidade recebida por Agenor fora “emprestado” para o irmão mais novo conseguir se reerguer depois do incêndio na tapeçaria.

“E minha mãe falou: ajuda eles aí. Que se você ajudar, ajudar outro a comprar caminhão pra começar, pro outro que tomava conta, mais novo, que morava junto comigo, já havia cinco filhos crianças, cinco

menininhas. E minha mãe falava: ajude, depois ele dá, né. Ajude, depois ele dá. Até hoje nem veio visitar aqui. De tudo o favor que eu fiz, nem visitar aqui ele veio. Mas eu não faço conta. Já fui na casa dele, passeio lá de domingo de vez em quando". (Agenor Denatti, Entrevista:01/2006)

A segunda lembrança de prejuízo financeiro foi com o marido da irmã. "Uma irmã, que tem uma loja no centro da cidade...Apesar que o ex-marido dela, ela se separou também, era descendente, ele veio do Líbano, é turco, ele veio conversando que precisa pagar o imposto da loja e me enganou também. Que precisa de um dinheirinho para pagar imposto da loja e a mãe, sabe como é, né, mãe é mãe, né. Ela fala: pague, depois ele dá. Dê o dinheiro pra ele, depois ele arruma, depois dá pra irmã. Foi e comprou uns cinco carros com o dinheiro que eu dei. Disse que era para pagar imposto da loja e pagou os 5 carros, cinco Brasília". (Agenor Denatti, Entrevista: 01/2006)

Já faz mais de duas décadas que todos esses episódios aconteceram na vida de Agenor Denatti. Agora, mergulhado no asilo, ele responde ao que lhe acontece. A vida tem de ser uma composição, uma rima, sem deixar o outro determinar o ritmo, a duração e principalmente o momento em que se deve cantar a realidade. Por isso, mais do que as histórias contadas nos encontros quinzenais, Agenor destaca a moda de viola como principal referência para se animar no asilo. Essas canções antigas, ainda ouvidas no radinho, transportam o sujeito, pela memória, a refletir a vida como era no passado, ao próprio contexto da cidade atravessada pelo rio de Piracicaba. E a cultura popular, ora inserida como parte da transmissão pelo meio massivo, o rádio, ora disseminada na relação interpessoal das contadoras de histórias, se mantém com forças para sustentar o significado da experiência do sujeito.

Essa prática de repentista, é claro, não aflorou no momento da entrada do asilo. Ela pertence à própria construção do sujeito e se constitui num valor importante para o homem compor a vida. Causa então uma interrogativa entender por quê esse valor, tão afirmativo para a

sua socialização no asilo, é ofuscado no depoimento sobre a história de vida pela resolução financeira.

Nem a forte crise deixando-a internada na enfermaria rompeu com a maneira de Marina de Faria se relacionar com outros velhos. Ao me conduzir de mãos dadas, cama após cama, como relatado no primeiro capítulo, ela somente repetiu o ato matutino quando estava em plena saúde. “Todo dia de manhã ela ia para a enfermaria e orava um por um, punha a mão na cabeça, abençoava, ministrava saúde” (Ivone Costa, Entrevista: 02/2006) O apoio espiritual às pessoas necessitadas traduz o seu papel de missionária e professora. A aposentadoria aliada ao manifesto de ser independente determinou a ida ao asilo. Solteira, aos 58 anos, cumpriu o destino que não lhe era estranho na vida. A mãe, anos atrás, também havia passado pelo Lar Betel. Esse passo está distante de ser algo no vazio, mas a busca de segurança e identificação por onde abrigou alguém tão próximo.

A rotina de pregação, de anunciar a esperança para cada asilado se confunde com a memória do passado. Período em que ministrava aulas e contava histórias para os seus alunos. Está entre as tarefas difíceis para quem mergulha no asilo se desvincular de um passado do qual se orgulha ter vivido com tamanha intensidade. A evangelista pregava, ministrava curso e sentava com os alunos para contar histórias e mais histórias. Nem precisa acrescentar aqui os efeitos da proposta das contadoras de histórias sobre o sentido de vida de Marina de Faria. Cada vez que ela participa do mundo encantado da tia Carmelina, a mente se desloca no espaço e tempo onde era convidada a se manifestar.

Essa forma de dedicação espiritual pelo qual se doa aos seus amigos é uma espécie de transferência, de vivenciar o passado com a mesma força do presente. Mesmo debilitada, sentada no sofá da enfermaria, ela se levanta para abençoar cada um dos enfermos. A situação de aposentada pode se referir ao trabalho desenvolvido na roça e em seguida na fábrica. Eram

atividades de que Marina tem consciência de não ter mais força para desenvolvê-las. Não é o caso do magistério e do ser missionária. A capacidade intelectual e espiritual de incentivar os alunos a prosseguir o caminho do esclarecimento e o olhar para a infância ser vivenciada na palavra de Jesus estão penetrados em sua identidade. E Marina canta, em meio ao silêncio da enfermaria: “Jesus Cristo, Jesus Cristo eu estou aqui”.

Poder-se-ia questionar nesse ponto a metodologia de relatar a história de vida dos velhos antes e depois de entrar no asilo. Esse relato não dá conta da totalidade da vida do sujeito e por isso recairia na mesma fragmentação da qual se pretende fugir ou, pelo menos, se critica nesta tese. É preciso esclarecer a proposta da pesquisa de ultrapassar o fragmento da ficha cadastral para mergulhar nas contradições e impasses da vida construída em uma realidade pobre, alimentado com sonho de progresso como prova social. E embora o caminho a ser percorrido pudesse ser visto de forma clara, a conquista encontrou obstáculos nos quais hoje a memória se detém mais longamente.

Por quê Agenor Denatti não descreve as rimas feitas durante a juventude? Parece correto entender o momento do testemunho, de ser mais importante ele esclarecer ao pesquisador as forças determinantes que o trouxeram ao asilo, do que descrever os valores, essas potencialidades que todos vamos descobrindo no decorrer da vida. Cabe saber o uso que fazemos dessas descobertas: para alguns, elas se tornam a própria vida; outros desenvolvem algumas potencialidades, mas elas ficam como segundo plano na vida. Infelizmente, para boa parte das pessoas, como pude perceber num encontro de jovens do qual fui palestrante, essas potencialidades são consideradas parte de ilusão da vida, renegadas para direcionar todas as forças no sucesso da vida no presente, entenda-se profissional. Somente diante da crise é que poucos descobrem que a vida é imensa para se encaixar no espaço profissional. E a forma como você é encarado socialmente pelo aspecto profissional, embora tenha significado na vida, nem

sempre se mantém quando você está fora dele. E assim se pergunta sobre outros valores e o sujeito está tão distante de entender a potencialidade que o assaltou por longos anos.

Há outra justificativa do emprego desta metodologia. Logo adiante, neste capítulo, a análise sobre o processo de comunicação entre os velhos e as contadoras de história terá de ser feita com base na história de vida. Principalmente diante do discurso de a importância do trabalho voluntário das contadoras ser resgatar a infância de cada sujeito. Para isso é preciso saber os motivos e problemas vivenciados pelo velho e conseguir dissociar o momento em que a representação do velho no asilo substitui a construção de realidade de cada um dos sujeitos da pesquisa neste espaço.

Outros quatro participantes têm de ser citados para ser possível entender os sujeitos ouvintes e constantemente presentes nos encontros de contar histórias. Eles deveriam ser entrevistados, mas por razões a serem justificadas logo abaixo será possível entender as dificuldades e impossibilidades. O primeiro é José Rizzioli, o mais extrovertido de todo o grupo, a interromper diversas histórias e a cantar sem parar. José decidiu por conta própria entrar no asilo e provocou surpresa nos três filhos. O motivo: não querer mais incomodar ninguém. Anos atrás ele havia tomado contato com o Lar Betel quando veio tocar para as festinhas. Mas aquele momento em que o portão se abriu, ele não estava com instrumento.

Era somente a vida, agora de um homem só, que se fez encarregado de disseminar e tocar para outros a experiência de vida. E como cantou, brincou e reclamou. Ao contrário de muitos do lar Betel, José recebia visita regularmente dos filhos, com direito a ter até geladeira no quarto, sempre com surpresas guardadas pela filha. As visitas dos filhos se intensificavam mais quando ficava doente. Era um homem só, porém não poderia ser traduzido com falta de carinho dos filhos. A imagem de José Rizzioli é de um homem sempre alegre, cantando, assobiando e muito

receptivo. Era o companheiro de várias mulheres do asilo quando decidiam ir ao centro da cidade para fazer compras.

Esse companheiro, vítima de derrame, faleceu durante esta pesquisa de doutorado. Estava internado em estado de coma quando o procurei na semana seguinte para entrevistá-lo. O silêncio perturbador dos amigos, enquanto a luta era travada na UTI, contrastava a alegria que enunciava. A memória do pesquisador não pode ser separada, como algo estranho, da memória dos outros sujeitos da pesquisa. E José Rizzioli não conseguiu escapar desta vez.

A Cidinha, Aparecida de Oliveira Franco Nascimento, foi levada pelas filhas ao asilo depois de constatarem que a mãe não tinha mais condições de viver sozinha. Havia se tornado viúva. Como as filhas trabalhavam fora, ficou arriscado deixá-la em casa. Também, como José Rizzioli, faz parte do grupo de velhos que fogem da máxima de que sujeito no asilo significa abandono pela família. Cidinha gosta de passear, de estar junto das pessoas, e não raro recebe visitas de parentes para levá-la para festas. É uma mulher assídua das rodas das contadoras de história e a que mais procura encontrar detalhes na memória para pronunciar o testemunho. Não é raro durante os encontros ela expressar sobre as dificuldades de lembrar dos períodos da vida. E foi exatamente pela música, em um desses encontros, que ela se sentiu feliz por poder cantar a música do coqueiro. Todos sabem que ela hoje tem o mal de Alzheimer, o que não repulsa as gargalhadas e entonações expressas ao longo do tempo da história narrada pelas contadoras. No período da entrevista, Cidinha estava com esse processo avançado e sempre mal. Tinha medo de dar entrevista pelo nível do esquecimento.

Mesma instabilidade emocional tem a Isaura Bassan Granzotto, nascida em 06 de julho de 1938. A simples menção da possibilidade de entrevistá-la à tarde estragou o seu almoço. De período em período, entre um bocado e outro, ela olhava pra trás, onde estava sentado, e num gesto brusco mostrava a impaciência. Mesmo com todo cuidado para mostrar tranquilidade,

Isaura começou a tremer na mesa. E parou o almoço no meio para me chamar e perguntar sobre o que seria essa entrevista. Conversei com ela e, com a personalidade conhecida, disse que não queria, de forma nervosa. “Ela é uma pessoa de difícil relacionamento, tem um comportamento às vezes muito infantil. Se ela não gosta de uma coisa, ela não é capaz de falar: Ah!, não quero isso. Ela acaba chorando ou gritando. Bate a caneca”, (Ivone Costa, Entrevista: 02/2006)

A vida de Isaura é semelhante economicamente aos outros entrevistados. De família pobre, casada, Isaura trabalhava junto do marido na atividade de cortar cana na roça. O problema começou quando se tornou viúva. Porém foi o conjunto de fatores que a conduziu a bater no portão do Lar Betel. Primeiro a debilidade na coluna, o que lhe exigia cuidados. A residência ideal para ficar era a da cunhada, não fosse pelo motivo de naquele período a cunhada ter de cuidar do marido doente. Sem condições de cuidar dos dois, Isaura foi levada a preencher a ficha cadastral. E inserida no asilo, ela revelou o temperamento forte sempre nutrido pela instabilidade.

“Tem dias que ela está super alegre. Risonha. Você conversa com ela, ela acha graça em tudo. Mas não é o normal dela. O normal dela é estar mais zangada, mais aborrecida”. (Ivone Costa, Entrevista: 02/2006). A cunhada a visita regularmente e atende os gostos dela trazendo jóias, pulseiras, anel, colar, brinco e até remédios quando é necessário. E desta forma Isaura se apresenta nas rodas de contar histórias. Normalmente com o mau humor, e repentinamente achando graça de tudo. E como numa incógnita, a mulher que carrega um saquinho, pendurado no andador, com pão, salgadinho e pipoca, se expressa de acordo com o estado de espírito.

Surpresa é também entrar no mundo vivido por Inês Gioconda Torres Rodrigues, a Inesinha como é conhecida. Aos 87 anos, sendo desses 25 no Lar Betel, Inesinha começou a se fechar em sua realidade no mesmo ritmo do assalto da surdez. Hoje conversa pouco. A magreza exibida e o fato de ser fumante contrasta com o ótimo estado de saúde: sem pressão alta, sem diabetes, sem colesterol. No período em que a força física permitia estar mais em atividade,

Inesinha ajudava na escolha de arroz e batata. Atualmente, o tempo é distribuído pelo bordado e pela leitura de romances, tipo Sabrina. Torna-se extremamente importante entender o fascínio que conduz Inesinha a não perder os encontros de contadores de história. E ela participa da forma como convém, com olhar atento e mergulhado de forma tão ativa. “Bem no meio tem uma linha, ligada ao coração, que sabia dessa história, antes mesmo da canção. Me dá sua mão, dá sua mão”.

2.1 – A EXPRESSÃO DO IRRACIONAL NO COTIDIANO

“O triste não é chorar pelo que fizeste, o triste é chorar pelo que não fizeste”.

Raul Gonçalves Fançosa (residente do Lar Betel)

*Nesse mundo choro a dor
Por uma paixão sem fim
Ninguém conhece a razão
Porque eu choro no mundo assim
Quando lá no céu surgir
Uma peregrina flor
Pois todos devem saber
Que a sorte me tirou
Foi de uma grande dor*

*Lá no céu
Junto a Deus
Em silêncio minha alma descansa
E na terra
Todos cantam.
Eu lamento minha desventura
Dessa pobre dor.*

*Ninguém me diz
Que sofreu tanto assim.
Essa dor que me consome
Não posso viver.
Quero morrer
Vou partir para bem longe daqui
Já que a sorte não quis
Me fazer feliz.
(SAUDADE DE MATÃO)
(autoria: Raul Torres – Jorge Galati)*

“Neste mundo choro a dor, por uma paixão sem fim. Ninguém conhece a razão porque eu choro no mundo assim”. Saudade de Matão, na voz de Tonico e Tinoco. A valsa, cantada e repetida durante o 5º encontro, do dia 29 de setembro de 2005, de contadores de histórias na Casa de Deus – Lar Betel, não tem como desvincular ou se esquivar de entender como testemunho de vida dos velhos. Faz parte do tempo da cultura cultivada no tempo da roça, da música caipira, vivenciada como expressão popular. O trecho iniciado acima indica uma dor a confundir com

estado de paixão, que se consome por anos num presente a espera de encontrar alguém para ouvir o segredo guardado, do qual não se planejou ter mantido a sete chaves.

Ninguém ou poucos conhecem a história de vida de cada velho no asilo. Porém, há momentos em que a realidade é transfigurada, rasgada por algo tão excepcional a ponto de o tempo e o espaço parecer se extinguir. O sujeito encontra-se com a totalidade do ser para depositar a expectativa no ato expresso. Ele recusa o ser fragmentado ou uniforme do qual a racionalidade da estrutura procura determinar. Não como ato pensado, calculado, mas pelo irracional, pela emoção a extravasar o próprio ser sufocado até então por limites do qual não se reconhece em sua “própria casa”.

A representação do velho inserido no asilo e disseminado pelo meio massivo se confronta em outro território com a cultura popular. A voz, o ato como testemunho, por uma contradição em termos, torna-se resistência. Contradição porque o sujeito não se expressa para atacar o outro, para burlar o planejamento montado para a sua vida. Ele atua movido por um sentimento do qual se torna a razão do viver, destituindo o tempo estático para vivenciar o cotidiano em todas as suas dimensões, sem marginalizar as potencialidades.

A afirmação desta tese é identificar como o irracional, a emoção, a cultura oral como cultura popular se estrutura no interior do espaço racionalizado, cujo projeto de uniformizar o sujeito na totalidade é inconcluso. Há o valor interpretativo de o asilo abrir as portas para a imaginação, ao permitir o trabalho das contadoras de histórias, mesmo com tempo determinado e vigiado por outros residentes para não comprometer o horário de janta. Esse movimento é da rua para a Casa de Deus. Engana-se quem acredite na salvação dos velhos vinda somente do exterior. Embora considere a morte social, ele está vivo, em suas múltiplas potencialidades no interior da estrutura. E a tranquilidade esperada, anunciada como rotina, é perturbada, sem aviso prévio, pelo sentimento perturbador do velho.

“Ninguém me diz, que sofreu tanto assim”. A dor e a paixão não podem ser vivenciadas com a mesma monotonia de medir a pressão, tomar o remédio matinal ou atender de forma automática ao chamado da campainha para o almoço e jantar. Eles irrompem a exigir atuação do homem ou da mulher para experimentar o verdadeiro drama da existência. É por isso que os velhos, mesmo sem receber visita alguma de familiares, são vigiados e devem responder por seus atos. O controle social com característica de super ego define a família do outro lado do portão como proprietária da moral. E a moral se torna substituta da consciência de um velho agora com a lucidez posta em dúvida e já com a consciência perdida. Esses valores da moral familiar nem sempre estão em sintonia com o desejo dos velhos de enfrentar a vida, vivê-la até extinguir essa paixão, tornada dor. O papel da moral é evitar o jogo de interesse, a herança ser distribuída para outro do qual não se sabe realmente a intenção ou mesmo por ciúme considerado hoje como tolo na juventude. A moral valoriza as conseqüências em desprezo ao sujeito.

Entretanto, no momento em que a existência ultrapassa esses limites da moral, sem qualquer remorso de atuar sob essa nova realidade, o sujeito então é surpreendido por si mesmo e surpreende o outro: é a sua forma de agir. Mais do que isso: é o ser em busca da integração. Tudo contraria ao que exteriormente se mostrava estático no estado de vigília. A realidade então se confunde com sonho. Ou, para ser mais exato, passam a integrar o real imaginário. A ordem é subvertida e o ser se entrega, num mergulho, nesse estado profundo.

Como entender a transgressão de Marina de Faria? A missionária, cuja missão é aliviar o espírito dos enfermos, irrompe em uma outra realidade tratada como crise. O ato contradiz o seu estado civil de solteira. E ela subverte a rotina da capela.

“Ela pegou uma toalha rendada que tem lá na sala. Primeiro ela pegou o véu da Terezinha e pôs na cabeça. Que a Terezinha usa véu para orar, da Congregação Cristã do Brasil, tem que por véu na hora de orar. Ela pegou o véu da Terezinha e pôs, e foi lá na Capelinha dizendo que ia se casar. Chegou lá ela viu a toalha da mesa que é rendada e maior, daí ela

trocou: tirou aquele véu e pôs aquela toalha, ficou mais comprida, ficou que nem um vestido, né. E falou, pôs um laço vermelho e falou que estava aguardando o noivo.

Deixa eu perguntar: Quem é o noivo, Marina?

É alguém muito especial.

Não dizia nome. Depois ela falava que era o Airton, que era casada com ele.

Você se casou com ele de papel?

Não, só assim de falando, assim de boca. Só casamos assim de boca, só de compromisso.

Então ela...ficou um tempo falando que o Airton era o marido dela, brigava até com as companheiras de quarto dizendo que...quando alguma falava:

Quem é o seu marido?

Não, o meu marido.

Na cabeça dela passou isso por um tempo. Depois agora, não sei. Você conversou com ela esses dias?” (Ivone Costa, Entrevista: 02/2006)

O depoimento da diretora Ivone aconteceu três semanas após a entrevista de Marina de Faria na enfermaria. Depois de ultrapassar a sensação de surpresa, como ouvinte, sobre a “crise” de Marina de Faria, é preciso considerar o desfecho desse ato, muito além do imediatismo da cura. Não se trata de uma situação que passa pela cabeça e assim, em pouco tempo, volta ao estado de normalidade de outrora. É algo inerente à própria construção da história de vida, nessa difícil tarefa de estabelecer e produzir sentido no cotidiano. E o ato de Marina não pode ser entendido como cisma do casamento, com a figura do noivo representado por funcionários e, portanto, sempre presente na realidade do asilo.

“E tinha filhos toda noite. Toda noite ela falava. E chegava de manhã, ela falava:

Ah, nasceu.

Que dê a criança?

Ah! Não sei, levaram. Estava não sei aonde do berçário.

Na imaginação dela, ela tinha filhos e tudo. Mas isto foi da cabeça dela, ela falava”. (Ivone, entrevista: 02/2006)

Ao expor a imaginação como ato de existência na realidade, Marina é tratada como em estado de crise e internada na enfermaria. Foi nesse processo de transição (ou recuperação) que

ocorreu a entrevista. Pode-se curar as doenças do corpo, mas as dores e paixões que avassalam a alma...Quando a ciência não consegue dar conta, a explicação do mundo então fica por conta da religiosidade. Mas essa imaginação, algo originado e extrapolado da cabeça de Marina de Faria é difícil situar. O parto ininterrupto a cada noite para ter o desejo de poder falar publicamente do nascimento do bebê. Esse desejo incontido de ser o foco de atenção de todos, ao reproduzir o desejo das noivas ao entrar em cada cerimônia. Nota-se que a crise não se situa no abandono ou seqüestro do bebê. E sim nessa articulação casamento-marido-gravidez-mãe-filho que não se completou durante a vida. Para entender parte da realidade vivenciada como contradição interna, a imaginação precisou chegar ao extremo, irromper de tal forma no cotidiano mantido estático, como rotina estrutural, que o tempo, por si só, terá dificuldades de apagar. Como se a “crise” fosse algo separado do sujeito. Ledo engano.

A ferida que sangra a alma de Dona Izolina, aos 84 anos, é a frustração de o preconceito ter sido a causa de perder a oportunidade de viver o grande amor, hoje se sabe, da vida. Izolina mora no apartamento do Lar Betel e conta com emoção o único amor vivenciado quando jovem. Moça simples, operária, se apaixonou por um homem de família rica. A comparação da família do pretendente foi imediata: como pode largar uma namorada professora para ficar com uma operária? Essa realidade não realizada sai do campo do imediato para o imaginário. Soma-se a tentativa frustrada de namoro de D. Izolina nos anos seguintes e chega-se ao quadro atual.

Como seria minha vida? Qual o grau de satisfação como mulher se vivesse essa chance? E o pensamento ganha contornos de angústia e revolta: A felicidade foi retirada do caminho da vida justamente no momento de vivê-la? Quem tem o direito de fazer isso com a vida do outro? Quem responderá essas perguntas? As perguntas não podem ser respondidas. Izolina deixou de casar com o pretendente a namorado. Pior: depois de ele se casar com outra, o homem a procurou e em tom de promessa de vida disse que um dia ia amá-la. E assim, as décadas de distância entre esse

pensamento e o fato se diluem, como se tudo acontecesse naquele momento. O tempo deixa de ter sentido enquanto hierarquia e passado-presente e futuro se encontram.

“Olha que coisa. Por causa da família, os dois não viveram felizes. Que coisa! Então é ...no dia em que ela me contou isso, ela até chorou. Puxa vida, né. Isto que a gente precisa tomar cuidado, né. Quando o seu filho vai namorar. Você pode até orientar, mas as vezes impedir, levar a pessoa a ... Ela não namorou mais com ninguém. Ela disse que até tentou namorar outra pessoa, mas não adiantou. E até hoje ela lembra dele com carinho. E chora. Ela tem 84 anos. Olha que vida. E chora. Eu falo o ser humano é, o que eu posso dizer, ele é complicado. E as coisas, eu observo hoje, você não pode deixar o tempo passar. O tempo passa muito rápido. Hoje eu tenho 58 anos. Mas de eu casar, meus filhos ficar moço, nascer o primeiro neto, foi muito rápido. Muito rápido. Ainda mais o tempo que eu vim pra cá, foi muito rápido. Então eu falo que as vezes a pessoa deixa passar umas coisas na vida e depois não consegue mais voltar. Ele leva pra vida toda aquela frustração. Por quê que não rompeu com a família? Por quê que não rompeu com...? Quando eu vejo ela hoje, ela é uma pessoa que ela imagina que o passado poderia ser diferente. O outro também não foi feliz. Depois de um tempo de casado foi procurá-la e falar que é você a pessoa que eu amo. É frustrante né. E ela aos 84 lembra e chora. É uma ferida que sangra até hoje. É uma ferida que sangra até hoje. Porque é uma coisa que ainda dói pra ela. Ela lembra e ainda dói. Se ela lembrasse como só um fato que aconteceu em minha vida, ela não choraria (se fosse) só fato. Mas dói e então chora. Ela se emocionou.

Ela tem que ser tratada com cuidado. Pra não ficar frustrações.” (Ivone Costa, Entrevista: 02/2006)

D. Izolina imagina o passado com a mesma intensidade de testemunhar o desejo de dilacerar o presente e vinculá-lo ao sentido da vida da qual agora toma nas mãos. E a emoção se dissocia da mera lembrança. Não se trata de mais um fato do qual se fala. É a minha vida. A culpa, se é que existe, não pode ser atribuída somente ao preconceito, porque os sujeitos não tiveram coragem de assumir a vida. Prevaleceu o querer alheio. E Izolina chora. As lágrimas percorrem a face dessa senhora de 84 anos, transbordam para outros caminhos, outras existências, outras possibilidades, onde exige do sujeito entender outra lógica para se situar no tempo. Qual a consequência desse ato com meus filhos? Onde estava o proprietário quando as reais coisas aconteciam? Como é possível medir e especificar tratamento para a ferida de Izolina?

A pergunta deve ser feita também pelos filhos do outro lado do portão, de quem tem “consciência” da realidade dos pais, porém estão longe da lucidez. O desejo de dois velhos se unirem e oficializar o primeiro casamento no asilo não se realizou por causa da intervenção da família. Pelo depoimento de Ivone, parece ninguém ter levado em conta o sentimento de ambos de querer se juntar, casar, viver a velhice no estado de realização de ser humano.

“Mas a família da Senhora não quis. A família dela não quis se casar, não sei se tinha bens ou outra coisa assim, mas não permitiu. É, depois ela veio a falecer e ele está aqui ainda hoje. Ele mora aqui. Só que agora coitado...ele teve glaucoma, está cego, então ele está debilitadinho já, né. Mas uns oito, nove anos atrás ele tava bem. E a família não...É nove anos atrás. E a família não permitiu. Então não saiu casamento. Mas seria o primeiro casamento aqui do Lar”. (Ivone Costa, Entrevista:02/2006)

É difícil entender as profundezas pela qual o irracional aflora no ser humano diante de um ato considerado não realizado ou mantido em segredo, como o de D. Izolina. É como se a decisão de deixar de agir fosse algo separado da própria vida. A sofrida espera do desenlace de um casamento recente, como caso de D. Izolina, é alimentada pela angustiante esperança de que a vida só renascerá com a morte da outra – em um período inconcebível para a separação. A permissão da família, do outro lado do portão, distante dos laços, do movimento de atração vivenciado pelos velhos no asilo. Tem-se a ingrata sensação de a vida ter sido, por momentos, propriedade do outro, desumanizada por outra lógica alheia. Porém, o sujeito reconhece que estava envolvido nesse dilema. E porquê deixou de agir naquele exato momento?

Abigail de Oliveira. Deve ser esse sobrenome da namorada de Fábio Inácio na juventude. Se o tempo, ah! esse tempo, fosse hoje, era possível dispensar o sonho atual de casar, ter uma família como patrimônio e cuidar dela. Se fosse moço, repete Fábio Inácio, queria ter uma boa esposa. A oportunidade de eliminar esse desejo inscrito no futuro-presente no passado foi comprometida por ciúme considerado tolo. Era no Bairro verde. O ciúme de vê-la conservando

com outro, outro amigo. Veio assim a ficar descontente com o comportamento da namorada. Os amigos então começaram a por “minhoca” na cabeça dele e a atitude foi romper, largar.

Abigail de Oliveira. Ao se sentir sozinho, agora na velhice, Fábio Inácio testemunha uma realidade na qual gostaria de estar mergulhado, hoje disponível como sonho. Talvez naquele período esse relacionamento não tivesse tanta importância para a construção de sujeito. O jovem Fábio Inácio estava diante de um futuro de tantas possibilidades. E com isso tem-se a impressão de tudo estar indefinido somente no passado.

É preciso entender primeiro o dilema de Fábio Inácio no presente do asilo. Ele tem uma paquera, de nome Lídia, uma mulher negra e cega. Por causa dessa deficiência ela precisa constantemente de ajuda e é para o homem de quem gosta, Fábio Inácio, que solicita mais atenção. Essa proximidade leva muitos residentes a considerar relação de namoro, nunca confirmado por Fábio. Pelo contrário: Fábio Inácio até evita ir para mesmo locais onde Lídia vai com o grupo porque ela lhe retira a liberdade de ser. A descrição da personalidade de Lídia é de uma “mulher muito irritada, revoltada com a cegueira e que desconta nas pessoas que mais têm paciência com ela”. “E o Fábio tem uma paciência enorme com ela, mas não é namorado. Não é namorado. Agora, se ele teve uma outra namorada aqui, dele eu não sei”. (Ivone Costa, Entrevista:02/2006)

Enquanto a realidade permanece inalterada neste campo, a imaginação de constituir patrimônio, uma família da qual possa ser responsável, está distante da relação conflituosa que possui com Lídia. E medido por essa distância sentimental, Abigail de Oliveira preenche o espaço fundamental para essa mudança de realidade. O namoro tido antes por simples consequência da vida transfigura para outro significado existencial. E a dúvida invade o pensamento e deixa o sujeito em estado de contradição. Ora a afirmativa de o passado deixar de

ser escrito no papel, ser expulso das preocupações da realidade; ora a interrogativa: será que ainda há chances de reencontrá-la?

Como ela era? O Sr. lembra o nome dela?

O nome dela era Abigail. Mas só que eu não sei o sobrenome. Eu acho que era Abigail de Oliveira, se eu não me engano.

Ela era alta?

Não era média assim. Um pouquinho mais baixa do que eu. Mas é uma moça...Não é assim uma moça bonita, mas era prestimosa no serviço. Era prestimosa no serviço, trabalhava, cuidava bem da casa. E era gente boa mesmo. Mas, sabe, sempre tem uma pessoa que põe qualquer novidade na cabeça da gente, então a gente começa a escutar aquilo, a gente larga a mão, abandona aquilo. E depois desta vez nunca mais procurei uma namorada. E fiquei sozinho assim.

O sr. pensa nela de vez em quando?

É de vez em quando a gente pensa né. Mas...também não sei se...bom. Ela pode ser viva ainda. Às vezes ela já é casada, é mãe de família. Então...ficou assim. (Fabio Inácio, Entrevista: 01/2006)

De vez em quando a gente pensa. E vem a pausa. A imaginação então subverte a lógica do presente dado, vivido, cujo anseio é transformá-lo em outro no qual se concretize o sonho. Mas...qual o significado desse pensamento para a minha vida? É possível tratar-se de passatempo algo tão importante no contexto de hoje? Como pode um fato, quase à beira do superficial no passado, atingir o futuro com tal profundidade? A conjunção adversativa exige complemento, mantido como diálogo interno de quem expressa.

“Também não sei se...”Eis a atitude a ser tomada: procurá-la. Seguir na busca de resolver o dilema de viver com uma mulher prestimosa, gente boa, embora não seja moça bonita. Essa dúvida pronunciada como ação afirmativa remete ao sujeito a coragem de romper o espaço e tempo, expressar esse segredo invadido de vez em vez, rotineiramente o cotidiano. É o momento de reunir força suficiente para levantar e expor publicamente esse desejo. Pois assumir o passado significa assumir o amor não vivido, enfrentar sem máscaras a decisão de anos atrás de acabar com tudo, de largar a namorada, e de conseguir conviver com os inoportunos conselhos de amigos do passado. O sonho então reage com esperança. Ela pode estar viva ainda. Às vezes ela

já é casada, é mãe de família. E então aos poucos, o sonho exteriorizado na realidade é conduzido novamente para o interior do ser. “Então...ficou assim”. E assim está. E assim permanece.

Trata-se de uma decisão difícil. Pois, como todo ato, pode concretizar o sonho de anos e anos depositados e reconstruídos em migalhas no cotidiano e assim se reencontrar; ou pode vir-a-ser passo errado, traduzido por muitos como fracasso. Portanto, tudo era tempo perdido. A vida voltará à estaca a zero. Medir, nessa busca de mensurar o ato, significa transpor o dilema do sonho do indivíduo para a moral social. Enquanto fratura do ser, o sonho perturba somente a realidade em segredo. Mas a realização dele deixa de ser algo que diz respeito somente ao indivíduo. Até porque há diferença da irrupção de Marina de Faria e o controle do adiamento do prazer, ao planejar a decisão como o caso de Fábio Inácio. Em ambos os casos, o irracional pulsa com mesma intensidade.

É preciso ter coragem para agir na realidade, para a coragem não irromper no sonho. Pouco depois de entrar no asilo por decisão própria, José Rizzioli reencontrou uma ex-namorada. E teve de tomar outra decisão individual e pública de prosseguir a vida fora do asilo. Saiu para viver o relacionamento. Tudo poderia acontecer. As possibilidades novamente estavam abertas, como no passado, para construir a realidade. Essa nova fase durou menos de duas semanas. Mais do que tomar coragem para sair é preciso ter forças para voltar.

“Daí ele voltou assim...deprimido. Eu acho que ele ficou envergonhado de voltar. A gente apoiou normalmente. Até eu falava pros companheiros dele que desse apoio porque ele passou por um momento difícil. Ele tava sofrendo por aquilo, ter que voltar pro Lar. Ele achou que ia viver bem com aquela pessoa e não deu certo. Mas daí ele conseguiu vencer este pedaço e foi se animando.” (Ivone Costa, Entrevista:02/2006)

Viver o amor, sem marcas, sem cicatriz, é um desejo sem propósito. José Rizzioli recusou o discurso de somente o passado poderia ser diferente e buscou novas perspectivas para o presente. Viveu a expectativa, amou, sofreu e voltou a sorrir com a vida. Tomou a experiência em

seu sentido e por mais que a memória lhe vinha á tona, não era caso de deprimir por ter agido assim. José Rizzioli não pode ser apontado como omissos com a vida.

“Neste mundo choro a dor, por uma paixão sem fim”. A alegria na qual a música é entoada nos encontros de contar histórias está distante da dor do mesmo sujeito asilado que a entoa como entretenimento. Ao terminar a entrevista com Judith Nalim, algo diferente havia acontecido. A descendente de italianos, que no início havia prometido somente responder o que fosse perguntado, passou a ficar mais descontrainda. Da reserva declarada, passou ao estado de confiança a ponto de definir como momento de documentar o sofrimento vivido durante o casamento. Em determinado instante, ela interrompe a resposta como sequência da entrevista. Há uma pequena pausa. E o discurso do silêncio nos mantém como confidentes.

A expressão de Judith se altera, assim como o tom da voz. A entrevista deixara de ser mero registro para um testemunho de um fato passado que modificou o presente. Toda a expectativa de vida de Judith se firmava no caráter e mudança sócio-econômica inaugurada pelo filho João. Tudo caminhava para rumo diferente. A tragédia decretou o fim do sonho de mudar a realidade. E ao mesmo tempo transferiu a possibilidade desta realidade para o sonho de a vida ser entendida por outro sentimento.

“Esse meu filho morreu de acidente, viu moço. Com 32 anos. (pega a fotografia sobre o criado mudo) Gêmeos com o outro. Isso me judiou muito, muito. Ele era muito boa pessoa, sempre estimado de patrão, dos conhecidos, dos colegas. Ele não tinha assim de colegas, de ficar junto. Porque ele trabalhou, estudou, ele formou eletricitista. Ele gostava muito das coisas, tudo muito direito. Então os patrão gostava muito dele. Ele andou mudando de emprego, eu dizia:

João, não mude. Gostam de você. Fiquem lá.

Não mamãe, eu quero ganhar mais.

Ele mudava para ganhar mais. Porque ele queria dar mais pra mim, entende? Os outros nunca pensou em dar dinheiro em casa. Mas ele queria sempre ganhar mais para ajudar eu. E a gente tinha ele como o melhor, coitado. Não desfazendo dos outros, porque pra mim os três são os meus filhos. Mas, assim mais bom, mais quieto, mais manso, quando

ele não estava no trabalho ele gostava de ficar quietinho no quarto dele.

Chamava ele:

João, tem cafezinho.

Traz pra mim, mãe.

João, o almoço está pronto.

Ah! Então tá.

Coitado. Eu senti muito por causa do sofrimento que ele levou no acidente. Quebrou os dois fêmur e a canela direita. Ficou 30 dias no Hospital, ficou 20 dias na UTI entubado. Porque a gordura do fêmur sobe na veia do pulmão. Diz que de 100 não salva cinco. E ele ficou 20 dias na UTI e saiu bom. Operou dos dois fêmur, pôs platina. Mas o Senhor tinha falado pra mim, o sr. acredita nisso? O Senhor falou comigo através da palavra que ia levar ele. O Senhor falou lá no bairro Verde, na boca de um estrangeiro que tava ali. Não vi ele antes, nem depois também. Ele falou:

- Irmã, o Senhor vai quebrar o seu vaso. (que era ele, né). O Senhor manda falar: vou quebrar o vaso, eu mesmo consertarei e levarei para mim mesmo.

Foi uma flechada no meu coração. E eu estava sentindo que iam tomar a moto dele. E a minha filha sentia que ia ter um acidente. Então, a palavra confirmou, né. Em 20 dias aconteceu o acidente. E daí 30 dias nós tava enterrando ele. O dia que o Senhor...o médico deu alta pra ele. Dia 19 de junho, uma segunda-feira. Eu tava lá esperando porque ele tinha ido operar do outro fêmur. E eu estava na portaria esperando o médico, ele falou:

Olhe Dona Judith, foi tudo, tudo bem. Tá tudo jóia com o João. O João não é meu cliente. É meu filho. O João cativou o hospital inteiro.

Olha, falar com o sr. parece mentira. Ele não falou uma palavra durante 30 dias para reclamar que doía, que ele queria vir embora ou que tava demorando. Nada. Ele só respondia o que perguntavam. Ele dava uma risada e ele resolvia as coisas. O médico falou:

Ele só tem risos pra dar pra gente. A gente fala com ele, ele ri e abaixa a cabeça.

E todo mundo do hospital ficou gostando dele. Mesmo na UTI doente ele nunca deu trabalho. De jeito nenhum, coitadinho. Isto que judiou muito de mim. A gente era acostumado junto, né. Eu queria ter ficado lá no Hospital. Pelo menos levar uma sopa que eu fazia, nada eles aceitavam. (lágrima) Mas ele sabia que ele ia embora, viu. Porque ele sempre falava que ele ia embora daqui. Ele queria que Deus viesse buscar ele. O sr. acredita que uma terça-feira, acho que foi a terça-feira antes do acidente. Ele chegou a se arrumar para esperar o Senhor vim! Ele falou:

Olha mamãe, eu estou bonito.

Grandão assim que nem o sr., 87 quilos, bonito, o João, João Paulo Garcia.

(Mas tem uma mosca que está perturbando nós aqui hoje, não.)

E daí, ele se arrumou e veio no quarto. Eu estava lá vendo televisão, ele falou:

Mamãe, eu estou bonito?
Você está lindo. Deixa eu dar um beijo e um abraço.
Ele gostava. Aí eu falei:
Você tá lindo.
Olha mãe, eu estou pronto, esperando o Senhor. Se ele vier agora: eu tou pronto. Não precisa vocês fazer nada por mim. (Judith Nalim, Entrevista: 02/2006)

“Ninguém me diz que sofreu tanto assim. Essa dor que me consome, não posso viver”. A flecha atingiu o coração de Judith. Não é descaso com os outros dois filhos, já que sobre o marido a relação foi descrita anteriormente. Mas ao se defrontar com o caminho de mudança fechado, tudo parecer se encerrar na massacrante e desrespeitosa rotina regada pelos gênios do marido e da filha e da saída do outro filho, ela cansou dessa vida. A tristeza nem sempre tem de ser tomada como indicativo de desejo de morrer. Pelo contrário: é a ansiedade de mais vida, mais viver. E Judith, para viver as possibilidades criadas agora por ela mesma, entrou no asilo.

A Inesinha, Inês Gioconda Torres Rodrigues, nascida em agosto de 1918, tem vários filhos e netos, mas a morte da filha que cuidava dela lhe abateu o ânimo. Primeiro parou de comer, começou a perder peso e entrou em depressão. Viveu esse período tão abatida, a ponto de os funcionários do asilo terem dúvidas se ela conseguiria sobreviver. Sem ânimo para levantar, sem vontade de almoçar ou tomar café da manhã. O tratamento com o médico, por várias vezes recitado com soro e vitamina, lhe reanimou. Inês saiu da depressão e voltou a bordar. Cura-se as dores do corpo. Mas as dores da alma...Inesinha é freqüentadora assídua dos encontros de contadores de histórias. Mesmo sabendo da surdez, ela permanece sorridente, participa do seu jeito.

A pergunta aqui se torna inevitável: como o velho vincula o sonho, esse lado irracional do qual irrompe no cotidiano com a imaginação despertada pelas histórias? O que implica a proposta

de resgatar a infância do velho com histórias infantis, quando deixa de se trabalhar a infância como algo genérico e se contextualiza como encontro com a experiência vivida?

2.2 – INFÂNCIA : A MEMÓRIA PARA ALÉM DO ENTRETENIMENTO

“À noite eu sinto medo da solidão, mas mesmo assim me sinto solidário”

Raul Gonçalves Franosa (residente do Lar Betel)

O problema de pensar a mem3ria como algo neutro, pr3ximo da nostalgia de um sujeito a lembrar de uma fase da vida sem envolver o sentimento, embora corresponda à experi3ncia vivida, destitui e descontextualiza o conflito deflagrado dessa viagem. Ningu3m ousaria falar sobre a distra3o de homens e mulheres com a pr3pria vida. 3 como se durante toda a viagem, eles estivessem alheios ou como meros espectadores da paisagem a indicar a sucess3o dos acontecimentos. Em outros, o sujeito tem consci3ncia dos atos tomados para dar sentido ao presente, como forma de resposta ao que lhe aconteceu na vida. E longe de recair no individualismo desenfreado, 3 preciso considerar: ele n3o est3 sozinho.

Como observa Maurice Halbwachs, o ato do sujeito, assim como a mem3ria, est3 interligada ao grupo com o qual se identifica. A percep3o, a interpreta3o, os filtros da realidade est3o estruturados nesse componente social e 3 a partir deste ato coletivo que n3o se torna poss3vel distinguir a mem3ria individual da mem3ria coletiva. Entretanto, o ato no cotidiano tem o sentido pol3tico inserido na cultura vivenciada. Se a forma de viver a realidade lhe estabelece significado para a exist3ncia, ent3o o sujeito expressa uma postura de vida. Soma-se a isso, o fato de considerar que as a3es podem ser somente para responder ao que lhe sucede no campo subjetivo como ao provocado no campo coletivo.

Mesmo o problema ocorrido e sentido individualmente em casa tem de passar por uma avalia3o social. Esse, ali3s, 3 o reflexo da crise da juventude nos dias atuais. Sente-se a ang3stia com individualismo extremo cujo resultado 3 o sentimento de impot3ncia para encontrar o sentido da pr3pria vida. Ao participar como palestrante do **I Encontro da Juventude**, na cidade de Salto, pude identificar, a partir da troca de experi3ncias, como os jovens t3m dificuldade para

lidar com a crise. Eles querem encontrar de forma imediata a felicidade e muitos, sem visualizar portas de saída, entram em depressão. Cometem dois erros: primeiro, porque os jovens perdem a oportunidade de entender a crise como grau de consciência da totalidade do sujeito. E segundo: a busca da felicidade é um caminho diferente da felicidade.

A busca é algo entendido como o caminho proporcionado a priori pelo mundo externo. A felicidade é algo construído pelo sujeito na relação com o social, no processo de individuação. Por se encontrar tão destituído de experiência frente à racionalidade da estrutura, o sujeito na sociedade contemporânea, por uma inversão de valores, passa a construir e encontrar a felicidade exatamente quando desiste de sua busca, mergulhado na crise profunda, distante da depressão, nessa descoberta do reconhecer-se em si mesmo.

Esse sofrimento implica a vida violentada pelo ato do outro, ou pelo discurso do outro, pela eliminação de alternativas para movimentar no presente os anseios e o desejo de tornar diferente o futuro. E é essa violência, penetrada no espírito, que a memória revela anos depois para o testemunho. Por isso soa como algo superficial, fora do natural, tratar o valor da memória cujo fim encerra-se em si mesmo. Parte do pressuposto de a memória ser importante e é por isso que precisa preservá-la. Essa lógica retira toda a substância da existência do indivíduo e coloca a ação do sujeito em tensão e conflito com a ação da sociedade, como algo fora de questão.

A falha chega a tal extremo de desprezar o presente do sujeito ou do grupo, tudo isso para manter a memória como valor. Ela passa a se sobrepor à vida da pessoa, como se a partir daquele momento em diante ele fosse identificado somente pelo passado. O sujeito é mero objeto de depósito. E então vem a indignação: o velho assim não existe. Não se pode dissociar a memória do sujeito da vida de quem presta testemunho. E a ação do sujeito deve ser entendida sempre em relação ao outro e não encerrado no si mesmo.

A importância de considerar essa articulação é verificar como a proposta de resgatar a infância do velho, inserido no asilo pode, em vez de aliviar a dor e suprimir a tristeza, colocá-lo frente a frente a um período em que as possibilidades pareciam mais ilimitadas em relação ao momento atual. Não se trata de brincadeira de criança, esse ato de envolver a fantasia por algum momento e, depois, sair para o recreio para prosseguir o entretenimento. Aquele momento foi muito bom e será considerado, anos depois, como parte importante da memória do então menino ou menina. Como mesmo revela Carmelina, os velhos no asilo ainda conversam por dois ou três dias, às vezes durante a semana, sobre o encontro de contadores de histórias.

O que significa esse retorno ao período de infância para quem está no asilo? Como a imaginação se estrutura para enfrentar esse momento de ação no tempo passado, vivenciando o presente? Será necessário entender o contexto em que está inserida a vida do velho no passado, para analisar em que situação o imaginário se encontra com a realidade no presente do asilo.

O primeiro contraponto é sobre a realidade vivenciada por Fábio Inácio. Pobre, portanto inserido numa família simples, não havia tempo nesse universo para contar histórias. A rotina do presente, desde os oito anos de idade, consistia em trabalhar e descansar para o trabalho. Esse dia-a-dia vinha alicerçado ao sonho do futuro, tanto estimulado por seus pais, para ser homem de respeito. O domingo, dia santo, era para se preparar para o trabalho de segunda-feira. E Fábio Inácio lembra dos argumentos utilizados para mostrar ao pai a importância de sair para caçar no domingo e se divertir um pouco. Não era braveza do pai ou disposição de querer fazer algum mal. Tratava-se de uma forma de educação.

“Na minha infância, eu não tenho bem lembranças daquele tempo, né. A gente trabalhou, o tempo que tinha meu pai, minha mãe. Então, a gente assim, trabalhou sempre na roça, não teve assim, uma vida muito confortada, né. Foi uma vida assim muito sofrida, sabe? A gente trabalhava, carpia, plantava cana, carpia arroz, carpia café, e às vezes num domingo, assim, quando a gente tinha folga. Então a gente tinha lá uma espingardinha de , essa espingardinha comum. Então a gente saía

para a capoeira, fazer uma caçadinha. E as vezes a gente matava uns passarinhos, alguma coisa, alguma pomba. Daí a gente vinha contente pra casa, né. Porque a gente vinha trazendo aquela caça pra casa. É alimento pra gente, né. E daí, os meus pais dizia:

Mais: você sempre, todo dia, você fica no meio do mato. Será que você não podia ficar um pouco em casa?

Daí eu falei:

Eu posso, Pai. A gente já trabalhou a semana inteira. Agora, assim, no domingo, no Dia Santo, assim, então a gente quer divertir um pouco, né.

E daí a gente continuava. Nunca ele ficou bravo. Nunca ele, assim, desandou com a gente. Até ele consentia aquilo lá. A gente poder se divertir. Mas sempre na segunda-feira, quando era dia de trabalhar, então aí não tinha moleza não. Aí tinha que trabalhar mesmo. Porque se não trabalhasse, daí a gente tinha receber alguma coisa de mal, algumas palavra mal do pai, né. Porque ele ficava bravo, então ele queria que a gente aprendesse a trabalhar. No dia que a gente casasse ou qualquer coisa. Então a gente tinha que saber cuidar de uma família, cuidar bem da mulher. Se tem filho, cuidar bem dos filhos. E depois com a vida confortada, né. Porque a gente não fica com a vida de muita regalia, a gente não teve não. Naqueles tempos a gente trabalhava muito, né”.

(Fábio Inácio, Entrevista: 01/2006)

Então a gente tinha que saber cuidar bem de uma família, cuidar da mulher – e se tem filhos, cuidar dos filhos. A infância era considerada como preparação para um futuro de independência financeira - diferente de vida rica - e de cuidar de uma boa esposa. O ambiente em que Fábio Inácio foi criado era sempre meio quieto, naquele silêncio, dentro daquela educação. “Como assim a gente tem uma regra até hoje”. Ficar sempre meio afastado do grupo. Caso o convidem para participar das conversas, ótimo. Caso contrário, permanece distante. “Que do jeito que a gente foi criado, então a gente não gosta às vezes de ficar no meio, né. A gente, como diz, é meio...assim, acanhado, né. Quer dizer não tem aquele avançamento, né. Então a gente é assim”.

(Fábio Inácio, Entrevista: 01/2006).

Ao narrar a própria vida - essa fase da infância - o sujeito passa a repensar sobre o presente onde se projetava. E vem a consciência de entender em que momento da vida o futuro deixou de ser tempo construído pela existência e passou a ser o sofrido e batalhado espaço a ser

alcançado. Essa afirmativa da transfiguração do tempo em espaço está longe de considerar o homem como refém da estrutura, guiado e conduzido por uma vida sem consciência. Ao contrário: essa perspectiva sinaliza os embates invadidos na vida do dia-a-dia, no rotineiro estado de angústia e felicidade, a cada vez em que a distância do sonho parecia ora tão perto de se concretizar, ora golpe desferido pela crueldade do destino, ao visualizar cada vez mais longe.

E a esposa, a família para cuidar, o trabalho como sustento, assim como no conto do lugar imaginável, esteve próximo, como possibilidade concreta na vida de Fábio; mas não se concretizou. Havia um nervosismo, alteração de ânimo ou da personalidade, em que Fábio Inácio lembra como a causa de tudo ter se perdido ao longo do caminho. E assim, agora adulto, retorna à infância e ao silêncio do ambiente da família. A vida sempre foi dura e continua dura.

A história de vida é o principal valor testemunhal do ser humano, é a impressão digital da experiência vivenciada nesse caminho instigante de ser sujeito da história. Esse valor passa a ser violentado no momento em que o conflito e o sofrimento só se tornam importantes quando o sujeito superou a etapa, realizou o sonho ou obteve sucesso na vida como dissemina os meios massivos. É normal o público se defrontar constantemente com pessoas convidadas a prestar depoimentos nos meios massivos. A situação apresentada é, na maioria das vezes, como momento de superação ou em vias de sair daquele estado. E então o depoente entra no palco como referência de ter alguma coisa importante para dizer, ri, chora e comove o público da vida sofrida ao longo de tantos anos. E a entrevista se encerra sempre com a moral da história: a vida vale a pena e a maior demonstração desse discurso é essa vontade de viver. Busca-se disseminar ao público a vontade dessa vontade de viver.

O depoimento nesse contexto apresenta duas problemáticas. A primeira é revelar o sujeito distante da crise, do conflito. Mede-se a vida do indivíduo com a mesma metodologia de interesse da história: demarcam-se somente os fatos diferenciados da história como importante para ser

revelado. Nasceu pobre, viveu a infância com limitações, encontrou trabalho e mudou de vida. A crise é descontextualizada e eliminada como etapa da construção da existência. É o período a ser esquecido, em que não se era dono de si mesmo, pois estava limitado ou violentado em suas ações. Até porque o discurso midiático é considerar inferno astral o sujeito envolvido em crise ou mergulhado na tristeza depressiva.

Tudo é apontado como tempo passageiro, período astral, cuja determinação de vencer a etapa está na resistência paciente do indivíduo. Quando se sai desse estado, é hora de virar a página e usufruir do sucesso. E é assim que a história de vida é aplaudida pela audiência, num despertar individualista de considerar a posse da propriedade de vida pelo sujeito. Tudo se torna auto-ajuda. Essa disseminação contribui para reforçar o dilema vivenciado pelos jovens: é preciso sair o mais rapidamente da crise, ser mostrado para a sociedade como vencedor. E a cada negativa do mundo, volta-se violentado para o interior. A crise que deveria ser entendida como momento de lucidez se transforma em desespero. O amanhã deixa de ser o tempo de construção e passa a ser o momento sofrido como insistente repetição do hoje e do ontem.

E as dúvidas se limitam ao próprio estado de impotência: quando será a minha vez de vencer? Por quê essa tristeza me persegue? E para retirá-los do estado de crise, ou simplesmente para evitar a juventude mergulhada no estado depressivo, é preciso convidar alguém que mostre o estado de superação. E é extremamente complicado revelar que a vida é construída de fracasso e sucesso. Viver é sofrer. Viver é sorrir para si mesmo. A anulação da vida está nesse reducionismo de haver um momento de paz no paraíso terreno, em que se vira a página, e toda a tristeza se esvai perdida no tempo.

A segunda problemática é retirar todo o peso do social, desse mundo objetivo da realidade cotidiana do sujeito. O mundo é injusto até o momento de superar a crise e atingir o sucesso. A sociedade, a relação de força estabelecida como violência frente à ação do indivíduo é tratada

como elemento não obrigatório da análise. Vencer o preconceito social está mais atrelado ao fracasso culposos, que permeia o discurso daqueles que se mantêm como vítimas, assim como do indivíduo exposto no meio massivo, apresentado como exemplo das possibilidades ilimitadas.

A principal crítica a essa análise é desconsiderar as potencialidades do indivíduo surgidas tanto nos momentos de crise quanto nos de sucesso. Atender a essas solicitações do espírito é tomar consciência e lucidez da vida, ao qual passo a nominar como pluralidade do sujeito. O homem como ser plural. Mas, como revela Fábio Inácio, por estarmos em alguns momentos muito bem, e outros muito mal, não se dá conta da importância do viver.

“É um momento da história. E a participação é muito importante. Então eles aplaudem, eles contam com a gente, histórias. Se a gente tem alguma brincadeira, tem que imitar galo ou galinha, seja lá o que for, eles participam. Tomara que ele esteja lá o Fábio, ele já foi...tudo que é personagem que a gente pode por uma roupa diferente, a gente põe. O Fábio participa, o Fábio está presente”. (Carmelina, Entrevista, 08/2005)

“A velhice é uma sequência da vida. E você tem de aprender a envelhecer para envelhecer com dignidade”. (Carmelina, Entrevista: 08/2005). Na velhice, Fábio Inácio encontra a forma de entretenimento com as contadoras de histórias. A atenção está dispensada de permanecer, a todo momento, ligada na história. Pode ser o galo, o pavão, o carpinteiro, o pássaro. No mundo da imaginação o mundo da vida tem de ser superado.

“É um momento assim de distração, né. Uma distração, eu acho que, qualquer pessoa pode ter. Uma história, uma novidade qualquer. Um sorriso, assim, deixa a pessoa alegre, mesmo que ela esteja triste. Mas assim mesmo eles escutando aquela história ele pode, como se diz, mostrar os dentes, dá uma risadinha, né. Eu acho que isso distrai bastante a gente, né. É uma coisa muito boa”. (Fábio Inácio, Entrevista: 01/2006).

Mas o mundo da imaginação não está entre os itens dos quais o sujeito tem controle de tomá-lo e abandoná-lo no momento em que quiser. Ele desperta esse vínculo com a realidade e o

sorriso se confunde com a tristeza. A totalidade da vida está disposta como potencialidade do sujeito. E não há como, diante deste conflito existencial, o indivíduo dissimular a vida ou a história vivenciada como mero entretenimento. Ele não está sendo convidado para dar testemunho do sucesso atingido na vida. Porém, há um fator em que não se pode fugir: a realidade social onde tinha liberdade de ser foi usurpada de tal maneira que a atitude mais lúcida da vida foi encontrar paz na difícil decisão de viver na “Casa de Deus”.

É compreensível que depois de trancar o portão por dentro da Casa de Deus alguns velhos se protejam de tudo e de todos com o comportamento e a preferência de ficar só. Esse contato com muita gente é parte da repulsa de Judith Nalim. Assim como viver só no asilo, ouvir as histórias também tem de ser ato “solitário”, próximo do papel do romancista apontado por Benjamin (1993).

“o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. O romancista segrega-se. A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los” (BENJAMIN, 1993, 201).

É como se o sujeito participasse com o silêncio, segregado do conto, apenas para poder aliviar a tensão do sofrimento do passado, como já se sabe da dor de Judith. Mas a vida, assim como a imaginação, não pode ser vivenciada somente como espectador. A todo momento se é convidado para participar da construção da realidade. Judith foi retirada do esconderijo de si mesma, num desses encontros de contadores de história, para interpretar o papel da girafa. Estava escondida da visibilidade de todos. Agora a descobriram. Não se trata de problema com girafa, ou a comparação a ser feita com ela por causa da estatura alta. É que a partir daquele instante, Judith novamente estava envolta num processo de socialização no asilo, atitude ensaiada e mantida

como possibilidade a cada encontro. “Prefiro ficar escutando só, mas tomar parte do que eles falam, do que eles fazem, não quero”. (Judith Nalim, Entrevista: 02/2006).

Esse afastamento pode ser entendido com o sofrimento da infância pobre no trabalho de roça. Desde os quatro anos de idade até os 27, os dias do calendário pareciam demarcar o paradoxo. A revolta lhe perturba o espírito até os dias atuais permeada pela indignação de como os pais podem tratar os filhos com tamanha violência. A brincadeira de jogar bola entre os irmãos é um fragmento da memória e poderia se tomar como incidente. E a identificação desse momento é antecédida e precedida pelo esforço exigido do serviço. O domingo era para lavar roupa para semana inteira, deixar tudo consertado, a casa em ordem. E em seguida preparar para o trabalho no dia seguinte. O cotidiano era vivenciado de forma árdua, de modo a sentir e entender essa situação como determinada pelo destino.

“Naquele tempo não dava escola, não dava alegria pros filhos. Não tinha um diálogo, não tinha nada. Era só trabalhar. Era só fazer trabalhar. Trabalhava de dia e de noite. Nós tinha gado de leite, tinha café, plantava cana, nós mesmo que moía, fazia o açúcar. Aquele açúcar batido, aquele açúcar escuro. Nós vendia em Rio Claro para fazer caracu. E nós tirava o leite de madrugada: Duzentos e poucos litros de leite para trazer aqui na leiteria de Piracicaba. Tinha que pegar o trem lá em Recreio. Tinha aí...nós levantava sempre às 3h e três e pouco, nós tava na Cocheira já com o gado. Sete horas tinha que tá em Recreio, onde passava o trem. Era tudo corrido. Mas eu que era a guia de todos eles desde criança, tirar eles da cama, era difícil. Então depois era tudo corrido. Eles não queriam levantar, tavam cansado, né. Nós deitava sempre muito tarde.” (Judith Nalim, Entrevista: 02/2006)

Por que os pais não tinham essa preocupação de dar alegria pros filhos? A pergunta desencadeada em uma infância marcada pela vigilância, pela violência de determinar não só o espaço mas o tempo de existência do outro, ultrapassa as décadas e se transforma em resposta acusativa da ordem do destino. Esses atos inconsequentes estão estáticos naquele tempo. A alegria, escola ou mesmo o diálogo tinha que se buscar fora da relação com os pais. Se o diálogo

está ausente daquele cotidiano e incorpora atualmente o testemunho de Judith é porque esteve por momentos intensos em seu espírito. Diante desse quadro, nem se precisa perguntar se havia espaço para contar histórias, onde a imaginação poderia definir o tempo de existência do sujeito.

Ao encontrar a paz e o sossego no asilo, Judith permanece em conflito. Revez-se entre denunciar a falta de diálogo com os pais. E, agora como mãe, tem de responder com a saída de casa por causa do gênio da filha. O “naquele tempo” se encontra com esse tempo e a totalidade do sujeito lhe instiga a esse encontro. Para esse exercício de viver é necessário estar em silêncio, poder mostrar como se é útil no espaço onde vive, mesmo que seja entre os selecionados para escolher arroz ou como porteira da Congregação Cristã. Ao ser chamada para o papel da girafa, Judith é novamente retirada do tempo e espaço e submetida a uma visibilidade da qual procurava se esconder. Diante dessa exposição, da surpresa de ser indicada como referência à imaginação do outro, de deixar a segregação para trocar experiências, ela protesta para si e decide não participar mais dos encontros. Em nome da paz, e principalmente do sossego, participar do mundo da imaginação pode alterar o mundo da vida. E a vida ensina ser sempre bom estar prevenida.

A infância - para não conceituar a vida - é mesmo uma incógnita cujo valor, muitas vezes, só pode ser definido em outras etapas do viver. É como se só na fase adulta pudesse traduzir a alegria e sofrimento em escala de prazer ao ocorrido na história do sujeito. Essa complexidade, rica na contradição e alterada no percurso, retira da afirmativa padrão, no qual seguiu os depoimentos iniciais desta tese de ser a vida, a partir de determinados fatos, espaço de tristeza. Poder-se-ia antecipadamente considerar ultrageneralizada a afirmativa de infância pobre, repressão dos pais, a alegria como incidente, o cansaço como rotina, conduzir o sujeito à amargura de ter de retornar a infância provocada pelos contadores de histórias. Porém, o ser humano é mesmo surpreendente em sua pluralidade. O suor, a lágrima parece se tratar do mesmo

conto. Quando tudo encaminha para o desfecho trágico, o processo de comunicação obriga o sujeito a mergulhar no entendimento do outro. E o mesmo suor ganha contornos diferentes. Até como saudade, como no fundo da alma expressa Agenor Denatti.

Ele trabalhou na roça dos 7 aos 25 anos, no corte de cana. A rotina consistia em trabalho e mais trabalho pesado até a mocidade. Para brincar, sobrou pouco tempo.

É, ih, aquela vida, como se diz, só trabalhando, trabalhando na lavoura, até passando um tempinho em que você vai ficar moço, parecia que a vida ia mais alegre. A tristeza parece que...entrava um pouco, depois parece que saía. E o tempo passou logo. (Agenor Denatti, Entrevista: 01/2006).

Como é possível entender essa saudade de Agenor Denatti pelo período da infância, revelado com tal testemunho de esforço? E de que forma a proposta das contadoras de histórias de suprimir a tristeza se aproxima ou distancia desse sentimento de devoção tardia do passado? O tempo passou logo, rápido demais a ponto de deixar marcas da infância e da mocidade. As lembranças daquele período permanecem em sua memória como tempo cansativo, porém o diferente é o contexto onde se faz atualmente a análise. Cada vez que Agenor Denatti senta para ouvir as histórias contadas para crianças, contos ouvidos há muito tempo, ele tem a certeza de a infância ter sido o melhor período da vida. O mundo da imaginação lhe retira do presente para mergulhar nessa fase em que a alegria parecia acidental.

Uma leitura atenta da frase expressa por ele e citada acima obriga a perceber outro fator: não é a alegria tomada como referência por Agenor Denatti. É a tristeza. Naquele período, ela parecia entrar um pouco e depois sair. A tristeza, essa companheira do tempo atual agora se faz mais presente e não sai de forma rápida. Até o ponto de parecer se incorporar ao tecido do espírito do próprio sujeito. Embora se reaja com alegria, é difícil deixar de falar como morador do asilo, o momento mais triste da vida em que tomou consciência de estar sozinho. É no fim da

mocidade que a tristeza, ou melhor, que a alegria entrava um pouco e saía. Recordar as histórias infantis é levar para o período ainda de realização. E o indivíduo reclama que essa perspectiva não é restrita ao subjetivo como ao campo objetivo.

“É porque faz a gente recordar, a gente nem...moda de viola, coisa que canta, moda antiga, a gente escuta no radinho. Recorda aquilo lá parece que anima, a gente fica...prestando atenção naquilo, faz muitos anos já. Se vê que antigamente era diferente, a vida era até melhor. Trabalhava, trabalhava, mas era outra vida, né. Era uma vida assim mais calma, não se ouvia em falar em roubo, nada. Trabalhava, trabalhava contente.”
(Agenor Denatti, Entrevista: 01/2006)

Ao participar do mundo da imaginação Agenor Denatti ratifica o sentido do mundo da vida. O passado, distanciado com o termo antigamente, se prolonga até se tornar ou parecer mesmo outra vida. Trata-se de distanciamento analítico: a dureza do esforço é ainda parte essencial da lembrança, mas agora, em meio à queda em cascata do que foi a vida adulta até sossegar no asilo, a infância parecia velejar em águas calmas. A cidade mudou, tornou-se mais agressiva e impôs ao sujeito limites de espaço e tempo. O resultado dessa violência, da ação da sociedade sobre a ação do sujeito, é de como permanecer dono do tempo, consciente da existência. E Agenor permanece nesse embate no asilo.

O termo sossegou utilizado para compreender o estado de ânimo atual tem de ser entendido por outra faceta: a indignação está presente no sujeito, assim como essa tarefa de pensar a tristeza que invadiu a mocidade. O asilo é extensão desse dilema: não se trata de estar no espaço de muita alegria. Tudo depende de saber levar a vida. E esse espaço invadido pela alegria, tendo a tristeza por hegemonia, é alimentado pela imaginação, por esses contos infantis.

“Ah! São animadoras, vem aqui e alegre a gente, como te falei, né. É boa coisa. Pra mim...as colegas muito boas anima a gente aqui. Só tristeza some naquele momento que elas estão aí, uma hora parece que não passou nada. Uma hora parece que é um minuto.” (Agenor Denatti, Entrevista: 01/2006).

O tempo da história voa, passa tão rápido que a hora é sentida como minuto. A tristeza some alguns instantes e se vive a vida no mundo da imaginação como possibilidade da realidade. A infância passa a revelar esse estado inicial. Por isso, é entendida como o melhor período da vida. A realidade era compartilhar com outras pessoas, com os irmãos, com os pais. O golpe de ajudar para ser ajudado, e ficar só quando mais precisou de ajuda, lhe dá a lucidez de hoje selecionar, ser dono desse poder de socializar somente com quem lhe soa amigável. O sistema continua violento. Lá fora roubo, aqui as brincadeiras de mau gosto. A revolta de ser atormentado por outro morador do asilo que, com as mãos molhadas, lhe espirrava água no rosto, fez com que Agenor Denatti ameaçasse tirar o chinelo com o propósito de bater-lhe na cara.

O sistema é violento, mas isso não significa ausência de ação do sujeito. A mudança da realidade é vivenciada com tamanha integridade do ser que se torna natural ouvi-lo expressar o valor da moda de viola inserida como parte das histórias contadas. Essa moda que se ouve no radinho de pilha disponível no asilo. O sujeito canta, sente saudades, age no presente com o testemunho do ser, de um tempo em que a indiferença era accidental e a tristeza entrava um pouco e saía. “Esses versos tão singelos” tocados na rádio representam a vida do sujeito, traduzem a forma de pensar a realidade a partir da cultura popular. Por inversão de valores, ao ser disseminada no meio massivo, ela se torna resistência. Pois revela o tempo em que o homem se relacionava com a natureza de forma harmônica, mesmo a golpes de facão no corte de cana. De alguma forma, o vínculo se fazia com o ambiente. Agora, a distância o afastou completamente desse espaço e alterou a concepção do tempo como existência. E a música de viola no radinho declama a poesia de um mundo no qual perdeu-se a poesia da vida:

Não há ó gente ó não luar como esse do sertão. (bis)

*Ó que saudade do luar da minha terra
lá na serra prateando folha seca pelo chão
esse luar cá da cidade é tão escuro*

não tem aquela saudade do luar do meu sertão

Não há ó gente ó não luar como esse do sertão (bis)
A gente fria desta terra sem poesia
Não se importa com a lua
Não faz caso do luar.
Enquanto a onça lá na verde capoeira
Passa uma hora inteira vendo a lua meditar.

Não há ó gente ó não luar como esse do sertão (bis)
Coisa mais bela neste mundo não existe
Do que ouvir um galo triste no sertão se faz luar
Parece até q'alma da lua que desponta
escondeu-se na garganta desse galo a soluçar.
Não há ó gente ó não luar como esse do sertão.(bis)
(Luar do Sertão, João Pernambuco)

Essa identificação com a música e com o contar histórias provocam a saudade, um sentimento profundo na alma de Marina de Faria. Era o tempo em que o mundo da imaginação participava de sua vida como desafio para deslumbrar os alunos. E esse brilho nos olhos, o falar dos olhos da criança, como traduziu Carmelina, era o estímulo de continuar o trabalho. Os alunos eram de famílias pobres, estudavam na fazenda e não tinham alguém para contar histórias. Se estender a análise, poderia entender o viver em silêncio como parte da realidade desses alunos. É disso que Marina sente saudades. As fotografias daquele período maravilhoso da vida são visualizadas com tamanha força a ponto de lhe indicar com intensidade, o desejo de deixar o asilo. A realidade torna-se desejo.

A arte de contar histórias alegra o espírito. Não o contar por contar. E sim contar a história com convicção, como algo constituinte da vida, como trabalho cujo processo e resultado traduz a forma de ser do sujeito.

*“É porque eu gostava de contar histórias pros meus alunos. Todo dia eu contava uma história. Então eu tinha uma caixinha de música, então inventava no recreio. Então agora todos vão dormir e debruçava na carteira. Então abria a caixinha de música e depois contava uma história. (...) **Eram alunos** de 4ª série. Eram alunos que quando iam*

estudar na fazenda. Então eu tinha essas aulas com alfabetização. E contava história, mostrava figura, né. E os meninos que estavam na Fazenda não tinham quem contava histórias. Então eu contava histórias e mostrava figura”. (Marina de Faria, Entrevista: 01/2006)

O prazer em contar, no passado, se funde com o prazer de ouvir, no presente, e a comunicação se estabelece na totalidade para Marina de Faria. A articulação justificada de Carmelina de prosseguir o valor traçado por Benjamin e evitar a morte do narrador é incorporada por Marina nessa nova fase. Com detalhe: Marina permanece na juventude, na fase adulta em que era professora primária e nem sequer procura apontar o período de operária na fábrica. A realidade lhe propiciava tamanho prazer pela descrição da memória. Narrar a vida está longe da atitude solitária ou descompromissada com o passado. O retorno ao passado altera a dimensão do presente: Marina quer rever os alunos de outrora.

Se ninguém tivesse visto as fotos, poder-se-ia dizer que essas histórias são parte da crise, da loucura de Marina de Faria, em recuperação na enfermaria. É preciso provar pelas fotos, já que a realidade parece sem sustentação na estrutura social do asilo. A imagem torna-se mais forte do que o real, do que o testemunho; a oralidade tem de ser justificada. Quem poderia imaginar ter de provar a vida não mais pela palavra, pela memória, e sim com documentos cabíveis de serem analisados e mensurados. E é nesse processo que a realidade vivida se aproxima do sonho, da imaginação, desse lado irracional de Marina. A realidade de estar no asilo, como parte de “punição” hereditária parece ser sonho, do qual ela pretende acordar. E, ao sair deste sonho, reencontrar o prazer de tocar o piano, cantar, contar histórias, rever os alunos. Há ausência de distinção e mergulho com tal profundidade no desejo do ser, que Marina vive a velhice sem barreiras entre sonho e realidade.

O sonho que a conduz para viver a vida com todas as forças é retornar a realidade de ontem como contadora de histórias. A cada encontro na Casa de Deus esta proposta é reforçada.

Sempre se concebe como sonho a busca de concretizar algo que, por várias razões, não fomos capazes de realizar durante as fases da vida. Esse sentimento de estar incompleto, de um princípio de prazer adiado insistentemente para um espaço que o sujeito pensava ocupar no futuro para então poder desfrutar da vida, torna-se angústia. Diante desse quadro, ele nomeia de sonho. E quanto mais distante estiver de sua realização, enfrenta a si mesmo para concluir que tudo não passou de fantasia. Trata-se de agir para aliviar essa dor da alma.

Porém, Marina de Faria sonha com o já realizado, com uma fase de vida concretizada e provada pelas fotos. Esse desejo já foi materializado, é concreto, é experiência vivida. Engana-se aqueles que consideram a angústia desse sonho menos intensa do que aquela de quem não conseguiu completar. Depois de transformar a realidade em sonho e o sonho em vivenciar novamente a mesma realidade em que se encontra distante, a missionária não mais distingue os papéis: a realidade vivida, o concreto, torna-se fantasia. A vida é uma incógnita.

Quem poderá afirmar, no tempo e espaço atual, que o viver intensamente em determinada fase da vida se transformará em sonho, alimentado pelo desejo ardente de ver realizado no futuro? E como a memória, o testemunho de fatos passados, longe de garantir a segurança de ter vivido se transformará em obsessão do futuro para se tornar passado no presente? Poder-se-ia dizer que esse esforço para duplicar a realidade da juventude na velhice é, de certa forma, violentado e coagido por um presente de aparente sem sentido, por uma imposição do querer alheio a retirar alternativas do futuro? Ou pode-se entender esse desejo como o reencontro de forças, com uma proposta de vida que em algum momento foi abandonada, o fio cortado, e agora se tem coragem e lucidez suficientes para religar o presente ao passado?

As respostas não podem ser dadas sem mergulhar no sujeito que fala e de quem se fala. Marina de Faria, por qualquer ângulo de análise, está em movimento. Longe da angústia estática, destrutiva, que leva a olhar o passado como algo dissociado da vida; longe de uma memória cuja

função da memória agora é apenas recordar e dizer com sentimento de nostalgia: era feliz. No caso específico de Marina, a felicidade não foi na busca, mas no reconhecimento profundo do ser como expressão no trabalho intelectual: contar histórias para os alunos pobres durante o processo de alfabetização. Para alfabetizar e ser alfabetizado, é preciso despertar a imaginação. Ao ouvir com prazer as contadoras, enquanto se prepara para retomar a vida do passado, Marina prova com a vida social, com a memória coletiva, a luta da civilização para evitar a morte do narrador. Ao expressar o desejo, a missionária e professora procurar retirar do entendimento do outro se tratar de desabafo de mulher triste. É o contentamento, em um presente com o qual não se identifica e no qual se nutre abraçada a um passado reconhecido com alegria.

“Eu sou uma mulher contente. Porque passei por tudo, fui pra muitos lugares, ouvindo a palavra de Deus, semeando a palavra de Deus. E a primeira escola foi o Cajamar, em uma cidade de Minas Gerais. Que eu estudei. Então eu sentia muito a presença de Jesus no meu coração. E eu ensinei muito aos meus alunos a amar Jesus. Então me sinto realizada. Esta realizada de tudo o que eu fiz. Aquela presença daquelas crianças. Umas com roupas defeituosas, outras sujas. Então eu tinha muitos alunos assim. Então, tudo isso é os meus alunos. Falar de amor. As vezes a gente sentava, então eles gostava. Sentava, a gente proseava e ia contando as histórias, do alfabeto. Sentava pra contar histórias de matemática. Então vinha contando, eles aprendiam. E tinham prazer de ir na escola. Eu tinha um aluno em Cajamar que dizia era 10 horas e já queria ir pra escola. E o sinal era de duas turmas. Das 7h às 10h30. e outro das 12h às 17h”. (Marina de Faria, Entrevista: 01/2006).

“Há um momento de certeza em tudo, quando estou acordado dentro do próprio eu”.

CAPITULO III

A EMOÇÃO COMO CONSCIÊNCIA CRÍTICA DO POPULAR

É impossível recordar, lembrar, sem passar pela emoção. Cor vem do coração. Recordar: trazer de novo para o coração. Não é possível recordar sem juntar emoção. É sintomático entender o papel da emoção em cada depoimento do velho para reconstruir a história de Campinas no **projeto Saúde Toda Vida**. O sujeito está longe da imparcialidade positivista, entendida como se a história por ele narrada fosse algo distanciado da própria vida. Esse aclamado desejo de isenção, próximo da neutralidade científica, exige não só de quem fala, mas do sujeito que ouve, uma atitude em busca da racionalidade estranha ao emotivo.

É interessante analisar como o projeto de exercitar a memória do velho se estrutura na emoção, para resultar no proclamado processo emancipatório do indivíduo na sociedade contemporânea. A proposta é exatamente destruir esse discurso de isenção da vida, nutrido pela imparcialidade do viver, diante de uma cidade transformada pelo querer alheio no decorrer do tempo. Como se no suceder do tempo de vida do sujeito, a indagação, a indignação, a crítica, a tensão e outros sentimentos ficassem ausentes do cotidiano. Tudo era sentido de forma imparcial.

Esse discurso de objetividade pode ser entendido por parte dos depoimentos dos velhos de Campinas. O progresso acelerado ocorrido nos últimos setenta anos alterou o cenário, antes considerado tão íntimo, e a noção do tempo no cotidiano. O sujeito inserido nessa lógica se vê diante de duas realidades aparentemente equidistantes. A primeira se refere ao progresso econômico e material. Os bondes foram substituídos pelos ônibus, o espaço cultural virou loja de grife, o cinema virou clube ou supermercado, a avenida de passeio se tornou calçadão destinado a compras, as ruas de terras e calçadas com paralelepípedos estão soterradas pela camada de pavimentação asfáltica para facilitar o trânsito dos veículos. A lógica comercial somada à

tecnologia industrial e científica invade o espaço da cidade, expulsando a cultura, congelada como tradição ou empurrada para a marginalidade sob a designação de populacho.

Em que se transformou o teatro municipal? Que loucura passou pela mente de tal governante para demolir algo tão especial para a sociedade campineira? Quem se interessa hoje pela cultura? A denúncia da irreversibilidade do progresso institui esse olhar crítico do velho, diante do mesmo espaço, que não lhe parece mais íntimo. As questões mais pessoais, como relacionamento, tirar uma linha (a paquera), o respeito de caminhar lado a lado pela cidade ao ser retribuído pelo olhar enamorado se corroeram no transfigurar do tempo.

A história da cidade se separa da história do indivíduo. O sistema, ou a estrutura, é culpado por determinar ritmo de progresso cuja forma de participação é a impessoalidade. Trata-se de exigir a identidade, enquanto particularidade, dos sujeitos inseridos nela. O preço para configurar esse sujeito universal, termo empregado por Certeau (1994) é o golpe contra a pluralidade.

Não é de se estranhar que parte desse discurso constitua a base de pensamento para analisar a relação entre cidade e cultura. A cidade se insere em outro ritmo, ao qual o cotidiano do sujeito não consegue se vincular. Ou, quando sente, é sempre com peso de reação tardia ou daquele sentimento de impotência de uma ação a negar a realidade. A experiência de vida na cidade é problemática porque descaracteriza o contexto de espaço do sujeito e retira a possibilidade de entender essas múltiplas formas de compreender o cotidiano. O cidadão urbano, civilizado por esta lógica, está distante da individuação, do processo de autoconhecimento, e mais próximo do individualismo. Prova disso é a sensação, quase do dia para noite, de uma atitude de estranhamento do próprio espaço por onde percorreu anos da juventude e agora pisa com os pés da maturidade.

A praça, os bancos, o coreto, os elementos estão no mesmo lugar, mas o espaço parece (e está) transformado em outro significado. Trata-se de algo percorrido, sentido como próximo, entretanto agora estranhamente distante. Esse outro significado instituído acentua a falaciosa compreensão de distância entre o eu e o objeto, e o sujeito não mais se reconhece na própria casa. A própria impotência toma valor explicativo. A ausência de ação no espaço ratifica a justificativa de a cidade viver sem a vida do sujeito. Ela existia antes dele e continuará a percorrer o caminho quando estiver ausente - o fato social da construção teórica de Durkheim. O espaço ganha então autonomia para registrar a história a partir da sua realidade. E é assim que a história oficial disseminada e perpetuada no dia-a-dia pela repetição incansável das mudanças objetivas e da articulação do sujeito no espaço da cidade se dissocia da história de vida do velho.

A migração forçada de milhares de pessoas retiradas de seu habitat e levadas para espaços onde anunciam alternativas para prosseguir a luta no cotidiano é ato de violência. Ela imprime fechamento de sentido, produzido agora somente pela estrutura funcional. Essa orientação teórica traduziria o comportamento dessas famílias meramente como resistência, longe de entender a cultura como a forma de o sujeito expressar no cotidiano por meio de táticas e estratégias de ação sobre a realidade. As famílias passam a incorporar a sociedade no espaço constituído. E sobre a sociedade de massa, a fechar o espaço de expressão do indivíduo tratado como sem identidade, não é necessário se deter em minúcias.

Como sujeito diante do coletivo massificado, a cidade se utiliza da cultura como seleção, como a memória do espaço. A fala do sujeito universal é ampliada pelos meios de comunicação e reproduzida incessantemente até se tornar dado relevante para o sujeito - estranho ao espaço pela violência do sistema - incorporar à sua consciência esse estranhamento como parte da sua história de vida. A construção da identidade está permeada por esta duplicidade: a experiência de vida em paralelo à experiência coletiva do outro.

Essa proposta de identidade dupla está estruturada no discurso da necessidade de o sujeito estar sempre informado, atualizado com a realidade na qual ele está inserido. Então a pergunta se faz: como é possível o sujeito desconhecer a história do próprio espaço onde vive? Qual a consequência, para a construção de identidade desses homens e mulheres, do fato de permanecerem alheios aos personagens que fizeram a história do país e que, portanto, necessitam ser preservados na memória de cada um dos habitantes?

Como característica dessa leitura estrutura-funcional a cultura é deslocada do centro de construção desse sujeito universal. Pelo contrário: não há espaço para aceitar a pluralidade. Nem se admite estar em paralelo de ação o homem e a mulher cujo compromisso de vida está, nesse aspecto, em pleno retrocesso. A cidade enquanto discurso aponta o dedo para se dirigir à “barbárie” dessas pessoas que insistem em rejeitar a noção de progresso material. O sujeito do discurso massivo determina o objeto coletivo.

Esses cantos populares, caipiras, são de uma época estranha e sem sentido ao urbano. Os passos lentos do velho, embora admitidos como parte da integração social, são dilacerados no interior da estrutura pela disposição da juventude. A felicidade de ser velho é negar a velhice pela energia de ser jovem. Para ser incorporado ao sujeito universal, o homem tornado objeto é levado a negar a identidade plural para se constituir no sujeito coletivo urbano. O velho estereotipado pelo sistema é admitido na estrutura com a eliminação da própria característica da velhice. Como se o planejar o futuro, ter disposição para encarar a vida fosse angústia depressiva que surge espontaneamente no sujeito com a passagem dos anos.

Poder-se-ia questionar o uso incorreto da cultura, ao partir da análise de ser o progresso material da sociedade parte de todo esse processo. O erro desta tese, por essa lógica, estaria em insistir no maniqueísmo de contrariar determinados preceitos sociais por vincular a lógica capitalista, sempre com ênfase negativa, sem se ater aos benefícios decorrentes a cada uma das

peessoas. Prova disso é a indagação corrente de muitos velhos, entrevistados na pesquisa de Campinas, para analisar o que consideravam bom nos dias atuais, no qual não encontravam no passado. O avanço da ciência e da tecnologia, empregadas para a melhoria da saúde do sujeito, não pode ser negado como primordial. A questão é o momento em que o progresso material, racionalizado instrumentalmente para o sujeito universal, desconsidera o esclarecimento do sujeito coletivo como sujeito histórico.

Parte do processo da emancipação do homem é marginalizado, deslocado para outro cenário da história, assim como a emoção, a velhice e a cultura popular. A informação não se torna mediadora desse crescimento. Ela atua como elemento de discurso violento. O ponto máximo do emprego da tecnologia está na produção de sentido do objeto tornado sujeito, no qual a experiência de vida do homem adquire sentido aparente de sem importância. A cultura do cotidiano é entendida como rotina castradora. Diante de uma tecnologia a produzir sentido, o homem está mergulhado em uma realidade distante de construir significado, a ponto de ser difícil entender esse indecifrável conceito de saber cotidiano. E para readquirir o sentido é preciso incorporar a informação da história oficial como “conhecimento”, numa metamorfose voraz de instituir como experiência de vida no futuro a opressão do presente.

No entanto, o fato social oficial a ser estabelecido como fundamento da memória do sujeito marginalizado não é aceito de forma suave, em harmonia com a vida paralela. Porque a partir de determinado instante desse processo de negação, a história deixa de atingir meramente o espaço de atuação do indivíduo para interferir no tempo de existência. A violência nesse campo exige mais do que o sacrifício de ouvir o relato oficial porque depende de o sujeito ser testemunha e testemunhar no cotidiano. Pode haver situação mais dolorosa ao indivíduo, negado pelo massivo e violentado no tempo da existência, ter de disseminar a história do espaço que lhe é estranho? Não tarda muito para a memória, caminhando em “paralelo” pelas histórias da cidade

e do sujeito, se fazer em conflito no presente. A ação do sistema confronta sem máscaras, sem promessas, com a ação do sujeito para instituir o significado do presente. O dito e o não-dito pelo homem têm pesos suficientes para manter a roda viva em movimento.

Neste conflito instaurado na memória, o sujeito indagado produz sentido e se defronta com outro plano interpretativo para caracterizar o sentido produzido na cidade: não mais o individualismo, mas a necessidade de manter a individualidade. Então ele se afirma no presente com a convicção de que havia outro valor no passado, além daquele do qual em determinados momentos é disseminado pelo massivo, e se encontra como sujeito de uma história ainda a ser contada, se despe como sujeito histórico. Quando a violência atinge o tempo do outro, negando-lhe a identidade, o outro age para valorizar o existir em sua pluralidade. Torna-se claro como a cidade se tornou estranha, mesmo com o passar de um tempo em que ele esteve sempre presente no espaço tornado cotidiano.

A face do poder capitalista para determinar o que deve ser lembrado tem o mesmo peso, outra face da mesma moeda, do que deve ser esquecido. A vida levada pela massa não movimenta o moinho, embora a força inquietante do presente dessas pessoas no espaço onde está o moinho constitua o retrato de ação no cotidiano. Nesse processo se instaura a memória subterrânea, marginalizada, de uma testemunha a ser ouvida para desferir golpe analítico sobre o discurso oficial do progresso fragmentado do social. As falas consultadas nos livros, eternizadas como significado pela escrita, nem sempre estão distantes do dito pelo velho marginalizado. Embora na maioria das vezes tenha outra posição política.

O valor do testemunho está no não dito pelo sujeito universal, no significado do testemunho do marginalizado cuja dissonância está em apresentar outros planos, negados pelo instituído como oficial pelo massivo. É claro que o popular também se insere no massivo por outras interpretações. O que se discute neste aspecto é o “congelamento” como tradição, relevado

em períodos sazonais como atração turística do costume, como se a excepcionalidade disseminada na tela não pudesse ser encontrada como ato cotidiano do homem comum.

O fundamento desta tese é apontar o erro teórico de considerar o popular eliminado, entendido somente pelo ato negado do massivo ou como resistência da violência da estrutura. E vem a pergunta: existe popular para além da violência a qual foi submetida? Será a beleza do popular descoberta exatamente em sua morte, como nos traz a discussão de Certeau no instigante texto sobre a beleza do morto? A defesa é deslocar a base interpretativa da sobreposição do econômico ao cultural, de forma hierárquica. Em vez de caminhar pelo estruturante, o olhar analítico deve se estender pelo hegemônico, a partir da orientação em Gramsci. A economia se sobrepõe a outros fatores sociais. Porém reconhecer esse dado não implica em negar a ação do outro, aos conflitos em seu interior. O popular também está em ação e não há como deixar de analisar o testemunho do sujeito marginalizado, agora traduzido como memória subterrânea, como política. A cultura torna-se política. A experiência de vida é o exercício de percorrer a história, de confrontá-la por outros sentidos do indivíduo considerado ideologicamente como mera abstração massiva pela história oficial.

Um dia todos serão chamados para prestar testemunho da vida. A frase pronunciada pela professora Ecléa Bosi durante as aulas de **Memória e História Oral**, na USP, tinha o claro objetivo de chamar a atenção para a postura política do qual inseríamos no cotidiano. E a partir da frase, a problemática vinha implícita: o que testemunharemos no futuro? Qual o valor a ser transmitido para as gerações futuras sobre a história? Como ligaremos o anel do passado e do presente para que outros homens tomem força e recebam o fio da tradição para traçar o futuro?

Em vez da resposta, o alerta: para se estar preparado para este momento, é necessário permanecer atento à realidade na qual se vive. Ou melhor, não se pode ficar distraído na experiência da vida, como se estivesse olhando a paisagem pela janela do avião. O perigo é

confundir passagem de tempo com experiência. Como havia argumentado em outro trabalho, transforma-se o tempo de vida em espaço a ser ocupado daqui a alguns anos. Esse estado de distração responde a postura e depoimentos de velhos como Donana: a lucidez só me vem no momento em que perco a consciência.

O trabalho teórico do **projeto Saúde Toda Vida**, em Campinas, é exatamente eliminar essa frase reativa. O velho tem de atingir a consciência para testemunhar criticamente as transformações ocorridas na cidade. Ser consciente exatamente no momento em que a lucidez por transitar entre os tempos passado, presente e futuro lhe dá a construção de totalidade. Eis o objetivo conceitual do trabalho: entender a maneira como os velhos moradores analisam as mudanças ocorridas na cidade e como lidam em sua vida com essas transformações.

Ao todo dez idosos participaram do projeto. A orientação conceitual deste trabalho está na disciplina **Memória, Velhice e Cultura**, ministrado pela professora Olga Von Simson, na Unicamp, da qual participei como aluno regular em 2005. Trata-se de um trabalho em conjunto: a empresa de saúde **Unimed**, com a terapeuta Márcia Regina Mainardes, e o **Centro de Memória da Unicamp**, com a pesquisadora Fernanda Mandetta. Há manifesta clareza teórica para compreender a essência desse projeto com velhos moradores: “ao permitir a reconstrução de aspectos do passado recente, o trabalho com a memória possibilita uma transformação da consciência das pessoas nele envolvidas direta ou indiretamente no que concerne à própria documentação histórica” (GIGLIO & von SIMSON, 2001:160).

A análise de reconstrução da história, por meio das lembranças, está na transformação da consciência de viver a realidade, que passa a ser ela mesma o objeto de discussão existencial. O velho, ao narrar o passado, se encontra totalmente na história subjetiva (no cotidiano) e objetiva (violência da estrutura). Como testemunha do resultado do conflito ou da negociação de sentidos da sua ação e da estrutura social, a fragmentação perde sustentação e ele se vê em sua totalidade.

É este despertar da consciência, da emancipação do sujeito como histórico o ponto primordial para entender a proposta da Oficina de Memória.

Há outro fator adicional a esse despertar da consciência. Uma das etapas da Oficina se estendeu na escolha e no percurso por alguns locais da cidade apontados pelos velhos como os mais importantes no decorrer da vida de cada um. Trata-se de um mergulho para entender os valores preservados e disseminados pela história oficial em contraponto à memória subterrânea do indivíduo marginalizado. É o mergulho compartilhado discutido como preponderante na ação política do sujeito defendido por Olga: “Esse mergulho compartilhado do passado nos faz emergir mais conscientes dos problemas contemporâneos da vida da comunidade estudada e, em geral, conduz naturalmente a ações politicamente conscientes, que visam a sua superação”. (GIGLIO & von SIMSON, 2001:160).

Ao narrar a vida e mergulhar nos aspectos da cidade, o sujeito pode entender o contexto político do que prevaleceu no passado, entendido agora como presente. Mesmo o sujeito distraído, a olhar a vida como paisagem, ou que entende a tradição como algo estático, cartão postal do turismo, pode ser deslocado para este outro plano da emancipação. O grau de consciência pode ser atingido neste golpe de contrapor a própria vida com o fato social. Novamente se está diante da proposta teórica de ser o sujeito, a filosofia do sujeito, o fator primordial para a mudança coletiva. Não se trata de tomar o papel acusatório ao progresso econômico, para retomar a pergunta que ecoa desde o início do capítulo. E sim de permanecer com a problemática existencial: por quê o progresso material da sociedade não pode caminhar com a emancipação do sujeito? Por que as mudanças da cidade nem sempre levam em conta as articulações culturais no qual o povo está mergulhado? Por que a padronização do massivo tem de segregar a vida plural do sujeito no cotidiano para enfatizar somente o fragmento, apreendido ironicamente desse plural?

Eis o que Canclini (1983) nomeia como ambigüidade e propõe como a necessidade de agir para construir uma cultura contra-hegemônica.

“O caráter ambíguo da estratégia que as classes dominantes põem em prática diante das culturas subalternas é explicado, desse modo, pela existência de um duplo movimento: pretendem impor aos dominados os seus modelos econômicos e culturais e, ao mesmo tempo, procuram apropriar-se do que não conseguem anular ou reduzir, utilizando as formas de produção e de pensamento alheias através da sua refuncionalização para que a sua continuidade não seja contraditória com o crescimento capitalista”. (CANCLINI, 1983: 110).

As interrogações nos levam a entender o paradoxo no qual está inserido o velho como testemunha. Ele não pode negar a importância da tecnologia, pois o próprio testemunho, o local de onde é levado a falar lhe obriga a considerar os avanços no campo da saúde. Há algo mais, além da superação da expectativa de vida em relação ao passado. É essa própria disposição de viver algo diferente na velhice, como se tudo caminhasse para uma trajetória de vida de angústia e agora é tornada melhor idade. Essa consideração, em momento algum, pode ser aliviada pela crítica da violência sobre a cultura. Eis a problemática indagada por Canclini (1983): “Como suscitar, a respeito do modo de vida que nos foi imposto mas que assimilamos como próprios, o distanciamento necessário para que surja a visão crítica?” (CANCLINI, 1983: 37).

A experiência de vida como consciência crítica do presente só pode ser entendida a partir do pressuposto de pensar a cultura em todo o processo: a produção, a circulação e a recepção. “Trata-se de um outro modo de dizer que a análise de uma cultura não pode concentrar-se nos objetos ou nos bens culturais; deve ocupar-se do processo de produção e circulação social dos objetos e dos significados que receptores diferentes lhes atribuem”. (CANCLINI, 1983: 33).

Ao partir da referência dos velhos na cidade, primeiro é importante entender a produção de sentido desses sujeitos na construção do cotidiano. Como esta realidade se circunscreve no contexto social, de ação hegemônica, e se dissemina pelo meio massivo ou se estrutura pelo

significado da escrita como lógica de poder diante da ação do sujeito. E, por conseguinte, a leitura do velho diante das transformações da cidade em um presente do qual emerge com lucidez e consciência. Esses moradores de Campinas convidados para testemunhar a vida têm importância nesse contexto social, como esclarece a professora Olga, porque “são velhos que ressignificaram sua participação social na fase final da vida reconstruindo laços de amizade e formas de utilização do tempo livre, no intuito de se manterem como sujeitos, perante sua família e seu grupo social”. (Anotação em diário de campo, 2005).

A construção da argumentação teórica do **projeto Saúde Toda Vida** está em sintonia com outras orientações da profa. Olga cuja perspectiva é entender a memória e a cultura como exercícios de poder político e filosófico. Cabe então, a essa capacidade de selecionar e rejeitar os fatos e transmitir às outras gerações o determinante hegemônico dessa luta no espaço social. O poder de selecionar é fundamental para estabelecer o pensamento crítico do sujeito e da sociedade.

Ao orientar a tese sobre o batuque de umbigada intitulada **Memória, Família e Educação Não-Formal: um olhar sobre a (re) construção de identidade**, desenvolvida pela pesquisadora Claudete de Sousa Nogueira na Faculdade de Educação (Unicamp), o mergulho está em torno do processo da memória subterrânea do negro. Porém, não se restringe à denúncia da violência do capitalismo. É necessário entender a produção de sentido do batuque enquanto expressão, como a ação da estrutura capitalista invade e se apropria dessa cultura, e o principal fundamento, identificar as formas de transmitir esses valores às novas gerações após sobreviver pela “resistência”. Trata-se de algo mais do que a articulação do popular diante do massivo.

Em mesma sintonia está na dissertação de mestrado **Memória, Loucura e Velhice**, defendida por Reginaldo Moreira (2005). O pesquisador mergulha no espaço segregado do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, em Campinas, para afrontar por outra vez a racionalidade

da estrutura. Esses homens e mulheres estereotipados como loucos, apartados do convívio social, foram segregados nos espaços pela rejeição de poderem conviver com os “normais”. Por esse ângulo, torna-se significativo que a pesquisa em vez de permanecer restrita à denúncia do marginalizado, tenha o objetivo de verificar ganhos ou ressarcimentos sociais que contribuíram para a melhoria da qualidade de vida. O contexto histórico da pesquisa se estrutura na reforma psiquiátrica iniciada em 1992.

Se abrir as portas da oralidade já é apontado como insensato em uma estrutura encerrada na razão instrumental como poder, dar voz aos velhos, internados como loucos, é literalmente, perder o senso de normalidade. A vida, sofrida em período cujo único remédio para restabelecer a “normalidade” de alguns tinha de ser o eletrochoque, é narrada por homens e mulheres. As grades, uso da camisa-de-força, quartos-fortes, uso indevido de medicamentos... Esse quadro mantido por décadas começou a ser abolido em 1990, com tratamento mais humano. A reforma permitiu o Núcleo de Oficinas e outros trabalhos a envolver artesanato, construção civil, trabalho agrícola. A velhice permitiu a reconstrução do sujeito de sua própria história.

E na pesquisa sobre a memória do carnaval paulista, Olga identifica o poder do massivo, mensurado pelo preconceito, para reprimir o popular. Seu Nenê, integrante do grupo de samba Águias da Meia-noite, era sucesso no período em que somente predominava o rádio. Tamanha ênfase proporciona a esse grupo ser conhecido no exterior, com shows realizados em países como a Argentina. Entretanto, quando a TV passa a ocupar o papel principal de disseminador da “cultura” para a sociedade, o grupo é pouco requisitado. Motivo: a estética oficial da TV seguia a lógica dominante em que o homem branco é o desejado. Com isso, Nenê, negro, se depara com o ritmo do samba paulista do seu grupo marginalizado e com perdas de força nesse campo massivo.

O avanço tecnológico deslocou, hegemonicamente, o poder de selecionar os fatos para outros grupos sociais que não representam a sociedade como todo. É importante entender esta

concepção conceitual para articular a cultura política como consciência crítica do movimento desse processo. Está-se diante de uma das denúncias de Olga sobre a poluição cotidiana provocada pela informação: destaca-se aquilo que pode ser mantido como coerência social. Esse poder soma-se a dois pontos: primeiro, ao discurso de massa, do sujeito sem consciência, portanto, destinado ao consumo acrítico; e segundo, da quantidade disseminada de informação e da velocidade que ela imprime ao social. O testemunho do velho Nenê, dos filhos de gerações de negros marginalizados em Piracicaba, Tietê e Capivari agora a expressar pelo batuque, dos velhos internados tratados como loucos e senhores da história, são sinais da memória subterrânea a contrapor o discurso oficial da estrutura. A memória não é sonho, não é nostalgia, é trabalho.

Cada recordar é um reviver profundo. Os velhos moradores de Campinas tinham muitas histórias para contar. O relato do passado, tornado parte do cotidiano, ao ser captado e filtrado pelo outro a partir do capital cultural se transfigura em consciência crítica. Quantas vezes escutamos ou mesmo pronunciamos em conversas as mudanças do bairro, da rua, de aspectos da cidade? E quantas vezes esse narrar é apropriado como discurso crítico, como contraponto ao poder por meio da oralidade? Pela capacidade de ouvir e entender a importância da fala dos velhos, sempre ligados ao passado, que a terapeuta Márcia Regina Mainardes, da empresa de Saúde Unimed decidiu iniciar o trabalho:

“Nós começamos o trabalho que chamamos de reconstrução histórica de Campinas, pensando no que os idosos traziam já pra nós. Eles vinham contando muitas histórias, contando pra nós como era Campinas, o que eles faziam, como era no passado, e sempre trazendo alguma coisa pra nós. A partir disso a gente começou a perceber que dava pra montar um trabalho. Aí nós fizemos algumas atividades simples: falamos sobre o passado, sobre o presente da cidade e eles estavam muito envolvidos”.
(Márcia Regina Mainardes, Entrevista: 03/2007)

Quem se interessa pelo que os velhos têm a contar nos dias de hoje? A pergunta existencial tem o mesmo peso, embora soe ofensivo para muitos, de outra ordem: por quê é interessante ouvir

histórias do passado? A crítica desta tese já apontou o problema de considerar o velho somente como passado, pois o anula no presente. E o velho assim não existe. Ao considerar esse quadro, é possível prosseguir na análise de a fala e o ouvir estarem em processo de construir a realidade no presente a partir do olhar no passado. A proposta de expor esses trabalhos para visitantes, como parte conclusiva do **projeto Saúde Toda Vida**, é ampliar o discurso da memória subterrânea. A indagação poderia continuar: mas desta forma a voz do velho marginalizado não ficaria restrita a poucos? A resposta tem de ser recuperada por um pressuposto do primeiro capítulo: a cultura popular é a maioria no Brasil e é o massivo que se sustenta a partir dela.

Não é por acaso que o contato com o Centro de Memória da Unicamp aconteceu por mediação do massivo. A publicação no jornal, sempre atento às novidades sociais, abriu a possibilidade de o trabalho tomar outra dimensão, distante de ser entendido somente como curiosidade. E assim, o desafio de reconstruir a história de Campinas passou a incorporar um dos trabalhos de referência acadêmica, em que o pesquisador deve estar atento para entender o significado da memória subterrânea. Com outro adicional: o exercício contribui para a melhoria da saúde do “idoso”.

Nós pegamos as pessoas mais lúcidas, em princípio, e que residiam há mais de 40 anos em Campinas. Então era ou os que haviam nascido em Campinas ou que viviam pelo menos 40 anos aqui. E selecionamos homens e mulheres e daí passamos a nos encontrar. Fomos montando por tema. Primeiro a gente começou conversar com eles de modo geral. Depois a gente começou a afunilar. A gente começava a falar sobre um tema, transporte. E montava uma oficina só sobre transporte, como era, o que mudou, no que eles andavam, o que eles sentiam diferente. E assim nós fomos montando. Cada oficina trabalhava um tema diferente. Isso sempre com o grupo inteiro. Então todo mundo tinha a oportunidade de falar, de contar a sua história, contar a sua experiência de vida. (Márcia, Entrevista: 03/2007)

A lucidez como despertar da consciência. Esses homens e mulheres, na faixa dos 80 anos, passam a ser testemunho de a experiência de vida, esse processo de autoconhecimento, ser a

referência para a emancipação do sujeito na sociedade contemporânea. O ato de narrar mergulhos na crítica social e autocrítica. O riso, o choro, as lágrimas, a frase construída com a amargura presente, em decorrência mesmo do passado longínquo, provocam mudanças na leitura da realidade. A intensidade do processo está em desvelar, em descobrir o ser do obstáculo de somente viver como reação.

A história do homem é algo mais do que somente a repressão. A história do homem em determinado momento da consciência, mesmo não sendo dono no interior de sua própria casa, é a história de sua expressão na totalidade. Enquanto se responde ao que acontece trata-se de viver, ninguém negaria. Porém o caminho parece encerrado na necessidade da resposta imediata: falta a lucidez para retirá-lo deste quadro. E encontrar a totalidade no mergulho crítico, causado pela profunda emoção do reviver, não significa que a vida a partir de agora seguirá na tranquilidade flutuante, enquanto outros permanecem tensos no rio cortado por quedas, pedras e outras barreiras. A responsabilidade de assumir a vida, sem ter de mostrar uma resposta imediata, é entender que em todos os momentos do viver está diante de possibilidades. Não se sabe como o indivíduo terminará o caminho. O importante é saber que desta forma o coletivo torna-se civilizado nutrido pelo progresso material da sociedade e intelectual dos indivíduos. O espírito do tempo de permitir, a partir da experiência vivida, o encontro com a maioria e sair do estado de minoridade criticado por Kant, sem excluir a emoção, o irracional, é a ação proposta para ser hegemônica no êxtase de construir como ser homem e mulher no cotidiano.

Talvez alguém faça a pergunta implícita desde o início deste capítulo: qual o interesse de uma empresa de saúde, articulada dentro da própria estrutura capitalista, de ser co-parceiro da Unicamp no projeto de consciência crítica do velho para se contrapor ao mesmo sistema que o marginaliza? A hipótese para alguns parece clara: conseguir mais clientes. Porém, isto não responde essa parte tratada como responsabilidade social. O trabalho começou por sugestão de

uma médica geriatra, no período em que assumiu como diretora da Unimed. Há visível crescimento da população idosa no Brasil e com isso é possível identificar os principais problemas de saúde. Ao mesmo tempo, há determinado momento em que não se trata mais de medir a vida pela vantagem econômica. A quantidade de remédios, o aumento de consultas, a depressão como parte constitutiva da vida do sujeito, numa repetição incessante a cada ficha preenchida na recepção determina a visualização de um quadro problemático: os problemas de saúde estão determinados pela ausência de prazer no viver.

O círculo vicioso impulsionado pelas indústrias farmacêuticas tem de ser interrompido ou contraposto. Então, o velho, nomeado de terceira idade, é conduzido a descobrir o prazer da dança, de entender a importância do exercício da memória por meio dos passos do bolero, da ginástica como estrutura para ter resistência física quando decide caminhar quarteirões a mais pelas ruas da cidade, mesmo que seja para pagamento de conta. Não se trata de re-educação, como costumam nomear. O sujeito, na maioria das vezes, não tem essa referência na história de vida. Esse educar para o viver torna-se então alegria manifesta de poder encontrar na velhice, não somente as dores do corpo e da alma, mas a alegria de poder repropor a vida.

“E diminuiu o número de problemas de saúde desses idosos?”

Isso é muito visível. A gente tem muitos relatos de melhoria de qualidade de vida. Pararam de usar muitos medicamentos que usavam. Emagreceram quando tinha que emagrecer, engordou porque tinha que engordar. Depressão. Tem n's relatos de histórias que foram mudadas quando passaram a conviver com outras pessoas fazendo atividade física. Tudo isso faz bem pra todo mundo, não é só pro velho. Mas pra gente também faz bem, conviver com outros faz bem, fazer atividade física faz bem. Então isso também é agregado.” (Márcia Regina Mainardes, Entrevista: 03/2007)

O velho então se descobre capaz e abre as possibilidades. Como ator de teatro, como cantor do coral, como dançarino, como pintor, redator, violinista, poeta, palestrante, aluno de

universidade... A potencialidade despertada nas fases anteriores, postas de lado para responder ao imediato, passa a permear o campo de atenção. E esse despertar instituído na frase: “é a minha melhor fase da vida porque posso fazer tudo que quero” está em sintonia com esse novo tempo. A emoção do lembrar permite ao sujeito entender criticamente a vida. A consciência crítica se traduzirá na saúde.

Com novo semblante, o velho percorre as ruas do centro, a praça Carlos Gomes, a Praça das Andorinhas, o Bosque e outros espaços, às vezes com os passos da consciência, outras vezes o olhar do imaginário. O jornal da época para apresentar o discurso tornado oficial do período, as fotos antigas retiradas do guarda-roupa, a memória viva de quem vivenciou esse período, cujo discurso não faz parte da história oficial. Ao ser colocado como mediador para explicar a relação do eu com o espaço no tempo passado e presente, o sujeito se defronta consigo mesmo. É impossível viver sem passar pela emoção.

3.1 – A CONTRADIÇÃO DO SUJEITO UNIVERSAL

Os passos da consciência pelas ruas do centro da cidade de Campinas seguem no mesmo ritmo do corpo do velho. Tem-se a impressão de estar somente em contato com a história oficial, imposta de maneira uniforme, sem sobressaltos, como a pavimentação asfáltica na qual ele movimenta os pés. Está aqui o discurso da rotina castradora ao sujeito cujo objetivo é conseguir acompanhar o irreversível do progresso material. A falácia é desfeita na quebra do silêncio do indivíduo. Ele se recusa a permanecer como mero passageiro para assistir, por outra vez, a realidade transfigurada por uma força hegemônica, força a agir com o objetivo de por a cidade nos trilhos da modernidade.

Ao parar em frente ao mesmo espaço, o tempo histórico rompe os limites estabelecidos pelo tempo instituído por outra lógica. O prédio no presente agora é outro. Representa a evolução natural da cidade pela estrutura, movimento a ser entendido com a mesma naturalidade do processo biológico do ser humano: nasce, cresce, envelhece e morre. Porém, há algo de excepcional nesse movimento do velho, que um outro sujeito, ao caminhar distraído pelas ruas do centro urbano, pode não reconhecer. A modernização da cidade, urbanizada, permeada por centros comerciais, embora aparente coerência, traz em seu interior a contradição.

A identidade do sujeito universal, cidade, está marcada também pela resposta ao que lhe aconteceu ao longo da história. As pessoas entram e saem da loja, com sacolas lotadas de roupas negociadas para serem pagas em números generosos de parcelas pelo cartão de crédito. Ao apontar o dedo para o espaço comercial na pausa do caminho, agora em caráter excepcional da leitura do cotidiano, o olhar do velho transpassa os degraus das escadas rolantes. O passado passa a contornar o cenário e com esse novo quadro se processa a denúncia da dinâmica da modernidade que determinada a realidade, sem se importar com a cultura do cotidiano do sujeito.

O suor, a lágrima, o sangue escorrido pelo homem violentado se descortina para avaliar a normalidade do hoje conquistada na negação da pluralidade do outro, em recente ontem.

O asfalto se desfaz. Os pés voltam a pisar nos paralelepípedos, na restrita arquitetura das ruas por onde circulavam os bondes. A loja comercial é demolida pelo discurso oral por não se encontrar como representativo do sujeito em sua história. Diante da afronta de uma política reducionista, a consciência do velho reconstrói a cidade em meio à outra leitura histórica. A memória subterrânea mergulha na objetividade aparente da estrutura. O estado de menoridade, de dependência intelectual, no qual o poder hegemônico disseminava ideologicamente como condição do outro, agora é contraposto pela razão objetiva aliada à emoção.

A lágrima a escorrer pela face pode não ser a mesma. Entretanto, trata-se da mesma dor, esse sentimento inquietante a impulsionar o sujeito a denunciar a incoerência da própria estrutura. A racionalidade não se conclui. E a pergunta tem de ser pronunciada: a cultura popular existe em outro lugar que não no ato que a suprime?

A interrogativa nutre o desafio desta tese com a mesma inquietação do velho a percorrer as ruas do centro da cidade. Se se entender a memória do passado como emancipação do sujeito no presente, a resposta, por esse ângulo, seria recorrer ao determinismo violento da estrutura. Os depoimentos então se restringem à “resistência” de um povo, reduzido pelo mercado à massa, cujo conhecimento é marcado pela história oficial. O fundamento desta pesquisa rejeita essa definição. Isso não significa cair em outro extremo, de ser a forma de ação do povo autônoma, sem qualquer influência do contexto do poder. Seria incoerente entender essa forma de agir de forma automática, pois seria adotar uma posição reducionista sobre a forma de expressar da cultura popular, enquanto se critica o reducionismo de determinar o cultural pelo aspecto econômico. É necessário primeiro mergulhar na ação do sujeito, em sua pluralidade, no momento em que se confronta com a ação da estrutura, antes de retomar a instigante pergunta proposta.

O primeiro impacto do velho ao reconstruir a história de Campinas é articular as sobreposições de histórias decifradas no mesmo espaço. O presente é criticado pela violência do passado. Sebastião da Silva, 80 anos, se recusa a entender a imponência da loja comercial da rede C&A porque essa nova construção foi assentada sobre a negação da cultura da qual tinha orgulho. Em 1965, o Theatro Municipal Carlos Gomes, originalmente batizado de Theatro Municipal, encerrou a curta e intensa duração na história de Campinas. A arquitetura cuja grandiosidade abrigava os grandes eventos da cidade se desfez em meio a dúvidas do real motivo para justificar a demolição. O laudo técnico e objetivo, que apresenta o problema de estrutura do prédio, não alcança a profundidade da inquietação subjetiva de Sebastião, cujo sentido da vida estava associado a essa forma de expressão.

Ele acompanhou a derrubada do monumento. “Acompanhei, eu vinha, dá uma tristeza ver, não, a construção dessa aí tão bonita”. (Sebastião da Silva, Entrevista: 08/2005) A tristeza toma proporção de revolta e, no exercício sofrido de entender as razões do outro, o discurso atinge o poder do particular sobre o social. “Considerado o rei, o Rui Babão, corre, correu um assunto na época que ele recebeu propina, dinheiro, para alegar que o teatro tinha problema e derrubar o teatro, demolir, para construção dessa firma, C&A”. (Sebastião da Silva, Entrevista, 08/2005). O prefeito do período era Ruy Novaes.

O vazio cultural imposto por essa demolição tomou sentido de descompromisso social. Como se pode destruir o espaço tão significativo para a vida cultural de Campinas? A pergunta atravessa a distância dos tempos e é possível reviver esses momentos dentro da loja comercial. As pessoas que olham as vitrines, atraídas pelo desejo de compras, não sabem da tristeza da demolição, nem da alegria do então Theatro Municipal. Ao som da ópera **O Guarani**, de Carlos Gomes, ópera que o havia consagrado na Europa, na famosa apresentação no Teatro Scala, de Milão, a Cia Lírica da Sociedade Teatral Ítalo Brasileira inaugurou o espaço cultural. O teatro

tornou-se o símbolo da modernidade. Imponentes, os grandes eventos trouxeram a euforia de uma cultura em desenvolvimento no ritmo da cidade. O progresso material estava em “sintonia” com o progresso social por meio da cultura.

“O Teatro, o teatro tinha os grandes eventos, os bailes de formatura, das faculdades, principalmente, das escolas tradicionais, eram todos eles feitos aqui no teatro, né, o pessoal vinha aí, formatura, receber o diploma, e depois tinha a festa, o baile”. (Sebastião da Silva, Entrevista: 08/2005) A geografia do teatro é novamente traçada para mostrar a extensão dos degraus e entender parte da grandiosidade. A ação violenta de demolir o espaço cultural demonstra a falta de compromisso, o descompasso do progresso material com o social. A modernidade continua pedindo passagem.

A tese de doutorado de Marialice Faria Pedroso, defendida na Unicamp sobre o Teatro Carlos Gomes, identifica que o despertar para a modernidade foi para o Teatro o ponto de partida e a linha de chegada. As análises sobre esse processo histórico ilustram como o ritmo do progresso atravessa a cidade e derruba o que se torna incompatível com a sua nova caracterização. É preciso atravessar as escadarias da loja C&A para reconstruir o Teatro Municipal. A história, para ser compreendida, exige mais do mergulho da memória. E esse poder de selecionar, a interpretação do que será retido está atrelado ao capital cultural.

Nesse mesmo espaço da rede C&A levantado sobre os escombros do Teatro Municipal, o fio do passado liga-se a outra arquitetura, o Teatro São Carlos. Inaugurado em 1850, indicava os rumos da modernidade para uma cidade em construção de identidade. As ruas estreitas passavam por transformações para acomodar o coletivo. Havia padronização de prédios. A proposta do arquiteto Ramos de Azevedo era levar “monumentalidade para a cidade e promover remodelação urbanística e arquitetônica com aspirações cosmopolitas”.

A tese de Marialice mostra o contraponto da elite campineira e o popular. A necessidade de ter um teatro maior para representar a cidade como importante centro de arte e cultura impôs esse rastro empreendedor da modernidade. O Teatro São Carlos, símbolo inicial da modernização, era entendido como obstáculo: pequeno demais para as aspirações da elite. Os obstáculos devem ser derrubados.

A derrubada do Teatro São Carlos possibilitou a inauguração da nova casa de ópera, o Theatro Municipal. Causa estranheza que a segunda demolição tenha ocorrido justamente quando as atividades eruditas da elite campineira começaram a perder espaço para as de cunho popular. A popularização do teatro municipal contribuiu para o descaso. Em meio a toda área central, o teatro, símbolo da elite campineira, tornado espaço para expressão popular, se torna obstáculo para a modernidade. E vem o laudo técnico: a existência de fendas nas paredes e reentrâncias no piso do palco apresentava perigo de desabamento. Para evitar a tragédia era preciso proteger o popular. O teatro foi demolido.

Está aqui o sentido da tristeza declarada por Sebastião da Silva. A demolição não ocorreu em segundos como estamos acostumados a ver, no meio massivo, as atuais cenas de implosão. Aos poucos, sob os olhares do popular, o prédio era desconstruído, demolido. O sólido se desmancha no ar. O sentido encontrado na forma de expressão do popular, quando parece permitir ao sujeito se agarrar como sólido, se esvai. É uma tristeza. O centro da cidade deixava claro a incompatibilidade do popular em meio à modernização, agora tendo de abrigar avenidas enormes para o trânsito de ônibus. A demolição da arquitetura da expressão popular vinha sob a justificativa de evitar a morte do popular. “Era exatamente até aqui, que se estendia as escadarias do teatro... Ele (o prefeito Rui Novaes) não era uma pessoa que amava a cidade de Campinas” (Sebastião da Silva, Entrevista: 08/2005).

Pode-se medir o grau dessa popularização pelo testemunho do então guarda municipal José Otterço sobre os shows que enchiam os olhos do público desde os seus tempos de moleque. Quem não se lembra do tão conhecido trecho musical: “Tornei-me um ébrio, da bebida pois tento esquecer, aquela ingrata que eu amava e me abandonou. Apedrejado, pelas ruas, vivo a sofrer, não tenho lar, nem parentes tudo terminou...”. **O Ébrio** pode ser visualizado pelo vozeirão de Vicente Celestino, o ídolo das multidões. Entre outros sucessos com canções como **Patativa, Porta Aberta, Coração Materno**. O que dizer então de outro cantor popular, Nelson Gonçalves eternizado pelo trecho: Boemia, aqui me tens de regresso, e suplicante eu te peço, a minha nova inscrição...”.

“uma das coisas que eu mais, que eu mais acompanhava eram cantores, eu por exemplo, eu era molecote e ainda vinha, eu tinha que ir junto com a minha irmã mais velha, que meu pai falava, “acompanha ela e uma amiga dela pra ver (...), a rádio Educadora de Campinas que era na (...), esses, esses, sabe, tem o Orlando Silva, naquele tempo eles vinha cantar em (...). Teatro Municipal, Vicente Celestino, Nelson Gonçalves, quer dizer, eu vi, eu vivi essa vida, a boemia era na época uma coisa que não tinha nada de malandragem, era um grupinho de amigos que se reunia lá do bairro, e meu pai, minha mãe sabia disso, só falava cuidado, pode acontecer alguma coisa, e às vezes essa hora a sua mãe não dorme enquanto você não chega era um problema, pra tu largar sabe, daí eu conversava com ela, ela falava, “não, vai pode ir”, sabe, era meio complicado.” (José Otterço, Entrevista: 10/2005)

Os artistas famosos eram parte da vida cultural das pessoas. Durante o processo de reconstrução histórica pela memória, José Otterço lembra do episódio em que conheceu Dercy Gonçalves. E de como se divertiu durante todo esse período. Orlando Silva, Vicente Celestino, Nelson Gonçalves, esses cantores do popular, da multidão, se mesclavam aos bailes de formatura como atração principal do Teatro na cidade. José Otterço pôde conhecer alguns, em parte porque conseguia ingresso gratuito já na condição de guarda municipal. Não há na descrição dos velhos,

os trechos de ópera ou outras sinfonias que implicava em tornar diferente o Teatro, em satisfazer a elite campineira. O espaço se tornara cunho popular.

Essa ferida aberta ainda sangra no centro de Campinas. Para quem testemunhou a derrubada, a memória, inquieta, não permite mais ser vencida pelo silêncio. E o sentimento tem de ser exposto à sociedade, não importa o intervalo de tempo. Em junho de 2007, O jornal **Correio Popular** expunha e ratificava por outra voz, a violência do econômico sobre o social. O advogado e construtor Milton Elias Mendes, 71, revela a mudança de ação subjetiva, ao se recusar prosseguir com um comportamento interrompido bruscamente pela violência da ação do poder sobre o teatro. “Eu não vou ao teatro há muito tempo, pois gosto de ir como antigamente, de terno e gravata, e a minha mulher, de vestido”. (CARLOTA, Caderno C: 2007). “O meu tio, que era pedreiro, também conhecia bem o teatro e me lembro dele chorando durante a demolição”. (CARLOTA, Caderno C: 2007).

As lágrimas do pedreiro, do então aposentado Sebastião da Silva, de José Otterço e de outros mais personagens comuns da história de Campinas denunciam a incompatibilidade do econômico ao social. E ao mesmo tempo nos revelam a contradição da própria estrutura. No mundo moderno, onde a população passa a constituir o espaço da cidade, não torna mais possível um grupo econômico se isolar em pleno espaço público. É um desejo a todo instante frustrado. Quais os indícios no mundo de hoje sobre essa forma de expressão cultural, o Teatro Municipal, para as novas gerações tomarem consciência com emoção desse processo histórico?

O argumento talvez poderia ser sobre a música de inauguração do teatro, o **Guarani**. Para isso, é necessário mergulhar no tempo e espaço para saber como os jovens nos dias atuais tomam contato com essa obra. Ou se conseguem discernir a música de abertura da **Voz do Brasil**, às 19h, momento em que é entendido pelo público do meio massivo mais como pausa musical do que “diálogo” político. Para resolver a indagação, o teste foi realizado em algumas salas de aula

com cerca de 200 estudantes de graduação, em Salto. Somente três alunos sabiam que o trecho de abertura era sinfonia de Carlos Gomes. A maioria sequer tinha ouvido a ópera, nem como abertura da **Voz do Brasil**, nem tinha conhecimento como obra de compositor brasileiro.

A consciência crítica do popular revela a dívida do progresso como ruptura ao social subscrito na modernidade. A escadaria do teatro era uma beleza. As pessoas não sobem mais as escadas para os bailes, para as peças e óperas. Agora, basta se orientar para os setores já alardeados pela publicidade. A transformação da cidade de Campinas, resultado do movimento modernizador iniciado em 1850, caracterizou o acesso da cultura popular para o novo mercado. Eis a tristeza diante da sociedade de consumo: o popular não precisa ser mais protegido.

As ruas por onde os velhos andam, eram ainda estreitas nesse período em que o bonde era o transporte principal. O prédio da Caixa Econômica Federal transporta para o cenário do terreno vazio. “Tinha parque infantil, pras crianças brincar aqui, roda gigante né. E era tudo terra”. (Sebastião da Silva, Entrevista: 08/2005) Do espaço onde podia visualizar a Livro Azul, a livraria, agora está o bingo. A padaria do comércio... lembra da padaria? Era ali onde hoje abre espaço para estacionamento de carro. No percurso pela área central de Campinas, o testemunho do velho indica o bar que pegou fogo. As árvores que enfeitavam o largo do rosário hoje deixam a saudade. Embora possa passar pelas plantas, não é comparável a quantidade de árvores de antigamente.

Do banco onde se ficava sentado é ainda possível visualizar outra mudança: onde hoje é a farmácia era o Bar Tupi. Mas o largo do Rosário remete por outra vez à violência da modernidade. Idelina lembra da linda igreja do Rosário. E o protesto de Sebastião, mesmo depois de caminhar por outros longos metros, até chegar em frente ao espaço do teatro Municipal, se faz ouvir: o prefeito cometeu o maior absurdo ao demolir a igreja do Rosário.

O cine República também não está mais lá. Quantos de nós podemos testemunhar em cada cidade o período em que o cinema era atração principal no centro da cidade?

“os cinemas todos que existiam na época, era, o de Campinas teve no centro o (...), Carlos Gomes, o Rínque, o São Carlos, o República, depois foi inaugurado, eu, eu como guarda civil eu trabalhei na inauguração do Oliveira, fiquei um mês trabalhando aí a pedido do gerente, de guarda civil, depois naquela época tinha nos bailes, tinha cinema, no São Bernardo era São Jorge...” (José Otterço, Entrevista: 10/2005).

De símbolo da expressão cultural passou a tornar obstáculo pelo espaço de ocupação no interior do urbano. A última sessão de cada cinema retirado do centro é lembrada com angústia. Para sobreviver no novo contexto da modernidade, os cinemas foram empurrados para fora do centro. Até se tornar comum ser outro espaço de consumo inserido nas lojas dos Shoppings Centers. Entre a proposta da sobrevivência do meio e da necessidade de atrair público, os filmes comerciais, disseminados com o poder dos Estados Unidos, imperam num círculo vicioso. É o predomínio da representação do outro, traduzido em somente trazer aqueles filmes dos quais o público gosta, fim proposto pela fórmula do sujeito como massa.

Em meio a essas recordações de como a modernidade em Campinas decretou as mudanças da arquitetura e passou a exigir nova conduta social, Idelina Frederice insere o elemento subjetivo:

“Sebastião, Sebastião, foi nessa esquina que eu conheci o meu primeiro, nesse, na frente desse banco, que eu conheci o meu primeiro marido, eu tava, eu tava parada, eu ao invés de ir na escola de noite, na escola de corte e costura, a gente ficava parada ali, daí tava os meninos tudo cantando né, e daí ele passou, ele veio de lá pra cá, ele viu que eu tava de pé, ele abaixou, ele olhou no chão e falou assim pros amigos, “não é assim que se adora uma deusa”, (risos). (Idelina, Entrevista: 08/2005)

A importância de ser cortejada em frente das amigas já seria emoção suficiente para permanecer como algo excepcional na vida de qualquer mulher, de Idelina nesse caso específico.

Soma-se a isso o fato de a chama acesa naquele espaço, de forma tão espontânea, hoje recordado com o tempo, era o início da realização do sonho de juventude: casar e ser feliz. Que prazer maior pode ter alguém a sofrer intervenção do tempo de existência pelo outro de maneira tão profundamente encantadora? A identificação do sonho com a felicidade. Idelina hoje consegue entender a distância entre os dois elementos. A realização do casamento não implica necessariamente ser feliz. É difícil mensurar o sentimento, ainda mais quando se avalia como médio ou regular a vida experienciada no casamento.

Você se casaria novamente? Só se aparecer um príncipe, instiga seu Valdemar. E Idelina, da resposta séria cuja avaliação é regular, sorri: “Ainda não apareceu o príncipe, mas se aparecer, que diz que vem com o cavalo branco, quem sabe a gente casa outra vez.” (Idelina, Entrevista: 02/2007) O sonho transformado em realidade volta novamente ao estado de sonho. E a imaginação é retirada da prisão do passado para ser incentivo a outra atitude. Desde que o próximo galanteador já esteja pré-determinado na história. A felicidade, este ideal típico da modernidade, tão buscado pelos homens como fim em si mesmo, torna-se o golpe contraditório da vida.

Esse reviver de Idelina, ao mesmo tempo, abre espaço para Valdemar Lourenço Paulo lembrar de uma passagem vivenciada com o pai: “Eu vim com meu falecido pai e ele, nós paramos na esquina aqui, vinha vindo aquele cordão com aquela música Chiquita Bacana, vinha vindo uma moça dentro duma casca de banana, “*Chiquita Bacana, lá da mais (...), ela se veste com uma casca nanica*”. (Valdemar, Entrevista: 02/2007) Como era diferente os carnavais de outrora comparado aos de hoje. As marchas populares, a inocência de poder dançar o carnaval em uma cidade aberta à troca. “Ei, você aí, me dá um dinheiro aí, me dá um dinheiro aí”. Os adjetivos para a festa popular adotados por José Otterço são bonito, maravilhoso, animado. “Bom, carnaval aqui em Campinas era muito animado, ele tinha escolas de samba e tinha blocos

formados. Dois blocos se destacaram, que era o Leão da Várzea, que era de um grupo que parece que chamava Corintinha, e tinha o Marujo, que era mais o Coloredes né, que participavam”. (José Otterço, Entrevista:10/2005). Coloredes refere-se aos grupos das pessoas de raça negra. E então, a contradição da cidade, do predomínio do econômico ao social se deflagra sobre a luz do preconceito.

“É porque eu vou, vou falar isso as pessoas vão né, ficar, o grande problema é o preconceito, eu não tenho nenhum. Então era muita disputa, tinha outros blocos mas era mais assim bloco dos Farrapo sabe, que era coisa pra divertir mesmo, e tinha escola de samba, tinha umas escolas de samba boa, Ubirajara parece, eu não lembro direito os nome, eu sei que um ano que eu não lembro também nós formamos, dois, foram dois, dois anos né,nós formamos uma escola de samba lá no bairro, na Vila Almeida, a Voz Amiga, e aí nós desfilamos, e eu desfilava como diretor, porque a gente não sabia sambar, não sabia batucar, não sabia fazer nada, então como diretor, carnaval era aquele (...) que descia a Barão de Jaguará, tinha também na Francisco Glicério, e existia na Avenida Industrial, que a Avenida Industrial é meia, gostava de ser separada sabe, como bairro, e tem uns detalhe aí que não vai ao caso, que não podia namorar lá, é uma coisa, era meio complicado, então o carnaval era assim, bonito, maravilhoso, isso enquanto durou né, porque depois, eu não sei a época acabou. (José Otterço, Entrevista: 10/2005)

Como analisar o carnaval de Campinas por esse foco? Poder-se-ia dizer que se trata de uma festa da cultura popular, mesmo diante da divisão subscrita entre negros e brancos, ricos e pobres. Porém, hoje, ao olhar o carnaval em geral somente pelos dias de folga proporcionados em respectiva semana de fevereiro, muitos não hesitariam de denunciar ter a festa se transformado em mercado, produto fabricado para ser disseminado pelo massivo. Os indícios conduzem a interpretação: as grandes emissoras de televisão, recheadas por patrocinadores, reforçam a cada ano a briga pela audiência. Os desfiles são marcados pelo ritmo padronizado, sob a influência do carnaval carioca. Os destaques do massivo, conhecidos pelo sucesso das últimas novelas ou

revistas, como status concedido, sobem nos carros alegóricos para serem fotografados e reforçarem a imagem da cultura de massa.

Esse olhar não pode ser acusado de errôneo, porém ideológico. Costumo definir como incoerência teórica: parte-se do pressuposto da economia, em sua linha interpretativa, e rejeita-se qualquer ato realizado pelo sujeito, pelo popular. A lógica de pensamento é de a cidade em movimento e o homem estático. Permeado por essa idealização vem arrastado o discurso: o carnaval virou mercado. Anteriormente tudo era lindo, hoje há apenas resquício desse período. A mudança teórica desta tese, como já apresentado anteriormente, é recusar a hierarquia para discutir o ponto hegemônico. Há comunidades que passam a vivenciar o carnaval como expressão do cotidiano, mesmo a festa tomando proporção do mercado, como mais uma gôndola do supermercado planetário. Considero incoerência teórica essa justificativa de elaborar todo o conceito por meio do econômico e se utilizar apenas da cultura como parte da conclusão de tudo ter se transformado em mercado.

Ao caminhar por outros metros pode-se percorrer o Largo das Andorinhas. E a lembrança identifica a música das Andorinhas, eternizada na voz do Trio Parada Dura: as andorinhas voltaram e eu também voltei...”. Por onde voam as andorinhas hoje? Sebastião da Silva aponta que elas ficavam no mercado. “Mas era uma beleza né, quando tinha procissão aí na, na, na, na Quinze de Agosto, elas ficavam todas sobrevoando aqui, era uma beleza, era uma beleza o bando de andorinha. O mercadinho era bem freqüentado né, eles vendiam galinha, vendiam frango, vendia tudo ali”. (Sebastião da Silva, Entrevista: 08/2005). O reduto das Andorinhas, como testemunha José Otterço. Mas não há mais as andorinhas. Sebastião explica que talvez elas tenham ido para Ribeirão Preto. O Mercado também tombou com a velocidade do tempo. Aliás, aqui começa a sobreposição histórica desse espaço: antes de ser conhecido como Casa das Andorinhas, o mercado inaugurado em 1886 era voltado para hortaliças. Com a inauguração de

um novo mercado na cidade, ele perdeu o uso comercial e então passou a ser tomado por longos anos pelas andorinhas. A lembrança de Eugênia da Cunha Mei mostra a importância do mercado, num período em que não havia supermercado, e as diversidades nele inseridas.

“É porco, cabrito, tinha o que você quisesse tinha aqui, agora o que era lindo de morrer, aqui à tarde né, era a revoada das andorinhas, vinha gente até de fora pra ver essa revoada aqui né, porque quando era quase seis Horas da tarde, elas vinham em bando e se recolhiam tudo em cima na, no, do supermercado, no forro né. Elas ficavam tudo ali, as andorinha, e quando era cinco e meia da manhã elas saíam todas pra passear, iam todas embora, mas você não precisava olhar no relógio, a hora que você visse as andorinha em bando, era seis hora da tarde, e cinco e meia da manhã elas saíam todas embora né, era a coisa mais linda, e era um lugar muito cheio de gente, porque toda Campinas inteira vinha comprar aqui, e no mercadão né”. (Eugênia da Cunha Mei, Entrevista: 08/2005)

A caracterização de Campinas por meio das andorinhas ultrapassou o limite geográfico e se transformou em turismo. Homens e mulheres de outras cidades vinham atraídos para vê-las. O espaço sofreu mudanças no caminhar histórico: para as outras gerações, a imagem a se sobrepor na experiência de vida já não é mais o mercadão. Mas a beleza da revoada das andorinhas. O testemunho de Idelina confirma a mudança de sentido.

“Quando eu estudava em Franca, Márcia, já, já contei, tinha um livro didático, então falava, essa andorinha já estava na história do Brasil, porque lá no, no, em Franca, a gente tava estudando sobre as andorinhas de Campinas, então era uma história de dois irmãos que conseguisse passar de ano, viria visitar Campinas pra ver as andorinhas, era um livro, então eu já estudava lá em Franca.” (Idelina, Entrevista: 08/2005).

A história documentada nos livros já não faz mais parte da realidade da cidade. O mercado, onde se vendia desde galinha viva, porco, cabrito e outros itens de supermercado, hoje foi tranqüilamente superado pelos hipermercados. A praça das Andorinhas se ressentida da revoada. Se há pessoas de outras cidades que passam pelo local, fica somente o poder de

imaginar como era a cidade anos anteriores. Porém o fio do passado que nos conduz a analisar o espaço nos anos anteriores não tem início no mercado.

Há poucos metros dessa área, havia um tronco onde eram castigados os escravos. O espaço era conhecido como largo do Pelourinho e representa a contradição de uma cidade em projeto de modernização. Projeto tímido de modernidade, como apontou José Roberto do Amaral Lapa: enquanto uma camada superior se favorecia dos lucros conquistados pelo enriquecimento por meio da lavoura do açúcar, a cidade no final do século 19 exibia a escravidão, os castigos infligidos aos escravos como pode atestar o pelourinho. “Esta modificação e modernização dos hábitos urbanos brotou em meio a práticas de enforcamento e exibição pública e permanente de corpos esquartejados dos escravos rebeldes, tendo sido atribuído a um deles, Elesbão, poderes mágicos e milagrosos, pois suas mãos teriam ficado brancas no alto do poste ao qual haviam sido expostas”. (MOURA, 1998)

Quando o controle da racionalidade não se completa, mesmo pela violência considerada, recorre-se então ao imaginário, a uma forma de poder mágico dotado pelo sujeito marginalizado para explicar determinados acontecimentos. Na literatura, é possível identificar trechos onde a perspicácia ou outros valores do homem negro, tratado como escravo, é atribuída ao pacto realizado com o ser diabólico. Como explicar a fuga do escravo diante do cerco realizado pela polícia? Por que a mão exposta do negro ficou branca? Esse olhar de eliminação da expressão popular não é algo vinculado ao contexto excepcional de Campinas, nessa busca de desqualificar o sujeito por atribuir a pontos específicos da cidade.

A análise histórica mostra como essa mentalidade se instala como algo vinculado ao cotidiano em outras realidades. Àqueles que resistem ao controle total instaurado pela violência física, pelo tronco, pelas chibatadas, que resistem à dor do corpo enquanto o sangue escorre pelas praças para regar o solo da modernidade, aqueles sobreviventes rebeldes de pés descalços a

perambular sob vigilância do poder pelas ruas da cidade, esses homens e mulheres, que parecem não temer a Deus, são atribuídos poderes. Porque sobreviver a todos esses castigos demarca a certeza de estar diante de alguém sobre-humano, protegido por forças que só pode estar associadas à feitiçaria.

E as crendices, juntamente com as feitiçarias, devem ser eliminadas por não serem compatíveis com o novo pensamento a ser buscado pela racionalidade. Seja com fogo, seja com ciência, seja com a apropriação e descaracterização da essência da cultura expressa pelo outro. A história do negro em Campinas então transborda com todos os elementos: o pelourinho como castigo no contraponto à modernidade; o preconceito enquanto expressão do carnaval e por último a incompatibilidade da estética na televisão.

A cidade age e se defronta com a ação do popular, como é possível entender a articulação histórica feita por Lapa no livro **Cidade: os cantos e os antros**. A epidemia da febre amarela em meio a todo esse projeto modernizador, no final do século 19, demarca o contraponto. O êxodo das pessoas evidenciava “a precariedade do saneamento público vigente. A epidemia forçou intervenções abruptas das autoridades e a criação de políticas públicas visando a higienização e a saúde das pessoas. Estas, diferentemente dos cariocas, não reagiram com a mesma violência em relação à obrigatoriedade da vacina, mas mostraram certa resistência, entrando com processos na justiça visando suspender a ação do poder público”. (MOURA, 1998).

O popular age diante da ação do sistema e é inevitável a comparação com outros representantes históricos, como vincula Moura. O mundo do moleiro de Carlo Ginzburg, na Itália da Renascença, as práticas de leitura dos camponeses de Roger Chartier, das pessoas comuns apontadas como possuídas pelo diabo na Terra de Santa Cruz. Ao invadir a esfera do cotidiano, o popular reage e modifica a leitura da participação dos iletrados, desfigurados pelo poder econômico como sem cultura. O popular, nesse sentido, precisa ser educado ou só será aceito no

processo civilizatório a partir do instante em que o grau de consciência estiver em consonância com o novo tempo.

E o trajeto de reconstrução histórica percorre a Praça Carlos Gomes. Por ironia, o coreto permanece em pé como indicativo de ter sobrevivido ao longo do tempo. Mas tudo está diferente. O som da banda, sempre presente no final de semana, hoje parece não estar mais em sintonia com o espaço. Aliás, é o silêncio da banda que ecoa por toda a praça. O trânsito de pedestres concentrados no destino traçado durante o horário comercial, o beijo de um casal de estudantes sentados no banco, o descanso do desempregado. Esse cenário da praça em uma tarde rotineira para os velhos destoa do sentido atribuído no passado com importância: o espaço era ao mesmo instante tempo de expressar os sentimentos para a pessoa amada, não no caminho linear do qual os transeuntes percorrem distraídos em suas preocupações, mas no movimento circular para se relacionar com o outro. Tirar uma linha, paquerar. Idelina relembra os momentos de alegria desse período:

“fim de semana, ficava a banda tocando, né Jael. Aí depois a gente subia, quando era nove horas todo mundo ia embora Fernanda, era marcado no relógio. Nove horas a gente ia embora, cada um pra sua casa, se arranjava namorado a gente falava que ia de bonde, não era?” (Idelina, Entrevista: 08/2005)

Os termos como tirar linha, andar de bonde. As expressões soam tão diferentes ao contexto de Campinas agora urbanizada e modernizada. Esse vai e vem de homens de um lado, mulheres de outro, todos em torno do coreto, enquanto a banda tocava canções a inspirar o projeto de futuro do sujeito como casal, é a imagem a predominar em cada um dos velhos. O sentimento de felicidade ao ser correspondido e ir de bonde. O suspiro, uma piscada. O amor então se articulava em suas múltiplas possibilidades para um caminho considerado imprevisível.

Agora o contraponto, a Campinas de hoje, parece mostrar a previsibilidade das pessoas a transitar pela praça como algo paradoxalmente entendido como estático. As mulheres de

programa, o risco de ser assaltado a qualquer momento tem a mesma regularidade do vazio do coreto. Naquele tempo tudo era mais tranqüilo. E é essa conturbada experiência de memória que conduz o velho a tomar uma posição, nesse instante em que reconstrói a história da cidade. Ele analisa as alterações do espaço com o sentido do tempo construído ao longo da vida. A sobrevivência do coreto demarca a memória em conflito histórico. As ruas de terra, de paralelepípedo se misturam com o asfalto. O sangue do negro escravizado percorre a mesma praça onde turistas disputavam espaço para ver as andorinhas e hoje as pessoas têm de usar somente a imaginação e as imagens daquele período para entender esse fato. Essas transformações são acompanhadas por um distanciamento do jovem mergulhado excessivamente no presente, somente aproximado por aqueles cuja memória tem esse poder de puxar o fio da tradição para outras gerações. E a emoção se extravasa.

“Acho que teve vários momentos assim marcantes. Principalmente quando nós levávamos eles para os locais pra recordar. Então quando eles...teve a Eugênia mesmo, quando nós fomos lá na Estação, no Bosque e na Vila Industrial, lá onde ela nasceu. Ela chegou lá, ela se emocionou muito em ver de onde ela veio, o que tinha mudado, daí ela começou a contar o que ela tinha...que ela sentava na calçada quando ela era criança, do que ela brincava. E ela se emocionou muito de contar isso pra nós. Não tem como evitar que você...você vai se emocionar também.”
(Márcia Regina Mainardes, Entrevista: 03/2007)

Não há como evitar a emoção ao percorrer a história de Campinas por meio da experiência desse expressar do velho no cotidiano. Esse é o ponto de consciência pensado pelo **projeto Saúde Toda Vida**. Considero duas fases distintas desse processo de reconstrução histórica: a primeira, por permitir ao velho pensar as transformações da cidade, como descrito neste capítulo. A descrição do ontem e do hoje não consegue evitar o conflito presente em cada período histórico. E o velho, o indivíduo aponta a incoerência da cidade nesse projeto modernizador. E a pergunta, solta no decorrer do texto, se refaz: a cultura popular existe em outro lugar que não no ato que a suprime?

Considerar a violência da estrutura sobre a expressão popular ou a apropriação ahistórica de determinado grupo social como início do percurso, da origem, é o mesmo que atribuir ao prédio comercial hoje instalado a essência de pensar as outras articulações da cidade. O sujeito não é mero objeto da estrutura, e pelo testemunho considerado nesta tese, ele aponta as incoerências da cidade. A memória como exercício de reconstrução histórica quebra o asfalto, esse indicativo da particularidade do poder, para remeter às outras camadas, à pluralidade de ser e de se expressar como cultura. E é assim que o massivo e o popular, aparentemente fundidos, hierarquizados, apresentam a assimetria de origem.

O asfalto, o paralelepípedo, a terra. A Rede C&A, o Teatro Municipal, o Teatro São Carlos. A luta para manter a pluralidade do sujeito, traduzida como resistência, é a inversão de leitura sobre o popular mantida de forma estática pela tradição. Para continuar a ser plural, a se expressar enquanto construção de identidade, o homem tem de montar as estratégias no dia-a-dia, para além do mero atrativo como mercado turístico. Eis a inversão que tem de ser quebrada: o ato de violência está delimitado pela ação do outro sobre o popular. A necessidade de estabelecer padronização, essa racionalidade para viabilizar o sujeito universal que faz de um grupo hegemônico se apropriar ou negar o sujeito no cotidiano. O poder, a ser imposto, ao negar o outro, demarca a linha de atuação desse próprio poder. Vislumbra-se sempre algo que esse poder almeja: seja o rumo da civilização, no qual os selvagens e os negros são obstáculos a serem superados para se chegar a esse discurso; seja atingir o primeiro mundo, projeto sempre questionado pela estatística de pobres e analfabetos que insistem em prosseguir na oralidade.

A intolerância em entender o outro, delimita o próprio pensamento, a ação de quem exerce o poder. A cultura, por estar em outra realidade ao planejado pelo empreendedor moderno, torna-se obstáculo. O ato de eliminá-la perpassa pela violência física, de marginalizar e subjugar

os representantes de determinadas expressões. Esse sufoco mantém os grupos em silêncio por longos anos. Mas o silêncio não é morte, como já apresentado nesta tese.

Outro caminho de sufocamento é mergulhar na essência da expressão, alterar dentro do próprio movimento da cultura o ponto que possibilitará a sua implosão ou a modificação a partir de novos critérios da modernidade. Por qualquer ângulo deste lugar de onde se fala, a violência se dissemina em desconstruir o popular a partir da particularidade apropriada, denunciada, ideologicamente apresentada como o todo. Ao negociar o sentido, ao rejeitar a identidade postíça disseminada no massivo, o sujeito então protesta, se rebela, procura mostrar a estreiteza do caminho considerado pelo poder. Esse movimento é o que chamam de resistência. Por essa via, o popular só existe a partir do lugar de um sistema que o rejeita.

Porém a morte do popular e, em sintonia com ela, a morte do homem, vislumbrada a partir do olhar da estrutura, não se processa. Porque o ato de responder não está na busca da particularidade, mas de continuar ser plural. Não está em recusar a identidade como sujeito histórico, mas essa identidade restrita em que posso estender a todas as pessoas sem distinção de cor, raça, credo, experiência de vida e subjetividade. A necessidade de acompanhar o irreversível do progresso faz com que o movimento do massivo, do poder que o determina, siga em constante mudança. Alternância insistente a tal ponto de a crise não ser mais de quem “resiste”, mas daquele que aplica, modifica. É certo que as táticas e estratégias do popular se fazem e refazem. O sujeito histórico vive o cotidiano em sua pluralidade de ser. Ele se faz, produz sentido, a partir do pressuposto da importância mesmo da sua simplicidade. Aqui poder-se-ia questionar: não se trata de atribuir valor ao popular de forma pura, como se colocasse no marco zero da história do tempo e essa identidade aflorasse sem qualquer interferência do poder? Será que esta pesquisa não incorre no maniqueísmo de que se pretendeu desde o início se manter distante?

O primeiro aspecto para responder a essas questões é que toda essa articulação da racionalidade pode ser analisada a partir de cada realidade histórica. Não se tem interesse em considerar, como a história oficial, os pontos históricos de mudança no tempo. Mas o momento em que as ações estão em conflito, gerando atritos, em produção de sentido, a ponto de podermos entender o valor da memória como consciência crítica. Esse embate aponta as posições diferenciadas das quais fazem parte o popular e o poder da estrutura. Se demolirmos a hierarquia determinista, a análise, por modificação do lugar, poderia, sem hesitar, justificar outro extremo. Diante do popular, mergulhado e reduzido à particularidade, é o poder, o massivo, que carece de lugar. E seguiria na conclusão: a crise do massivo é a amostra de que o poder que julga não existe sem o popular.

A interpretação por esse viés recairia novamente na incoerência de o movimento de um determinar o estático de outro. O desafio de entender a história a partir da ação dos sujeitos nos coloca diante da proposta de rejeitar essa linha argumentativa. Ao considerar a análise histórica por esse prisma, não é possível responder afirmativamente a pergunta colocada nesta pesquisa. Para isso é preciso entender o conceito de história com outra conotação. Não a história oficial da cidade, com a inauguração da igreja como fundadora. Mas dos homens que, a partir do primeiro golpe de enxada até a última pincelada de cor no edifício, passaram a entender a realidade, a cultura agora a partir de outro conjunto de expressão. Está longe aqui de admitir o determinismo que, a partir do momento em que se tem um novo elemento da sociedade, independentemente de sua expressão, altera o sentido da comunidade. A essência aqui é explicitar a relação complexa dos campos em análise. Situa-se nesses campos a incoerência da cidade durante o movimento da sua arquitetura, e porque não constar, as contradições do sujeito inserido no popular.

3.2 – O PARADOXO DO SUJEITO NA MODERNIDADE

A consequência de provocar a consciência crítica do sujeito, por meio da memória, nessa atitude de reconstruir a cidade a partir do passado, é situar o velho frente a frente com o presente. Não é de estranhar que a realidade do asfalto pelo qual ele atravessa com passos lentos lhe tenha um ar suspeito. A leitura dos tempos históricos apresenta uma divisão explícita, a ponto de o passado ser entendido com tamanha saudade, iluminando o olhar para uma época de ouro onde tudo se mostrava melhor. Esses valores, mantidos com orgulho, deixam de ser compatíveis com a realidade moderna da cidade.

A perda da relação de identidade do sujeito com o social não acontece de uma hora para outra. É processo lento. A história de vida está muitas vezes mergulhada na história social, entendida como história oficial; outras vezes está reprimida. Mas há um momento em que o mesmo percurso percorrido durante anos apresenta algo diferente à percepção. As pessoas pelas quais você passa, troca rápidos olhares, aquele homem ou mulher que está ao seu lado a espera de atravessar a longa avenida, não é mais familiar. No passado, era fácil identificar cada um pelo sobrenome. Essa perda, somado ao problema da violência que acompanha o irreversível do progresso, põe o sujeito em ato defensivo contra a transformação dos aspectos da cidade.

“Tenho saudades daquela época, Campinas poderia ter evoluído, uma cidade como é, mas com aquilo que tinha de antigamente né, porque quando a gente era jovem, você saía do Cambuí, onde eu morava na Emílio Ribas, eu vinha pro centro da cidade, se eu encontrasse dez pessoas, sete, oito você conhecia, você podia não ter amizade, mas sabia quem era, e no mínimo cinco você cumprimentava, era muito, era uma cidade assim muito cordial, mas a evolução do tempo chegou nisso”.
(José Otterço, Entrevista: 10/2005)

Os olhares hoje são para conseguir penetrar na intenção do outro e evitar qualquer atitude planejada contra esse elemento incógnito. Da liberdade de caminhar por um espaço familiar, o

velho é conduzido à situação de vítima iminente. A cidade não é mais espaço do qual ele é “proprietário” ou pode circular com a certeza de que os cabelos brancos lhe garantem a solidariedade entre as gerações. Esse estranhamento lhe permite discernir o processo histórico.

“Idelina: O que acontece Fernanda é que a gente tem muito medo, por exemplo eu tô olhando aqueles dois senhores lá, aquele de camisa listrada, a gente vai ficar sentada perto, quem será, o que que eles estão fazendo, qual a intenção deles, será que eles estão conversando de roubar, de falar alguma coisa, desrespeitar a gente, porque afinal de contas a gente tá com uma idade (...), todo ser humano precisa respeito, então se a gente tiver que sentar, eu já não sentaria...”

Fernanda: Ficaria com medo.

Idelina: ...já passo direto. Não venho mais.

José Otterço: Porque na realidade, Campinas nessa época que nós estamos aqui recordando, vamo falar anos cinquenta, por aí mais ou menos, era uma cidade interiorana, onde as famílias saiam, não, televisão essas coisas, não era todo mundo que tinha, (...) saiam...

Idelina: Pra ver vitrine.

José Otterço: Não saiam pra sentar na calçada, pra ficar conversando né, e as crianças brincando, hoje a cidade mudou, então o point nosso que era da época, vamo dizer jardim Carlos Gomes, você se preparava todo bonitinho pra quê, pra ver paquera, você vinha a fim de ganhar uma, uma, uma namorada. (Entrevista: 08/2005)

O progresso da cidade trouxe consigo uma multidão de pessoas na qual se torna difícil encontrar o conhecido no trajeto ou pelo menos alguém com predisposição para o gesto de cumprimento. E essa forma de relação social conduziu todos para a condição de anonimato, em que é necessário analisar cada um a partir da representação do outro. A praça de tantas alegrias, no qual o velho se produzia para conseguir uma namorada, está distante do que era no passado. O medo de ser a próxima vítima demole qualquer possibilidade de tomar a simples decisão de sentar no banco para relembrar o período de juventude. Em meio ao centro da cidade, as mulheres de vida fácil são encontradas no cair da noite. Eles acusam que é um dos pontos no qual a cidade deveria se “envergonhar”. Isso sem contar na influência, ou melhor, no reforço a um tipo de comportamento das mulheres durante o namoro hoje em dia.

“Idelina: ...agora a meninada se encontra a primeira vez e já vão pro motel, naquele tempo nem existia (...) motel, não existia...”
(Idelina, Entrevista: 08/2005)

O primeiro aspecto da crítica está atrelado ao confronto do passado com o presente. Não se trata de ser somente discurso essa defesa da virgindade. O testemunho das mulheres no projeto **Saúde Toda Vida** comprovam que esse doar ao homem acontecia somente depois do casamento. É isso o que diferenciava as mulheres de vida fácil das mulheres com as quais os homens deviam assumir a honra, em forma de expressão pública. Por ironia, o mesmo modernismo que anos anteriores empurrou essas mulheres para a marginalidade, para fora do centro da cidade como atitude higiênica, hoje as conduz novamente ao centro.

A agravante do presente é entender essa nova situação frente como perda de valores. A virgindade há tempos deixou de ser o discurso hegemônico, assim como o casamento. A situação do casal a andar pela rua carregando o filho passou de imagem rotineira para algo excepcional ou golpe de sorte. Utilizando um discurso mercadológico: hoje encontrar jovens casais que assumam a responsabilidade, para além do prazer imediato, é uma loteria. Nesse ato de comparar as facilidades das mulheres a se entregarem na relação sexual com as mulheres de vida fácil, a sensação é que estas últimas não têm mais sentido no contexto. Por que buscar a relação com a prostituta nos dias de hoje com a facilidade sexual das mulheres no primeiro encontro? Leia-se primeiro encontro dissociado de namoro.

Em meio a esse novo contexto, o modernismo desencadeia outra consequência no anonimato: todos passam a ser suspeitos. Até que se prove o contrário, os homens e mulheres a circular pela praça são vigiados pela representação: bandido, prostituta. O golpe do anonimato deprecia o sujeito porque não há mais interesse em entender a história de vida. Por isso, o ambiente deixa de ser receptivo.

Idelina: ...não tem nem ambiente, o ambiente aqui é ruim, vem pessoas, tinha uma amiga que tava sentada aqui outro dia, um sábado à tarde, disse que falou assim pra ela, “quanto que você tá cobrando o programa?”

Fernanda: Olha.

Idelina: Ela quase morre, eu falei o que, mas que programa, quem falou assim faz programa? Ela não deu resposta, levantou e foi embora. Então não, não é ambiente, não é ambiente, ambiente pra gente vir, principalmente assim à noite, à tardinha, ficar sentada, não tem condições. (Idelina, Entrevista: 08/2005)

Por esse prisma é possível entender o conceito de modernidade denunciado pelos sujeitos da pesquisa. Quando a cidade era atravessada por bondes, bicicletas, esses aspectos lhe permitiam construir a identidade. Ser homem, ser mulher era entender e construir a identidade a partir das expressões do cotidiano. Casar virgem, andar pela praça com a única preocupação de não voltar “pagão”, ter orgulho de viver em uma cidade limpa.

“(...) Porque aquele tempo, como eu falei, os pais não aceitavam, os filhos tinham que dar continuidade no trabalho dele, se o pai era fazendeiro, o filho ia cuidar da fazenda, não é como hoje os filhos vem estudar e fica pra cidade, aí o pai vai fazer o que com aquilo, vende pra eles destruir tudo aqui, isso é ruim pro pai, o pai ainda ficou sem família, ta tudo aqui na cidade, não é bom”. (Valdemar, Entrevista: 09/2005)

Vislumbra-se com este aspecto, a representação criada pelo sujeito da cidade no passado a partir da experiência vivida. O progresso criou novo ambiente onde a lógica do econômico determina sobre o social. As relações entre os sujeitos deixam de ser pelo conjunto de valores morais, para ser medidos por outra variante. O filho nos braços, por mais que a imagem clara de ser mãe esteja presente, toma outro sentido. O que antes era dialogo coletivo, como construção de ser pai e mãe, atualmente se restringe a mostrar o prazer conquistado como meta individual. É como se o social fosse estranhamente constituído por indivíduos, fragmentados, nos quais o coletivo não consegue encontrar mais referência.

A crise da modernidade desemboca então na argumentação óbvia: como é possível haver tanta pobreza em uma realidade onde a tecnologia é tão avançada? O progresso mantém a miséria

como parte do contexto da sociedade e produz marginalização agora sem a proposta de ocultar. Os mendigos estão deitados ou percorrem a praça como figura tão natural quanto os bancos e árvores. A sujeira é tomada pelos velhos como ofensa coletiva. Por mais que esses homens marginalizados se posicionem com o individualismo, não há como avalizar esse comportamento social. Os sentimentos contraditórios: o orgulho da cidade, higiênica, limpa, onde o prazer de pertencer à comunidade era inerente, agora é transpassado pelo sentimento de vergonha. Qual a leitura do turista sobre Campinas diante desse quadro vergonhoso? Como ele irá disseminar a identidade da cidade a partir dessa representação?

As interrogações formuladas pelo sujeito deixam claro uma falta de identidade com o presente. A saudade do tempo de criança que não volta mais. Se o **projeto Saúde Toda Vida** terminasse com este enfoque, a crítica à condução metodológica não escaparia do olhar mais atento. Por que fazer um trabalho cujo objetivo é despertar a consciência crítica do velho, se o objetivo principal é mantê-lo no passado? O saudosismo de um período vivido consegue instigar os jovens a mergulhar no contexto histórico da cidade para pensar a cultura cotidiana? E a indagação exige outro ato reflexivo. A crítica ao presente, tão alheio ao coletivo, fragmentado, é analisada pela contradição da própria experiência vivida no passado. A idade de ouro é desconstruída, retirada do plano abstrato para ser interrogada em seu interior.

O exercício para atingir esse estágio de criticidade é propor espaço para imaginação, a ponto de sugerir: o que você traria do passado para o presente? E o que há no presente que gostaria de ter no passado? Não há como responder a essa provocação como mero observador das transformações sofridas pela cidade. Muito menos sem tomar consciência de como o progresso, mesmo pela distância do social, estrutura outro quadro de possibilidades no presente. Campinas não é mais como era antigamente. O eu, velho, mergulhado na saudade do tempo, também sou diferente. A saudade de Jose Otterço da cidade de antigamente, onde se era feliz e só hoje a

lucidez permite entender e produzir significado do passado, está em contraponto a esse avanço tecnológico do qual se apropria.

Fernanda: Seu José, só pra terminar, a gente pensou numa pergunta, se o senhor pudesse voltar, no tempo né, voltar pro passado, o que o senhor levaria de hoje pra lá, o que o senhor acha que talvez melhorasse a vida naquela época, e se o senhor puder, o que o senhor traria daquele tempo pra cá também?

José Otterço: Complicado hein. Eu levaria de hoje a evolução, modernismo, a ciência que, que está avançada, pra trazer aos seres humanos os recursos que ele necessita, porque eu acho que era o que faltava naquela época, as coisas eram muito mais difícil do que hoje, o modernismo ele tem o seu lado ótimo, excelente e bom, do ser humano usufruir. De lá pra cá o que eu trazia, a paz, a amizade, o amor, a religião, é o que eu trazia, certo, o bem querer, a relação entre os seres humanos, a alegria que existia muito, era isso que eu traria. (José Otterço, Entrevista: 10/2005)

A realidade ideal é conseguir a ciência e a religião como harmonia para o ser humano atingir a totalidade. Está aqui o princípio universal de pensar a cultura, os valores do social, como integrante do processo de modernidade. Quando o amor e a paz eram valores centrais na relação dos sujeitos havia carência de tecnologia. Agora com todo esse avanço científico, para usufruir de seus benefícios muitas vezes é preciso correr o risco de ser vítima de violência pelas ruas da cidade. Para Valdemar Lourenço, a vida pobre do passado, com todas as restrições econômicas da classe social, agora é entendida como ganho. O sonho de infância de ter uma bicicleta só foi realizado quando já era moço. Mesmo assim foi preciso reunir a família inteira para fazer esse investimento. E constrói os versos para justificar o tempo bom de criança.

“...as minha palavrinha que saudades, Campinas, cidade da minha infância, Campinas, a bela cidade de agora, setenta anos na (...), se nós pudéssemos voltar atrás, queria Campinas no meu tempo de criança, onde a simplicidade e a amizade de mãos dadas faziam Campinas uma cidade de verdade, sou campineiro como um todo, isso muito tenho mostrado, viver, morar, trabalhar, e amar Campinas, e um dia nela ser enterrado, muito obrigado, mas (...) Fernanda por esse trabalho maravilhoso que muito nós tem honrado, resgatando o passado,

Valdemar (...) não tá aposentado". (Valdemar Lourenço, Entrevista: 09/2005)

A saudade de Campinas de outrora, longe de amenizar o tom da ruptura entre o projeto de vida de uma geração à outra, encontra respaldo na argumentação da poetisa Jael. A cultura, ou o acesso a diversas expressões, é a principal mudança na relação cotidiana das pessoas nos dias atuais.

"Olha, o que eu acho que mudou muito, o que mudou, o que fez falta naquele tempo, hoje Campinas tem muito mais cultura do que antes né, hoje tem, hoje a pessoa tentar fazer curso de medicina, dentista, enfim, advocacia né, e antigamente o pessoal trabalhava mais no duro né, no pesado, e então hoje é uma cidade que eles oferecem mais campo pra estudo né, então eu acho que nem se conta, Campinas de agora é melhor." (Jael, Entrevista: 09/2005)

É certo que a análise sobre cultura nesse contexto está dimensionada como sinônimo de educação. O acesso à universidade modifica os anseios e a proposta de identidade do jovem. Em vez do trabalho manual, a continuidade com a tradição do pai, as pessoas hoje podem atuar como intelectual. O paradoxo no qual o sujeito se encontra é o sentido desse termo tradição. Primeiro tem o aspecto de estático diante da situação de aprisionamento do qual o sujeito vê lançado o futuro como reprodução do presente. Por outro lado, a saída do jovem, na ruptura das gerações, ilumina o problema existencial de quem fica na fazenda, na área rural. É como se a vida encerrasse em si mesma. A cultura deixa de ser a forma de interpretar a realidade para ser atrelada novamente ao espaço a ocupar como produção de ensino.

E assim vem o problema atual da confusão entre o tempo de existência e espaço. A transformação social perpassa pela intensidade da experiência vivida pelas pessoas na universidade. O jovem se lança nos caminhos da educação formal e rompe com o destino delimitado e traçado pelo biológico. A ruptura do diálogo provocado por este ato deixa transparecer que no futuro essas diferenças serão amenizadas pela sintonia e respeito. A tristeza

de não ter mais ninguém a prosseguir o trabalho na terra seria então compensada pela emancipação do filho. Em alguns casos, o significado do papel em que se conquista o direito de ter outra articulação da experiência vivida, a educação se hierarquiza sobre a cultura. Qual o sentido ou o crescimento do sujeito em passar o dia inteiro na roça no corte de cana? E o presente, tão ressentido de valores do passado, é interpretado pelo sujeito educado na universidade como bem melhor ao do passado.

As lojas das Rede C&A não lembram mais o teatro. Elas pertencem a um outro contexto no qual o sujeito está como consumidor. Está aqui o teor da frase de Valdemar, de uma mudança recíproca:

(...) assim até a gente não lembra de todas as coisas bacanas, mas era uma vida saudável, era uma vida saudável porque não tinha aquela conversa, hoje, hoje como você falou, as coisas mudaram de Campinas, mas nós mudamos também, nós não somos daquele, se nós tivesse (...), porque as pessoas de hoje, pra frente eu vou achar que a Campinas de hoje que era boa né... (Valdemar Lourenço, Entrevista:09/2005).

CAPITULO IV

A NARRATIVA COMO CONSCIÊNCIA

“Não foi somente Campinas quem mudou. Nós também mudamos.” A percepção crítica de Valdemar sobre a experiência vivida na cidade revela o grau de consciência do sujeito tomado na narrativa. O homem não se mantém estático enquanto assiste às mudanças da sociedade. O que se procura questionar por meio dessa articulação é esse cenário de o sujeito ser mero espectador de um trem em movimento. Pior: entrou sem saber o destino e durante o percurso ele tem de elaborar as estratégias para sobreviver a uma viagem cuja passagem já estava comprada antes de se defrontar com a oportunidade de escolha. O grau de consciência vincula-se numa relação de mentalidade alargada, como nos diria Kant na **Crítica do Juízo**. Não basta agir sempre de tal maneira para que o princípio de tua ação possa se tornar universal. É preciso que o homem seja capaz de pensar no lugar de todas as demais pessoas.

Poder-se-ia questionar se a frase iniciada neste capítulo está encerrada no determinismo: não seria a mudança das pessoas atrelada ao movimento da própria estrutura? É possível sustentar a consciência crítica somente pelo diagnóstico do sujeito, embora palpável, de entender a mudança de cenário na reconstrução histórica de Campinas? E dessa forma soaria coerente a afirmativa de identificar o erro nesta análise: revelar a independência do sujeito sustentado somente pelo significado da narrativa. Como se o discurso do velho fosse tratado com autonomia incompatível com mesmo papel dele como sujeito que luta para produção de sentido na realidade. O impacto provocado pelas transformações tecnológicas altera a história de vida do sujeito. Eis a condicionante para pensar a história vivida por esse prisma.

A crítica incessantemente descrita nesta tese é questionar essa visão determinista, sem deixar de considerar o espaço de ação, de táticas e estratégias do sujeito em um espaço e tempo a todo instante violentado pela estrutura. E, na perspectiva da memória subterrânea, há dois

momentos fundamentais para a narrativa se transformar em consciência crítica. A primeira é a identificação da história vivida do sujeito na experiência de pensar a cidade. Reconstruir a história de Campinas está longe da atitude indiferente de descrever, como mera satisfação do ego, as mudanças de nomes e substituição de prédios ao longo da vida. Onde hoje se vê a loja C&A era o Teatro Municipal, que por sua vez, substituiu o Theatro São Carlos...

A cada cenário lembrado, a cidade passa por outra reconstrução a partir das mediações do sujeito que narra. O progresso é desconstruído ponto por ponto, do asfalto para o paralelepípedo e depois para a terra molhada de sangue de escravos. O trabalho de escavar cada vez mais fundo no próprio eu implica em tomar a consciência do presente e do passado. Por que o presente tomou esse caminho? Por que o estabelecimento comercial tem o mesmo vigor que o Teatro, ápice do movimento cultural, em anos anteriores? A resposta tem outras facetas. Há outra leitura por meio do sujeito que narra e se transforma nesse ato.

Para entender esse processo dinâmico é preciso afastar a visão dualista na qual ora o sujeito apenas responde ao que lhe acontece, na hierarquia da estrutura; ora é enquadrado nesse papel de ser protegido, como popular ou como velho, baseado somente na representação de um bem a ser preservado pela sociedade. Atitude tomada a tal extremo de a história de vida desses sujeitos ser eliminada. O proteger está condicionado a valores disparados de forma automática, os quais passam a exigir do velho, neste caso, a serenidade esperada. Eis a denúncia da conspiração do silêncio.

A segunda característica da consciência do velho é a extensão do pensamento para além do espaço reduzido do indivíduo. A memória subterrânea se estende com força como parte da memória coletiva. Por meio da emoção, de produzir a vida em outro contexto, agora no presente, e com outro grau de elaboração crítica, o velho então se descobre no processo de emancipação. E a cultura do cotidiano rompe com o estereótipo de a pobreza material estar automaticamente

associada à pobreza de espírito ou ausência de pensamento. A massa é uma fórmula ideológica de negar o outro a partir da violência do poder. Por outro lado, o conhecimento articulado sobre o presente exige do homem, em respeito ao outro como sujeito, a consideração de todos terem esse mesmo grau de consciência. Está aí a dificuldade interpretativa: a tão considerada falsa consciência sustentada pela condição material do sujeito não pode ser assim encaixada automaticamente a partir mesmo da análise da contradição entre estrutura e sujeito. Há outro alerta: afastar a ação de conscientizar criticamente o outro, toma sentido ideológico quando o movimento se mantém do exterior para o interior, tratando-o como objeto.

O **Projeto Saúde Toda Vida** tem o propósito de permitir ao sujeito, a partir da própria experiência e do exercício da memória sobre fatos por ele vivenciados, a emancipação como sujeito histórico. Esse primeiro aspecto nos conduz ao questionamento fundamental: a tese não estaria incorrendo em redundância a partir do instante em que nega a construção de valores como sabedoria dos velhos, de forma automática, e ao mesmo tempo trata agora a emancipação do sujeito com essa mesma ênfase? A resposta tem de ser dada no interior do movimento do sujeito em que se produz a consciência crítica. Uma capacidade elaborativa que permite entender a produção de sentido entre a experiência de vida e o progresso material da cidade. Nesse contraponto, outra pergunta toma força: quem são esses sujeitos interrogados na pesquisa? Como é possível entender a construção emancipatória a partir da realidade? Já está claro que o objetivo desta pesquisa é instaurar o olhar durante o momento da oficina de memória, porém mergulhar na articulação do sujeito quando o trabalho se encerra. Essa etapa posterior é o tempo e espaço em que o processo de construção histórica é mediado a partir da cultura, do cotidiano, e das interrogações que o sujeito passa a manter consigo mesmo e com a própria sociedade.

A falta de identificação nominal dos sujeitos no capítulo anterior deixou o leitor mais atento em posição privilegiada de crítica. Por se nutrir dos valores como experiência de vida,

identidade e memória coletiva, a simples citação de nomes dos pesquisados sem a história de vida deixa a sensação de parecer algo desnecessário ou falha grave da tese. Ou para justificar de forma pragmática: esse percurso metodológico de descrever a história de vida não faz parte do trabalho de comunicação. É preciso aqui justificar o processo de comunicação como o momento de encontro entre sujeitos, sem a violência de desqualificar o outro. E a história de vida perpassa pelo valor da história oral, nessa articulação do popular diante de um outro contexto. Ao recusar a afirmativa de tudo ter virado mercado e de que cabe ao “sujeito” agora exercer a cidadania a partir do consumo, o trabalho de memória tem de se posicionar no lugar de onde o sujeito fala. Há fatos que não podem ser encontrados nos livros didáticos porque pertencem à angústia do homem na construção da realidade. Eis o problema da inconclusividade do racional. Os valores que fogem à explicação científica ou escapam à violência da estrutura são tratados como fora da realidade, ou irracional.

E o sujeito que narra se reencontra com os momentos do passado e passa a visualizar saídas no presente. Já não se trata mais do mesmo homem. É um momento de passagem da transformação do indivíduo. Talvez essa transformação prevaleça e siga numa estável integradora totalidade. Talvez o homem e a mulher, sem encontrar uma porta de saída para materializar o grito pela vida, se frustrem e retornem ao mesmo ponto fragmentário. Em qualquer dessas hipóteses, já não se trata do mesmo homem.

A pobreza material de Valdemar Lourenço pode ser analisada pelo tom da mensagem aos jovens: “aquilo que você plantar na vida você vai colher na velhice”. (Valdemar, Entrevista: 02/2007) O conselho transmitido a essa nova geração tem o alerta de um homem cuja riqueza está na experiência de vida. Quem hoje ousa transmitir mensagem aos jovens? pergunta Benjamin (1993). Para um tempo em que o discurso hegemônico é eliminar o discurso da velhice para o da eterna juventude, utilizar a condição de ser velho para alertar o jovem é, no mínimo,

instigante. Há algo mais do que quebrar a conspiração do silêncio, como diz Simone de Beauvoir, ou a conspiração da atividade, como denuncia Debert. A perda do fio da tradição com o passado fez do presente uma ação destituída de significado no próprio presente. Ao se despir de sua própria história como sujeito, é o futuro, essa história a ser construída, que perde teor transformativo. Os contornos e problemas dessa forma de ser serão apreendidos, com lucidez, com mais intensidade quando despontar a velhice. No momento em que tem a lucidez da história, Valdemar Lourenço toma consciência da condição de ser homem na sociedade.

Ao descrever em minúcias a pauperização da família e as dificuldades da passagem de homem rural para o urbano, está clara a intenção de Valdemar aproveitar o tempo tornado precioso da entrevista. É o momento de quebrar o silêncio, como popular, e a conspiração do silêncio, como velho. O lugar de onde Valdemar fala por si só já teria o propósito de exigir do ouvinte um posicionamento político. Acrescenta-se outro fator preponderante: a consciência do presente lhe atribui condições de provocar intencionalmente no outro a reação de entender a miséria em suas facetas. E, nesse sentido, Valdemar é enfático em discernir no interlocutor como as lutas travadas para superar as desigualdades econômicas permitem outra leitura da realidade a partir da velhice.

No período de ascensão de Hitler ao poder na Alemanha, em 1935, Valdemar nasceu em uma área rural, hoje Vila Nova, em Campinas. A notícia da guerra durante a infância iria produzir no período uma cena hoje considerada cômica. Durante a visita a uma das tias no Bairro Bonfim, depois de caminhar todo o trecho a pé, a família passava por um trecho do centro da cidade quando se deparou de frente com os soldados. A mãe, assustada, tomou os filhos pelo braço e virou como forma de protegê-los da ameaça. O temor anunciado indicava estar diante da guerra. Por determinado instante a notícia da guerra, entendida pelo imaginário, estava como condição real.

A narrativa é entrecortada hoje com risos. A marcha do exército no centro da cidade era para o desfile do 7 de setembro. Valdemar nunca tinha visto essa manifestação. Ao assumir o problema do conhecimento pelo temor da guerra no desfile de 7 de setembro, o velho Valdemar explicita a distância entre o tempo da história e o tempo da vida. Os grandes acontecimentos da história coletiva mantêm de certa forma uma distância entre a realidade vivenciada pelo indivíduo. O filtro de seleção da memória, como discutido no capítulo I, está no capital cultural. É essa condição que faz da pesquisa ser reflexão coletiva em vez de recair no psicologismo. A partir da ação da mãe, do espaço urbano como espaço de não identificação, distante do processo de identidade, Valdemar inicia a análise de Campinas na articulação de pensar a vida por meio do contato com o rural. A modernidade imprime tamanha velocidade, sustentada pelo progresso tecnológico, a tal ponto de alterar a estrutura do espaço e afastar o tempo da história do tempo da vida. A fala de Valdemar também retrata a exigência do rural vir ganhar a vida na cidade e como a imaginação e o irracional agem para entender os perigos do dia-a-dia do urbano.

O depoimento de Valdemar instaura uma contradição com o grau elaborativo do grupo de velhos participantes do **Projeto Saúde Toda Vida**. Narrar o passado é enfrentar o grau de consciência do presente sem que haja crise de identidade. A cidade hoje tão familiar lhe era estranha, algo diferente. Nada comparado ao cotidiano dos residentes das duas casas na fazenda onde o pai realizava plantio de algodão e o tio vendia lingüiça. Por isso, a vinda à cidade era sempre tomada como algo excepcional do dia-a-dia.

“O que nós mais gostava de vir aqui na cidade era de Finados, pra ir no cemitério. Que o cemitério (ou não vai lembrar também? – apontando para Idelina) era como se fosse uma feira. Tinha tudo pra vender. A gente chupava um sorvete, depois ia chupar um pedacinho de mel que era numa folha de bananeira, não tinha papel celofane igual ao dia de hoje, não. Era uma folhinha de bananeira. Aquele mel de abelha. Aquilo era mel. Não o que é hoje. Porque a gente não comia e a lombriga quase que ia pegar o mel lá fora” (Valdemar, entrevista: 02/2007).

A interrogação direcionada para Idelina durante um dos comentários deixa claro o embate na entrevista. Ambos os sujeitos têm idades próxima, porém a realidade narrada por Valdemar parece situação do século XIX, de forma tão escandalosa como é interpretada por Idelina..

Idelina: *Valdemar, quantos anos você tem?*

Setenta e dois.

Idelina: *você tá falando coisa parece que tem 100 anos. Eu tenho 76.*

Tem coisas assim que eu não lembro.

Não. Eu estou contando a minha vida como ele me perguntou.

Idelina: *você falar que tomava banho uma vez por semana.*

Sim, senhora.

Sebastião: *na tina.* (Valdemar, Entrevista: 02/2007)

A vida de infância não foi fácil. “Outra coisa: a situação era esquisita, como falo dos pobres, que a gente só se trocava de sábado. Só trocava a roupa de sábado. Tomava banho de sábado. Pode perguntar pros antigos, era isso, não muda nada”. (Valdemar, Entrevista:02/2007) A cidade era espaço diferente do rural da mesma forma que Valdemar hoje considera situação esquisita a fase da infância. É imprescindível destacar, a todo momento, que a análise da realidade está associada à condição de pobre. Algo, portanto, desconhecido pelos outros sujeitos, como ele busca enfatizar durante a entrevista. O meio de conseguir amenizar as dificuldades financeiras da família era vender vassouras . Entre o finados e o trabalho, Campinas era entendida ora como tempo para entretenimento, ora como espaço de sobrevivência. A leitura da história de Valdemar tem de ser interpretada como algo que transcende somente como situação passageira. A pobreza, enfatizada no depoimento, estabeleceu como sentido de existência essa forma de sentir e pensar a realidade. A consciência crítica de ser necessário construir outra realidade a partir da identidade de ser homem. Isso significa que todo o ser é transformado a partir dessas relações.

“E a gente quando vinha na cidade era um par de sapatos, que era apelidado de Chico Lingüiça. Os três usava. Quando o mais grande usava servia certo. O do meio punha um pouco de pano na ponta. E o mais novo quando ia usar era uma bola de nó, porque os pais não

comprava sapato que servisse no pé certo. Comprava um pouco mais grande, porque aquela mania: o pé cresce.” (Valdemar, Entrevista: 02/2007)

Da escola, as lembranças também perpassam pelo campo de ser pobre. O desejo de ter uma bicicleta que só se realizaria durante a mocidade. E a lata de salsicha, levada por um menino de melhor condição financeira na escola, na qual a professora teve de tirar todos os alunos para não ficarem com lombriga. A comida simples de casa, muitas vezes, era polenta. Relação sexual antes dos 20 anos nem pensar. Primeiro por um fator de valor moral. Sabia-se que se fizesse alguma coisa errada teria de ser revelada em confissão ao padre. E segundo, se pensar em mulheres de programa, como questionado por Idelina, havia a falta de dinheiro e a ameaça da gonorréia. Essa forma de pensar a relação como sujeito em tensão com a sociedade aflora no exercício de memória. Eis a caracterização da fisioterapeuta Márcia sobre a história de vida de Valdemar:

“O Seu Valdemar também teve uma história de vida bem sofrida. Ele viveu muito na roça. Ele veio lá da área rural, de família de imigrantes. Casou-se com uma espanhola. E era uma pessoa rígida, machucada. Então tudo o que ele fala, ele tem sempre uma coisa pra...não digo pra cutucar, mas sim uma amargura em tudo que ele coloca. Mais ele foi ficando muito mole, foi amolecendo o coração dele com os filhos, quando ele contava sobre a vida dele. Mas ele sempre disse minha vida é diferente da vida deles, de todos os que estão aqui. Porque ele considerava que a vida dele era mais sofrida, a menos privilegiada dos demais que estavam ali.” (Márcia Regina, Entrevista: 03/2007)

Essa amargura presente em tudo que se coloca como depoimento está condicionada à necessidade de mostrar ao outro o sofrimento durante o crescimento como sujeito. O espaço determinava o privilégio e o padrão de vida das pessoas. Por isso, a vida de Valdemar é a mais sofrida. Da desigualdade no espaço, o rural e o urbano, acentua-se o impacto sobre o uso do tempo. E nessa condição é a existência do sujeito a ser violentada. A consciência de narrar a

história de vida como pobre, diferente dos demais, está na lucidez de ultrapassar o sentido do riso de ser meramente curioso o olhar do urbano a partir do rural. O sofrimento no campo e as facilidades no urbano, do qual era desprovido, é a condição na qual passa a exigir o mesmo direito de existência. E, pior do que ser violentado no tempo de existir no passado, é aceitar outra violência, dessa vez a de anular a desigualdade no campo social como mera fantasia ou revolta do indivíduo.

Ao contrário de entender a cidade como espaço estranho ao cotidiano, Sebastião da Silva, negro, nascido em 1919 na pequena São Pedro, não se cansa de traçar em detalhes as modificações sofridas por Campinas ao longo do tempo. A limitação do campo de trabalho em só mexer na roça, com o plantio de café, foi um dos motivos de a família optar pela migração. A chegada à nova cidade anunciava a possibilidade de construir uma realidade que não fosse mais demarcada por uma repetição na qual o sujeito permanece preso ao ciclo natural. Soa até de forma perturbadora a frase “preso ao ciclo natural”. Não seria a integração do homem com a natureza exatamente a construção da liberdade de existência do próprio homem? Depois de tanta crítica ao desvio da proposta de emancipação do homem como sujeito ter recaído instrumentalmente em outra vertente ideológica, mantendo-o como objeto, o valor do homem no rural é dissociado desse debate. A prisão tem de ser entendida diante do progresso material do país, urbano e industrial, que passa a hierarquizar o espaço e anuncia um contraponto de ser do sujeito.

Porém Sebastião não se manteve “estático”. Diante da ação de manter estático o tempo de quem ocupava o espaço rural, pela estrutura, ele se movimenta e reelabora o tempo de existir no urbano. A intensidade dessa relação se tornou tão forte a tal ponto de hoje a vida, em movimento, do sujeito se confundir com a ação da própria cidade.

“Ah! O seu Sebastião é uma riqueza esse homem. Tem uma cabeça privilegiada porque tem 86 anos, lembrar das coisas que esse homem lembra é uma riqueza muito grande. Chegar no Bosque, ele olhava nos bancos escrito, uma loja que tinha não sei quantos anos atrás. Ele falava. A loja, esta loja, fica na tal rua, na tal esquina, era pintada de tal cor, a janela era assim, era assado, tudo ele lembra. Ele lembra de detalhes. Então o seu Sebastião era uma pessoa que tem que ser utilizada como fonte de pesquisa, para quem quer saber sobre a história de Campinas. Ele é uma pessoa que é um marco. Ele foi um dos primeiros moradores da rua Orozimbo Maia. Ele conhece muito de Campinas e ele tem um museu na casa dele. Ele sempre trazia objetos pra nós, ele tem coisa assim da época da escravidão na casa dele. Então ele tem muita coisa”.
(Márcia Regina, Entrevista: 03/2007)

É preciso ultrapassar o limite do gosto para entender como o sujeito ao longo da vida estabelece essa intensa relação com o tempo da história. O primeiro impacto quando deixou São Pedro para Campinas se processou em número populacional: dos 18 mil deixados como testemunhas de um passado no qual encontrava limitações para ser plural, Sebastião passou a fazer parte do conjunto de 100 mil habitantes. Comparados aos 1 milhão de habitantes de hoje, a grandeza de Campinas tem de ser analisada pelo proporcional. Qual a principal modificação a partir desse prisma? A resposta pode ser encontrada no rosto, ou no anonimato do qual Sebastião se distancia cada vez mais.

Quantas pessoas diferentes nós encontramos por dia? A dificuldade em responder a essa simples pergunta normalmente mantém a mesma distância à justificativa de entender o porquê, a cada encontro, se deixa de cumprimentá-la. Para alguns soa natural esse ato no dia-a-dia. E vem seguido da prerrogativa de se tratar de ato incomum, dizer bom dia a todos com quem me encontro, próximo da falsidade e alguns não ousariam de pronunciar ser até mesmo doentio. Pois é esse desvio de conduta considerado no dia de hoje que Sebastião nutre como estranho, como desvio do desvio. Caminhar por Campinas no passado era cumprimentar e reconhecer no outro alguém que compartilha o cotidiano. Dizer simplesmente bom dia era algo bem diferente de

seguir regra de etiqueta. Esse sentimento implicava em fazer parte da comunidade, integrar um grupo social no movimento de construir a vida e ao mesmo tempo transformar a própria cidade. É essa forte ligação que permeia a citação da fisioterapeuta Márcia. E não é difícil, depois de entender a relação íntima com o espaço urbano, no tempo de construir a existência, que Sebastião tenha sofrido com a impessoalidade da cidade agora como metrópole.

Só quem viveu essa sensação de percorrer a cidade e sequer ser cumprimentado por rostos tão indiferentes pode saber explicitar o momento em que o sujeito, então parte da cidade, se descobre novamente separado dela. O futuro está alicerçado nessa indiferença da qual é preciso renunciar, mas os indivíduos na sociedade parecem não mais querer enxergar. A luta solitária de cada um está determinada pela força, pela disposição de ser jovem. O velho diante do novo retrato da estrutura sente saudade do passado, pois é lá onde se reconhece como sujeito social e não como sujeito em confronto com a sociedade. A impessoalidade da cidade traz suas conseqüências inevitáveis. Se tudo passou a ser desconhecido, indiferente, o outro com o qual me encontro não deixa de ser simplesmente o companheiro de construção da realidade, mas uma incógnita.

A violência contra o velho na cidade agora pode vir de qualquer lugar, de qualquer um, em qualquer horário. Percorrer o mesmo caminho da infância, desacompanhado de pesquisadores, pode se tornar vítima da violência. Engana-se que essa agressão virá dos maltrapilhos, dos marginalizados da cidade. O homem de terno, elegante, de mala executiva, pode ser o marginal pronto para lhe roubar os bens materiais. E ele se utiliza dos valores antigos, no simples ato de dizer bom dia, para uma falsa proximidade. A violência da estrutura é ter mergulhado no interior da própria concepção de vida do sujeito para lhe desfazer como objeto iminente.

“Hoje é uma metrópole, Campinas, né. E é uma cidade perigosa agora também. Antes você saía na rua só via conhecido. Hoje você anda meio ressabiado. Até de dia, você sai, tem que olhar de lado primeiro.”
(Sebastião da Silva, Entrevista: 02/2007).

Nem o período em que o mundo esteve conturbado pela segunda guerra mundial, em 1939, 1940, tinha deixado algumas pessoas nesse estado de alerta. Sebastião recorda o Carnaval de época, com muitas brincadeiras, bem diferente ao de hoje. As pessoas só queriam brincar. E os nomes dos conhecidos são encadeados para identificar a proximidade do sujeito que fala aos outros presentes em sua vida. É de uma cidade íntima, a mesma Campinas vista de outro tempo, que Sebastião expressa a beleza do carnaval, da folia. Ele se mantém como sujeito, lúcido e consciente da realidade na qual está inserido. O passado era um período bom em que a inocência fazia parte da brincadeira de viver na cidade. Serpentina, marcha, alegria. O que aconteceu com o carnaval nos dias de hoje? A pergunta implícita no depoimento de Sebastião é respondida em tom generalizado: “Era bom. Os carros, o pessoal antigo saía passear na rua. E serpentina, essa coisa pra rua. Era muito bonito o carnaval. Hoje não tem mais nada, né.” (Sebastião da Silva, Entrevista: 02/2007).

O progresso de Campinas se fez incompatível, de forma aparente, em manter a alegria de viver o carnaval como comunidade. E o dilema do indivíduo, ao viver em um tempo de existir agora dividido entre o prazer de estar entre conhecidos e a violência do anonimato, se instaura. Por que o rumo desses valores tem de seguir tal destino no processo de modernização? O popular é desfigurado outra vez por uma realidade em que prevalece o teor tecnológico. Está explícito que o fim do prazer de curtir o carnaval com os conhecidos, no período em que explodia a segunda guerra mundial, está de alguma forma vinculado a essa sensação de indiferença, de ter de encarar o anonimato. É doentia essa naturalidade concebida nos dias de hoje de simplesmente deixar de dizer bom dia.

Para quem sabe descrever em detalhes as mudanças de Campinas, do número de agências bancárias à quantidade de flores no parque, ao sumiço dos bares e substituição de nomes dos estabelecimentos comerciais, a impessoalidade atual de Campinas faz parte dessas minúcias da vida de Sebastião. Só que esse detalhe está longe de ser tomado como orgulho. No depoimento triste de Sebastião, ao relatar essa perda, o tempo de vida, por ironia, se aproxima do tempo da história: não seria essa tensão o que tratamos ora como crise da modernidade? Não há como ignorar a emoção nesse processo de conhecimento.

A emancipação do sujeito está vinculada a dois fatores pontuais. Quando tudo levava a apontar a crítica de Sebastião ao novo quadro da cidade, a distância lhe remete a uma proximidade. A cidade é indiferente, impessoal. Mas Sebastião reage com a ação no presente. Investido da pluralidade de ser, há a recusa de delimitar o outro. Ao incorporar o tempo da história como tempo da vida na construção de ser, o negro Sebastião passa a ser a própria história da cidade em confronto com os rumos da mesma cidade. É nesse momento da ação do sujeito diante da ação da estrutura que se produz o sentido da narrativa. Em segundo momento, a modernidade em crise indica o irracional como parte da consciência do sujeito. As aflições do caminho a ser percorrido pela cidade, de estar perplexo sobre o destino desses homens e mulheres desvinculados da tão propagada mudança coletiva, o velho se vê na necessidade de denunciar. A cada sorriso, ou sentimento de tristeza, o depoimento se nutre da emoção como parte constitutiva da razão.

“Dos lugares que o sr. passeou na Oficina qual o que o sr. mais gostou?

Ah! Todos eles foram bons.

Mas tem algum lugar que trouxe recordação especial? E por quê?

O bosque. Porque aos domingos iam gente dançar, tinha matinê. Era muito bom. Eu freqüentava o bosque. No Bar do Dr. Quatro. Tinha um bar no bosque e a gente freqüentava lá.

E hoje não tem mais isso?

Ah! Não sei. Faz muito tempo que eu não vou lá. A última vez que nós tivemos lá, faz uns dois anos, né. Faz tempo. (Sebastião, Entrevista: 02/2007)

As fases da vida do sujeito, nesse momento em que age diante da ação da estrutura, possibilita entender outro caminho da história da cidade. O sentido do progresso atrelado meramente ao investimento tecnológico abre outro olhar em seu interior. O popular está visível em suas facetas. Pular corda, jogar amarelinha era o divertimento de infância da campineira Flávia Paes Ramalho. “Ah! Foi muito boa. Porque no meu tempo a gente se divertia muito, não é como agora que as crianças não brincam, né”. (Flávia. Entrevista: 02/2007) A perda desse sentimento de inocência nas brincadeiras de criança também se associa às crendices, às lendas, hoje desprovidas de sentido ou transfiguradas para a dimensão tecnológica.

“E perto da minha casa a única lembrança que eu tenho assim medrosa é que tinha um senhor chamado Galileu. Lembra do Galileu? Disse que ele virava lobisomen. (risos). É Galileu, lobisomen, mata homem, mas não come. Então eu morria de medo. Ele era muito magrinho e ele ia, antigamente era armazém, não era supermercado. Então ficava aquele saco de mantimento. Eles eram ricos. Mas ele fazia isso: ele punha no bolso um punhado de arroz, feijão...onde tinha bolso ele põe. E a gente tinha medo dele porque, diziam, quando chegava á noite, disse que ele assim encostava na porta da casa dele e sumia, virava um cachorro. (risos) tinha uma capa preta. E dava medo, sabe? Quem fez esta história disse que foi um guarda noturno, né. Que vinha seguindo um homem e disse que chegou na porta da casa dele era um cachorro. E ali ficou...não sei se era lenda. Dava medo. A gente que era criança tinha medo. Depois a gente foi crescendo, e eu fui trabalhar numa fábrica.” (Flávia, Entrevista: 02/2007)

É sintomático que a segunda recordação mais importante considerada por Flávia, do tempo de criança, seja como a lenda do Galileu lobisomen que consumiu sua imaginação no espaço urbano. Sempre se aponta ser típica do homem do campo essa proximidade com as lendas. Trata-se de pensamento automático que vincula a desigualdade proporcionada pela ocupação do espaço como determinante do pensamento. A pobreza infligida ao rural demarcaria uma estrutura

de pensamento apoiada mais na credence do que na razão, para não dizer ciência. Essa forma de manifestação do estado de menoridade se eliminaria a partir do instante em que o progresso estivesse ao alcance de todos.

Porém, a lenda do lobisomem está vinculada como história do urbano. E com isso exacerba uma forma de pensamento a envolver todo o conjunto social: o comércio como espaço de convivência da comunidade, o homem rico como representante do progresso material e o guarda noturno, como elemento de segurança da cidade. O ponto de origem de todo o temor das crianças estava de certa forma na constante vigilância do guarda e na surpresa a ser despertada pelo homem rico transformado em criatura terrível. A simples história abre a perspectiva de analisar a relação do indivíduo na proximidade e distância com a sociedade em que ele atua.

A lenda na área urbana remete à consciência crítica de Flávia no momento atual. A infância transpassada pela crença está numa distância da mulher consciente nos dias de hoje. Era o período da infância, o estado de menoridade, em que estava suscetível a essa condição de entender o mundo da vida pela superstição. Agora o olhar como adulto, no estado de maioridade, lhe permite entender o grau de superação como sujeito. O sorriso despertado no presente ao lembrar essa condição do passado é a referência da memória subterrânea. Há um distanciamento entre a Flávia como criança, do irracional, para a Flávia de hoje, que se utiliza da razão para analisar a própria experiência de vida. Mas o distanciamento apontado sustenta uma ilusão.

O quadro de superstição de Flávia no passado configura a história da própria sociedade de Campinas. No interior do progresso econômico, da modernidade irreversível, o irracional está presente nos elementos específicos em cada período. Basta retornar poucos anos na história para recordar o espanto da população de Campinas diante das mãos decepadas do escravo Estevam: de negras se tornaram branca. Como explicar essa mudança? Que sinal se anuncia por esse fato? A

resposta só pode ser encontrada fora do quadro da razão, já que não se utiliza a ciência para esse fim.

O fato supersticioso do presente revelado no depoimento de Flávia envolve outros elementos urbanos. A superstição é vigiada de perto pelo sistema de segurança. Ela foge da condição natural e está desvinculada da manifestação da pobreza. Pelo contrário: o lobisomem é a figura do rico, que enchia o bolso com mantimentos, não destinado para o sustento. A riqueza é assim deslocada do progresso tecnológico e entendida como o retrato do poder que escapa de qualquer controle e está a espreita de qualquer um, no lugar onde se poderia considerar seguro. A cidade está tomada por uma dupla vigilância do poder: como ameaça e como proteção. Em ambos os casos é a autonomia do sujeito posta em questionamento.

Mas esses elementos fazem parte da própria constituição da modernidade de Campinas. E pode ser visualizada em outros segmentos sociais.

“Na porta das igrejas ficava inscrito os filmes que eram proibidos para menores. A gente ia à missa e depois lia na porta da igreja, o filme que a gente menor, menor de idade não podia assistir. Então me lembro que estava passando Escola de Sereia. Então eu trabalhava na fábrica e uma moça católica ia na fábrica saber se a gente estava assistindo filme moral. Então meu chefe chamou e perguntou, perto da moça, se eu tinha assistido Escola de Sereia. Eu falei: não assisti, mas vou.(risos) Sabe por que era impróprio? Porque as moças no filme, a moça dançava de maiô, o tango La Cumparsita, vocês lembram né? De maiô. Dançava La Cumparsita numa piscina, era impróprio para menor.

José Otterço: *Era Esther Miller. Ela era apresentada, ela era uma grande nadadora, e ela tinha aquele maiô...*

Flávia: *Então tinha uma relação na porta da Igreja os filmes que o menor poderia assistir ou não. Quem seguia direitinho a religião não ia assistir filme impróprio. Impróprio, hoje em dia quase anda pelado, né?*

Idelina: *na novela*

Flávia: *na novela. E naquele tempo, não.”* (Flávia, Entrevista: 02/2007)

Seguir o princípio religioso implica em se orientar pela moral, de certa forma incompatível com os rumos laicos tomados pela ciência. A determinação da igreja de aconselhar

aos fiéis de deixarem de assistir filmes contrários aos valores disseminados não soa tão estranha aos tempos atuais. A surpresa no depoimento de Flávia está em entender a fábrica como extensão religiosa. O depoimento tem de ser prestado diante da dupla vigilância: da moral, como condição de prosseguir a freqüentar a igreja, e do chefe, como o sempre alerta para analisá-lo na questão objetiva. O espaço de trabalho então cria um estado de cumplicidade no qual o sujeito é interrogado sobre a vida pessoal. E Flávia tem a coragem de dizer que pretende assistir. Mas há nesse depoimento a condicional: o fato de não ter assistido, traduzido como corrompido pelo meio massivo, instiga as possibilidades de a fábrica e a religião evitar o destino perdido de outra ovelha.

Como é possível entender o conceito de trabalho a partir desse estado de cumplicidade religiosa? Se deixarmos o campo estrutural, do trabalho como espaço alienado e a religião como distanciamento do homem atingir o autoconhecimento, a análise deve se guiar pela identidade. Não como valor absoluto, nem como consideração automática. É no espaço do trabalho que o homem integra parte de seu ser para construir no dia-a-dia algo que lhe constitua valor. E a religiosidade é o espaço onde ele se orienta como parte de uma comunidade cuja leitura da realidade está delineada pelos valores do bem e mal. O campo de embate entre o sujeito e a estrutura está na identidade. E a interrogação sobre o filme proibido no interior da fábrica abre ao entendimento do período em que a construção da identidade no trabalho tinha de ser justificado como extensão do religioso. A moral como critério de prosseguir o contrato de trabalho. Porém, hoje, não há mais necessidade de a fábrica justificar o lucro obtido com o trabalho do sujeito pela condição religiosa. Será que algum chefe hoje teria o discernimento de interrogar algum trabalhador se cometeu desvio de conduta ao assistir a cena de nudez transmitida na novela das oito?

Causa riso hoje lembrar da lista afixada na porta da igreja sobre os filmes proibidos. E ao analisar o contexto da situação atual, o meio de comunicação inverteu completamente a orientação moral do passado. Nas novelas, a nudez se torna algo rotineiro. Não há lista de novelas proibidas pregadas na porta da igreja, mas nos sermões a denúncia continua sobre a depravação de valores por um meio de comunicação constantemente associado a um capitalismo, cujo único propósito é perverter o entendimento e a moral do homem. E assim, a fase da vida se vincula à fase da própria história da humanidade em busca de ser civilização, no caminho de ser emancipada. A modernidade perpassa por um passado, supersticioso, um presente teológico e o futuro científico. Por isso, não causa estranheza o depoimento de Valdemar Lourenço sobre a confissão ao padre, algo como comportamento instituído nesse período.

A pobreza era parte constitutiva da vida de Flávia.

“Olha, no passado não tinha o que tem hoje, os prédios, as coisas assim, né. Era a rua de terra. Eu pelo menos morava no Cambuí, minha rua era de terra. Eu estudava numa escola que o (Se) bastião dizia que a gente ia descalço.(risos) Chamava Correia de Melo. Era o nome da escola. E eles diziam que quem estudava lá ia descalço e sem paletó. E dava sopa. Mas não dava não. Não dava nem pãozinho, nada.

Por que havia esses comentários?

Eu não sei porque havia esses comentários. Acho porque era uma escola pobre, né. Ela era assim: tem um mercadão antigo, velho, lá no Municipal, e aqui do lado de cá, o que que é agora...é um ponto de ônibus. Era uma escola ali.

Idelina: Ali no Mercado Municipal?

É

Idelina: A escola era ali?

É. Você desce a Benjamin Constant. E do lado de cá não é o mercado e do lado de lá não tem o ponto de ônibus. Lá era escola. E todo mundo falava que era escola de pobres.

E dava sopa...

E não dava nada. É mentira dele.

Sebastião: e iam de chinelo havaiana

Não tinha chileno havaiana.

Sebastião: Era alpargatas.

Era alpargatas. Quem usava Alpargatas era pobre. Era corda.

José Otterço: o Alpargata era popularmente conhecido como chinelo de corda.

E agora melhor, está bonito, maravilhoso.” (Flávia, Entrevista: 02/2007)

Como é possível reconhecer a Flávia no trabalho de memória desenvolvido no **Projeto Saúde Toda Vida**. “A Flávia é uma pessoa...você quer que eu fale uma característica pessoal deles? A Flávia é uma pessoa super carinhosa também. Ela é mais tímida. Mais ela também foi muito sofrida na vida, com a criação dos filhos, tudo. Mais hoje parece que...hoje ela está vivendo intensamente aquilo que ela viveu no passado.” (Márcia Regina, Entrevista: 03/2007)

Ninguém planeja para o futuro uma vida de sofrimento e angústia. A referência sempre é a conquista da felicidade, seja no campo pessoal, seja no profissional. Essa mentalidade inserida no contexto moderno toma determinado rumo na vida de Flávia a ponto de atingir o extremo e se romper. Eis aqui o depoimento revelador do sofrimento na vida de Flávia e o modo como ela vive hoje. O casamento entendido como encontro de duas pessoas movidas pelo desejo de cuidarem um do outro, amar e respeitar, sem se prender a mera convivência religiosa ou exigência social, passou do sonho ao pesadelo. Tanto que a primeira vez que Flávia cita o primeiro casamento, é apenas apêndice do trabalho desenvolvido durante a mocidade.

“Em qual setor a sra. trabalhava?

Fiação de seda. E depois eu me casei.

Em qual ano foi o casamento?

Foi em ... foi tão bom o casamento que eu esqueci a data. (risos) Eu esqueci a data. Foi mil novecentos e bolinha. Eu vivi pouco tempo junto, né. Me separei. Daí fui trabalhar numa loja na Rua barão de Jaguar, de nome Ibi. Não sei se vocês se lembram da Ibi, na Barão de Jaguar, e... que mais...”. (Flávia, entrevista: 02/2007)

O riso de hoje, longe de afastar a angústia do passado, é a consciência do presente sobre o momento da vida em que Flávia se enxerga como escrava no casamento. Não se trata somente de falta de sorte como poderiam sugerir alguns. O problema é a violência sobre o sujeito em um contexto em que se espera justamente o contrário. E o marido, o primeiro, o segundo, distante do companheiro empenhado na construção como sujeito consciente, como mulher, se efetiva como

uma instância de poder na vida particular. E então por outra vez Flávia se vê diante da vigilância, dos seus passos acompanhados a todo momento por todos os espaços.

Porém, há de se entender a diferença entre essas duas formas de exercício do poder. Enquanto se trata de afixar nomes de filmes na porta da igreja ou ter de responder na fábrica sobre valor moral diante do chefe, era possível dizer não a essa afronta porque estava diante da violência sobre o espaço. O tempo de existência era parte do sujeito. Mas é quando essa estrutura no papel do domínio do marido se edifica no cotidiano, justamente nesse tempo da vida em que o sujeito aspira exercer a liberdade como construção de identidade é que o tempo, o existir do sujeito, é afrontado. A violência se instaura sobre a emoção e a pessoa busca entender por meio da razão porque tal situação atingiu esse extremo.

É nesse embate que o sujeito, tornado objeto no campo de relacionamento, tem de agir para prosseguir como sujeito. Na impossibilidade de mudar o sujeito opressor, o sonho transpõe o simples desejo do matrimônio para a complexa transformação da sociedade. E os dias, as noites, as manhãs, a cada vez que o ato de liberdade é surpreendido e suprimido pelo outro opressor ou pelo próprio ser como repressão introjetada, a situação se torna mais intolerável. Um sentimento de não vida. A comparação é inevitável: Como a minha vida poderia ser diferente caso não fosse esse o escolhido? Qual o prazer do ser humano em oprimir o outro com tamanha violência a ponto de essa opressão se instaurar como elemento do ser da própria vítima? Se a relação construtiva como sujeito não pode ser mais encontrada no prazer a dois para onde buscar saída para a emoção?

“ (...)Porque antigamente, casada eu já era uma escrava. Não podia ir em lugar nenhum. Pra mim ir na casa da minha mãe tinha que ele ir levar e ia buscar. Na mãe dele, podia ir, ficar o dia inteiro e até dormir. E depois dele eu fiquei livre, né. Daí...mas eu estava ainda assim arrependida de sair. Quando entrei na Terceira Idade, nossa!, tem tanta coisa pra gente ver.

O seu casamento ainda foi...

Foi uma prisão.

Mas o segundo casamento também...

Ainda mais que a oficina dele era na frente e a casa atrás. Eu não saía de jeito nenhum, né. E era uma prisão, bem dizê, né. Só podia ficar a vontade na casa da mãe dele. Agora na minha (mãe): levava de manhã e ia buscar de tarde. Não podia sair, ir sozinha, vir com alguém. Tinha que ficar lá, esperando ele buscar.

Então foi só depois do casamento...

Daí eu fiquei livre. Como um passarinho.” (Flávia, Entrevista: 02/2007)

A saída está no interior da própria vida porque a sistematização opressiva pode determinar o tempo e o espaço de ação do sujeito. Mas não se conclui a ponto de eliminá-lo. A consciência de receber tratamento incompatível com o valor de ser humano remete o sujeito para o processo construtivo do seu ser. O prazer deixa de ser o valor dominante em uma relação destinada teoricamente a esse objetivo e é constantemente confrontado pelo poder. É no interior da casa, do lar considerado espaço privado, que a fundamentação do poder se exerce como extensão. A casa não pode mais ser separada da fábrica e da Igreja. A exigência dessas instituições não esconde a contradição. E para ser sujeito, a consciência se fundamenta na articulação de como esse poder lhe nega a identidade, tenta suprimi-la.

E o sujeito mergulha por trás da aparência, na essência do poder desfigurativo. “Só podia ficar a vontade na casa da mãe dele.” (Flávia, Entrevista: 02/2007). Eis o determinismo. O esclarecimento de Flávia, longe da impotência de agir no tempo e espaço, exige nova reconstrução de ser sujeito. A emoção se torna o ponto essencial para retornar ao ser plural, de onde o outro repressor busca reduzir a um papel de aparente social. A agonia alimenta o desejo do ser em busca da liberdade.

Quem ousaria invocar a brincadeira de roda para as crianças nos dias atuais? A interrogação está implícita no depoimento de Idelina Alves de Farias Frederice. Para quem durante alguns segundos se perguntou sobre o que seria essa brincadeira de roda, Idelina reforça

o diagnóstico. As crianças hoje perderam a ligação com o passado em que o prazer de brincar estava associado ao coletivo. Tratava-se de reunir o grupo de amigos e de mãos dadas cantar: “roda, roda, roda. Pé,pé,pé. Roda, roda, roda, caranguejo peixe é”. A forma de entender a vida era como momento único. E as outras brincadeiras se enumeram: esconde-esconde, boneca. O sentido da vida no cotidiano era construído como aspecto de socialização. Para se expressar como criança bastava se relacionar com as crianças, com os amigos.

O olhar atual de Idelina não está estático no mero saudosismo. A acusação poderia ser feita já nos primeiros depoimentos sobre a brincadeira de roda. E assim se recusaria entender a importância da realidade na qual ela passa a prestar testemunho da realidade. Há o diagnóstico de que as crianças perderam muito das brincadeiras de anteriormente. Não é esse o lamento. Se aquelas brincadeiras fossem substituídas por outras, a discussão seria sobre as diferentes formas das gerações se usufruírem do divertimento. O problema está em que em vez de darem as mãos para brincar de roda, as crianças estão isoladas na frente do computador.

A tecnologia não passou a ser mais uma das formas de se entreter nessa fase da vida, mas decreta o próprio sentido de ser criança. Os jogos agora devem ser brincados a partir de cliques no mouse em vez de esse dar as mãos. Quem salta e corre não é mais o menino, mas o boneco animado no cenário figurado na tela do computador. As máquinas se estendem por todos os locais como meio hegemônico de diversão. Os passos da dança agora devem ser realizados pela disposição mostrada na tela das máquinas. E os adolescentes então se reúnem em torno dela, com os olhos fixos nos pontos onde se indica os passos da dança. No novo contexto urbano, torna-se difícil até visualizar a brincadeira de esconde-esconde, nessa realidade com tamanha violência, sem estar restrito ao espaço no interior da própria casa.

Olha minha infância foi uma infância normal, nós éramos em seis irmãos: três irmãs, três irmãos. Sem pai, mas tranqüila, brincando na rua

também de pega-pega, de esconde-esconde. Aquela coisa de criança que hoje não tem mais. Hoje é só computador, né.

A sra. acha que as crianças de hoje perderam ...

Perderam muito, muito. Hoje a gente canta musiquinha de roda pra criança. Eu tenho um bisneto ele fica olhando porque num brincam disso, né. Brincar de boneca, de casinha, era muito gostoso. (Idelina, Entrevista: 02/2007)

A cantiga de criança não se vincula mais ao ser criança atual. Não se trata de comportamento natural para Idelina. Há valores associados a essa fase da vida que constituem a própria característica do ser. E a crítica é disparada pelo estranhamento do próprio bisneto com algo, brincadeira de roda, que deveria ser tão normal. Hoje é só computador. Não há aqui indicativo do conteúdo do computador como influência. O lamento é sobre o meio, traduzido como determinista a ponto de alterar a percepção das crianças. O meio é a mensagem, como diria o teórico canadense Marshall McLuhan. Se prosseguíssemos essa linha de raciocínio logo teria de se admitir o simulacro no qual os adolescentes passam a viver, deixando a pista de dança para sentir agora nos pontos demarcados pela tela. Viver pelo meio é mais extenso.

Não é esse o ponto central desta tese. É preciso revelar neste ponto a contradição entre a cultura e a tecnologia. O esconde-esconde, a brincadeira de roda está vinculada ao desenvolvimento do ser como social e o computador ao individualismo. Para sair do maniqueísmo é o próprio ser alimentado pela contradição entre o estranhamento do neto e a distância do computador que encontrará o sentido de ser criança no contexto atual.

Seria já desafio, complexo, construir a nova relação com o bisneto se Idelina não tivesse o mesmo diagnóstico com o crescimento da sociedade campineira.

Como a sra. analisa hoje a cidade de Campinas?

Ah! É monstruosa, muito grande. Tem bairros que a gente nem conhece. Porque eu vim pra Campinas pra morar no centro, sempre morei no centro de Campinas. E até hoje eu moro no centro. Tem bairros por aí que eu não conheço quase nada. Só conheço o Centro de Campinas.

Conheço o centro. Não conheço bairro não. Porque eu sempre morei no centro. (Idelina, Entrevista: 02/2007)

O mundo de Campinas se tornou difícil de se conhecer. Há uma constatação de que para além do centro da cidade há outras pessoas com as quais não mantenho mais contato. Quais são as aflições dos moradores do bairro? Será que houve alguma diferença na forma de sociabilidade? Por enquanto, a resposta tem de ser entendida pela “monstruosidade” em que se transformou a cidade. As pessoas a transitar pelo centro da cidade são conhecidas, fazem parte da realidade. Mas essa proximidade não esgota a indagação de que para além da sociabilidade vivenciada, existe todo outro mundo do qual se desconhece.

Idelina acompanha o crescimento de Campinas desde que veio com a mãe e os irmãos, em 1940, para essa nova cidade. Nascida em Franca, perdeu o pai logo aos três anos. Por causa do trabalho de padeiro dos irmãos, a família ainda passou ano e meio em Ribeirão Preto até vir morar em Campinas.

Qual a primeira imagem que a sra. teve de Campinas?

Eu fiquei deslumbrada. Achei lindo Campinas. Porque Franca é uma cidade não muito grande, não muito pequena. Mas aqui já...vim morar atrás da Matriz do Carmo. E a matriz do Carmo achei linda e tinha esse largo aqui bastante arborizado, bastante planta. Achei lindo. (Idelina, Entrevista: 02/2007)

Do deslumbramento com a cidade ao diagnóstico da monstruosidade no qual a Campinas se transformou foram décadas e décadas. O sujeito acompanha dia-a-dia os rumos tomados pelo espaço onde vive. A modernização de Campinas a todo vapor, as mudanças dos prédios do centro da cidade, as formas de sociabilidade do passado sendo aos poucos modificadas por novas preocupações, outras formas de ser.

“Era isso. Ir à missa, rezar, ter amigos. Ficar na porta da casa, comer pipoca que a mamãe estourava. Era muito bom. Eu morava atrás da matriz do Carmo, então a gente sentava ali, mamãe estourava pipoca, a

gente sentava numa fila de menina, era muito bom” (Idelina, Entrevista: 02/2007).

Essa forma simples de ser criança, de poder sentar na porta de casa, numa fila de menina, não é a imagem preponderante nos dias atuais. A violência, novamente é apontada como principal fator de determinar o comportamento das pessoas. Quando o presente aparenta deixar de ter sentido, é exatamente o depoimento de Idelina que institui a própria ruptura. De que lugar Idelina fala? Ela se torna, novamente pela própria angústia, o elemento imprescindível para transmitir às crianças os valores de ser criança. Diante do futuro, do desconhecimento do bisneto sobre outro tempo, ela está diante do dilema de ser a responsável pelo esquecimento do passado ou na ligação dele com o presente. Será que Idelina continuará ousando invocar a brincadeira de roda para as crianças nos dias de hoje?

Quem já foi assaltado alguma vez? A resposta afirmativa de Jose Otterço indica uma de suas preocupações com o aspecto negativo decorrente do progresso de Campinas. A violência, como já discutido anteriormente, está disseminada pela sociedade e travestida. Esse é o problema: a constante sensação de estar vigiado e ter de decifrar quando o cumprimento do outro é estratégia para roubo ou o estabelecimento de vínculo social. Nem sempre foi assim. A Campinas de 1932, ano em que nasceu no dia 19 de abril, era interiorana. Isso implica a instituição de uma realidade ainda não alterada pela concepção de progresso que viria moldar o espaço e o tempo do sujeito. Primeiro o espaço.

“Campinas, antigamente, era uma cidade considerada bem do interior, bem interiorana. Você saía na rua, se você viesse a pé andando, que era mais do que a gente fazia, né, porque condução tinha o bonde. O bonde era caro pra gente. Então, a gente tinha que vim a pé. Se contasse, vamos dizer, dez pessoas, pelos menos, oito ou sete, você conhecia, cumprimentava. Completamente diferente da cidade de hoje. Era uma cidade tranqüila, boa de se morar e ...ares climáticos bastante saudáveis”. (José Otterço, entrevista: 02/2007)

O bonde não existe mais. Hoje o transporte é o ônibus, tão impessoal quanto a relação de encontro com as pessoas pela geografia campineira. Aos poucos, os rostos se tornam diferentes até atingir o grau de anonimato ou até se considerar natural a ausência de cumprimento nos encontros do dia-a-dia. E assim a mudança passa a envolver o tempo. A dinâmica do progresso é outra. O conhecimento proporcionado por esse novo movimento não é garantia de sucesso profissional, muito menos implica a transformação do sujeito com o intuito de valorização social. Essa nova ordem mudou Campinas. O olhar atento a esse novo retrato indica o destino de outras metrópoles e o dilema dos velhos nas metrópoles.

“A cidade progrediu dentro dos recursos e da situação dela de estar junto com a capital do Estado e trouxe os problemas do progresso. Facilitou de um lado, mas complicou de outro. Porque eu hoje, na realidade, o cidadão vive com medo, a violência tomou conta, né. Não é só de Campinas. De tudo quanto é cidade que é uma metrópole.” (José Otterço, Entrevista: 02/2007)

A consciência de José Otterço sobre a contradição inscrita no progresso de Campinas identifica a estrutura desse movimento econômico e social. A casa por onde viveu a infância foi vendida e demolida para virar estacionamento. Das lembranças da infância, José Otterço lembra da briga para carregar a bolsa da professora. A rua de terra era o cenário para jogar bola, andar de bicicleta.

“E aí, eu ia pra casa, fazia a lição de casa e brincar na rua. Futebol, a rua era de terra, era futebol, era andar de bicicleta, brincar de pega, aquelas brincadeiras infantis. Foi uma infância tranqüila e feliz.” (José Otterço, Entrevista: 02/2007)

A infância tranqüila e feliz é atravessada agora por uma fase adulta contornada pela violência. José Otterço já foi vítima desse golpe.

Alguém já foi assaltado aqui alguma vez?
Eu fui. Eu fui. Quando eu trabalhava no Fórum, a agência do Banespa era dentro do Fórum, eu era funcionário ali, eu retirei um talão de cheque, coloquei no bolso de trás, atravessei a avenida junto com meu

amigo para fazer um jogo numa loteria. E eu senti assim que uma pessoa falou assim, atrás de mim, uma mulher:

- Ah! Aquele lá era o jogo da velha.

Eu nem senti ela puxar o talão de cheque inteirinho. Tomei as providências necessárias e só fui cobrado de um cheque onde me justifiquei. Isso faz muitos anos. (José Otterço, Entrevista: 02/2007)

Essa é a forma mais dramática de entender a mudança de tempo provocado pela nova forma de socialização. O depoimento não pertence mais ao campo de suspeita, desse discurso próximo do padronizado, da violência onipresente. José Otterço já foi assaltado e, como sempre se sucede, no momento em que não se está preparado para isso. Porém, o principal problema está com a juventude, cujo tempo é consumido diferente do modo como era empregado pelos jovens no passado. Há uma condenação de eterna busca da informação em um mundo cada vez mais exigente. Qual o sentido de obter conhecimento se não for para o sujeito construir a identidade no trabalho? Se a conquista do trabalho, ou traduzindo, se a valorização do trabalho não se vincula mais ao conhecimento adquirido, então qual o sentido do estudo?

A disputa pelo mercado de trabalho hoje é tão árdua que não há mais tempo para se viver em outras preocupações. Se tudo é conduzido para um caminho no qual o sujeito tem dificuldades de estabelecer significado, está aqui a angústia da juventude. Nem se encontra esse significado no processo de conhecer, nem na identidade do trabalho. Ao analisar a exigência a partir dessa nova relação com o tempo, José Otterço traz implícito no debate o próprio processo de conhecimento na sociedade atual. Há uma série de qualificações cada vez mais exigidas do indivíduo, apoderando-se da sua existência pelo consumo do tempo. Essa revelação do passado o deixa no papel de testemunho histórico de um período em que a existência nutria-se do tempo por meio de valores a ultrapassar o campo de atuar no mercado. No momento em que o discurso de conhecimento vinculado ao mercado se acentua, a história de vida de José Otterço desvela essa nova forma de condução social. A experiência de vida lhe fornece os instrumentos de ação sobre

uma realidade aos poucos e ininterruptamente em transformação. Os velhos denunciam o presente com os valores do passado.

“Antes a gente dispunha de mais tempo. Os jovens. Hoje não. Hoje a vida ela consome porque a disputa é muito grande. Um exemplo é que quando a gente se formava em alguma coisa e terminava o primeiro e o segundo e ia buscar emprego, conseguia. Hoje nem fazendo Faculdade às vezes a pessoa consegue uma colocação. É muito grande a disputa. Eu acho que a diferença é essa. A gente era feliz e não sabia.” (José Otterço, Entrevista: 02/2007)

4.1 - O PRESENTE COMO TEMPO DE SER VELHO

“O seu Sebastião é um homem assim que é uma riqueza. E no momento que a gente estava fazendo as oficinas...num dia de uma das oficinas que ele chegou lá chorando porque a mulher dele havia morrido, num domingo. A gente tinha oficina na segunda. Ele tinha que ir lá porque ele queria me encontrar pra contar que a D. Maria tinha falecido. Sessenta anos de casados. Eu falei: nossa! Seu Sebastião vai morrer. Porque os dois eram muito ligados, viviam juntos, tudo juntos, faziam tudo juntos, não se desgrudavam. E aí nós trouxemos o seu Sebastião mais pra perto ainda das oficinas, começamos a trabalhar bem com ele, ficamos muito junto com ele. Dois meses depois ele já conheceu a Alice. E aí já começaram a namorar. E vão casar este ano. Então ele deve ter contado também isso pra você.” (Márcia Regina, Entrevista: 03/2007)

A forma como se encerrou o trecho anterior deste capítulo poderia levar o leitor ao pensamento automático de os velhos em Campinas estarem somente arrastados para o passado. É essa tradução da afirmativa de José Otterço de que “a gente era feliz e não sabia”. O passado, mesmo diante das dificuldades, estava de alguma forma associado a esses valores de sociabilidade, de mudança coletiva. O progresso econômico da cidade trouxe alguns benefícios que não se pode negar. Porém, que preço tem de se pagar pelos problemas decorrentes desse movimento do irreversível? Mais do que a perda do reconhecimento do outro como parte da comunidade, nesse encontro com rostos já não mais familiares no dia-a-dia, é a violência na cidade grande e a identificação de como o consumo do tempo passa a se desvincular do processo de conhecimento. As críticas estão fundamentadas no percurso do progresso.

A outra face dos depoimentos tem de ser mostrada não mais na articulação do passado, mas na realização de ser velho no presente. O lugar de onde se critica o papel da ciência na modernidade em crise é no interior do próprio contexto científico. A crítica a um mundo em que as crianças desconhecem a brincadeira de roda é no interior do próprio trabalho de história oral para se confrontar a história oficial. É dentro da nova inscrição como terceira idade que os velhos encontram o sentido de viver, mesmo em um trabalho de memória em que se propõe ultrapassar

esse limite conceitual. É algo tornado complexo: os homens e mulheres selecionados para o projeto são velhos, mas não podem ser nomeados pelo que são porque o discurso se tornou pejorativo. O tratamento convencional é idoso. Substitui-se um pelo outro com o objetivo de tornar a relação mais próxima, num processo de afirmação da identidade. A diferença do **Projeto Saúde Toda Vida** em relação aos outros projetos é que não há o discurso da Terceira Idade e o tratamento idoso permanece indefinido ao emprego de velho.

Como vocês diferenciam os termos idoso e velhice?

Então, acho que o (termo) idoso a gente acaba utilizando mais porque o velho fica meio pejorativo, às vezes. Não que o velho, não vejo que o velho é pejorativo por seus atos Mas acaba sendo. Às vezes eles não gostam muito. Falar velho, velhice. Falar idoso é o que soa melhor pra eles. Apesar que eles sabem que eles são velhos, que eles têm idade. Isso é inevitável. Mas acaba que a gente utiliza o idoso, acho que mais por isso. Mais pra aproximar. Mas não que a gente não utiliza a velhice. Mas quando se refere a eles não fala velho do Projeto Saúde Toda Vida. Nós falamos os idosos do Projeto Saúde Toda Vida. Quando você fala parece que soa pejorativo velho em vez de idosos. Apesar de não deixar de ser. (Márcia Regina, Entrevista: 03/2007)

A defesa do uso da velhice nesta tese já foi esclarecida em capítulos anteriores. O velho de Campinas está distante dos septuagenários de **Donana** e de **Últimas Luas**. O primeiro refere-se ao lamento da mulher cujo principal dilema existencial é entendido pela instigante frase: a consciência só me vem no momento em que perco a consciência. **Donana** está sozinha em sua residência, atormentada pelas lembranças de não ter vivido os verdadeiros dramas da existência humana. Em **Últimas Luas**, o homem professor aposentado inicia a trajetória de viagem com as malas arrumadas em casa para se dirigir ao asilo. O espaço de morte social é atormentado novamente pelas lembranças, a vida encerrada no álbum de fotografia.

Essa é a imagem da velhice, pejorativa, negativa, tornada ofensiva quando dirigida para alguém. O homem que tiver sonho sobre o futuro tem de ser considerado como sujeito diferente desse estereótipo. A indagação poderia ser automática: será que não é possível ser velho e ter

sonho? Não teria a velhice, como discurso, tornado-se prisioneira de uma condição marginalizada do outro? A primeira dúvida a esse respeito nos remete a entender o reducionismo. O velho tem a voz sufocada. Tudo se conspira: ora pela imposição do silêncio, ora pela atividade. Ser velho nesse contexto passa a ser contradição em si mesmo. Porque ser é existir como sujeito de uma realidade onde se constrói sentido no cotidiano. E velho é a condição da perda desse sentido.

A substituição do tratamento velho para idoso, Terceira Idade ou melhor idade acontece de forma automática, como algo natural para acompanhar os novos tempos. O **projeto Saúde Toda Vida** não é massivo. E o dilema está justamente em conseguir mostrar o valor de ser velho sem se fazer da velhice. O desafio é se retirar da uniformidade de tratamento para a pluralidade de ser. O velho não está imune do sofrimento, da perda, do sentimento de impotência, assim como não é destituído de prazer e alegria. Ser velho é ser humano. E esse valor só pode ser atravessado se afastar esse olhar automático do velho em condição marginalizada para o ser velho no contexto atual.

A tristeza de Sebastião pela perda da esposa com a qual conviveu por 60 anos poderia indicar o fim da história. Com o presente dilacerado pela ruptura, não há como desvincular do estado de desespero, angústia, doença e já se está na morte do outro. Pois é nesse quadro de amargura, de ausência de perspectiva que se pode encaixar o velho. “Eu falei: nossa! Seu Sebastião vai morrer”. (Márcia, Entrevista: 03/2007) O desenlace desse quadro nem teve o final trágico de **Donana** nem o de **Últimas Luas**. Ao dividir a dor da perda com os amigos, Sebastião mostrou não estar sozinho no mundo. Há uma força esplendorosa na forma de sociabilidade, na troca de experiências cuja descoberta hoje é aplicada a qualquer tratamento de recuperação. As pessoas se reúnem, falam sobre os seus problemas, ouvem os mesmos relatos, e na percepção da fraqueza identificam a força em cada um. O sujeito não pode ser reduzido como ser ao próprio problema. Eis o desvelar da pluralidade.

A perda da esposa atuou como golpe desferido contra Sebastião. Mas a dor no sujeito não eliminou o olhar para o futuro com nova perspectiva. Dois meses depois iniciou novo relacionamento. É uma ruptura dentro da própria ruptura. O velho está diante das possibilidades da qual tinha antes na juventude. O que poderá ser esse novo relacionamento? Quais os limites? As perguntas se enumeram no mesmo grau de incerteza da realidade. Nada está definido. E aos 80 anos, Sebastião se vê inserido em um relacionamento que precisa ocultar da família. A comparação à juventude é automática. Ao se ver novamente na construção do presente com outro sentido, o velho Sebastião começa um namoro escondido até ser flagrado pelo neto de mãos dadas na rua com a nova namorada. E a família passa a discutir a relação, agora assumida com propósito de casamento.

Casar? O velho de hoje não é mais o velho de antigamente. E é por isso que se torna tão difícil, em um trabalho alternativo, encontrar a consistência do emprego desse termo. Até o sujeito interrogado se redescobre no novo contexto. Ser velho hoje é ótimo.

O sr. poderia passar alguma mensagem sobre a importância do viver?

Que ninguém pense na velhice, pense só em encontrar os amigos porque quem fica dentro de casa fica mais velho. Envelhece mais cedo. Então vão sair, vão passear, encontrar com os amigos. (Sebastião da Silva, Entrevista:02/2007)

O conselho para viver a vida distante da tristeza, da consumação do espírito pela angústia é encontrar os amigos, descobrir a sociabilidade. É o pensamento negativo encerrado sobre si mesmo que conduz o sujeito a objeto da tristeza. Chega a tal ponto de o sofrimento tomar o sentido de toda a vida. O velho de hoje não está preso ao passado. Agora, ele não deseja mais ficar encerrado dentro de casa. A rua, por mais que seja tomada por anônimos à espreita da vítima para o emprego da violência, se torna o espaço de sociabilidade. O espaço público é o mesmo local de negação e afirmação.

O que é ser velho hoje?

Acho que é muito bom (risos). Porque antigamente o velho não saía de casa. Ficava ali. O lugar que eu menos paro é em casa.

É porque não tinham divertimento ou eram mais fracos?

É porque antes ficavam acompanhando a velhice, era difícil descontraír com a turma de amigos. E não tinha divertimento assim, né, as reuniões, não tinha assim.

Muda bastante a forma de pensar a vida?

Amanhã mesmo eu já tava pensando em outro lugar pra gente, o baile do Sesi. Na última quarta-feira do mês tem o baile do Sesi. E vem muita gente. (Sebastião da Silva, Entrevista: 02/2007)

A liberdade encontrada por Flávia Paes Ramalho com o fim dos casamentos também teve o ponto de descoberta a partir da nova sociabilidade com o grupo. Não se tratava meramente de sair para a rua, respondendo simplesmente ao que lhe aconteceu como prisioneira em sua própria casa. O agir desta forma estaria condicionado à própria repressão e embora ninguém duvidasse ser ato do sujeito, no fundo não havia aquilo que conceituo como desenvolvimento real. Esse real é o momento em que o indivíduo toma consciência dessa reprodução incessante de agir contra o ato que o violenta e passa a reorganizar os sentidos no cotidiano. Essa nova forma de ser, na conquista como ser humano, é o mergulho complexo do ser em si mesmo, sem se fragmentar nas defesas e acusações no próprio interior. E, é preciso deixar claro, esse real está fora da nomeação de angústia, depressão, impotência ou destino traçado. Assim como da falaciosa sensação de sucesso conseguido como prêmio de algum sofrimento anterior. Flávia só deixou de estar arrependida de sair de casa, no ato de sair por sair, quando descobriu o grupo da “Terceira Idade”.

E não se trata de mero recurso desta tese recorrer à relação das possibilidades de viver. A entrada na velhice, longe de mantê-la em estado depressivo, se aproximou das condições encontradas na mocidade. O momento a ser esperado como pesadelo, a chegada dos anos, se tornou o tempo de realização como sujeito da própria vida.

“Quando alguém falava pra mim que tinha 50 anos eu ficava, quando era moça, eu ficava horrorizada. Meu Deus! Meio século. Agora já passei do meio século, porque tenho 77 anos. E eu ficava horrorizada quando alguém tinha 50 anos. Isso no meu tempo de menina. Eu falava: Meu Deus, 50 anos. E olha aí, passei dos 50 anos.

O tempo passa muito rápido?

Depois dos 18 passa muito depressa, viu. Muito mesmo. Depois dos 18, voa”. (Flávia, Entrevista: 02/2007)

O tempo passa depressa, voa, depois dos 18 anos. A consciência do presente remete a memória até o tempo de menina. E a mulher de 77 anos tem de encontrar agora o sentido dessa imagem de ser velho que a deixava horrorizada anos atrás. O prazer da mocidade abria perspectivas interessantes para a vida, mas uma parte da vitalidade dela permaneceu no cotidiano tornado rotina de aparente prisão do casamento. Torna-se possível entender a aflição do sujeito ao tomar consciência de como o melhor momento da vida da pessoa, a juventude, pode passar por crise pelo ato repressivo do outro. O que esperar então da velhice? Só mesmo o grau de realização na realidade pode permitir ao indivíduo responder sobre si mesmo a partir do sorriso indagador sobre si mesmo.

O que é ser velho hoje?

Olha! (risos). Olha eu, a minha mocidade foi muito boa. Mas a velhice pra mim é uma coisa maravilhosa. Tenho muitos amigos, é muito bom ter esses amigos. Então, você, por exemplo, você está aborrecido por algum motivo. Você conversa com ele, com outro colega assim, já dissipa, né. Você fica sabendo, não sou só eu que tenho problema. Outros também têm. Então às vezes você até conversando ajuda as pessoas. Daí eles também ajudam a gente. Então ser velho, é muito bom. Você vai numa fila, o pessoal passa pra frente. Né, Lina? No Cinema, paga menos. Tudo essas coisinhas boas que têm a velhice da gente”. (Flávia, Entrevista: 02/2007)

Flávia discorre uma análise fundamental sobre o sentido da existência do ser humano: a descoberta de o problema não ser apenas do indivíduo isolado, atomizado, e sim de um sujeito social. E no instante em que o diálogo, e não a transmissão de dados, passa a dissipar o

aborrecimento por qualquer motivo que seja, é a comunicação a se realizar como emancipação do sujeito e, porque não, estender ao coletivo. Há uma força essencial no exercício comunicativo, em que o eu passa a mergulhar no outro e o outro no eu. Nada do sentimento egoístico ou piedoso de provar ter vidas melhores que a sua neste mundo, nem da auto-ajuda em torno de técnicas para se viver bem. As boas coisas da velhice é o encontro do valor natural de ser humano: conversar, ter o sentimento de fazer parte da comunidade e sentir verdadeiramente no grupo a satisfação de ser tratado como homem e mulher. A força do sujeito está na certeza de agir sempre com a identidade do grupo em detrimento de um estado de isolamento que poderia conduzir os velhos no tempo em que era menina.

O sentido da velhice para José Otterço como algo positivo, de realização como ser humano, mergulha no mesmo diagnóstico da contradição. Por um lado, o prazer de estar com os amigos. De outro, o preconceito contra o velho. Na modernidade de Campinas onde as avenidas foram planejadas para abrigar os veículos, o trânsito se torna o micro espaço de reprodução social. José Otterço na prática foi expulso do volante por causa do preconceito e da ofensa. Tudo tem de ser muito rápido, o tempo é consumido com uma velocidade na qual tudo que se difere do uniforme é tratado como estranho, algo passível de ser atropelado. Qualquer motorista ou passageiro pode se lembrar das frases ou palavras ditas ou ouvidas em meio ao trânsito quando o veículo de trás tem de diminuir a velocidade por causa de um homem ou mulher velho no volante. A situação é tensa pela exigência, muitas vezes fora da realidade, do cumprimento do tempo taylorista de cada linha de ônibus a ser cumprido, com o custo da demora a ser pago com a redução do descanso. Então o velho se torna obstáculo e na micro relação o discurso tem de mandá-lo para a margem da pista, se preferível como pedestre. Não há como deixar de citar a frase de Erlinda Casarotti durante a dissertação de mestrado: o tempo em que para o carro na esquina para olhar com cuidado os dois lados da via ultrapassa o sinal de paciência dos mais

jovens. “Erlinda Casarotti se defronta com a contradição: ao negar ser velha pela disposição de lutar no presente, descobre-se estar velha por não se enquadrar na velocidade em que se move o sistema” (SOUSA, 2002: 230).

Somado a ofensa no trânsito, José Otterço deixou essa atitude de ser motorista por outra agravante: ter participado de uma briga no trânsito. A resposta desrespeitosa do sujeito ao ser comunicado da retirada do carro em frente da sua garagem terminou em agressão. Desta vez, ao ser cercado por dois, ele agiu rápido.

“Fui mais rápido, e peguei ele assim por trás e pus a cabeça dele no capô do carro dele mesmo. Ele bateu com o nariz e sangrou e a polícia chegou na hora. E eu fui feliz porque a polícia deu razão pra mim devido a minha atividade, trabalhava no Fórum, que era a minha casa, então eu estava cheio de razão e tinha droga dentro do carro. E aí para eu evitar futuras consequências parei de dirigir quando venceu o meu tempo de carta.” (José Otterço, Entrevista: 02/2007)

Mas a aflição do velho o atinge fora da rua, na margem para a qual muitos foram atirados, na calçada à espera do ônibus. A mesma pressa da ultrapassagem no movimento do trânsito se estende no tempo da parada. As dificuldades começam na distância de parada do ônibus da rua para a calçada. Tudo tem de ser muito rápido. “Elas (as pernas) correram e o time do tempo está querendo ganhar”. (José Otterço, Entrevista: 02/2007). A própria estrutura do ônibus, com os degraus altos, se tornam empecilhos para entrar e exige empenho físico para descer.

Em período de chuva, os pés encharcados é o resultado muitas vezes da tentativa frustrada de saltar a distância da calçada para o primeiro degrau. Para ser respeitado nesse micro espaço marginalizador, o velho tem de brigar pelos seus direitos, desferir o golpe mais rápido e surpreender o outro na própria estrutura de ser. É desumano ter a todo instante de comprovar o direito de ser, negado pelo outro, com a mesma ação violenta, desumana.

Essa ameaça ao ser velho não compromete o discurso de José Otterço qualificar a velhice como uma dádiva divina, algo especial concedido como direito aos homens e mulheres. A experiência da velhice permite essa capacidade de viver as dificuldades com mais traquejo. É a amizade com o grupo relevante para a sociabilidade de ser velho. “O prazer é de estar vivo, estar no meio de amigos, ter saúde. E viver aquela vida tranqüila, feliz”. (José Otterço, Entrevista: 02/2007).

Causaria espanto em qualquer pessoa, há alguns anos, a afirmativa de estar na velhice e poder expressar o estado de felicidade. O prazer de ser velho está vinculado a questões do cotidiano do qual muitas vezes se perdem ao longo do caminho da vida, às vezes sem se dar conta. A mensagem de Idelina aos jovens é objetiva:

“É rir muito, ser feliz, amar muito, olhar muito pro céu, ouvir muita música. Eu sou feliz. Gosto de passear, não precisa de mensagem. Do jeito que eu estou vivendo está muito bom. beleza. Se eu chegar aos 100 anos como estou vou ficar feliz. Que se amem muito, que se queiram bem a todos. Crê em Deus, crê na família, que isto é muito importante. E sou feliz.” (Idelina, Entrevista: 02/2007).

Quem se permite parar um pouco em qualquer horário do dia para poder ouvir uma música? Qual o significado dessa manifestação de permitir ao eu se reencontrar profundamente a partir da arte? Amar muito, estar em contato com a vida e acreditar em tudo o que possa mostrar que o bem praticado a todos só tem a gerar felicidade. Se Idelina chegar aos 100 anos... Os dados do IBGE recente revelam que existem 11,2 mil velhos com a idade de 100 ou mais anos, um século de história de vida. E ao contrariar o estereótipo, esses homens e mulheres vivem intensamente o presente e, não é por causa disso que deixam de sonhar com o futuro mais grandioso do qual ajudaram a construir.

Qual o significado de viver tanto em uma realidade se ela não permitir mais se expressar como ser humano? É essa trajetória estável proclamada por Idelina. Ter saúde e continuar a tê-la

no decorrer dos anos. Posto desta forma torna-se difícil entender que ela é viúva, depois de passar por casamento regular, e mora sozinha. A primeira imagem a ser feita de uma mulher nessas condições sociais é vincular ao estado de solidão. O olhar estereotipado do velho como sujeito isolado, próximo da clemência, remete sempre como única alternativa de sobrevivência a entrada no asilo ou a depressão no interior da própria casa. Nem a doença, nem a busca do novo espaço. A vida de Idelina é transformada por permitir-se mediar os valores de ser mulher a partir da família e do princípio da religiosidade. E é assim que o cotidiano é interpretado por uma consciência crítica associada a saúde, ao respeito, ao bem do outro.

Todos esses preceitos são importantes para serem postos como esclarecimento de ser velho hoje. Porém, Valdemar Lourenço procura deixar claro que a autonomia do velho conquistada em uma sociedade regida pelo consumo e pela hegemonia do econômico está vinculada ao próprio fator econômico. A diferença de ser velho hoje em relação ao velho de ontem é o dinheiro recebido da aposentadoria. E se o velho não tivesse esses recursos e outras facilidades conquistadas nos dias de hoje? Deixaria de ser idoso, ou terceira idade, para ser o velho de antigamente? Qual o futuro de um velho sem dinheiro? O discurso vinculado ao plano econômico revela a realização do cotidiano diferenciado entre homens e mulheres. E se o espaço onde reside e o tempo de vida são critérios para a marginalização do sujeito, então a vida do velho não é boa.

O que é ser velho hoje?

Hoje, ser velho, é ser acima dos 60, né. E não é bom. A gente tá vivendo uma vidinha até boa porque a gente tem aposentadoria. Porque o velho de antigamente não tinha, ficava apurado. Então o que a gente agradece, que tá bom hoje é porque a gente recebe, se não recebesse o que seria de nós. Então, graças a essa aposentadoria que a gente recebe.

Então a imagem que a gente tinha antes do velho...

Ah! O velho não tinha...antigamente não tinha o passe do idoso, não tinha o bom prato de R\$ 1,00, não tinha nada, não tinha...precisava, aquele que não conseguia se sustentar a família precisava cuidar dele. E ele passava a ser um peso pra família. Hoje, se nós tamos sozinho é

porque nós temos aposentadoria. E nós se mantém. Porque se nós não tivesse também a aposentadoria. Eu não sei o que seria dos idosos. Hoje a família que está dependendo dos velhos.” (Valdemar, Entrevista: 02/2007)

O exercício de vincular o velho nos dias de hoje sem dinheiro não é meramente metafísico. Há homens e mulheres por todo o Brasil cuja aposentadoria é reduzida a ponto de comprometer o mínimo de condições para viver como ser humano. Na realidade de hoje, em que ter diploma não significa ter emprego, é o velho, muitas vezes, quem sustenta a família. É esse dinheiro que permite a decisão de permanecer sozinho na casa, depois de assistir a saída de todos os familiares para construírem a vida em outros espaços, quando não deixaram este mundo. E a pergunta retorna: e se não houve esse dinheiro, mesmo que mingüado? A velhice é desvelada: o discurso estereotipado é direcionado somente aos pobres, agora duplamente marginalizados. Novamente é a violência do poder econômico a determinar o discurso sobre a cultura. Por meio da consciência crítica de Valdemar, não pode haver ilusão dos rumos de ser velho se associado somente ao dinheiro recebido de aposentadoria. O velho, para ser respeitado na sociedade, tem de ser reconhecido como sujeito cujo valor ultrapassa esse reducionismo. A cultura não se anula.

CAPITULO V

OS SENTIDOS DA COMUNICAÇÃO

Qual é o sonho de vida? A interrogação, solta no interior da entrevista, atravessa o estado de defesa, interrompe a fala articulada e golpeia o presente. Sonho? Qual sonho? Seria incorreto, ou mero atrevimento, indagar ao velho sobre os planos para o futuro. Pelo olhar da estrutura, não há perspectiva para esses sujeitos abrirem novos caminhos por mero contexto de utilidade. Por não poder mais desfrutar da força e com o conhecimento em atraso ao volume de informação, esses homens e mulheres estão fadados ora a permanecerem marginalizados no lar, ora a se refugiarem no asilo para não ser peso para a família.

Por isso é contraditória a pergunta iniciada neste capítulo. Parte-se do pressuposto de que não se pode visualizar futuro para quem o presente não se concretiza. Pior: está-se diante de um passado condicionado pela violência, ao qual o sujeito fora levado somente a responder ao acontecido. A pergunta poderia ser substituída por outra. Diante do sujeito em dificuldades, em crise, na angústia de encontrar o sentido da vida, o outro se aproxima. Alheio a tudo isso, interroga sobre o que o velho planeja para o futuro. Seria humano esse tipo de indagação? Qual o impacto a ser provocado na existência do ser velho?

É no interior da própria negação do sistema, incorporado pelo espírito do sujeito como autonegação ou autocensura, que um fio de emoção perturba o espírito, ao ponto de a razão construir outra noção de espaço e tempo. Essa é a racionalidade inconclusa expressa durante a tese para explicar parte da ação do ser em tensão e conflito à ação da estrutura. A crítica está na inversão dos fatos, ao desconsiderar a existência do sujeito antes da violência que o nega. Atinge-se o ponto sensível, de constante diálogo para o autoconhecimento do ser. O (A) sr(a). tem algum sonho? E a resposta, por mais que seja pronunciada de forma rápida, numa aparente distância do

pensamento à consciência da experiência vivida, mergulha o ser em sua própria história. Pode-se ocultar a angústia para o outro, tratado sempre com suspeita. Mas para si mesmo, esse ato visível toma outro impacto. A alternativa de expressar a pluralidade como sujeito é se afirmar pela consciência crítica. Se o grito pela vida é calado pelo próprio sujeito na busca do viver, então a fragmentação está a dilacerar a construção de si.

A pergunta simples sobre o sonho, que instiga de forma gradual e envolve o íntimo do ser, atinge a complexidade. Planejar o futuro está em constante relação com as forças aplicadas no presente. Essa disposição do atual não rompeu com o passado; o fio da tradição permanece ligado. Narrar a própria vida é se interrogar sobre o sentido da existência e decifrar as violências impostas ao longo do caminho. E o ser, então, busca no outro que ouve uma voz, a amplificação do testemunho para chegar a outras pessoas. Há aqui explícita a rejeição ao meio como audição e visão do sujeito, traçado no determinismo tecnológico do meio, como extensão do sentido do homem, de McLuhan, para o sujeito retornar como expressão de si. A voz que todos ouvirão deve-se saber ser deste homem ou mulher marginalizado pelo poder econômico cuja violência perpassa por toda a vida.

O depoimento é o testemunho dos percalços e das alegrias, o presente possível. Pela análise econômica, a identificação é que independente do espaço e tempo, a forma de vida do homem está atrelada à lei da sobrevivência. A forma como finalizo o capítulo IV poderia deixar o leitor com a sensação do círculo vicioso, de o velho retornar novamente ao asilo. E se nós não tivéssemos dinheiro? E se eu me tornasse assim peso para a família? Como não é objetivo desta tese permanecer nessa estrada, então outra interrogação, agora a partir da cultura, se faz presente. Ao considerar no interior dos valores do velho a cultura da sociedade, será possível vislumbrar essa pluralidade tão defendida nesta pesquisa? Será que os trabalhos alternativos de contadores de história, em Piracicaba, e de Oficina de Memória, em Campinas, conseguem mudar a forma de

ser do velho no dia-a-dia? Há de se analisar outro ponto mais agudo: ao ser conduzido à reflexão sobre a própria vida, a partir da narrativa, é possível se manter distante da consciência crítica objetivada nesses trabalhos alternativos? Ao testemunhar a dor e a alegria no cotidiano, não seria o próprio cotidiano em que assenta o presente também interrogado pelo velho para assim falar do futuro?

A resposta a essas indagações lança luz sobre a essência de projetos alternativos ao massivo. O prêmio pelo testemunho não está alicerçado em cifras, nem em ganhar casa própria ou toda casa equipada como se dissemina nos programas em busca de audiência no meio massivo. É a vida, num ato de dignidade, abrindo espaço para mais vida, o viver então levado ao extremo de exigir, no tempo e espaço em que atua, a vida longe da padronização. O sujeito deixa de falar por si mesmo e passa a ser representante do coletivo, do social. Sonhar é ultrapassar os limites do discurso condicionado sobre a velhice. Sonhar implica em interrogar a racionalidade exercida à própria sociedade para desvelar sobre a máscara da utilidade o sentido da vida do velho como existência.

Tudo se orienta na afirmativa, da estrutura, de ser velho àquele que perdeu o sonho. No momento difícil da vida em que o sujeito se defronta com a rua sem saída, de ter agora a atitude somente de esperar pelo fim, as perspectivas de vida desaparecem com a mesma intensidade do sopro do vento sentido ao longo dos anos. Eis o encontro do homem com a velhice. A tristeza, a saudade, o passado, a memória se fecha como valor automático e assim o sujeito é destituído do ato de viver, para falar sobre a própria vida como memória, por mais perplexa e contraditória seja essa violenta atitude do sistema.

A luta para se afastar da velhice se instaura no discurso da utilidade. Esse processo tem suas contradições. Ao avançar na idade, ao se ver ultrapassar o limite de idade que na juventude era tratado com horror, o velho se descobre no paradoxo. É estereotipado como velho, mas se

sente sujeito por manter o sonho de vida. Esse sentimento perturbador deve acompanhá-lo muitas vezes até o fim da vida. É preciso descobrir na violência do trânsito, no grito de ofensa dos mais jovens quando o velho, de carro, olha atento para as duas vias, para se certificar se pode seguir em frente, que ninguém é dono da própria imagem. Cabe a cultura enfrentar com suas forças o estereótipo, na negociação de sentido, até o desafio de a imagem preconceituosa se desfazer pelos anseios e lutas dos velhos. Velhice não é contraditória de luta, saber e sonho.

O primeiro olhar sobre o sonho nesta pesquisa está visualizado no olhar dos velhos sobre o passado. Em Piracicaba, os sonhos parecem estar sedimentados em realizar as coisas no presente, sonhos dos quais não tiveram oportunidade na juventude. As situações estavam próximas de se concretizar. Por timidez, falta de oportunidade, falta de coragem ou confiança demasiada no outro a vida é analisada agora por um caminho não traçado. Tudo poderia ser diferente. É essa angústia do ser que o mantém vivo, distante da morte social e próximo de uma busca existencial. O asilo é a Casa de Deus. O sentido das falas dos velhos a percorrer as ruas de Campinas também se orienta pelos anos de juventude. A diferença é o significado a pensar sobre esses anos. O sonho não está atrelado a conseguir o ausente, mas em refazer o caminho com as mesmas pedras calçadas na rua do passado. A realização da juventude em determinado momento se rompe com o sujeito, toma distância ao ponto de entender agora como estranho esse período tratado como intermediário. Passa-se a sonhar não algo irrealizável, mas o realizado. É o desejo de resignificar a vida a partir da própria vida vivida.

Essa forma diferenciada de olhar no presente para a própria vida será parte importante para entender o sentido da velhice. Há algo mais fundamental para além desse pressuposto: como essas pessoas tratam o futuro? A pergunta central deste capítulo poderia ser criticada a partir da orientação teórica de uma pós-modernidade. Não estaria esse questionamento, de passado-presente-futuro, estruturado no contexto da modernidade? E, ao indagar para os velhos sobre o

futuro, esta pesquisa não comete uma incoerência argumentativa teórica? Ao partir desse questionamento, seria obrigatório entender o momento em que o problema deixa de ser do indivíduo e passa a ser social. Não é somente o velho que deixa de pensar sobre o futuro, é toda a estrutura agora perturbada pelo conjunto social, interrogado a partir do presente possível e do futuro utópico. No momento em que a sociedade tem tecnologia suficiente para acabar com a fome no mundo e as pessoas ainda morrem de fome, não há como o diagnóstico ser da violência da tecnologia sobre a cultura. E esperar o agressor, da violência a agir sobre o corpo e a mente, ter consciência de ser a agressividade algo natural a todo o ser humano, porém reprimido para conduta social, é uma situação por demais da falta de esperança. Então os grupos agem para exigir os direitos no presente.

A pós-modernidade pode ser entendida por essa lógica. Mas esta tese, desde o início, se propôs a entender o atual momento como crise da modernidade, diante de um período cujo projeto filosófico está inconcluso. Por acreditar no valor de ser humano, o velho passa a estabelecer no presente outra relação de sentido no tempo e espaço. O futuro não é mais o espaço a ser ocupado em algum momento da vida. Essa crise é vivida por ele no presente. Então o futuro se vincula a essa perspectiva do período da juventude. A lucidez no presente traça alternativas para o futuro. E pelo racional ou pelo irracional, o futuro é indagado a partir de uma nova condição de ser, cuja concepção é a experiência de vida. A análise dos trabalhos alternativos tem de perpassar pelo esclarecimento possível proporcionados aos velhos.

A narrativa das histórias de contos de fadas, bruxas, tem a proposta implícita de instigar a imaginação dos velhos no asilo e explícita de resgatar a infância. Tem-se assim a delicada missão de entender como todo esse trabalho contribui para traduzir o sentido de vida no asilo. Não se trata de mensurar ou de permanecer na estatística do comportamento do velho a partir do estímulo-resposta. É preciso mergulhar no interior da própria condição como sujeito histórico

para entender em qual condição de significado o velho se encontra. E nada mais instigante de em vez de interrogá-lo sobre algo planejado para o futuro tecer a simples questão: qual é o sonho de vida? Ao se defrontar diante das possibilidades do presente, o sujeito se agarra às indicações do passado para traçar o futuro. Há um desejo de desejar a vida com a mesma intensidade de antes. Só que o hoje está dimensionado em outro tempo e espaço. O homem mudou, a cidade mudou, a sociedade é diferente; mas a perda dos valores é sempre relativa, nunca absoluta. A vida tem de ser construída a partir de novas leituras do viver.

O sr. tem algum sonho na vida? A resposta de Fábio Inácio tem de ser inserida na contradição do espaço e tempo de onde fala. No asilo, a gente não tem sonho como do lado de fora por onde permaneceu nos longos anos da vida. “A gente sonha assim só de viver bem com as pessoas, de tratar bem, educação, para não ter briga, não ter uma dificuldade mal qualquer, né. Sempre gosto de viver bem.” (Fábio Inácio, Entrevista: 01/2006). O sonho de viver em paz no interior do asilo também se sustenta com esse anseio de não ser vítima da doença. Em uma realidade em que o homem deixa de ter liberdade de ser quando está dependente na cama por qualquer doença, o sonho passa a ser a saúde do presente. É mais do que ter saúde. “É ser feliz é a gente não ter doença, não ter dor. Porque a gente ter dor, ser doente, a gente não tem a felicidade, né.”. (Fábio Inácio, Entrevista: 01/2006). Mas o sonho no interior do asilo é o impulso a alimentar o outro projeto tratado agora como utópico - entendido como algo difícil de acontecer, mas não impossível.

Ter uma casa, nem que fosse para morar, ter a oportunidade para dirigir um carro, e ter uma família. O sonho do futuro está em reviver fatos do passado cujo caminho a ser seguido no dia de hoje poderia ser diferente. A saudade deixa de ser sentimento a paralisar o sujeito e se torna o espírito a transformar o presente do velho. Enquanto essa mudança não se processa, é

preciso manter a vida com saúde e relacionamento de amizade com os novos companheiros que dividem o cotidiano.

Em meio a todo relato de sofrimento testemunhado por Judith Nalim, o sonho que ela persegue como realização do futuro está estruturado na formação dos netos. Depois da angústia de perder o filho, que modificaria a forma de vida até então de dificuldades, as forças do presente estão mergulhadas em acreditar no amanhã. Para isso, é preciso ter saúde para investir naqueles que agora são apontados como alternativa. O tempo parece correr em uma velocidade. E Judith precisa de mais alguns anos para se realizar como ser humano. A descrição do último sonho traduz de certa forma essa sensação angustiante de lutar contra o tempo e poder chegar com saúde até o sentido de realização. O caminho de realização é árduo e as forças do velho estão em descompasso aos outros que a perseguem. Há consciência da fraqueza do corpo. Mas esse próprio reconhecimento permite a vinculação do corpo e do espírito. Cada passo, por mais curto que seja em relação ao outro, deve ser feito com a certeza de mudar a própria vida.

“Agora, quando amanheceu ontem eu não sei porque eu sonhei com aquele gado. Uma vacaiada que vinha. Eu tava subindo um barranco, um lugar de triste pra subir, né. E os trilhos da vaca. Tudo era difícil. E vinha aquela turma de boi, de vaca. Eu falei:

Nossa! Até eu dar um passo, eles têm quatro pernas, vai mais do que eu. (risos)

Mas deu tempo de eu escapar. Cheguei no plano e me escondi. Ói que cada sonho tonto. Acordei de manhãzinha suada de correr por causa do boi. (risos). Mas eu não tenho sonhado, viu, bem. Não sei se eu deitei tribulada com alguma coisa. Eu sonhei com as vacas.” (Judith Nalim, Entrevista: 02/2006).

Ninguém ousaria pronunciar ser o sonho algo desvinculado da realidade em que o sujeito está inserido. É lá, no interior do cotidiano, nas aflições, desejos realizados e por alguma questão não concretizado que o homem passa a nomear o possível como utópico e o utópico como desejo de vir a ser. Por isso, soa como natural e ao mesmo tempo contraditório o depoimento de Agenor

Denatti sobre o sonho do passado. É preciso primeiro entender o contexto em que se situa a afirmação, o natural. Agenor está sozinho, distante da família e ninguém vem visitá-lo. O estar sozinho, aos 70 anos, embora seja parte da aflição, não é o fator essencial. Uma vida articulada no decorrer do tempo ao lado da solidão faz o sujeito afirmar que a vida é mesmo assim. A luta agora é prosseguir com saúde e não ficar estático, pensando no fim, na morte, “na vida que vai indo.” Por trás do discurso do presente de sossego, o sonho de Agenor pulsa como se estivesse em algum tempo do passado.

O que o Sr. sonhava antigamente?

Era coisa do que fazia, do que enxergava à noite. Era coisa de cansaço, não tinha nada a ver com a vida. Coisa que tinha na idéia. Era o que a gente fazia durante o dia, o que fazia...passear. Até de noite também parece que fazia de acordo com a idade. Precisava conversar com alguma mocinha, conversei duas, três vez, depois desisti também; quando eu tava no sítio. Até a filha do patrão, namorei ela tempo também. Mas parece que a intenção da gente casar, parece que a gente não tinha. (Agenor Denatti, Entrevista: 01/2006)

Por que não se tinha essa intenção de casar? A pergunta em tom de dúvida pronunciada por Agenor deixa claro o possível do passado com o tornado utópico hoje do futuro. Se mergulhar na frase acima, envolta com série de afirmações, às vezes contraditórias, se pode aproximar desse homem. O sonho está ligado ao cotidiano, aquilo que se faz ou se deixa de fazer. O cansaço do corpo, exaurido pela luta, pelo esforço no trabalho no sítio, surge como outro na noite, a ponto de se considerar como algo estranho à própria vida. Mas não seriam as aflições e desejos despertados no sonho como face do mesmo sujeito que sofre à tarde? Essa relação com o cotidiano não é parte do ser que desaparece ao longo do tempo. E o principal exemplo dessa questão está na finalização da frase, deslocada para a importância do casamento como algo natural do sonho que tinha no passado. A solidão poderia ser diferente. Será que os amores tidos

no passado poderiam alterar o sonho de hoje no futuro? Trata-se de coisa que se tem na idéia e assim se desperta de forma coerente com a fase vivenciada pelo velho. É preciso continuar a vida.

A saúde, esse bem precioso que o velho preza para prosseguir a luta em realizar o sonho de vida, estava distante do ideal para Marina de Faria durante a entrevista. Após sofrer a crise, internada no setor de enfermaria, Marina se centrou em apenas uma frase para falar sobre o sonho de vida.

A Sra. tem algum sonho na vida?

O único sonho que eu tenho é sair daqui.

Por quê?

É que hoje não tenho lar.

Se não estivesse aqui, a Sra. gostaria de estar em qual lugar?

Eu queria um tempo para poder estudar a partitura. (Marina de Faria, Entrevista: 01/2006)

O presente se apresenta de tal forma transtornado que é preciso encontrar outro espaço e tempo para reconstruir a vida. Não é o espaço do asilo o obstáculo para o sujeito se realizar como pessoa. Enquanto vive no asilo, os desejos estão lá preponderantes. Mas é o tempo, no momento em que o existir sofre impacto, que Marina desperta para o sonho da vida, aflorado de forma tão poderosa. O irracional então extravasa no cotidiano e surge a cena do casamento analisada no capítulo II. Há uma seqüência de fatos desencadeados por Marina, dos quais três deles podem ser analisados na resposta acima. Primeiro, a liberdade de sair da enfermaria para prosseguir a vida com a mesma “naturalidade” em que seguia antes da crise. O segundo remete a mudança de espaço para existir: O que seria esse “hoje não tenho lar” como complemento da primeira resposta? Será que nos remete ao conceito de família? E logo depois do espaço, Marina traduz o tempo, o momento de ficar consigo mesma como algo que lhe dê sentido na vida. O que se pede é apenas um tempo para estudar partitura, a arte como expressão do ser humano, como indignação a essa sociedade na qual a violência é parte integrante da ação sobre o outro.

No asilo, as pessoas trazem toda essa carga de frustração da vida pessoal e doenças. Quem consegue ficar livre das doenças, direciona as lutas do presente para mudar o passado. O sonho se torna realizar o não realizado, o presente é o tempo e espaço de existir. É por esse aspecto, cujo objetivo é instigar o velho a pensar na infância a partir do uso da imaginação, que o contar as histórias tem valor para permitir esse dilema de mudar o presente. A fantasia, o irracional, a imaginação se assemelha ao sonho, e o sonho está vinculado com a vida de hoje e de ontem. É no dia-a-dia que ela irrompe.

A liberdade incondicionada do velho fora do asilo é algo já apresentado como aparente, falaciosa, durante os capítulos anteriores. O temor pela violência a qualquer momento desencadeada por algum rosto anônimo, em Campinas, deixa a sensação de estar como vigiado no espaço e tempo. A rua, o espaço público, é ao mesmo tempo o cenário para acentuar o velho como vítima do poder que o estereotipa, como palco para atuar como sujeito social. E é nesse dilema que o sonho se defronta com as possibilidades de realização.

O sorriso de Sebastião diante da pergunta sobre o sonho de vida só não é mais direto que a intervenção de Flávia: casar. A tristeza superada pela morte da esposa, longe de levá-lo para a depressão, o conduziu a pensar o tempo e espaço agora com novos significados. O casamento não é algo estranho para Sebastião. Ele viveu com a esposa por décadas e décadas e tudo indicava o fim da sua história de vida com a perda. Não foi o que aconteceu. Sebastião superou a crise e diante de um passado ainda forte planeja seguir para o casamento. Incluído como item de sonho por intervenção de outro, a vida desse homem remete, considerando o grau de proporção, às mesmas possibilidades que tinha na juventude. A diferença ao relato de casamento de Fábio ou do golpe do irracional em Marina de Faria, é que nos dois sujeitos de Piracicaba o desejo está no não realizado.

Sebastião que se arriscou aos 80 anos no namoro escondido para depois assumir a relação, agora planeja o futuro. É a vida a pulsar com força. O homem na velhice não deixa de ser homem. E a vida de Sebastião golpeia o discurso em que aponta a velhice como o fim da emoção, a perda da razão ou o momento em que o sujeito não há mais nada a fazer na sociedade. Não se trata de atitude fácil nem exigência automática para outros: qual o sentido da vida pode levar um homem a recorrer à emoção para prosseguir o caminho aos 80 anos? Eis a inversão do olhar sobre o sujeito determinado pela estrutura. É preciso provar que o sentimento não abandona o sujeito na velhice. É parte constituinte do homem como ser, no tempo e espaço. A proposta de casamento, mesmo se fosse como mera hipótese, já inunda o ser desse desejo de continuar a olhar o cotidiano como possibilidade de reafirmar a experiência de vida no amanhã.

Só é possível brincar com o futuro sem recair no estado de frustração quando se atingiu estado de lucidez e consciência sobre a vida. Ao se sentir livre da prisão dos casamentos ao longo da vida, Flávia trata a questão de falar sobre o próprio sonho com o mesmo distanciamento de quando se expressa sobre o outro. “Viver 100 anos e acertar na loteria. (risos). É porque minha bisavó morreu com 110 porque eu não posso ir mais pra frente, né?” (Flávia, Entrevista: 02/2007). Essa nova relação com o tempo e espaço lhe instiga e afirma o sentido de atingir os 110 anos não meramente com o propósito de alcançar a bisavó, mas de ampliar o espaço de vida sem ser necessário ter de montar estratégias para viver em público. A resposta gira em torno da pergunta. Flávia recorre então a mostrar como a vida do velho está em ver realizados agora outros familiares. Sonhos...Ah! Um sonho que eu tive foi ver minha neta formada e graças a Deus ela se formou em Direito. Graças a Deus!” (Flávia, Entrevista: 02/2007). Mas o depoimento ainda estava incompleto. E sobre o eu, o que se espera no futuro? Qual o sentido de vida no presente? Há momento na vida em que a consciência do passado produz a clareza de que as dificuldades encontradas hoje sequer interrompem o passo para o futuro. E, então, os reais obstáculos para a

continuidade do prazer surgem como parte essencial para se realizar pelo corpo e pelo espírito: ter esperança no futuro, viver com saúde e sempre junto aos amigos. A frase é próxima de uma oração para livrar o ser da solidão, da doença que elimina as possibilidades desse novo viver e afasta dessa relação da troca de experiências tão essencial para fundamentar o sentido de ser homem ou mulher.

A frase de José Otterço sobre o ser velho já abre a perspectiva para entender o contexto em que ele expressa o significado do sonho de vida. “É sinal que você ganhou esta oportunidade de Deus, do criador. Você tem mais experiência. Você sabe viver as dificuldades com mais traquejo”. (José Otterço, Entrevista: 02/2007). Ser velho, ou atingir a velhice, é uma conquista do sujeito, uma vitória ao destino que poderia ser interrompido em qualquer momento anterior ao hoje vivido. Por isso, é preciso agradecer ao transcendente por essa oportunidade. Mas, há outros valores inseridos nessa fase da vida: é a experiência vivida como mediação para pensar o cotidiano a partir de outras perspectivas. Esse discernimento sobre a realidade revela a consciência crítica em que a felicidade do sujeito é sentir-se com o poder de olhar a vida, agir e pensar sobre ela.

O sr. tem algum sonho?

Sonho? Envelhecer como eu estou envelhecendo com saúde até a hora da minha partida, sem ficar dependente ou dar trabalho pra ninguém. Acreditando que ainda há esta fé dentro de mim para que isso aconteça, pra minha felicidade. (José Otterço, entrevista: 02/2007)

A autonomia de pensamento, a autonomia econômica e porque não acrescentar, a autonomia política no cotidiano é a o grau de realização tão sonhado no percurso da modernidade. E José Otterço, como sujeito histórico, testemunha essa conquista. Não se trata de um momento eterno. Tudo pode ser transitório, uma fase da vida. O futuro traz a imprevisibilidade. Entretanto, a consciência do presente traduz outra forma de pensar a realidade. O futuro é imprevisível para a perda dessa autonomia, assim como também é para as

possibilidades de prosseguir o caminho como sujeito. É preciso ultrapassar o reducionismo da espera e agir com a certeza, a fé, de que esses valores tão propagados podem realmente nos conduzir ao estado de felicidade. A maioria então deixa de ser esperança e se faz como experiência de vida do sujeito, lúcido e consciente, na velhice. A vida é um prazer.

Nem sempre, o sonho de vida é tratado como utópico, tão distante de se realizar. Ao remeter a memória aos tempos de criança, juventude, talvez seja possível, sem esforço, enumerar e justificar cada um dos desejos. Qual a profissão deverá seguir? Conseguirei encontrar alguém que tenha amor por mim? Como será a vida daqui a 10 anos? Serei feliz? As interrogações nesse período elucidam as possibilidades, aparentemente ilimitadas, para o sujeito construir o seu caminho. Ao se dedicar, lutar, vencer obstáculos, cada uma das metas conquistadas pelo indivíduo traduz o momento de superação, de alegria. Torna-se importante registrar a diferença entre conquistar o sonho e a sua realização plena. Pois, ao mergulhar no espaço e no tempo para viver a vida pessoal ou profissional, esse prazer do ser humano precisa ser construído em meio a outras formas de padronização. E assim, há sonhos de poder ser diferente dentro do mesmo sonho realizado.

O sonho realizado de Idelina, na juventude, foi casar. “Na juventude, casar, ser feliz. Me casei, fui regularmente feliz. E tive os meus três filhos. Hoje eu tenho os meus sete netos e um bisneto. Sou feliz assim”. (Idelina, Entrevista: 02/2007) Ao revelar ter sido regularmente feliz no casamento, Idelina desvia a atenção da relação do casamento e se acentua sobre o olhar dos filhos, netos e bisnetos. A felicidade articulada no sonho da união não se concretizou plenamente e ao longo do percurso foi necessário encontrar outras alternativas de ser feliz. São outros sonhos hoje articulados a partir do primeiro sonho da juventude.

O termo aparentemente ilimitado, citado poucas linhas antes tem de ser justificado: há momentos em que os planos feitos para o futuro são limitados pela condição do sujeito ou da

sociedade em que está inserido naquele tempo e espaço. Quais eram os sonhos profissionais de Idelina? “Eu tinha sonho profissionalmente mas naquele tempo a gente não tinha muita oportunidade. Tanto profissional como no estudo, né. O que eu tive foi bom. Não tenho queixa da vida não.” (Idelina, Entrevista: 02/2007) A consciência hoje permite analisar a limitação em que o desejo profissional esteve durante a juventude. Comparado ao de hoje, o período em que sonhar com a nova condição profissional era possível não havia muita oportunidade. Por isso, a afirmativa de entender a conquista como algo positivo, mesmo que o hoje possa rever os caminhos seguidos no passado e, de repente, ter tomado outro rumo. O importante para a experiência de vida é essa ação do sujeito, uma forma de atuar na realidade em que está inserido. Para que fosse tudo diferente, a sociedade também deveria ter sido. Não se pode ter queixa da vida com essa construção de análise.

A vida sofrida de Valdemar Lourenço não serviu como obstáculo para ele articular o sonho. Houve no percurso, quando criança, esse desejo de ter uma bicicleta, conseguida depois de velho. Mas o principal sonho de Valdemar a ser realizado é essa mudança na situação econômica, o desafio de superar o estado de dependência, que empurrava a família para próximo da condição de objeto. O sujeito luta com suas próprias forças. Como era sofrido o tempo de criança. O olhar sobre o passado revela essa nova condição do presente. A vida mudou sem anular a consciência de ser pobre, da experiência de uma vida combatida dia-a-dia para superar o determinismo econômico. Quando o sonho não está reduzido a uma mera particularidade e se estende para a mudança objetiva, a realidade transformada caracteriza o sujeito como histórico. Por isso o olhar sobre o futuro toma dimensão diferente.

“O sr. tem algum sonho?”

É, o sonho que eu tenho é conhecer o que tem do lado de lá porque aqui, sou eu, aqui pra mim tá tudo bom, tá tudo certo. Então é conhecer o que tem pro lado de lá”. (Valdemar, Entrevista: 02/2007)

A superação do estado de pobreza para outro sentido da vida permite a Valdemar traçar, embora por outras vias, o projeto da modernidade. A vida é essa conquista no dia-a-dia. A maioria atingida por Valdemar torna o seu testemunho forte, e porque não realizar nova intervenção, é como se fosse uma situação de outro século. Como foi possível a pobreza conviver por tanto tempo em meio ao progresso de Campinas? Ela ainda sobrevive e ilumina a crise da civilização. O futuro transformado se confunde com o hoje. O testemunho de Valdemar, tenso, tem de ultrapassar a miopia da auto-ajuda e se instaurar como força aos outros sujeitos mergulhados na condição de luta pela violência do econômico. Seria incorrer em falácia apontar que tudo na vida de Valdemar não passou de sorte. Se a vida hoje pode ser analisada como boa, é porque no caminho houve o ato de lançar sementes. A velhice é o momento de colher os frutos. Tudo que se faz nesta vida será recebido pelo sujeito. E o conselho se faz pleno para transmitir aos mais jovens: o sentido da vida está em pensar a vida a partir de outros tempos e espaços. Como jovem, como adulto e como velho. “Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando a sua experiência”. (BENJAMIN, 1993: 114)

O ato de contar histórias no asilo conduz a uma nova forma de entender o processo de comunicação. A imaginação, o irracional, ao invadir o espaço racionalizado não tem meramente a pretensão de alterar o comportamento do velho. Há uma proposta de ele se reencontrar. Será mero divertimento? Esse discurso de eliminar a tristeza, a morte da história modifica o sentido de interpretação dos velhos sobre a vida cotidiana? E a interrogação conduz a outra pergunta essencial nesta tese: será que esses trabalhos conseguem mudar o sujeito?

Não se trata de resposta exata. A análise dos testemunhos dos velhos, por si só, permite compreender a extensão desse estado de consciência crítica. Esse olhar diferenciado está distante do imediatismo. Até porque não se analisam técnicas para o sujeito melhorar a vida, essa manobra de orientar o indivíduo a tratar a vida com distanciamento da experiência vivida. Os

elementos da técnica estão dados como exercício de construção para determinado fim. Pode até conseguir o resultado desejado. A desconfiança de si mesmo durante o exercício e a alegria de ter a técnica o levado para o sucesso almejado caracteriza essa experiência fragmentada. O contraponto a esse discurso é provocar o saber, como cultura, como realidade vivenciada pelo sujeito. Não se vislumbra o fim em si mesmo, mas a descoberta do eu, do subjetivo, com o objetivo. A conquista não é um acidente de percurso ou esforço obtido por meio de treinamento do olhar sobre a vida. É a própria vida modificada pela consciência de sujeito histórico que lhe permite identificar um novo olhar sobre a realidade. Em vez da vida, é a conquista que toma o lugar de fragmento.

Ao ultrapassar o limite de ser apenas técnica para o velho atingir a imaginação, o contar histórias questiona o tratamento de transmitir informação como se fosse comunicação. É preciso ir além desse transmitir dados com o objetivo de alterar o comportamento do outro, de produzir o efeito esperado para se atingir o fim. O meio utilizado como fim a partir da lógica do poder. É preciso considerar que o meio, a tecnologia, é apenas um dos elementos do processo de comunicação. Tanto que a relação estabelecida entre os velhos do asilo e as contadoras de histórias é do tocar, do olhar, do sentir essa linha ligada ao coração. Há o saber de Carmelina inscrito na contradição de que em vez de ouvir histórias, o velho deveria contá-las. Mas o diálogo só acontece no decorrer da semana nos comentários dos participantes e ausentes, com a circulação dos fatos, da história contada ou negada a partir das experiências de vida de cada um. A comunicação então se processa na euforia de provocar no sujeito o mergulho no passado. “Isso é coisa pra criança”, diria um. “Essas histórias me lembram os alunos”, revela outra. Mas quem tinha tempo de ouvir dos pais ou dos professores essas histórias? E então essa troca natural de experiências, perdida ao longo do tempo, é confrontada agora como luta social.

A narrativa, como testemunho da cultura popular, tem de se fazer como experiência do sujeito a partir do enfrentamento da própria contradição: com moral da história, tratado no reino da fantasia, e racionalizada para eliminar a tristeza. Tratar o receptor como sujeito implica em entendê-lo em todas as suas dimensões. A tristeza não está eliminada dessa relação. Durante a narrativa, na reunião dos velhos no refeitório ocupado para a imaginação, a tristeza está a espreita na porta, aguardando o momento da sirene voltar a soar uniforme. Há um paradoxo nesse contexto: para eliminar a tristeza e a morte das histórias narradas é preciso antes enfrentá-las, vivê-las no abraço, aperto de mão, no simples convite ao velho para ouvir. O homem sabe não ser dono dentro da própria casa.

Ao perfurar o asfalto do progresso de Campinas, a memória atravessa os paralelepípedos, a terra da rua, até alcançar as manchas de sangue dos escravos, as mãos negras decepadas e exibidas ao público como punição, mas que por feitiço tornaram-se branca; a demolição do teatro municipal. O velho narra a vida. Ora ela parece estranha. Ora próxima. O que mudou na vida do velho com esse projeto? É preciso tomar distância sem desconsiderar o sujeito nessa relação. Ao propor a emancipação do velho, da maioridade, de atingir o grau de consciência crítica, o **Projeto Saúde Toda Vida** mergulha o sujeito a reler a vida a partir da vida da cidade. É preciso estar atento ao que lhe acontece. Para articular o comentário da vida o ser humano tem de sair da condição de mero passageiro de um trem em movimento. E a mudança do ser está longe de ser mero resquício da mudança da estrutura.

Eis como se articula o processo de comunicação. Não basta somente prestar testemunho do passado. É necessário encontrar sentido, ter a lucidez de pensar sobre a realidade em que atua. A consciência e a razão são vislumbradas como forças construtoras do ser humano aliadas à emoção. Se há relação de vida entre o sujeito e a cidade, há inscrito o sentimento. O trabalho de memória se esquia da técnica de memorização. É preciso ir além do aprendizado de saber

enfrentar o esquecimento a partir de uma nova postura do factual. Onde será que deixei a carteira? Em que lugar esqueci o controle da televisão? Essas dicas carregam o princípio da utilidade na vida de pessoas cuja utilidade é desconsiderada pela estrutura. O objetivo agora é sair dessa racionalização dos meios para os fins. Só há sentido trabalhar a memória do velho para confrontar o discurso oficial que o recusa, o estereotipa.

A memória subterrânea se faz como testemunho para os jovens pensarem o progresso de Campinas. Não há como tratar esse testemunho como conselho, oportunidade de intercambiar experiências. E ao lembrar da infância, o velho chora. Longe do olhar automático da serenidade, o velho revela a violência do poder a partir da sua fragilidade, da força, do fracasso, da superação, do sonho de vida. Não foi só o velho e a cidade que mudaram. Foi também a pesquisadora do projeto. A possibilidade do testemunho de um garante a experiência do outro. A cidade utilizada como espaço de trabalho toma outra identidade para o sujeito pesquisador. Os enigmas da rua parecem ser decifrados e a revelação dos fatos subscritos no espaço e tempo vividos se torna a força para pensar a realidade.

Comunicar não pode ser reduzido ao simples ato de ouvir o velho, com o mesmo espanto de estar diante de algo curioso. É essa transformação do eu e do outro no cotidiano. “Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas?”. (BENJAMIN, 1993:114). A resposta permanece em aberto na dependência de situar o lugar de onde fala o outro sobre o eu. Para ouvir a narrativa do velho sobre a cidade ou para contar histórias de fadas e bruxas para ele no asilo é preciso mergulhar no interior da estrutura, encontrar o sujeito a construir o sentido no cotidiano e tratá-lo como homem. Eis o princípio da comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A lucidez só me vem no momento em que perco a consciência. O grito de **Donana** ecoa desde os anos 70 como denúncia da violência contra o velho no país. Ao desmascarar a conspiração do silêncio, cujo poder está estruturado no discurso sobre a velhice, a cultura então age e exige da sociedade a atitude de ouvir o que esses homens e mulheres têm a dizer. O testemunho passa a ser a força na luta social dos fracos. A história oral se configura como a construção de identidade para entender o valor da cultura popular, suas táticas e estratégias para se manter como consciência da mesma sociedade que a pretende massificar e negá-la. Esse massificar está distante da forma de sociabilidade, da maioria a exigir os direitos sociais relegados então a minoria. O massificar está restrito ao conceito de massa, atomizado, o indivíduo neurótico para obter prazer e felicidade, alienado de sua própria realidade.

A perda dos valores nunca é absoluta, sempre relativa. Na década de 70, os grupos sociais que se reorganizam na luta contra a repressão e mais repressão inauguram a ação da cultura e o respeito ao homem simples, do cotidiano. Massa, como sujeito sem identidade, não existe. Há por trás desse atributo qualificativo e desfigurativo do homem uma fundamentação ideológica vinculada ao poder que se beneficia desta forma de tratamento. É preciso recusar e confrontar esse discurso mergulhado no preconceito e na disseminação do estereótipo. Tamanha é a violência que esse discurso impõe a crise existencial do sujeito, do popular, dentro da crise da modernidade.

E assim ocorre a inversão histórica: o sujeito, agora tratado como objeto, tem de provar sua condição de sujeito. Nessa luta, a fuga de muitos é alterar os nomes para a realização social: se o ser velho é atrelado ao negativo, então estendemos agora para a Terceira Idade, Melhor idade. Se o asilo é considerado a morte social, então é o Lar, Residência ou outro termo a indicar o sentido de férias temporárias. Troca-se os nomes dos espaços e dos grupos, mas essa aparente

substituição traçada com efusiva alegria se despe desse vestuário ao primeiro impacto da tristeza. Como é possível entender o choro, a angústia permeada pela tristeza justo na melhor idade? Por que o agora Lar da alegria tem de ser fechado por maus tratos e abandono em meio aos lamentos de homens e mulheres?

A contradição exhibe a luta do homem no cotidiano. A lágrima, o sorriso, o sonho de vida ou o sonho noturno indicam a intensidade em que pulsa a vida. O homem não está morto, nem encerrado a sua história pelo poder da estrutura que o nega. É falacioso partir do poder que o recusa para traçar a pesquisa sobre o valor de sua existência.

O primeiro aspecto relevante desta tese é a confirmação da racionalidade inconclusa da estrutura. Por mais que se pretenda essa lógica de uniformizar o sujeito, o processo não se completa. O homem tem a sua pluralidade. Esses valores são descobertos, conquistados ao longo da vida. Não é o homem que necessita deixar essa pluralidade de lado para se fazer social. Pelo contrário: os lamentos de homens e mulheres, no decorrer da velhice, é exatamente se defrontar com as possibilidades que poderia seguir sua vida diante das alternativas que lhe tomaram o espírito na juventude. É a estrutura que exige essa identidade única, essa cultura brasileira no singular, esse ser de uma só dimensão.

Porém, é preciso mergulhar mais profundo no contexto para encontrar o cenário alardeado. O espaço do sujeito é tratado de forma diferente e desigual pelo poder e transformado ideologicamente em tempo. Instaurado pelo princípio da utilidade, o cotidiano é transfigurado em sua essência e tratado como rotina castradora. A libertação virá no futuro. Trata-se de um conceito de futuro descaracterizado, em que a sensação transmitida é ainda da espera da virada do século ou em qual outro ano hipotético todos seremos diferentes. E, no entanto, a violência se reconstrói sobre o corpo e o espírito. E o tempo, o outro núcleo de existência social do ser é violado. Diante da ação do sistema é preciso agir, pelo dizível, pelo indizível. Recorre-se ao

silêncio, ao testemunho. Só o homem e a mulher que sofrem a violência dessa força pode expressar a tensão e conflito na articulação do dia-a-dia. Está aí a memória subterrânea.

Ao romper com o discurso hegemônico do econômico, é possível entender essa negociação de sentidos entre o popular e o massivo. Tem de estar claro a indicação de que popular se trata da maioria e não de um pequeno grupo. Isso significa romper com essa máxima de a existência do ser depender do meio massivo para ter algum valor de existência social. A análise do espaço, tempo e do sujeito como popular tem de atravessar a couraça sobre a identidade do outro e mergulhar no interior da história do homem para encontrar a vida. Romper implica em deixar o discurso automático do velho como homem de sabedoria, sereno. Ou o sujeito que perdeu o sonho de vida.

Ao sair do dualismo e invadir o cotidiano desses homens e mulheres, o elemento principal é a contradição. Recusa-se o discurso da velhice para escapar do estereótipo, e justamente na ação do cotidiano é preciso brigar, ao extremo de sangrar o outro, para ser respeitado por causa da idade. Longe da perda da força do corpo, ser velho hoje é não separar mais a lucidez da vida da consciência.

A lucidez vem no momento em que o testemunho oral me conduz a consciência do eu e da sociedade onde atuo. E é assim que os velhos nos asilos e os que percorreram as ruas de Campinas se defrontam diante dos trabalhos alternativos. A comunicação é retirada da ideologia em que a razão serve como instrumento do poder para produzir efeito no outro e se reconstrói no sentido e significado do cotidiano. É a razão objetiva, a emoção, a imaginação para sustentar a emancipação ou a lucidez do outro. O asilo continua o mesmo espaço denunciado como uniforme. Mas os sujeitos tratados como residentes, longe da morte social anunciada, se defrontam com a oportunidade de iniciar a vida ou de tomar outro rumo. Ninguém sonha no futuro em ter de preencher a ficha cadastral para ocupar esse espaço. É a vida no interior da

sociedade tornada angustiante que o conduz para outro caminho. A luta na vida se faz no decorrer de todos os campos sociais.

A imaginação invade o espaço racionalizado pela estrutura de controle do tempo e espaço do sujeito. Sob a veste de conto de fadas, bruxas, de amor, do rio de Piracicaba, as histórias e as músicas caipira alimentam o sujeito da potencialidade de ser humano. A proposta do resgate da infância fere outro sentido: o da pobreza, da falta de coragem de ter assumido tal relação, do amor não vivido pelo preconceito, da crueldade da família ao utilizar-se da confiança de sangue para obter vantagem financeira. O testemunho não é de coitados e sim de homem a expor essa maravilhosa e difícil arte de viver, de ser humano. Em vez de afirmar o ser destituído da capacidade de pensar, eis o sonho. A vida se faz, se refaz, se manifesta e golpeia o ser.

O irracional conduz Marina para o altar. E a crise tem de ser curada, tratada para o sujeito voltar ao estado de normalidade. Na ação de outra racionalidade do tempo e espaço, Marina continua a ação de passar cama por cama, doente por doente, para abençoá-lo, para tocá-lo com as mãos na cabeça. A saudade dos alunos lhe dá sentido para valorizar a arte de contar história; é o testemunho. O lamento pela perda do “filho”, do qual nunca esteve grávida; é a “doença”.

Seria incorreto afirmar então ser o asilo uma espécie de melhor idade. O velho, lúcido e consciente, chora pela família e tem de encarar um espaço em que poucos se interessam sobre sua história de vida. O sofrimento da violência diária do marido, a traição, a brutalidade não anularam a esperança na vida. O sujeito, o velho, o popular então luta, entende as dificuldades e limitações provocadas pela violência da estrutura e age. O silêncio como tática, na estratégia de encontrar o melhor momento para prosseguir a luta. O sentido de entender a imaginação no asilo é permitir o outro olhar sobre espaço e tempo.

A travessia pelas ruas de Campinas sinaliza a dor, a alegria, a emoção vivida pelo velho. E as indagações prosseguem sem hesitar: por que derrubaram o teatro municipal? Por que o velho é

tão discriminado no trânsito? Como é possível vivenciar as alternativas diante do cenário de violência? As perguntas são elaboradas com as mesmas pedras que o sujeito constrói o árduo caminho. Quando tudo parece terminado, o sujeito age e se descobre como essência da própria transformação social. A perda da esposa por quem viveu por seis décadas. O namoro escondido da família iniciado dois meses depois. O flagra do neto. O planejar, agora, o tempo correto para se entregar ao casamento. Campinas mudou com o progresso: as ruas largas, a tecnologia, os carros em vez dos bondes. O sujeito a viver em Campinas também mudou e suas perspectivas de vida agora se assemelham às que tinha na juventude. É preciso construir o significado no presente a partir de um novo entender sobre si mesmo.

O fundamento desses trabalhos está vinculado a proposta de defesa desta tese. A transformação está vinculada ao sujeito nas relações sociais, enquanto cultura do cotidiano. Rompe-se com a dependência da tecnologia e da determinação de sentidos pelo meio. É o sujeito a partir da emoção, da razão, da experiência de vida quem toma consciência e age. Nem sempre essa ação é como o ser plural. Mas sempre para continuar sendo sujeito em vez de objeto. Nesse período em que outro discurso aponta ora para denunciar a violência da estrutura, ora a agonia do homem violentado, esta pesquisa procurou identificar o momento em que o sujeito age diante da ação da estrutura. É preciso ultrapassar esse limite de consciência possível fazer as pessoas entenderem que estão encerrados numa estrutura. Trata-se de algo importante. Porém, ao reduzir o ser somente pela fraqueza, não se compreende a força que o leva a pensar e agir. Em que Fábio Inácio pensou durante toda a madrugada em que encontrou o companheiro de quarto morto? A resposta não pode ser dada sem mergulhar no interior do sujeito mergulhado no interior da estrutura. Como é possível entender a interrogação de Valdemar sobre a aposentadoria como fator primordial para não caírem automaticamente no discurso estereotipado de velho?

Esse grau de reflexão permite entender outro ponto essencial: a construção de identidade do sujeito. Ao estar diante de um novo quadro do tempo e espaço, o velho tem de encontrar significado nas relações sociais. A afirmativa desta pesquisa do indivíduo como sujeito social não pode ser vinculado como algo automático. É uma conquista no cotidiano. O sujeito, a partir da relação de comunicação interpessoal, passa a estabelecer vínculo com o outro e com isso estabelece sentido na realidade. É nesse momento em que a sociabilidade passa a ser construída na interação do eu com o outro que se torna possível entender a referência do velho em estabelecer os caminhos do futuro, os sonhos possíveis no presente. A tristeza de Sebastião é exemplo. Com toda a sua experiência de vida, a morte lhe retira as bases de uma vida assentada em décadas e décadas. Ele chora. Entretanto, é na relação do grupo, no desabafo com pessoas mais jovens, nessa ação comunicativa de sociabilidade, que ele torna consciente do presente.

A tristeza tem de ser entendida pelo limite entre o grau de consciência do sujeito pela violência imposta ao seu cotidiano e a angústia depressiva resultante da fraqueza do eu diante de um poder imbatível. Eis a diferença de enfrentar a mesma situação, a mesma realidade. E não causa espanto, por mais contraditório que possa ser, que o velho transforme a crise em utopia. Onde não há mais liberdade de agir no espaço, recorda-se o tempo de liberdade. E o sonho de vida, tornado utópico, como algo difícil mas não impossível de acontecer, instiga a prosseguir a vida. Não se trata de qualquer sonho, de outro projeto. Trata-se da realização da mesma vida vivida anteriormente, diferenciada agora pela lucidez e pela consciência.

A consciência de que o passado poderia ter seguido outros caminhos se une a lucidez das possibilidades permitidas no presente. Quais são essas possibilidades: a experiência de vida então recorre ao passado e o velho filtra pelo capital cultural o sentido da memória. Seu José Rizzoli decide sair do asilo para viver com a ex-namorada. E viver, se lançar ao imprevisível, é ter de estar preparado para a alegria, para a tristeza. Eis o momento tenso do sujeito a se lançar à ação: e

se der errado? Como as pessoas vão considerar este ato? Não estou velho para isso? A coragem de agir também implica na mesma coragem de voltar, de continuar o caminho, de reconhecer no trilho da vida essas possibilidades.

Os trabalhos alternativos alimentam essa proposta de pensar o velho para além da denúncia da estrutura. Não é possível recordar sem passar pela emoção. A consciência se refaz no contar, no detalhe modificado nas ruas, na angústia do ser cuja palavra não fora ouvida durante aquele período. “É ato insano”, responde então com indignação o velho às atitudes de violência do poder. E a ação tem de ser entendida no momento em que o espaço e tempo do Teatro Municipal se tornaram sentido da realidade para a cultura popular. Vivia-se a cultura. Ao recordar os escombros, a demolição visível no cotidiano, a revolta instiga o sentimento de ter sido ultrajado. A vida era pensada como cidadão com acesso aos espaços de cultura comum. A nova construção erguida sobre o espírito do teatro elimina a proposta de ser. Na realidade de hoje, prevalece o incentivo ao consumo.

Em meio à publicidade de ofertas da loja no meio massivo, o leitor, telespectador se defronta com a denúncia, o testemunho de um ato na história de violência sobre o popular. É pensamento equivocado mensurar esses depoimentos como mero saudosismo. Esse erro está normalmente reduzido às datas de divulgação dos meios de comunicação sempre atreladas a uma relação de tempo: um ano, dois anos, 30 anos. A crítica sobre a derrubada do teatro tem de ser entendida como luta no presente, na recusa em considerar o valor do ser humano somente pelo dinheiro que pode oferecer como compra. O consumo capitalista não substitui a emoção de viver a cultura. O teatro derrubado e substituído por outro espaço permanece de portas abertas na memória do velho no presente.

A luta para mudar a vida tem de ultrapassar os próprios limites do ser. Judith Nalin entendia o sofrimento vivido com o marido como prova de Deus. E a mudança para outra vida

viria com o filho trabalhador e com respeito e carinho pela mãe. No momento em que a esperança se encerra na morte, a vida parece ter encerrado as possibilidades. Perde-se a referência. E na angústia de perder o sentido no casamento e de ser respeitada e conviver com a difícil personalidade da filha, o recurso é ir ao asilo. A tristeza permanece como parte do ser, mas novamente as possibilidades se abrem na luta do sujeito. Judith agora quer investir na formação do neto. O ser então vive, olha para as dificuldades do presente como significativo para construir o futuro. As lágrimas a escorrer pela face revelam os contornos da luta de quem vivenciou os dramas da existência humana.

Mergulhados em outra realidade: o contar histórias e a oficina de memória reforçam o valor da experiência em uma sociedade cuja estrutura desvaloriza a experiência. A história de vida deixa de ser comercializada pelo aumento da audiência para ser valorizada no espaço e tempo do velho. A sociedade tem de saber sobre os seus testemunhos para além das datas previstas no calendário. É preciso construir a identidade social a partir da relação comunicativa e não meramente pelo consumo. O passado, sempre ultrajado como ultrapassado por uma visão tecnológica, é entendido como valor para pensar o presente e traçar o futuro. Por que fazer trabalhos com velhos? Qual a perspectiva de vida que eles têm? As perguntas sustentadas em fantasias do estereótipo têm de ser respondidas uma a uma, com o vigor, a consciência e a lucidez de quem vivencia a cultura no cotidiano.

E a própria sociedade é invadida com exemplos disseminados no meio massivo de como a perspectiva de vida do velho é nesta retomada da crise da modernidade. Ao término desta tese, a notícia era de Valério Galeazzi, que aos 85 anos se graduou em Direito na Universidade Luterana no Brasil (Ulbra), em Canoas, Porto Alegre. A formatura aconteceu no dia 5 de janeiro de 2008. Valério ficou viúvo em 2000 e começou a se sentir sem destino. O incentivo do neto para realizar o sonho de juventude conduziu Valério a sonhar e realizar o sonho a partir das novas relações de

tempo e espaço. O programa da universidade oferece desconto de 50% na mensalidade para idosos. Sem medo de planejar o futuro, ele investirá na pós-graduação.

Há duas perguntas desta tese ainda a serem respondidas: a primeira é sobre o sujeito da pesquisa. O que acontece com os velhos quando termina ou suspende temporariamente esses trabalhos alternativos? A segunda é social: qual o reconhecimento social de trabalhos alternativos como esses analisados nesta tese? As duas questões estão relacionadas pela forma de pensar a comunicação. O sujeito não é objeto vazio, sem experiência, que precisa ser preenchido. Por isso, esse pensar o indivíduo, construído na relação de agir, demonstra a essência dos trabalhos diferenciados do massivo. O homem vive a contradição e é fundamental instigar em seu espírito as possibilidades de ser humano. No momento em que o testemunho, o dizível, o indizível se faz núcleo para dar sentido ao trabalho, é o sujeito plural a encontrar forças ou outro sujeito a prosseguir e disseminar as lutas no cotidiano.

A sociedade tem de saber sobre a violência da estrutura e se livrar da dependência da indústria farmacêutica. A emoção, a razão, a imaginação se transfiguram na consciência conquistada com os dramas da existência. O objetivo do projeto então não é modificar o outro, numa mudança de comportamento. Mas entender a vida a pulsar com intensidade no sujeito. Ao racionalizar a imaginação no reviver a infância ou ao buscar a emancipação do sujeito pela memória, o fundamento todo está no reconhecimento do próprio sujeito com a sua história de vida. Nesta relação de troca, tem de se perguntar o que faz as pessoas que realizam esses trabalhos com o testemunho dos velhos? Elas mudam a forma de viver, de entender a própria vida.

Ao desconhecer determinados dados da história da própria cidade, Márcia passa a percorrer as ruas de forma diferente e surpreende o outro. Ao receber uma flor, por acidente, de uma estudante a premiar os velhos no asilo, a contadora de história tem de pensar a velhice a

partir da luta do trabalho em instigar o irracional. A resposta para a segunda pergunta então se realiza. Não basta somente transmitir o testemunho do velho. Isso não é comunicação. É preciso ter consciência do presente e do futuro, é preciso o homem se reconhecer como criança, jovem e velho para se encontrar com a totalidade de ser humano. E é neste momento em que ele refaz o tempo e espaço. A velhice não é o espaço automático em que todos chegaremos depois dos 65 anos, cujo tempo, medido pela utilidade, será extinto. Ser velho é construir como ser plural a partir da força e, por que não, da fraqueza. É preciso estabelecer a sociabilidade com a consciência e a lucidez do presente.

“Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio de tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais do que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho”. (BENJAMIN, 1993: 114)

O velho de hoje não tenta lidar com a juventude somente a partir da experiência, mas a partir da própria vida. A “melhor idade” é o momento de realização do hoje, violentado no passado pela estrutura. A imposição do espírito de juventude a todo custo, pela disposição ou pelo corpo, se encontra na tensão e conflito do tempo e espaço da sociedade contemporânea. E não se trata mais de impor a consciência ao outro ou mostrar a estrutura que o destitui de construir o próprio eu. Basta indagar a pluralidade a partir da simples interrogação: qual é o sonho de vida?

BIBLIOGRAFIA

ABRIGO de idosos será interditado. **Jornal do Brasil Online**, Rio de Janeiro, 04 mai. 2001. Disponível em:
<<http://www.jb.com.br/jb/papel/cidade/2001/04/05/jorcid20010405012a.html>> Acesso em: 27 jul. 2001.

ADORNO, Theodor W. **Palavras e Sinais: modelos críticos 2**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira. **Velhos Institucionalizados e Família: entre abafos e desabafos**. Campinas (SP): Editora Alínea, 2004.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulações**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Trad. Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Trad., apresentação e notas de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2002.

_____. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas. V. 1 Trad. Sergio Paulo Roaunet. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BERLINCK, Aldete Büchler Zorrón. **A Terceira Idade e a Sociedade Informatizada**. 1994. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Amaria Ioriatti e Marcelo Macca. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos** 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. A pesquisa em memória social. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 277- 284, 1993.

_____. (Org.). **SIMONE WEIL: A Condição Operária e outros estudos sobre a opressão**. Trad. Therezinha G.G. Langlada. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BRAGA, Brunno. CPI do Idoso confirma denúncias em asilo de Campo Grande. **Jornal do Brasil Online**, Rio de Janeiro, 04 mai 2001. Disponível em:
<<http://www.jb.com.br/extra/e0504110a.html>> Acesso em: 27 jul. 2001.

BRUM, Eliane. A suave subversão da velhice. **Revista Época**, Ano IV, n. 188, 24 dez. 2001, p. 82-98.

CAFIERO, Carlota. Sem medo de sonhar. **Correio Popular**, caderno C, 23 jun. 2007.

CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. Trad. Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1996.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As Culturas Populares no Capitalismo**. Trad. Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CENTRO DA MEMÓRIA DA ELETRICIDADE NO BRASIL. **Memória e Cultura**. Texto de Marilza E. Brito. Rio de Janeiro: CMEB, 1989.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: artes de fazer. V. 1 e 2. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994. e 1997

_____. **A Cultura no Plural**. Campinas (SP): Papirus, 1995.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

COHN, Gabriel (Comp.). **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Editora da USP, 1971.

COSTA, Sérgio. **As Cores de Ercília**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

CPI do Idoso encontra irregularidades em asilos da Região Serrana. **Jornal do Brasil Online**, Rio de Janeiro, 21 mai 2001. Disponível em:
<<http://www.jb.com.br/extra/2001/05/21/e2105144a.html>> Acesso em: 27 jul. 2001.

CPI do Idoso fecha asilo ilegal no Rio. **Jornal do Brasil Online**, Rio de Janeiro, 09 mar. 2001. Disponível em:
<<http://www.jb.com.br/extra/e0903075a.html>> Acesso em: 27 jul. 2001.

CREWS, Frederick C. Ilusões e Desacertos da era Prozac. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 02 dez 2007. Aliás, Caderno J, p. 4-5.

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice**: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 1999.

_____. Desbravando Fronteiras e redefinindo padrões. **Tempo e Presença**. São Paulo, CEDI, v. 14, n. 264, p. 13-16, 10 ago. 1992.

DESCARTES, René. **Discurso sobre o método**. São Paulo: Hemus, 1968.

Demolição do Teatro Municipal Carlos Gomes. Campinas, SP, 1965, V. 8. Coleção V-8/**Centro de Memória Unicamp**. Disponível em:

<http://www.ano40.unicamp.br/mostra_cmu/mostra_cmu_teatro_municipal.html> Acesso em: 09 out. 2007.

EAGLETON, Terry. **As Ilusões do Pós-Modernismo**. Trad. Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina s. **Cartografia dos Estudos Culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Ed. Autentica.

FARJALLAT, Célia Siqueira. Fragmentos de uma demolição. **Correio Popular**, Campinas, 05. jan. 2001.

FÁVARO, Tatiana. Parentes próximos são os maiores agressores de idosos, revela pesquisa, **Jornal da Unicamp**, Edição 223, 4-10 ago. 2003.

FILHO, Manuel Alves. Itália como Espelho, **Jornal Unicamp**, Edição 224, p. 5, 11 a 17 ago. 2003.

FLEXA, Rodrigo Arco. Terceira Idade, Sabedoria e Novos Caminhos. **Calendário**, São Paulo, p. 6-7, set. 1999.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Ed. Graal, 2003.

_____. **A Ordem do Discurso**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Memória de minhas putas tristes**. Trad. Eric Nepomuceno. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. **Viver para contar**. Trad. Eric Nepomuceno. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GIGLIO, Zula Garcia & VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. A arte de recriar o passado: História Oral e Velhice bem-sucedida. In: **Desenvolvimento e Envelhecimento – perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas (SP): Papirus, 2001.

GOMES, Wilson. Esfera pública política e media: com Habermas, contra Habermas. In: RUBIM, AA e outros (Org). **Produção e Recepção dos sentidos midiáticos**. Petrópolis, Vozes, 1998.

_____. Esfera pública política e media – II. São Paulo, **Campos**, maio 1998. pp- 1-23.

GROISMAN, Daniel. Duas abordagens aos asilos de velhos: da clínica Santa Genoveva à história da institucionalização da velhice. **Cadernos PAGU** – Revista do Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp, Campinas (SP), n. 13, p. 161-190, 1999.

HABERMAS, J. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. Lisboa: Ed. Publicações Dom Quixote, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaine La Guardiã Resende...(et al). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu Silva e Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. Trad. Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.

_____. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: **Benjamin, Adorno, Horkheimer, Habermas. Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural.

_____. ; ADORNO, Theodor. **Dialética do Esclarecimento: fragmento filosóficos**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

IANNI, Otávio. **Enigmas da Modernidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

IDOSOS vão receber assistência jurídica. Jornal Diário, Marília (SP), 03 jun. 2001. Disponível em:

<http://www.diariodemarilia.com/imp_not.php?noticia=1679> Acesso em 31 ago. 2001.

JORDÃO NETTO, Antonio. Asilo de velhos: uma instituição social nada exemplar. **Rev. São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, SEADE, v. 1, n. 3, p. 71-76, 10 dez 1987.

KANT, Immanuel. **Textos Seletos**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 1974.

KEANE, John. Transformações estruturais da esfera pública. Trad. Susana Amaral. **Revista Comunicação e Política**, n 5, v 3, pp. 6-28, 1997.

LAPA, José Roberto do Amaral. **A Cidade: Os Cantos e os Antros**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LEVY, Pierre. Uma perspectiva vitalista sobre a cibercultura. In: LEMOS, André. **Cibercultura, Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002.

_____. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, Mariângela Alves de. Walmor seduz com sabedoria. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 29 abr. 2005, Caderno 2, p. 11.

LIMA, Venício A. de. **Mídia, Teoria e Política**. São Paulo: Luseu Aliamo, 2001.

LUIZ, Macksen. **Ensaio sensível sobre a velhice**. Jornal do Brasil Online, Rio de Janeiro, 07 mar. 2001. Disponível em: <http://www.jb.com.br/jb/papel/cadernob/2001/07/03/jorcab20010703008a.html> Acesso em: 27 jul. 2001.

LUKÁCS, G. **Narrar ou Descrever?** Trad. Giseh Vianna Konder. 1936

LYOTARD, Jean-François. **O Pós-Moderno**. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1986.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da Sociedade Industrial**. Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Pistas para entre-ver médios y mediaciones. Médios, mediaciones y tecnologías**, N. 41, v. 21, Julio-diciembre 2002.

_____. **Transformaciones Comunicativas y tecnológicas de lo público**. Galaxia, n. 2, p. 100-111, 2001.

_____. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MARTINS, Joel. Não somos cronos, somos kairós. **Tempo e Presença**. São Paulo, CEDI, v. 14, n. 264, p. 10-12, 10 ago 1992.

MARTINS, José de Souza. **A Sociabilidade do Homem Simples**. São Paulo: Hucitec, 2000.

_____. A aparição do demônio na fábrica, no meio da produção. **Tempo Social – Revista Sociologia USP**, São Paulo, v. 5, n. 1-2, 1993.

MARX, Karl. **Manuscrito Econômico-Filosóficos**. Trad. Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2001.

MASCARO, Sônia de Amorim. **As Imagens dos Velhos e da Velhice nas páginas do Jornal “O Estado de S. Paulo” (1988 – 1991)**. 1993. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1993.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem (understanding media)**. Trad. Décio Pignatari. 4. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

MELLO, Regina Célia Pastore. O tempo programado e os idosos. **A Terceira Idade**, São Paulo, SESC, v. 5, n. 9, p. 37-43, 10 dez 1994.

MENEZES, Philadelpho. **A Crise do Passado**. São Paulo: Experimento, 1994.

MIÈGE, Bernard. O Espaço Público: perpetuado, ampliado e fragmentado. **Novos Olhares**, n. 3, 1º semestre de 1999, pp. 4-11.

MOREIRA, Reginaldo. **Memória, Loucura e Velhice**: Os ganhos no processo de envelhecimento pós reforma psiquiátrica (Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira – Campinas/SP). 2005. 272f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Faculdade de Educação da Universidade de Campinas (UNICAMP), São Paulo.

MOURA, Denise A. Soares de. LAPA, José Roberto do Amaral. Cidade: os Cantos e os Antros, **Revista Brasileira de História**, vol. 18, n. 35, São Paulo, 1998.

NERI, Anita Liberalesso. Chinelo velho para pé cansado. **Tempo e Presença**. São Paulo, CEDI, v. 14, n. 264, p. 8-9, 10 ago. 1992.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NUNES, Benedito. Elogio Humanista da velhice. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 mar 1995, p. 6-10.

OGLIARI, Elder. Valério recebe, aos 85, diploma de Direito. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 05 jan. 2008, Vida &, Caderno A, p. 16.

OHARA, Carlos. Polícia investiga morte de idosa. **Folha da Região**, Araçatuba (SP), 6 jul. 2001. Cidades, p. 14.

OTTMANN, Goetz. Habermas e a esfera pública no Brasil: considerações conceituais. **Revista Novos Estudos Cebrap**, nº 68, março 2004, pp. 39-60.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. A imagem da velhice nas telas do cinema documentário. **Cadernos PAGU – Revista do Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp**, Campinas (SP), n. 13, p. 357-369, 1999.

PEREIRA, Antonio. **A analítica do poder em Foucault**. Belo Horizonte: FUMEC/Ed. Autêntica, 2003.

PIERUCCI, Antonio Flávio. **O Desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito em Max Weber. 2. ed. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia: Ed. 34, 2005.

PILETTI, Claudino. **Educação e narrativa: dimensão pedagógica da hermenêutica de Paul Ricoeur**. 1999. 202 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo.

PIZA, Carmelina de Toledo. **Entrou por uma porta saiu por outra, quem quiser que conte outra**: contribuição para a formação do professor-contador de histórias. Piracicaba (SP): Degaspari, 2004.

POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992, p. 200-215.

_____. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POLISTCHUK, Ilana; TRINTA, Aluizio Ramos. **Teorias da Comunicação**: o pensamento e a prática na comunicação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade**. Revista do programa de estudos pós-graduados em História, PUC-SP, n. 14, fev. 97.

_____. **O que faz a História Oral diferente**. Revista do programa de estudos pós-graduados em História, PUC-SP, n. 14, fev. 97.

PORTELLI, Hugues. Hegemonia e Bloco Histórico. In: _____. **Gramsci e o Bloco Histórico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Orais: do indizível ao dizível. IN: SIMSON, Olga de Moraes von (Org.). **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

RIBEIRO, Darcy. **Confissões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **O Povo Brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

ROAUNET, Sérgio Paulo. **Mal-Estar na Modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **A Gramática do Homicídio**. In: Foucault e outros. O Homem e o Discurso. **Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996**.

ROSA, Maria Inês. “Velhice” do Trabalhador e relações de trabalho. **Tempo e Presença**. São Paulo, CEDI, v. 14, n. 264, p.18-21, 10 ago. 1992.

- RUIZ, Castor Bartolomé. **Os Paradoxos do Imaginário**. Porto Alegre: Unisinos, 2003.
- RUIZ, Daniele. Desigualdade marca a vida dos idosos. **Jornal de Jundiaí**, São Paulo, 20 set. 2001. Cidades, Caderno 2, p. 2.
- SALGADO, Marcelo Antonio. **Velhice: uma nova questão social**. 2. ed. São Paulo: SESC-CETI, 1982.
- SANTOS, Adriana Bacellar Leite e. **Os meios de comunicação como extensões do mal-estar**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2002.
- SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1998.
- SCHMIDT, Maria Luisa; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1 / 2, -. 285-298, 1993.
- SERVA, Leão. Quem lê tanta notícia? In: _____. **Jornalismo e Desinformação**. 2. ed. São Paulo: Ed. Senac, 2001.
- SIERRA, Francisco. **Introducción a La Teoria de la Comunicación Educativa**. Sevilla: MAD, 2000.
- SILVA, Maria Ana Moura Oliveira. Velhos de rua no Brasil: a morte silenciosa. **A Terceira Idade**, São Paulo, SESC, v. 9, n. 12, p. 35-43, 10 ago. 1996.
- SILVA, Cândido da Costa e. O Dízimo do Tempo. In: **Roteiro da Vida e da Morte**. São Paulo: Ática, 1982. p. 56-76
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Sociedade de Informação ou da Comunicação?** São Paulo: Cidade Nova, 1996.
- SOUSA, Gerson de. **A Experiência de Estudantes da Terceira Idade no Projeto Universidade Aberta da USP**. 2003. 241f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SOUSA, Mauro Wilton. **Sujeito: o lado oculto do Receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SPITZ, Eva. Os bravos guerreiros da Terceira Idade. **Caderno Terceiro Mundo**, Rio de Janeiro, Ed. Terceiro Mundo, v. 14, n. 150, p. 10-13, 10 mai 1992.
- TAGÉ, Terezinha. A importância de ter um sentido para a vida. **A Tribuna**, Santos, SP, Caderno Galeria, 14 nov. 1999, p. 3.
- _____. A Memória crítica como um meio de libertação. **A Tribuna**, Santos, SP, Caderno Galeria, 12 set. 1999, p. 3.

_____. É melhor ‘viver’ ou ‘fazer de conta’? **A Tribuna**, Santos, SP, Caderno Galeria, 13 jun. 1999, p. 3.

Teatro Municipal Carlos Gomes. Campinas, SP, 194_. Coleção V-8/**Centro de Memória Unicamp**. Disponível em:

<http://www.ano40.unicamp.br/mostra_cmu/mostra_cmu_teatro_municipal.html> Acesso em: 09 out. 2007.

TRIVINHO, Eugênio. Epistemologia em ruínas: a implosão da Teoria da Comunicação na experiência do Ciberespaço. In: MARTINS, F. M.; DA SILVA, J.M. (Orgs). **Para navegar no século XXI**. Porto Alegre: Ed. PUCRS/SULINA, 2000.

VON SIMSON, Olga de Moraes. Imagem e Memória. In: SAMAIN, Étienne. **O Fotográfico**. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005.

_____. **Folguedo Carnavalesco, Memória e Identidade Sócio-Cultural**. Revista Comunicações, Faculdade Unicamp – Centro de Memória, p. 53-60.

_____. Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (Org.) **Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias: questões para a história da educação**. Coleção Memória da Educação.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Trad. M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi. 10. ed. São Paulo: Ed. Pioneira, 1996.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade**. São Paulo: Ed. Nacional, 1969.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

ANEXOS

ANEXOS

ENTREVISTAS

PROJETO CONTADORES DE HISTÓRIA - LAR BETEL – PIRACICABA

Entrevista realizada dia 03 de agosto de 2005

CARMELINA DE TOLEDO PIZA

Coordenadora do Projeto Contadores de História no Lar Betel - Piracicaba

Bom, eu comecei a contar a histórias por gostar de contar. Então eu era professora, daí contava histórias para a minha sala de aula. Só que eu percebi que tudo isso...que toda vez que eu contava histórias, as crianças me ouviam com os olhos. Eu comecei a perceber que contar histórias era muito bom. Por quê? Eu venho de uma família de contadores. Meu avô, meu pai. Então eu comecei a resgatar esta infância minha com os meus alunos pequenos: terceira série, quarta série. E o trabalho foi crescendo que eu virei uma contadora de histórias. E passei pela pós (graduação). Passei por vários lugares contando...foi quando eu decidi. Eu senti, aliás, que o trabalho estava faltando um embasamento. Ele...eu tinha muita leitura, eu tinha...eu sabia contar histórias, as pessoas gostavam quando eu contava, não tinha idade porque de 02 (dois) a 102 anos eu já contava histórias. Só que faltava alguma coisa. E eu decidi fazer o mestrado. E no mestrado, o professor Severino um dia chegou e disse: “a riqueza do seu trabalho vai ser completada a hora que você ler a morte do narrador de Walter Benjamin. Isto você vai ter que fazer esta semana”. Ele fez pra mim. E aí eu fui buscar o livro, descobri este (mostra) livro do Walter Benjamin, e lia apenas a morte do narrador. E aí foi apaixonante. Foi a partir daí que eu falei: não, agora dá para eu organizar o meu trabalho.

Qual foi a influência deste texto de Walter Benjamin no seu trabalho prático?

Mudou completamente. Porque o meu trabalho era...vamos, vamos deixar claro: era um trabalho...caseiro. Eu tinha o quê de referência? Eu tinha o meu pai, que contava histórias; eu tinha o meu avô que contava histórias; eu tinha os meus vizinhos da Paulicéia, do bairro aqui de Piracicaba, onde eu morei, que contavam histórias. Eu tenho um rio no meio da minha cidade onde a gente senta até hoje e ouve histórias. E eu tinha isso. Então eu tinha o quê? O senso comum muito forte. Faltava alguém para vir melhorar este senso comum. E este alguém foi Walter Benjamin. Porque aí eu fui lendo o Walter, porque ele é apaixonante, ele é atual, ele é o nosso momento histórico, ele é o nosso momento da educação. Walter está presente hoje. Então eu fui lendo o Walter Benjamin. E foi por aí que caminhou o meu trabalho. Porque a hora que você lê a morte do narrador, ele explica...ele vem explicar para mim muita coisa que eu não tinha explicado. Você vê que ele fala, tem um pedacinho que ele fala na morte do narrador, da importância das mãos de um contador de histórias, de um narrador. Ele fala nisso. Eu não tinha prestado atenção quanto eu trabalho com as mãos. Tanto quanto com a fala. A minha mão ela envolve o ouvinte junto com a minha fala. Então ele faz certas...algumas descobertas que eu vim fazer, que eu estou fazendo isso. Então isso é importante: alguém mais já falou sobre isso, alguém mais já escreveu sobre isso. Então foi pra mim, foi mesmo o caminho de estar lendo a morte do narrador e continuar o meu trabalho.

E qual é o sentido de contar histórias para os velhos? Qual o seu conceito de velhice?

É a minha experiência sempre foi a criança. Desde os 18 anos que eu dava aula e já contava histórias. Agora...quando eu terminei a pós-graduação, a arte de contar histórias nos hospitais, eu contava histórias na Santa Casa. E aí eu falei...teve um dia que... uma das enfermeiras disse:

“Por que você conta só na Pediatria? Por que você não vai em outros lugares da Santa Casa contar?”

Não sei se pode né.

E foi quando eu comecei a visitar alguns doentes da Santa Casa, do SUS, ficava no quarto ali, ou ouvia as histórias deles ou contava umas histórias para eles. E eu, como tenho amizade no Lar Betel, temos o Lar dos Velhinhos e o Lar Betel, como eu tenho uma amizade antiga lá, eu cheguei uma tarde e falei para a presidente de lá:

Eu gostaria de contar histórias. Será que dá...que eu posso estar fazendo. Eu sei que o ideal seria ouvi-los, mas eu queria contar histórias.

Isso eu comecei numa tarde visitando, indo lá, sem a pretensão de estruturar sete anos. Só que a hora que começou...é sempre assim, a hora que começou a dar certo eu corri atrás. O que contar aos velhos? Como trabalhar com eles? Só que eles mandavam a mensagem, eles pediam as histórias da infância deles. E aí você vai vendo: o que que eles querem: no momento da história resgatar momentos da infância, de sonho, de fantasia, de encantamento. Mesmo aqueles idosos que estão hoje com mal de Alzheimer. Eles querem as histórias para o resgate da infância, da criança que eles foram um dia. Então eu digo o seguinte: nós vamos lá, de quarta-feira, contar histórias para

despertar a criança interior em cada um deles. São histórias infantis, são histórias que nós contamos pra crianças de sete, de seis, de quatro anos, de dez anos. As histórias que nós contamos para eles são histórias infantis. É de bruxa, é de fada, são histórias de encantamento.

E eles se sentem melhores com este tipo de histórias infantis. Por que não trabalhar com contos como forma de valorizar o imaginário deles dentro do contexto de realidade aonde eles vivem. O que eles sentem com estas histórias?

Olha, o que a gente percebe é que é um momento de união deles. Você vai ver que quando a gente chega começa a arrumar o ambiente. Mas a gente começa. Quem arruma o ambiente são eles, eles é que começam a arrumar as cadeiras, eles começam a se organizar. Aí eles lembram: nossa, está faltando fulano. O fulano não veio, tem que buscar. Eles fazem... é um momento de confraternização deles. É um momento da história. E a participação é muito importante. Então eles aplaudem, eles contam com a gente, histórias. Se a gente tem alguma brincadeira, tem que imitar galo ou galinha, seja lá o que for, eles participam. Tomara que ele esteja lá o Fábio, ele já foi... tudo que é personagem que a gente pode por uma roupa diferente, a gente põe. O Fábio participa, o Fábio está presente. E aí quando acaba é o horário da janta já (16h30), quase o horarinho da janta deles. E aí eles ficam na conversa sobre o que aconteceu naquela tarde. Então, não pára quando a gente vem embora. Continua por dois, três dias a conversa da história, qual foi a história. Eles comentam sobre isso. E como nós vamos a cada 15 dias – você vai também observar isso – eles contam nos dedos quando é daqui a 15 dias, quando vocês voltam? E agora quando a gente chega, eles estão ali fora: “Chegou os contadores de história. Alá, chegou os contadores de histórias”. É um prazer muito grande a nossa presença. Também tem isso porque. Por coincidência, a Isabel é uma pessoa muito alegre, a Suzana também, eu também tenho uma facilidade muito grande de lidar com o idoso. Porque a velhice para mim é uma seqüência da vida. Você tem que aprender a envelhecer para envelhecer com dignidade. E eles para mim lá é uma casa que eu tenho respeito muito grande. Porque eles são carinhosos uns com os outros, assim aqueles que tem já uma resistência, uma força mais que os outros empurra a cadeira de rodas do amigo e leva para ouvir histórias, ajuda outra a caminhar, dá o braço. Há uma solidariedade entre eles. E geralmente as histórias também falam muito sobre isso. É da amizade, da solidariedade, do amor ao próximo.

Como é feito a definição das histórias que vão ser contadas para o Lar Betel?

A gente só não conta histórias, por exemplo, que tem um final triste. A menina dos fósforos, que é um conto de fadas, que ela morre no final; a gente não conta para eles. A gente deixa sempre uma mensagem alegre, uma mensagem de otimismo, uma mensagem de vida, de renascer. Sempre: as nossas histórias são sempre muito alegres. Muito pro alto, pra brincar, para deixa-los bem. Não é porque o que acontece: a gente sai de lá quatro e meia (16h30) mais ou menos, e vem embora. E deixa com a enfermeira, com a assistente social, mas é uma assistente social para todos os idosos, é uma ou o quê, duas enfermeiras para todos os idosos. Então nós temos que deixa-los bem. Então a idéia, nosso objetivo de ir cada vez para o Lar Betel: qual a história? Uma história alegre, uma história que fale de vida, de renascimento, de amor, sabe, é isso que a gente pensa sempre. E aí a gente escolhe as histórias infantis, sabe, a gente até conta algumas histórias filosóficas, a gente começa, por exemplo, nós comemoramos as datas com eles, a gente conta, em setembro, a primavera, conta umas histórias, do folclore, a gente conta histórias; do carnaval a gente faz festa com eles e conta porque é o carnaval; a gente resgata algumas assim, da vida pra eles, no momento em que eles estão vivendo. Mas é muito interessante os comentários deles depois, a força que eles fazem para levantar da cama e ir até lá para ouvir alguma história. É uma satisfação imensa para nós.

Tem algum fato ocorrido no Lar Betel que te marcou durante todos esses anos?

Olha tem. Uma senhora, ela já faleceu, e ela era uma professora aposentada. Então, toda vez que eu chegava ela estava presente. Aí um dia ela chegou pra mim e disse: “eu vou pedir alguma coisa pra você”. Eu falei: “pode pedir. É uma história?”, eu brinquei. Ela falou: “É. Desde o dia em que você contou aquela história, eu não esqueci mais. Eu gostaria tanto de ouvir novamente”.

“Mas qual foi a história?”

Aí ela disse: **O avental que o vento leva.**

Ela guardou o nome da história. Eu falei:

“Nossa! Eu vou contar.” Porque é uma história muito bonita. E contei a história. E depois não mais a vi. (pequena pausa. expressão emocionada) Então é um negócio assim que marca a gente porque ela veio fazer o pedido, porque acho que foi a primeira história que eu contei lá, quando eu cheguei com eles. Foi uma das primeiras que eu contei.

Você lembra desta história?

Inteirinha.

Você pode contar?

Não eu conto hoje. Dá pra contar? Eu conto lá para eles hoje **O avental que o vento leva.** Você vai ver que história bonita. É da Ana Maria Machado. Ta bom.

SUJEITOS DA PESQUISA

FÁBIO INÁCIO

Data Entrevista:

19 DE JANEIRO DE 2006 - (1ª PARTE)

26 DE JANEIRO DE 2006 - (2ª PARTE)

Eu nasci aqui no Porta Grande. É aqui município de Piracicaba mesmo, né. Então eu fui batizado ali na Igreja de Coração de Jesus, que meus pais moravam ali na Fazenda, né. Na Fazenda do Jerônimo Valério.

Vocês eram em quanto?

Nós éramos mais ou menos em sete irmãos. Depois todos eles foram casando, casando...Depois dali nós mudemos aqui no bairro verde, aqui de Piracicaba mesmo né, e daí fiquei...daí meu pai morreu e eu fiquei com dezesseis anos. E depois eu entrei na Prefeitura trabalhar um bocadinho. Na prefeitura acho que, trabalhava assim, carpi rua. Era assim, tinha uns mais ou menos 40 ou 50 moleque, né, naquele tempo, e agora a gente não alembra naquela data que a gente começou e nem quando parou, né. Mas era muito bom, gostava muito daquele serviço, era muito divertido. E...tinha o administrador que também era muito bom. Porque...depois deu certo que o meu pai morreu e eu precisei sair, né. Porque daí eu precisei cuidar de minha mãe, minha mãe já era velhinha, né.

Ela tinha quantos anos?

Ela tinha mais ou menos 85 anos, né.

Qual o nome dela?

Meu pai chamava Pedro Inácio e minha mãe Emília Francisca Inácio. Então a gente precisava ficar com ela, a gente trabalhar um pouco ...depois eu passei a trabalhar aqui na Água Branca, trabalhar ali numa leiteria. E depois, neste meio de tempo, demorou, demorou, demorou...aí minha mãe faleceu também. Faleceu aí eu fiquei sozinho, né. Eu fiquei sozinho. Daí eu tinha as minhas...os meus móveis de casa, né. Então daí eu entrei em contato com o meu cunhado e meu cunhado comprou os meus móveis, né. E daí eu peguei e passei e fiquei na casa do patrão. Fiquei morando na casa do patrão mesmo.

O que o Sr. fazia lá?

Ali a gente trabalhava com gado, né. É...tirar leite, buscar prato. Todas estas coisas que...limpar cocheira, o terreiro, todas essas coisas né. A gente trabalhava com cana também, a gente cortava cana. Carregava caminhão...no muque né. Naquele tempo não tinha máquina né. Mas era até muito bom. Mas depois, o patrão morreu, e...

O Sr. lembra o nome do patrão?

Emílio Formagio e a mulher Tercília Rasira. E...então daí não deu mais certo e a patroa ...já começou assim...Ela já não queria pagar direito, e depois eu aposentei. E porque eu tinha aposentado então ela não queria mais pagar o meu salário. Que o meu salário era...eu ganhava pouco, né, R\$ 150,00 por mês. É porque ali tinha o meu quartinho, tinha o meu banheiro, tinha...é...É livre de cama e mesa. Era livre, então tudo isto saía descontado né. Então daí tinha uma cunhada dele. Cunhada não, era nora. É uma que cuida de mim até hoje, uma boa pessoa. O nome dela é Ivani Formagio. E ela é até casada com um filho do patrão, né. Que é Geraldo José Formagio, né. E depois, aí não deu certo, então eu fiquei assim desacomodado da vida, falei: mas como é que a gente vai fazer né. Agora trabalhar assim de graça para a senhora eu não trabalho né. Porque se eu trabalho eu preciso ganhar também o meu ordenado, né. É daí eu andei falando para a nora dele:

Será que você não arrumaria um lugar melhor para eu poder ficar? Porque acho que com a sua sogra não dá mais pra ficar porque...ela não quer pagar o meu ordenado e de graça não posso trabalhar né.

Daí ela falou:

Eu sei de um lugar. Eu conheço um lugar que de vez em quando eu vou fazer uma...de vez em quando eu vou fazer uma visita lá e eu posso arrumar para você.

Daí eu falei, então faz isso pra gente viu. Daí ela veio aqui, aqui no Lar Betel onde a gente está morando né. Aí ela veio aí, conversou com a diretoria tudo. Mas naquele tempo eu não tinha ainda idade para entrar aqui. Aquele tempo eu estava mais ou menos, acho uns 58 anos. Uns 58 anos. Ela veio aí, conversou com a diretoria aí, então eles aceitaram né. Aceitaram eu, ela contou a situação que eu tava e daí aceitaram eu vir morar aqui. Ainda tinha um quarto ali. Então a Isabel, só que eu não sei o sobrenome, né, que era a assistente social daqui, né, tinha mais duas também...aquele tempo era o tempo do seu Samuel, ele que era dirigente aqui. E daí deu certo que ela veio aí e falou pra diretoria e eles arrumaram, eles arrumaram pra mim. Daí eu passei e vim morar aqui no Lar Betel.

O Sr. lembra o dia?

Foi mais ou menos...eu acho que foi dia 10 de maio. Dia 10 de maio de 95. É...dia 10 de maio de 95.

Como o Sr. se sentiu ao entrar no asilo?

Quer dizer, no primeiro dia assim a gente fica assim meio...né, sem saber o que faz, a gente não conhece ninguém. Então depois eu fui pegando o jeito, conversando com os amigos, amiga, devagarzinho eu fui pegando jeito e fiquei gostando daqui. Porque aqui, todo mundo aqui, todo mundo aqui eles gostam de mim, sabe? Porque eu trato bem os outros, a diretoria, os nossos irmãos daqui. Tudo com respeito. Então eu gostei daqui. E daqui eu acho que... se tudo correr bem, eu acho que daqui só se for... quando a gente morrer, morrer daí não tem mais jeito né. Daí a gente...mas por enquanto está muito bom, eu gosto daqui sim.

O Sr. pode descrever como é a vida no asilo?

A vida...A vida é assim boa né. É boa,não tem dificuldade nenhum. Tem comida, tem médico. É...se a gente tiver assim doente, eles encaminham pro Hospital, pro Pronto Socorro. Tem enfermeira 24 horas por dia. De todo modo a gente por aqui não está só, né. E tem eles que cuida da gente né. Então isto aí eu acho que é muito bom, né.

Se tivesse uma palavra para definir o que é o asilo, qual o Sr. usaria?

É o asilo, o asilo, como se diz...o asilo aqui é Casa de Deus, né. É casa de Deus. É onde Jesus teve a morada dele né. Então por isto que tem esta... esta...esta palavra. Então em vez de ser asilo, a gente fala Casa de Deus, né. É uma palavra mais certa que tem. Então por isso a gente...a gente está bem na Casa de Deus, né.

Qual foi o momento mais alegre do Sr aqui no asilo?

É...os momentos mais alegres foi assim...é um dia de festa, de divertimento, assim uma dança, um jogo de bingo, assim a gente passou o dia mais gostoso. E como sempre, de vez em quando, tem duas moças aí, e elas vêm fazer o jogo de bingo pra gente, traz um presentinho. Então a gente passa umas horas alegres ali, né. É dos momentos mais alegres que a gente têm.

O Sr. pode contar outro momento em que esteve bastante feliz. O Sr. estava sozinho quando veio para cá. A sua família vem visita-lo?

Eu tenho sim, eu tenho bastante sobrinhada, né.

O Sr. pode sair daqui?

Eu posso sair. Eu já fui até Aparecida do Norte, fui viajar, a gente já foi viajar. (Agora ela quer ir embora e fica me chamando – a referência é a Lúcia, uma mulher cega que solicita a todo momento a companhia do seu Fábio). E a gente foi até Poços de Caldas, fomos passear. Também foi um momento muito gostoso né. Eu gosto muito de passear também. Ah! Eu tando passeando, rodando de ônibus assim, de carro, pra mim é uma felicidade. É a vida mais boa que eu tenho. Fomos também pro Bom Jesus de Pirapora. E foi muito gostoso viu, gostei muito.

O Sr. pode dizer qual foi o momento mais triste aqui no asilo?

É...o momento mais triste é quando ...assim, falece um irmão né. Assim, quando morre um irmão então a gente fica meio triste, fica pensando meio que naquilo.

Tem alguma pessoa especial que o Sr. era muito ligado?

Tinha sim. A Dona Isolina, quer dizer, todos eles são bons né. Não foi ninguém de fora, todos eles são bons, mas sempre tem uma pessoa que é mais especial para a gente, gosta mais da gente, você gosta mais dele. Então teve a Isolina, teve ... depois teve o Alfredo, faleceu também faz pouco tempo. Então ele era pessoas boas, né. Tinha um amigo do quarto também que faleceu: o Pedro Manesco, faleceu também, era uma pessoa muito boa. Ele morava junto comigo ali.

Ele morreu do quê?

Pra dizer a verdade eu não sei, porque ele era muito...Ah! sim, ele acho que foi de nervoso. Como é que fala esta...esta...doença que dá assim, que morre de repente. Enfarte. Enfarte fulminante. Foi eu, que achei ele lá no quarto. Porque ele já estava morto em cima da cama. Quando foi a hora do lanche, ali por duas horas. Então eu sempre saio, vou pra lá e pra cá. Vou fazer umas comprinhas aí pros irmãos, pras irmãs. Aí eu cheguei lá e vi que ele estava deitado na cama. E sempre ele costumava deitar de comprido, né, na cama. Eu ia lá. Ele tava deitado. Então, aquele dia eu cheguei lá e vi que ele estava com um pé em cima da cama e outro pé no chão. Eu acho que, quando ele se sentiu mal, eu acho, né, então ele tentou querer levantar, acho que não deu tempo né. Que...ele morreu na hora, né. Um enfarte fulminante não dá tempo de nada, né. Então eu vi que ele estava com as duas mãos no peito assim, e estava quieto. Então eu peguei e balancei ele pra perna. Mas eu vi que ele estava quieto, parado assim, com os olhos meios abertos. Eu falei: Nossa! Aí eu peguei e fui chamar a Juliana, que é a assistente social daqui, né. E agora, já faz alguns meses que ela foi embora. Daí eu falei pra ela:

Juliana. Vai lá no quarto que o Pedro lá, está de um jeito meio diferente que...não sei não, né.

Aí ela foi lá, entrou lá no quarto, balanceou ele. Mas ele já tinha falecido mesmo. E daí...

Essa morte mexeu muito com o Sr.

A gente fica sentido, viu. E eu fiquei sozinho no quarto, porque era só eu e ele que dormia ali no quarto. E a noite inteira assim não dormi. Fiquei deitado assim, mas sempre pensando, assim. Pensando com os olhos fechados, mas não consegui dormir não. Aquele sentimento profundo, sabe? Então isto daí mexe muito com a gente, né. E assim...

O Sr. tem algum sonho na vida?

Sonho...a gente assim...eu sempre tive um sonho assim de ter uma casa, né. Eu gostaria de ter uma casa. Nem que não fosse pra mim morar, mas eu gostaria de ter uma casa, assim, muito bonitinha, um quintal. Nem que fosse pra gente passar umas horas ali na casinha, depois fecha, vem embora pra cá. E este sonho meu eu gostaria muito de ter. Mas quer dizer, as forças já não dá, né. Porque eu ganho pouco, né. Então a gente não tem aquele dinheiro suficiente para poder comprar, né. Então daí a gente fica...só fica no...papel, como se diz, né. Então...

O Sr. sempre sonhou em ter uma casa?

É eu sempre sonhei de ter uma casa.

O Sr. chegou alguma vez a tentar realizar este sonho?

É, eu, quando morava ali na vila Verde, é um bairro pra cá do Bairro Verde, acho que você não conhece.

Não conheço.

Não. Então ali tem um amigo meu, que falou pra mim, naqueles tempos eu ainda trabalhava, eu tinha minha mãe.

Então ele falou:

Oh Fábio, tem ali um lote aqui pra frente.

Naquele tempo o homem queria CR\$5,00 (Cinco Cruzeiro). Aquele tempo era Cruzeiro, né. Cinco Cruzeiro do lote.

Ele falou:

Olha! Eu tou falando pro ce, porque sou amigo. Então se você tiver interessado. Daí ele faz umas prestaçõzinha assim, né. Você vai pagando pouquinho.

Mas sabe, eu estava muito apertado. Também tinha aluguel de casa pra pagar. Tinha...comprar comida, alimento em casa. E eu fiquei pensando, fiquei assim com vontade. Mas eu falei:

Acho que não vai dar mesmo.

E no final eu fiquei parado né. Eu fiquei com meu medo de comprar, né, que depois a gente não pode pagar, a gente pode perder aquele lote. Então eu peguei e não comprei. Fiquei só assim com aquele sonho, com aquele pensamento. Mas gostaria muito de ter.

Faltou esta realização na sua vida?

É falta esta realização na vida da gente.

O que o Sr. sonha aqui dentro?

É aqui dentro a gente não tem sonho, a gente sonha assim só de viver bem com as pessoas, de tratar bem, educação, para não ter briga, não ter uma dificuldade mal qualquer, né. Sempre gosto de viver bem. Que quando eu escuto uma discussãozinha do lado eu pego e já saio do lado e não...eu não entro no barulho, sabe? Eu não gosto disso não. Eu gosto sempre de viver bem com os amigo, com as amiga, com os irmãos, com as irmãs. Gosto de ir na Igreja, também, rezar. Que aqui a cada 15 dias tem missa católica aqui, né. A cada 15 dias a gente vai, comunga, toma comunhão, todo bonitinho, a gente sai feliz da vida. E assim por diante.

O Sr. mudou muito do período da juventude nos dias de hoje? O Fábio de hoje é bem diferente do Fábio de antigamente?

É porque quando eu trabalhava assim eu era um pouquinho nervoso, né. Eu era muito nervoso, eu não tinha muita paciência. Qualquer coisa eu já estourava, estourava a bomba, né. E depois que eu mudei pra cá, então, parece... que o silêncio do cego acomodou. Não tenho mais aquele nervosismo, aquela coisa. Não sei porque a gente trabalhava e não dava certo no projeto que a gente queria, né. Então não dava certo e a gente ficava assim meio nervoso, né.

Como assim não dava certo o projeto?

É...não dava certo naquilo que a gente queria, né. A gente queria conseguir uma coisa melhor, sempre pensando naquilo, mas não dava certo, então a gente ficava nervoso, né.

Além da casa, o que o Sr. queria conseguir mais?

É porque eu gostaria muito é de dirigir, né. Dirigir, eu gostava de dirigir. É que o meu patrão tinha...depois que as filhas dele casaram, os filho casou, então aí, fiquei só eu ali. Fiquei só eu com o velho e a velha. Depois a moça casou por último. Uma moça que ele tinha casou por último, mas assim mesmo ele tinha um caminhão, um caminhão grande, um Chevrolett Brasil, daí tinha um filho dele que morava com o tio lá de cima. Então ele ensinou eu dirigir um pouquinho, né. Então nessas coisas eu pegava o caminhão, eu dirigia, ia buscar trapo pro gado. Na roça cortava cana, cortava capim, trazia em casa, tudo bem direitinho. Mas graças a Deus nunca aconteceu nada. Eu ia lá pra Rio das Pedras sozinho, eu com outro companheirinho. É ia lá pro Passa Cinco, 15 quilômetros de lá de Água Branca, lá. Tinha 15 quilômetros. Eu ia sozinho, mas eu gostava de dirigir, viu. Eu gostava. Eu dava a vida por aquilo lá. Sabe, assim a gente pensa um pouquinho, né. A gente vê os outros dirigir assim, a gente tem um...fica um pouco com água na boca (risos).

Há algo mais que o Sr. gostaria de ter conseguido. Algo que o Sr. olha para a juventude e sente falta hoje?

Na minha juventude...se, assim, a gente fosse assim moço, né. Moço, a gente casar. É...ter uma boa esposa. Formar um lar, ter famílias. E cuidar daquele patrimônio que a gente tem, né. E ter assim um caminhão, ter um carro. Pra gente passear com a família. Ir na cidade ou ir na piscina, no clube. Ou até viajar fora daqui, né. Então meu sonho

seria assim. Eu tive muita oportunidade, mas parece que a oportunidade...Eu não sei se porque a gente tava bem de vida, então a gente não interessou pra aquilo, né. Então a gente largou. E assim...

O Sr. teve oportunidade de se casar?

É teve. Eu aí no Bairro Verde já tive uma namorada. Eu tive uma namorada, mas depois eu, acho que foi um pouco de ciúme meu. Ciúme assim. Mas, eu porque via ela conversando com o outro, com outro amigo, né. Então já não gostei daquilo. Os amigos já começaram a colocar minhoca na minha cabeça. Então eu larguei mão.

Como ela era? O Sr. lembra o nome dela?

O nome dela era Abigail. Mas só que eu não sei o sobrenome. Eu acho que era Abigail de Oliveira, se eu não me engano.

Ela era alta?

Não era média assim, um pouquinho mais baixa do que eu. Mas é uma moça...Não é assim uma moça bonita, mas era prestimosa no serviço. Era prestimosa no serviço, trabalhava, cuidava bem da casa. E era gente boa mesmo. Mas, sabe, sempre tem uma pessoa que põe qualquer novidade na cabeça da gente, então a gente começa a escutar aquilo, a gente larga a mão, abandona aquilo. E depois desta vez nunca mais procurei uma namorada. E fiquei sozinho assim.

O sr. pensa nela de vez em quando?

É de vez em quando a gente pensa né. Mas...também não sei se...bom. Ela pode ser viva ainda. Às vezes ela já é casada, é mãe de família. Então...ficou assim.

Seu Fábio, durante a entrevista o Sr. não citou os contadores de história. O Sr. lembra de alguma história.

É alguma história...que eu as vezes...eu pego, assim cansado, então eu não consigo marcar assim o nome da história, né. Mas elas são uma senhora muito educada, elas gosta da gente, traz toda aquela alegria pra gente. Eu gosto muito, e que elas continuem assim...que continue a contar uma história. É...alegrar assim o cego da gente, né. Deixar a gente alegre, tanto eu pra elas e elas também pra gente né. Eu gosto muito também.

Tem alguma história que vincula um pouco a vida do Sr ou este é um momento de distração.

É um momento assim de distração, né. Uma distração, eu acho que, qualquer pessoa pode ter. Uma história, uma novidade qualquer. Um sorriso, assim, deixa a pessoa alegre, mesmo que ela esteja triste. Mas assim mesmo eles escutando aquela história ele pode, como se diz, mostrar os dentes, dá uma risadinha, né. Eu acho que isso distrai bastante a gente, né. É uma coisa muito boa.

Tem alguma história que foi importante para o Sr. além daquele momento?

É no momento assim eu não, eu não alembro. Porque a gente assim não tem aquela atenção. Se a gente pusesse atenção naquelas histórias que ela contava, então a gente até podia contar uma coisa. Mas no momento a gente não consegue, né.

O Sr. é feliz hoje? O Sr. foi feliz durante a vida?

Não, durante a vida eu fui feliz sim. Eu sempre fui muito feliz porque a gente tinha os pais, tinha a mãe, tinha os irmãos, e a gente passou um momento muito feliz, contente, graças a Deus, né. Que...nada dificuldade na vida não teve, né. Pelo menos o que eu alembro, né. Eu gostava muito desta vida assim.

E como o Sr. se sente hoje?

É tem uns momentos da gente sente um pouco de falta. Mas, como diz, o que passou já não, este não deve marcar. Então a gente deve continuar a vida, como se diz, daqui pra frente. Nada do que foi lá atrás não deve por no papel, nem no pensamento, né.

O que é ser feliz no asilo?

É ser feliz é a gente não ter doença, não ter dor. Porque a gente ter dor, ser doente, a gente não tem a felicidade, né. Se ser doente a gente não pode comer o que a gente quer. Tudo as coisas, o alimento tem que ser tudo afastado. E então tudo isto traz uma felicidade, né. Que a gente tem aquele momento de felicidade mesmo.

Como o Sr. se definiria hoje? Quem é o Seu Fábio?

Uau...eu sou aquele, aquele...bom, não sou aquele Fabio de sempre. Que sempre teve um momento de trapalhação. Mas, pelo menos de dez anos pra cá, de dez, onze anos pra cá, eu já sou um Fábio mais feliz, né. Já tenho muita felicidade na vida. Graças a Deus, né. Eu bem com os amigos, com as amigas. E aonde eu moro, aonde eu moro eu sou muito feliz. Porque não tem briga, não tem xingo. Nada de contrariedade, né. Pra mim eu acho tudo bom. Graças a Deus.

Para encerramos, o Sr. poderia falar de um lugar que gostaria de estar hoje, se fosse possível? Pode ser no presente, no passado ou no Futuro?

Bom ...quer dizer...no presente assim gostaria de trabalhar um bocadinho, né. Trabalhar um bocadinho pra gente assim fazer aquela vibração do corpo. Que nem o tempo que eu trabalhava. A gente ganhava o dinheirinho. A gente fazia tudo aquilo de bom na vida, né. Então eu acho que era muito gostoso, né. Mas como a gente não pode, então a gente tem que ficar aqui parado, né. Não muito parado também porque se sentar muito também, se ficar muito

parado. Aí os dedos começa a estrofiar tudo, aí quando vai quer mudar um passo, aí já não consegue mais. Aí já tá tudo travado, não tem. Então a gente andando assim, fazendo aquela vibração no corpo, é uma coisa muito boa, né. A gente não pode parar mesmo.

Tem alguém que conhece a história do Sr. aqui dentro?

Não. Que...aqui quem sabe a história...ninguém sabe. Quem sabia um pouquinho da história é a assistência social antiga, né. Que às vezes a gente conversava um pouquinho. E eu sou um cara assim, quieto, né. Eu não sou muito de contar o meu segredo, o que eu sinto. Porque sempre tem alguns amigos que as vezes tira sarro, essas coisas, né. Então, esse negócio de tirar sarro não é comigo. Eu não gosto muito não. Então eu fico quieto, não conto nada. Só escuto o dos outros, mas não conto a minha. (risos).

O Sr. quer contar mais alguma coisa?

Não, por enquanto a gente para por aqui, né. Aí a gente não tem mais muita coisa pra falar.

Obrigado seu Fábio.

De nada.

2ª PARTE

O Sr. pode comentar sobre a infância?

Na minha infância, eu não tenho bem lembranças daquele tempo, né. A gente trabalhou, o tempo que tinha meu pai, minha mãe. Então, a gente assim, trabalhou sempre na roça, não teve assim, uma vida muito confortada, né. Foi uma vida assim muito sofrida, sabe? A gente trabalhava, carpia, plantava cana, carpia arroz, carpia café, e às vezes num domingo, assim, quando a gente tinha folga. Então a gente tinha lá uma espingardinha de , essa espingardinha comum. Então a gente saía para a capoeira, fazer uma caçadinha. E as vezes a gente matava uns passarinhos, alguma coisa, alguma pomba. Daí a gente vinha contente pra casa, né. Porque a gente vinha trazendo aquela caça pra casa. É alimento pra gente, né. E daí, os meus pais dizia:

Mais: você sempre, todo dia, você fica no meio do mato. Será que você não podia ficar um pouco em casa?

Daí eu falei:

Eu posso Pai. A gente já trabalhou a semana inteira. Agora, assim, no domingo, no Dia Santo, assim, então a gente quer divertir um pouco, né.

E daí a gente continuava. Nunca ele ficou bravo. Nunca ele, assim, desandou com a gente. Até ele consentia aquilo lá. A gente poder se divertir. Mas sempre na segunda-feira, quando era dia de trabalhar, então aí não tinha moleza não. Aí tinha que trabalhar mesmo. Porque se não trabalhasse, daí a gente tinha receber alguma coisa de mal, algumas palavra mal do pai, né. Porque ele ficava bravo, então ele queria que a gente aprendesse a trabalhar. No dia que a gente casasse ou qualquer coisa. Então a gente tinha que saber cuidar de uma família, cuidar bem da mulher. Se tem filho, cuidar bem dos filhos. E depois com a vida confortada, né. Porque a gente não fica com a vida de muita regalia, a gente não teve não. Naqueles tempos a gente trabalhava muito, né.

O Sr. começou a trabalhar com quantos anos?

Eu comecei a trabalhar, mais ou menos, com uns...comecei a trabalhar com oito anos. E assim, aqui, quando eu morava no cachambú, então eu tinha já os meus pais ainda, mas eu comecei a trabalhar com oito anos. E assim na casa do patrão, mas eu não tinha assim muita palavra, muita fé no trabalho, né. Então eu trabalhava, ia trabalhando devagarzinho. As vezes... o vizinho gostava assim muito de mim, sabe? Então uns dias ele oferecia doces, qualquer coisa pra mim. Então eu já largava daquele serviço, pulava a cerca e ia embora pra lá, né. Daí eles iam reclamar pro meu pai:

Mas o menino não para aqui. Convidaram ele para ir pra lá, ele já pulou a cerca e foi lá na Chácara do vizinho.

Mas criança é assim mesmo, né. Criança se ilude com qualquer coisa, né. Então assim foi passando o tempo. (risos).

Ai meu Deus!

Que trabalho o Sr. fazia com oito anos?

É com oito anos...porque lá trabalhava com gado, né. Sabe, sempre...as vezes engatar um cavalo na carrocinha. E as vezes a gente não tinha muito tamanho, porque o cavalo é alto, né. A gente com oito anos, a gente é baixinho, né. Então pra ponhar a palheira no cavalo, né, amarrar a palheira no pescoço do cavalo. Então, ponhava um caixão, ponhava um caixão bem pertinho do cavalo, o cavalo era manso. Então eu, com a mão pra cima subia a coleira pra cima e abotoava em cima do cangote do cavalo. E assim foi indo. As vezes juntar esterco no pasto. Porque naquele tempo a gente não tinha muita força pra fazer, mais algumas coisinhas a gente ia fazendo, né. Do jeito que a gente sabia, né. E era muito bom...E o patrão até gostava da gente. A gente era educado. Não mexia nas coisas, assim...como se diz...as vezes não mexia ns coisas, não levar as coisas pra casa. Mas Graças a Deus nunca teve este costume, né. Que o meu pai sempre fala isso:

Se você achar qualquer coisa entregue lá onde você trabalha, né. Nunca ajunte uma coisa e traga em casa. Primeiro você vai lá, você pergunta pro patrão o que que é aquilo. Se ele dá pra você então você traz. Senão, deixa lá onde está. Nunca pegue as coisas dos outros porque isto é uma coisa muito feia, né. Porque uma pessoa assim que tem nome de ladrão, não é uma coisa muito bonita, né.

Então assim eu fui aprendendo até hoje, né. Não tenho este jeito de mexer nas coisas dos outros. Se eu quiser uma coisa eu falo pro dono. Que aquilo lá, você faz o que com aquilo? Pode levar, não pode levar, quer vender ou quer me dar. Então assim a gente vai indo né.

Seus pais não tinham tempo pra contar história?

Não, o meu pai não era muito de contar história assim. As vezes nem minha mãe também. Porque eles eram pessoas assim simples, né. Então a gente gostava assim sempre de sair. A gente quase nunca ficava em casa. Ficava assim, a noite assim, mas eles não contavam nada pra gente, né. Então era sempre meio quieto, foi criado naquele silêncio, dentro daquela educação. Como assim a gente tem uma regra até hoje. Assim mesmo a gente tendo, assim, perto de uma pessoa, eu ainda tenho esse negócio comigo. As vezes tem aí um grupinho de cinco a seis pessoas conversando. As vezes, eu não acho assim, de tá ali no meio escutando aquela conversa, escutando aquele papo das pessoas, né. Então eu fico do lado, assim, escutando quieto. Aí se eles me chamar pra ir lá, eu vou, se não me chamar, então eu fico de lado, né. Que do jeito que a gente foi criado então a gente não gosta às vezes de ficar no meio, né. A gente, como diz, é meio...assim, acanhado, né. Quer dizer não tem aquele avançamento, né. Então a gente...é assim.

O Sr. quer me contar alguma coisa mais que tenha lembrado da infância?

(longa pausa). É...as vezes, bom...no tempo de criança que a gente morava lá na Fazenda do Valério, como eu te falei, a gente tinha...eu tinha minha mãe. Então ali onde a gente morava. Sabe, em fazenda assim não tem água encanada, é...às vez tem ribeirão. Ou às vez assim no quintal de casa, às vezes tinha algum poço onde a gente não fazia, né. Então...só que não tinha bomba, não tinha carretilha, não tinha nada. Então a gente fazia manual aquilo, né. Então tinha...naquele tempo a turma falava pina, né. Hoje a turma fala barrica. Ou fala tambor. Naquele tempo a gente falava pina. É uma cartolinha de pau, assim de 200 litros. A gente cortava no meio. Então para lavar roupa ponhava uma tábua dentro da barrica, né. Aquela pina, né. Então aí minha mãe ficava ali esfregando a roupa na boca. E ela de costa assim, como um pouquinho de lado, e eu com uma latinha assim de...uma latinha assim de cinco litros, né. Então com aquela cordinha eu pinchava pra dentro do poço e ia tirando aquela água e ia ponhando naquela pina para ela lavar roupa, né. Ela lavando e eu atrás. Aí de repente, ela viu que eu não vinha mais no portinha para ponhar água na pina. Eu tinha caído dentro do poço. Caí dentro do poço. Aí de repente ela olhou pra trás assim, não viu eu, não viu o balde, não viu a corda, não viu nada. Falou:

Nossa! Onde será que o meu menino foi?

Ela correu os olhos assim ao redor, mas não viu eu, né. Então ela viu que a água estava balanceando. O poço, mais ou menos, acho que tinha a altura desta parede assim, né. É pocinho raso, mas, sabe, pra criança, até um adulto mesmo, pode morrer ali afogado, né.

Quase três metros de altura?

É. Quase três metros. Então...quando ela olhou assim no poço, eu vinha vindo assim com os pés pra cima. Eu fui caindo. Caí de ponta cabeça e vinha vindo com os pés pra cima. Aí ela deu aquela passada assim, mas eu escapei, não deu pra ela pegar. Ainda quase que ela escorregou também e caiu dentro do poço. Aí eu voltei pra baixo. Daí eu vim pra cima também com os pés, daí ela deu aquela passada de mão assim, e pegou eu pro pé. E tirou pra cima. E...nesta altura eu já tinha bebido água, que a barrigona estava cheia de água. Aí deitei ali. Ela ponhou deitado no chão.

Oh! Meu Deus! Nossa Senhora. Graças a Deus meu filho está vivo.

Daí ficou ali. Ela esfregava a minha barriga. A água ali saindo. Aí depois ela pegou eu e levou pra casa. Levou pra casa. E o meu pai estava lá. Meu pai ficou bravo. Falou:

Mas: o que aconteceu com o menino?

Ah! Ele caiu no poço, ele estava puxando água pra mim e tal...e caiu no poço. Mas graças a Deus ele está vivo.

E o meu pai ficou bravo:

Nossa Senhora. Mas que isto? Você está ali mesmo e não pode olhar o menino? Onde já se viu deixar o menino cair no poço?

Ela também não tinha culpa, né. Que eu escorreguei e caí. Depois foi aquela discussão ali entre os dois. E depois eu fiquei bom. Saiu toda aquela água, vomitei água bastante. daí ela pôs eu deitado na cama. Daí eu fiquei lá. Depois, dali umas horas eu já estava bom. Já estava correndo outra vez, não tinha nem...

Quantos anos o Sr. tinha?

Aquele tempo eu tinha oito anos. É...oito anos. Então a gente sofreu toda essa consequência, né. Mas graças a Deus. Mas foi tudo muito bom.

Muito obrigado Seu Fábio.

Oh! isto não é nada.

Nossa Seu Fábio, até no poço o Sr. caiu.

Até no poço eu caí, né. Imagine só. Se eu tivesse sozinho, não tivesse ninguém, aí eu tinha morrido, né. Aí, o Fábio já era. (risos). A gente passa por cada uma...

JUDITH NALIM

Data da Entrevista: 15 DE FEVEREIRO DE 2006

Qual o nome da Sra?

Judith Nalim.

Onde a Sra. Nasceu?

Eu nasci na Usina Paraíso.

Usina Paraíso?

No Sítio. Aí perto de Charqueada.

Aqui em Piracicaba?

Isto. Eu vou falar o que você me perguntar.

Qual o nome dos pais da senhora?

Carlos Nalim e minha mãe Josefina Majolo.

Eles são daqui do Brasil mesmo?

São. Os pais deles que vieram do estrangeiro. Meus pais são nascidos aqui.

Conta como foi a infância da Sra.

Ai, nós fomos criados na roça, lá a gente sofreu muito. Meus pais puxava a gente desde criança na roça. Com quatro anos meu pai levava a gente para amarrar cana. Eles cortava e a gente amarrava, fazer feixe pra carregar.

Vocês eram em quantos irmãos?

Nos fomos em 10 irmãos. Já morreram cinco. Tem só cinco agora.

E trabalhavam de amarrar cana?

É. Fazer feixe de vinte cana. A cada vinte cana a gente amarrava. Pra depois poder carregar caminhão, carroça.

É cansativo este serviço.

Se fizesse pouco ou fizesse bastante, eles levava a gente pra trabalhar. E ficavam bravo, viu, bem. Tinha que fazer uma coisa. E dá de comer, eles até não pensava que a gente precisava comer. Chegava a hora de comer, eles dois comia e nós criança ficava trabalhando. Era incrível, viu bem. Parece mentira, mas é a pura verdade.

A Sra. Trabalha desde quatro anos?

Desde quatro anos. Fiquei lá na roça até os 27. Com 27 eu vim pra cidade trabalhar de empregada. Eu nem sei como foi que eu vim pra cidade. Ai...minha mãe vinha pra cidade vender ovos, frango. E uma das mulher que comprava pediu pra ela arrumar uma empregada e ela mandou eu. Mas daí, foi a minha felicidade. Porque daí eu tinha hora pra comer, pra tudo, né. Trabalhava em casa, lavava, passava, fazia de tudo. Até costurar um pouco eu costurava porque ela fazia costurar. Então a gente aprendeu.

Como foi então a infância da Sra...

Não tive escola, nada. Só trabalhar na roça.

A Sra. nunca foi à escola?

Não. Eu sei ler um pouquinho, alguma coisinha. Mas eu aprendi depois que eu fiquei crente o Senhor me ensinou. O Sr. acredita? Eu leio a bíblia. Outra coisa não faço questão de ficar lendo.

Os pais da Sra. também não tinham escolaridade?

Não tinham documento, não tinha nada naquele tempo. Eu já estou com 76, quase 77. Eles já estariam agora com...quanto? Com 120 anos por aí.

Quanto tempo faz que eles morreram?

Faz tempo que morreram. A data eu não lembro, bem. Minha filha tem seis anos, agora ela está com 36. Faz 30 anos; meu pai. A minha mãe faz quatro anos a menos. Vinte e seis anos, por aí.

Não havia brincadeira entre os irmãos?

De domingo, às vezes domingo de tarde quando a gente terminava aquela serviçaiada. Lavar roupa pra semana inteira, deixar consertado, deixar tudo em ordem, aí entre nós a gente jogava bola um pouco, mas só brigava, também (risos). Meu irmão mais velho era muito daninho, judiava dos mais novo. Coitado. Meu irmão trabalhou muito. Meu pai exigia dele mais do que de nós ainda. Ele morreu agora faz uns (pausa). Ai eu não tenho idéia de quantos anos faz que ele morreu. Deve fazer uns seis anos. Ele veio falecer com câncer. Tratou uns 10 anos com câncer. Em vez de melhorar, o Sr. sabe que ele vai indo pra frente, né. Quando ele morreu tava geralmente no corpo inteiro. O cérebro, tudo.

Qual era o nome dele?

Adelino.

A Sra. Lembra do nome de todos os irmãos?

Alembro. Adelino, o mais velho. Depois Antonio Nalim. Também morreu com derrame. Romildo Nalim. Morreu com enfarte. Depois é eu, Judith Nalim. Depois Olívio Nalin. Sepulto Nalim. Oi que nome gozado. Depois José Nalim. Maria Ermínia Nalim. Aparecido Nalim. José Nalim. E o caçula: Jesuíno Carlo Nalim. (risos).

Quis deles estão vivos?

Está vivo de mim pra baixo. Eu sou a mais velha do que estão vivos. Cinco mais velhos...Não era tudo mais velho. Olívio e o Romildo era mais novo que eu e já morreram. Olívio...Olívio...e o Sepulto, mais novo que eu, já faleceu bastante tempo.

Por que a Sra. acha que os seus pais agiam assim?

Naquele tempo não dava escola, não dava alegria pros filhos. Não tinha um diálogo, não tinha nada. Era só trabalhar. Era só fazer trabalhar. Trabalhava de dia e de noite. Nós tinha gado de leite, tinha cafezá, plantava cana, nós mesmo que moia, fazia o açúcar. Aquele açúcar batido, aquele açúcar escuro. Nós vendia em Rio Claro para fazer caracu. E nós tirava o leite de madrugada: Duzentos e poucos litros de leite para trazer aqui na leiteria de Piracicaba. Tinha que pegar o trem lá em Recreio. Tinha aí...nós levantava sempre às 3h e três e pouco, nós tava na Cocheira já com o gado. Sete horas tinha que ta em Recreio, onde passava o trem. Era tudo corrido. Mas eu que era a guia de todos eles desde criança, tirar eles da cama, era difícil. Então depois era tudo corrido. Eles não queriam levantar, tavam cansado, né. Nós deitava sempre muito tarde.

A Sra. acordava que horas?

Olha o ano inteiro a gente levantava cedo, viu. Tempo do gado nós sempre levantemo às 3h da manhã. Três horas estava na cocheira já lidando com o gado. Três horas. Agora quando não era o tempo da cana, era três cana. No tempo da cana nós levantava 1 hora, uma e meia. Sempre vinha do engenho: era nove e meia, dez horas, a janta ia lá mas nem nós comia porque se parasse pra comer vinha mais tarde ainda. A comida voltava em casa. Chegava em casa nós não era dono de tomar um banho. Lavava os pés, o rosto e ia dormir. Eu nunca dormi na vida: o Sr. acredita nisto?Eu vim a dormir agora que eu entrei na menopausa. O médico falou:

A Sra. Dorme bem?

Ih! Doutor. Eu não sei como é que dorme.

Aí que ele me deu uns calmantes e a gente começou a dormir. Daí pra cá.

A Sra. Trabalhou até os 27 anos na Roça...

E depois eu vim pra cidade.

A Sra. casou?

Casei. Tenho três filhos.

Com quantos anos a Sra. casou?

Casei com 38 anos. Agora depois a gente casou. Não tive sorte com marido, viu. Ele, no dia do casamento ele desafiou a gente. Ele falou:

Agora eu tenho uma mulher pra cuidar de mim e uma casa pra mim morar.

Porque a casinha era meu pai que tinha dado aqui na cidade. Daí ele começou a beber e fumar. Ele só judiou da gente, de mim e dos três filhos. Que veio três filhos.

Quais os nomes dos filhos da Sra.?

Meus filhos. Carlos Garcia. Este (mostrando foto) João Paulo Garcia. É falecido de acidente este. E tem a menina Ana Luiza Garcia. Agora ele está fora de casa faz...já está fazendo 18 anos que ele está fora de casa.

A Sra. casou com 38 anos?

38 anos.

Como a Sra. conheceu o seu marido?

Eu conheci ele na quitanda, quando ia fazer compra com a patroa. (risos). E ele sempre muito sorridente. E a gente acabou se gostando.

Qual o nome dele?

Sebastião Garcia. Ele ta vivo ainda. Está vivo por aí. Ficamos se gostando até que deu casamento. Aquele tempo atrás, uns 34 anos atrás, 39 anos vai fazer o meu filho mais velho, agora no dia 30 de março. Gêmeos com este daqui. Aquele tempo a gente casava de verdade, né. Agora o meu filho não. Casou, tem dois filhos, separou da esposa e agora está com outra junto, uma mocinha. Ta fazendo amanhã, 39 anos. Mas já como marido e mulher, a gente não pode falar nada, né. Não é verdade? Deixa quieto. Pra gente ter boa amizade.

Aí o marido da Sra. começou a beber...

Daí ele judiou da família como ele quis. Deus mandava eu ficar quieta. Que um dia o Senhor tiraria ele de casa. E eu fui ficando quieta. O Senhor falou que a minha prova com ele era de 20 anos. Apanhando, machucando; dava nos meninos. Que ele falava que até não ver sangue ele não se contentava. Machucava mesmo. Depois chegou um dia e ele foi embora. Fazia 19 anos que nós tava junto. Em 19 anos o Sr. faz idéia de quantas vezes ele foi pro Cesário Mota? Mas só uma vez eu internei. Outras vezes ele mesmo se internava de tanto beber.

O que é o Cesário Mota?

É onde interna bêbado, maconheiro, fumante. Foi internado 24 vez em 19 anos. Cada vez ele ficava lá três mês. Depois ele vinha, ficava mais uns três mês afastado, e era aquela luta. Pra mim ele nunca dava nada de dinheiro. E eu trabalhando de empregada. Trabalhei 40 anos de doméstica. As crianças ia pra creche pra dá para eu trabalhar. E ficaram muito doente. Este outro, que eu tenho gêmeos com este, chegou a ficar com Leucemia de tanta judiação, de tanta fome. E na creche era muito judiado também. A escolinha é bom, mas creche é mais barato, que a gente pode pagar, mas eles judiam da criança. Aí chegou o tempo que eu precisei tirar. Não tinha mais condição. Ele ficava em casa sozinho, jogado pro chão o dia inteiro. E ele já ia fazer sete anos de idade. Aí a gente precisou tirar da creche, né. Aí só Deus pra me ajudar, meu filho. Eu comecei a lavar roupa de ganho. Lavar roupa de ganho e ele vendo aquela situação e ele não ajudava com dinheiro. Sofri muito. Mas tudo passou e eu estou aqui. (risos).

Como foi pra Sra. chegar até aqui?

Assim. Depois ele foi embora, melhorou as coisas. E logo eu comecei também a receber a minha aposentadoria, que eu pagava, sozinha. Minha patroa nunca me ajudou a pagar. Tudo era na dureza. Aí eu pagava, eu sozinha. E daí eu aposentei e comecei a receber o meu salário mínimo. E foi uma ajuda que veio do céu. Pra quem não tinha já era bem melhor. Daí os filhos foram crescendo, começaram a trabalhar de engraxate. Pra cá e pra lá nas coisas, que dava certo. E fomos vivendo e chegando aqui.

A Sra. que resolveu vir pra cá?

Eu que resolvi vim. Cansei. Meu filho, casado. Minha filha é gênio muito pesado. Ela não tem amor, ela só quer dinheiro, dinheiro. Ela não liga muito pra trabalhar. Tem faculdade, tem tudo, mas ela não gosta de trabalhar. Então ela fica criticando a gente e eu acabei vendo que aquilo não dava mais. Eu não queria ficar discutindo, brigando porque é feio.

Agora que a Sra. poderia se realizar por ter um filho na faculdade?

Agora que está pior. E depois que eu entrei aqui, ela ficou muito brava comigo. Daí eu tava ajudando ela com dinheiro. Eu tava ajudando ela com dinheiro. Duzentos cruzeiro todo mês. Mas agora minha ex-nora, que meu filho se separou dela. Ela pôs o menino mais grande na rua. Tirou ele da casa. Não devia fazer isso, né meu filho? Ela casou outra vez, agora é o maridão que manda, um soldado. Sei que puseram o menino na rua. Ele está lá com o meu filho. Ele adora o pai e o pai adora ele. Agora em vez de dar dinheiro pra ela, vou pagar a escola do menino. Você acha que está errado isso? Ela é maior, ela tem emprego, a casa é metade dela, metade minha. Está com ela, eu quero assinar a escritura só pra ela. A hora que ela quiser. Mas é que tem um meio lá que não ta dando certo de fazer a escritura. E eu sei que ficou bem na casa. Tem a casa pra morar, ficou com tudo que tinha dentro. Tem emprego. O que que ela vai querer mais? Não é verdade? Nossa, agora que eu falei que não ia dar mais o dinheiro, mês passado, ela não falou comigo. Liguei duas vezes, ela não gostou que eu ligasse, também não liguei mais. Ela é muito nervosa. Não é nervosa, ela é ruim de gênio. Fica difícil pra gente, bem.

Como é a vida no asilo?

Aqui?

A Sra. encontrou a paz aqui?

Encontrei a paz, encontrei o sossego. Comidinha até boa, viu meu filho. Em casa eu até acho que comia muito, porque sabe... não tem controle, a gente come a hora que quer. Agora aqui não. Aqui é tudo controlado. Hora certa, quantia pouca. Pouco sal, pouco tempero, também foi ótimo. Eu tinha sempre pressão alta, agora minha pressão é 12. 12 por 7. Eu pra mim aqui eu tou no céu. (risos). Graças a Deus.

O que a Sra. faz aqui no asilo?

Ah! Eu bordo pra minha sobrinha, bordo aqui pra Ivoninha (diretora do asilo) entreguei ontem o bordado. Eu ajudava a escolher arroz e feijão. Mas depois eu saí uns dia fui ajudar uma senhora doente ali. Que ela chamou pra eu ficar com ela. E daí umas delas muito metida, entrou no meu lugar. Eu fiquei quieta, fiquei do lado. Aí eu comecei a bordar pra minha sobrinha. Bordei pra Ivoninha. Mas ontem e hoje eu estou sem o bordado, estou achando falta.

É por isso que a Sra. estava descansando um pouco?

Eu vou ligar mais tarde pra minha sobrinha, vou ver se ela tem mais bordado. (risos). Se ela não tem, ela arruma pros outros, só pra mim encher o tempo.

Qual foi o momento mais alegre e mais triste aqui no asilo?

Olha o mais triste foi casada. O meu marido judiou muito de nós. Ele nunca deu o que comer. Só dava murro na cabeça, nas costas. Pontapé nas pernas que até hoje eu tenho dor aqui no lugar que ele chutou. Só tinha mal criação contra eu e os filhos. Até que um dia ele foi embora de casa. Aí nós ficamos no céu. Não tinha nem comida dentro de casa. Se tinha um ovo, um tomate, ele ficava dono. Não podia ter nada. De noite ele não deitava até estragar tudo o que tinha lá. Eu ponhava as panelas no fogo, e ele sentava na porta da cozinha, com uma gaitinha, não deixava ninguém dormir. E a panela queimando. A gente falava:

Sebastião, a casa está enchendo de fumaça.

Cale a boca senão eu mato você agora. E dou os filhos pra minha mãe.

Ele falava. Eu tinha um medo que ele desse as crianças embora que...eu agüentei aquilo 19 anos, depois não agüentei mais. Briguei com o meu Deus. Se ele não desse jeito eu ia dar jeito. Eu ia embora de casa e ia deixar os filhos lá, porque eu ia deixar aonde? Aí o Senhor mandou ele embora.

Qual a religião da Sra.?

Eu sou da Congregação Cristã.

A Sra. não era desta Igreja quando era casada?

Quando eu conheci ele, que ele ia pra Igreja, mas também ele não tinha nem direito de ficar lá porque ele...O Sr. não entende como é que é pecar. Quem entra numa doutrina e peca. O Sr. não sabe? Então ele era pecador. Que daí Deus não quer mais a alma dele, né. É por isso que ele judiava de nós. Ele não tinha Deus, ele judiava de nós.

A Sra. vai à Igreja ainda hoje?

Oh! Hoje é dia de ir. Vou de quarta, de sexta, e domingo vou de manhã e à noite. Lá na Congregação da Rua 13. O Sr. já viu uma Igreja lá? Não? Lá eu fui porteira 33 anos. E agora eu pedi pra eles passar eu aqui, porque eu moro aqui. Lá fica...precisando de pegar ônibus. E os ônibus de sábado e domingo não tem hora certa. É muito dor de cabeça pra conseguir um ônibus na rua. A gente lá na rua sozinho esperando ônibus de noite. Então eu pedi pra eles arrumarem aqui e eles arrumaram.

O que faz a porteira?

Porteira...eu sempre fui do banheiro. Fica lá no banheiro: põe água, põe papel. Tira o papel. Fica sentadinho lá pras crianças respeitar, porque senão elas estragam muitas coisas.

Aqui dentro do asilo qual foi o momento mais alegre e mais triste?

Olha o mais triste foi eles dar... a moça, botar no meu lugar pra escolher, até que eu fui cuidar da mulher doente. Três dias só que eu fiquei fora daqui. Eu fiquei aqui fora uma vez: setenta...eu fiquei aqui fora uma vez setenta e dois dias cuidando do meu irmão que tava pra operar do coração. O médico pediu pra não deixar ele sozinho e eu fui lá ficar com ele, lá na Vila Rezende. E ninguém se incomodou porque eu faltei e elas ficaram sozinhas escolhendo as coisas, entende? É escolher arroz, feijão, descascar batata, legume. Agora desta vez entrou uma nova aí e tirou eu fora. Só porque eu falei que ia ficar fora uns três dias ela já arrumou outra no meu lugar. Aí eu fiquei sentida, né. Ele também podiam dizer:

não, a Judith já outra vez ficou fora daqui e voltou pro lugar dela. Agora não tem nada de por outro no lugar, né.

Então eles ficaram quietos e quando eu voltei, tinha outra no meu lugar. Eu falei:

Agora eu não volto nem pra ganhar dinheiro.

Fiquei sentida. Agora alegre eu estou sempre aqui. Pra mim sempre está bom. Estou sempre contente, converso com todo mundo. Tenho amizade com todos, todos gostam de mim e eu respeito todo mundo. Os chefe que mais quer bem da gente. Eles consideram muito a gente.

A Sra. tem algum sonho?

Sonho? Se eu tenho?

Qual é o sonho da Sra.?

O meu sonho é que Deus me dê saúde mais uns anos e ajudar os dois netos a se formar. Esse seria o meu sonho. Ajudar com aqueles R\$ 200,00 que eu posso ajudar. Mas a Ivoninha nem sabe, porque eu pago só R\$ 300 aqui, viu bem. Senão ela pode querer aumento e eu queria ajudar os meninos.

A Sra. participa dos contadores de história. A Sra. lembra de alguma história? O que tem importância na sua vida?

Ah! Eu nunca tive tempo pra...

O que a Sra. sente dos trabalhos que elas fazem?

Pra mim está tudo bom. As cozinheira tem o seu cargo na cozinha, elas fazem do melhor que pode. Muita limpeza, tem sempre fiscal pra ver a comida, se não tá vencido. A limpeza, a faxina.

As mulheres que contam histórias, a Sra. lembra delas?

Não vieram mais aí. Eu também só uma vez eu participei. Ai eu não gosto de ficar no meio de muita gente, eu prefiro ficar sozinha.

E da vez que a Sra. participou, a Sra. gostou?

Gostei. Gostei. Mas puseram eu no meio da história, isto que eu não gostei. Prefiro ficar escutando só, mas tomar parte do que eles falam, do que eles fazem, não quero.

Elas contam histórias infantis, a Sra. considera interessante?

Eu gosto de ficar escutando, mas não por eu no meio, que eu sou isso, sou aquilo. Daí puseram eu no meio aquela vez. O que eu era? Girafa? Eu não gostei, daí eu não fui mais também. Eu já não ia daí eu não fui mais outra vez.

Mas a Sra. gosta de história?

Ah! Eu gosto de ouvir, mas não é dizer que eu estou porque precisa, né. Se precisar, então eu não vou. (risos). Prefiro não ir.

A Sra. lembra da história contada nesse dia?

Não alembro. Eu nunca tava junto, né.

Esse meu filho morreu de acidente, viu moço. Com 32 anos. (pega a fotografia sobre o criado mudo) Gêmeos com o outro. Isso me judiou muito, muito. Ele era muito boa pessoa, sempre estimado de patrão, dos conhecidos, dos colegas. Ele não tinha assim de colegas, de ficar junto. Porque ele trabalhou, estudou, ele formou eletricitista. Ele gostava muito das coisas, tudo muito direito. Então os patrão gostava muito dele. Ele andou mudando de emprego, eu dizia:

João, não mude. Gostam de você. Fiquem lá.

Não mamãe, eu quero ganhar mais.

Ele mudava para ganhar mais. Porque ele queria dar mais pra mim, entende? Os outros nunca pensou em dar dinheiro em casa. Mas ele queria sempre ganhar mais para ajudar eu. E a gente tinha ele como o melhor, coitado. Não desfazendo dos outros, porque pra mim os três são os meus filhos. Mas, assim mais bom, mais quieto, mais manso, quando ele não estava no trabalho ele gostava de ficar quietinho no quarto dele. Chamava ele:

João, tem cafezinho.

Traz pra mim, mãe.

João, o almoço está pronto.

Ah! Então ta.

Coitado. Eu senti muito por causa do sofrimento que ele levou no acidente. Quebrou os dois fêmur e a canela direita. Ficou 30 dias no Hospital, ficou 20 dias na UTI entubado. Porque a gordura do fêmur sobe na veia do pulmão. Diz que de 100 não salva cinco. E ele ficou 20 dias na UTI e saiu bom. Operou dos dois fêmur, pôs platina. Mas o Senhor tinha falado pra mim, o Sr. acredita nisso? O Senhor falou comigo através da palavra que ia levar ele. O Senhor falou lá no bairro Verde, na boca de um estrangeiro que tava ali. Não vi ele antes, nem depois também. Ele falou:

Irmã, o Senhor vai quebrar o seu vaso. (que era ele, né). O Senhor manda falar: vou quebrar o vaso, eu mesmo consertarei e levarei para mim mesmo.

Foi uma flechada no meu coração. E eu estava sentindo que iam tomar a moto dele. E a minha filha sentia que ia ter um acidente. Então, a palavra confirmou, né. Em 20 dias aconteceu o acidente. E daí 30 dias nós tava enterrando ele. O dia que o Senhor...o médico deu alta pra ele. Dia 19 de junho, uma segunda-feira. Eu tava lá esperando porque ele tinha ido operar do outro fêmur. E eu estava na portaria esperando o médico, ele falou:

Olhe Dona Judith, foi tudo, tudo bem. Tá tudo jóia com o João. O João não é meu cliente. É meu filho. O João cativou o hospital inteiro.

Olha, falar com o Sr. parece mentira. Ele não falou uma palavra durante 30 dias para reclamar que doía, que ele queria vir embora ou que tava demorando. Nada. Ele só respondia o que perguntavam. Ele dava uma risada e ele resolvia as coisas. O médico falou:

Ele só tem risos pra dar pra gente. A gente fala com ele, ele ri e abaixa a cabeça.

E todo mundo do hospital ficou gostando dele. Mesmo na UTI doente ele nunca deu trabalho. De jeito nenhum, coitadinho. Isto que judiou muito de mim. A gente era acostumado junto, né. Eu queria ter ficado lá no Hospital. Pelo menos levar uma sopa que eu fazia, nada eles aceitavam. (lágrima) Mas ele sabia que ele ia embora, viu. Porque ele sempre falava que ele ia embora daqui. Ele queria que Deus viesse buscar ele. O Sr. acredita que uma terça-feira, acho que foi a terça-feira antes do acidente. Ele chegou a se arrumar para esperar o Senhor vim! Ele falou:

Olha mamãe, eu estou bonito.

Grandão assim que nem o Sr., 87 quilos, bonito, o João, João Paulo Garcia.

(Mas tem uma mosca que está perturbando nós aqui hoje, não.)

E daí, ele se arrumou e veio no quarto. Eu estava lá vendo televisão, ele falou:

Mamãe, eu estou bonito?

Você está lindo. Deixa eu dar um beijo e um abraço.

Ele gostava. Aí eu falei:

Você tá lindo.

Olha mãe, eu estou pronto, esperando o Senhor. Se ele vier agora: eu tou pronto. Não precisa vocês fazer nada por mim.

Era o filho que a Sra. mais gostava?

É porque ele era muito respeitador, muito bonzinho, muito delicado, coitado. Ele ia trabalhar, a gente dava um beijo, ele ficava tudo contente. Eu fechava o portão quando ele saía com a moto. Os patrões, ele trabalhou ali no Bradesco seis anos, onde entra carro lá. Não sei se o Sr. conhece? E nunca deram hora de comida pra ele viu. Mas ele nunca abriu a boca pra reclamar. Eu queria às vezes lá levar um lanche, alguma coisa pra ele de noite. De sábado pra domingo ele trabalhava das sete da noite às sete da manhã. E daí ele ia pro serviço e eu ia pra Igreja. E daí quando eu vinha do culto eu ligava pra ele pra ver se ele queria um lanche, eu ia levar. Mas ele nunca reclamou que não deram hora de comida pra ele em seis anos. Coitado. Era uma pessoa assim. Pra ele tudo tava bom.

A Sra. sonha durante a noite?

Sonhei a noite passada que havia uma vaca atrás de mim. (risos).

A Sra. lembra de algum sonho em que estava no asilo?

Não.

Qual foi o último sonho?

Foi ontem que eu sonhei com uma vacaiada atrás de mim. Mas não tenho sonhado, viu. Não tenho sonhado. Graças a Deus a gente deita em paz,, né, bem. Agora quando amanheceu ontem eu não sei porque eu sonhei com aquele gado. Uma vacaiada que vinha. Eu tava subindo um barranco, um lugar de triste pra subir, né. E os trilhos da vaca. Tudo era difícil. E vinha aquela turma de boi, de vaca. Eu falei:

Nossa! Até eu dar um passo, eles tem quatro pernas, vai mais do que eu. (risos)

Mas deu tempo de eu escapar. Cheguei no plano e me escondi. Oi que cada sonho tonto. Acordei de manhãzinha suada de correr por causa do boi. (risos). Mas eu não tenho sonhado, viu, bem. Não sei se eu deitei tribulada com alguma coisa. Eu sonhei com as vacas.

O que a Sra. pretende fazer na vida?

Eu gosto de ajudar aqui, bordar, fazer alguma coisa pra não ficar sem fazer nada. Eu não gosto de ficar sem fazer nada. A gente deita muito, fica muito sentado. É bom mexer, né.

A Sra. gostaria de fazer alguma outra coisa na vida?

Gostaria. Eu saí daqui pra trabalhar, não. Mas fazer, escolher, descascar as verduraçada. Ajudar a fazer alguma coisinha que não seja pra esforçar. Porque meu coração não agüenta, meu coração tem muita pouca batida. Eu já fico sem fôlego, fico cansada. Mas que nem bordar, que a gente fica sentada, né. Já tou sentada mesmo, já aproveito. (risos).

As pessoas sabem da história da Sra. aqui?

Às vezes a gente tem contado alguma coisa pra eles, mas num...é bom que eles num guarda né. Esquece porque até senão...Eu acho até...às vezes a gente conversa. Tenho conversado com alguém. Mas é melhor não conversar porque daí eu fico nervosa, viu, bem. A gente fica lembrando muito.

A Sra. não tem nenhuma imagem alegre da infância e da juventude?

Olha eu não tenho nada alegre pra contar da minha vida, viu, bem. Nada.

Ou um momento alegre?

Aniversário dos filhos a gente nunca pôde fazer porque nunca tinha como. Passear em praia, até eles queria, mas a gente nunca tinha o dinheiro. Aí dizer que teve uma temporada, temporada melhor foi quando o meu marido foi embora. Porque daí o que a gente podia comprar pra comer tava lá e a hora que precisava. Agora com ele não tinha como. Não tinha como. Depois de pronto, se tinha alguma coisa ele falava:

Vocês vão pra fora. Eu vou comer. Se sobrar, vocês comem.

Como é a Sra. Judith?

Olha eu sou uma pessoa como você, como outro.

É uma pessoa alegre?

É. Teve muito momento de tristeza, mas eu prefiro ser alegre. Conversar com todo mundo, dar risada. Meus filhos mesmo falava:

O que vale com a Sra., é que a Sra. aonde entra, onde vai a Sra. tem o que falar. Conversa, se distrai, isto é bom, né.

Porque tem gente que não entra, fica quieto, não tem o que falar, não cumprimenta. Eu, não. Eu chego conversando com todo mundo. (risos).

A Sra. que dar uma mensagem pros jovens?

Que os jovens de hoje seja muito feliz, viu. Que saiba aproveitar, que saiba respeitar os pais. Que o que precisa é muito respeito na casa, com os pais, com os irmãos, com todos, né. Que se respeitem eles mesmos. Que não fiquem se dando aos defeitos, bebida, maconha, maus costumes, não é verdade? Que não façam as meninas de besta., fazendo tudo como quer, como entende. Gente respeite, tenham respeito. Quem respeita, é respeitado. É o que eles precisa. Precisa de viver, que respeite. Não é? Que saiba levar uma vida boa por eles mesmos. Porque você vê tem gente aí mocinho, moça, que bebe, que fuma, fuma maconha, essas coisas, ficam judiando dos pais, eles ficam

judiado, mal tratado, vivem pra cá e pra lá no hospital. Não tem como se livrar mais, não é verdade? Então quanto mais respeito, melhor. Não é?

A Sra. quer falar mais alguma coisa, Dona Judith?

Não, acho que já falei demais. Tô toda molhada.

Obrigado,

De nada.

AGENOR DENATTI

Data da Entrevista: 19 DE JANEIRO DE 2006 – (1ª PARTE)

19 DE JANEIRO DE 2006 – (2ª PARTE)

Eu nasci em Rio das Pedras, em 1935, eu nasci lá. Eu sempre tive na lavoura. Desde os sete anos. Depois ía na Escola, vinha em casa, ajudava a mãe, o pai. Naquele tempo era trabalhoso.

Qual o nome dos seus pais?

Antonio e Izaltina. Antonio Denatti e Izaltina Tubaldini.

O Sr. passou a infância lá?

Ah! Sim, foi mais na parte de lavoura, de sítio. Foi bem aqui na Usina Monte Alegre, aqui próximo. Pertencia já à Piracicaba aí, passei pra cá, mudei. Depois voltei próximo de Rio das Pedras, a gente trocava de sítio. Como estava a lavoura de cana a gente ia pegar mais. De lá mudei pra cidade.

O que o Sr. fazia na lavoura?

Era lavoura de cana. Formava, cortava, e depois carregava caminhão, vagão. Era tudo braçal, né, trabalhoso, né. Aí eu vim pra cidade e peguei um serviço de tapeceiro, né. Para mim fazer colchão, sofá. E com o meu irmão que montou a fábrica, e foi bem até uma altura, depois ia entregar também até que aposentei com um salário mínimo aí.

O Sr. aposentou com quantos anos?

Aposentei até meio afastado, foi um pouco por doença, tive que ir do médico. Foi em 63, foi em 35, mais ou menos 28, 29 anos, afastei né. Depois o INSS acabou aposentando. É de quatro anos. E aí eu vim, cuidando do meu pai, fui vivendo junto, os irmãos iam casando, eu fiquei sozinho. Meu pai e minha mãe: precisei cuidar deles.

Vocês eram em quantos irmãos?

Oito. Cinco homens e três mulheres. Todo mundo foi casando, casando e eu sou segundo, né. Eu sou mais velho assim, fui sobrando, né. Por causa eu não estava com a saúde muito boa e não estava disposto a casar mesmo naquele tempo. E com o meu pai e minha mãe lá eu cuidei deles. E levava pra São Paulo quase todo o dia meu pai, que também deu doença ingrata nele. E veio minha mãe. Minha irmã também ajudei bem. Depois que pegou fogo a firma, pegou fogo a firma que ela tinha. Ela tava bem e podia ajudar muito mais do que eu. Infelizmente, em 69 incendiou a firma, Tapeçaria.

O que houve?

Incendiou lá que eu nem sei. Minha mãe assustou, foi até internada porque ela ficava nervosa, com falta de ar, internou ela também. Perdeu tudo, só salvou dois caminhões que estava guardado meio retirado, né. Lá, meio quarteirão, mas incendiou tudo. E eu depois tinha um dinheirinho reservado que ganhava mensalidade minha. Minha mãe falou:

Ajuda eles aí. Que se você ajudar um, ajudar outro a comprar caminhão pra começar, pro outro que tomava conta, mais novo, que morava junto comigo, já havia cinco filhos crianças, cinco menininhas.

E minha mãe falava:

Ajude, depois ele dá, né. Ajude, depois ele dá.

Até hoje não veio nem visitar aqui. De tudo o favor que eu fiz, nem visitar aqui ele veio. Mas eu não faço conta. Já fui na casa dele, passeio lá de domingo de vez em quando.

É o seu irmão?

É, um dos mais novo. É o penúltimo.

Ninguém ajudou o Sr.?

Até hoje não. Uma irmã, que tem uma loja no centro da cidade...Apesar que o ex-marido dela, ela se separou também, era descendente, ele veio do Líbano, é turco, ele veio conversando que precisa pagar o imposto da loja e me enganou também. Que precisa de um dinheirinho para pagar imposto da loja e a mãe, sabe como é, né, mãe é mãe, né. Ela fala:

pague, depois ele dá. Dê o dinheiro pra ele, depois ele arruma, depois dá pra irmã.

Foi e comprou uns cinco carros com o dinheiro que eu dei. Disse que era para pagar imposto da loja e pagou os 5 carros, cinco Brasília.

O Sr. nunca cobrou?

Até hoje nada. Nem visitar, não conhece nem o lar onde é aqui. Fui outro dia almoçar na casa dele, ele me convidou. Minha irmã que convidou. E lá encontrei com ele, depois ele veio trazer aqui, que ficou sabendo onde que era. Então tudo isto eu deixo pra lá, que se Deus quiser já passou tanto...69, 70. Vinte e sete anos já.

Como o Sr. veio parar no asilo?

Ah! Eu morava vizinho com o administrador, né. Ele ficou sabendo, minha irmã morava apegada com ele. Acho que tocava a idéia ela contava a situação como é que era, ele enxergava eu com o meu pai...o que passava lá. Depois ficava sozinho, ia pra casa da minha irmã. Ele enxergava...enxergava essa hora que vier lá.

- O Seu perguntou se você quer, tem uma vaga lá.

- Eu vou entrar pro Betel também

Larguei tudo que tinha lá, casa, roupa, caminhão, móveis, larguei tudo. Vim só com a roupa do corpo. Se Deus quiser, graças a Deus...já faz 11 anos, né.

O Sr. lembra que dia entrou aqui?

Foi no final de...faz 11 anos. Não sei até a data que foi, eu não marquei bem a data que foi. Eu estava terminando os 60 anos, né. Estava completando, foi em dezembro, estava perto do aniversário meu. 10 de dezembro o meu aniversário. Estava completando. Eu falei:

Este ano aqui não se conta. Começa o ano que vem novo. Começa a pagar o ano que vem.

Então foi próximo do aniversário do Sr.?

Perto. Faltava uma semana mais ou menos. .

Como foi este primeiro aniversário dentro do asilo?

Ah! Foi tudo bem. Eles cantam os parabéns, chamam lá na frente, falam o que sentiam, tudo bem. Vai lá na Igrejinha, também. Reúne todo mundo lá. Essa orientação para vizinha vem rezar aí.

O Sr. se sentiu bem ao entrar aqui?

Ah! Sim, senti bem. Porque a casa aqui...eu já sabia sozinho, já vivia sozinho. Só ajudando aqui e ajudando lá, e me desprezaram. Quer dizer Sozinho...eu falava pra cunhada, pro coisa, pra morar junto eu acho que ia estorvar a família dos outros, né. Eu morava embaixo. Eu fiz a casa em cima. Saiu o imóvel assim eu dei pra ele morar em cima e morei embaixo com a minha mãe. No fim ficou todo lá. Até hoje não sei como é que está lá. Parece que mora filho, filha tudo com ele. É a vida é meia...muito cada pra chegar aqui. E assim mesmo até hoje eu tenho um médico em São Paulo. Precisei ir no médico e me afastar, eu fui num médico em São Paulo, que não conseguia acertar o remédio pro problema que eu tinha do sistema nervoso. Que tinha este motivo, do sistema nervoso. Que tinha este motivo era o sistema nervoso em mim.

Como é viver aqui no asilo?

Aqui precisa a gente compor, fazer a vida, né. Tem muitos aí que, você vai atrás, quer mandar, sabe que o sistema é violento, quer mandar na gente como se fosse o dono. Então a gente deixa de lado porque tem companheiro bom. Seu Zé, que é um senhor de idade, combina com ele. A gente fica no quartinho, no quarto, num apartamento sozinho. Deixa os outros pra lá. Ontem mesmo veio aqui um, falou pra mim...veio brincando. Eu falei para lá. Bater com o chinelo no rosto dele. Não, não, deixa quieto, brigar não convém.

Nossa, o que ele fez?

Ele encheu a mão e molhada veio jogando água brincando. Você pare, pare. Mas ele continuava. A Ivoninha veio, pare de mexer com ele. Ah ele não quer parar Ivoninha. Ameacei de bater com o chinelo nele. É coisa de....eu não conheço a pessoa de.

O Sr. já imaginava que um dia destes poderia estar no asilo?

Ah! Não tinha, isso aí foi uma coisa que o outro falou lá e na situação que eu estava sozinho por sozinho, fazia comida pra mim, ia trabalhar pra outro lá perto também, ajudava uma senhora que fazia comida, tinha uma pensão lá. Ajudava a escolher feijão, arroz, trabalha o dia todo pra ela. A troco do prato de comida que ela dava, né, na hora do almoço. Depois que eu fiquei sozinho. Eu tive um primo meu que tinha um lugar pra vender sorvete, um depósito, então no verão a gente viajava, né. Só pra ajudar a fazer entrega. Fiquei uns quatro ou cinco anos assim também. A vida foi... passeava, era a vida boa. Até fazia entrega de...passava horas. Conheci muitas cidades no interior. Daí deu certo aquele outro convidou pra vir aqui. Eu falei:

Pode fazer.

Trago os meus papel pro exame, eu falei pode fazer. E aqui comecei a trabalhar também. aqui trabalhei uns cinco ou seis anos buscar doação. Até esses dias está com o joelho dolorido, que é de tanto pegar baú pesado. Acho que ta parecendo agora.

Qual foi o momento mais alegre do Sr. aqui no asilo?

Ah! Vida que a gente sossegou. Não é que assim muita alegria. Que a gente sossegou. A vida se tornou outra depois da casa da gente, sabendo levar a vida. Assim que nem o Fábio que o Sr. entrevistou ainda hoje pela manhã. Boa pessoa, que eu morava vizinho com ele. Aí como era a lei de 60 anos, ele veio até antes né. Que não tinha a lei de 60 anos pra vir aqui. Aí eu tou gostando daqui. O sujeito sabendo levar é um bom lugar aqui.

Qual foi o momento mais triste?

Aqui. Ah! Pra mim foi quando eu fiquei sozinho de tudo. Sabendo que os irmãos pegara o dinheiro. Pai e mãe falecidos, fiquei sozinho de uma vez. Fazer o quê? Vim pra cá, né. Aqui achei que foi a casa minha. O Lar aqui é bom.

O Sr. fica ainda magoado com o que aconteceu?

Não, não. Tudo bem. O que passou...o que passou aquilo lá. Graças a Deus...eu acho...bom este lugar aqui.

O Sr. tem algum sonho?

Aonde?

Sonho de vida?

Não sei. Não dei muito da idéia mas...é sossegar continuar a vida. Vou fazer em dezembro agora 70 anos, né.

O Sr. não sonha com nada mais?

Não. Sossegou tudo. Antigamente eu sonhava bastante.

O que o Sr. sonhava antigamente?

Era coisa do que fazia, do que enxergava à noite. Era coisa de cansaço, não tinha nada a ver com a vida. Coisa que tinha na idéia. Era o que a gente fazia durante o dia, o que fazia...passear. Até de noite também parece que fazia de acordo com a idade. Precisava conversar com alguma mocinha, conversei duas, três vez, depois desisti também; quando eu tava no sítio. Até a filha do patrão, namorei ela tempo também. Mas parece que a intenção da gente casar, parece que a gente não tinha.

O Sr. não tinha intenção de casar?

Não tinha. Comecei a namorar meio tarde. Esta doença me atrapalhou, estimulou um pouquinho eu já estava nervoso, então era tratar de cuidar da saúde, né. E agora, graças a Deus, tomo pouco remédio. Já faz 43 anos, 44, que eu tomo remédio. E assim...assim chegou aqui e vim sossegar mesmo. Estamos na casa de Deus, como se diz aqui, né. O lar Betel.

O que o Sr. gostaria de fazer na vida hoje que já não é mais possível?

Fazer...isso em serviço?

Não, em qualquer coisa.

Uma coisa que eu teria vontade de fazer. No momento não tenho nem idéia de...mexer com vida por enquanto. Sossegar um pouquinho que já trabalhei desde os sete anos. Trabalhando até agora a gente já fez a... obrigação, já cumpriu.

O que é o asilo pro Sr.?

É minha casa, bem dizer. Considero, como dizem, Lar Betel Casa de Deus, de fato aqui é a casa da gente. Sabendo se comportar, levar a vida, você fica bem. Os companheiros a gente seleciona mais que dá pra viver bem, que nem o Fábio, este que está no quarto meu, muito bom. Vive bem aqui.

O Sr. participa bastante dos contadores de história?

Eu assisti. Eu acho que uma ou duas vezes eu deixei de ir, não sei se não tinha muita gente lá. Fui lá e fiquei com outro colega, mas sempre assisti as histórias. As moças são boas, anima a gente, a gente gosta do modo delas. Conhecia como mineiro, quando viajava, gostava, tem o mesmo dom daquela mineira, alegre, né. A primeira vez que a gente encontra, a gente que tem amizade assim, elas são alegre, né. Anima a gente. É bom que elas compareça. É, a presença dela só traz alegria pra gente, anima mais, só traz prazer pra gente. Isso ajuda muito na vida.

Tem alguma história que o Sr. lembra?

As histórias deles elas sempre conta assim, mas ...a gente não guarda muito aquilo lá.

O que tem de interessante no contar história?

Tem alguma coisa que elas contam da infância. Isso eu escutava quando eu era criança, né. Ainda tem gente que diz:

AH! Não vou assistir isso daí porque quando eu era criança escutava.

Eu falei:

Mas aquilo recordar é bom né.

O Sr. escutava bastante história quando era criança?

É...elas contam as historinhas que a gente...dá pra recordar. As pessoas de idade. A turma que quer contam também lembra mas tudo de quando a gente era criança, muitos anos atrás.

E atualmente é bom para o Sr. ouvir histórias de criança?

É porque faz a gente recordar, a gente nem...moda de viola, coisa que canta, moda antiga, a gente escuta no radinho. Recordar aquilo lá parece que anima, a gente fica...prestando atenção naquilo, faz muitos anos já. Se vê que antigamente era diferente, a vida era até melhor. Trabalhava, trabalhava, mas era outra vida, né. Era uma vida assim mais calma, não se ouvia em falar em roubo, nada. Trabalhava, trabalhava contente.

Então as histórias infantis contadas o Sr. não considera negativo?

Ah! Isto é o povo que fala pra mim. Eu que falo delas é jóia. Recordar pra mim é até bom. Eu considero muito. A gente nem lembra aquilo lá e quando lembra é bom. Isto é um colega que chegou a falar isso, né. Aquele senhor de

idade que está sentado lá, aquele outro, mais o companheiro dele, aquele mineiro, José Martins. Isso aí quando era criança já sabia escutar as vezes dos pais a história. Acha que essa coisinha que a gente já ouvia quando era criança, então contar de novo.

Isso é coisinha pra contar pra criança, não é pra contar pra gente.

É conforme o gênio da pessoa, não é tudo igual, né.

Mas para o Sr. é importante?

Ah! Sim, reforça. Tem coisa que você não tem nem idéia faz lembrar tudo, né. Tudo, passado.

Tem alguma história que o fez lembrar do passado?

História...No momento assim, se a gente for analisar bem, a gente lembra, mas...no momento assim. Se eu lembrasse de um pedaço dela, mas...

Como o Sr. definiria o trabalho dos contadores de história?

Ah! São animadoras, vem aqui e alegre a gente, como te falei, né. É boa coisa. Pra mim...as colegas muito boas anima a gente aqui. Só tristeza some naquele momento que elas estão aí, uma hora parece que não passou nada. Uma hora parece que é um minuto.

Mas depois o Sr. continua pensando nas histórias ou é só naquele momento?

Fica naquela hora na consciência. No outro dia você começa a conversar com outros colegas que vem contar e tal. Uns vão falar bem. Outros: ah! Isso não é história de se contar, isso é pra criança.

E depois que elas vão embora, o que acontece?

Aqui? Não elas falam...o povo daqui. Elas falam. O povo já foi embora. Vai, vai, que nem mineiro., que vai embora logo. Não, não. Elas são boas.

E pro Sr. o que fica depois que elas vão embora?

Ah! Fica aquela...só que pra esquecer. Até você lembrar as histórias que ela contava depois de um tempinho você vai...fica um tempo sem vim, a gente não recorda mais. Conforme ta esse problema meu que vem na memória, tem dias que ameaça um pouquinho. A parte lá esquece mais fácil. E o que recorda sozinho volta tudo pra trás. O problema meu na memória é isso daí que dá... no sistema nervoso...mexe com isso daí no sistema nervoso. Isso aqui é um problema meu, né. Estou aqui bonzinho, sem motivo, sem nada, mas logo ataca assim, então...é o que desliga. Mas muito bom. Hoje assim, gente que nem eu assim precisa de alegria.

Aqui é meio triste?

Não, isto daqui é um lugar bom. Triste seria você ficar pensativo na vida que ta indo. Mas fazendo companhia, fazendo amizade com outras pessoas boas que ta aí, é o melhor lugar que tem. Se eu vou contar com a minha família. Vou falar sinceramente. Vou falar com o irmão, com o cunhado, vou começar a especular um pouco a coisa, não tem uma conversa séria que nem aqui. Sinto que a gente escolhe as pessoas pra conversar com a gente aqui também. Tem dois ou três que não dá nem; Ontem mesmo eu estava aqui fora sem fazer nada, tava lá. Já discutiam sobre televisão: um quer mandar no outro para desligar, pra ligar, pra desligar. Na hora o outro falou pro administrador que eu que comecei a televisão. A coisa contrariada assim também a família. Mas a gente deixa do lado. É que a enfermeira telefonou que estava descendo. Nem eu fiquei sabendo, nem eu sabia o que era. Aí o enfermeiro veio falando com o administrador, que era eu. Eu não cheguei nem a mexer na televisão.

O Sr. ta muito bom, eu gosto da entrevista. O Sr. também já veio aí, muitas vezes. Eu gostei muito da pessoa do Sr. Muitas vezes a gente vê assim, gosta, e não fala nada. Mas ta vendo que a pessoa é educada, gente boa. É o que precisa nestas visitas aí para orientar, pra ver se pega o caminho.

Do que o Sr. sente falta na vida?

A gente acostumou com a vida sozinho assim. Solteiro até agora aqui...não é, não sente falta, porque a vida é essa. As vezes não vai ser sempre assim, né. E aquela simpatia de assistir na televisão aquela celebração da missa, né. Da Aparecida do Norte. Todo dia eu ligo. Tem muita gente que ta entrando nesta daí também fica assistindo televisão. Primeiro era só eu. O administrador brinca:

Esse vai pro céu.

Agora ta enchendo a sala.

O Sr. não tem nenhuma namorada aqui?

Eu tentei aquela outra, que brincava que era minha namorada, que era a Rosa, lá em cima. Eu brincava com ela, falava que era namorada, ficava junto. Agora tem a pajem que olha ela aí, já... expliquei pra filha dela que é só brincadeira e tal. Ela veio aqui e conversou comigo, eu expliquei pra ela. Aí quando aconteceu que ela piorou, já puxou a pajem. Quebrou a perna e tal.

Mas o Sr. ficou com ela?

Ela veio bem depois de mim, né. Faz uns quatro anos. Ela tem ciúmes de mim. Ela leva a sério, né. Se me ver conversar com outra ela chegar até bater. Eu tava ouvindo radinho de repente bateu em mim, nem esperava. É

porque tava conversando com outra. Aquela de cor, aquela magrinha que fica aí, a Inesinha. A hora que ela passou aqui, de repente...Não respeita a namorada. O que dá na cabeça ela fala, né.

Mas o Sr. gostava dela?

Já que veio aqui...gostava dela. Cheguei até no apartamento, quando elas estavam em duas no apartamento, eu cheguei a ficar junto com ela umas horas.

Então o Sr. chegou a namora-la?

Num tempinho antes dela...ela tinha cabeça melhor, ela não tinha machucado. E não tinha decaído como está agora, ela está meio doente, né.

Dizem que ela era bonita?

As fotografias ela mostrava antigamente, a filha trazia aí. Ela descaiu muito agora. Depois que quebrou o fêmur, melhorou. Mas a cabecinha fica...nervosa. Qualquer coisa que brinca ela leva a sério, muito sério.

Qual o nome dela mesmo?

Rosa Bahtim.

E esse romance foi legal pro Sr.?

Assim quando conheci...eu ficava assim junto com ela. Se conversasse com outra, já. Vinha até brava, tinha que ser com ela. E como é que está dois ou três anos namorando aqui e não fala em casar e tal. Então ela falava em querer casar (risos).

Mas se ela não tivesse piorado o Sr. casaria?

Fica junto aquela amizade, assim. Companhia assim. Se ela fosse mulher mais. Mas parece que a cabecinha dela que não ajuda. É boa gente. Conheço antes de vim aqui. Os Batim. Obrigado pela entrevista. A gente fala o que sabe. E a vida da gente é comprida para falar tudo. É o que tem a vida.

A vida de hoje é muito diferente de quando o Sr. era jovem?

Ah! Porque na juventude a gente só trabalhou também. Não teve tempo pra passear, pra namorar. Era só trabalhar. Naquele tempo uma criança trabalha mais do hoje um adulto não faz o que a criança fazia naquele tempo. Serviço pesado. O homem tinha que acompanhar o pai, a mãe. Fazia tudo que mandava fazia. Era gostoso. Serviço de roça.

Só para terminarmos, quem é o Sr. Agenor hoje?

Hoje a gente é mais assim...não jovem como naquele tempo, graças a Deus saúde dá pra ir tocando. Se Deus quiser a gente fica aqui mais alguns anos até que Deus quer. Teve gente com 90, 91 anos, eu tou com 70. Dá pra gente...vive mais um pouquinho ainda. A alegria que vocês tem também. Vai, anima a gente também, ajuda muito isso daí. Pelo problema que a gente tem assim, quando vem a alegria de brincar assim é bom.

É bom ter pessoas para a vida melhorar.

A tristeza vai se afastando, né. Porque se for deixar a tristeza tomar conta daí. Ela vira até doença na gente que triste fica.

O Sr. é um homem feliz?

Sim, eu estou contente com a vida. Já passei, hoje tou melhor. Agora sossegou tudo aqui, né. Só tem que ficar aqui, cuidar da vida sozinho.

O Sr. vive aqui sozinho?

É sozinho aqui, só tem eu da família. Sozinho aqui. Aí tem gente pior que isto daí. Não ouve nada, não consegue fazer nada sozinho. E do jeito que ta aqui dá pra viver mais um pouco.

O Sr. quer falar mais alguma coisa?

Eu aqui estou contente porque a administração é boa, a gente também é bem visto, compreende o que a gente fala, ela entende bem. A casa da gente, é que nem uma mãe que a gente obedece. Tem que obedecer. Mas eu estou contente. O lar aqui. Se for sair, pra outro lugar. Fico aqui mesmo.

Obrigado seu Agenor.

2ª PARTE

Sr. Agenor, eu gostaria que o Sr. comentasse um pouco sobre a infância?

A infância é o melhor tempo que tem...tem tempo ruim, tem tempo...às vezes você passa mal também como eu fiquei, né. Tempo bom, tempo ruim. Tudo passa na infância. A minha melhor época foi na infância, a gente sempre lembra dela.

Do que o Sr. lembra?

Do que eu fazia, os colegas que eu tinha, a vida era diferente, mais sossegada. Trabalhosa.

O Sr. lembra das brincadeiras que tinha., do que fazia?

Ah! Já é muito tempo, era só trabalhar. Ajudar a mãe, ajudar o pai. Na roça, em casa tinha só de trabalhar. Ia na escola, voltava, ia trabalhar também. Aquele tempo tudo era roça. A infância minha foi assim...trabalhada, sabe. Que brincar sobrou pouco tempo. Mas é o melhor tempo que...mesmo assim foi a melhor época.

O Sr. trabalhava bastante?

É sim em serviço pesado, eu só cortei cana, né. Ia na roça ajudar o pai, depois já vinha era hora de escola, depois voltava ia buscar água pra mãe na bica. Naquele tempo tudo era braçal. A infância foi trabalhada, mas...da saudade assim mesmo.

Analisando a infância do Sr. hoje, acredita que deveria ter brincado mais ou trabalhado mais?

Ah! Vendo como é hoje, tem moço que não faz nada, que não deram nada e fica aí folgado, sem trabalhar. Naquele tempo a gente tinha que trabalhar em cima de terra dos outros, a meia com os outros e tivemos...dava pra viver. Que era trabalhado naquele tempo. Se o seu pai chamava a atenção você tinha que ir porque a gente via que tinha que dar retorno, não adiantava dizer que não estava enxergando porque a gente tinha que ir.

Seu pai era muito rígido?

Era tudo naquele tempo. Eles eram todos iguais, toda família, né. É com os seus oito, nove filhos que tinha, tinha que se virar. Trabalhar na terra dos outros, a meia, não era fácil.

Com quantos anos o Sr. começou a trabalhar?

Sete. Eu fazia serviço de gente grande, serviço pesado. E além disso tinha um probleminha que atrapalhava um pouco, mas eu ia trabalhar todo dia.

Que problema?

O sistema nervoso, que a gente dava. Hoje em dia eu vou atrás de remédio dele, mas...já melhorou bem daquele tempos pra cá.

Não sobrava tempo pra brincar?

Ah!, naquele tempo você tinha que trabalhar senão apanhava.

Naquele tempo quando o Sr ganhava?

Ganhava eu não ganhava nada. Quem dava era o pai, aquele tostãozinho. Aquele tempo era dos mil réis, tostão. O pai que dava. A gente não era dono do dinheiro, a gente não via o dinheiro.

O Sr. gostava de trabalhar na cana? Era realmente muito duro?

Acostumava. O serviço era ...Não sei se tornava fácil, era prática, que pegava prática. Gostava até. Não era ruim.

E as mãos?

As mãos tinham que agüentar aquele tempo que...Aquele tempo a gente cortava a cana queimada depois limpava o que estava sujo. Machucava, cortava com o facão. Passava isso, pois logo melhorava.

O Sr. ficou durante quantos anos trabalhando na cana?

Até os 7 pra 25. Fiquei 18 anos trabalhando na lavoura.

Sempre no mesmo lugar?

Não, em diversas. Diversos patrões, ia aumentando a lavoura, ia pegando tudo a meia. Metade do patrão, metade da gente.

O Sr. trabalhava com todos os seus irmãos?

Todos. Nesta época estavam todos. Depois foram casando, até que sobrou os pais pra mim, pra cuidar. Aí os pais faleceram comigo. Eu fiquei sozinho e vim aqui.

Depois dos 25 anos o Sr. foi trabalhar em outra coisa?

Sim. Depois disso eu fui tapeceiro, viajando com o caminhão fazendo entrega. Aí mudou um pouco o serviço. Ia na cidade fazer frete. Até os 25 era só lavoura.

Qual a imagem que o Sr. lembra desta fase dos 7 aos 25 anos?

É, ih, aquele vida, como se diz, só trabalhando, trabalhando na lavoura, até passando um tempinho em que você vai ficar moço, parecia que a vida ia mais alegre. A tristeza parece que...entrava um pouco, depois parece que saía. E o tempo passou logo.

O Sr. era triste?

Ah! Por problemas que dava eu não dormia, ficava nervoso. Tem este problema que eu tenho até hoje.

Era por causa do trabalho pesado?

Não era isso aí. Até hoje ta assim meu sistema nervoso. Aí tanto falava que ia num médico, depois ia no outro, um aconselhava, até passei por São Paulo em um outro. Até hoje eu vou mandar fazer remédio. Já faz 40 anos que eu tomo.

O Sr. quer comentar mais alguma coisa sobre a infância?

Não, é isso aí. Sempre foi trabalhado desde os 7 anos. São 18 anos bem trabalhado. Apesar que quando eu vim pra cidade eu também fazia serviço. Parado não deu pra ficar.

Obrigado Seu Agenor.

MARINA DE FARIA

Data da Entrevista: 25 DE JANEIRO DE 2006

Marina de Faria, nascida a oito de abril de 1935. Nasci numa fazenda chamada Santa Eliza, perto de Rio das Pedras. Naquele período fui registrado em Rio das Pedras e o meu pai chamava Jalcir de Faria e minha mãe Djanira de Faria. Então eles se casaram em Rio das Pedras e registraram eu em Rio das Pedras. Sempre que precisava de registro ia lá em Rio das Pedras e tirava.

A Sra. teve muitos irmãos?

Tive dois irmãos. Natanael de Faria. Sei que tem os dois mortos. Stanislau de Farias e João de Faria. E estão mortos. João de Faria, morto. E Dorival de Faria, eles estão mortos.

A Sra. viveu em Rio das Pedras?

Não daí eu mudei, eu era pequena ainda, quando mudamos lá pra fazenda, chamada, Fazenda Milhan. Então eu estudei lá, que tinha um casarão muito grande e tinha um sino, que o capataz da fazenda tocava para você ir lá entrar. Então, às 5 horas meu pai já tinha que estar lá na fazenda. Então ele levantava muito cedo. Minha mãe levantava cedo. Fazia o café. E enquanto ele trabalhava trocava lamparina, querosene. Então ele trabalhava onde tinha uma banca assim, tinha todas as ferramentas de marcenaria...de pedreiro também, ele fazia casas. Fazia fogão assim, a lenha. E fazia também, todos os serviços de...ele fazia. E, ele morreu em 1969. É deu derrame nele, e ele morreu porque tinha pressão alta. Então eu fui lecionar na divisa de Mato Grosso, em São Miguel de Araguaia. Então, nas férias, quando eu cheguei, ele estava hospedado na Santa Casa, fazia 10 dias já. Então eu escrevi uma carta para o diretor da escola, que eu morava na casa do diretor pra que...eu ia demorar, porque meu pai estava doente e não sabia, quando que eu ia, né. Então mandei esta carta pra escola. Daí quando foi 14 de julho meu pai faleceu. 14 de julho de 1969.

E a mãe da Sra.?

A minha...daí eu pedi licença pra eles, daí eu fui terminar o ano, né. Que não tinha outra professora para por no meu lugar. Então naquele ano eu fiz todos os papéis que precisava e pra passar a ... então, depois que o meu pai morreu, daí eu fui terminar o ano que não tinha nenhuma professora para ficar no meu lugar. Então fui, terminei o ano. Daí, pedi outra licença que era pra cuidar da minha mãe. Que ela também estava adoentada, estava ruim. Daí ela morreu. Daí dois anos ela também morreu. Dois anos depois. Então eu terminei o ano em São Miguel do Araguaia e vim aqui morar com a minha mãe. Ela tava aqui no Lar Betel. Então este Lar Betel, foi uma senhora da Metodista que fundaram este lar Betel. Então ninguém pagava nada. Era tudo casinha assim, casais, né. Então não tinha diretor, não tinha nada. Então as pessoas pegavam comida, e se queria comer dentro, comia, se queria comer pra fora, comia. Porque tinha umas árvores assim, daí vinha de cimento. Então, é, muito gostoso. Daí depois a minha mãe não ficou boa. E daí eu fui morar na Igreja. Na Igreja Metodista, no São Dimas. Onde eu morava, na igreja Metodista São Dimas. Então eu estudava na Igreja e lecionava datilografia, porque o meu primo tinha estudo até a primeira série lá na Igreja, que tinha um casarão muito grande. Então eu dava aulas de datilografia pra eles. Eu estudei datilografia, música. Tudo o que eu podia estudar, estudei.

A Sra. estudou música?

Música.

Algum instrumento específico?

Eu toco harmônio, piano. E eu tocava sanfona também. É porque quando eu fui pro Colégio, que eu estudava em Minas, Eduardo Lange. Depois eu fui pra lá já tocava sanfona. Então, quando eu ponhei meus pais já...queriam que eu fosse estudar. Então eu estudei lá quatro anos. Estudei tudo, música, datilografia. Tudo o curso que tinha eu aprendia. E daí quando eu vim, nisto eu estava estudando aqui. Queria que eu fosse mais pra lá e eu fui estudar no...na...o curso era da quarta série. Depois passou pra Liceu. Outra coisa que tinha era que tinha que estudar quatro anos. Então eu que vim estudar aqui, já tinha estudado em Minas. Aí não deu certo tudo. Daí deu certo que a diretora da escola era americana. Mandou uma...(longa pausa)

Carta ou Recomendação?

Mandou uma...pelo correio, uma carta, mandou o correio pra mim. E daí eu fui né. Fui reclamar lá porque o meu pai morreu. Eu estava esperando a saída do Araguaia. E minha mãe morreu, eu conversei com o diretor, e ela então fez...e daí eu fui lecionar, daí que eu fui lecionar.

A Sra. foi casada?

Não, eu sou casada há dois anos.

Faz dois anos?

É.

A Sra. casou aqui?

Casei aqui.

Como a Sra. veio parar aqui no Lar Betel?

É eu fiquei doente, e daí, é...

Faz tempo que a Sra. está aqui?

Faz tempo, seis anos. Depois ...estou com seis anos, daí eu voltei e dava aulas de música lá no colégio Piracicabano.

A Sra. dava aulas de música?

É quando eu voltei pra cuidar da minha mãe, daí eu voltei, dava aula de música lá no Colégio Piracicabano. E foi indo minha mãe morreu. Eu também não estava muito boa, mas continuei. Eu tinha avisado á escola que minha mãe tinha morrido, tudo. Daí já veio o convite que tinha uma escola pra lecionar. Então ela mandou uma carta dizendo que já tinha uma escola pra eu lecionar. Daí eu voltei e então fiquei na escola das Missionárias Americanas. E eu ia lá, falei com a supervisora que também era dos Estados Unidos.

Aonde era a Escola?

Em Goiás. A Escola Bandeirante. Era uma escola de americanas. Estudando a Língua Portuguesa, então tinha a escola só pra isto. E nas Igrejas tinham lá as americanas, aprendiam muito bem a língua portuguesa, né. Daí eu cheguei na Fazenda, cheguei na fazenda. Tinha a escola, a Igreja. Eu como não vinha pra casa, então eu posava na casa de uma senhora, ela lecionava, ela trabalhava na fazenda, que a mãe dela era casada com um senhor e ia na Igreja. Então eles tinha tudo na fazenda ...aí ficavam muito bem. E daí, depois que eles pintaram a casinha tudo. Daí eu mudei. Tinha oito cômodos a casa. A gente foi...também gostava muito dos alunos. E daí eu fiz um teste com os alunos, os alunos não estavam sabendo nada. O segundo ano, o terceiro ano não sabiam nada. Os alunos do quarto ano também não entenderam muito . (...) eu lecionei também alfabetização. E tinha...era muito difícil que era tudo fazenda, que era tudo longe. Então era difícil. No fim fiquei só com alguns alunos. Eles queriam saber contas de dividir, contas de multiplicar. Daí eu dei aulas pra eles. E tinha um que queria aprender a escrever o nome pra casar. Então fui dando aulas do que eles queriam. Eles tinham dificuldade. No início eles só faziam o número.

A Sra. era solteira até entrar aqui?

Sim.

A Sra. nunca pensou em se casar antes?

Não, só estudava, estudava e lecionava, né. Depois que eu vim aqui que eu conheci um enfermeiro.

Qual é o nome dele?

Airton.

A Sra. está casada há dois anos?

Faz dois anos.

E como aconteceu?

É que deu certo. Ele era casado e separado da mulher. E tinha um emprego. E daí eu conheci.

Gostaria que a Sra. comentasse como é o asilo?

Eu gosto de estar aqui.

A Sra. tinha imaginado que algum dia estaria aqui?

A minha mãe também esteve aqui. Meu avô, tinha um tio que chamava Benedito e o meu avô chamava Benedito também. Eu falava dito pra ele. ...e daí foi morar com uma filha que chamava Maria e ela era casada com o irmão da minha mãe.

A Sra. tem algum sonho na vida?

O único sonho que eu tenho é sair daqui.

Por quê?

É que hoje não tenho lar.

Se não estive aqui, a Sra. gostaria de estar em qual lugar?

Eu queria um tempo para poder estudar a partitura.

A Sra. gostaria de tocar piano?

Eu tenho piano aí. Mas estragaram tanto o piano que ele não presta mais. Foi uma americana que deixou o piano. Então ela passou o piano da casa dela pro asilo aqui. Depois estragaram com o piano. E agora não tem tempo de afinar o piano. Então ta assim.

Qual foi o momento mais alegre da Sra. Aqui no asilo?

As festinhas, as histórias, eu gosto das historinhas.

A Sra. gosta das historinhas?

É porque eu gostava de contar histórias pros meus alunos. Todo dia eu contava uma história. Então eu tinha uma caixinha de música, então inventava no recreio. Então agora todos vão dormir e debruçava na carteira. Então abria a caixinha de música e depois contava uma história.

A Sra. lembra qual histórias que contava?

Alembro. São várias histórias.

A Sra. gostava?

Gostava (risos) de contar histórias pros meus alunos.

Eram alunos de que série?

De 4ª série. Eram alunos que quando iam estudar na fazenda. Então eu tinha essas aulas com alfabetização. E contava história, mostrava figura, né. E os meninos que estavam na Fazenda não tinham quem contava histórias. Então eu contava histórias e mostrava figura.

Igual elas contam aqui?

É. Eu contava, eles escutavam as histórias. Então eles gostavam, tudo isso.

Então quando a Sra. ouve hoje elas contar histórias a Sra. lembra deste período?

Lembro.

Qual foi o momento mais triste da Sra. aqui?

O momento mais triste é quando a gente recebe a notícia de parente que tenha morrido. E aí...eu lembro quando minha mãe morreu e os meus dois irmãos morreram. E aí da família dos meus pais só resta um vivo, ele mora em Santa Bárbara do Oeste. (...) Na véspera de Natal ele veio aqui, trouxe presentes.

Do que a Sra. sente mais saudades?

É dos meus alunos (risos). Eu tenho todas as fotografias aqui guardadas. Uma fotografia da primavera, que é no feriado. Eu tirei fotografia com os meus alunos.

Disto é o que a Sra. sente mais saudades?

É saudades dos meus alunos. É gostoso ver junto com os meus alunos.

Com quantos anos a Sra. começou a dar aulas?

Eu tinha 30 anos. Porque eu trabalhava na fábrica, na metalúrgica. Então tinha a direção lá...tinha dois donos. Um era mais velho, outro era mais novo. Então a gente gostava muito de trabalhar lá.

A Sra. trabalhou primeiro na fábrica?

Trabalhei.

Com quantos anos a Sra. entrou na fábrica?

Com cinco anos. É, 5 anos. Com cinco anos a minha mãe ia trabalhar aí me levava pra trabalhar na roça. (...)daí eu pegava um caixote e fazia comida. Plantava café, plantava feijão. Aquele tempo era, agora ninguém tem tempo mais. Eu era duro. Lembro que quando eu ia pra escola, eu tinha 8 anos. A escola era no porão do casarão. Depois de sair daqui eu vou trabalhar. Eu gostava tanto de ir lá, que eu comecei a estudar. Porque eu não queria faltar da escola. Às vezes minha mãe não deixava. Eu chorava, chorava, chorava. E minha mãe: “vá pra escola”. (risos) No meu primeiro ano eu nunca tive uma falta. (...) E daí foi que eu estudava num colégio e dava aula pra uma colega. (...) Então eu ia todo dia dar aula pra ela. A Sra. era casada. Então eu ensinava ela. E foi começando assim. Aquilo que ela não sabia, o que eu sabia ensinava. Depois eu fui trabalhar na lavoura. Até o meu médico psiquiatra. Fui eu que criei ele. A minha morava na casa dele, a mãe dele tocava piano e era professora. O pai dele era enfermeiro aposentado. Então ele nasceu, eu tava lá. E daí eu tava lá (...) eu deixava a mamadeira pronta. Agora eu fui reconhecendo depois, que ele é adulto, médico. O Sr. não é o Alceu...Daí eu contei a história, né, pra ele. Que eu dava mamadeira, que eu fazia rotar. Eu falei pra ele a história. Ele falou:

Você me criou, eu devo minha vida a você. A Sra. não paga nada. A hora que você precisar, me telefona que eu estou a sua ordem.

Então foi uma surpresa muito grande.

A Sra. gosta dos contadores de história?

Eu gosto de histórias.

Do que a Sra. mais gosta?

Porque elas mostram convicção do que estão fazendo. E elas gostam desse...de dar aulas, de contar histórias. Então se elas gostam de contar histórias, eu gosto de ouvir, né. Porque eu contava histórias pros meus alunos. Então agora eu tenho prazer de ouvir histórias delas.

O que a Sra. sente ao ouvir as histórias?

Eu lembro dos meus alunos. É. Lembro dos meus alunos.

E a Sra. se sente melhor com isto?

Eu lembro quando estava na missão, no Colégio Presbiteriano. Eu fui evangelista, né. Então as pessoas que faziam o curso lá me chamaram, os moços trabalhavam de evangelista, de ler a bíblia, de tomar curso na Igreja. Então nós que trabalhávamos como missão, de dar aulas, sentava com eles, falava de Jesus, da história de Jesus, então isto encantava a gente. E eles gostavam de ouvir a história de Jesus e contavam historinhas. Então eu vivia sempre assim, com o estudo, de estender as pessoas missionárias, que tinha moças, tinha alunos que amavam. Porque foi uma alegria mais direta que eu tive poder ensinar tudo pros meus alunos.

Como a Sra. se definiria hoje? Como é a Sra. Marina? É uma mulher alegre, uma mulher contente?

Eu sou uma mulher contente. Porque passei por tudo, fui pra muitos lugares, ouvindo a palavra de Deus, semeando a palavra de Deus. E a primeira escola foi o Cajamar, em uma cidade de Mina Gerais. Que eu estudei. Então eu sentia muito a presença de Jesus no meu coração. E eu ensinei muito aos meus alunos a amar Jesus. Então me sinto realizada. Esta realizada de tudo o que eu fiz. Aquela presença daquelas crianças. Umas com roupas defeituosas, outras sujas. Então eu tinha muitos alunos assim. Então, tudo isso é os meus alunos. Falar de amor. As vezes a gente sentava, então eles gostava. Sentava, a gente proseava e ia contando as histórias, do alfabeto. Sentava pra contar histórias de matemática. Então vinha contando, eles aprendiam. E tinham prazer de ir na escola. Eu tinha um aluno em Cajamar que dizia era 10 horas e já queria ir pra escola. E o sinal era de duas turmas. Das 7h às 10h30. e outro das 12h às 17h.

Qual era música preferida que a Sra. tocava no paino?

Faz muito tempo. Todas são preferidas, né. Tem tantos hinos bonitos, né. Tem um que eu lembro:

_ vem de manhã, Tem dó dos seus filhos,
para seu guia anunciar
lalalalalalalala

Vem de manhã, a tempestade vigiar
EEEooooooooo.

A Sra. quer falar alguma coisa da infância?

(...) cantava o hino.

“La,lalalalalalala.

Jesus Cristo, Jesus Cristo eu estou aqui.

Na,na,na,na,nãnnãnnã

Vem de manhã, tem dó dos seus filhos

Vigie e ore por coração pequeno

Vem de manhã, nanananananana

Vem de manhã e sem cessar.

Vigiar e orar,

Vigiar e orar”.

Eu gosto de cantar este hino, porque meu pai gostava de cantar o hino.

Qual o nome deste hino?

Vem de manhã.

Obrigado Dona Marina. A Sra. gostaria de falar mais alguma coisa?

Que Deus ajude você nos seus estudos, na vida, e tenha esta vocação de estar com os outros, ter paciência de ouvir.

Que Deus o ajude em tudo na sua vida.

Obrigado Dona Marina?

Eu que agradeço.

DIRETORA DO LAR BETEL**IVONE CLAUDETE COSTA****Data da Entrevista: 15 DE FEVEREIRO DE 2006****COMENTÁRIO SOBRE A VIDA DE ALGUNS SUJEITOS DA PESQUISA****FÁBIO INACIO****Data de Nascimento: 01 de Maio de 1938****FICHA CADASTRAL**

Seu Fábio Ignácio entrou no dia 3 de abril de 1995. Ele é um senhor calmo e lúcido. O Seu Fábio veio para o Lar mesmo sem idade porque queria ter convivência com mais pessoas. Viveu muito tempo no sítio e muito só. É um idoso bom no relacionamento com os demais. Esta conhecida, Ivani, o visita como se fosse parente.

E o que eu contei pra você, é o que esta Ivani conta. Que ele trabalhou, que a sogra pediu pra ela cuidar dele. A Ivani que me passou esta história do Seu Fábio.

COMENTÁRIO

Seu Fábio foi caseiro de um sítio e ele morava com uma família. E a senhora, a esposa do dono do sítio, gostava muito dele. Então, quando ela veio adoecer – isto a nora que conta este fato – disse a nora que a hora que ela faltasse que cuidasse do Fábio. E ela veio a precisar do Fábio. Ela tinha muito carinho por ele, era uma pessoa da família, apesar de ser empregado, mas ele era como da família. E daí chegou o tempo de...ela faleceu, e o sítio foi acabando, eles acabaram vendendo as terras. Então Seu Fábio veio morar aqui neste período. Porque ele não tinha mais com quem morar, porque ele é solteiro, porque não constituiu família. E daí esta nora trouxe o Seu Fábio para vir morar aqui. Até hoje ela visita ele, cuida da parte financeira dele, da aposentadoria. E todo mês ela...Ela leva ele nas festividades da família. E ela comparece, ela tem um carinho muito grande por ele.

E como é o Seu Fábio aqui dentro?

Ah! O Seu Fábio é uma pessoa boa. Ele tem um relacionamento muito bom. Muito ativo e se dispõe muito a ajudar as pessoas. Tem a Lídia que é, tem deficiência visual, cega totalmente, então ele leva ela no cabeleireiro, fazer compras, leva na quitanda. Sabe, ele é companheiro. Vai fazer compras pra um, pra outro. Ele sempre tá servindo. Fala pouco, não é muito de conversar, mas é bem receptivo.

Tem algum detalhe que tenha acontecido aqui na vida do Seu Fábio?

Uma coisa que me chamou a atenção, que eu nunca vi o Fábio assim nervoso, ficar bravo com alguém e eu só vi ele chorar uma vez. Foi quando o companheiro do quarto morreu. Eles eram muito amigos e o Seu Pedro, chamava Pedro Manesco. E foi após o almoço. O Pedro tinha se recuperado de um problema intestinal, do estômago, e naquele dia ele foi assim, levantou bem, almoçou bem, até pediu canja, que queria comer, e depois do almoço foi descansar. Quando o Seu Fábio entrou no quarto achou ele morto. Foi um baque. Foi um dia...única vez que vi o Seu Fábio triste aqui no Lar. Ele está sempre de bom humor, tem bom relacionamento com todo mundo. Nunca vi ele reclamar, nem falar uma palavra torta com ninguém. É muito educado o Seu Fábio.

AGENOR DENATTI**Data de Nascimento: 10 de Dezembro de 1935****FICHA CADASTRAL**

“Seu Agenor é solteiro e fez vários serviços na vida: foi até cozinheiro e tapeceiro. Lúcido, mora no porão da casa de um dos sete irmãos. Acontece que quer ter o seu cantinho pois seus cunhados e cunhadas não o querem. Ele se sente mal. Vai compartilhar o quarto com mais dois idosos. Feito a avaliação em processo normal. Tudo Ok.

COMENTÁRIO

O Agenor é também outra pessoa disposta. É diferente do Fábio, ele é mais prosa, brincalhão. Ele é repentista. Adora fazer versos, cantando assim. Você dá um tema pra ele, ele desenvolve o tema. Ou as vezes ele olha pra pessoa e fala, descreve a pessoa. Ele é muito engraçado. Tem hora que ele fica assim...ele tem problema de

compulsão. Ele faz um tratamento assim com remédios fortes. Ele tem algum problema cerebral. Mas é uma pessoa lúcida. Tem hora que eu acho que ele é um pouco...não sei se é sempre, mas acho que por causa do problema dele ele é até inconveniente. Ele faz brincadeiras que as pessoas não gostam. Mas não é maldade, não é maldade. É o jeito dele e aqui no Lar todo mundo entende este lado dele. Mas hoje ele está assim mais...como posso dizer, mais debilitado. Logo que ele entrou aqui, ele sempre foi responsável pela portaria, visita de sábado e domingo pelo portão, fechar os portões. Ele tem algumas chaves da casa, dos portões, porque ele é responsável. Então ele sabe da o recado, ele é observador e gosta de colaborar também. Hoje ele está mais assim...mais quietão, não desenvolve tantas atividades. Eu acho que hoje o Agenor deu uma acalmada assim, até pela idade e em detrimento da doença dele. Agenor é uma pessoa boa também. Tem bom relacionamento, difícil discutir com alguém. Ele é de boa paz e atencioso também. Quando pode ajuda um ou outro.

E ele teve um relacionamento aqui dentro?

Ele tem uma paquera. (risos) Teve mais que uma. Teve uma que eu conheci que já faleceu, a Ana. Já faleceu há alguns anos. Depois da Ana teve a Rosa. Hoje ela está bem assim...ela tem Alzheimer, tá bem atrapalhadinha. Mas ele teve sim um namorico com a Rosa.

MARINA DE FARIA

Data de Nascimento: 08 de Abril de 1935

FICHA CADASTRAL

Ela veio morar aqui em 14 de Junho de 1993. E ela morava sozinha. E não quer depender de ninguém, segundo informação do irmão. Dona Marina quando veio para o lar tinha 58 anos. Sempre trabalhou, foi independente. Depois que se aposentou, quis sossego e não dar trabalho para os seus irmãos. Aqui se dá consolo. Gosta muito de trabalhos manuais, participa das atividades de TO (terapia Ocupacional) e gosta de passeios.”

COMENTÁRIO

Agora o que eu sei da Marina, ela fez curso de missionária, foi professora, trabalhou dando aulas no sítio, aula pra primário e ela fez o curso de missionária. Ela é evangélica. E é muito prestativa no sentido de conforto espiritual. Hoje Marina também teve problema de, acho que pela idade, teve problemas mentais, teve alguns desequilíbrios, fez tratamento e hoje tá bem. Toma medicação. Mas quando ela tava fortinha, tinha a cabeça melhor, todo dia de manhã ela saía, visitava quase todos os residentes e orava por eles. Todo dia de manhã ela ia para a enfermaria e orava um por um, punha a mão na cabeça, abençoava, ministrava saúde. Dona Marina era uma pessoa muito assim de dar apoio espiritual para as pessoas. E ainda hoje ela é assim, apesar de ser uma pessoa debilitada na mente, ela faz esta parte de orar pelas pessoas, dá comida na boca pras amigas no quarto, ela auxilia neste aspecto também. Ela está fazendo um tratamento psiquiátrico forte, mas ela é uma pessoa muito boa.

JUDITH NALIM

Data de Nascimento: 09 de Setembro de 1929

COMENTÁRIO

Dona Judith é uma senhora, uma italianona forte e disposta. Ela teve três filhos: um morreu de acidente de moto, acho que fazem uns três anos; outro casou, acho que ela tem dois ou três netos; e ela morava com a filha. Mas a filha tem diferença de temperamento e ela tava assim...desencontrando, se desentendendo em casa. Então ela decidiu vir morar no lar. A filha tem uns trinta e pouco anos. E ela decidiu vir morar no lar e deixar a filha ter um pouco de responsabilidade, viver a vida dela e tudo o mais. Mas mesmo assim ela vive em contato com a filha, dá força. E a filha ligava pra mim pedindo que eu não deixasse ela vir morar aqui. Daí eu até solicitei, falei pra filha:

Oh! Deixa ela fazer a experiência de vir morar no Lar, quem sabe ela mesmo decide voltar, né?

Mas a Dona Judith se adaptou e visita a filha, conversa por telefone mas a opção dela é ficar aqui no Lar. Também é uma pessoa super ativa, ajuda a descascar batata, escolhe arroz, descasca cebola e borda muito bem. Ela borda pra uma sobrinha, se não me engano, a sobrinha tem loja e ela borda ponto cruz, faz uma porção de bordados em toalhas em pano de pratos. Está sempre ocupando o seu tempo. Você não vê a Judith parada. Só num momento que ela gosta de descansar depois do almoço, mas está sempre assim com alguma atividade. Vai à Igreja sozinha. Ela é da Igreja Congregação Cristã do Brasil. Ela participa das atividades. É porteira na Igreja aos domingos, faz a recepção das pessoas, né. Então é uma pessoa muito ativa. E foi opção dela vir morar no Lar. Não foi a família que trouxe. Ela que quis, veio conversar, veio conhecer. E a opção foi dela.

Como é o relacionamento dela com os demais?

Ela tem um temperamento forte. Ela é uma pessoa assim...não é que autoritária, mas ela tem um temperamento forte. As vezes ela se desentende com algumas pessoas pelo jeitão dela meio grotesco. Mas no geral o relacionamento é bom. Apesar do temperamento dela ser forte assim, ela tem um bom relacionamento com as pessoas.

JOZÉ RIZZIOLI

Data de Nascimento: 27 de Julho de 1922

COMENTÁRIO

Seu José Rizzioli foi interessante. Ele procurou o Lar, sozinho. Um dia ele chegou:

Tem vaga pra eu morar aqui?

Eu falei:

Vaga tem. Mas o senhor não tem família?

Tenho. Tenho três filhos mas eu não quero incomodar ninguém. Quero vir morar aqui no Lar. Conheço o lar há muito tempo. Eu vim aqui tocar, fazer festinhas aqui. E hoje eu sou sozinho quero vir morar no Lar.

Daí eu falei que o filho deve ficar sabendo, a família tinha que estar acompanhando ele, para a gente ter um relacionamento com a família. Ele chamou o filho. E os filhos ficaram surpresos. Aí ele falou:

Não. Eu quero morar aqui.

Então ele decidiu vir e se adaptou muito fácil. Muito, muito fácil. Depois ele tinha uma ex-namorada que apareceu na vida dele e ele quis sair do Lar. Ele saiu, mais ele não ficou 15 dias fora. Ele voltou todo chateado, pedindo pra voltar. Não, não deu certo com a namorada. Ele ficou menos de 15 dias na casa dela. Daí ele voltou assim...deprimido. Eu acho que ele ficou envergonhado de voltar. A gente apoiou normalmente. Até eu falava pros companheiros dele que desse apoio porque ele passou por um momento difícil. Ele tava sofrendo por aquilo, ter que voltar pro Lar. Ele achou que ia viver bem com aquela pessoa e não deu certo. Mas daí ele conseguiu vencer este pedaço e foi se animando e tá no Lar superbem. Sempre cantando, assobiando, muito receptivo. Gosta de festas, gosta de dançar. Gosta de receber visita, sabe. Hoje ele está mais assim devagarzinho, andando de andador. Mas quando ele era mais forte logo que entrou, ele ia no centro acompanhar várias senhoras aqui do Lar para fazer compras...até de roupas íntimas, ele ia. É...elas iam comprar lã para fazer tricô, ele acompanhava. Ia no banco, ele acompanhava. Queriam ir em lojas para comprar roupas íntimas, ele acompanhava. Várias mulheres ele acompanhava, não era uma só. E ele teve também uma paquera aqui, dona Ida. Uma italiana, que ela era temperamento forte e ela era, que eu posso dizer, era uma possessiva. Não gostava que ele fizesse amizade com as outras senhoras. E ele era uma pessoa assim dada, relacionava super bem. E ela ficava enciumada com ele. Brigava com ele as vezes. Maltratava ele. Coisa de sair pega. E, mas ele conseguia dar um jeitinho, acalmar Dona Ida. Quando ela ficava muito brava, ele se afastava um pouco, depois logo ela voltava. Ele foi um bom companheiro com ela. Hoje ele tá ruim, tá internado. Mas ele foi um bom companheiro para várias senhoras aqui.

Dona Ida não mora mais aqui?

Ela faleceu. Dona Ida faleceu o ano passado. Ela tinha uma...ela já veio morar aqui, ela tinha um problema de anemia. Ela sempre fazia um tratamento, um controle da anemia. As vezes precisava tomar uma bolsa de sangue. Ela tinha um médico particular, fazia todo o tratamento. E ele acompanhou, até ao médico ele ia com ela. Um companheiro, muito amoroso. Ele tem um relacionamento bom, pronto também. Hoje ele tá mais assim calmo porque tá passando por problemas de saúde. Mas ele sempre teve bom humor com todo mundo, com os funcionários, ele é muito querido aqui. E os filhos dão muita atenção pra ele. A filha vem toda semana. Ele tem uma geladeira no quarto. A filha traz uns pratos que ele gosta de comer, as coisas diferentes, frutas. Vem limpar a geladeiras, cuida das roupas dele. Ele só não morou junto porque ele quis o canto dele. Ele não quis incomodar. Mas os filhos têm um grande carinho por ele. Apesar de estar lúcido e são, mas ele vive assim com a família junto. Toda semana os filhos vêm aqui. Mais que uma vez na semana. E quando ele tá doente eles vêm todo dia. Todo dia saber do pai, dar uma espiadinha, saber como está. Se precisa acompanhar o médico, eles vão. Então apesar das pessoas estarem na instituição, ela é bem cuidada pela família. Que tem caso de abandono também. É as pessoas que vem morar aqui, a família se afasta, não vem mais. Não é o caso do Seu José. Ele é querido pela família, pelos filhos. Parentes às vezes aparece aqui visitando. Tem um irmão que mora em...Arthur Nogueira, se não me engano. Ele vem sempre visita-lo. Sempre que pode estão aqui. Sobrinhos. Então é uma pessoa querida, apesar de estar na instituição, que foi opção dele. Eu acho que nós temos muito preconceito, as vezes, nós tempos contra a instituição. Asilo, que eu não gosto dessa palavra, acho muito pejorativo, muito triste. Mas eu acho que quando a pessoa mora na Instituição e a família está presente. Ele é feliz. Feliz. E o seu José é uma pessoa desta. Ele é muito feliz aqui dentro. Ele sempre diz: Eu vivo muito bem aqui. Me dou com os meus filhos, mas eu gosto de estar aqui.

Foi uma opção dele.

APARECIDA DE OLIVEIRA FRANCO NASCIMENTO

Data de Nascimento: 20 de Abril de 1932

COMENTÁRIO

A Cidinha, ela veio morar aqui acho que uns três anos que ela está aqui. Também tem duas filhas, ficou viúva, só que ela começou a ficar assim esclerosada. Ela morava sozinha e as filhas começaram a perceber que ficou difícil deixá-la sozinha. E como as filhas trabalham e não tinham condições de ficar com ela em casa, porque ela já não sabe mais se cuidar. Assim de fazer uma comida, separar um almoço. Ela não tinha mais condições. A cabeça já não ajuda. Então elas trouxeram para morar aqui por problemas de não ter com quem deixar. As duas trabalhavam fora, né. Então ela acabava ficando sozinha mesmo na casa das filhas. Corria risco, né. Então elas trouxeram ela pra cá. É outra pessoa muito amorosa, apesar de hoje a gente saber que ela tem Alzheimer, desenvolveu isso, começou a apresentar, ela é muito amorosa, muito educada. Se relaciona bem também com as pessoas. É uma pessoa assim de fácil convívio. Gosta de passear, de estar junto das pessoas. Então é uma pessoa assim que, também é bem cuidada pela família. As filhas dão atenção, acompanham quando há necessidade de ir ao médico. Nas festividades, vêm busca-la. Os netos vêm visitá-la também. Então é uma pessoa que tá aqui, mas é muito cuidada pela família. A família não é que colocou pra abandonar. Não, não. Ela é muito bem cuidada.

INÊS GIOCONDA TORRES RODRIGUES

Data de Nascimento: 30 de Agosto de 1918.

COMENTÁRIO

A Inesinha está aqui há 25, 26 anos. É uma pessoa assim...hoje ela está surda, é difícil conversar com ela. Ela tem dificuldade de conversar pela surdez. Mas ela tem vários filhos, netos também. Esta família também visita. Não é como a filha. Que a filha que cuidava dela morreu. Daí neste período ela ficou muito depressiva, que a gente até achou que ela ia morrer. Porque ela começou a perder peso. Parou de comer. A gente levava comida pra ela na cama, o café da manhã. Ela ficou tão abatida que ela não tinha força, sabe, ânimo pra vir tomar um café da manhã. Nem pra almoçar, nem pra conversar. Ela ficava na cama. Eu...fiquei assim...assustada no momento, neste período achando que ela ia morrer mesmo. Daí ela foi no médico, fez o tratamento, tomou...várias vezes tomou soro com vitamina. E daí uma alimentação específica ela reanimou, saiu da depressão e voltou a bordar. Ela gosta muito de ler romancinho do tipo Sabrina, e não usa óculos. (risos) Ela é uma gracinha. E assim, borda. Ela borda o nominho dela. Ela faz uns panos de prato, umas toalhinhas. Gosta de vestir as taças para ficar amarradinho. Então ela está sempre ocupada, e fuma. E fuma também.

Ela fuma?

Fuma. Só que ela fuma assim: ela põe no canto da boca o cigarro e fica ali queimando. O cabelinho dela está até amareladinho, assim. As vezes eu falava: vou lá dar um tratamento no cabelo da Inês. Lavar melhor porque acho que ela não sabe cuidar. Mas não é. eu acho que é da própria fumaça acaba até amarelando as pontinhas de cabelo dela. E era também uma pessoa, quando ela era mais fortinha, também ajudava na escolha de arroz, descascar batata, sempre ativa. E tinha um relacionamento bom também. Não é muito assim. Acho que talvez pela surdez, a pessoa vai perdendo a audição, a pessoa vai se fechando. Que fica com dificuldade de se comunicar, né. Então ela não fica muito em roda de conversa. Conversa pouco, hoje como eu estou observando, mas eu creio que pela falta de audição, que vai perdendo. Também acho porque ela gosta muito de bordar e ficar sozinha assim. Você deixando ela sempre lá no cantinho: ou no quarto dela lendo ou numa salinha lendo, ou bordando. Está sempre fazendo alguma coisa. Ela só não está em alguma atividade quando não está bem. Quando ela não está bem ela fica mais deitadinha, senão. E não tem nada de doença. Não tem pressão alta, não tem diabetes, não tem colesterol, nada, nada, nada. A única coisa que as vezes ela se queixa é de dor no estômago. Mas acho que é por causa do cigarro. A gente pensa que seja por isso. Ela não toma nenhuma medicação. Teve um dia que ela foi ao médico e passou remedinha pro estômago dela. Mas é assim coisa, coisa pequenininha. E ela já tem 87 anos.

ISAURA BASSAN GRANZOTO

Data de Nascimento: 06 de Julho de 1938

COMENTÁRIO

A Isaura é um causo. A Isaura veio morar aqui, ela ficou viúva. E ela tem um temperamento assim muito forte. Ela é irritada, impaciente. Então a cunhada dela, que seria a pessoa mais próxima dela, também tem um marido doente, já dependente também. Então a cunhada não pode ficar com ela. E a Isaura não teve filhos. Morava num sítio, trabalhava num cortume. Ela e o marido moravam lá. Então ela cortava cana, trabalhava na roça. Ela e o marido. Mas aí o marido veio a falecer e ela, com esta debilidade na coluna, toda esta problemática, já andava de andador, né. Então a cunhada, já com problemas com o marido, não teve condições de ficar com ela. Então trouxe ela pra morar no Lar. Ela é uma pessoa de difícil relacionamento, tem um comportamento as vezes muito infantil. Se ela não gosta de uma coisa, ela não é capaz de falar:

Ah, eu não quero isso.

Ela acaba chorando ou gritando. Bate a caneca. Então ela é uma pessoa assim...tem dificuldade de relacionar. As pessoas tem que ter muita paciência com ela. Tanto as pessoas que convivem com ela no quarto, tanto as funcionárias. Porque ela briga com os funcionários, xinga. Só que a gente sabe releva, conversa...Eu as vezes pego a Isaura assim e converso com ela como se conversasse com uma criança:

Olha, você tem que respeitar. Você não pode fazer isso. Você não pode gritar. Você não pode ser grosseira com as pessoas.

Porque às vezes até com visita ela é grosseira. Por exemplo: as pessoas trazem lanche. No dia da festa de aniversário. E ela não gosta de lanche. Ela grita com as pessoas, com a visita, eu não quero lanche. Entendeu? Eu creio que até...não é...o que eu posso dizer...não dá pra entender se este tipo é falta de educação dela ou se é debilidade mental mesmo. A pessoa sente. Então tem hora que ela tem comportamento infantil mesmo. Não é de fácil de relacionar. Num tempo ela fazia um pouco de crochê, mas hoje ela já tá mais...ela engordou muito. Come muito. Se você observar – eu até brinco com ela – no andador dela tem um saquinho pendurado de pão e salgadinho, pipoca. Ela anda com uma lanchonete. (risos) Come o dia inteiro. E ela engordou bastante. Não é bom pra ela, porque ela tem todo aquele problema de coluna. Mais ela não entende. Você vai explicar pra ela. Olha você deveria...e ela estava com o colesterol (trigliceris) bem alto, então a gente pediu pra nutricionista pra ela comer menos pão. Mais ela não tem esta capacidade de entendimento. Ela fica brava. Acha que a gente não quer que ela coma. Não é eu que proíbo. Acho que ela precisa se cuidar. Então ela é difícil. Em os sentido. Mas, a gente consegue driblando esta coisa dela. Tem dias que ela está super alegre. Risonha. Você conversa com ela, ela acha graça em tudo. Mas não é o normal dela. O normal dela é estar mais zangada, mais aborrecida. E aqui dentro, por exemplo, eu acho que ela vive bem, da maneira dela. E a cunhada eu acho que tem muita paciência com ela. A cunhada traz jóias, traz pulseiras, anel, colar que ela gosta, brinco. A cunhada procura agradar. Isso é importante, né. Ajuda a pessoa a se sentir bem. Então eu vejo as pessoas. E a gente também quando tem um colarzinho diferente, que tem a carinha dela, a gente já separa pra ela. E ela ama. Porque às vezes ela tá com o braço assim cheio de pulseira. Relógio, ela gosta muito de relógio. E a cunhada, como...como ela é gordinha, aquela pulseira de por acaba rompendo logo. E a cunhada via, mandar trocar a pulseira, traz relógio novo. Ela dá uma boa assistência pra ela. Traz a medicação que, quando a rede pública não tem a medicação, a família providencia toda a medicação. A cunhada não deixa faltar nada. E a gente sente que ela é mais feliz aqui.

COMENTÁRIO GERAL

Normalmente os homens arrumam uma companheira quando entram aqui. O Seu Fábio já teve também alguma companheira?

O Fábio, ele tem a Lídia. Mas ele fala que não é namorada. A Lídia gosta dele. Aquela que é cega. Sabe quem é a Lídia, né? Ele é...como ele é muito assim companheiro da Lídia, as pessoas acabam achando que é namorado. Mas não. As vezes, por exemplo, tem um passeio, quando a gente vai ao Shopping, assim. Ele coloca:

Se a Lídia for eu não vou.

Porque a Lídia, ela absorve muito ele, não dá liberdade pra ele. Se ela tiver junto, ela só quer ficar perto dele. Não quer que ele converse com ninguém, que ele saia de perto dela. Então quando ele vai num lugar de passeio, ele não gosta de levar a Lídia. Ele nem faz questão:

se ela for eu não vou.

Mas não fala assim:

Ela não vai.

Ele fala:

Se ela for, deixa ela ir.

Ele não é egoísta neste ponto. Mas, ele prefere se afastar um pouco porque ela suga muito. E é uma pessoa muito irritada, a Lúdia. Ela é revoltada com a cegueira dela e desconta nas pessoas que mais tem paciência com ela. É o seu Fábio, as faxineiras que ajudam quando ela está atrapalhada no quarto, ajudam. As vezes ela é muito grosseira e chega até, involuntariamente bater, porque quando ela conversa, quando ela quer alguma coisa, ela joga muito o braço. E acaba batendo nas pessoas. As pessoas têm um pouco de medo dela. E o Fábio tem uma paciência enorme com ela, mas não é namorado. Não é namorado. Agora, se ele teve uma outra namorada aqui, dele eu não sei.

A Dona Marina que se casou aqui?

A Marina? Isto é coisa da cabeça dela. Ela ficou...quando ela ficou numa crise, ela se vestia de noiva, ia lá na Igreja, falar que ia casar, e tudo o mais. Ela ia na capelinha aí e ficava dizendo pra todo mundo que ela ia casar, que estava esperando o noivo dela chegar. Isto foi coisa da cabeça dela. E nunca casou, é solteira.

Ela falou que há dois anos é casada e esta junto com...

É o enfermeiro, o Airton. Não é o Airton?

Acho que é.

Numa época atrás era o Dr. Rui, que é advogado. Nossa, ela teve um monte de filhos com o Rui: era Geraldo, Joaquim...Ela tava numa crise. Isto é coisa da cabeça dela.

Ela se vestia de noiva?

Ela pegou uma toalha rendada que tem lá na sala. Primeiro ela pegou o véu da Terezinha e pôs na cabeça. Que a Terezinha usa véu para orar, da Congregação Cristã do Brasil tem que por véu na hora de orar. Ela pegou o véu da Terezinha e pôs, e foi lá na Capelinha dizendo que ia se casar. Chegou lá ela viu a toalha da mesa que é rendada e maior, daí ela trocou: tirou aquele véu e pôs aquela toalha, ficou mais comprida, ficou que nem um vestido, né. E falou, pôs um laço vermelho e falou que estava aguardando o noivo. Deixa eu perguntar:

Quem é o noivo, Marina?

É alguém muito especial.

Não dizia nome. Depois ela falava que era o Airton, que era casada com ele.

Você se casou com ele de papel?

Não, só assim de falando, assim de boca. Só casamos assim de boca, só de compromisso.

Então ela...ficou um tempo falando que o Airton era o marido dela, brigava até com as companheiras de quarto dizendo que...quando alguma falava:

Quem é o seu marido?

Não, o meu marido.

Na cabeça dela passou isso por um tempo. Depois agora, não sei. Você conversou com ela esses dias.

Eu entrevistei ela recentemente.

Recentemente quando?

Há duas semanas.

Ah! Então ela estava saindo da crise. Mas ela falava que quem era o marido dela?

Ela falou o nome do marido mas eu...

É um auxiliar de enfermagem. Ela sismou que ele era o marido dela.

E estava há dois anos de casado.

Isso. E tinha filhos toda noite. Toda noite ela falava, e chegava de manhã, ela falava:

Ah, nasceu.

Que dê a criança?

Ah! Não sei, levaram. Estava não sei aonde do berçário.

Na imaginação dela, ela tinha filhos e tudo. Mas isto foi da cabeça dela, ela falava.

Teve um casal aqui que a diretoria se propôs a se casar. Ficavam numa situação querendo se juntar. Então vamos fazer a coisa direito. A gente arruma um quarto, eles se casam. Por quê não, de repente viver um tempo. Mas a família da Senhora não quis. A família dela não quis se casar, não sei se tinha bens ou outra coisa assim, mas não permitiu. É, depois ela veio a falecer e ele está aqui ainda hoje. Ele mora aqui. Só que agora coitado...ele teve glaucoma, está cego, então ele está debilitadinho já, né. Mas uns oito, nove anos atrás ele tava bem. E a família não...É nove anos atrás. E a família não permitiu. Então não saiu casamento. Mas seria o primeiro casamento aqui do Lar.

É um tema que sempre está acontecendo?

Tem. A Angelina, ela sempre tem um paquera aqui dentro.

SOBRE DONA IZOLINA

AMOR NÃO REALIZADO

A Dona Izolina, ela é apaixonada até hoje. Ela lembra do primeiro namorado dela. Ela é assim, uma baixinha. Mora no apartamento. Ela é assim apaixonadíssima pelo primeiro namorado dela .

E ela lembra dele ainda?

Lembra Conta assim com detalhes. A gente vê que ela amou muito. Então uma pessoa assim. Você fala: Ah! Que pena que não deu certo. A família dele impediu, porque ela era uma moça simples, e ele tinha namorado uma professora. E no fim a família fica naquela: Ah! Larga uma professora pra namorar uma operária, uma que trabalha no comércio. Aquela coisa boba de família. E no fundo ela não casou com ele, mas se vê que ela foi apaixonada por ele. Quando ela conta, quando ela contou este detalhe, ela até chorou. Você vê que isto marcou muito a vida dela. E ela foi uma moça bonita, tem as fotos dela no quarto. Muito bonita. E ela é bonita até hoje. É uma pessoa delicada. Então a gente fala: a vida levou...ela tem uma frustração de não ter...a história é tão assim que até no particular. Ela falou que depois mesmo de ele casado, ela trabalhando, ele ia procura-la. Ia procurar um dia. Mas, sabe? Naquele tempo, né? Pra falar uma separação. Ele nunca quis. Ela disse:

Um dia ele me procurou e falou que ele ia me amar.

Olha que coisa. Por causa da família os dois não viveram felizes. Que coisa! Então é ...no dia em que ela me contou isso, ela até chorou. Puxa vida, né. Isto que a gente precisa tomar cuidado, né. Quando o seu filho vai namorar. Você pode até orientar, mas as vezes impedir, levar a pessoa a ... Ela não namorou mais com ninguém. Ela disse que até tentou namorar outra pessoa, mas não adiantou. E até hoje ela lembra dele com carinho. E chora. Ela tem 84 anos. Olha que vida. E chora. Eu falo o ser humano é, o que eu posso dizer, ele é complicado. E as coisas, eu observo hoje, você não pode deixar o tempo passar. O tempo passa muito rápido. Hoje eu tenho 58 anos. Mas de eu casar, meus filhos ficar moço, nascer o primeiro neto, foi muito rápido. Muito rápido. Ainda mais o tempo que eu vim pra cá, foi muito rápido. Então eu falo que as vezes a pessoa deixa passar umas coisas na vida e depois não consegue mais voltar. Ele leva pra vida toda aquela frustração. Por quê que não rompeu com a família? Por quê que não rompeu com...? Quando eu vejo ela hoje, ela é uma pessoa que ela imagina que o passado poderia ser diferente. O outro também não foi feliz. Depois de um tempo de casado foi procura-la e falar que é você a pessoa que eu amo. É frustrante né. E ela aos 84 lembra e chora. É uma ferida que sangra até hoje. É uma ferida que sangra até hoje. Porque é uma coisa que ainda dói pra ela. Ela lembra e ainda dói. Se ela lembrasse como só um fato que aconteceu em minha vida, ela não choraria (se fosse) só fato. Mas dói e então chora. Ela se emocionou.

Ela tem que ser tratada com cuidado.Pra não ficar frustrações.

COMENTÁRIO SOBRE ASILO

E aqui eu falo assim: é uma reunião de pessoas, com todos os seus problemas e traumas da vida toda e mais os problemas de saúde, da idade. Então lugar assim é...interessante. Você vê que as pessoas traz toda esta carga da frustração da vida pessoal e mais as doenças da idade. Você vê a pessoa que chega aqui no final da vida com toda esta carga. E a gente procura aqui aliviar. Tem uma psicóloga trabalhando aqui voluntariamente, conversando. Tem uma terapeuta ocupacional. Tem a Fisioterapeuta pra cuidar das dores. Mas, tem coisa que é da alma que não dá muito. Só Deus pra curar.

Até porque se fosse compreender todos estes problemas...

É...pra dividir este fardo que eles trazem e não conseguem se libertar, curar esta ferida. Nem todos. Eu vejo assim alguns. Tem alguns que vivem bem com a vida. Bem com a vida, são felizes. Ah! Mas isso, mesmo os jovens a gente percebe isso. Uns sabe lidar mais com as suas frustrações do que outro. Ah! Tem pessoas que sofrem com as suas frustrações e ela se deprime, se revolta. E outras conseguem pela personalidade, temperamento, dar a volta por cima. E começar de novo. Agora tem alguns que eu vejo que arrastam pela vida toda. Como é o caso da Dulce que ela sofreu bastante e ainda sofre pelo grande amor da vida dela, que não pode se realizar.

Dos quatro entrevistados que eu fiz. Acho que o Seu Fábio conseguiu, embora ainda sonhe com aquele namoro que não deu certo. A Dona Marina, professora e solteira, que tem a fantasia do casamento. O Seu Agenor que teve namorada, mas depois que ela teve problemas se afastou. E a Dona Judith que não quer mais saber de homem na vida dela depois de tanto sofrimento.

É. E ela tem marido. O marido dela vive. Ela não quer saber, está resolvida. Só que ele resolveu o problema. Pelo que eu sinto, às vezes dele, não vejo que ela tenha mágoa do marido. Ela até ajudou ele. Ela que foi atrás da

aposentadoria dele. Ela que arrumou um lugar no Lar de Velhinhos. É sinal que não tem mágoa, ódio. Resolveu. Mesmo assim apesar das diferenças, dele não ser um bom marido, ela se separar., mas ainda ela não parou desta forma. Que ela que foi atrás da aposentadoria, que arrumou pra ele no do Lar dos Velhinhos, segundo ela me contou. Então tem pessoa que sabe lidar com o problema e resolve. E ficam resolvidas. Pronto, passou. Viram a página. E outras pessoas não. Não se conformam e então se acabam neste problema. E levam isto pra vida toda.

ENCONTROS CONTADORES DE HISTÓRIA LAR BETEL - PIRACICABA

CONTADORAS:

Carmelina de Toledo Piza

Suzana

Isabel

Emanuela

1º ENCONTRO

DIA 03 DE AGOSTO DE 2005

(Isabel) Vamos começar, primeiro com movimento contínuo. Lembra da história, da música da história. A Carmem não lembra, não. A Carmem não levantou o braço. Eu estou conversando, mas ela (Manu) já começou a tocar (violão). (risos)

MÚSICA DE ABERTURA (1)

“Eu vou te contar um história, agora atenção.
Que começa aqui no meio da palma da sua mão
Bem no meio tem uma linha
Ligada ao coração
Que sabia desta história
Antes mesmo da canção.
Dá tua mão. Dá tua mão, dá tua mão”. (Repete duas vezes)
(Aplausos)

HISTÓRIA 1

AVENTAL QUE O VENTO LEVA

Você começa? (pergunta Izabel para Carmelina)

Ah! Então eu vou pegar minha sacola. Pega lá Izabel.

“A sua sacola”.

“É”.

“Nossa, quanta sacola!

Segura pra mim”.

Que será que tem dentro desta sacola? Dentro desta sacola tem história.

Como é que chama? Esqueci o nome disto daí? Esqueci é tão bonito. Eu comecei a falar agora já não lembro mais. (Cidinha)

Esse daqui é sacola, de palha. (Carmelina)

- **Não, este daqui.** (cidinha)
- Vê. (Carmelina)
- **Vê. (Cidinha).**
- Oh!” Aonde você vai. Ah! A senhora vai tomar remédio. Edu espero, eu espero. (Carmelina para).
- **Coloca o véu. Fica bonito. Olha como ta, ficou lindo, né.(Cidinha)**
- Tá, bem. (Carmelina)

Pronto. Então vamos lá contar uma história. Começar contando a história... (pequena pausa enquanto Izabel arruma outra pessoa na cadeira). É a história de uma menina, uma menina que gostava de brincar com cor. É! Ela gostava de desenhar. Ela gostava de pintar. Ela gostava de brincar com cor. Então ela adorava pegar os pincéis, as tintas, verde, vermelha, azul, claro, azul escuro. E ela gostava muito de poder pintar, poder desenhar. Ela ficava pintando, brincando, desenhando. Ela brincava e desenhava com todas as cores. Quando ela acabava de brincar. Ai,ai,ai,ai...Ela acabava de brincar, ela estava com a roupa toda suja, de tanto que ela brincava. Então a mãe de menina resolveu fazer um avental para ela. Um avental branco. E este avental da menina estava

sempre lavado, passado, engomado, tinha um babado e o ponto era bordado. A menina então colocava o seu avental e ia brincar. Mas ela não brincava só com as cores, ela brincava com a terra, com o barro, com a massinha, com tudo ela brincava. E um dia ela sujou tanto, tanto, tanto o avental que ela tirou o avental e pendurou no galho de uma árvore. Ela pendurou o avental lá. E ficou o avental lá dependurado.

(pequena pausa: conversa entre os residentes. Alguns velhos ficam na porta e são convidados a entrar, mas decidem sair).

Não vão entrar, vão ficar aí. Então vamos continuar.

A menina tinha esse avental. E um dia ela brincou tanto, tanto com o avental, que ela tirou o avental e dependurou o avental numa árvore. E continuou brincando. De repente ela olhou:

- Vento, você ventou meu avental?

E o vento não respondeu.

- Vento, você ventou meu avental?

E o vento não respondeu.

E a menina queria o avental dela de volta. É. Ela queria o avental branco, lavado, passado, engomado e ponto bordado. Mas como? Daí ela resolveu pedir ajuda pro gavião.

- Gavião, me ajude a procurar meu avental?

E ela viu uma pontinha branca lá no alto da montanha. Era o avental. E ela segurou firme no gavião e eles foram voando, voando, voando, voando, voando. E chegaram lá, lá no alto da montanha. E quando chegaram lá, não era o avental. Era uma nuvem que estava no alto da montanha. E a nuvem disse que quando ela estava passeando lá no alto do céu, viu uma pontinha branca lá no meio da floresta. Poderia ser o avental. A menina disse então:

- Oh gavião, você me leva pra lá?

O gavião foi voando, voando, voando e eles chegaram lá, no meio da floresta. Mas quando chegaram lá. Não era o avental. Era paina. Sabe a paina? E a paina disse que quando o vento ventou lá no alto, ela viu uma pontinha branca do outro lado da montanha. Pede pro gavião te ajudar.

Então ela pediu ajuda pro macaco:

- Oh!, macaco. Me leva até lá?

E o macaco levou. Pula, que pula. Pula, que pula. E eles chegaram lá, mas também não era o avental. Era um fiozinho de água que corria, que formava um rio lindo, que lindo. E o fiozinho de água disse que tinha visto uma mulher lavar um avental branco e levar pra casa da menina mais levada que existe. O macaco não poderia mais ajudar. Ela pediu ajuda ao pato.

- Pato, me leva até lá?

E nada, e nada, nada e nada, nada, nada. A menina e pato chegaram na casa da menina. Era a casa da Corina. Eles chegaram lá. E quando a Corina entrou na casa dela, foi até o quarto, abriu a porta do guarda-roupa, abriu a gaveta e olhou:

- O que tinha lá dentro?

O avental, que estava lá, branco, lavado, passado, engomado, de babado e ponto bordado. Mas a Corina ainda não pode usar o avental. Já era noite. Ela tinha que tomar banho, jantar, dormir, para no noutro dia, levantar bem cedo, colocar o avental branco, lavado, passado, engomado, de babado e ponto bordado e começar tudo de novo.

- Muito obrigada. (Aplausos).

MÚSICA 2

Música. (Emanuela) Aquela uma. Ela adora aquela uma. Eu lembrei de uma agora. Só que vocês me ajudam. Então vocês falam psi, psi, psi. Falam porque eu não consigo.

A todo o mundo eu dou psi. (“psi,psi,psi”, repete todos)

Perguntando pro meu bem. (“psi,psi,psi”, repete todos)

Tendo o coração partido, vivo assim andar psi, sabia vem cá também. (“psi,psi,psi”, repete todos).

- **Aí que música. (Isabel).É só falar psi.**

(recomeça a música).

A todo o mundo eu dou psi. (“psi,psi,psi”, repete todos)

Perguntando pro meu bem. (“psi,psi,psi”, repete todos)

Tendo o coração partido, vivo assim a dar psi, sabia vem cá também. (“psi,psi,psi”, repete todos).

A todo o mundo eu dou psi. (“psi,psi,psi”, repete todos)

Perguntando pro meu bem. (“psiu,psiu,psiu”, repete todos)
 Tendo o coração partido, vivo assim andar psiu, sabiá vem cá também. (“psiu,psiu,psiu”, repete todos).
 Tu que andas pelo mundo, tu que tanto já voou.
 Tu que falas ao passarinho, alivia a minha dor.

A todo o mundo eu dou psiu. (“psiu,psiu,psiu”, repete todos)
 Perguntando pro meu bem. (“psiu,psiu,psiu”, repete todos)
 Tendo o coração partido, vivo assim andar psiu, sabiá vem cá também. (“psiu,psiu,psiu”, repete todos).

HISTÓRIA 2

O PAVÃO ABRE E FECHA

Quem vai eu? Então está bom. (Emanuela)
 Aproveitando que a gente cantou uma música de passarinho, vou contar a história de um pássaro.
 Era um pavão, bem grandão, que vivia pavoneando na beira do lago. E lá ficava olhando a sua imagem. Abria aquele monte de pena e olhava. Fechava. E abria de novo, e olhava e fechava. E falava:

- Sou bonito, fofinho.

Quando ele abria aquelas penas todas ele falava:

- Ah! eu sou bonito. Oh! que elegância.

Na hora em que ele olhava para os pés:

- Oh, que pezinho feio.

A hora que ele andava de novo. Ficava chateado, chateado quando olhava pro pé. Um dia ele recebeu o convite pra uma festa. E ficou naquela de novo:

- Será que a festa é boa? A festa é ruim?

Sempre precisava de uma opinião de alguém. E a hora que ele falou será que vai ser bom, será que vai ser ruim, apareceu o pardal. O pardal falou pra ele:

- Claro que é bom. Festa sempre é bom, sendo festa eu tou lá. Festa é sempre bom. Não existe ruim em festa. É sempre bom.

E o pavão gostou. Tanto que abriu aquele monte de pena e começou a ensaiar os passinhos dizendo que ele iria dançar. Quando apareceu um tangará bailarino. E começou a rir.

- Onde se viu um pavão todo desajeitado dançando deste jeito. Ah! Vai ser uma palhaçada, eu vou até nesta festa só pra ver.

E o pavão ficou triste de novo. E falou: melhor eu nem ir dançar mais. Fechou suas peninhas e lá ficou. Quando apareceu um periquito.

- Eh! Que coisa é essa seu pavão. Que essa tristeza toda.

Ele falou:

- Eu estou meio desajeitado pra dançar, sabe?

- Ah! Que nada, um bicho tão bonito que nem você. Quem vai reparar se dança bem, se dança mal. Abre suas penas e vamos embora.

E ele, depois daquele elogio, abriu suas penas de novo e foi embora. Mas, para variar, apareceu um outro passarinho. Desta vez era um Bem-te-vi. E ele falou pra ele:

- Ah! Um pavão de pena banguela.

E ele olhou e viu que havia perdido uma pena, bem lá embaixo, só faltava aquele espacinho. E de novo, fechou suas penas e foi lá esconder atrás de uma moita, morrendo de vergonha.

- Onde já se viu um pavão banguela?

E ficou lá quietinho. Só que lá quietinho, ele escutou uma conversa de dois bichos, que falavam:

- Não vejo a hora que chegue esta festa. Vai ser o que há de bonito, de gostoso. E outra coisa, comida a vontade, água fresquinha, bebida, gente dançando, encontrar os amigos de longe.

Quando o pavão olhou, ele não parou de rir. Não era um bicho bonito, nem forte, nem dançava bem, e muito menos dançava. Era um casal de urubu conversando, na maior animação porque iriam na festa. Ele olhou assim:

- Vocês deviam ter vergonha.

Eles olharam com aquela cara:

- Por quê vergonha?

- Dois feios e fedorentos deste jeito, vocês vão na festa?

Aí um urubu disse:

- Feio e fedorento. Feio e Fedorento. O que isso importa? Feio e fedorento é você. Olhe sua pena. Esse monte de pena escandalosa. Vê. Você deveria ter vergonha porque nem preto você não tem. Nós somos preto, da cor de uma noite sem luar, cor do jaguar. O seu urubu ainda completou: como assim, feio, fedorento. Isso não importa. O que importa é o recheio.

O pavão ficou pensando, pensando.

Feiúra de lixo ou beleza de artista não depende do bicho é só um ponto de vista. Cada um é diferente e o que importa é mesmo a gente.

E lá foi ele animadíssimo para a festa muito divertida.

Ainda bem. Se não, ficava naquele abre e fecha toda a vida.

Muito obrigada.

HISTÓRIA 3

FESTA DO CHAPÉU

Mas já que a Emanuela cantou uma música de passarinho e contou essa história cheia de passarinho, eu lembrei de uma história de passarinho também.

Existia uma cidade muito pequenininha. Sabe aquela cidade que existe só uma rua? Algumas casinhas de um lado, algumas casinhas de outro, só assim. E se você passa depressa a cidade acabou. Tem algumas que têm uma placa assim: Seja bem-vindo e volte sempre. É uma cidade bem pequena. Sabe o que é uma cidade pequena? O bom de uma cidade pequena é pracinha, né. Nem que seja pequenininha, com banda, às vezes uma igreja, e o passeio do povo da cidade era sentar no banco da praça. E sabe como que é assunto de gente que não tem assunto.

- Tudo bem? Como é que vai? Vai chover hoje? Acho que vai fazer calor.

É só isso. Ninguém responde mais. Um pergunta:

- Tudo bem?
- Nada. Nada não.

Tem gente que fala assim. Nem por educação responde:

- Ta bom. Ta ruim. Vai piorar. Ta tudo normal.

E nesta cidade era assim. Mas lá na praça no banco de passar, as pessoas estavam ligadas em tudo o que estava acontecendo. Tinha muito pássaro lá. Imagine você conversando e o passarinho fazendo coco na cabeça dele. E quando ia conversar todo mundo saía borrado de coco de passarinho. Era só xingando. Aí o assunto era coco de passarinho. Mancha na roupa, caía no cabelo. O povo começou a ficar bravo. Reclamar da vida e ainda ser cagado com passarinho. A situação poderia piorar. Um teve uma idéia. Um teve uma idéia: usar chapéu. Não é uma boa. Podia sentar lá, conversar debaixo da árvore e os passarinhos poderia fazer coco a vontade porque usava chapéu. Ah! Quando um teve a idéia de usar chapéu, todo mundo começou a usar chapéu. E apareceu cada chapéu diferente. E o assunto mudava:

- Oh! Chapéu diferente, bonito, que beleza. Onde você comprou? Onde você achou? (de repente estava guardado).

Já mudava um pouquinho o assunto. A cidade até que ficou mais graça depois disso. Mas o povo vivia com o chapéu sujo de coco de passarinho. Pelo menos o chapéu ficava sujo. Um dia apareceu na cidade um florista. Ele vendia flores e vendia sementes. E estava oferecendo para todo mundo. Mas ninguém na cidade quis saber. Eles gostavam mesmo era de sentar na praça de chapéu. Não queria saber de plantar, não queria saber de nada de diferente que incomodava. A medida que eles estavam bom mesmo. Ninguém quis comprar flores e nem quis comprar sementes. Ah! E não é que aquele homem que vendia as sementes saiu um pouquinho e os passarinhos comeram as sementes dele. E ele foi embora da cidade meio bravo: que além das pessoas não comprarem nada dele, os passarinhos ainda comeram. Foi embora. E o tempo passou. O tempo passou. Estava chegando a primavera. Começou a acontecer uma coisa estranha. Agora quando todos se sentavam na praça, um assustava quando olhava para o outro chegando.

- O chapéu está brotando. Olha no seu chapéu quantas flores. Olha que diferente?

E o chapéu estava brotando. Chapéu brota? Brota? (pergunta a todos)

- Não (responde D. Inês).

E todo mundo naquela cidade começou a ver que o chapéu brotava.

(conversa com seu José que volta para ouvir as histórias)

Olha só o meu chapéu brotou flores, que lindo.

Seu José começa a cantar uma música. “O meu chapéu de palha, ...no meio de paú da caboclada. Laialaia. A minha dona. Tem quebra-queixo e deixa o freguês de cama. São dois papudo que não quer que eu...”

(Aplausos)

- Vou contar a história do chapéu que brotava. E o senhor vai cantar esta música de novo. Mas só que este chapéu não cabe na minha cabeça. (risos).

(Momento de descontração em que todos passam a conversar sobre a música cantada por seu José e o chapéu colocado pela Isabel).

Vou voltar a história. Os chapéus do povo daquela cidade começaram a brotar. No começo o pessoal assustava, mas por outro lado era um assunto novo na cidade. Agora eles tinham um assunto. De que cor estava o chapéu do outro. Os jardins começaram a ficar coloridos e ninguém tinha plantado nada. Nas casas começaram a nascer flores, pés de frutas, árvores bonitas. Começaram a ter pinheiro. Até pinheiro para as crianças poderem enfeitar no final do ano. As crianças começaram a ficar animadas e começaram a achar ninhos nas árvores. Começaram a olhar os ninhos, a torcer para os filhotes que iriam nascer. Até fazer concurso na cidade para os nomes dos filhotinhos. As pessoas da cidade agora estavam mais felizes, mais animadas com este acontecimento, ficou um povo mais bonito. Ficou um povo mais bonito, já queriam conhecer mais novidades. Queriam conhecer muitas coisas. E quando prestaram atenção, já estava fazendo um ano que aquelas flores começaram a crescer no chapéu. Resolveram fazer a festa do chapéu. E sabe quem era o convidado de honra: o florista. Sabe aquele florista que tinha passado pela cidade, vendendo flores e sementes e ninguém comprou...Ele foi convidado de honra. Claro que ele apareceu. Ele apareceu para saber o que era aquela festa do chapéu. Quando ele foi para a cidade e viu tanto chapéu florido, tanta casa florida, os jardins maravilhosos, ele ficou sabendo que foi através dele, passando por aquela cidade, que foi através dele que tudo aconteceu. E o povo que reclamava tanto de coco de passarinho, né? Foi por causa disto que a cidade ficou mais bonita. De tanto coco de passarinho. Não eram eles que faziam coco. Faziam coco no chapéu, na casa, no jardim. Tudo ficou florido por causa disso.

E a gente reclama por pouca coisa, não é verdade? Não é? Muito obrigada.

DIÁLOGO

- Eu pus o chapéu na cabeça. (Seu José)
- Ai meu Deus vou ter que usar o chapéu, estou vendo que não serve. (Isabel)
- Quem manda ter cabelão. (José)
- Na minha cabeça ou na do senhor? (Isabel)
- Na cabeça sua. (José)
- Ah! Vou segurar. (Isabel)
- A minha cabeça é muito pequena. (José)
- Você acha? Então pode tentar, eu vou escolher. (Isabel)
- (Seu José cantando)

MÚSICA 3

O meu chapéu de palha,
 minha vaca parelhada,
 e o peixe
 no meio da caboclada.
 Lá no arraia
 A minha fama
 É quebra queixo e deixa o freguês de cama.
 Lá no arraia
 A minha fama
 É quebra queixo e deixa o freguês de cama.
 (Aplausos)

- A do coqueiro. Como é que é a música do coqueiro? (Isabel para a Cidinha)
- Ah! Eu não me lembro mais (Cidinha).
- Canta essa daí. (José cantando)

MUSICA 4

Tu não se lembras da casinha pequenina
 Aonde nosso amor nasceu
 Tu não se lembras da casinha pequenina
 Aonde nosso amor nasceu
 Tinha um coqueiro ao lado
 Que coitado de saudade já morreu.
 Tinha um coqueiro ao lado
 Que coitado de saudade já morreu.
 Tu não se lembras da montanha que nós andamos
 Fruto do nosso amor.
 Eu chorava todo dia

- Eh! Trem chorado. (aplausos)
- Gente está na hora,. Suzana você prepara para a gente finalizar. (Carmelina)
- Você conhece o Chora Rita. (José)
- De quem?

MÚSICA 5

- Chora Rita. (cantando – José). Chora Rita,
 Oh!chora Rita pouco fala, mas não fica.

Esta eu não sabia não. (Suzana)

DIÁLOGO

- Então a Suzana conta. Você vai cantar depois que a gente cantar no final. Combinado? (Isabel para José).
- (Seu José continua cantando. Todos o aplaudem?)
- Eu gosto da minha música. (Seu José)
- Pelo amor de Deus, ninguém merece. Da dor no ouvido.(Suzana)
- Por que eu canto muito alto? (José)
- O Sr. canta mal mesmo. (risos)
- Mas quando dói o ouvido, tampa o ouvido. (José)
- Tomou, tomou. (Isabel para Suzana).

HISTÓRIA 3**SÃO JORGE E O DRAGÃO**

Eu vou contar uma história...

- **Mas não é de velho ? (José)**
- **Não, porque de velho já chega eu. (José)**

Era uma vez um país muito bonito. Era um lugar muito bonito. Tudo muito amado, muito ajeitado. As pessoas que moravam lá eram muito feliz. Todos os homens tinham trabalho.

- **Não era que nem o Lar Betel que ninguém fazia nada. Era um bando de vagabundo. (José)**
- **Vagabundos! (Fábio)**

Era um lugar que todo mundo tinha trabalho. Os homens todos tinham que sustentar suas famílias com o suor do rosto. As mulheres viviam cantando enquanto cuidavam das suas casas. Faziam comida, lavavam roupas. E as crianças...as crianças eram muito felizes. Quando vieram das escolas elas tinham muito comida.

- **Que vida boa esta.(José).**
- **Eu estou falando que precisa comprar um patinete para ele. (durante alguns minutos há brincadeiras envolvendo José, Fábio, Cidinha e as contadoras Suzana, Isabel e Carmelina. É um momento descontraído em que aproveitam para rirem de todas as brincadeiras).**

Como eu estava contando, era um país, um reino, onde todo mundo vivia muito feliz. Porque o rei se preocupava com as pessoas. Ele sempre tinha na sua cabeça que ele poderia fazer mais. Ele poderia fazer mais e talvez para outros povos. Um dia resolveu verificar se tudo no seu reino estava realmente em ordem. Saiu bem cedo e andou por todos os lugares. E viu que realmente todos estavam felizes. Cada um com aquilo que lhe cabia. E viu que poderia

então procurar um outro país para ajudar. Já cedo, vestiu a sua armadura, montou no cavalo branco e saiu. Saiu a procura de um outro país para ajudar. Durante o dia inteiro, olhava bastante e olhava para todos os lados. E ele viu uma morada que parecia abandonada. A plantação havia sido toda queimada e não tinha viva alma pela rua. Não haviam crianças, não haviam donas de casa, não haviam crianças. E ele ficou muito preocupado com isso. E não tinha ninguém para perguntar, porque afinal de contas não havia ninguém pela rua. Continuou o seu caminho. Ele viu ao longe uma muralha. De repente, parou o seu cavalo e ficou observando. O portão da muralha se abriu. E de dentro da muralha, uma jovem. Uma jovem toda vestida de branco e com um lenço vermelho na cintura. Esta jovem caminhava e chorava. Chorava muito. Chorava que nem ela percebeu que ele estava ali. Ele então se aproximou e quis saber:

- Por que chora? O que está acontecendo com você?

E ela então contou:

- O seu país, o seu rei estava sendo ameaçado por um dragão. Um dragão terrível...que depois de ter queimado todas as plantações, depois de ter destruído todas as casas e ter espantado todo o povo. É porque todos eles tinham ido para se esconder no palácio, porque todo mundo tinha medo de sair para a rua. E o povo só fazia chorar...chorar. E o velho viu aquele povo que não tinha mais o que fazer.

Ela contou pra ele que uma forma de amansar o dragão era lhe dar ovelhas. Então todos os dias, o dragão recebia para comer duas ovelhas. Até que um dia as ovelhas também se acabaram. Não havia mais o que dar para o dragão. O velho rei então pediu a sua filha que fosse ela ao encontro do dragão para assim deixar, aquele dragão satisfeito, para deixar o seu povo em paz. O jovem então, era muito bom, muito generoso, teve piedade daquela mulher e também daquele povo que vivia fechado, sem poder viver alegremente. Ele disse para ela então:

- Eu vou ajudar.

Puxou a sua espada e perguntou:

- Aonde ele se esconde?

A juvenzinha disse:

- Está lá. No meio do lago.

Partiu em direção ao lago. E quando estava quase chegando, saiu de dentro do lago uma cabeça enorme de dragão soltando fogo pelas narinas. Ele então, sem medo, correu e enfiou a espada dentro do dragão.

- **Ave Maria! (Carmelina)**

E o dragão morreu.

- **Mas não era eu. (José)**
- Não. (Suzana).

Não sem antes de dar algumas labaredas de fogo ao seu redor. Morreu. E o rei ficou tão contente de aquele homem ter salvado a sua terra, a sua gente, que o convidou para ir viver no palácio. Ele resolveu que ia levar o dragão. Pegou o laço de fita que ela tinha na cintura, amarrou no pescoço do dragão e os dois entraram para dentro do reino levando o dragão. E foram aclamados. O velho rei ficou tão feliz vendo o seu povo salvo. E aí então, a moça perguntou para ele:

- Afinal, qual é o seu nome?

Ele disse:

- Meu nome é Jorge.

E é por isso que dizem que São Jorge é o famoso matador de dragão. Muito obrigada. (Aplausos).

MÚSICA 6

Vamos cantar então:

- Ah! Eu não lembro. (Cidinha)
- Lembra sim. (Isabel)
- (Cidinha cantando)

“Mamãe, cadê Maria?

Maria foi passear

O passeio de Maria

Faz mamãe e papai chorar”.

- lembrou! Viu que legal. Viu como você sabe. (Carmelina)

MUSICA 7

- Adeus, adeus, adeus. (Cidinha cantando)

MUSICA 9

- Viva Cidinha. (Carmelina)

“Mamãe, cadê Maria?

Maria foi passear

O passeio de Maria

Faz mamãe e papai chorar”. (canta cidinha) Eu cantava muito quando era moça.

- Você cantava onde está música? (Carmelina)
- Cantava na Igreja.

MÚSICA 8

Vamos cantar uma música:

Eu passo a vida cantando

Ai Lili, ai lili, ai lo.

Por isso sempre contente estou

O que passou, passou

O mundo gira depressa

E nestas voltas eu vou

Cantando a canção tão feliz

Que diz,

Ai lili, ai Lili, Ai lo.

(Aplausos e risos)

MÚSICA 10

Serenô eu caio,eu caio

Serenô deixai cair

Serenô da madrugada não deixou meu bem dormir

Minha vida ai

É um martírio

Navegando sem rumo e sem luz

Quem me dera ter agora

Os faróis dos teus olhos azuis.

De novo: ai,ai,ai.

MÚSICA DE ENCERRAMENTO

Vamos encerrar:

“Eu vou te contar um história, agora atenção.

Que começa aqui no meio da palma da sua mão

Bem no meio tem uma linha

Ligada ao coração

Que sabia desta história

Antes mesmo da canção.

Dá tua mão. Dá tua mão, dá tua mão”.

Até daqui a 15 dias.

2º ENCONTRO

DIA 17 DE AGOSTO DE 2005

MUSICA DE ABERTURA

“Eu vou te contar um história, agora atenção.
Que começa aqui no meio da palma da sua mão
Bem no meio tem uma linha
Ligada ao coração
Que sabia desta história
Antes mesmo da canção.
Dá tua mão. Dá tua mão, dá tua mão”. **(Repete 4 vezes)**

DIÁLOGO - FOLCLORE

(Izabel) Em que mês que nós estamos mesmo. Em qual mês? Agosto. Vocês sabem que no mês de agosto, a gente comemora um monte de coisas. Sabiam ou não sabiam? Das coisas que a gente comemora no mês de agosto.

- Dia dos Pais.
- Dia dos Pais é no mês de agosto. É no segundo domingo. Vai ser no dia 17, no domingo. Mas tem mais coisas. Tem um monte de coisas da Cultura Brasileira. Sabem o que é: o Folclore. No mês de agosto a gente comemora o Folclore. O que é o Folclore? Quem lembra?
- (Cidinha) Ai eu nem lembro porque minha cabeça anda ...

(Izabel) A gente esquece, né. Tem dificuldade de se lembrar. Folclore o que é: costumes, as tradições, música. O Brasil é um país que tem muita cultura, não é?

(Chega um novo idoso na roda)

MÚSICA DE ABERTURA

“Eu vou te contar um história, agora atenção.
Que começa aqui no meio da palma da tua mão
Bem no meio tem uma linha
Ligada ao coração
Que sabia desta história
Antes mesmo da canção.
Dá tua mão. Dá tua mão, dá tua mão, dá tua mão.”

HISTÓRIA 1

MULHER DE BRANCO

(Suzana) Eu vou contar uma história. Já que ensinou agora vou falar do folclore, né Izabel.

- Não então termine de falar.
- Pode falar você.

Eu vou contar uma...lenda. Porque Folclore tem muita lenda. Eu pensei em uma, já foi feita até música dela. Não é de assombração. Tem gente que diz que é, mas não é. Assombração também é lenda, não é, faz parte do folclore. É a mulher de branco. Que tem muito a ver com caminhoneiro, Seu Fábio.

(Fábio) com caminhoneiro.

- É.

E esta mulher, dizem que ela nasceu no fundão de São Paulo e o finalzão de Minas Gerais. Então ela era uma paulistana mineira. E esta mulher, dizem que ela era uma mulher muito rica. Tinha muito dinheiro e era avarenta.

- **Era o quê? (Isabel)**
- **Avarenta. (Suzana)**
- **Miserável. (Isabel)**

(Suzana) Viajava assim. (com a mão fechada). Era toda assim e alguns dizem que ela só aparece em sextas. E normalmente ela aparece ou na beira do rio ou beirando uma estrada. Esta mulher era casada. Casada e tinha dois filhos. E outro dia, ela se apaixonou por um outro homem que não era o marido dela. E ela resolveu seguir atrás dele. Mas como ela iria fazer para ficar atrás do homem, se ela tinha dois filhos para criar. Então um dia ela teve idéia: ela prendeu os dois filhos dentro do saco. Amarrou bem as duas boca do saco e jogou os dois lá dentro.

- **Credo!.** (Cidinha)

Para ela poder ir atrás e namorar sossegada.

- **Que horror!** (Cidinha)

O marido, que sempre viajava, porque ele era vendedor, naquele tempo se chamava. E viajava. Quando ele voltou, não achou nem os filhos, nem a mulher. Alguns dizem que o marido foi atrás dela e conseguiu achar. Outros dizem que não. Que ela procura até hoje aquele caminhoneiro que tinha sido o seu grande amor. Por isso que ela fica na beira da estrada. Ela fica na beira da estrada e ela dá sinal pras pessoas. Só que ela entra vestida assim. Quando o motorista quer ver o seu rosto, ela tira e aparece uma caveira. Uhhhhhhh!!!!!!!normalmente ela está vestida com alguma roupa que sempre tem duas cores. Branco e Preto. Azul e Vermelho. Verde e amarelo. Cada um vê uma cor diferente. E ela convida todo mundo para ir na sua casa. Quando as pessoas chegam lá na sua casa. Ela abre bem devagar o portão. Lá dentro a sua casa é o cemitério. Quando a pessoa chega, abre e vê isto ó **(faz sinal de correr com as mãos)**. Tem alguns que levam susto de morrer. Neste momento, ela dá uma gargalhada. Gargalhada, daquela de assustar. Aquela uma: ahhhhhahahhhhhahahahahahah. Eu não estou a fim de procurar esta mulher. Mas, como a gente ta no dia do Folclore, eu achei a história dela muito interessante. Muito obrigada. (Aplausos).

DIALOGO

Esta história é pra contar de noite. (Fábio)

Mas é uma lenda, né. Não sei se é verdade.

É ali no encontro de Minas com São Paulo? (Isabel)

É, Minas com São Paulo. (Suzana)

E esta que eu aprendi é da Bahia. (Isabel)

Da Bahia? (Suzana)

É da Bahia. Estamos viajado hoje.

Quem é daqui da Bahia? Você da onde é Seu Fábio? (Suzana)

Sou daqui mesmo. (Fábio).

Piracicaba. É caipira mesmo. (Suzana)

E a Sra. dona Otília. A Sra nasceu aqui?

Não eu nasci no Sítio.

Mas perto da onde? De que cidade?

Não alembro o nome do lugar.

É longe daqui

É meu marido, antes dele morrer, ele também era sitiante. Ele foi me conhecer lavando roupa.

Olha que beleza?

Daí ele falou pra mim, que queria casar comigo.

A Sra. gostava de lavar roupa?

Eu falei pra ele: eu não tenho papel nenhum como vou casar com você. Aí ele foi buscar o papel pra poder casar comigo.

Encantou o homem. (Isabel)

E a Sra. Dona Cidinha, a Sra. nasceu aonde?

Jaú.

Olha que beleza. Lá é a terra do sapato.

É sapato feminino. (Isabel)

Ah! Eu não sabia. (Suzana)

Vivendo e aprendendo. A sra. também é cultura.

A Sra. nasceu aonde Da. Isaura?

No sítio.

No Sítio, mas aqui em Piracicaba mesmo?

Lá na terra do..

E a Sra. nasceu aonde?

Capivari.

E a Sra. Da. Dali?

Pirajuí.

E a Sra.

Santos.

E você Inezinha, onde você nasceu?
No Morro do Enxofre.
No morro do Enxofre? A Izabel vai dizer que você não conhece o Morro do Enxofre.
E você onde nasceu?
Minas Gerais.
E Você aonde nasceu?
Barra Mansa.
E você?
Em Salto.
Em Salto?
Ah! Vou escrever um salto aqui hoje.
E você nasceu aonde?
Eu nasci em Araraquara.
Araraquara? Onde mora a minha filha. A minha neta é amiga da sua filha. No dia 30 agora ela vai fazer 87. ela nasceu lá no Morro Verde. O morro até já acabou.
O morro já foi, já afinou. (Suzana)
Pirassununga. Olha a terra onde ela nasceu.
Conheço.
Ah! É linda aquela terra. Não é lá perto que tem cachoeira de Iena. Que tem um peixe gostoso.
Eu nasci em Jaú. (Cidinha)
Eu tenho uma filha em Jaú. E ela vem de sapato. (Izabel)
Jaú é a terra do meu genro. (Suzana)
Ah! É verdade. (Izabel).
A cidade mais bonita do Brasil é ...(Suzana)
Divinópolis (Izabel)
São Paulo. (Suzana)
Deixa se ser mentirosa. Porque você nasceu lá.
A família do marido dela é de Jaú.

HISTÓRIA 2

A ONÇA E O BODE

FONÇE E O BODE

Vou contar uma história, que contava na Bahia. Esta história é do folclore baiano. Eu fui ler esta história, eu vi que já conhecia esta história. Era criança e conhecia esta história. Porque está no livro antigo. Lembra Suzana daquele livro que a gente trouxe, de mil novecentos e bolinha como você fala. O livro é de 1945. (...) Mas aqui neste livro que eu vi, que muitos autores, quando escreve os livros, eles mudam o final. Tem autor que as vezes gostou de alguém de um jeito, escreve. Em outro lugar do Brasil, ouviu de outro jeito, eles escrevem o final diferente. Porque eu já ouvi esta história de três maneiras diferentes. É a história de dois bichos: uma onça e um bode. HUUUUUUMMMM. A onça e o bode. A onça e o bode não se bicavam muito não. Eles mal se encontravam porque diziam que a onça saía pra caçar só à noite. Ela aproveitava a noite, quando estava escuro e para o bode a noite era ruim. Ele caçava durante o dia. **Ele é o bode e ela é a onça.** (**para os sujeitos do Lar Betel**). Mas eles tomaram uma decisão. O Bode resolveu fazer uma casa. Ele estava preocupado de ficar dormindo ao relento, por não ter um abrigo fixo para ficar. E resolveu fazer. O bode então saiu procurando um lugar para fazer a casa, achou...achou um lugar bonito. Cheio de árvore por perto. Ele então resolveu limpar. Limpou o lugar, tirou as folhas, tirou os bichos, deixou tudo bem limpinho. Já no ponto de começar a colocar madeira. O bode tem que descansar também. Ele também tem que dormir. Trabalhou o dia inteiro e foi descansar. Mas a noite a onça acorda,né. A onça também queria arrumar um lugar fixo para morar. Fica morando aqui e ali, né. Queria um lugar fixo.

- Não é o sonho de todo mundo ter casa própria?

Foi procurar o lugar. E achou aquele lugar que o bode havia limpado. Opa. Este lugar aqui está no jeito. É um lugar limpo. Vai ser muito fácil construir a casa. Já tem terreno, limpo, plano e a onça trabalhou pegando madeira. E com um monte de madeira já empilhou em cima do terreno, já no ponto de fincar estaca. Mas também foi descansar porque estava amanhecendo. Quando amanheceu, o bode voltou pra começar a pegar madeira. Logo que ele chegou naquele terreno que ele tinha limpado: tinha um monte de madeira lá. Puxa, será que alguém está querendo me ajudar? A madeira já estava lá. Agora era só começar a fincar estaca, não é. O bode ficou fazendo o local todinho, marcou o lugar. Quando já estava no ponto de por madeira lá em cima, já estava no ponto de começar a por madeira pro telhado. Logo ia poder se mudar. Então deixou pra trabalhar no outro dia. Então a noite a onça voltou. Quando

ela chegou, estava tudo pronto. As estacas estavam no lugar, toda a madeira colocada. Só faltava colocar no telhado. Como é que chama aquilo que a gente coloca em cima da planta? Taipa, casa de sapé, ou outra coisa assim. E a onça então colocou, tudo no capricho. E daí ela parou e falou: amanhã eu já posso vir com a mudança e instalar na minha casinha. Mas o dia amanheceu e veio o bode. Quando chegou lá estava tudo pronta, com telhado e tudo. Era só se mudar. E o bode levou tudo que ele tinha e se instalou na casa. Estava lá, tranquilão, agora ele tinha um lugar fixo para morar. Mas à noite quem veio? A onça veio com as suas tralhas todas para a casa que havia feito. E assim que chegou quem estava lá dentro? O bode. Imagine a fera que a onça ficou. Chegou na casa dela e tinha um intruso lá dentro.

- O que você está fazendo dentro da minha casa?
- Oh! Espera aí. Sua casa. A casa é minha.
- Ah! Que sua, fui que encontrei o terreno.
- Ah! Fui eu que amarrei a madeira.
- Ah! Fui que levantei isto
- Ah! Fui eu que pus o telhado.

Começaram a discutir quem era o verdadeiro dono da casa. Numa história que eu ouvi, sabe o que dizia no final: dizia que os dois foram brigando tanto, foram discutindo quem tinha feito o quê, que um foi desmanchando o que tinha feito até acabar com tudo. No final da história ficaram sem casa.

Outra história que eu li, tinha outro final. Dizia que os dois fizeram uma tentativa de morar junto. Também tava certo. Os dois tinham contribuído para a construção da casa de alguma forma. Vamos tentar. Os dois resolveram tentar. Ih! Mas viviam desconfiado do outro. Sempre de olho, um aberto e um fechado, de orelha em pé. E combinaram que cada semana um saíria para caçar. Na primeira semana foi a onça, e ela queria impressionar o bode. Ela trouxe um belo de um cabrito e deixou o bode morrendo de medo. O bode ficou com medo que mal conseguia falar. Mas na outra semana era a vez do bode. Ai ele pensou: como ele iria impressionar a onça. E mas ele nunca caçou, mas ele teve muita sorte. Ele encontrou no meio da floresta, uma onça abatida por um caçador. O caçador tinha dado um tiro nela e tinha largado lá no meio do mato. E o bode quando viu aquela onça arrastou até a casa. Quando a onça viu a outra onça enorme:

- Como você conseguiu?

Mas o bode não podia contar a verdade, né? Ele não ia se humilhar diante da onça, ele não iria contar a verdade. Ele inventou a história.

Quem tem um anel grande para me emprestar? Só pra história.

Sabe o que o bode falou? Que arrumou um grande anel mágico e colocou o dedo e apontou pra onça. A onça sobre o poder daquele anel, só apontar pra onça, a onça desmaiou. A onça que nunca tinha ouvido falar disso acreditou. Ela não podia falar isto daqui, e o bode dizia: eu aponto o dedo. Se a onça reclamava um pouco o bode: Oh! Eu aponto o dedo. A onça não agüentou e decidiu ir embora. Preferiu ir embora do que passar o resto da vida com medo daquele bode apontasse o dedo pra ela. E diz que a onça sumiu, nunca mais voltou e o bode sozinho curte a casa até hoje lá. Este foi o final que eu ouvi.

REINVENTANDO O FINAL DA HISTÓRIA

Mas a gente também podia fazer um final, não podia? O outro final: eles tentaram viver juntos, mas no final o bode com anel ficou sozinho. Mas podia ter outro final, não podia?

Como que poderia terminar esta história?

Eles casaram e viveram felizes para sempre. (Cidinha)

O bode e a onça casaram. Mas este é o seu final. Eles se apaixonaram e passaram a viver. É outro final. Pode tudo. Na história pode tudo. Como é que poderia ser também? Eu perguntei pras crianças da escolinha e um falou: é só dividir os quartos. Pra não dar briga cada um vivia no quarto. Mesmo assim eu brigo com o meu irmão. Aí outro falou: era só um construir uma outra casa e poderiam ser vizinhos. Cada um na sua casa. Pode ser o final também. As crianças falaram isto também. E ficaram alimentando a história. Porque se a gente lê cada final diferente a gente também pode inventar. Vamos inventar um final diferente para esta história. Só com a Dona Cidinha no casamento da onça com o bode, na cabeça dela dá certo. Que será que a gente poderia por no final da história. O Sr. Fábio o que o Sr. acha que a gente poderia por?

- O bode viveu com a onça e tirou o anel para ele não ficar com medo.

Mas alguma idéia para o final da nossa história. Porque cada um ouve de um jeito e conta de um jeito. Por isso que em cada lugar é sempre a história contada diferente.

E depende dos interesses.

Também, né.

Porque a história vem da nossa imaginação. A gente pode fabricar a nossa história. Basta a gente imaginar.

Agora eu vou fazer que nem a onça e o bode. Ou que viveram felizes para sempre ou cada um na sua, só sei que a história é assim, foi assim que eu ouvi. Quem quiser que conte outra.

Conta a Sra. uma história Dona Ordalina. (Isabel)

HISTÓRIA 2 - PIADA

Antes de contar a história eu vou contar uma piadinha. Tinha dois meninos, era o Joãozinho e o Jesus. Tinha um pé de manga que era muito alto e só nas pontinhas tinha manga madura. Aí o Jesus falou para o Joãozinho: Vamos pegar aquelas mangas.

- Ah! Vamos.
- Então sobre sobe você João.
- - Sobe você Jesus.
- Olha João eu subo. Mas eu quero empréstimo se eu pro céu eu quero o seu chinelo.
- Ah! Jesus. Minha mãe comprou hoje. Toma muito cuidado senão morre e fica ruim pra mim.
- Ta bom.

Mas Jesus falou: não se esqueça de gritar, se alguém vem vindo, você grita que eu desço.

Daí Jesus subiu no mangueiral e quando estava lá pegando as mangas, vinha vindo o padre.

Daí o Joãozinho começa a gritar:

- Desce Jesus! Desce Jesus! Desce Jesus! (risos)
- O padre correu. O que acontece com você meu filho.
- Ai padre. Eu só estou falando pra Jesus descer.
- Não filho, quando Jesus sobe, ele não desce nunca mais.
- Meu chinelo....(risos)
- Deixa filho, se o seu chinelo está no céu, agora o padre vai e compra outro pra você.

E Joãozinho se aquietou.

HISTÓRIA 3

HISTÓRIA SEM FIM

Ela quer que eu conte a história sem fim, faz tempo que eu não conto vou ver se eu me alembro.

Uma vez tinha um rei que tinha uma filha, ele tinha só aquela filha.

- **Ele tinha o que bem? (Cidinha).**
- Uma filha.

Daí ele falou assim: só vai casar com a minha filha, o rapaz que contar uma história sem fim. Aí espalhou a notícia daquele lado e começa vim rapaz de tudo quanto era lado. E foram formando aquela fila. Daí começaram a contar pro rei. Vinha um, contava um dia só, a história acabava, ia embora. Outro, contava uma duas, três horas, a história acabava e ia embora. Outro contava três dias, a história acabava, ia embora. Foi indo que acabou, não tinha rapaz nenhum pra contar história. E tinha um rapaz que trabalhava na fazenda do rei, muito pobrezinho, que resolveu contar história. Agora que não tem mais, eu vou ficar com a moça. Agora que não tem mais ninguém eu vou contar a história sem fim. Ele chega na casa do rei, bate palma, o rei sai:

- O que você quer?
- Casar com sua filha. Eu vou contar pro senhor a história sem fim.
- Você?!!!
- É sim.
- Você vai tentar, mas se você não contar eu vou mandar amarrar você naquele tronco e descer o coro até matar.
- Combinado Rei. Quando começo?
- Ah! Começa hoje, às 7h. das 7h às 10h. São três horas todas as noites.

Quando deu às 7h ele foi lá no palácio e esperou o Rei:

- Pode sentar.
- Rei, eu tenho um parente, que ele tinha tanta terra, tanta terra, que você olhava, era só terra que não tinha fim. E ele inventou de plantar arroz naquela terra. Aí ele mandou vir um trator. Mas tinha trator em tanto lugar daquela terra. Aí o trator vai trabalhar. Vai trabalhar. Aí ele pega o caminhão começa a trazer arroz no saco e pondo ali. E pede que todos os homens da roça que pudessem plantar arroz que fizesse naquela

máquina. Ai ele foi plantando. E o trator tava lá na terra. E ele começou a plantar. Aquele primeiro arroz, já começou a crescer. E era mais terra pra plantar.

Aí chegava às 10h, ele ia embora, noutro dia ele contava, aí ele começava.

- E pra por aquele arroz quando colher? Aí quando caminhão de tudo lado trazendo o material, os pedreiros começam a fazer a Igreja. Imensa, tão grande. Que eu vou por arroz tudo na colheita. Daqui a pouco está tudo no ponto de colheita, mas é tudo arroz. Chegou a colheita, ele pede que venham os homens que saibam colher arroz. Aí ele pede que venha um caminhão para pegar aquele arroz colhido e levar na porta de um armazém para guardar lá dentro, porque a porta do armazém era deste tamanhozinho. Só cabia duas formiguinhas com arroz na costa. Ponhava o arroz em cima da costa e levava. Aí começava assim: uma entra e outra sai, uma entra e outra sai, uma entra e outra sai, uma entra e outra sai. Daí terminou. O tratou terminou, foi embora. Os pedreiros também foram embora. Os homens terminou de plantar o arroz. Agora eles vão colher. E vai colher até quando, todo esse arroz. E o caminhão levava até a porta do armazém e as pessoas que vinham vindo: uma entra e outra sai, uma entra e outra sai, uma entra e outra sai. Bom, e o arroz ainda tinha mais da metade pra colher. Quando que vai terminar esta colheita? E era saco que vinha e não terminava a colheita.

Ele chegava no outro dia, sentava e começava:

- uma entra e outra sai, uma entra e outra sai, uma entra e outra sai...

Aí o Rei começou a dar sono. Já não queria ficar ouvindo mais. Ele dormia, acordava e o rapaz ali:

- uma entra e outra sai, uma entra e outra sai...

Quando foi um dia, o Rei não agüentava mais. Aí ele falou:

- Escuta, mas até quando você vai uma entra e outra sai, uma entra e outra sai...
- Ih! Rei, eu estou começando agora. Até que as formiguinhas ponham tudo aquele arroz lá dentro. E depois elas vão tirar pra eles poderem levar para vender. E então: uma entra e outra sai, uma entra e outra sai...
- Ah! Moço, se quer saber de uma coisa. Você pode casar com a minha filha amanhã mesmo porque uma entra e outra sai eu não agüento mais. (risos).

Ta vendo. Era difícil pra memória? (Suzana).

MÚSICA 1

Vamos tocar uma musiquinha agora só pra terminar.
Eu aprendi quando estava no Jardim de Infância.

“ Eu fui morar numa casinha-nha,nhá
infestada-da, de cupim-pim-pim
saiu de lá-lá-lá, uma lagartixa-xa
Olhou pra mim, olhou pra mim e fez assim
Glu-Glu.

“ Eu fui morar numa casinha-nha,nhá
infestada-da, de cupim-pim-pim
saiu de lá-lá-lá, uma lagartixa-xa
Olhou pra mim, olhou pra mim e fez assim
Glu-Glu.

“ Eu fui morar numa casinha-nha,nhá
enfeitada-da, de cupim-pim-pim
saiu de lá-lá-lá, uma lagartixa-xa
Olhou pra mim, olhou pra mim e fez assim
Glu-Glu.

MUSICA 3

A mulher do monte, quando vai à vila
A gente tem que ensaiar bastante para cantar porque
olha!.

MÚSICA 5

Ciranda, cirandinha,
Vamos todos cirandar...
Vamos dar à meia volta, volta e meia vamos dar.
O anel que tu me destes era vidro e se quebrou
O amor que tu me tinhas era pouco e se acabou.

MUSICA 2

Alguém conhece uma música que chama a Mulher do
Monte. (Isabel)
Ave Maria! (Suzana)
Eu acho que combina com a mulher de branco. (Isabel)
A Mulher de quem? (Suzana)
Do Monte.(Isabel)
Será que não é eu? (risos) (Suzana)

MÚSICA 4

Eu fui no Itororó
beber água não achei.
Achei bela morena
Que no Itororó deixei.
Aproveita minha gente
Que uma noite não é nada
Se não dormir agora
Dormirá de madrugada
Ó Mariazinha
O Mariazinha
Entrará na roda
E ficará sozinha
Sozinha eu não fico
Nem hei de ficar
Porque tenho o Chico
Que será meu par. **(Bis)**

Olha essa é do nosso tempo, hein! (Isabel)

Ciranda, cirandinha,
Vamos todos cirandar...
Vamos dar à meia volta, volta e meia vamos dar
Por isso Dona Maria entre dentro desta roda
Diga um verso bem bonito, diga Adeus e vá se embora.

Essa também é. É do nosso tempo não é Dona Cidinha? (Suzana)

VERSO 1

Ah! Deixa eu dizer um verso. É um verso que eu ensinei pra minha neta. “Eu sou pequenininha, de perna grossa, vestido curto, papai não gosta”.

VERSO 2

Quem sabe a da batatinha:

Batazinha quando nasce, se esparrama pelo chão. A menina quando dorme, põe a mão no coração. Eu pedi um copo d'água, me trouxeste na caneca, isto mesmo que eu queria, cinturinha de boneca.

Tem mais um versinho. Quem quer falar mais um verso. Vai lembrando:

MÚSICA 6

Marcha soldado, cabeça de papel, quem não marcha
direito, vai preso no quartel, o quartel pega fogo, Polícia
deu sinal, acuda, acuda, Bandeira nacional.

E você (Gerson) não sabe nenhum aí? (Ordalina).

Marcha soldado, cabeça de papel, quem não marcha
direito, vai preso no quartel.

MUSICA 7

Coloca música:

Marcha soldado, cabeça de papel, quem não marcha direito, vai preso no quartel, o quartel pega fogo, Polícia deu sinal, acuda, acuda, Bandeira nacional. Um, dois. Um dois, Um, dois. Um dois , feijão com arroz. Três-quatro- feijão no prato, Cinco-Seis- Feijão inglês, Sete-Oito – comer biscoito, nove-dez, comer pastel.

Marcha soldado, cabeça de papel, quem não marcha direito, vai preso no quartel, o quartel pega fogo, Polícia deu sinal, acuda, acuda, Bandeira nacional. Um, dois. Um dois, Um, dois. Um dois , feijão com arroz. Três-quatro- feijão no prato, Cinco-Seis- Feijão inglês, Sete-Oito – comer biscoito, nove-dez, comer pastel.

MÚSICA 8

Dona Maria que dança é essa que a gente dança só”.

- Olha que rebolado, nossa. (Suzana para Isabel)

- **Vamos ver. (Isabel).**

Dona Maria que dança é essa que a gente dança só .
Dona Maria que dança é essa, é carimbó, é carimbó
Só agora eu me perdi...”.

Bate na mão, bate no pé

Bate na mão, bate no pé

Dona Maria que dança é essa que a gente dança só .

Dona Maria que dança é essa, é carimbó, é carimbó

Braço para cima, braço pra baixo

Agora já sei como é que é.

Só falta bater a mão .

Batendo também o pé

Só falta bater a mão ,

Batendo também o pé”.

- Ahhhhêêêêêêêêêê. (Aplausos).

MÚSICA DE ENCERRAMENTO

Tchau, Tchau, Tchau, para casa agora eu vou

Tchau, Tchau, Tchau, o meu beijo eu vou dar.

Tchau, Tchau, Tchau, outro dia eu vou voltar.

Daqui a 15 dias nós nos vemos novamente. Se Deus quiser.

3º ENCONTRO

CONTADORES DE HISTÓRIA LAR BETEL (PIRACICABA)

DIA 31 DE AGOSTO DE 2005

MUSICA DE ABERTURA

“Eu vou te contar um história, agora atenção.
Que começa aqui no meio da palma da sua mão
Bem no meio tem uma linha
Ligada ao coração
Que sabia desta história
Antes mesmo da canção.
Dá sua mão. Dá sua mão, dá sua mão, dá sua mão”. (2x)

HISTÓRIA 1

POR QUE O GALO CANTA DE MANHÃ?

Já que a gente está comemorando o aniversário da Dona Inezinha.

(Suzana)

Acho que muita gente aqui já se perguntou por que é que o galo canta de manhã, não é verdade? Todo mundo sabe que o galo canta de manhã. Não é?

Ele quer cantar. (Cidinha)

- - Alguém aqui sabe imitar galo. (Suzana).
- (Suzana imita o galo) Como faz o galo. “Cucurucuuuuuu”. Eu adoro cantar de galo.

Mas diz que há muito tempo antes, havia um galo diferente. E o galo, ele não cantava cedo não. Ele cantava a hora que ele quisesse cantar. Se ele quisesse cantar de manhã, ele cantava. Se ele quisesse cantar à tarde, ele cantava. Se ele quisesse cantar à noite, ele cantava. Teve uma vez, o leão fez uma bela festa de aniversário. Como Rei da Floresta ele podia fazer uma enorme festa. Convidou todos, do menorzinho ao maior. Todos eles foram. Não faltou nenhum bicho. O leão então, pra saber se todos estavam na festa, tinha feito uma grande lista, com o nome de todos os bichos. E começou então: olhava, e apontava. Olhava e apontava. Olhava e apontava. ...Depois de um longo tempo, depois que ele passou toda a fila de bichinhos, havia um que não estava ali. Conseqüentemente, não tinha ido à festa. Ele ficou muito, mas muito bravo. E resolveu ir tomar satisfações.

- Onde já se viu aquele velho galinho faltar a festa do Rei dos animais?

Ele queria saber por que é que o galo não tinha ido à Festa. Chegou na casa do galo. Bateu. O galo abriu.

- Quero saber, disse o leão, por que é que você não foi a minha festa de aniversário. Tomei isto como uma desfeita pessoal.
- IIIIIIIIIIhhhhhhhhhhhh. O galo batia as pernas, tremia. Eu ia tarde, sua majestade. Mas eu perdi hora.
- Perdeu hora?
- Perdi hora. Pensei que ia dar tempo. Dormi demais.

O galo então procurou dar todas as desculpas possíveis. Imagine! Ele não tinha ido à festa. Ele tinha sido o único que tinha faltado. E o leão então decretou. Porque o leão é aquele que decreta a toda a selva.

- A partir de hoje, ele nunca mais vai perder hora. Porque você vai ter uma grande missão. Cantar, antes que o sol nasça.

Nossa. Foi a desgraça da família dos galos. Tanto é que até hoje todos os galos levantam antes que o sol nasça.

- **Ainda bem que eu não nasci Galo se não eu teria que levantar cedo. (Isabel).**

Mas você sabe... que a história não parou por aí. Todo mundo achou que o galo com esta meta, ia se emendar. Ele até que tentou. Mas seu primo, seu primo que era o galo carijó aprontou uma terrível, terrível. (risos). Todos os dias ele batia asas, cantava, e o sol nascia. Todos os dias ele batia asas, cantava, e o sol nascia. Mas um dia, ele também perdeu hora. Quando ele acordou, ele viu que o sol já havia nascido. Neste dia, o galo se suicidou. O galo se suicidou porque onde já se viu o sol nascer sem ele ter batido as asas

- **Credo! (Cidinha).**

Viu, o galo. O galo carijó. Olha que trágico. Ele não aceitou o sol nascer sem ele ter cantado. Ele tinha assumido tão esta história de cantar antes do sol nascer, que ele não aceitou. Ele até hoje é um caso raro de suicídio animal. Porque onde já se viu o galo não se conformar de o sol ter nascido e ele não cantar.

- **Mas se isto aconteceu com o galo, então ele superou. (Isabel)**

- **Verdade!” (Suzana)**
- **Superou isto e virou até poeta. (Isabel)**
- **Eu não acredito! (Suzana)**
- **Aquele do Rubens Alves. (Isabel)**
- **É. Tinha uma visão. Será que ele podia. Mas eu acho que esta história do galo é uma boa história pra gente pensar. Não é verdade? Porque vai que resolva mudar as coisas. Já pensou: se todos nós dependêssemos do cantar da Isabel para o sol nascer. (Suzana)**
- **Por quê eu? (Isabel)**
- **Já pensou que hora o sol ia aparecer. Mas então vamos pensar bem nisso. Esta é a história do galo. Este galo deu pra gente falar bastante. Muito obrigada. (Aplausos).**

MUSICA 1

“Faz três noites que eu não durmo lá-lá
 Pois perdi o meu galinho, lá-lá,
 Coitadinho lá-lá, Pobrezinho, lá-lá
 Eu perdi lá no jardim
 Ele é branco e amarelo, lá-lá
 Tem as cristas bem vermelha, lá-lá
 Bate as asas, lá-lá, abre o bico, lá-lá
 Ele faz pirim-pim-pim.
 Continua:

“Faz três noites que eu não durmo lá-lá
 Pois perdi o meu galinho, lá-lá,
 Coitadinho lá-lá, Pobrezinho, lá-lá
 Eu perdi lá no jardim
 Ele é branco e amarelo, lá-lá
 Tem as cristas bem vermelha, lá-lá
 Bate as asas, lá-lá, abre o bico, lá-lá
 Ele faz pirim-pim-pim.
 Bate as asas de novo” (Isabel)
 “Bate as asas, lá-lá, abre o bico, lá-lá
 Ele faz pirim-pim-pim”.

Muito bem (aplausos)

Será que alguém lembra mais alguma outra música de galo? Não. Qual que é a próxima música.(Suzana)

MUSICA 2

“ Fizemos a última viagem
 Foi lá no sertão de Goiás
 Fui eu e o Chico Mineiro
 Também foi um capataz
 Viajemo muitos dia
 Pra chegar em Ouro Fino
 Aonde nós passemos a noite
 Numa festa do Divino.
 A festa estava tão boa
 Mas antes não tivesse ido
 O Chico foi baleado
 Por um homem desconhecido
 Larguei de comprar boiada.
 Mataram meu companheiro,
 Acabou-se o som da viola
 Acabou-se o Chico Mineiro.
 Depois daquela tragédia
 Fiquei mais aborrecido.
 Não sabia da nossa amizade
 Porque nós dois era unido.
 Quando vi seus documento
 Me cortou o coração
 De sabe que o Chico Mineiro
 Era meu legítimo irmão”.
(Aplausos)

HISTÓRIA 2

DONA JOANINHA

E aniversário da Dona Inezinha. Já contaram para a gente. Daqui a pouco a gente vai cantar pra todo mundo. Eu tinha como contar esta história. Já que não entendo de galo, mas tem um outro bichinho que foi na festa do leão. Agora fiquei em dúvida.

- **E como chama o bichinho? (Cidinha)**
- O bichinho que foi na festa do Leão: Dona Joaninha. (risos).

Eu conto da Dona Joaninha ou do pintinho.

Já que a Suzana contou da Festa do Leão, ela contou que o Leão fez aniversário, não é isso? E convidou todos os bichos para ir na festa. Todos os bichos também incluíam os insetos. Por que o leão não é o rei de todos os animais? Mas tem os bichinhos pequeninhos que também foram pra festa. Entre eles a Dona Joaninha.

- **Dona Joaninha já saiu daqui. Ela foi fumar de novo.**

Então, a Dona Joaninha recebeu o convite pra ir também na festa do leão. Que todo mundo tinha que ir. Ele é o rei. Imagina? Viu que aconteceu com o galo que não foi, teve castigo. Imagina se a Dona Joaninha não fosse. Mas ela

nem precisava de convite, não. Ela era muito animada. Ela gostava de festa. Porque ela gostava muito de comida. Mas outro detalhe: ela também queria ser a mais bonita de todas. E a Dona Joaninha queria ser vista e poder conversar, poder paquerar. E logo ela começou a se arrumar para a festa do Leão. Ela queria colocar tudo o que ela tinha de bonito. Começou a procurar; sabe o que ela pegou primeiros: as flores para o cabelo. Ela pegou flores para o cabelo e colocou. É flor natural de laranjeira. (colocando no cabelo). Mas ir só com isto aqui estava muito simples, não estava? Podia se arrumar mais um pouco, não podia? Vamos ver se tem mais coisas pra colocar. A pulseira dela. De pérolas. Olha que bonito. Olha que bonito.

Oi esta chegando mais um pra festa. Prazer Isabel

- **Ademar Toledo.**
- **Ademar Toledo. Prazer Izabel. Vem pra festa também. Vai ter baile. Aí ele vem pra festa você viu. Pode sentar aqui que você fica bem.**

E a Dona Joaninha colocou a pulseira, mas achou simples. Ninguém vai enxergar. Queria por mais alguma coisa. Ela achou uma echarpe que ela tinha dourada, era importada. É muito chique. **Não é da loja de R\$ 1,99, não.** Daí ela ficou mais bonita ainda. **Está bonita ou não ta?** Ela só sentiu que tava faltando alguma coisa. Aquele dia tava muito quente. Era a oportunidade que ela tinha de usar algo que ela adorava. Agora sim. Tava muito chique. **Cigana. Estou parecendo cigana? Ele falou que eu estou parecendo uma cigana. Mas está bonita agora, fale a verdade.** Mas pra pegar um leque bonito deste. Sabe de onde que é o leque? Da Itália. É chique no último. Agora o leque é da Itália- Veneza. Olha que chique. Até a flor que eu falei que era verdadeira, de Flor de Laranjeira. É muito fino, do melhor. Agora ela tava bonita pra ir pra festa. Podia ir. Só morria de medo de cantar a música da festa. Tem que ir batendo palmas pra me ajudar. E o violeiro? Olha tem que me ajudar. É assim:

“ Eu vou pra festa, que a festa é boa
Eu vou pra festa, que o tempo voa.
Eu vou pra festa, vamos dançar.
Que o melhor da festa, é nela estar”.

E foi lá Dona Joaninha como a mais linda de todas as mulheres. Vocês pensam que ela era boba. Ela era espertinha. Queria arrumar namorado. Mas assim que ela passou na casa da sua amiga, Dona formiga. A Dona formiga, sabe o que ela estava fazendo lá. Varrendo, varrendo, varrendo, varrendo...”. Quando ela viu a Dona Joaninha bonita, ela não sabia pra onde ela ia. Temos que todo mundo ir pra festa. Você tem que ir. A Dona Formiga tinha muita coisa pra fazer. Não tinha terminado a limpeza. A dona formiga disse que não tinha como se aprontar. A Dona Joaninha decidiu então emprestar.

A Sra. é a Dona Joaninha. A gente vai pra festa. Como é que é:

“Vamos pra festa, que a festa é boa
Vamos pra festa, que o tempo voa.
Vamos pra festa, vamos dançar.
Que o melhor da festa, é nela estar”.

Muito bem. Porque a Dona Joaninha mais a Dona formiga foram pra festa. Mas de repente elas ouviram alguém chamando:

- Ei, aonde vocês vão bonitas deste jeito.

Era a aranha. A aranha estava fazendo a sua teia lá no alto da árvore e viu as duas assim bonitas. Dona Joaninha mais que depressa.

- Dona Aranha, a senhora não vai na festa do leão, ele está esperando e ninguém pode faltar. Olhe bem.
- Ah! Mas eu não vou poder ir não.

A Dona Aranha falou que aquele mês ela tinha gastado muito. Não tinha sobrado dinheirinho pra comprar um vestido, pra comprar uma roupa nova. Ela não podia.

- A Dona Aranha, não pode faltar não. Vamos todo mundo.

Ai a dona Joaninha pensou um pouco. Eu tenho uma pulseira aqui. Eu posso emprestar. Porque sabe que a Dona aranha tem um monte de braços, né. A Dona Aranha era louca pra usar pulseira, porque ela tinha um monte de braços.

- Ah! Agora sim.

Agora estavam as três assim bonitas. Dona Joaninha, Dona formiga e Dona Aranha. E foram as três pra festa. Vamos pra festa.

“Vamos pra festa, que a festa é boa
Vamos pra festa, que o tempo voa.

Vamos pra festa, vamos dançar.

Que o melhor da festa, é nela estar”.

Agora as três estavam prontinhas pra festa, né. E as três iam cantando, conversando, se divertindo, quando escutaram outra voz:

- Ei, não pisa aqui.
- Quem será?
- Pode parar. A Dona minhoca.

A dona minhoca subiu um pouco pra tomar ar e quase foi pisada pelas três.

- Ei, o que vocês estão fazendo?
- Calma, Dona Minhoca. Nós estamos indo pra festa. Vamos.
- De jeito nenhum, eu não tenho tempo pra isto, eu trabalho muito. Eu não vou.
- O leão falou que era pra ir todo mundo.
- Ah! Eu não vou. Porque eu não tenho dinheiro pra se arrumar, vocês estão prontas.

E a minhoca não queria ir. E a Dona Joaninha então pensou em colocar o echarpe na minhoca.

- Olha como ficou lindo. **(colocando o echarpe em uma participante do asilo).**

E a minhoca resolveu então ir pra festa com a Dona Joaninha, a Dona aranha e a Dona formiga. E quem mais mesmo: a Dona minhoca. Agora estavam todas cantando:

“Vamos pra festa, que a festa é boa
Vamos pra festa, que o tempo voa.
Vamos pra festa, vamos dançar.
Que o melhor da festa, é nela estar”.

E elas estavam bem contentes pra ir pra festa quando escutaram um gemido. Um gemido de alguém que estava ruim. Mas era um gemido. Era a tartaruga. Estava até sem fôlego, num calor. Quando ela viu que estava todo mundo indo pra festa, ela não queria nem vir. Logo a Dona Joaninha chamou. Mas ela falou que estava um calor, que não tinha condições de ir pra festa. A Dona Joaninha não pensou duas vezes. A senhora não está nem trabalhando. Vamos todos juntos.

“Vamos pra festa, que a festa é boa
Vamos pra festa, que o tempo voa.
Vamos pra festa, vamos dançar.
Que o melhor da festa, é nela estar”.

E a turma toda a Dona Joaninha, a Dona formiga, a dona aranha, a dona minhoca e a dona tartaruga, todas elas seguiam cantando, passeando, Dona Joaninha percebeu então que..pra gente se divertir, pra gente ter alegria e ter amigos, não tem que se enfeitar. O melhor mesmo é a gente ter o brilho nos olhos, um sorriso, um coração bem amigo pra todo mundo. Que foi isto que a dona Joaninha sentiu. Que tudo que ela falava realçava em seu olhar, realçava em seu sorriso e todo mundo gostava dela. E a dona Joaninha só descobriu isto, fazendo as suas amigas muito felizes. Muito obrigada. (aplausos).

Vai cantar Manu. (Isabel)

Vamos ouvir mais uma história. (Suzana)

A gente não ia cantar a música da minhoca. (Isabel)

(Suzana) Ah! Vamos cantar pra eles. Esta música esta no primeiro lugar da parada de sucesso das escolas de Piracicaba. A molecada gosta. A gente precisa fazer assim, oh. Todo mundo com o dedinho assim. Isso!

MUSICA 3

“Minhoca, minhoca, me dá uma beijoca
Não dou, não dou,
Então eu vou voltar.
Minhoco, minhoco, você é mesmo louco
Beijou o lado errado
A boca é do outro lado”. (riso e aplausos)

HISTÓRIA 3

A NUVEM E A DUNA

Você vai contar. (Isabel)

Claro eu vou contar uma história. (Manu).

Vou contar uma história de amor. Lá pros lados do Mar Mediterrâneo, lá longe, porque lá nasceu uma nuvem, uma nuvem. Mas nem deu tempo de ela nascer, ela foi levada pra longe. Lá do lado da África. Uh!. O vento tava muito forte. E lá, o vento continuou soprando, continuou soprando, continuou soprando, Em cima de alguns lugares da África ele decidiu parar. Lá tinha umas dunas, muita areia. O vento era muito forte. E era muito bravo que ia levar até a África. Mas a dona nuvem, muito jovem, muito jovem, olhou pras dunas e gostou. E lá resolveu ficar. O que aconteceu? Deixou o vento ir embora e lá ficou. O vento até chorou:

- Oh! Nuvem, vamos, se junta a nós pra fora daqui. Vamos embora pra floresta.

Não. Ela não quis. Ela queria ficar com as dunas.

(Isabel) – O que é o amor, não.

E ela ficou lá. E foi vivendo, foi vivendo. E deixou se levar pela brisa e lá ficou. E percebeu que uma das dunas olhava pra ela sorrindo lá embaixo, e resolveu se aproximar. Perto da duna chegou e perguntou:

- Como é viver aí embaixo?

E a duna respondeu:

- Ah! Aqui embaixo, tem o sol, tem o tempo, as caravanas passam por aqui. Às vezes é bem calor. E aí em cima, como é que é?

- Aqui em cima tem sol, também tem vento, não tem caravana, mas tem vento. O vento basta ele chegar que eu vou pra onde quiser.

Mas a essa hora a duna desistiu. Porque lembrou que quando o vento vem, ela se desfaz e morre. E contou pra nuvem.

_ Ah! Você quando o vento vem, você vai pra onde você quiser. Vai pra outro continente, pra outros lugares. Mas eu, eu morro.

E a nuvem ficou triste. Porque sabia que se o vento levasse ela pra floresta. Lá ia chover, e também ela ia morrer. Mas a duna falou, que pra ela, se viesse a chuva...havia até uma lenda que dizia que quando a chuva vinha, a chuva era de Paraíso. E quando a chuva caía nas dunas, as flores nasciam, as folhas apareciam e tudo se transformava num paraíso. Então a nuvem resolveu se preparar.

- Desde que eu te vi lá de longe, eu me apaixonei por você. E gostaria de te mostrar o paraíso. Então, o que você acha de chover.

E a Duna falou:

- Não, se chover a gente vai morrer.

Mas a nuvem não queria saber.

- O amor, nunca morre. Ele apenas se transforma. E eu vou te transformar num paraíso. E assim nós continuaremos juntos pra sempre.

E foi o que aconteceu. A nuvem atraiu a chuva, durante muito tempo choveu, até que veio o arco-íris. No outro dia quando amanheceu, as dunas estavam cheia de flores. E ela continuava lá. E o tempo passou mais um tempo e a Duna se transformou numa árvore. Onde as pessoas chegavam e lá ficavam. E tudo isso aconteceu, o oásis nasceu, porque um dia uma jovem nuvem não teve medo de dar sua vida por causa do amor. Muito obrigada.

(Aplausos).

MUSICA 4

Que bonito a história, né. (Isabel)

É o amor, é o amor! (Suzana, canta em ritmo de Zezé di Camargo e Luciano). Esta que você estava cantando. Vamos cantar. Como é que começa.

Acho que a Dona Cida lembra. (Isabel).

“É o amor, que mexe com minha cabeça e me deixa assim.

Que faz eu gostar de você e esquecer de mim

E faz eu esquecer que a vida é nada sem você.

“É o amor, que mexe com minha cabeça e me deixa assim.

MUSICA 6

Vamos ver com a Dona.

Tem alguma música bonita que a Sra. quer que a gente cante.

Tristeza do Jeca.

“Fizemos a última viagem

Foi lá no sertão de Goiás

Fui eu e o Chico Mineiro

Também foi um capataz

Viajemo muitos dia

Pra chegar em Ouro Fino

Aonde nós passemos a noite

Numa festa do Divino.

Que faz eu gostar de você e esquecer de mim
E faz eu esquecer que a vida é nada sem você.”

Ai tem mais um pedacinho.

MUSICA 5

Ai, ai, é o trepa no coqueiro. (Isabel apontando para Dona Cida cantando)
Vem seu Fábio, vem aqui seu Fábio (Suzana chamando seu Fábio no corredor).

“Oh! Trepas no coqueiro,
Xique,Xique,Xique.
Mamãe, cadê Maria
Maria foi passear,
O passeio de Maria,
faz mamãe, papai, chorar.” (repete 4 vezes).

MUSICA 7

Vamos cantar parabéns:
Vamos cada um pegar uma bexiga. Pra estourar.
(Entrega de bexigas para todos no asilo e brincadeira de encher a bexiga.
Vamos cantar parabéns então:

Parabéns pra você
nesta data querida
muitas felicidades
Muitos anos de vida.
É ora, é ora, é ora,ora, ora
Rá-ti-bum
Lucilene, Inezinha, Lucilene, Inezinha
Viva eu viva tudo, viva o Chico barrigudo.

(Todos começam a estourar bexiga).

MUSICA DE ENCERRAMENTO

Daqui a 15 dias a gente volta.
Tchau, Tchau, Tchau, a história terminou
Tchau, Tchau, Tchau, para casa agora eu vou
Tchau, Tchau, Tchau, o meu beijo eu vou dar.
Tchau, Tchau, Tchau, dia 14 eu vou voltar.

A festa estava tão boa
Mas antes não tivesse ido
O Chico foi baleado
Por um homem desconhecido
Larguei de comprar boiada.
Mataram meu companheiro,
Acabou-se o som da viola
Acabou-se o Chico Mineiro.
Depois daquela tragédia
Fiquei mais aborrecido.
Não sabia da nossa amizade
Porque nós dois era unido.
Quando vi seus documento
Me cortou o coração
De sabe que o Chico Mineiro
Era meu legítimo irmão”.
(Aplausos).

MUSICA 8

MORENINHA LINDA

Moreninha linda, do meu bem querer
É triste a saudade longe de você.
Meu coração ta pisado
Como a flor que murcha e cai
Pisado pelo desprezo
De um amor quando desfaz
Deixando triste a lembrança
Adeus para nunca mais.
Moreninha linda, do meu bem querer
É triste a saudade longe de você.
O amor nasce sozinho não é preciso plantar
A paixão nasce no peito, farsidade no olhar
Você nasceu para outro, eu nasci pra te amar
Moreninha linda do meu bem querer

É triste a saudade longe de você
Eu tenho meu canarinho
que canta, quando me vê
Eu canto por ter tristeza, canário por padecer
Da saudade da floresta, e eu saudade de você
Moreninha linda, do meu bem querer
É triste a saudade longe de você.

5º ENCONTRO

CONTADORES DE HISTÓRIA LAR BETEL (PIRACICABA)

DIA 29 DE SETEMBRO DE 2005

Professora Maria Estela Moral

O Coral se chama HPC é composto por alunos de 7ª e 8ª do Ensino Fundamental 2 e alunos do Ensino Médio da Escola Hélio Penteado de Castro, aqui do Parque Piracicaba, da cidade de Piracicaba. E eu sou professora Estela, dou aula de matemática, e gosto de cantar. Canto na Igreja faz 30 anos e pensei em levar este trabalho pra escola junto com a minha amiga Tânia, que também é professora lá, no mesmo tempo que eu, nós entramos em 1989, estamos nesta escola até hoje. E a professora Tânia também é professora de matemática e toca piano. Então juntou assim, a vontade dela de tocar piano, a minha de cantar, pra fazer um trabalho com esses alunos. Faz três anos que a gente ta com este trabalho do Coral. Cada ano a gente muda os alunos, não são os mesmos porque eles passam para outras séries e vão embora. Então é sempre um trabalho novo a cada ano, tem que começar tudo de novo, desde o início. E a gente vai cantar assim nos lugares que nos requisitam. Este ano, por exemplo, vamos participar...uma apresentação que nós fizemos no...(e agora põe pausa aí). Bom, no final lembro. Esta é a segunda apresentação nossa. Como a gente faz sempre. E viemos aqui porque esta semana é a semana da...ontem foi dia do idoso, tem um projeto esta semana da sensibilização fraterna. E nós viemos aqui no Lar Betel fazer uma apresentação, trazer um pouco de alegria para essas pessoas que as vezes, nem família tem. E foi muito gratificante porque você olha pra eles assim e até as músicas que a gente acaba cantando errado eles acham coisas mais linda mais maravilhoso. A hora que você falou o título da música pra cantar eles já estão aplaudindo. É muito reconfortante você vê que além, ao invés de a gente dar valor pra eles, de tudo que eles já sabem e viveram, eles acabam dando valor pros trabalhos da gente.

Estudante Laísa Gabriela Guimarães.

Qual foi a emoção ao cantar em homenagem aos idosos?

Senti emoção, em primeiro lugar, ao ver os olhos deles encherem de lágrimas. Eu não agüentei e comecei a chorar também. E vendo eles assim que numa simples canção eles iam ficando cada vez mais alegre e emocionado, em primeiro lugar.

Você tem avô?

Tenho, moro com ela.

Qual foi a sua satisfação de cantar?

Vendo eles felizes acho que não importa. Que eles são felizes, mas que a gente pode dar mais amor para eles.

MUSICA DE ABERTURA

“Eu vou te contar um história, agora atenção.

Que começa aqui no meio da palma da sua mão

Bem no meio tem uma linha

Ligada ao coração

Que sabia desta história

Antes mesmo da canção.

Dá sua mão. Dá sua mão, dá sua mão, dá sua mão”. (2x)

(Suzana)

HISTÓRIA DA LARANJEIRA 1

A história que eu vou contar pra vocês, aconteceu numa laranjeira. Laranjeira dá? Laranjinha, Seu Zé. Dá laranja, muito bem. Uma laranjeira, estava carregadinha de laranja. Um dia, deu um embate nesta laranjeira. Pararam duas crianças começaram a olhar, a olhar. Nossa!, cada laranja linda. Logo, logo, elas vão começar a amadurecer. E aí nós podemos chupá-la e brincar com o carocinho. Lá no meio da laranja, tinha uma laranja bem grande, bonita, mas ainda meio esverdeada. Quando ela ouviu isso, ficou pensando: que será que é ficar brincando de carocinho. Nossa, será que eles vão querer levar agora. Ah! Não. A laranja então pensou que ela estava muito verde para ser chupada por aquelas duas crianças. E aí passaram uma borboleta vermelha e pediu pra ela então um pouquinho de tinta pra ela poder se camuflar, se esconder. A borboleta vermelha bateu suas asinhas bem forte e espirrou um pouquinho de tinta naquela laranja. Mas logo viu: não deu pra ela ficar toda pintada. Passou então uma borboleta azul, e ela pediu a mesma coisa.

- Oh! Borboleta azul, joga um pouquinho de tinta sobre mim.

A borboleta azul bateu as asas assim e jogou um pouquinho de tinta. E a laranja esta toda pintadinha assim de vermelho e azul. E assim foi. A laranjinha pediu pra todas as borboletas que passavam:

- me dá um pouquinho da sua tinta, me dá um pouquinho da sua tinta.

E as borboletas foram jogando pinguinho, e ela estava toda pintadinha. Quando passou um sabiá e passando de lá pra cá, piu-piu-piu-piu-piu-piu-piu, piu-piu-piu-piu-piu-piu-piu, deixou cair um cocozinho bem em cima da laranja e aquilo foi escorrendo. Mas ela ficou bem quietinha. O tempo passou e as crinças não pararam aqueles dias para chupara a laranja. Mas um dia, lá estão eles com bastante faca na mão. Ih! É hoje que eles vão chupar e brincar de carocinho. A laranja, então foi esperando que os moleques alcansassem. Mas de tão pintadinha que ela estava, os moleques nem reconheceram. Mais algum dia, ela estava bem madura, cchegaramos meninos, pegaram, cortaram ela no meio, e aí então, a laranja pode saber o que era brincar de carocinho. Eles jovam a laranja na boca, mastigavam bem, engoliam toda a polpa e ficavam com a boca cheia de caroço. E você sabe o que é brincar de carocinho? Perguntavam um pro outro: Advinha quantos caroços eu tenho dentro da minha boca. Uns falavam: cinco. – Errou. – Seis. – Errou. Dez. – acertou. E assim eles ficaram brincando durante o dia todo de carocinho.

Vocês sabem brincar de carocinho. O sr. sabia seu José, brincar de carocinho. Não! Verdade que não. Quando era pequeno o sr. não brincava de carocinho. O Sr. sabe que aconteceu com a nossa amiga laranja. Ela descobriu que ela poderia viver muitas outras laranjeiras. E foi o que aconteceu. Porque depois de chupara a laranja, a criançada brincou de carocinho e jogou todas as sementes pelo chão. Que em breve se transformaram em outras laranjeiras. Muito obrigada.

(Manu)

Vamos cantar. Ah! Então vamos cantar a música do sabiá. Eu canto um pedacinho e vocês repetem. Vamos lá. A Suzana já sabe tudo viu.

MUSICA 1

A todo o mundo eu dou psiu. (“psiu,psiu,psiu”, repete todos)

Perguntando pro meu bem. (“psiu,psiu,psiu”, repete todos)

Tendo o coração partido, vivo assim andar psiu, sabiá vem cá também. (“psiu,psiu,psiu”, repete todos).

A todo o mundo eu dou psiu. (“psiu,psiu,psiu”, repete todos)

Perguntando pro meu bem. (“psiu,psiu,psiu”, repete todos)

Tendo o coração partido, vivo assim a dar psiu, sabiá vem cá também. (“psiu,psiu,psiu”, repete todos).

A todo o mundo eu dou psiu. (“psiu,psiu,psiu”, repete todos)

Perguntando pro meu bem. (“psiu,psiu,psiu”, repete todos)

Tendo o coração partido, vivo assim andar psiu, sabiá vem cá também. (“psiu,psiu,psiu”, repete todos).

Tu que andas pelo mundo (“sabiá”, todos).

tu que tanto já voou (“sabiá”, todos).

Tu que falas ao passarinho (“sabiá”, todos).

alivia a minha dor. (“sabiá”, todos).

A todo o mundo eu dou psiu. (“psiu,psiu,psiu”, repete todos)

Perguntando pro meu bem. (“psiu,psiu,psiu”, repete todos)

Tendo o coração partido, vivo assim andar psiu, sabiá vem cá também. (“psiu,psiu,psiu”, repete todos). **(2x)**

(Manu) HISTÓRIA 2

IPÊ FLORIDO

Você não falou sobre a história da laranjeira. Eu também vou contar uma de árvore. Eu gosto de saber assim, o porquê das coisas. Eu vivo perguntando: o céu é azul, por quê o céu é azul? Por quê meu olho é desta cor? Aí um dia eu perguntei: por quê o ipê é florido? Aí eu fui procurar saber porque o ipê era florido. Aí eu descobri que tinha uma lenda que conta porque o ipê era florido. Vou contar pra vocês. Teve uma época, que as árvores, uma época do ano, que as árvores começaram a florir. Com folhas rosas, e os passarinhos começaram a fazer os ninhos. Só tinha uma árvore que não tinha nem folha, nem cor. Não tinha nada. E por isso, nenhum passarinho queria fazer seu ninho nela. Só nas outras. Tinha uma árvore bonita, bem alta, cheia de folhas verdes. O passarinho chegava lá, pedia licença. Posso fazer meu ninho aqui dona árvore? E a árvore deixava. Deixava e o passarinho ia lá fazia o ninho, botava o ovo e esperava nascer. E toda árvore tinha um monte de ninho, com aquele casal de passarinho, tinha um monte. E aquelas duas ou três árvores, sem folhas e sem cor. E aquela tristeza, toda aquela tristeza, foram preocupando os passarinhos e canários, que tinham pena. Eles ficaram com pena da árvore. Coitada da árvore, não tem folha, não tem cor, nenhum passarinho vai lá e faz o ninho. Ficaram com pena. Chegaram lá na árvore. “Dona árvore! Dá licença

pra nós fazer o nosso ninho aqui?”. Ai, a árvore ficou toda feliz. Claro que pode fazer quantos ninhos vocês quiserem. Mas não tem cor, nem folha, nada pra oferecer. Vocês podem fazer, eu vou ficar muito feliz. E os canários fizeram ninho lá. O tempo foi passando. Os ovinhos foram abrindo, e os passarinhos pequeninhos foram nascendo, os filhotinhos foram nascendo, uma árvore, outra árvore e outra árvore, até que a a árvore sem folha, sem cor, começou a escutar um barulhinho. Que era um ovinho, que estava quebrando, um filhotinho de passarinho estava nascendo. Mas ela estava triste. Mesmo sabendo que o canarinho estava nascendo ela estava triste. Porque todas as árvores tinham flores e mais flores para oferecer para o passarinho, e ela não tinha. Naquela tristeza de não poder oferecer nada, a árvore resolveu pedir pra Deus. – “Oh! Deus, por favor, me mande alguma coisa que eu possa dar pro passarinho, que foram tão bons comigo. Me mande alguma coisinha, nem que seja pequena. Mas que eu possa dar pra esses passarinhos que me fizeram felizes por tanto tempo”. E a prece foi tão forte, tão no fundo do coração, que no outro dia, quando ela amanheceu, a árvore que não tinha folha, nem cor e nem fruto, tinha flores, mas só flores, carregada de flores. Algumas amarelas, outras roxas, outras brancas e outras rosas. Mas não tinha folha, não tinha fruto, cheia de flor. Era o ipê que nascia. Então, o ipê é cheio de flores, só tem flores porque um dia ele pediu com muito amor pra que Deus desse um presente para que ele pudesse dar pro passarinho, para ele retribuir o que os passarinhos fizeram com ele. Por isso, o ipê é cheio de flores assim. A natureza ficou toda feliz, não ficou? Quando vocês vêem um ipê na rua, na época em que ele está bem florido, não vem um vento mais forte. O vento balançando e cai aquele tapetão no chão. O vento é a alegria da natureza. Feliz ipê que Deus mandou de presente pra árvore. Muito obrigada.

MUSICA 2

FLOR DE MARACUJÁ

Seu olhar é flor de maracujá
Uma das coisas bonitas menina
Que esse mundo dá. **(Repete 5 vezes)**

gira- gira mundo,
Onde quer que eu vá
levo lembrança bonita menina
Desse teu olhar **(Repete 5 vezes)**

Alguém lembra uma música:
José: Trem das Onze
Todos os residentes cantando

MÚSICA 4 - SAUDADE DE MATÃO

Ninguém me diz
Que sofreu tanto assim
Essa dor que me consome
Não posso viver.
Quero morrer
Vou partir para bem longe daqui
Já que a sorte não quis
Me fazer feliz.

Nesse mundo choro a dor
Por uma paixão sem fim
Ninguém conhece a razão
Porque eu choro no mundo assim
Quando lá no céu surgir
Uma peregrina flor
Pois todos devem saber
Que a sorte me tirou
Foi de uma grande dor

MUSICA 3 - TREM DAS ONZE

Não posso ficar, nem mais um minuto com você
Sinto muito amor, mas não pode ser
Moro em Jaçanã e seu eu perder este trem
Que sai agora às 11h
Só amanhã de manhã (bis)

E além disto mulher
Tem outra coisas
Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar
Sou filho único
Tenho minha casa pra morar
Eu não posso ficar..

Suzana: Muito bem. Tem outra. Venha aqui então para cantar uma valsa.
José: Saudade de Matão. Dá um Dó maior.

Lá no céu
 Junto a Deus
 Em silêncio minha alma descansa
 E na terra
 Todos cantam
 Eu lamento minha desventura
 Dessa pobre dor.

Ninguém me diz
 Que sofreu tanto assim.
 Essa dor que me consome
 Não posso viver.
 Quero morrer
 Vou partir para bem longe daqui
 Já que a sorte não quis
 Me fazer feliz.

Manu: Eu vou aprender pra gente poder cantar.

Oh! Chora Rita, oh, chora Rita.

HISTÓRIA 3

A ARCA ENCANTADA

Vou contar uma outra historinha rapidinha pra vocês. Eu vou contar essa historinha pra vocês: a Arca Encantada. Oh! Era uma vez dois compadres: um se chamava Zé Ninguá e outro se chamava coronel Traqueles. ?Zé ninguá era pobre, mais pobre, pobre, pobre. Ele só tinha a mulher e cinco filhos. Que ele via naquilo que ele contava na avó. Em compensação, o coronel Traqueles era cheio da grana. Mas ele tinha um defeito: ele era muito avarento. Era tão avarento, tão avarento:

José: miserável

Miserável, era tão avarento, tão avarento, que ele era incapaz de fazer isso aqui para ajudar o outro. Mas o Zé ninguá, então que ele era pobre, ele era muito pobre, porque era uma pessoa que morava nos fundos, e um dia ele percebeu que ele estava precisando fazer alguma coisa para melhorar a vida dele e da família dele. Então, ele teve uma idéia. Ele pensou assim: Eu vou pedir pro coronel Traqueles me arrumar uma terrinha e eu planto, aro, cuido, faço tudo que eu preciso na terrinha e depois a gente fica de a meio. Tudo que der fica metade pra mim e outra metade pro coronel Traqueles. E ele então encheu de coragem e foi lá falar com o coronel. Chegando lá, bateu na porta, o coronel abriu a porta:

- Como é que vai? Como é que vai? E tudo ótimo.

- Eu preciso trabalhar. Não tenho mais aonde tirar comida pros meus filhos e pra minha mulher. Sabe que eu vim aqui perguntar? Será que o senhor não teria um pedacinho de terra aí pra eu plantar de a meio.

O coronel Traqueles, que não dava ponto sem nó, que era muito sacana, muito esperto, pensou assim: eu tenho uma terra, bem lá na divisa dessa fazenda, não presta pra nada. Não presta pra nada. Eu vou dar pra ele. E ele disse o seguinte:

- Eu tenho sim. Explicou onde era o lugar. E falou pro Zé Ninguá. Pode ir lá. Vamos fazer o seguinte. Vou fazer diferente. Você nem precisa dividir comigo produzir. Ele achou que o Zé ninguá não ia conseguir fazer nada. E o tempo foi passando, e o Zé Ninguá corria, trabalhava, carpintava, arava, mas sempre trabalhava no terreno. Até que um dia, quando ele estava cavocando para retirar um toco de árvore e uma pedra que tinha lá no meio, ele bateu numa arca. E naquela arca, que ele arrancou pra fora, tava assim de moeda de ouro. O Zé Ninguá, além de ser uma pessoa muito pura de coração, e também era muito honesto. E foi levar para o coronel Traqueles. Quando ele abriu aquela arca, pensando que estava cheio de moeda de ouro, que o Zé Ninguá achou, mas saiu vespa de tudo quanto era tamanho e ele teve que sair correndo, sendo picado. O coronel Traqueles ficou louco da vida de raiva. Então aquele malditaquele do Zé Ninguá está querendo me passar a perna. Falou que tinha moeda de ouro. Não tem moeda

nada só tem vespa. E levou de volta pra casa dele. Pois as cobras no baú, foi até a casa do Zé Ninguá, bateu na porta e falou assim:

- Zé, o Zé. Eu pensei melhor, não vou querer esta arca em dinheiro, não. Vou deixar ela pra você. Só que abre um pouquinho a porta pra eu empurrar ela pra dentro.

O Zé abriu e ele empurrou a arca pra dentro, fechou a porta. Falou: agora vou ficar esperando pra ver eles gritarem. Ficou um tempo. Não ouvia nada. Não é possível, não é possível. Agora mesmo esse monte de vespa veio em cima de mim. E agora não estou ouvindo barulho nenhum. Eu vou bater na porta. Bateu na porta e disse: oh! Zé, não está acontecendo nada aí Zé.

- Nada, aqui está tudo bem.

- Mas escuta, não está cheio de vespa.

Aí, o Zé Ninguá se tocou. Ah! Vai ver que a hora que ele abriu a caixa estava cheio de vespa. O Zé pegou e foi lá olhar de novo. Quando ele abre tinha um monte de moeda de ouro de novo. Aí, um dos filhos do Zé Ninguá chegou pra ele e falou assim:

- Pai, eu acho que esta arca é encantada, este baú aqui é encantado. Porque se na mão do Coronel Traqueles virou vespa e na nossa mão vira moeda de ouro é porque é pra ficar com o senhor. E o Zé Ninguá falou é verdade. Mas agora, pra despistar o coronel Traqueles, vamos fazer de conta que nós estamos sendo picados pela vespa. Mais que depressa o Zé falou: Ai, aí, aí, ai, ai, ai. A família inteira começou a gritar. O coronel então, vendo que ele realmente tinha castigado o Zé Ninguá, na cabeça dele, virou as costas e saiu andando e dando risada. Lá dentro, quem estava mais rindo ainda foi o Zé Ninguá e a sua família. Porque na realidade, não tinha vespa nenhuma não. Tinha sim uma arca cheia de dinheiro. Daí o Zé Ninguá pensou assim: a gente nunca perde por ser bom. Não é verdade? O Sr. concorda comigo Seu Zé? E foi a grande lição que ensinou: a gente nunca perde por ser bom, por ser honesto. Não é verdade. E ele acabou ficando com as moedas de ouro. Muito obrigada.

Vamos canta essa:

É preciso saber viver.

Quem sabe, vamos ver.

Vamos comer pipoca. Querem um pipoquinha.

Manuela:

Vou falar uma poesia pra vocês. Vou declamar:

MUSICA 5 - FLOR DE MARACUJÁ

Encontrando-se com um sertanejo

Perto de um pé de maracujá

Eu lhe perguntei:

Filho de pai sertanejo

Por quê razão nasce roxa a flor de maracujá?

O sertanejo respondeu:

Ah! Pois então eu lhe conto

A estória que ouvi contar.

A razão porque nasce roxa é a flor de maracujá.

Maracujá já foi branco

Eu posso intê adorar

Mais branco que a paisagem

Mais branco do que do ar.

Quando a flor brotava neles

Logo nos confins do sertão

Maracujá parecia até um ninho de algodão

Mais um dia, há muito tempo,

Num tempo de inverno, não me alembro

Se foi maio, se foi junho, janeiro ou foi dezembro

Que nosso senhor Jesus Cristo

Foi condenado a morrer.

Numa cruz crucificado,

Morto como Deus,

MUSICA 6

EU sou pobre-pobre-pobre

De marre-marré-marré

EU sou pobre-pobre-pobre

De marre-de-si

Izabel: Daí continua:

Eu sou rica-rica-rica

Manu: Não senhora. É assim:

Quero mais de sua filha

De marre-marré-marré

Quero mais de sua filha

De marre-de-si

Eu só quero a Maria

De marre-marré-marré

Eu só quero a Maria

De marre-de-si

Eu sou rica-rica-rica

De marre-marré-marré

EU sou rica-rica-rica

De marre-de-si

Pregaram o Cristo a martelo
 E ao pensamento, lembra
 A natureza inteira começou a chorar de tristeza.
 Chorava o campo, as folhas, videiras,
 O sabiá tamb´rem chorava no galho de laranjeira.
 E havia fruta da flor do pé de maracujá
 Carregadinho de flor
 Aos pés de nosso senhor.
 Do sangue de Jesus Cristo,
 Do sangue pisado de dor,
 Do pé de maracujá
 Tingia toda a flor.
 Eis aqui seu moço,
 A história que eu ouvi contar.
 A razão porque nasce roxa a flor de maracujá.

(Distribuição de picopa)

Eu sou rica-rica-rica
 De marre-marré-marré
 Eu era pobre fiquei rica
 De marre-de-si

MUSICA 7 - SERENÔ

Serenô eu caio,eu caio
 Serenô deixa cair
 Serenô da madrugada não deixou meu bem dormir
 Minha vida ai, ai, ai
 É um martírio, ai,ai,ai
 Navegando sem rumo e sem luz
 Quem me dera ter agora
 Os faróis dos teus olhos azuis.
 Serenô eu caio,eu caio
 Serenô deixa cair
 Serenô da madrugada não deixou meu bem dormir
 Minha vida ai
 É um martírio
 Navegando sem rumo e sem luz
 Quem me dera ter agora
 Os faróis dos teus olhos azuis.

Suzana: As meninas do Dom Bosco trouxeram um marcador de livros pra vocês, que tem a imagem de d. Bosco. Vocês sabem quem foi Dom Bosco? A próxima vez que eu vim aqui eu vou contar a história de Dom Bosco pra vocês. Então vamos encerrar. Vamos cantar nossa musiquinha.

MUSICA DE ENCERRAMENTO

Tchau-Tchau-Tchau
 A história terminou
 Tchau-Tchau-Tchau
 Para casa agora eu vou
 Tchau-Tchau-Tchau
 O meu beijo eu vou dar
 Tchau-Tchau-Tchau
 Outro dia eu vou voltar.

6º ENCONTRO**CONTADORES DE HISTÓRIA LAR BETEL (PIRACICABA)****DIA 26 DE OUTUBRO DE 2005****MUSICA DE ABERTURA**

“Eu vou te contar um história, agora atenção.
 Que começa aqui no meio da palma da sua mão
 Bem no meio tem uma linha
 Ligada ao coração
 Que sabia desta história
 Antes mesmo da canção.
 Dá sua mão. Dá sua mão, dá sua mão, dá sua mão”. (2x)

HISTÓRIA 1 - ESCOLA DA BRUXA

Ela foi expulsa da Escola de tanta teimosia. Ela foi expulsa. Foi mandada para a Diretoria para a bruxa mandona.
 Ah! Ta bom. Eu vou para a Escola de Fadas mas vou provar para todas que eu sou bruxa. E foi para a Escola de Fadas. Mas você diz que ela podia ir com esta roupa. Não. Na escola de fadas não podia ir vestido de bruxa. Essa roupa que eu estou é de fada ou de bruxa? Combina mais com bruxa, né. Será que fada veste roupa assim. Veste Dona rosa? Fada veste assim? E Bruxa? Mas não podia. Com a roupa de bruxa não podia ir para Escola. A mãe dela tinha que comprar outro uniforme, fazer outra matrícula, comprar todo o material de novo. E não teve jeito, ela não podia ir pra escola daquele jeito de bruxa. A mãe comprou a roupa de fada. Assim ela podia ir na escola. Ta bonito ou não ta? Escola de Fadas, Assim parece fada? Fada, assim? Agora ela podia ir na Escola de Fadas. A menina foi. A mãe teve que pagar matrícula também. Mas lá por dentro era, com flores brancas. E a menina foi gostando da escola. Gostou da professora. Ela ensinava direitinho. Frequentou todas as turmas, todas as aulas. Não faltou nenhum dia. E foi a melhor aluna da Escola de Fadas. Sabe que lá também tinha provas finais. Sabe o quê? Se ela passasse em todas as provas ela ganhava uma varinha. É uma varinha mágica de fadas. Olha a varinha de fadas. A fada só emprestou uma para ela, porque ela ainda não tinha feito as provas. Só emprestou. E Aline poderia fazer as provas usando uma varinha mágica. Ela só passar nas provas. EW começou. Ela pensou que ser bruxa era mais fácil. Mas ela ia tentar. Sabe o que ela tinha que fazer? Fazer surgir uma floresta encantada, uma floresta linda. Aline se concentrou, se concentrou, se concentrou e madou nascer ali uma linda floresta encantada. Ela conseguiu fazer, daí ela ficou empolgada e queria fazer outra tarefa. Sabe o que ela tinha que fazer: era adoçar o oceano, resgatar a poeira, fazer com que as paredes cantassem. Era muita coisa. Era tudo difícil. Fazer um sorvete que nunca derretesse. Oh! Que delícia. Ter um sorvete que nunca acabasse. Não seria bom? Ótimo né. Encher uma montanha de flores azuis. Eram coisas difíceis de fazer. Mas Aline foi se concentrando, virando a varinha e foi conseguindo fazer todas as tarefas. Mas as duas últimas tarefas eram difíceis. As duas últimas que faltavam: uma, fazer todo mundo sorrir. Difícil, né? Fazer todo mundo sorrir? E a última, era fazer a lágrima de uma pessoa triste virar uma borboleta dourada. Aí a Aline começou a pensar: por quê que eu não quis virar bruxa. Até todo mundo sorrir. E teve uma idéia: inventou o dia da Alegria. E no dia da Alegria, todo mundo tinha que sorrir. Agora todo mundo sorrindo. Todo mundo tem que sorrir. Ela conseguiu inventar o dia da Alegria. Mas ela descobriu uma pessoa que não estava sorrindo, era triste, porque sentia saudades. Era descobriu que era uma mulher que sentia saudades. E era do filho, que há muito tempo ela não via porque trabalhava à noite. Ele morava longe. Mas daí Aline pensou: eu sou uma fada. Eu quero ser uma fada. Vou fazer num toque mágica o homem encontrar sua mãe. E quando ela viu, ela o abraçou, e correu uma lágrima, que era uma lágrima de alegria. Esta lágrima se transformou na borboleta dourada. E saiu voando pela janela. Aline pode levar este assim o homem de volta num passe de mágica. E depois desta tarefa cumprida, ela conquistou sua própria varinha. E depois desse dia ela se tornou a Fada dos sonhos de todas as pessoas. Quando a gente sonha e quer que ele realize, a gente pede pra Aline, a fada dos sonhos, que todos os nossos sonhos irão se realizar. Obrigada.
 Depois, antes de eu ir embora eu vou dar um fio da varinha mágica da Aline para cada um guardar.

MUSICA 1**CASTELO MAL ASSOMBRADO**

A noite no castelo

Era assombrado
 Lá tem um fantasma que faz Uuuuuuuuuuhhhhhhhhhhhhhhh!
 E tem uma bruxa também que faz Rairairai.....
 E tem um vampiro também que faz
 E o fantasma Uuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuhhhhhhhhhhh.

MUSICA 2

A todo o mundo eu dou psiu. (“psiu,psiu,psiu”, repete todos)
 Perguntando pro meu bem. (“psiu,psiu,psiu”, repete todos)
 Tendo o coração partido, vivo assim a dar psiu, sabiá vem cá também. (“psiu,psiu,psiu”, repete todos).
 A todo o mundo eu dou psiu. (“psiu,psiu,psiu”, repete todos)
 Perguntando pro meu bem. (“psiu,psiu,psiu”, repete todos)
 Tendo o coração partido, vivo assim andar psiu, sabiá vem cá também. (“psiu,psiu,psiu”, repete todos).
 Tu que andas pelo mundo (“sabiá”, repete todos)
 tu que tanto já voou (“sabiá”, repete todos)
 Tu que falas ao passarinho (“sabiá”, repete todos)
 alivia a minha dor. (“sabiá”, repete todos) **(2 vezes)**

HISTÓRIA 2

Era uma vez dois irmãos; dois irmãos que eram unidos feito unha e carne. Andavam sempre juntos. Não se separavam nunca. Quando casaram, foram morar numa fazenda que era dividida pelo rio. Um ficou ao lado direito do rio, outro do lado esquerdo. E eles continuavam tranquilamente, um a ver o outro. Houve um dia em que o mais velho ficou muito irritado com o mais novo. E eles discutiram muito, mas muito mesmo. O mais velho jurou que nunca mais iria passar na minha frente. Nunca mais eu vou encontrar com você. Nunca mais quero ver a sua cara. E ele estava tão irritado, tão nervoso com o irmão que passou a por aí um carpinteiro que procurava serviço. E ele então pediu ao carpinteiro: vou lhe dar um monte de madeira e quero que você construa um muro muito alto. Eu não quero nem olhar mais pro outro lado. O carpinteiro, que precisava de serviço, disse: “ta bem. Vou fazer o muro”. O homem deixou o carpinteiro trabalhando e foi para a cidade fazer um serviço. E quando voltou da cidade, qual não foi a surpresa ao encontrar em vez do muro bem alto, uma ponte. Uma ponte que ligava a sua fazenda com a fazenda do irmão. O homem ficou muito bravo e já começou a brigar. “Quem foi que falou para o senhor fazer isso? Onde já se viu?”. Nisso o irmão, tinha acabado de ver a ponte pronta, veio correndo por cima da ponte, com os braços abertos, e veio de encontro com o irmão mais velho. O irmão mais velho, quando viu o irmão mais novo de braços abertos para encontrá-lo, perdeu o jeito. E pensou quanta bobagem ele estava fazendo. E pensou quando tempo ele tinha perdido de ficarem próximos. E pensou que imediatamente tinha que correr ao encontro e dar um abraço muito forte. Foi o que ele fez: correu ao encontro do irmão e deu um abraço muito apertado. E aí, a partir daquele dia, nunca mais se separaram novamente. Voltaram a ser aqueles amigos próximos como eram. E o carpinteiro, que havia providenciado isso foi convidado a ficar com eles. Mas ele se negou. Não, eu tenho que partir, porque o meu trabalho é construir pontes. Muito obrigada. **(Aplausos)**.

MUSICA 3

VIOLA QUEBRADA

Composição: Ary Kerney e Mário de Andrade

Quando da brisa no açoite a flor da noite se acurvou
 Fui encontra coma a Maróca meu amor
 Eu senti n'alma um golpe duro
 Quando ao muro já no escuro
 Meu olhar andou buscando a cara dela e não achou

Minha viola gemeu
 Meu coração estremeceu
 Minha viola quebrou
 Meu coração me deixou

Minha Maróca resolveu prá gosto seu me abandonar
 Porque o fadista nunca sabe trabalhar
 Isto é besteira pois da flor

MÚSICA 4

TREM DAS ONZE

(Demônio das Garoa)

Não posso ficar nem mais um minuto com você
 Sinto muito amor, mas não pode ser
 Moro em Jaçanã
 E se eu perder este trem
 que sai agora às onze horas
 Só amanhã de manhã
 E além disso mulher tem outras coisas
 Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar
 Sou filho único, tenho minha casa pra morar. (2 vezes).

MUSICA 6

LUAR DO SERTÃO

Ah que saudade
 Do luar da minha terra
 Lá na serra branquejando

Que brilha e cheira a noite inteira
Vem depois a fruta que dá gosto de saborear

Minha viola gemeu
Meu coração estremeceu
Minha viola quebrou
Meu coração me deixou

Por causa dela sou um rapaz muito capaz de trabalhar
E todos os dias todas as noites capinar
Eu sei carpir porque minh'alma está arada e loteada
Capinada com as foiçadas desta luz do seu olhar

MUSICA 5 **SAUDADE DE MATÃO**

Nesse mundo choro a dor
Por uma paixão sem fim
Ninguém conhece a razão
Porque eu choro no mundo assim
Quando lá no céu surgir
Uma peregrina flor
Pois todos devem saber
Que a sorte me tirou
Foi de uma grande dor
Lá no céu
Junto a Deus
Em silêncio minha alma descansa
E na terra
Todos cantam
Eu lamento minha desventura
Dessa pobre dor.

Ninguém me diz
Que sofreu tanto assim.
Essa dor que me consome
Não posso viver.
Quero morrer
Vou partir para bem longe daqui
Já que a sorte não quis
Me fazer feliz.

MUSICA 9
Piracicaba que eu adoro tanto
Cheia de flores, cheia de encanto
Ninguém compreende a grande dor que sente
Um filho ausente a suspirar por ti.

MUSICA DE ENCERRAMENTO
Tchau, Tchau, Tchau, a história terminou
Tchau, Tchau, Tchau para a janta agora eu vou
Tchau, Tchau, Tchau o meu beijo eu vou dar
Tchau, Tchau, Tchau daqui a 15 dias vamos voltar.

Folhas secas pelo chão
Este luar cá da cidade tão escuro
Não tem aquela saudade
Do luar lá do sertão
Não há oh gente oh não
Luar como este do sertão (2x)

A gente fria
Desta terra sem poesia
Não se importa com esta lua
Nem faz caso do luar
Enquanto a onça
Lá na verde da capoeira
Leva uma hora inteira
Vendo a lua derivar
Não há oh gente oh não
Luar como este do sertão

Ai quem me dera
Que eu morresse lá na serra
Abraçado à minha terra
E dormindo de uma vez
Ser enterrado numa grota pequenina
Onde à tarde a surubina
Chora a sua viuvez

MÚSICA 7
O Rio de Piracicaba vai jogar água pra fora
Quando chegar a água dos olhos de alguém que chora.

MÚSICA 8
FIO DE CABELO
Quando a gente ama qualquer coisa serve para relembrar
Um vestido velho da mulher amada tem muito valor
Aquele restinho do perfume dela que ficou no frasco
Sobre a penteadeira mostrando que o quarto
Já foi o cenário de um grande amor

E hoje, o que eu encontrei me deixou mais triste
Um pedacinho dela que existe
Um fio de cabelo no meu paletó
Lembrei de tudo entre nosso amor divino
Aquele fio de cabelo comprido
Já esteve grudado em nosso suor.

Quando a gente ama e não vive junto da mulher amada
Uma coisa à toa é um bom motivo pra gente chorar
Apagam-se as luzes ao chegar a hora de ir para a cama
E a gente começa a esperar por quem ama
Dá impressão que ela vem se deitar

E hoje, o que eu encontrei me deixou mais triste
Um pedacinho dela que existe
Um fio de cabelo no meu paletó
Lembrei de tudo entre nosso amor divino
Aquele fio de cabelo comprido
Já esteve grudado em nosso suor.

7º ENCONTRO

CONTADORES DE HISTÓRIA LAR BETEL (PIRACICABA) DIA 09 DE NOVEMBRO DE 2005

MUSICA DE ABERTURA

É hora de história, é hora de alegria
É só acompanhar o que diz a melodia.
Vamos bater palma . (todos batem palma)
Vamos bater o pé (pé, pé, pé, pé)
Vamos gargalhar (Rá, rá, rá, rá)

HISTÓRIA 1

Agora silêncio para a história começar. Vamos fazer um ensaio. Eu quero saber se vocês sabem imitar um gato. **“Miau”**. Já saiu um gato. Mas só um gato com tanta gente aqui. De novo: como faz o gato: **“miauuuuuu”**. Porque é assim: na história, quando eu disser **“E o gato deu um grito”**, vocês que vão gritar o grito do gato. Vamos ensaiar então. Quando eu falar assim: o gato deu um grito. **“Miauuuuuu”**. Isso, vocês que vão gritar. Então é assim: porque esse gato, era um gato muito . Mas esse gato era muito . Só dormia. De manhã o que ele fazia: dormia. Logo depois do almoço o que ele fazia: dormia. Porque é gostoso dormir depois do almoço. A noite o que ele fazia: dormia. Mas ele estava com problema sério, na casa onde ele morava, não tinha lugar pra dormir. Ele começava a tirar uma soneca vinha um e **“ahhhhh”**. E toda vez que alguém puxava o rabo dele o gato dava um grito: **“miaaaaauuuuuu”**. Ele queria mudar de casa, procurar outra casa pra morar porque em outra casa ele não podia ter sossego pra dormir. E o gato foi procurar: andou, andou, andou...E de tão procurar chegou à noite, achou uma casa abandonada. O gato pensou que era casa abandonada. Resolveu entrar na casa. E era tudo muito grande, era uma casa grande, porque era casa do gigante. Era uma casa de gigante. Só que o gato não sabia que era do gigante porque o gigante não estava lá. Estava fora. E o gato resolveu entrar. Ah! Aqui não tem ninguém, vou dormir. É aqui que eu vou ficar. E o gato entrou na casa e sabe o que ele achou: um sapato do gigante. Ele achou um sapato do gigante. E achou confortável. Aqui ninguém vai mexer. E entrou e ficou com o rabo de fora. Como é que é aquilo: gato escondido, com rabo de fora, tá mais escondido, gato escondido, com rabo de fora. E deixou o rabo de fora. E começou a dormir. Ele estava até sonhando. Aí não demorou muito chegou o dono da casa. Quem era o dono da casa? Quem era o dono da casa? **“o gigante”**. E ele chegou com aquela bota e queria calçar alguma coisa mais confortável. E ele foi procurar alguma coisa mais confortável. E era aquele sapato que o gato estava dormindo dentro. Quando o gigante foi calçar o sapato, foi chegando com aquele peso em cima, o gato viu aquele peso se aproximando; o gato deu um grito: **“miauuuuuuuu”**. Mas o gato deu um grito mais forte. O gato deu um grito: **“miaaaaauuuuuuuu”**. O gato saiu correndo de medo do sapato do gigante. E o gigante não viu gato nenhum. E ele foi procurar outro lugar para se esconder. Escondeu dentro do forno. Lá dentro do forno estava gostoso, escurinho. E enquanto o gato estava dentro do forno, o gigante foi preparar alguma coisa pra comer. Vocês sabem como é fome de gigante, né? É grande. Resolveu fazer uma torta de cenoura. Preparou tudo, só que tinha que assar agora. O gigante abriu a porta do forno, colocou a torta lá dentro e ligou. Quem estava dentro do forno? O gato. O gato começou a sentir um morninho gostoso, né, Bem morninho. E começou a esquentar. Ta esquentando, aí. Abriu a porta do forno o gato saiu. O gato tava queimado e resolveu. O gato foi correndo, correndo, correndo e se escondeu na geladeira. E lá dentro da geladeira, o gato começou a sentir frio. A coisa começou a ficar gelado lá dentro. Ele tava tranquilo e daí o gato começou a tremer. O gato ficou com medo. O gigante quis tomar suco, abriu a porta da geladeira e o gato gritou: **“miaaaaauuuuuu”**. Ele saiu da geladeira e procurou outro lugar para se esconder. Onde vou me esconder agora? Debaixo da cadeira. E o gigante nem tinha visto o gato ainda. Foi tentar adivinhar onde o gigante foi se sentar. Naquela cadeira em que tinha o gato. O gigante veio sentar na deira e o gato olhando. Sabe aquelas cadeiras que tem aquelas coisinhas que dá pra gente ver assim. Que dá pra gente olhar pelo buracozinho. E o gato vendo o gigante se aproximar. Aquele gigante se aproximando para sentar. E o gato olhando. Vendo aquela bunda bem grande, aquele bundão do gigante. E o gato olhando. De repente. Piiuuuuuuu. O gigante soltou um alto pum. Você imagina um pum de gigante. Mas soltou um pum no caminho, antes de sentar. Coitado do gato. O gato ao ver aquela bunda se aproximar o gato gritou: **“miaaaaauuuuuuuu”**. E antes da bunda chegar perto dele ele fugiu. E procurou outro lugar para se esconder. Desta vez ele foi se esconder debaixo da cama do gigante. E o gigante, mais tarde, depois de escovar o dente foi se deitar. Gigante também escova o dente, sabia? Sabe como é o dente de gigante se não limpar, né. E a escova do gigante então. E o gigante foi escovar o dente e o gato estava lá embaixo. Só que o gigante colocando a pasta de dente e começando a escovar e de repente olhou para a cara dele e lembrou de uma piada. Lembrou de uma piada e começou

a dar risada. Vocês já imaginar uma risada de gigante? Ra, rá, rá,ra, rá, rá, rá, rá... Risada de gigante. Como que é risada de gigante. Tem que balançar o corpo. Rá, rá, rá, rá,rá, rá, rá, rá....Não sabe dar risada de gigante, não? O gatinho começou a ficar com medo e olhou pro grigante e deu um grito: “**miaaaaauuuuuu**”. E o gato deu um grito: **miaaaaauuuuuuu**. Sabe onde ele estava. debaixo da cama do gigante. Agora ele ia dormir, agora ele poderia dormir. O gato começou a dormir. O gigante terminou de escovar o dente, parou de dar risada, vestiu o seu pijamão de gigante e deitou. Daí o gigante ficou em cima da cama, roncando, e o gato embaixo, roncando também. E tinha tanto sono que nem o gigante nem o gato acordaram não. E o gatinho finalmente pode dormir. E o que ele mais queria era dormir. E começou a sonhar. E começou a sonhar que estava passeando em um lindo lugar, um gramado bem verdinho, todo florido, com sol maravilhoso, o céu azul. E de repente o tempo começou a mudar. ventou e uma chuvinha fina começou a cair. A chuva aumentou, caiu uma fina chuva, a chuva foi ficando amarela. Chuva amarela? o gatinho pensou. Tinha alguma coisa errada no sonho dele. A chuva estava quente e amarela. Quando o gatinho acordou ele deu um grito: “**miaaaaauuuuuuuu**”. Ele estava todo molhado. Ah! O gatinho todo molhadinho. O gigante tinha mijado nele. O gigante estava dormindo em cima da cama e estava sonhando que estava em uma cachoeira linda e acabou fazendo xixi na cama. Imagine xixi de gigante? Um monte de xixi que vazou pelo colchão e caiu em cima do gato. E o gatinho pensou que estava em uma chuva fina, tava todo molhado. Ah! Não acredito. Mas daí ele viu que o gato estava lá. E ficou com pena, pegou o gatinho. Ai gatinho, que pena, eu não sabia que você estava aí, me desculpe. Eu estava sonhando e acabei molhando a cama e te molhei. Mas deixa eu vou dar um jeito. O gigante deu um banho no gatinho, passou talquinho nele, pediu desculpas. O gigante pôs roupa. Gatinho, vou arrumar um lugar para você descansar. Você vai ver. No quarto estava molhado. E o gigante ficou procurando algum lugar para o gato dormir. Ele lembrou que o sapato era muito confortável e convidou o gatinho para ir até lá. O gatinho entrou para dentro do sapato do gigante e dormiu. Se o gatinho quis sair do sapato? Nunca mais quis sair de lá. Lá ele podia dormir sossegado porque ele sabia que tinha encontrado um verdadeiro amigo. Ele tinha encontrado um grande amigo. O gatinho tinha encontrado um amigo gigante. Muito obrigada. (**Aplausos**)

MUSICA 2

Atirei o pau no gato
Mas o gato-to-to
Não morree-reu-reu
Dona chica-ca-ca
Admirou-se-se
Do berro- do berro
Que o gato deu: miaaaaauuuuuuu.

Não atirei o pau no gato-to
Mas o gato-to-to
Não morreu-reu-reu
Dona chica-ca-ca
Admirou-se-se
Do berro- do berro
Que o gato deu: miaaaaauuuuuuu.

MUSICA 3

O gatinho subiu a montanha
Para ver o que tinha do lado de lá (2
vezes)
Sabe o que ele viu?
Sabe o que ele viu?
O que ele viu?
Uma gata.

O gatinho subiu a montanha
Para ver o que tinha do lado de lá (2
vezes)
Sabe o que ele viu?
Sabe o que ele viu?
Ele viu o lado de lá.
Ele viu o lado de lá.

MUSICA 4

Nós gato já tem sós
Porém
Senhor, senhora, senhorio
Felino também conhecerá.

HISTÓRIA 2

Eu vou contar uma história. Eu queria contar uma história para gente poder mexer como do gato. Eu queria que vocês também mexessem. Que história eu conto? Do galo. Como faz o galo? Cocorocó. O galo faz cocorocó. E toda vez que citar, vocês vão imitar o galo e tem que abrir os braços. Então é assim: vamos ver se vocês aprenderam. Chama galo: **co-co-ró-co-cooooo**. Isso, bem assim. Ta bom. Esta história acontece numa fazenda, numa fazenda muito linda, tinha árvores enormes, tinha passarinho, borboletas. Mas tinha um galinheiro. E sabe quem morava no galinheiro? **co-co-ró-co-cooooo**. E o galo. **co-co-ró-co-cooooo**. Ouviu um barulhão, parece tiro de canhão, precisamos avisar o Rei Leão. E o galo: **co-co-ró-co-cooooo**, foi correndo e junto dele saiu uma galinha de linha. Mas no caminho, eles encontraram uma pata. E a pata (imita pata) perguntou: Onde vocês vão com tanta pressa”. E o galo: **co-co-ró-co-cooooo**. “Nós ouvimos um tirão, parece tiro de canhão, vamos avisar o Rei Leão”. E saíram os três. Saíram o galo: **co-co-ró-co-cooooo**, a galinha de linha e a pata chata. No caminho, encontraram outro bicho: era o ganso. E o ganso foi logo perguntando: nossa, onde vocês vão com tanta pressa. “Nós ouvimos um tirão, parece tiro de canhão, vamos avisar o Rei Leão”. O galo **co-co-ró-co-cooooo**, a galinha, a pata e o ganso. Um atrás do outro, saíram assim. E

encontram um bicho. Sabe qual é? O Peru. Como é que faz o peru? **glu-glu-glu-glu-glu-glu**. Isso. E o peru: **glu-glu-glu-glu-glu-glu**. Onde vocês vão com tanta pressa: “Nós ouvimos um tirão, parece tiro de canhão, vamos avisar o Rei Leão”. E saíram o galo **co-co-ró-co-coooo**, a galinha, a pata, o ganso e o peru. Como é mesmo o peru? **glu-glu-glu-glu-glu-glu**. E foram procurar o Rei Leão. Mas sabe que eles não sabiam onde morava o Rei Leão. Pra ajudar eles, eles encontraram uma raposa. E a raposa espertinha disse: Eu sei onde mora o Rei Leão. E sabe pra onde ela levou todos eles: pra casinha dela. O Peru, como é mesmo o Peru: **glu-glu-glu-glu-glu-glu**, o ganso, a galinha, a pata e o galo **co-co-ró-co-coooo**. Levou todos eles pra casinha dela. E chegou lá pegou um caldeirão enorme botou água, tempero, couve. Disse hoje, huuuuuuuu! Que eu faço uma sopa. E o galo **co-co-ró-co-coooo**, a galinha, o pato, o ganso e o peru **glu-glu-glu-glu-glu-glu**, eles descobriram o que a raposa queria fazer. E um cochichou pra outro, que cochichou para o outro, até que virou confusão. Foi tão grande a confusão que a raposinha foi parar para dentro do caldeirão. E eles passaram correndo lá na fazenda, onde a história começou. E quando eles chegaram lá, eles descobriram gente que o barulhão, não era tiro de canhão. Era um trovão. Era um trovão. Ahhhhh!! Muito obrigada. (**Aplausos**)

MUSICA 5

Como pode um peixe vivo
Viver fora da água fria (2x)
Como poderei viver (2x)
Sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia.

MUSICA DE ENCERRAMENTO

Tchau, Tchau, Tchau, a história terminou
Tchau, Tchau, Tchau para a casa agora eu vou
Tchau, Tchau, Tchau o meu beijo eu vou dar
Tchau, Tchau, Tchau daqui a 15 dias vamos voltar.

PROJETO SAÚDE TODA VIDA CAMPINAS (UNIMED)

RECONSTRUINDO A HISTÓRIA RECENTE DE CAMPINAS ATRAVÉS DE LEMBRANÇA DE VELHOS MORADORES.

CAMPINAS, 27 DE FEVEREIRO DE 2007

Data de Entrevista: 27 de fevereiro de 2007.

SEBASTIÃO DA SILVA

Meu nome é Sebastião da Silva. Nasci em 18 de outubro de 1919. Nasci em São Pedro.

O sr. Pode comentar sobre a infância? Como o Sr veio até Campinas?

São Pedro é um lugarzinho muito pequeno, né. E o que nós vivia era na rua porque não tinha nada pra fazer. Aí em 1934 eu vim pra Campinas.

São Pedro fica próximo de que cidade?

Piracicaba. Vim pra Campinas em 1934. E depois eu fui trabalhar no Armazém Geral, Uca S/A, que exportava algodão, café. Era em frente a Matarazzo aí, né. Eu trabalhei até 1944 ou coisa assim. Daí fui trabalhar na Agrônomo. Em 44, trabalhei na Agrônomo 42 anos.

O que o Sr. Fazia?

Eu trabalhava como escriturário e depois passei a chefe de seção. Aí me aposentei. Já faz 25 anos que eu me aposentei. Não tenho mais idade de trabalhar (risos).

E era muito puxado o trabalho?

Era bastante gente aquele tempo. Hoje não tem muita gente mais, né. Tinha muito agrônomo, eu trabalhava com eles lá. Muito prestígio.

Como foi esta passagem para chefe?

Eu comecei como escriturário. Depois teve um concurso lá, eu fiz o concurso e passei para ser chefe num concurso interno.

Qual foi o motivo de o sr. Ter deixado São Pedro para vir para Campinas?

Lá não tinha nada. Era só roça, essas coisas, né. E eu não queria carpir café, né (risos). Era só isso, lá tinha fazenda, essas coisas.

Os pais do sr. São vivos?

Não, são falecidos já.

Eles trabalhavam em que lá?

Eles trabalhavam na fazenda, moravam na fazenda. Daí eu vim sozinho pra cá. Depois eles vieram. Aí eu fui morar na Francisco Glicério, 1449, no centro da cidade.

Como era Campinas quando o senhor chegou?

Campinas era uma cidade com 100 mil habitantes. Era calmo. Só havia conhecido na rua. A gente saía, fazia conhecer.

Qual foi o impacto quando o senhor chegou aqui?

Cheguei, Cidade Grande (risos). Quando saí de São Pedro, tinha 18 mil habitantes. E aqui por exemplo, banco aqui tinha meia dúzia, aqui em Campinas. Não é como hoje. Bancos tinham...ah, aqui na rua Barão de Jaguará, como chama aquela rua, único prédio alto ali ainda existe lá. O resto é tudo casa terra, né. É tudo isso daí.

O sr. Gostou da cidade?

Nossa, era muito boa.

Pensando hoje qual a imagem que o sr. Tem de Campinas anteriormente?

A cidade cresceu muito, né. Cresceu, está com um milhão e poucos de habitantes, né. Cresceu bastante.

E o que se ganhou ou o que se perdeu com este crescimento?

Ganhou porque muitas indústrias, esta coisa toda. Muitas indústrias, muito emprego. Também não tinha muita coisa pra gente. É só isso que quero comentar.

Como o sr. Analisa a cidade de Campinas hoje?

Hoje é uma metrópole, Campinas, né. E é uma cidade perigosa agora também. Antes você saía na rua só via conhecido. Hoje você anda meio ressabiado. Até de dia, você sai, tem que olhar de lado primeiro.

Tem algum fato interessante de Campinas que o sr. Lembra?

Tinha muito bom era o Carnaval, né. Na rua Barão de Jaguará. Era tudo ali.

Como era o Carnaval?

Era bom. Os carros, o pessoal antigo saía passear na rua. E serpentina, essa coisa pra rua. Era muito bonito o carnaval. Hoje não tem mais nada, né.

Isso em que período que era bom o carnaval?

Em 1939, 40.

Tinha algum problema de violência no Carnaval?

Não, a turma só queria brincar, né.

Tem algumas pessoas que vocês citaram como destaque no carnaval?

Tinha a...Gilda, Zé Trovão, que mais...Mané Faraó, mane faleceu há pouco tempo.

Flavia: O Eliseu

O Eliseu. Como é que chama aquele outro também que...

Flávia: Dito Colarinho.

Dito Colarinho. Tinha outro que morava lá na rua Barão de Jaguará, onde tem o mercado hoje. Major, né. Lembra o Major? Tinha umas figurinhas todas.

Como sr. Soube do projeto da Unimed?

Foi por intermédio da Flávia.

Daí o sr. Se interessou?

Muito bom. Nós estamos achando falta do projeto agora.

Está de férias. Volta agora em março?

É na semana que vem.

E sobre o projeto Oficina de Memória, como o sr. Avalia a participação?

Ah, o projeto foi muito bom.

O que foi mais importante neste projeto?

Eu pensei que não fosse recordar as coisas de antes. Eu pensei acho que não vou lembrar tal fato, mas foi indo, foi indo, encaixou. Foi lembrando aos poucos.

O que o Sr. Mais gostou de ter lembrado?

De tudo né. Não teve nenhum destaque.

Tem alguma história ou fato interessante que o sr. não lembrava?

Não tudo normal.

O que mudou na vida do sr. com este projeto?

Eu passei a encontrar todos os meus amigos. Foi muito importante.

O sr. encontrava com eles semanalmente?

Às terças-feiras e quinta, na ginástica. Agora eu to fazendo também ginástica lá no Sesi, no grupo da Terceira Idade.

Está eu a Flávia, a Idelina. Lá é de segunda e quarta. É muito bom lá também.

O que o sr. esperava da Oficina de Memória quando começou o projeto?

Eu não tinha nenhuma idéia como é que era, né. O projeto foi depois se encaixando, né.

O sr. recomendaria para outras pessoas?

Sem dúvida nenhuma.

Por quê fazer esse curso?

Para encontrar os amigos, recordar.

O sr. tem algum sonho na vida?

(Risos)

Flávia: casar.

O sr. vai casar?

Pois é...

Quem é a noiva do sr.?

Ela é da Terceira Idade também. Alice.

O sr. a conheceu na Unimed?

Lá na Unimed.

Como foi esse encontro?

(risos).

Flávia: foi amor á primeira vista. Passou, olhou.

Ela sempre estava lá, mas nunca pensei que fosse...

O sr. já foi casado?

Já por 56 anos.

E agora o sr. esta com projeto de casamento?

Com projeto.

Tel alguma previsão?

No momento não. É um pouco cedo.

Há quanto tempo vocês estão juntos?

Não chega a dois anos, né. Um ano.

Flávia: o tempo que você está com a Alice. Faz dois anos. Quanto tempo faz que sua esposa morreu?

Faz dois anos.

Flávia: em março que faz agora dois anos.

A ex-esposa do sr. morreu há quanto tempo?

Em abril. Vai fazer dois anos agora. É só isso o que eu tenho a dizer.

O sr. tem quantos filhos?

Um casal de filhos e um casal de netos. Que se formou este ano aqui lá na Escola de Educação Física.

Eles dão algum palpite no casamento?

Não, ninguém fala nada. É mais a minha filha que fala. As amiga ajuda.

O sr. pensava em casar agora?

To dando um tempinho.

O sr. poderia passar alguma mensagem sobre a importância do viver?

Que ninguém pense na velhice, pense só em encontrar os amigos porque quem fica dentro de casa fica mais velho. Envelhece mais cedo. Então vão sair, vão passear, encontrar com os amigos.

Dos lugares que o sr. passou na Oficina qual o que o sr. mais gostou?

Ah! Todos eles foram bons.

Mas tem algum lugar que trouxe recordação especial? E por quê?

O bosque. Porque aos domingos iam gente dançar, tinha matinê. Era muito bom. Eu freqüentava o bosque. No Bar do Dr. Quatro. Tinha um bar no bosque e a gente freqüentava lá.

E hoje não tem mais isso?

Ah! Não sei. Faz muito tempo que eu não vou lá. A última vez que nós tivemos lá, faz uns dois anos, né. Faz tempo.

O que é ser velho hoje?

Acho que é muito bom (risos). Porque antigamente o velho não saía de casa. Ficava ali. O lugar que eu menos paro é em casa.

É porque não tinham divertimento ou eram mais fracos?

É porque antes ficavam acompanhando a velhice, era difícil descontrair com a turma de amigos. E não tinha divertimento assim, né, as reuniões, não tinha assim.

Muda bastante a forma de pensar a vida?

Amanhã mesmo eu já tava pensando em outro lugar pra gente, o baile do Sesi. Na última quarta-feira do mês tem o baile do Sesi. E vem muita gente.

Quem vai tocar amanhã?

Flávia: é uma banda, é música ao vivo.

A nossa dançarina lá, a Flávia.

A Flávia é dançarina?

Flávia: você me paga.

Obrigado seu Sebastião.

FLÁVIA PAES RAMALHO

Eu me chamo Flávia Paes Ramalho. Nascida em Campinas, em 1929. na Rua Major Solo, 222. e vivi ali até os 10 anos mais ou menos. Depois eu mudei para uma rua, atravessando, a rua Santa Cruz.

Como foi a infância da sra.?

Ah! Foi muito boa. Porque no meu tempo a gente se divertia muito, não é como agora que as crianças não brincam, né. No meu tempo a gente brincava de amarelinha, pulava corda. Coisa assim. E perto da minha casa a única lembrança que eu tenho assim medrosa é que tinha um senhor chamado Galileu. Lembra do Galileu? Disse que ele virava lobisomen. (risos). É Galileu, lobisomen, mata homem, mas não come. Então eu morria de medo. Ele era muito magrinho e ele ia, antigamente era armazém, não era supermercado. Então ficava aquele saco de mantimento. Eles eram ricos. Mas ele fazia isso: ele punha no bolso um punhado de arroz, feijão...onde tinha bolso ele põe. E a gente tinha medo dele porque, diziam, quando chegava á noite, disse que ele assim encostava na porta da casa dele e sumia, virava um cachorro. (risos) tinha uma capa preta. E dava medo, sabe? Quem fez esta história disse que foi um guarda noturno, né. Que vinha seguindo um homem e disse que chegou na porta da casa dele era um cachorro. E ali ficou...não sei se era lenda. Dava medo. A gente que era criança tinha medo. Depois a gente foi crescendo, e eu fui trabalhar numa fábrica.

Em qual fábrica?

No Matarazzo. Eu trabalhei lá até casar.

Em qual setor a sra. Trabalhava?

Fiação de seda. E depois eu me casei.

Em qual ano foi o casamento?

Foi em ... foi tão bom o casamento que eu esqueci a data. (risos) Eu esqueci a data. Foi mil novecentos e bolinha. Eu vivi pouco tempo junto, né. Me separei. Daí fui trabalhar numa loja na Rua barão de Jaguar, de nome Ibi. Não sei se vocês se lembram da Ibi, na Barão de Jaguar, e... que mais... você quer saber da minha vida no Cambuí. Cambuí é maravilhoso. Que minha avó morava lá embaixo na rua Sampaio Ferraz. E a gente se encontrava as meninas, para trabalhar. Ficavam todas parada numa esquina. Porque entrava cinco horas da manhã na Matarazzo. O Cambuí era longe e a Matarazzo fica ali na vila Industrial. Então ia aquele porção de meninas para ir trabalhar. E minha vó levava. Coitada...ela levava até quase perto. Daí a gente ia juntando, ia formando um grupo, pra trabalhar. Mas era um barulho, que nossa Senhora! Apertava a campainhadas casas, era muito divertido. E depois o tempo passou, né, foi mudando a vida. Daí eu me casei novamente. Agora sou viúva. E aí tenho os meus netos.

A sra. É viúva há muito tempo?

Faz...eu não lembro de data. Faz uns sete ou oito anos.

Mas o segundo casamento foi melhor que o primeiro?

Foi. Eu vivi bem, tudo, mas ele faleceu. E estão aí meus filhos.

Quantos filhos a sra. Tem?

De vivo eu tenho só dois. Eu perdi uma filha com 32 anos, que deixou uma neta. E essa neta é como se fosse filha porque foi eu que criei, né. A mãe faleceu fui eu que criei.

Foi acidente?

Não, meningite bacteriana. Ah! Daí fui trabalhar na Unimed. Até ia esquecendo da Unimed tão famosa. Fui trabalhar na Unimed, a Unimed tinha dois anos. Trabalhei 20...eu fui trabalhar na Unimed para ficar um mês cobrindo férias de uma moça.

A sra. iria fazer o quê?

Servente. Fiquei 21 anos. Porque a moça que eu estava cobrindo férias. Porque a Unimed começou na rua Andrade Neves. Depois eles compraram ali na rua barão de Itapura. E ficou um pouco pra trás. Então essa moça que eu fui pra ficar no lugar dela, ficava na Barão de Itapura. Foi aprender atendimento lá na rua Andrade Neves. Então o lugar ficou vago. Eu tava no lugar dela provisório, mas estava vago. E perguntaram se eu não queria ficar, fiquei. Fiquei 21 anos lá. Eu sou aposentada pela Unimed. Minha filha trabalhava lá e minha neta trabalha lá.

A sra. conheceu a proposta da Oficina de Memória pelo trabalho na Unimed?

Não, a primeira que nós fizemos foi no Sesi. Teve um curso de memória muito bom. Oficina de Memória.

Foi a mesma proposta dessa da Unimed?

Idelina: nós não tivemos Oficina de Memória na Unimed.

Nós tivemos no Sesi. Com professor e diploma.

E como foi esse trabalho de Oficina de Memória no Sesi?

No Sesi era como se fosse uma escolinha mesmo.

Idelina: com apostila. Era uma apostila grande, a gente fazia trabalho com a apostila. Era por exemplo, a gente tinha três horas de aulas em duas vezes por semana.

E era muito bom essas três horas. Tanto é que quando foi o último dia, que a gente foi receber diploma, ninguém queria, né. Ele fez uma pergunta, ninguém sabia responder, a gente então disse assim: então vamos repetir, né. (risos) Nós queríamos repetir, pra voltar. Mas o tempo era curto e tinha muita gente querendo entrar. Mas foi muito bom, muito bom mesmo. Essa foi feita no Sesi.

E como a Sra. soube do projeto da Unimed?

Na Unimed, eu recebi uma carta dizendo que tinha a Terceira Idade da Unimed. Daí eu vim na primeira reunião. Eu falei: ah! Não conheço ninguém. Estava lá em casa decidindo: acho que vou, não vou. Daí resolvi: era atrás da Matriz do Carmo, no salão da Igreja. Daí quando eu cheguei lá, encontrei a assistente social que era do meu tempo ainda. Nós ficamos conversando. E dali nunca mais saí. Daí conheci a Lina, a Mara. Daí foi maravilhoso. Porque a gente encontrou muitas pessoas, principalmente eu que tinha aposentado. Estava acostumada com aquela correria do trabalho. Vai trabalhar, volta, tem que arrumar a casa. E ali não, a gente encontrava os amigos, conversava, cantava. Bom, e no começo tínhamos viagem. Isso a gente viajava. Era de um dia. Tivemos uma de passar a noite numa fazenda Santa Marta. Ficamos lá cinco dias. E continuamos freqüentando. Até hoje a gente continua aí.

O que mudou na vida da sra. com a Oficina de Memória?

Ah! Muito bem, muito bom, porque eu...se esquecia alguma coisa eu deixava pra lá. E lá na escola a gente aprende que tem que forçar a memória, pensar bem. Esqueci, por exemplo, onde está uma determinada coisa, você volta, pensa, e volta lá no lugar. Isso força um pouco a memória. E você vai esquecendo, esquecer não faz questão que esqueceu. Agora não, se eu esqueci eu fico pensando. Era, como é que era. Eu passo a me preocupar com aquilo que esqueço. Coisa que eu nunca tinha feito. Agora não, eu faço.

E as pessoas sentiram a diferença?

Ah! Principalmente minha família porque eu não paro em casa mais. Dizem que todo mundo liga. Eu falo: então liga antes de ir pra minha casa, porque não vai me encontrar mesmo, né. O meu irmão é que fala, né. Você vai na rua. Na rua assim, encontrar com os amigos, essas coisas. E eu acho muito bom. Porque antigamente, casada eu já era uma escrava. Não podia ir em lugar nenhum. Pra mim ir na casa da minha mãe tinha que ele ir levar e ia buscar. Na mãe dele, podia ir, ficar o dia inteiro e até dormir. E depois dele eu fiquei livre, né. Daí...mas eu estava ainda assim arrependida de sair. Quando entrei na Terceira Idade, nossa!, tem tanta coisa pra gente ver.

O seu casamento ainda foi...

Foi uma prisão.

Mas o segundo casamento também...

Ainda mais que a oficina dele era na frente e a casa atrás. Eu não saía de jeito nenhum, né. E era uma prisão, bem dize, né. Só podia ficar a vontade na casa da mãe dele. Agora na minha (mãe): levava de manhã e ia buscar de tarde. Não podia sair, ir sozinha, vir com alguém. Tinha que ficar lá, esperando ele buscar.

Então foi só depois do casamento...

Daí eu fiquei livre. Como um passarinho. Daí eu entrei na terceira Idade e fiquei livre. Vou aonde eu quero, Faço o que eu quero. Se bem que a gente tem respeito pela família. E dá uma satisfação aonde vai. E por exemplo, se eu tiver que ir em algum lugar eu aviso porque acho que está certo avisar a família aonde você vai indo. De resto é uma maravilha.

O que é ser velho hoje?

Olha! (risos). Olha eu, a minha mocidade foi muito boa. Mas a velhice pra mim é uma coisa maravilhosa. Tenho muitos amigos, é muito bom ter esses amigos. Então, você, por exemplo, você está aborrecido por algum motivo. Você conversa com ele, com outro colega assim, já dissipa, né. Você fica sabendo, não sou só eu que tenho problema. Outros também têm. Então às vezes você até conversando ajuda as pessoas. Daí eles também ajudam a gente. Então ser velho, é muito bom. Você vai numa fila, o pessoal passa pra frente. Né, Lina? No Cinema, paga menos. Tudo essas coisinhas boas que têm a velhice da gente.

Anteriormente quando se falava velho pensava sempre numa pessoa deprimida, que ficava em casa...

Quando alguém falava pra mim que tinha 50 anos eu ficava, quando era moça, eu ficava horrorizada. Meu Deus! Meio século. Agora já passei do meio século, porque tenho 77 anos. E eu ficava horrorizada quando alguém tinha 50 anos. Isso no meu tempo de menina. Eu falava: Meu Deus, 50 anos. E olha aí, passei dos 50 anos.

O tempo passa muito rápido?

Depois dos 18 passa muito depressa, viu. Muito mesmo. Depois dos 18, voa.

A sra. poderia analisar como era Campinas antigamente?

Olha, no passado não tinha o que tem hoje, os prédios, as coisas assim, né. Era a rua de terra. Eu pelo menos morava no Cambuí, minha rua era de terra. Eu estudava numa escola que o (Se) bastião dizia que a gente ia descalço. (risos) Chamava Correia de Melo. Era o nome da escola. E eles diziam que quem estudava lá ia descalço e sem paletó. E dava sopa. Mas não dava não. Não dava nem pãozinho, nada.

Por que havia esses comentários?

Eu não sei porque havia esses comentários. Acho porque era uma escola pobre, né. Ela era assim: tem um mercadão antigo, velho, lá no Muncipa, e aqui do lado de cá, o que que é agora...é um ponto de ônibus. Era uma escola ali.

Idelina: Ali no Mercado Municipal?

É

Idelina: A escola era ali?

É. Você desce a Benjamin Constant. E do lado de cá não é o mercado e do lado de lá não tem o ponto de ônibus. Lá era escola. E todo mundo falava que era escola de pobres.

E dava sopa...

E não dava nada. É mentira dele.

Sebastião: e iam de chinelo havaiana

Não tinha chileno havaiana.

Sebastião: Era alpargatas.

Era alpargatas. Quem usava Alpargatas era pobre. Era corda.

José Otterço: o Alpargata era popularmente conhecido como chinelo de corda.

E agora melhor, está bonito, maravilhoso.

O que há de positivo e negativo agora em Campinas?

De positivo era a praça que a gente tinha. Podia sair á vontade, não tinha problema nenhum. Tanto é que a gente trabalhava de madrugada, entrava cinco horas da manhã na Fábrica. Não tinha problemas, podia ir sossegado. E a outra turma trabalhava até as 10 da noite também. Hoje em dia você não pode ir á rua. Hoje em dia...mulher...você está andando e se você vê assim, dois homens andando, porque hoje os bandidos não andam mal vestidos que nem mendigos. Andam tudo arrumadinho. Então a gente fica com medo. Fica assustada na rua. Não é como antigamente, sair. Agora não, agora não tem jeito.

Hoje você pode se divertir mais mas...

Sempre assustada.

Idelina: é mais tecnologia. É muito coisa técnica. Você aperta um botão pra isso, pra aquilo. Antigamente, trabalhava, lutava, mas era sossegado, não tinha problema, não tinha medo. Hoje em dia você vai no banco, aperta um botão na caixa eletrônica, o dinheiro vêm...

Deixa eu virar a fita...

(começam a conversar)

E aqui onde nós estamos agora era o Cinema Coliseu.

Aqui era cinema?

Era aqui. Mas não era esse prédio assim. Depois do Coliseu eles armavam circo, armavam. Que a gente vinha ouvir a música, correio elegante. Foi aqui também.

José Otterço: teve muito, este terreno, ele foi muito explorado pelo Parque de Diversões. Roda gigante. Tinha de tudo aqui no parque. Então era o ponto de reunião.

Idelina: eu vim muito aqui.

Sebastião: o Coliseu era clube de festa.

Na porta das igrejas ficava inscrito os filmes que eram proibidos para menores. A gente ia à missa e depois lia na porta da igreja, o filme que a gente menor, menor de idade não podia assistir. Então me lembro que estava passando Escola de Sereia. Então eu trabalhava na fábrica e uma moça católica ia na fábrica saber se a gente estava assistindo filme moral. Então meu chefe chamou e perguntou, perto da moça, se eu tinha assistido Escola de Sereia. Eu falei: não assisti, mas vou.(risos) Sabe por que era impróprio? Porque as moças no filme, a moça dançava de maiô, o tango La Cumparsita, vocês lembram né? De maiô. Dançava La Cumparsita numa piscina, era impróprio para menor.

José Otterço: Era Esther Miller. Ela era apresentada, ela era uma grande nadadora, e ela tinha aquele maiô...

Flávia: Então tinha uma relação na porta da Igreja os filmes que o menor poderia assistir ou não. Quem seguia direitinho a religião não ia assistir filme impróprio. Impróprio, hoje em dia quase anda pelado, né?

Idelina: na novela

Flávia: na novela. E naquele tempo, não.

José Otterço: (cochichando) pergunte pra ela como foi o primeiro beijo? (risos)

Ele pediu pra perguntar como foi o primeiro beijo? (risos de todos)

Faz tanto tempo que eu não sei. Não lembro mais.

José Otterço: o primeiro beijo a gente nunca esquece.

Deixa eu ver...deixa eu ver se eu lembro. Ai meu Deus (risos) deixa eu ver se lembro.

José Otterço: o local aonde foi.

Ah! Não. Deve ter sido roubado.

Valdemar: você não falou que memoriza, que faz a memorização. Agora...

Sebastião: no escurinho do cinema...

Não. Que escurinho do cinema.

Idelina: tinha lanterninha. Hoje não tem, né, mais lanterninha.

Não tem mais lanterninha. A gente não podia ir no bosque que era...quando era, por exemplo...mocinhas, assim, mocinhas não iam no bosque porque era mau freqüentado. Por causa disso eu levei uma surra. Porque eu fui no cinema e tinha esgotado a entrada. Minha amiga falou: vamos no bosque, né. Eu falei: minha mãe vai ficar sabendo que eu fui no bosque, ela vai ficar brava. Ela disse: "vai nada". Peguei e fui. Quando estava entrando no bosque, um primo meu, que era moção, já me viu:

- Pode voltar, aonde você vai?

E pegou e me deu sodinha, né? (olhando para todos) aquela garrafinha.

- Pode ir embora.

E eu voltei. Quando eu voltei, minha mãe estava me esperando no portão. Mas eu apanhei tanto porque uma moça perto de casa...se ela me viu é porque ela estava lá, né. Disse que eu estava no bosque. Olha, depois que eu apanhei, perguntei pra minha mãe porque eu estava apanhando se não tinha feito nada. Daí ela falou. Eu falei: então a senhora vai perguntar pro meu primo se eu entrei. Ela foi, disse pro meu primo falou: ela chegou na porta, mas eu não deixei ela entrar. Aí já tinha apanhado. Já tinha apanhado. Então, o primeiro beijo acho que foi de um turquinho que era meu...hoje em dia falam paquera, assim namoradinho, só de olhar. Não podia pegar na mão, nada disso. E era um turquinho, o pai dele tinha loja na rua Francisco Glicério. Ele é Farias. Delenir Farias. Mas foi assim uma coisinha roubada. Ele morava no Cambuí nesta época. Deve estar velho que nem eu.

Qual o sonho que a senhora tem na vida?

Viver 100 anos e acertar na loteria. (risos). É porque minha bisavó morreu com 110 porque eu não posso ir mais pra frente, né?

A sra. tem algum sonho realizado?

Sonhos...Ah! um sonho que eu tive foi ver minha neta formada e graças a Deus ela se formou em Direito. Graças a Deus!

Mas um sonho pessoal?

Meu! Ah! Meu acho que não. Devo ser muito, acho minha cabeça muito...tudo pra mim tá bom. Então, um sonho que eu queira ainda. Ah! Quero que Deus me dê muita saúde até o fim da minha vida. Ter saúde e continuar com os amigos, meus amigos.

Sebastião: e ter os bisnetos.

Ah! Bisneto. (risos) até que bisneto eu tenho. O Fábio, meu neto, tem uma filha. Fiquei sabendo ontem, Fernanda, imagina?

A senhora poderia passar uma mensagem de vida?

(pausa) mensagem de vida. Ai eu acho que a gente tem que ter muita fé em Deus, viu, e esperança em tudo. É o que eu acho que a gente deve ter sempre. É o que eu faço, rezar, pedir a Deus, pedir pros meus amigos e que Deus proteja nós todos. Mensagem de paz e de amor pros meus amigos.

JOSÉ OTTERÇO

Meu nome é José Otterço, nasci em 19 de abril de 1931 na cidade de Campinas. Minha residência, eu nasci, na época era Vila Almeida, hoje é Cambuí. É Cambuí, lá. A rua era Rua 2, 523. Atualmente é Emílio Ribas, 901. A casa nem existe mais. Ela foi demolida para se tornar estacionamento. A minha infância...

O sr. lembra quando a casa foi demolida?

Ah! É meio complicado agora eu dar a data certa.

Não a data. O sr. estava presente quando aconteceu a demolição?

Não. Porque ela foi negociada, foi vendida. E aí, a pessoa que adquiriu demoliu para fazer estacionamento. E a infância foi aquela de estudar no terceiro grupo escolar que hoje é subsegurado. Ficava ali na (rua) Barreto Leme com Dr. Quirino. E a gente ia a pé e voltava e tinha um detalhe: tinha uma professora que morava na rua General Osório, a gente discutia para carregar a bolsa dela. (risos) É, era uma briga para carregar a bolsa da professora, na época era moda, né. E aí, eu ia pra casa, fazia a lição de casa e brincar na rua. Futebol, a rua era de terra, era futebol, era andar de bicicleta, brincar de pega, aquelas brincadeiras infantis. Foi uma infância tranquila e feliz.

Qual era o trabalho dos seus pais?

Meu pai é carpinteiro artístico. Minha família teve nove irmãos e minha mãe era dona de casa.

Com o olhar de hoje como o sr. analisa campinas antigamente?

Campinas, antigamente, era uma cidade considerada bem do interior, bem interiorana. Você saía na rua, se você viesse a pé andando, que era mais do que a gente fazia, né, porque condução tinha o bonde. O bonde era caro pra gente. Então, a gente tinha que vim a pé. Se contasse, vamos dizer, dez pessoas, pelos menos, oito ou sete, você conhecia, cumprimentava. Completamente diferente da cidade de hoje. Era uma cidade tranquila, boa de se morar e ...ares climáticos bastante saudáveis.

Em comparação a toda tecnologia de hoje como o sr. analisa Campinas?

A cidade progrediu dentro dos recursos e da situação dela de estar junto com a capital do Estado e trouxe os problemas do progresso. Facilitou de um lado, mas complicou de outro. Porque eu hoje, na realidade, o cidadão vive com medo, a violência tomou conta, né. Não é só de Campinas. De tudo quanto é cidade que é uma metrópole.

Alguém já foi assaltado aqui alguma vez?

Eu fui. Eu fui. Quando eu trabalhava no Fórum, a agência do Banespa era dentro do Fórum, eu era funcionário ali, eu retirei um talão de cheque, coloquei no bolso de trás, atravessei a avenida junto com meu amigo para fazer um jogo numa loteria. E eu senti assim que uma pessoa falou assim, atrás de mim, uma mulher:

- Ah! Aquele lá era o jogo da velha.

Eu nem senti ela puxar o talão de cheque inteirinho. Tomei as providências necessárias e só fui cobrado de um cheque onde me justifiquei. Isso faz muitos anos.

Como o sr. soube do projeto de Oficina de Memória da Unimed?

O projeto da Oficina de Memória foi uma convocação, não foi? De uma das assistentes sociais para que a gente participasse e falasse alguma coisa. Foi aí, acho que foi a Márcia, pela Márcia, assistente social que faz o programa Saúde Toda Vida.

O que mais marcou o sr. dentro os lugares frequentados?

O Bosque. A praça Carlos Gomes. Olha! Acho que todos eles, porque a gente teve muita lembrança de tudo isso. O Bosque porque era um local onde normalmente a gente ia fazer uma visita. E a Praça Carlos Gomes por se tratar de uma praça onde a gente tinha uma refresca, no coreto, que reuníamos no sábado à noite pra fazer aqueles passeios. Então tanto um quanto outro me traz boas recordações.

Olhando o bosque e a praça como o sr. analisa hoje?

Bom, o bosque eu não posso falar muito porque há muito tempo que eu não vou lá. Mas é de doer, o que está acontecendo atualmente, segundo me disseram, porque eu pouco venho aí, e comentário de que eu tenho conhecimento, virou ponto até de mulher de programa. Então isso é rodeado por residência, né, e apartamento. É bem desagradável uma coisa dessa.

O que é ser velho hoje?

Ser velho é ser feliz. É sinal que você ganhou esta oportunidade de Deus, do criador. Você tem mais experiência. Você sabe viver as dificuldades com mais traquejo. E aproveitando a vida no meio desta amizade feliz que a gente conseguiu formar.

Quais seriam as dificuldades e o prazer na velhice?

As dificuldades de todo aquele que chega a essa idade são as locomoções, as conduções. E infelizmente, ainda existe preconceito. Eu, por exemplo, teria condições de dirigir até hoje, mas eu parei de dirigir por causa do preconceito contra uma pessoa idosa no volante. Porque a gente era muito ofendido. E a outra pergunta qual foi?

O prazer?

O prazer é de estar vivo, estar no meio de amigos, ter saúde. E viver aquela vida tranquila, feliz.

O sr. pode falar um pouco sobre o preconceito.

Eu comigo aconteceram várias situações. Até uma que houve até agressão. Mas eu agredi. Exatamente, eu agredi. Eu ia chegando no Cambuí, na época que eu tava morando, eu morava lá, quando havia me separado, e eu fui subir na calçada para entrar na minha garagem. E tinha um carro sempre na minha calçada, porque o dono do bar em frente, onde corria droga e aquelas coisas, falava aí não entra, não tem carro nenhum, o pessoal parava lá. Eu cheguei lá, fui ver de quem era o carro pro rapaz tirar e ele falou:

- não, não vou tirar o carro, nem te conheço. Quem é você para dar ordem pra mim.

Mas eu percebi que ele estava falando fora do normal dele. Aí veio mais outro, encostou, e eles tentaram fazer alguma coisa, vir em cima de mim. Fui mais rápido, e peguei ele assim por trás e pus a cabeça dele no capô do carro dele mesmo. Ele bateu com o nariz e sangrou e a polícia chegou na hora. E eu fui feliz porque a polícia deu razão pra mim devido a minha atividade, trabalhava no Fórum, que era a minha casa, então eu estava cheio de razão e tinha droga dentro do carro. E aí para eu evitar futuras consequências parei de dirigir quando venceu o meu tempo de carta.

O sr. sente falta de dirigir?

Se dúvida, porque você, na idade em que a gente se encontra, a gente com a condução na mão a gente encontra muita facilidade. Agora você depender de condução, é ônibus complicado, altura, essas coisas toda, e as pernas já não são mais aquelas, né. Elas correram e o time do tempo está querendo ganhar.

As conduções de hoje estão estruturadas para ajudar vocês? Os motoristas colaboram?

Eu acho que não há tanta colaboração assim, né. É muito pequena e outra: é muito difícil, é muito difícil o acesso, a entrada é muito alta, pra você descer também. É correria.

Idelina: Eles param no meio da rua não param encostado na calçada. Param na rua.

E outra coisa, quando está chovendo forma aquela, na sarjeta, forma aquela enxurrada, que é chamada aquela água que corre. As vezes a gente tem que pisar ...

Flávia: é que eles não param direitinho na calçada como manda a lei, né. Eles tem que parar bem assim. Então eles param longe e você tem que pisar na água.

O sr. tem algum sonho?

Sonho? Envelhecer como eu estou envelhecendo com saúde até a hora da minha partida, sem ficar dependente ou dar trabalho pra ninguém. Acreditando que ainda há esta fé dentro de mim para que isso aconteça, pra minha felicidade.

O sr. lembra dos sonhos da infância, da juventude? O que foi realizado ou deixou de se realizar?

A minha vida...é...eu não lembro de nenhum sonho assim que tivesse almejado assim para realizar. Porque a gente teve aquela infância como te expliquei e mudou muito de profissão.

O sr. poderia comentar um pouco sobre o Coliseu?

O coliseu ele era o formato de um circo, né. E tinha sessões aí. Era o cinema mais popular e mais barato. E aí era aquela fluência muito grande. Do que eu lembro é isso.

Sobre os filmes que eram passados?

Idelina: filmes em preto e branco. Passava bem o seriado, que eu me lembro bem os seriados. O rim-tim-tim, Tarzan, Bang-bang

O sr. poderia falar uma mensagem de vida?

Que devido a situação que nós atravessamos no mundo, que a fé, a crença, que ainda a religião ainda está salvando e conservando um pouco de paz, permaneça para que o ser humano tenha um pouco mais de felicidade na vida e esperança. Que a violência se afaste cada vez mais. E que o amor prevaleça sobre a terra. E o respeito.

O sr. acredita que as pessoas anteriormente eram mais solidárias que às de hoje?

Muito mais devido ao tempo. Antes a gente dispunha de mais tempo. Os jovens. Hoje não. Hoje a vida ela consome porque a disputa é muito grande. Um exemplo é que quando a gente se formava em alguma coisa e terminava o primeiro e o segundo e ia buscar emprego, conseguia. Hoje nem fazendo Faculdade às vezes a pessoa consegue uma colocação. É muito grande a disputa. Eu acho que a diferença é essa. A gente era feliz e não sabia.

O sr. quer comentar alguma outra coisa?

Não. Muito obrigado pela oportunidade.

IDELINA ALVES DE FARIAS FREDERICE

Meu nome é Idelina Alves de Farias Frederice, nasci em Franca, no ano de 31, 18 de fevereiro de 1931. Cheguei em Campinas porque fiquei sem pai logo aos 03 anos de idade. Quando eu tinha os meus irmãos, nós éramos em seis irmãos, e os meus irmãos vinham pra Campinas, eles eram padeiros. E eles trouxeram a gente pra Campinas. Viemos pra cá em 1940. A mamãe também veio. Só veio a mamãe. E a gente veio morar atrás da Matriz do Carmo no Machado Teodoro.

E como foi essa passagem para chegar em Campinas?

Foi difícil. Difícil porque nós tivemos uma parada em Ribeirão Preto. Ficamos um ano em Ribeirão Preto depois chegamos até Campinas. E to aqui até hoje.

Qual a primeira imagem que a sra. teve de Campinas?

Eu fiquei deslumbrada. Achei lindo Campinas. Porque Franca é uma cidade não muito grande, não muito pequena. Mas aqui já...vim morar atrás da Matriz do Carmo. E a matriz do Carmo achei linda e tinha esse largo aqui bastante arborizado, bastante planta. Achei lindo.

A sra. já tinha ouvido falar de Campinas?

Porque na escola eu estudei a Casa das Andorinhas. Porque nós estava lá na casa das Andorinhas aqui em Campinas. E então a gente lia o livro nosso didático sobre Campinas, falava sobre as andorinhas. A Casa das Andorinhas ficava aqui em frente da escola normal hoje. Ficava ali, agora já não tem mais.

Comenta um pouco sobre a infância da Sra?

Olha minha infância foi uma infância normal, nós éramos em seis irmãos: três irmãs, três irmãos. Sem pai, mas tranqüila, brincando na rua também de pega-pega, de esconde-esconde. Aquela coisa de criança que hoje não tem mais. Hoje é só computador, né.

A sra. acha que as crianças de hoje perderam ...

Perderam muito, muito. Hoje a gente canta musiquinha de roda pra criança. Eu tenho um bisneto ele fica olhando porque num brincam disso, né. Brincar de boneca, de casinha, era muito gostoso.

Música de roda?

É...a gente pegava...brincava de roda. Ta vendo que você nem sabe. A brincadeira de roda era muito bom. A gente pega assim: roda, roda, roda. Pé-pé-pé. Roda-roda-roda, caranguejo peixe é. Ah! Era muito bom.

Ao recordar a infância hoje qual é a imagem mais bonita que a sra. tem?

Você sabe que eu estudei no grupo chamado Cidade Nova. E então quando tinha desfile de Sete de Setembro, quando terminou a guerra e os Expedicionários chegaram em Franca. O meu sonho era carregar bandeira. Então, carregava bandeira, porta-bandeira na frente do desfile, o que me deixou muito feliz. É uma coisa que eu me lembro bem disso. E terminou em 1939, 1940, quando acabou a guerra o Expedicionário chegou em Franca.

Houve alguma mudança na vida da sra. com a guerra?

Eu não lembro muito deste detalhe. Eu lembro assim dessas coisas meio vaga. Mais, não lembro muito bem.

Como a sra. analisa hoje a cidade de Campinas?

Ah! É monstruosa, muito grande. Tem bairros que a gente nem conhece. Porque eu vim pra Campinas pra morar no centro, sempre morei no centro de Campinas. E até hoje eu moro no centro. Tem bairros por aí que eu não conheço quase nada. Só conheço o Centro de Campinas. Conheço o centro. Não conheço bairro não. Porque eu sempre morei no centro.

Como a sra. conheceu o projeto da Oficina de Memória da Unimed?

Olha porque a gente frequenta lá...eu já frequento lá desde sete, oito anos, então a Márcia nos propôs este projeto e nós começamos a fazer. Onde foi muito bom.

Houve alguma mudança na vida da sra. com este projeto?

Mudou, mudou. Porque você sabe que a gente...tinha coisa que a gente não lembrava mais. Como assim, fazer uma palavra cruzada, a gente não lembrava, agora a gente lembra. Lê mais. Foi muito bom. as amizades que a gente conquistou.

Qual tipo de livro a sra. costuma ler?

Eu leio mais romance.

Tem algum livro específico?

Eu estou lendo agora **Quando houver uma manhã**, do Gasparetto. Estou lendo esse livro.

Como a sra. analisa a importância desse projeto?

É bom porque a gente começa a recordar, né. E com a idade que a gente tem, forçosamente a gente vai esquecendo tudo. É natural da vida esquecer, né. E então a gente força um pouco, é muito bom.

O que é ser velho hoje?

Ah! Ser velho hoje. Eu queria ter sempre esta idade, eu estou feliz com a idade. To bem, to com bastante saúde. Tenho uma família boa, graças a Deus. Tenho três filhos, sete netos e um bisneto. Moro sozinha, sou viúva. Fiquei casada 52 anos. Faz três anos que eu fiquei viúva. Moro sozinha e sou feliz.

O casamento da sra. também foi uma prisão?

O casamento foi regular. Médio.

Foi o que a sra. esperava?

Não.

A sra. casaria de novo, igual ao seu Sebastião?

(risos)

Valdemar: depende do príncipe.

Ainda não apareceu o príncipe, mas se aparecer que diz que vem com o cavalo branco, quem sabe a gente casa outra vez.

A sra. tem algum sonho na vida?

Sonho pessoal?

Sonho pessoal.

Olha, acho que sou feliz. Não preciso mais. Do jeito que estou até o fim tá bom. Saúde, família boa. Estou feliz. Então tá bom.

Quais eram os sonhos que a sra. tinha na infância, na juventude.

Na juventude, casar, ser feliz. Me casei, fui regularmente feliz. E tive os meus três filhos. Hoje eu tenho os meus sete netos e um bisneto. Sou feliz assim.

E profissionalmente?

Eu tinha sonho profissionalmente mas naquele tempo a gente não tinha muita oportunidade. Tanto profissional como no estudo, né. O que eu tive foi bom. Não tenho queixa da vida não.

A sra. poderia passar uma mensagem de vida?

É rir muito, ser feliz, amar muito, olhar muito pro céu, ouvir muita música. Eu sou feliz. Gosto de passear, não precisa de mensagem. Do jeito que eu estou vivendo está muito bom. beleza. Se eu chegar aos 100 anos como estou vou ficar feliz. Que se amem muito, que se queiram bem a todos. Crê em Deus, crê na família, que isto é muito importante. E sou feliz.

O que a sra. puxaria de bom de Campinas de antigamente para os dias de hoje?

Olha eu vou bater na mesma tecla: violência. De antes não tinha esta violência. A gente chegava à noite, a gente saía para ver vitrine, uma turma de moça, era maravilhoso, não tinha problema. Hoje a turma nem sabe o que é ver vitrine, né. Tá tudo fechado. Era isso. Ir à missa, rezar, ter amigos. Ficar na porta da casa, comer pipoca que a mamãe estourava. Era muito bom. Eu morava atrás da matriz do Carmo, então a gente sentava ali, mamãe estourava pipoca, a gente sentava numa fila de menina, era muito bom.

Há algum fato do passado que a sra. recordou na Oficina de Memória que seja interessante e queira contar?

Não. Acho que já falei tudo.

VALDEMAR LOURENÇO PAULO

Todo mundo falou da missa, a missa era em latim, o padre ficava de costas pra gente, ninguém entendia nada. Agora quem vai falar é o mais pobre.

Idelina: pobre.

Ah! Sei você pode ser feliz. Mas é diferente.

Idelina: Cada um é cada um. Eu, por exemplo, a única coisa que não me deixava feliz era entregar roupa pra minha mãe, a minha mãe era lavadeira. E manda eu junto entregar roupa, eu tinha vergonha de entregar roupa. Morria de vergonha. Porque as meninas viam a gente carregando roupa na rua.

Então você imagine, o Valdemar que vinha vender galinha em Campinas, embaixo do braço dali oferecendo.

Idelina: você vinha com a galinha até aqui.

Claro. Um feixe de vassoura nas costas e uma galinha embaixo do braço.

Idelina: galinha você vinha vender.

Aquele tempo...você não é daqui de Campinas. E eu não morava no centro, eu era do Aragua. Era tudo fazenda. Campinas era um centrinho aqui.

Idelina: eu morei no centro. Até hoje eu moro no centro.

Nós não.

Idelina: eu moro perto do Benificência Portuguesa. Você conhece?

Meu nome é Valdemar, nasci no dia 25 de julho de 1935, aqui em Campinas, hoje bairro Vila Nova. Lá somente existia duas casas. Meu falecido pai plantava algodão neste local. Imagina que não tinha nada. Só havia duas casas. Que uma era do meu tio. Ele morava ne uma e meu pai morava em outra. Ele era lingüiceiro, olha que profissão, ele vendia lingüiça. Todo mundo conhecia como Natale lingüiceiro. Depois, a medida que fomos crescendo eu mudei com os meus pais pra fazenda Serra d'água, hoje remonta propriedade do governo. Dali mudemos para a fazenda Jambeiro, hoje Parque Jambeiro. E tudo fazenda existia. Não existia nada, então a gente freqüentava a cidade quando vinha dar um passeiozinho ou vender alguma coisa que a gente produzia. E até lembro que no tempo da escola, a primeira bicicleta que nós vimos, tinha um moleque lá meio bem de vida, o pai dele comprou uma bicicleta. E aquela bicicleta conforme ele ia andando ia uma procissão igual aos trio elétricos hoje na Bahia. Toca um pouquinho e já está todo mundo atrás. Aquela bicicleta e aquele bando de molecada tudo, tudo atrás olhando aquela bicicleta, não conhecia. E era divertido. De qualquer forma, nunca jamais eu ia ter uma. Não tinha como comprar uma bicicleta. Foi a primeira bicicleta. Outra coisa: a situação era esquisita, como falo dos pobres, que a gente só se trocava de sábado. Só trocava a roupa de sábado. Tomava banho de sábado. Pode perguntar pros antigos, era isso, não muda nada.

Idelina: nossa! Olha que eu sou antiga, hein.

Você morava aqui no centro. Tudo, na minha região, onde eu morei era isso, não trocava. Lavava os pés pra dormir. E ainda a mãe ensinava que a água de lavar os pés, limpar o nariz melhorava o resfriado. Todas as crianças tinham resfriado crônico, que tinha no nariz duas velas. Limpava assim. Não sarava, que era friagem, era tudo, era um negócio danado. Comida. A gente vivia de comer polenta. Era filho de italiano, italiano...gosta. não é que gosta, a situação era comer polenta. E quando a gente criava alguma coisinha, ia vender na cidade para comprar alguma coisinha que precisava. Isso não era eu, era todos. Porque a gente trabalhava em fazenda que era do patrão. Agora tinha os proprietários de terras que viviam um pouco melhor. E a gente era em três irmãos, até eu anotei algumas coisas pra lembrar, eram três irmãos, e viviam tudo solto, caçando com estilingue, aquele tempo não era proibido matar passarinho. Matava, também a gente não jogava passarinho, a gente comia. Era uma forma de sobrevivência. Pescar, pescar de peneira, naquele riozinho pequeno. Ia com peneira procurando debaixo do capim pegava peixinho. E daí comia tudo, não era jogado nada fora. E até este meu irmão mais novo que mora em Paulínia era tão criativo...lembro uma vez que nós queria fazer um estilingue e não tinha borracha. Não existia borracha de fazer estilingue. Eu não sei que causalidade apareceu um pedacinho. Pegamos duas fitinhas, estava em quatro, dividimos duas pra cada um. Aí faltava a maia. Maia era aquele couro que vai pra tacar pedra. E onde a gente ia arranjar couro? Não tinha. E esse meu irmão mais novo aí, daí um pouco ele aparece com o couro. Eu rachei...o que que ele fez? Cortou a língua do sapato do meu irmão mais velho. (risos) arrumou encrenca. Mais, nem passou. Também outra vez nós viemos, saímos da fazenda, nós vinha fazer uma visita a uma tia que a gente tinha aqui no bonfim, a pé. De lá da fazenda passamos aqui, morrendo de saudade, viemos aqui pro centro, na Governador Pedro de Toledo e ia embora pra lá. Quando chegou no começo da rua Governador Pedro de Toledo, era 7 de setembro, estava vindo o negócio do exército, lá, vinha fazer o desfile na cidade, minha mãe virou, pegou nós pelo braço, pegou no braço ficou com medo de uma guerra. Vamos. (risos) nós não sabia o que era aquilo.

Idelina: Valdemar, quantos anos você tem?

Setenta e dois.

Idelina: você tá falando coisa parece que tem 100 anos. Eu tenho 76. tem coisas assim que eu não lembro.

Não. Eu estou contando a minha vida como ele me perguntou.

Idelina: você falar que tomava banho uma vez por semana.

Sim, senhora.

Sebastião: na tina.

Na tina. Nem bacia tinha. Então nós estudava na escola da fazenda Itapera, que era hoje Vila Ipê. Aí estudei até o terceiro ano. A professora dava aula do primeiro ao terceiro ano. Ela era professora, era mãe, era enfermeira. Tudo que acontecia ela dava um jeitinho lá. O que nós mais gostava de vir aqui na cidade era de Finados, pra ir no cemitério. Que o cemitério (ou não vai lembrar também? – apontando para Idelina) era como se fosse uma feira. Tinha tudo pra vender. A gente chupava um sorvete, depois ia chupar um pedacinho de mel que era numa folha de bananeira, não tinha papel celofane igual ao dia de hoje, não. Era uma folhinha de bananeira. Aquele mel de abelha. Aquilo era mel. Não o que é hoje. Porque a gente não comia e a lombriga quase que ia pegar o mel lá fora. E a gente vendia vassouras aqui em Campinas. Andava por todos esses lugares vendendo vassouras. Era um meio de ganhar dinheiro. Até uma vez esse meu irmão criativo tava com preguiça, descendo uma rua aí da Ponte Preta, que rua só tinha aquela perto do...que estava ainda fazendo o estádio da Ponte Preta naquela época. Imagina. Daí minha mãe olha pra trás:

- Cadê a vassoura Armando?

Esqueceu. Daí saiu correndo lá. Chega lá, minha mãe bate nele, é uma confusão. Aí um dia fomos passear no cemitério, não no Bosque. E a professora de escola que levou todos os alunos pra passear. Viemos a pé de lá, da vila Ipê. Pra você ver: só tinha um moleque que levou uma latinha de salsicha, daquela que abria com uma chavetinha assim do lado. Imagina, isso daí era há 60 anos atrás, quase 70. A professora tirou toda a molecada de lá e ele comeu sozinho. Ia ficar com lombriga.

Idelina: mas o que vinha nesta lata era sardinha.

Salsicha.

Sebastião: era salsicha.

E a gente quando vinha na cidade era um par de sapatos, que era apelidado de Chico Lingüiça. Os três usava. Quando o mais grande usava servia certo. O do meio punha um pouco de pano na ponta. E o mais novo quando ia usar era uma bola de nó, porque os pais não comprava sapato que servisse no pé certo. Comprava um pouco mais grande, porque aquela mania: o pé cresce.

Idelina: nossa! Meu Deus!

A vida não foi fácil. E eu não estou contando mentira. Estou falando o que se passou comigo. Você não citou aqueles negócios de...sexo: o que é isto? Antes de 20 anos conhecia sexo. Ninguém. Pelo menos meus amigos, tudo o que eu conheci, ninguém. Por quê? Porque se você fizesse qualquer coisa errada, as mães obrigavam que você fosse com o padre confessar. E era fácil você chegar na frente do padre e confessar o que você fez.

Idelina: não tinha mulher de programa naquela época?

E nós tinha (dinheiro). E nós tinha (dinheiro). Tinha um medo da tal de gonorréia que andava no ouvido de todo mundo. Porque pegava mesmo. Porque elas também não se cuidava. A vida foi essa.

O sr. trabalhou depois aonde?

Depois já de moço aí nós mudemos pra Rhodia. A fazenda São Francisco depois passou Rhodia. E lá eu fui trabalhar no cooperativa, oito anos na cooperativa. Depois eu passei pra fabricação. Essa cooperativa fechou por isso ou por causa da primeira greve que houve lá dentro. Aí a primeira greve atrapalhou a vida da Rhodia, que mandou vários empregados embora, parou de fabricar álcool e os empregados que trabalhava na lavoura foram tudo mandado embora. Eu era da cooperativa. A cooperativa reduziu o quadro quase a zero. Aí eu passei pra fabricação. Na fabricação trabalhei até aposentar. Comecei como operador de sala de controle.

O sr. se aposentou com qual idade?

50 anos. É aposentadoria especial porque era de periculosidade.

O sr. chegou a casar?

Sou casado, tenho três filhos. Um mora aqui perto de mim que estudou, fez faculdade, tem bastante estudo e hoje está desempregado. O estudo hoje em dia você vê o que que é. O do meio é comandante de navio, trabalha no Rio de Janeiro. O mais novo tem um parque de diversão no Rio Grande do Norte.

Mudou muito a vida do sr. com a aposentadoria?

Não, depois de aposentado eu ainda fiz uma fábrica de vassoura. E fiz lá por muito tempo. Mas depois a matéria prima saiu, não tinha mais como trabalhar. Também parei. Já faz uns 10 anos isso daí.

Como o sr. analisa a cidade de Campinas hoje?

Campinas hoje, do tempo que eu tou falando, não pode dizer que isso melhorou. Não. Tá bom. não resta dúvida que tá bom. mas...há muita coisa que aqui...não, não tá bom. A insegurança que a gente tem aqui. A falta de respeito um

com outro, a gente não tem mais vizinho, praticamente não tem amigos. Se a gente está bem vestido a gente é ...não pode, como se diz, participar, se a gente não ta...não entra nem em qualquer lugar. É coisa que eu acho que piorou. Pra mim não melhorou não.

Essa análise é do ponto de vista da relação entre as pessoas?

Da relação. Você vê, não existe mais o rio. É tudo poluição. Como eu falava que gostava de pescar, hoje você não pode mais pescar. Hoje só pesque-pague porque os terrenos estão tudo estragado. É hoje você encontra com pessoas que estão com foninho de ouvido. Não olha nem pra você, nem cumprimenta. Eu estou acostumado a cumprimentar, dizer bom dia, como vai? Hoje não, hoje não pode porque eles estão....a turma está dirigindo quase passa em cima, está com celular na boca, o carro a 100 por hora, porque não sei, está com pressa. Isso aí é bom? não é bom. a gente fica muito instável. No banco tudo aquele maquinário que tem pra nós de idade mexer, não é fácil. A gente também não confia. Vai que aquilo lá dá errado. Então...eu lembro que eu vinha com o meu falecido pai na Caixa Econômica, na Barão de Jaguar, na Caixa Econômica Federal, ele assinava uma fichinha no caixa e ia lá depositava dinheiro ou pegava dinheirinho. Era pouca gente que vinha na caixa, então a gente vem de um tempo que era tudo simples. Médico: o sistema de saúde hoje eu acho muito complicado. Eu conheci médicos, médico da família que tratava as pessoas, porque se não tratasse a pessoa continuava enchendo a paciência dele lá. Então a gente se tratava. Hoje não. Hoje você vai no médico, ele quer que você vai permanecer no consultório lá, porque é onde tem a renda dele. Se você vai por uma coisa ele manda fazer 40 exames. Isso aí não bate comigo. Que eu acho que isso aí é ruim.

O que é ser velho hoje?

Hoje, ser velho, é ser acima dos 60, né. E não é bom. a gente tá vivendo uma vidinha até boa porque a gente tem aposentadoria. Porque o velho de antigamente não tinha, ficava apurado. Então o que a gente agradece, que tá bom hoje é porque a gente recebe, se não recebesse o que seria de nós. Então, graças a essa aposentadoria que a gente recebe.

Então a imagem que a gente tinha antes do velho...

Ah! O velho não tinha...antigamente não tinha o passe do idoso, não tinha o bom prato de R\$ 1,00, não tinha nada, não tinha...precisava, aquele que não conseguia se sustentar a família precisava cuidar dele. E ele passava a ser um peso pra família. Hoje, se nós tamos sozinho é porque nós temos aposentadoria. E nós se mantém. Porque se nós não tivesse também a aposentadoria. Eu não sei o que seria dos idosos. Hoje a família que está dependendo dos velhos.

Flávia: tem família que depende da aposentadoria do velho.

Como eu vou falar hoje que tá bom, que uma pessoa que tem faculdade não acha o que fazer. O que que vai fazer hoje? Não tem o que fazer hoje.

Ter faculdade hoje não significa que você terá emprego.

Eu escutei outro dia, outro dia na Rádio. Estava anunciando lá vaga pra não sei quanto. Então você chega lá, você além de pagar inscrição, aí aqui não é escola. Você vai aprender a praticar aquilo que eles estão ensinando lá, depois que eles vão enviar currículo para eles ver se tem ou não vaga. É uma enganação.

Como o sr. conheceu a oficina de memória?

A Oficina de Memória foi que a Márcia e a Fabíola convidou pra quem quisesse falar sobre o que se lembrava de Campinas, elas que indicou.

Tem alguma coisa que mexeu com o sr.?

Sim, recordou coisa que a gente tava no baú ali escondido. E ao visitar o local, recordou coisa que, principalmente uma vez que nós fomos na Catedral, a turma falou: vai estourar aleluia. Aleluia estourava na sexta-feira naquela época. Eu não sabia o que era estourar aleluia. Aí chegemo lá, meu primo me falou.

-“vai estourar aleluia, vai estourar aleluia, vai estoura aleluia”.

E eu tampei o ouvido. Pensei que ia dar um estouro. Aí descobriram o santo lá. Aquilo que eu falei: a missa era em latim, também ninguém lhe explicava nada. Você ia aprender o quê. Era difícil. O padre ficava de costas pra você na missa. E só falava em latim. E se você passou com o rapaz criativo, meu irmão, ele...tem uma passagem na missa que você fica de pé. E a turma usava chapéu aquele tempo.

Idelina: chapéu na missa.

Na missa tirava, mas todo mundo usava chapéu. E quando tinha um muleque sentado todo mundo punha o chapéu naquele banco aí. Porque não ia segurar na mão então punha o chapéu aí. E, esse meu irmão, (risos) quando viu que tudo sentou, ele sentou também, amassou (risos) fazer o quê? Tinha este hábito também de colocar o chapéu onde tinha uma criança que tava de pé, colocava o chapéu no lugar dele. O que se passava isso.

O sr. tem algum sonho?

É o sonho que eu tenho é conhecer o que tem do lado de lá porque aqui, sou eu, aqui pra mim tá tudo bom, tá tudo certo. Então é conhecer o que tem pro lado de lá.

O sr. lembra do sonho da infância, da juventude?

Não, não! Tenho sonho realizado sim. O caso que eu queria uma bicicleta, não consegui comprar e depois de velho eu tenho uma bicicleta. Essas coisas era do sonho.

Quando o sr. conseguiu comprar a bicicleta?

Ah! Faz tempo que eu tenho. Eu tive depois dos...dos...24 anos eu sempre tive bicicleta. É a minha condução. Já tive carro, tive camionete, já tive...hoje não tenho mais nada. Hoje até entreguei o carro pro meu filho porque me tomaram a carta. Não por mim. Ele passou lá num fiadamãe de um radar. Foi multado em R\$574,00. E a multa. Depois de seis meses veio um processo em cima de mim. Porque infração, era um negócio assim, 21 pontos. Levei a carteira lá. Tinha que fazer reciclagem, ia fazer isso. Quer saber de uma coisa? Não vou dirigir mais. Deixei a carta lá mesmo e não voltei mais buscar. Ah! Se precisar eu chamo o táxi que fica mais barato.

Idelina: chique! Ta vendo, depois fala que não é chique.

Eu estou falando da vida de criança.

O que mudou na vida do sr. ao participar da Oficina de memória?

Acho que não mudou nada não. Porque...

No cotidiano do sr., no dia-a-dia?

O que mais mudou, que eu não conhecia o quê? Fomos visitar a Unicamp. O centro de memória lá da Unicamp. Eu nem sabia que tinha aquelas coisas lá. Então achei que...pra mim foi uma mudança. Se eu quiser pesquisar alguma coisa que se eu posso ir lá, né. Então isso aí é uma das coisas que mudou. Agora, no restante, nada.

O sr. poderia dar uma mensagem de vida?

A vida é boa, desde que você prepara ela durante a sua vida. Prepara, procura fazer as coisas direitinho. Procura ter o próximo como seu irmão. Porque aquilo que você plantar você vai colher na velhice. Sem dúvida. É a minha mensagem.

As pessoas esquecem que chegarão na velhice.

É, esquecem. E aquilo que você plantou. Se você plantar o bem, você vai colher o bem. Se plantar vento, vai colher tempestade. E também, se sobrar um tostãozinho, guarda pro dia de amanhã que você vai precisar. Os italianos têm este ditado. É de grão em grão que a galinha enche o papo. E um tostão por tostão que vai dá um milhão. É, a minha mensagem é esta daí.

ENTREVISTA REALIZADA EM 09 DE MARÇO DE 2007.

MÁRCIA REGINA MAINARDES – UNIMED

Bom, nós começamos o trabalho que chamamos de reconstrução histórica de Campinas, pensando no que os idosos traziam já pra nós. Eles vinham contando muitas histórias, contando pra nós como era Campinas, o que eles faziam, como era no passado, e sempre trazendo alguma coisa pra nós. A partir disso a gente começou a perceber que dava pra montar um trabalho. Aí nós fizemos algumas atividades simples: falamos sobre o passado, sobre o presente da cidade e eles estavam muito envolvidos. Aí nós...até acabou saindo uma matériazinha no jornal e o Centro de Memória (Unicamp) acabou fazendo contato conosco, expondo todas as possibilidades que eles têm lá de materiais, de conteúdo pra utilizar. Aí nós fomos fazer contato com a professora Olga (Rodrigues de Moraes Von Simson) que é coordenadora do Centro de Memória, e aí começamos a trocar idéias do trabalho que a gente poderia fazer em parceria, e aí ela sugeriu a Fernanda (Mandetta) pra estar acompanhando o cliente e aí nós montamos juntos. Eu e a Fernanda, com a supervisão da prof. Olga, as Oficinas de Memória. E aí nós fomos montando, primeiro escolhemos os idosos, elegemos algumas pessoas.

Como foi essa seleção?

Nós pegamos as pessoas mais lúcidas, em princípio, e que residiam há mais de 40 anos em Campinas. Então era ou os que haviam nascido em Campinas ou que viviam pelo menos 40 anos aqui. E selecionamos homens e mulheres e daí passamos a nos encontrar. Fomos montando por tema. Primeiro a gente começou conversar com eles de modo geral. Depois a gente começou a afunilar. A gente começava a falar sobre um tema, transporte. E montava uma oficina só sobre transporte, como era, o que mudou, no que eles andavam, o que eles sentiam diferente. E assim nós fomos montando. Cada oficina trabalhava um tema diferente. Isso sempre com o grupo inteiro. Então todo mundo tinha a oportunidade de falar, de contar a sua história, contar a sua experiência de vida. E aí a gente trazia sempre algum material. Se fosse falar sobre transporte, tinha que trazer fotos antigas, do Centro de Memória, jornais que traziam matérias falando sobre isso, sobre o tema, e eles, a gente pedia pra eles também trazer o que eles tinham em casa. Então eles também traziam algumas fotos antigas, como carro de boi. Então eles traziam pra nós e a gente fazia comparativo. Daí depois a gente foi, quando a gente começou a falar sobre as praças, por exemplo, da cidade, a gente começou a ir em loco para conhecer o espaço, hoje, e daí lá nesse lugar eles contavam pra nós como era no passado. Então a praça Carlos Gomes, o que tinha no Coreto, o que eles faziam lá. Eles contavam que iam lá pra namorar, como que era a vida da época e como está hoje. Daí nós fomos também pro Centro de Memória pegar a história desses lugares que eles passaram. Então foi: a Praça Carlos Gomes, a Praça das Andorinhas, o Bosque, O Teatro Municipal, a Fepasa – Estação Rodoviária, e aí eles, lá no Centro de Memória, também conseguiram a reconstruir a história lá vendo o que o Centro podia mostrar pra nós. Então foi um comparativo que a gente fez nas Oficinas.

Vocês começaram o trabalho com quantos idosos?

Acho que formamos dez ou onze idosos, não lembro bem ao certo quanto eu tinha. Acho que foi onze. Dez ou onze. Não foi um número muito grande porque a gente precisava de um número menor. Mais poucos desistiram. A gente tinha uma frequência boa de participação deles.

Como eram realizados os encontros?

Era semanalmente. Toda semana, toda segunda-feira, a Oficina durava uma hora.

Então o projeto começou com depoimentos espontâneos dos idosos?

Isso, começou como espontâneo, mais depois a gente fazia um roteiro pra cada oficina. E discutia com deles o que ia discutir na próxima oficina. Então se eles falavam que queriam falar sobre a demolição do Teatro Municipal, aí a gente montava um roteiro, com perguntas e questões para conseguir conduzir as Oficinas. Não podia deixar muito solto. Se não eles começam a falar, falar, falar, daí se perde. A gente tinha um roteiro. Pra cada oficina você tinha um roteiro. A gente montava junto, eu e a Fernanda.

Por quê trabalhar com a memória?

Porque o idoso é pura memória. Eles gostam muito... A gente trabalha com o idoso e não tem como a gente não trabalhar com a memória. Que eles trazem isso muito forte no dia-a-dia deles e eles sempre estão recordando do passado. O passado está muito presente na vida deles. E também pra eles exercitarem a memória. O exercício do relembrar, o exercício de fazer a comparação, isso faz bem pra eles. Então se eles queriam aproveitar o conteúdo deles para contar história pra nós, com a memória deles, com a memória viva, de coisas que eles vão contar e não está escrito em lugar nenhum. Que só a pessoa idosa vai poder fazer isso pra nós. Então acho que isso é uma riqueza, a memória. Se eles têm a lucidez de lembrar, a gente tem de aproveitar para poder reconstruir, reescrever parte da história que não está formalmente colocada. E também por causa desse exercício do relembrar, que eu acho que faz bem pra saúde deles, ajuda eles. Eles se sentem bem. Porque pro idoso faz muito bem falar sobre o passado. Então a gente sabe disso, a gente aproveita pra deixá-los mais saudáveis.

Qual a linha teórica que vocês trabalham na Oficina.

Então a gente utilizou o material que a professora Olga passou pra nós. Isso que a gente utilizou nas aulas (Memória e Velhice), porque calhou bem junto com aquela disciplina que fizemos, a Fernanda também fez. Então foi muito bem, foi muito...encaixou muito tudo, esse lado da memória apoiando a gente, a disciplina que a gente fazia Memória, Cultura e Velhice, esse foi todo o referencial que nos ajudou. Aí a própria formação da Fernanda em História também era muito rica por ajudou muito o trabalho.

Tem algum autor ou tema em especial que tenha enriquecido esse trabalho?

Eu lembro quando nós falamos sobre a História Oral. A gente pegava o conteúdo dele. Ah! como era mesmo o nome dele?

Michel Pollack

É. Ele que a gente acabou utilizando bastante como referencial da História Oral. Era a nossa base de trabalho de História Oral.

Como vocês diferenciam os termos idoso e velhice?

Então, acho que o (termo) idoso a gente acaba utilizando mais porque o velho fica meio pejorativo, às vezes. Não que o velho, não vejo que o velho é pejorativo por seus atos Mas acaba sendo. Às vezes eles não gostam muito. Falar velho, velhice. Falar idoso é o que soa melhor pra eles. Apesar que eles sabem que eles são velhos, que eles têm idade. Isso é inevitável. Mas acaba que a gente utiliza o idoso, acho que mais por isso. Mais pra aproximar. Mas não que a gente não utiliza a velhice. Mas quando se refere a eles não fala velho do Projeto Saúde Toda Vida. Nós falamos os idosos do Projeto Saúde Toda Vida. Quando você fala parece que soa pejorativo velho em vez de idosos. Apesar de não deixar de ser.

Gostaria que você destacasse os pontos (momentos) de emoção que você teve aqui na Oficina?

Acho que teve vários momentos assim marcantes. Principalmente quando nós levávamos eles para os locais pra recordar. Então quando eles...teve a Eugênia mesmo, quando nós fomos lá na Estação, no Bosque e na Vila Industrial, lá onde ela nasceu. Ela chegou lá, ela se emocionou muito em ver de onde ela veio, o que tinha mudado, daí ela começou a contar o que ela tinha...que ela sentava na calçada quando ela era criança, do que ela brincava. E ela se emocionou muito de contar isso pra nós. Não tem como evitar que você...você vai se emocionar também. A Eugênia me emocionou muito em alguns momentos quando a gente foi aos locais. Por exemplo, lá no Bosque eles vivenciaram muito os bailes no salão que tinha no Bosque. Então eles contavam como que eles iam no baile, que eles namoravam, como que era o namoro. Então esses momentos que a gente teve lá, parece que a gente conseguia voltar 50 anos atrás, 60 anos atrás. Eles são muito emocionantes de ver que eles viveram aquele momento. É diferente de você só ler num livro o que a história conta. É muito melhor ouvir daquele que vivenciou todo esse período. Quando a gente passa também pelo Mercado Municipal eles contaram muitas histórias e algumas tragédias que aconteceram ali. Então eles lembram muito. Um acidente, acho que num ônibus, era ônibus, eles chamavam de outro nome.

Era bonde?

Não era bonde. Puxa esqueci agora! Jardineira. Queimou uma jardineira. Eles também contando se emocionavam muito e a gente também. Por ver o quanto mexe com a vida deles, quando ele recorda ali a história e passa a contar pra nós.

Quando ele entra na história passa a se emocionar..

Exatamente porque ele está vivendo naquele lugar. Foi naquele lugar que ele viveu tantas emoções, coisas, pessoas que eles conheceram. Mesmo ali na praça Carlos Gomes que eles ficavam ali pra paquerar. Então eles contam ali com muita...muita emoção. Esse acho que foi o ponto mais marcante de todo o trabalho que a gente fez. Foi o mais gostoso.

Você poderia falar um pouco a característica de cada um dos participantes?

O Seu José Otterço, por exemplo, é uma pessoa extremamente...eu acho que ele foi um jovem super galanteador, conquistador. Tem época que ele ia todo, como diria...ele tem um estilo ainda conquistador até hoje. Ele é uma pessoa romântica, uma pessoa muito querida. Ele é uma pessoa muito diplomática. Assim ele é sempre o equilíbrio do grupo. Então mesmo assim quando tinha alguma discussão mais calorosa, ele contorna sempre. Seu José Otterço é uma pessoa assim que teve uma história de vida muito...Ele curtiu muito a vida em todos os aspectos, eu acho. Teve uma vida social, uma vida pouco melhor que os demais. E ele é uma pessoa muito conciliadora, eu diria.

A Flávia é uma pessoa...você quer que eu fale uma característica pessoal deles? A Flávia é uma pessoa super carinhosa também. Ela é mais tímida. Mais ela também foi muito sofrida na vida, com a criação dos filhos, tudo. Mais hoje parece que...hoje ela está vivendo intensamente aquilo que ela viveu no passado.

A Lina também. A Lina teve uma vida de 50 anos, que ela mesma relata, de sofrimento com o marido. Daí disse que ela se libertou quando o marido morreu. Né, então. Ela passou a viver quando o marido dela morreu. Porque ela diz que a vida dela começou a partir da morte do marido. Então hoje ela tenta aproveitar tudo. Sabe, ela curte cada momento, cada atividade que a gente oferece ela está lá, está presente, ela gosta. Ela sarou da depressão. Ela chegou

lá com quase 100 quilos. E hoje você vê: é uma pessoa super vaidosa, bonita, que se cuida. Porque o marido não deixava ela nem cortar o cabelo. A Lina então hoje vive extremamente feliz. É a única amiga da Flávia, não se largam as duas.

O Seu Valdemar também teve uma história de vida bem sofrida. Ele viveu muito na roça. Ele veio lá da área rural, de família de imigrantes. Casou-se com uma espanhola. E era uma pessoa rígida, machucada. Então tudo o que ele fala, ele tem sempre uma coisa pra...não digo pra cutucar, mas sim uma amargura em tudo que ele coloca. Mais ele foi ficando muito mole, foi amolecendo o coração dele com os filhos, quando ele contava sobre a vida dele. Mas ele sempre disse minha vida é diferente da vida deles, de todos os que estão aqui. Porque ele considerava que a vida dele era mais sofrida, a menos privilegiada dos demais que estavam ali.

Foi exatamente isso que ele colocou na entrevista. Daí eu senti um pouco a intervenção da Lina durante a entrevista dele. Deve ter problema sério.

Tem entre o Seu Valdemar e seu José Otterço. Eles também...eles não se falam, na verdade. E até quando eu montei as Oficinas, eu não sabia desse problema pessoal que eles tinham. E isso veio aflorar na oficina. Então teve alguns probleminhas, mas a gente conseguiu contornar. E eles nunca deixaram de participar, nenhum dos dois, por causa de um, por causa do outro. Mas eles nunca se falaram. Não trocavam palavras nenhuma. A gente até tenta resolver, mas é uma coisa entre eles, e eles não querem resolver essa, na verdade.

E o seu Sebastião?

Ah! O seu Sebastião é uma riqueza esse homem. Tem uma cabeça privilegiada porque tem 86 anos, lembrar das coisas que esse homem lembra é uma riqueza muito grande. Chegar no Bosque, ele olhava nos bancos escrito, uma loja que tinha não sei quantos anos atrás. Ele falava. A loja, esta loja, fica na tal rua, na tal esquina, era pintada de tal cor, a janela era assim, era assado, tudo ele lembra. Ele lembra de detalhes. Então o seu Sebastião era uma pessoa que tem que ser utilizada como fonte de pesquisa, para quem quer saber sobre a história de Campinas. Ele é uma pessoa que é um marco. Ele foi um dos primeiros moradores da rua Orozimbo Maia. Ele conhece muito de Campinas e ele tem um museu na casa dele. Ele sempre trazia objetos pra nós, ele tem coisa assim da época da escravidão na casa dele. Então ele tem muita coisa. O seu Sebastião é um homem assim que é uma riqueza. E no momento que a gente estava fazendo as oficinas...num dia de uma das oficinas que ele chegou lá chorando porque a mulher dele havia morrido, num domingo. A gente tinha oficina na segunda. Ele tinha que ir lá porque ele queria me encontrar pra contar que a D. Maria tinha falecido. Sessenta anos de casados. Eu falei: nossa! Seu Sebastião vai morrer. Porque os dois eram muito ligados, viviam juntos, tudo juntos, faziam tudo juntos, não se desgrudavam. E aí nós trouxemos o seu Sebastião mais pra perto ainda das oficinas, começamos a trabalhar bem com ele, ficamos muito junto com ele. Dois meses depois ele já conheceu a Alice. E aí já começaram a namorar. E vão casar este ano. Então ele deve ter contado também isso pra você.

Ele disse na entrevista que não sabia que ia casar ainda.

Terça-feira ele disse que ia casar. Os filhos não querem que ele case, esse que é o problema.

Ele teve problema com o neto dele que viu de mão dadas na rua.

É. Não porque ele e a Alice namoravam escondidos, né. Agora não estão mais namorando escondidos. Agora os filhos já sabem. Mas quando eles começaram a namorar eles saíam escondido os dois. Aí o neto viu, deu uma confusão na casa, porque contou pros filhos e a filha não aceita de jeito nenhum. Porque só fazia dois meses que a D. Maria tinha morrido. Não sei, ele tem 85 anos ele esperar quanto tempo pra conhecer alguém? Conheceu, já tem que..., né, começar logo. Qual a expectativa que ele tem de vida?

Você notou muita diferença entre a forma como cada um começou a Oficina, no decorrer e quando terminou? Mudança em que sentido?

Mudança na forma de consciência, na forma de ser de cada um.

Ah!, não sei se eu conseguiria mensurar isso em cada um deles. Eu acho que eles mudaram, assim, na visão da história, do contar histórias, do viver a história hoje. Porque eles falam muito pra mim isso. Foi muito bom essas oficinas porque hoje eles conseguem olhar pra Campinas diferente. Nesse sentido sim. É, que eles passam nas ruas e olham pra Campinas de maneira diferente da forma que olhavam antes. Então esses relatos...mas eu não saberia te dizer assim, falar de um por um.

Normalmente eles costumam ter consciência dessa mudança no decorrer da pesquisa, de uma entrevista. Daí eles entendem essa mudança.

Acho que a Jael não foi entrevistada por você, né. Ela é uma poetisa. Ela não é Campineira, nasceu em Mogi Mirim. Mas ela viveu muitos anos aqui. Ela é uma pessoa muito nítida. Acho que por ser poetisa, muito romântica na forma de olhar as coisas. Ela me relatava muito...muita consciência do que era, do que é hoje e qual será o futuro. Ela conseguia estabelecer bem essas três diferenças. A Jael. Outros eu acho que ficavam muito ainda na...acho que o Seu José Otterço também, tem muita consciência assim. Seu Sebastião fica mais no passado, né. Ele fica muito mais no

passado. Porque a memória dele é muito viva, né. Acho que pela idade dele que tem, 86 anos. Ele faz este ano 87 anos. Então ele...não lembro direito pra te dizer um por um.

E agora vocês vão encerrar o trabalho?

Então, agora a gente está nesse impasse. Porque nós estamos com todas as entrevistas transcritas, já tudo finalizado neste sentido. Agora a gente queria montar uma exposição disso, com as fotos dos locais, eleger alguns temas que nós trabalhamos. Todos não, mas alguns. E colocar como que era, como é hoje no contar do idoso. O que poderia ser...o que pode ser através da história escrita, para as pessoas chegarem ler, ou como eu estava colocando pra você, que a gente queria colocar num fone, as pessoas chegam na exposição, olha pra foto e coloca o fone de ouvido, e escuta o idoso contar sobre aquele determinado lugar. Isto está em fase ainda de estudos, de levantamento de custos pra ver como vai ficar isso. Então a gente quer montar uma exposição com eles.

Eu gostaria que você comentasse como foi a sua experiência, não como pesquisadora, mas como pessoa, em todo esse projeto?

Foi muito rico. Eu não sou Campineira, eu moro em Campinas há sete anos somente. E que foi muito rico conhecer a história contada por eles de Campinas. Claro que eu já tinha conhecimento de algumas coisas. Mas muito do que eles contavam pra mim, nossa! Eu nem imaginava que existia. Então foi muito rico pra mim. Porque daí eu converso com o meu marido, ele é campineiro. Tem detalhes que ele nem imagina que eu sei da história de Campinas. Eu paro num lugar eu digo olha aqui era assim, assado. Acontecia isso, acontecia aquilo. Ele nem sabe de alguns detalhes, né. Porque eu ouvi a história viva que ele não ouviu. Tudo isso pra mim foi muito rico. Eu aprendi a gostar de Campinas. A conhecer melhor Campinas. Então isso foi muito legal pra mim. E a convivência com eles, a troca de experiência com eles isso foi muito bom. Porque eles tinham muito conhecimento pra trazer pra nós. Então eu curti muito esse momento. Todas as oficinas foram muito ricas. E a cada momento que a gente passava junto era um momento, assim, único, eu diria. Então foi muito bom. Com a Fernanda também foi muito bacana, nossa troca. As análises que a gente fazia depois das oficinas, a gente sentava e conversava. Isso foi legal, o que foi que deu certo, o que a gente vai fazer na próxima. Então isso foi muito bacana. O aproximar também com o Centro de Memória, de a gente ter ido lá, de tudo que a Unicamp tem ou oferece pra nós, isso é muito rico. Então pra mim só teve a acrescentar. E despertou bastante a vontade de fazer um projeto maior, né. Porque eu tinha tanto conteúdo pra trabalhar, que poderia estudar muito mais coisas, né. Só falta tempo.

A professora Olga tem sempre esse conceito de consciência entre o passado e o presente. Qual a análise que vocês fazem hoje, por meio dos depoimentos, da Campinas de hoje e do passado.

Pelo depoimento deles, pelo relato que eles trouxeram pra nós, Campinas tem uns pontos muito positivo do que era antes e que hoje não existe mais. Porque eles são muito...o campineiro em si ele é muito bairrista. Então assim: eles lembram com muito orgulho que eles eram campineiros, que eles saiam nas ruas as pessoas se conheciam, iam no teatro municipal, tinha tapetes vermelhos, tinha poltronas lindas da Itália. Sabe, eles vivem aquele momento que Campinas era um...era um Centro Cultural. As pessoas eram sempre muito bem vista aqui. E hoje eles trouxeram que Campinas perdeu muito. Assim, tem o crescimento da cidade, isso é óbvio. Mas assim: puxa! Nós não temos mais isso. Aquele glamour que tinha a cidade, aquelas pessoas que iam ao teatro que tinha, que se arrumavam, as personalidades. Porque a gente até trabalhou com algumas personalidades da época, né. E eram as figuras existentes aqui. Eles contavam com muito orgulho. Isso eles sempre falaram: Campinas foi muito bom. Campinas foi uma cidade maravilhosa. Hoje Campinas está muito violenta, está muito ruim. Mas eles também olham o acesso a coisas que infelizmente eles não tinham, mas tem acesso hoje. É, por exemplo, mesmo até o programa que é voltado pra eles, de atividade. Que eles fazem hoje atividades físicas. Programas culturais que eles hoje têm acesso, né. Então eles fazem esse balanço, mas sempre foi muito forte. Campinas era muito melhor do que é hoje. Campinas nunca vai ser aquela coisa. Porque mudou muito. A gente quando ia na praça era linda, era bonita, era cuidada, era gostosa, a gente gostava de passear. Hoje não, está tudo feio. A cidade está abandonada. Não tem nenhum prefeito que cuide desta cidade. Estão sempre contraponto isso.

Lembro da entrevista de José Otterço sobre a Praça Carlos Gomes que agora até tem garota de programa.

Justamente. Esse era o espaço que eles tinham ali. A própria 13 de maio, que eles iam lá pra passear. Hoje eles não têm condições de passear mais lá. Porque a cidade cresceu, o progresso chegou, tudo isso. Então eles conseguem visualizar tudo isso.

Como vocês devem concluir a análise teórica sobre esse contraponto entre passado e presente?

Então pra ser franco com você, Gerson, a gente ainda precisa sentar e aí ver como é que nós vamos terminar isso. Vou sentar com a Fernanda, e analisar o que a gente vai querer agora no final, como a gente vai finalizar. Porque já faz seis meses que nós terminamos essa primeira fase, acabamos com todas as oficinas. Então a gente tinha que...a gente temos que retomar. Então assim, nós vamos ter de pegar, relembrar algumas coisas pra poder encaminhar pra finalização. Nós vamos ter de retomar isso. Não saberia te dizer como nós vamos fazer.

Gostaria que você falasse rapidamente sobre os outros projetos além deste daqui, do Projeto Saúde Toda Vida.

Nós temos várias atividades, né. Iniciamos um projeto voltado para o cinema. Que a gente trabalhou cinema nacional com eles. A gente elegia sempre alguns filmes, três filmes, e levava pra eles escolherem. E aí nós trazemos aqui pra Unimed. A gente faz uma sessão de cinema com eles. Eles assistem o filme, termina o filme a gente discute o filme. Então nós trabalhamos o cinema nacional quase dois anos. Na metade do ano passado, começamos a trabalhar outros filmes. Então a gente começou pegar o tema da velhice, com eles.

Você lembra alguns dos filmes que foram passados?

Cinema nacional a gente trabalhou um monte. Lisbela e o prisioneiro, trabalhamos o...agora você me pegou. Como era mesmo o nome do filme, não vou lembrar, mas vários **...(fim da primeiro lado da fita)** Eles também sempre sugeriam pra nós, a gente dava uma olhada no filme e depois passava. Então é um projeto que a gente faz com eles aqui. Eles podem trazer pessoa da família, se quiserem. Oferecem pipoca. É muito gostoso. Porque eles reclamavam muito que tinha que pagar cinema. Então a gente colocou esse projeto para também atendê-los e trabalhar a questão do cinema e dos filmes, né.

A gente tem as atividades físicas, né, que temos acompanhamento de ginástica, grupo de dança coreográfica, temos o teatro, que trabalha com a questão da memória. A dança também trabalha com a questão da memória. Você tem que guardar o passo, o movimento, lembrar como era, como tinha que fazer, trabalhei isso. O coral. Que nós temos um programa que a gente chama de Síndrome Metabólica, que envolve medicina preventiva, que são grupo de estudo e apoio para diabetes, hipertensão e obesidade. Então tem um programa de reeducação alimentar pra todos eles. Que a gente faz acompanhamento, a gente mede, pesa, vê se está melhorando, o que está comendo, como está comendo. Tem todo esse acompanhamento com eles. E além disso a gente tem os encontros toda terça-feira. Que lá a gente oferece atividades culturais, atividades artísticas. Leva grupos pra trabalhar lá, pra se apresentar. E palestras de medicina preventiva. A gente trabalha muito com a prevenção. Porque somos uma empresa de saúde, a gente tem que trabalhar muito com a prevenção e auxiliá-los nesse sentido. Então a gente oferece muitas palestras pra eles. Acho que é isso.

Pra encerrar, uma análise da Unimed: o idoso de hoje é bem diferente de antigamente? Qual foi a grande mudança?

Ah! O idoso hoje ele está muito mais consciente da sua vida social, da sua capacidade. Porque hoje ele se considera uma pessoa capaz. Hoje tudo está começando a mudar. Tem uma lei específica pro idoso. E quantos anos ficou sem. É muito recente o estatuto, mas é uma coisa nova, que tá surgindo, que bom que veio. As pessoas hoje estão se preocupando até com as estruturas físicas, as escadas estão mudando, tá todo mundo colocando elevador até pra melhorar a situação do idoso. E ele tem voz ativa hoje. Porque a população idosa está crescendo. Então eles têm que ter um espaço, eles têm que ser recebido, eles têm que ser valorizado. Tem que ser...se ele quisesse e puder ser colocado no mercado de trabalho. Tem muitos que querem voltar a trabalhar e voltam a trabalhar. Tem uns que não querem. Querem agora curtir a vida. Estão curtindo a vida de maneira saudável, com atividades físicas, estão se preocupando com a saúde. Então a Unimed entende que é importante, que a Unimed precisa oferecer benefícios para que a população seja melhor recebida. E que não precisa ser cliente da Unimed para participar deste programa. Qualquer pessoa com mais de 55 anos pode fazer parte desse grupo. Pode fazer ginástica, pode fazer qualquer atividade que não precisa ser cliente. A Unimed trabalha desta maneira como projeto de Responsabilidade Social.

Esse programa já tem quantos anos?

Vai fazer oito anos agora em abril.

Partiu de um problema particular?

Não, nós tínhamos uma diretora na época, que era geriatra e ela criou esse programa. Então ela tem uma cabeça de geriatra, com a visão social que ela tinha, ela era diretora médica aqui dentro. E ela criou esse projeto. E deu muito certo. É um dos programas mais solidificados aqui. Já tem sete, oito anos. E pra manter um grupo de 150, 200 idosos por oito anos, tem que ser um projeto estruturado, senão eles não ficam.

E diminuiu o número de problemas de saúde desses idosos?

Isso é muito visível. A gente tem muitos relatos de melhoria de qualidade de vida, pararam de usar muitos medicamentos que usavam. Emagreceram quando tinha que emagrecer, engordou porque tinha que engordar. Depressão. Tem n's relatos de histórias que foram mudadas quando passaram a conviver com outras pessoas fazendo atividade física. Tudo isso faz bem pra todo mundo, não é só pro velho. Mas pra gente também faz bem, conviver com outros faz bem, fazer atividade física faz bem. Então isso também é agregado.

Obrigado Márcia.

Que nada.

PROJETO SAÚDE TODA VIDA CAMPINAS (UNIMED)

RECONSTRUINDO A HISTÓRIA RECENTE DE CAMPINAS ATRAVÉS DE LEMBRANÇA DE VELHOS MORADORES.

ENTREVISTA INDIVIDUAL REALIZADA POR FERNANDA MANDETTA E MÁRCIA MAINARDES

JOSÉ OTTERÇO

REALIZADA EM 03 DE OUTUBRO DE 2005

LEGENDA:

F: Fernanda Mandetta (CMU – UNICAMP)

J: Seu José Otterço

F: O senhor nasceu em Campinas mesmo seu José?

J: Nasci.

F: É, quando o senhor nasceu?

J: Nasci no dia dezenove de abril de mil novecentos e trinta e um.

F: Certo.

J: E tô com setenta e quatro anos.

F: Setenta e quatro. E o senhor morava em que, o senhor morava em que bairro, qual foi o primeiro bairro que você morou?

J: Bom, eu morei, eu nasci e morei ali na rua Emílio Ribas, número novecentos e um, na época tinha o nome de Vila Almeida, hoje é generalizado Cambuí. Fala mais?

F: Pode, o que o senhor quiser.

J: Só que naquela época, a gente cresceu ali, menino, brincava na rua, como criança fazia aquelas brincadeiras da época né, e o bairro, era um bairro assim de trabalhadores, sempre proletário né, porque era onde trabalhavam pessoas que formavam família, mas cada uma com seu emprego, não tinha ninguém, nenhum figuraço, ali depois mas pra cima é que começava da Maria Monteiro à Coronel Quirino, é que começava o pessoal de posse maior, até a avenida Júlio Mesquita, então ali era só palacete, já era o pessoal da alta sociedade. E a minha infância eu estudei ali na rua Barreto Leme esquina com a rua Doutor Quirino, na época chamava se terceiro grupo escolar, hoje é grupo Artur Segurato, eu não sei bem, ele fica pelo lado do Castelo, eu não sei a rua agora.

F: É, eu não sei onde fica também, já mudou né, de?

J: Mudou, mudou, ali hoje já é, não sei o que é ali, não é mais grupo, porque era uma casa antiga, ali ficava o primeiro segundo, terceiro e quarto ano primário, eu peguei o meu diploma ali, e aí quando eu cheguei na minha casa, eu, pra mim foi a primeira vitória da minha vida, eu sai com um diploma na minha mão, devia ter entre onze, doze ou treze anos, eu não me recordo, eu era um menino assim meio alto, meio forte né, então acha que eu podia ganhar a vida sozinho, trabalhar, eu falei com meu pai, com minha mãe, o meu diploma tá aqui, eu vou deixar pra vocês verem, quando eu precisar você me dão, porque amanhã eu vou sair pra procurar emprego (risos), então eles acharam interessante aquilo, *“então vai, você não vai conseguir”*, e eu caminhei, perguntando se precisava, se não precisava até chegar numa lavanderia. Nessa lavanderia, a dona da lavanderia conversou comigo, achou muito interessante a minha atitude e falou, *“só que você tem que conversar com meu marido, você espera um pouquinho, que ele trabalha lá no correio popular, e ele”*, que era um jornal de circulação que tem até hoje, *“que ele vem aí e conversa com você”*. Aí ele falou, *“não, eu não posso contratar você porque tenho que conversar com uma pessoa adulta, uma pessoa maior de idade que tenha responsabilidade e tal, você tem alguém na família?”*. Eu falei, *“eu tenho e vou trazer”*. A minha irmã mais velha pegou e me acompanhou, e foi o meu primeiro emprego.

F: Na lavanderia?

J: Isso.

F: Seu pai trabalhava em que seu José?

J: Meu pai era carpinteiro artístico. Minha mãe, dona de casa.

F: Antes só do senhor falar do seu primeiro emprego, só voltar um pouquinho na infância, o senhor falou que você brincava na rua, como é que era isso, como é que o senhor via o bairro na época, quais eram as brincadeiras que vocês?

J: Brincadeira de moleque da época, muita encrenca, muita briga com sempre, empinar (...), tinha aqueles carrinho de rolemã, em cima ali na Coronel Quirino com a Conceição tinha uma curva e ali era asfalto, quando eu morava era terra, então a gente pegava o carrinho levava debaixo do braço ia lá, outra das artes que a gente costumava fazer na época era entrar em quintais assim que tinha bastante fruta e fazer a festa né. (risos)

F: Roubar fruta.

J: Então existia na rua (...) rua Maria Monteiro, um grande pomar lá, mas tinha mangas maravilhosas, era um alemão que era dono daquilo, a casa dele pegava da Coronel Quirino até a Maria Monteiro, e ele formou aquele pomar lá né, e nós então chamava de virada, porque era na esquina, *“vamo então roubar fruta na virada”*, (risos), e a gente ia lá roubava, tinha uns que estragava. Um dia o alemão pegou, a gente não sabia, ele fez uma iluminação porque a gente ia também à noite né, porque durante o dia não, nós ia mais durante à noite, um dia ele chegou e fez uma iluminação, e nós não sabíamos, e ele fez uma cerca lá dentro do, ele tinha dois pastores alemães, aí a mulecada tava tudo lá em cima, ele acendeu a luz, e nós, *“sujou”*, que era a gíria da época, *“e agora, não desce, ele soltou o cachorro”*. Ele deu uma lição de moral, falou tudo o que tinha direito, chamou os cachorro, falou, *“não me apareçam mais aqui, porque se aparecer, os cachorro não vão sair de lá, pode descer”*, nós fomos embora. E futebol né, jogar ferrinho, que era um jogo que a gente fazia no chão, ia ali, ia riscando pra acertar o outro, pra fazer uma, uma fileira né, uma abertura estreita pra ele não acertar o ferrinho ali, brincar de pega, que era aquele que a gente ficava num lugar, escondia o rosto, contava até não sei quanto pra mulecada se esconder, e aí você saía correndo. Os pais naturalmente naquela época, não tinha recurso assim, não existia, existia rádio, mas não era qualquer um que podia comprar rádio, então normalmente a noite, depois daquele dia de labuta, da mãe da gente trabalhar, cuidar da família, meu pai vinha do emprego, ele se reunia lá com os amigos dele que ele era pescador também, ele gostava muito de pescar, e minha mãe se reunia com as vizinhas, punha aquelas cadeiras lá na calçada e ficava contando como era a vida, e de olho na gente, porque a gente tinha que brincar ali perto, às vezes a gente sumia, (...) (risos). Foi uma infância muito bonita, muito feliz, e futebol, a gente tinha os campinho da gente lá, tinha um senhor lá, ele era pintor Seu Toninho, e ele gostava muito das crianças, ele tinha só uma filha, uma menina, chamada Sônia, muito bonita e tal, e ele gostava de brincar no meio dos moleques, então o que ele fez, ele comprou uma bola que nós chamávamos de capotão, essa bola de câmara de ar com couro, e ali a gente brincava, ele deixava a bola ali pra gente brincar. Essa foi uma infância, e foi muito feliz.

F: Aí bom, aí o senhor consegue o seu primeiro emprego na lavanderia com uns quatorze anos, treze ou quatorze anos mais ou menos, você consegue?

J: Por aí. Depois ele, ele achou que eu era muito forte, ele falou, *“vamo ensina esse muleque aí a lavar roupa”*, pelo menos lá pra entregar terno, buscar terno, ganhava aquelas gorjetinha, tava feliz, e eu lavava lá, e aumentou, depois eu achei que aquilo não ia dar futuro pra mim, eu peguei, e tinha um amigo meu que tava, ele era quase oficial de alfaiate, naquele tempo tinha aqueles alfaiate, era muito artesanato na época, aí ele me levou lá que eles estavam precisando, ele me levou e eu fui, fui aprender o ofício, era um casal que tinha a alfaiataria na casa deles, tinha os fregueses, a esposa dele fazia as calças, chamava calceira, (...) e o nome dela era Belinha, era na rua General Osório, entre a Andrade Neves e a Onze de Agosto, eu saía do Cambuí, onde eu morava e ia à pé, não tinha dinheiro para o bonde, a condução que tinha era bonde, mas não tinha dinheiro, tinha que ir à pé ir e voltar, fazer essa caminhada quatro vezes por dia. E ela também usava, ela falava, *“você quer ir comigo no mercadão que eu vou fazer compra e você me ajuda a carregar as coisas”*. E eu ia né, às vezes ela fazia um lanche à tarde, era muita coisa assim tipo familiar a amizade, eu já era um mulecão crescido, aí ela falou pra mim e falou, *“nossa, essa perna de fora aí não pode”*, e falou pro marido dela, *“arruma um pano aí que eu vou fazer calça comprida pro José”*. Ele falou, ele era miserável sabe, eu sei que ela se virou lá e fez lá, não sei quantas calças ela fez pra mim, mais do que uma, e depois falou, *“nossa ficou bom”*, agora faz, não um paletó, uma blusa, um blazer pra ele, que chamava naquela época né, sabe o que ele fez, ele pegou retalhos e fez de duas cor, ficou bonito, no fim ele quis fazer uma coisa e saiu outra, ela falou, *“olha que elegante que você ficou”*. Foi a primeira roupa assim tipo social que eu usei na minha vida.

F: E o senhor trabalhou quanto tempo no, na alfaiataria?

J: Ah, mais ou menos dois, dois anos, aí eu sai.

F: Tinha uns dezesseis mais ou menos.

J: É.

F: E nessa época como é que vocês se divertiam, qual que era o lazer, você já namorava ou não, como é que?

J: Não, eu só flertava né, porque é muito cedo pra namorar, era meio complicado, então a gente tinha que ter muita responsabilidade, aí mudou um pouco, a gente descia pra cidade, tava trabalhando, tinha o seu dinheirinho, com uma

roupa já mais legal, então a gente descia e ia fazer, ia jogar (snooker) à tarde, e depois começava a disputar campeonato.

M: Aonde você jogava (snooker), onde você jogava?

J: Onde eu jogava, era no Taco de Ouro e no Corintinha, acho que era na Regente Fijó, ali perto da Catedral, e depois eu deixei de fazer isso, e a gente começou a se escrever no campeonato oficial amador da cidade, então eu comecei a jogar no Juventude Paulista, era um clube que foi formado, depois formaram o Tilambeiro, porque o pessoal do bairro ficou meio revoltado com o cara que era dono do time, (...) que ele punha gente só da cidade e nós ficava vendo, e nós fundamos o (...), e nessa altura eu já tinha mudado de emprego né, aí eu já estava trabalhando na Vantajosa, é uma loja que ficava na Glicério, onde termina a Treze de Maio ali, hoje é a (...), no Largo da Catedral. E lá eu fiquei, eu entrei lá pra empacotar, trabalhar no pacote, depois eu passei a vendedor, balconista, aí veio a época de eu ter que me alistar no exército, eu me alistei, fui convocado, servi o exército, e no exército, eu fiquei, eu não sei bem deve, deve estar aqui, e aí eu cheguei à cabo, mas o comandante, o general, o coronel, sei lá (...), ele falou, *“olha é o seguinte vocês vão ter que fazer o curso de sargento”*, e tinha medo, e ninguém queria ficar no exército né, então nós fizemos tudo errado, aí deu uma (...), falou, *“se vocês não se acertarem, eu vou segurar o tempo que eu quiser”*, falei, *“tudo bem”*, então aí nós fizemos, esse aqui é o.

F: Ah, esse é o certificado de alistamento né?

J: Certificado de reservista. Cabo atirador de canhão (...) (risos).

F: Atirador de canhão...

?: Nunca atirou canhão?

J: Nunca atirei canhão. Agora tá dando de aqui né...

F: Mil novecentos e cinquenta e um, onde seu José morava na Emílio Ribas né?

J: Continuando a morar na Emílio Ribas.

F: Alistado no ano de quarenta e oito, até cinquenta e um.

J: A gente tinha que alistar, e depois esperar ser convocado, pra depois servir. Terminada a, a minha, minha época de exército, eu teria direito de voltar no mesmo emprego, só que eu não quis, como eu jogava futebol razoavelmente bem, ia ter um campeonato industrial, e um amigo falou comigo, falou, *“você ainda tá sem serviço?”*. Eu falei, *“estou”*, Rodrigo, ele falou, *“então eu vou arrumar um serviço pra você lá na Duréx”*, que hoje é a 3M do Brasil. Ele falou, *“você vai trabalhar lá com a gente, porque nós vamos ter que disputar um campeonato aí, industrial, e eu tô precisando de jogador”*. Eu entrei na, na Duréx, eu trabalhava no setor que fabricava (...) Umdecil, era tipo de um pixe que fazia o revestimento contra ferrugem.

F: Umdecil?

J: É, acho que era isso mesmo, e isso aí eu tinha dezenove anos por aí, fiquei trabalhando lá, e a gente trabalhava, e veio o campeonato, e jogamos, ganhamos o título, e mister Charles era uma pessoa fabulosa, ele falou, *“o José vai passar pras tinta celulose, vai ser encarregado”*, eu falei, *“nossa”*, mas tinha muita mulher lá trabalhando, moça que não acabava mais, era mais moça né, tinha rapaz também, mas muito pouco, eu falei, *“como é que eu vou me sair dessa se eu for pra lá”*, mas não deu tempo, porque ele foi transferido pros Estados Unidos, veio uma outra pessoa e mudou tudo. E nós trabalhávamos, e tinha me parece que meia hora a menos de almoço, que era pra na sexta-feira sair às quatorze horas. Eu não me lembro bem qual foi o tempo que eu fiquei, eu fiquei muito pouco tempo nessa firma americana...

F: O senhor devia ter vinte e um, vinte e dois anos mais ou menos?

J: Não, não tinha isso ainda.

F: Menos um pouco?

J: Menos, então o que aconteceu, uma sexta-feira quando eu sai, eu encontrei com um amigo meu que havia servido o exército comigo, faz (...) de guarda civil aí trabalhando na cidade, eu fui bater um papo com ele, falei, *“nossa que bacana você na guarda civil”*. Ele falou, *“é eu vim porque o meu tio é inspetor lá em São Paulo, eu fui lá conversar com ele, e ele me explicou como é que é a carreira aqui, é bom, paga bem, e é um serviço muito bacana”*, falei, *“que bom”*, falei, *“mas pra entrar é difícil né?”* *“Você não, você consegue, tem que ir em São Paulo”*. Ah não me deu outra, cheguei na Segunda-feira e pedi demissão (risos), não falei nada na minha casa, peguei a minha grana e fui pra São Paulo. Me inscrevi, eles falaram, *“você tem que fazer um exame médico”*, eu fui fazer exame médico, eu fiquei amigo, naquele tempo distraía né.

?: É comum né.

J: E eu então fui fazer isso, eles pegaram, fui na guarda civil, eles falaram assim, *“olha esse cartão você vai nesse hospital”*. Era hospital Matarazo, *“lá eles vão marcar pra você a cirurgia”*. Marcou, mas ficou uns três meses, aí eu voltei lá falei, *“então eu perdi o emprego?”* *“Não, sua vaga tá aqui, quando você fizer a cirurgia, você se recupera, você vem aqui, nós vamos avaliar, aí depois você vai fazer, você vai já começar fazer escola de polícia”*. Muito bem, falei, *“o que que eu vou fazer nesses três meses mais ou menos, agora quero (...)”*. Tinha meu tio que morava lá, ele

foi jogador de futebol, mas ele foi muito aventureiro, ele perdeu praticamente tudo o que ele tinha, ele já não gozava de boa saúde, então ele chegou pra mim, sabia que eu tava lá, e falou, *“agora você vai me ajudar”*. Eu falei, *“mas ajudar no que?”* Eu precisava fazer alguma coisa, *“não você vai lá na estação da Luz, eu vou te dar lá uma série de material pra você comprar, e você vai me comprar isso aqui, você vai fazer essa, você leva esse cartão”*, já conhecia o meu tio, eu cheguei na loja, o cara, *“oque que você é dele?”*. Falei, *“sobrinho”*, *“ai que bom”* e tal, ele falou, *“eu não preciso pagar fulano pra ir comprar”*, porque ele já não podia estar pegando as coisas aí sabe, ele morava na Vila Carioca, que é perto do bairro Ipiranga. Sabe no que resultou de tudo isso? Eu virei camelô. (risos)

F: Nesses três meses o senhor virou camelô.

J: Eu ia vender, a gente trazia essas bijuterias né, tudo aquelas coisinhas que durava, fez o melhor que eles puderam, vendia para aquelas meninas na porta de fábrica.

F: Olha só.

J: E minha tia Maria, que era mulher dele, era uma portuguesa, e ela diz que ela tinha um bigode, mulher com bigode diz que (...) não pode, ela tomava umas cachaça e comia pimenta vermelha...

?: Ah.

J: *“Zezinho, você nunca me faça isso, porque isso aí prejudica a saúde”*. *“E porque a senhora faz tia?”* *“Porque eu posso”*. Cozinhava muito bem. Vencido os três meses, voltei, e ingressei na guarda civil, depois de seis meses de escola de polícia. Aí eu apareci em Campinas (...), pelo amor de Deus.

?: Nossa.

J: Mas deu tudo certo, era um emprego excelente, muito bom, e eu continuei a minha vida na guarda civil até que consegui transferência para Campinas.

F: O senhor ficou um tempo em São Paulo então, na guarda civil?

J: Eu tenho que ficar, coisa que a gente deveria ter feito, porque a minha vida aí complicou um pouco, porque eu vim pra cá, e realmente o guarda civil ele, ele tinha destaque, eram pessoas de boa aparência, altos, a farda chamava muita a atenção, então a ala feminina vinha conversar com a gente, mexiam com a gente, aquela coisa toda, nesse vai e vem a gente arrumava namorada né, namorava, aí tinha um amigo meu, ele falou, *“eu tenho lá uma, uma namorada”*, até ele pôs apelido nela de galuda, porque ela era meio fortinha, ela tinha uma colega, *“você vai lá, porque ela só pode sair com a, com a colega dela porque o pai não deixa”*, aquela história, eu sei que eu namorei um pouco ali e aconteceu um negócio interessante comigo, na minha vida, uma mulher com um pouco mais de idade do que eu, ela pegou aprontou uma em cima de mim, ela me parou o carro e cima da linha do bonde em frente à escola normal, (...)...

F: Aqui (...)...

J: Aqui, eu olho, falo, *“nossa o bonde vem oque que vai acontecer”*, aí ela falou assim, *“não sai seu guarda”*. Chamei uns cara lá do Barbosa, os nego vieram tinha um ponto de táxi. *“Então vamo empurrar”*, o motorista falou, *“mas como é que a senhora não consegue?”*, ela falou, *“eu não sei”*. Aí ele foi empurrar, aí ela falou, *“não, agora eu acho que, deixa eu ver, pode embora”*, aí falei pra ela, *“madame precisa de mais alguma coisa”*, que era o tratamento que a gente dava né, senhora, madame né e tal. Ela falou, *“não, olha muito obrigado”*, ela fez assim com a mão e me deu o telefone e o nome dela.

F: Olha só.

J: Oque que aconteceu? Minha vida mudou, eu sai com ela, me tornei amante dela.

F: Quantos anos o senhor tinha seu José, mais ou menos?

J: Acho que vinte e seis pra vinte e sete anos.

F: Certo.

J: E ela me convenceu, não que eu vivesse às custas dela, porque eu tinha as minhas coisas, e ela foi indo, foi indo, me convenceu, ela era casada com um médico, mas todo mundo já sabia né, todo mundo já sabia que ela tinha, a família tinha uma chácara em Jaguariúna com caseiro, a gente ia lá, aventuras né, tinha apartamento em São Paulo eu ia lá, tinha apartamento em Santos eu ia lá, até que no fim ela me convenceu a sair da guarda civil, eu sai, moço é assim né, não tem juízo (risos), aí nós fomos sabe pra onde, pra Argentina, fomos direto pra Argentina, ficamos lá (...), a volta, nós fomos de avião, a volta nós voltamos por terra né, porque é terra de terrestre, então paramos no Uruguai, fomos chegando, parei no Rio Grande do Sul. No Rio Grande do Sul eu não gostei, fomos pra Santa Catarina, gostei de Santa Catarina, compramos uma propriedade lá, uma propriedade agrícola, ali eu fui trabalhar, plantar, aquela coisa toda e fiquei com um casal de, de, que conhecemos, que ficamos conhecendo. Eu fiquei todo esse tempo lá, nós ficamos morando lá, e eu escrevia muito pros meus pais, aí chegou um fim de ano, eu falei pra ela, *“olha eu tenho que ir embora pra Campinas, como é que nós fazemos?”* Ela falou, *“ah tudo bem, vamo embora”*. Quando eu cheguei, falei, *“não, vamo esperar a véspera, chegar perto do natal”*, quando chegou no natal, nós viemos, pouco antes do natal, quando chegou na ante véspera do natal senti uma tremedeira, violenta, e como o meu pai havia trabalhado com o condutor Arlindo (...), ele morava na mesma rua, ele ficou médico da família, ele e o

filho, aí o filho foi lá ver o que eu tinha, ele falou, “*se der essa hora, não sei oque, aí me avisa que eu venho aí*”. E deu, era chamada maleita, malária, aquele mosquito que pica, eu peguei, aí minha vida mudou, eu me tratei, tomava injeções bárbaras, larguei tudo aquilo lá, aquilo ficou abandonado, e eu peguei depois quando eu me recuperei com saúde eu me ingressei como oficial de justiça, só que eu não era um oficial de justiça assim concursado, eu fui fazer um estágio, eu fui estagiar, depois eu fui efetivado né, bom e aí oque que acontece, eu entro de oficial de justiça e essa mulher oque que ela continua na minha vida, ela continua, eu namorando, ela sabendo, de vez em quando a gente saía, certo, até que no final das contas, logo que eu entrei de oficial de justiça eu conheci uma pessoa, comecei a namorar essa pessoa, que se tornou minha esposa, depois de entre, entre namoro, noivado e casamento, vinte e sete anos eu me separei, sou perseguido, sou, eu não queria mais saber de, de estar com compromisso nenhum, aí eu falei assim, “*Nilza, tô aqui (...)*”.

F: O senhor ficou vinte e sete com a sua primeira esposa.

J: Quanto ao trabalho, guarda civil foi excelente, ser oficial de justiça foi melhor ainda, serviço bacana, lindo...

M: O senhor se aposentou, o senhor se aposentou como oficial de justiça?

J: Como oficial de justiça em mil novecentos e noventa, trabalhei até dezembro de noventa.

F: Seu José, e nessas que o senhor falou, que o senhor foi pra São Paulo um tempinho, depois o senhor foi pra Argentina e tal, aí quando o senhor volta pra Campinas o senhor continua, continua morando no Cambuí, ou não, aí o senhor já, continuou?

J: Eu só saí do Cambuí, quando eu me casei, em mil novecentos e sessenta e cinco, fevereiro de mil novecentos e sessenta e cinco eu me casei, como o pai da minha esposa havia falecido, eu tive que morar com a minha sogra, uma pessoa maravilhosa, onde eu me dei muito bem, mas a minha, minha esposa achou que a gente tinha que mudar de lá, eu aluguei uma casa e vim morar na rua Antônio Severino, na última quadra, entre General Osório e Benjamim Constant, fiquei morando um bom tempo ali, depois a minha irmã falou pra Alessandra, “*aí minha irmã, uma minha irmã ainda*”, aí a minha irmã, ficaram em duas lá, solteira, e tinha um apartamento no fundo, ela falou, “*porque que você tá pagando aluguel, vem morar aqui*”, aí conversaram com a minha esposa, ela falou, “*não, vou sim*”, no fim eu voltei outra vez pra Emílio Ribas, e ali eu fiquei até, a cooperativa comprar a casa no jardim Amazonas, e eu fui morar no jardim Amazonas. A minha primeira filha que nasceu em sessenta e seis, Josiane, ela nasceu quando eu estava morando no...

F: Jardim Amazonas.

J: ...no bosque, perto do bosque municipal, na rua Uruguaiana, depois então eu fui lá pro Jardim Amazonas, lá nasceu o Marcos e nasceu o Zezinho, só que tem um detalhe aí que os meus filhos tem uma diferença assim de sete anos um pro outro sabe, quase seis, sete anos, sessenta e cinco, acho que setenta e dois, setenta e três, e oitenta e um, diferença grande, aí depois quando eu me separei, eu fui morar num hotel, nesse hotel, a minha irmã falou, “*não vai morar em hotel nenhum porque você é dono da casa aqui também, você é herdeiro, você vem morar aqui*”, falei, “*então eu vou*”, minha filha, depois eu não sei pra esses lado, porque (...) curto tempo, ela teve lá uma desavença com a mãe dela, a mãe dela pegou e pôs ela pra fora, ela pegou e foi na casa de uma cunhada solteira, tava fazendo psicologia, uma senhora viúva, eram tudo amigos né, ela tava morando lá, eu fiquei sabendo, aí eu tomei as atitudes que eu tinha que tomar, eu aluguei apartamento pra ela, depois ela prestou concurso entrou no TRT, ela foi trabalhar em Itú, hoje ela trabalha no TRT, e os meus filhos, os dois, os dois, depois que houve essa desavença da minha filha com a mãe dela, eu costumava todo domingo sair com os filhos fazer aquela de casal separado né, conversava com eles todos os dias, aí a minha ex-mulher arrumou uma, uma situação lá que não vai bem ao caso né, só pra concluir, eu não vi mais os meus filhos, não vi mais, e hoje devido a um problema de saúde, aí eu morei também na Andrade Neves, quando eu aposentei, falei assim (...), porque do Cambuí eu fui morar na Ponte Preta, aluguei uma kitnet, foi quando eu conheci Nilce, que é a minha atual companheira, mas não morei muito tempo lá não, aí quando aposentei, falou, “*ah, vamo ver se dá certo*”, e eu fui realmente morar com ela. Em dois mil e dois acho que foi, não sei bem certo, eu sofri um infarte, e a minha recuperação foi na casa da minha filha no jardim Flamboyant, na rua (...) Sapucaí, cento e sessenta, onde estou até hoje com ela que é o maior prêmio que eu tenho na vida, na minha vida toda é a minha filha, é ter a filha que eu tenho, não tenho nada contra os meus filhos, nem contra a minha ex-mulher, não quero sabe, eu sou de paz, e aí minha vidinha se tornou assim, eu vim morar lá e fim de semana eu vou ver a Nilce, porque aí acalma a poeira, baixa a poeira lá do trânsito, então as menina aqui brinca comigo, fala, “*hoje é dia de namorar, é sexta-feira amanhã né*”. E passando pela Unimed aconteceu o seguinte, eu recebi uma carta, não sei precisar o ano, falando sobre o programa saúde toda vida, eu mostrei pra Nilce, falei, “*olha recebi essa carta, vamo lá pra ver*”. Foi, eu iniciei lá na Igreja do Carmo, no salão paroquial lá da Igreja do Carmo...

F: (...)

?: Ele iniciou lá.

F: Ah tá.

J: Foi bem no início.

?: Noventa e nove seu José.

J: Ah?

?: Foi em mil novecentos e noventa e nove.

J: Olha esse, esse programa, deixa eu falar do fundo do coração, e agradeço esse programa Saúde Toda Vida é realmente um programa saúde toda vida, porque me deu uma guinada na vida, porque eu era boêmio mesmo, eu não tinha limite, você entendeu, a noite pra mim era uma criança, eu tomava todas, fumava feito um desesperado, e gozava a vida sabe, já a Nilce tudo bem, pra ela tava tudo bem, porque ali onde eu morava na Andrade Neves era um negócio, tinha restaurante e bar ali um (...) do outro, hoje que tá daquele jeito né, hoje ele tá abandonado, não sei se foi um pouco a rodoviária, sei lá, eu acho que a vida em geral, a violência em geral. Então oque que eu vou falar do Saúde Toda Vida, quando eu comecei eu conheci uma assistente social chamada (...), ela ficou um período, ela tinha as, as pessoas, auxiliares (...) assistente social, eu não me lembro muito bem sabe por que? Porque aconteceu um detalhe na minha, na minha memória, o infarto ele mexeu muito assim, que tem coisa que vai e volta sabe, eu não tenho assim uma firmeza de data, o nome, eu sei que depois de lá nós fomos pro, ali pra rua Rezende Feijó, (alguém sussurra) Evolução, horrível, não dava certo, um lugar, não se podia fazer oque que queria porque tava lá passava gente, porque tinha mais, era um negócio, e aí o pessoal ficou assim, felizmente nós viemos pra Casa de Portugal. Aí eu vim conhecer, uma criatura maravilhosa, uma criatura que eu penso nela sempre, que é a Patrícia, isso que você tá me vendo aqui, é um relógio, quando no ano de dois mil e três, eu tive a felicidade de ser eleito (...), que é uma graduação aqui na (...), Saúde Toda Vida...

F: (...) dois mil e três, Saúde Toda Vida.

J: A partir daí a minha vida, depois que eu comecei a frequentar esse, esse programa Saúde Toda Vida minha vida mudou demais, demais, demais, demais, demais, então oque que eu posso dizer, sou feliz, obrigado Unimed, obrigado a esse pessoal né, do nosso convívio, e quando a Patrícia foi embora, foi uma dor no coração, puxa vida, aquela bonequinha (...), mas veio outra, vieram outras que ocupam hoje o nosso coração, a nossa amizade, o nosso amor, o nosso carinho, são pessoas maravilhosas, são (...) com a Márcia, gente finíssima, bondosa, compreensível, é um pouco brava hein (risos), a Fabíola que é gente maravilhosa, Fabiane que, e a programação do Saúde Toda Vida, isso que é importante, eu nunca tive assim aquele peito, aquela coragem de falar, *“ah, eu vou cantar em público”*, aqui eu canto, mal, mas canto, elas vêm (risos), fazer teatro, nunca na minha vida eu ia pensar, faço, me sinto feliz, realizado, só que eu não vou mais aceitar papel de padre, porque todo (risos), é sempre esse negócio, é padre daqui, é padre de lá, eu já tô cansado de fazer os casamento.

F: De ser padre.

J: É, mas se precisar eu volto (risos). E o coral, coisa linda, maravilhosa, só tenho que agradecer. Tudo aqui que é feito, é bem feito, é organizado, e tem uma vantagem que, a porta aberta pra quem quiser, porque é gratuito, você só vem aqui aprender, apesar da idade da gente, isso é uma lição, a gente só tá aprendendo, com professoras bonitas, maravilhosas e competentes.

?: (...)

J: Era isso, se tem mais alguma coisa?

F: Então, aí a gente só pegou uns temas, que foi que a gente falou mais sobre Campinas, pra falar com o senhor, então, uns dos temas que a gente pegou era o carnaval, se o senhor pudesse falar um pouquinho, como que era os blocos, se o senhor participava ou não?

J: Bom, carnaval aqui em Campinas era muito animado, ele tinha escolas de samba e tinha blocos formados. Dois blocos se destacaram, que era o Leão da Várzea, que era de um grupo que parece que chamava Corintinha, e tinha o Marujo, que era mais o Coloredes né, que participavam.

F: Coloredes?

J: É, as pessoas da raça negra.

F: Ah, o senhor fala Coloredes?

J: É porque eu vou, vou falar isso as pessoas vão né, ficar, o grande problema é o preconceito, eu não tenho nenhum. Então era muita disputa, tinha outros blocos mas era mais assim bloco dos Farrapo sabe, que era coisa pra divertir mesmo, e tinha escola de samba, tinha umas escolas de samba boa, Ubirajara parece, eu não lembro direito os nome, eu sei que um ano que eu não lembro também nós formamos, dois, foram dois, dois anos né, nós formamos uma escola de samba lá no bairro, na Vila Almeida, a Voz Amiga, e aí nós desfilamos, e eu desfilava como diretor, porque a gente não sabia sambar, não sabia batucar, não sabia fazer nada, então como diretor, carnaval era aquele (...) que descia a Barão de Jaguará, tinha também na Francisco Glicério, e existia na Avenida Industrial, que a Avenida Industrial é meia, gostava de ser separada sabe, como bairro, e tem uns detalhe aí que não vai ao caso, que não podia namorar lá, é uma coisa, era meio complicado, então o carnaval era assim, bonito, maravilhoso, isso enquanto durou né, porque depois, eu não sei a época acabou.

F: Tá acabando né?

J: Tá acabando.

F: É, um outro tema que a gente tirou foi, foram os tipos populares, vocês falaram um pouquinho também, do Dito Colarinho, Gilda, tem mais algum que o senhor?

J: Tem. Eu por exemplo, eu morava, eu morei em frente ao Zé Trovão.

F: Zé Trovão?

J: É. Que ele, ele fazia poesia, fazia versos, ele, acho que ele (...), não sei, todo mundo falava assim sabe, e ele era duma família de recursos, família (...), então ele vinha muita na escoa normal, as normalistas aceitavam né, tinha gente que tinha medo dele, ele corria atrás, mas não fazia nada (risos).

F: E ele ficava recitando versos pras pessoas?

J: É, ele fazia, mostrava, falava, quando ele falava assim (...) guspindo sabe, e o pessoal tinham aqueles que tinham medo dele, esse é o Zé Trovão, (barulho na gravação) na parte de trabalho dele, carroceiro, que, porque Dito Colarinho, porque ele usava um colarinho engomado com gravata em cima da carroça.

F: Ahã, o senhor conheceu também?

J: Conheci, era, era da raça negra também, era de cor, e a Gilda que era a folclórica Gilda que ficava toda enfeitada, toda com bracelete, de vestido, de chapéu, e desfilava pra cidade toda aí, era muito respeitada, ninguém mexia com ela e ela levava a vida dela.

F: Certo.

J: Depois surgiu o Mané Falaó, né, que ele não, não fazia nada pra ninguém, ele só queria que falasse “ó” pra ele.

F: Tinha que encontrar e falar “ó”.

J: “Ó, ó, ó”, tinha gente que não falava ele ia atrás, enquanto não falasse ele não parava.

F: Falasse “ó” ele ia embora?

J: Aí ele virava e ia embora. E tinha o Bozó, esse, o Bozó se não me engana é filho do Juquinha, e também andava na rua aí conversando, é também uma figura popular, sobre essas figuras, popular, acho que as que eu lembro são essas.

F: E aí por último o que a gente pegou foi essa coisa do lazer, dos cinemas e o Teatro Municipal, o senhor chegou, o senhor chegou a frequentar o Teatro Municipal, o senhor?

J: Não só frequentei como assistente como trabalhei lá como guarda civil, dando serviço aos espetáculos que lá se realizavam, e tive a oportunidade de conhecer lá pessoalmente, essa pessoa eu queria conhecer né, aí tinha lá uma pessoa que deve ser responsável, organizador, não sei dizer o nome, eu falei com ele, eu falei, “*eu sou guarda civil tô aposentado tudo, mas sou guarda civil e tal, queria conversar com a Derci Gonçalves*”, voltei (...), ele falou, “*eu vou arrumar pra você*”, aí eu não vou nem contar o que que aconteceu né. Eu me diverti muito, só isso que eu posso te dizer (risos).

F: E aí o senhor, enquanto como guarda, o senhor acabava assistindo muito espetáculo?

J: Ah sim, porque a gente tinha ingresso naquela época era gratuito, agora (...) considerável, mas mesmo depois disso que eu sai, eu gostava muito de show, uma das coisas que eu mais, que eu mais acompanhava eram cantores, eu por exemplo, eu era molecote e ainda vinha, eu tinha que ir junto com a minha irmã mais velha, que meu pai falava, “acompanha ela e uma amiga dela pra ver (...)”, a rádio Educadora de Campinas que era na (...), esses, esses, sabe, tem o Orlando Silva, naquele tempo eles vinha cantar em (...). Teatro Municipal, Vicente Celestino, Nelson Gonçalves, quer dizer, eu vi, eu vivi essa vida, a boemia era na época uma coisa que não tinha nada de malandragem, era um grupinho de amigos que se reunia lá do bairro, e meu pai, minha mãe sabia disso, só falava cuidado, pode acontecer alguma coisa, e às vezes essa hora a sua mãe não dorme enquanto você não chega era um problema, pra tu largar sabe, daí eu conversava com ela, ela falava, “*não, vai pode ir*”, sabe, era meio complicado. A gente gostava de sair, às vezes é Seresta assim, brincar. Tinha um médico muito famoso de Campinas, ele já faleceu, doutor Armandinho Rocha Brito, era muito boêmio, e ele ia lá na bar onde a gente ficava e tomava lá um uísque, então um dia ele falou, “você gostam de cantar e tal, então vamo fazer uma noitada, vocês vão na minha casa”, e lá ele fez uma mesa, tinha tudo o que você imaginava de bebida e comestível, é uma ceia mesmo sabe, e nós ficamos a noite toda lá cantando, bebendo, comendo, ninguém surpreendeu, não aconteceu nada, então o que que era Campinas na época, um sossego, tinha os seus pontos tradicionais, o Bar da Linguíça que na madrugada era bom lá todo mundo(...), você ia lá, você via artistas que vinham fazer show, que passavam lá para arrumar né, os cinemas todos que existiam na época, era, o de Campinas teve no centro o (...), Carlos Gomes, o Rínque, o São Carlos, o República, depois foi inaugurado, eu, eu como guarda civil eu trabalhei na inauguração do Oliveira, fiquei um mês trabalhando aí a pedido do gerente, de guarda civil, depois naquela época tinha nos bailes, tinha cinema, no São Bernardo era São Jorge... (término do lado A da fita) ...tudo isso acabou, Campinas evoluiu, vieram os shoppings, acabaram os cinemas, um retardado derrubou o Teatro Municipal, agora nós temos o Castro Mendes, ainda né, porque aqui é o centro de convivência, Campinas foi assim (...), muita cultura, teve muito artista que tem ainda hoje na mídia, que são daqui, um dos mais populares é o Faustão. Então naquela época você vivia, você entendeu, era feliz e não sabia,

porque você via uma cidade limpa, super organizada, existia o guarda noturno, o guarda noturno ele fiscalizava com apito, ia apitando e tal né, via algum muleque na rua como a gente, ele (...), *“olha vocês vão acordar, vão pra casa”* e tal, aquelas coisas, o divertimento, a diversão em Campinas foi muito grande, eu também tive um divertimento, quando tava na faixa assim dos seus, sei lá, de dezessete, dezoito, dezenove, vinte, vinte e um, por, até aí, andei jogando baralho, nós jogava vinte e um com dinheiro, subia lá em cima num lugar lá, do campo de futebol, e reunia lá e ficava jogando, roubava os cara, roubava e tal (risos), os mais esperto, mas era tudo amigo, no fim não acontecia nada. Tenho saudades daquela época, Campinas poderia ter evoluído, uma cidade como é, mas com aquilo que tinha de antigamente né, porque quando a gente era jovem, você saía do Cambuí, onde eu morava na Emílio Ribas, eu vinha pro centro da cidade, se eu encontrasse dez pessoas, sete, oito você conhecia, você podia não ter amizade, mas sabia quem era, e no mínimo cinco você cumprimentava, era muito, era uma cidade assim muito cordial, mas a evolução do tempo chegou nisso, então o divertimento meu na vida foi isso. Namorar, eu namorei como qualquer jovem né, (...) cada semana uma não, cada, cada (...) (risos).

F: Tá certo.

J: Pergunta Fernanda?

F: Seu José, só pra terminar, a gente pensou numa pergunta, se o senhor pudesse voltar, no tempo né, voltar pro passado, o que que o senhor levaria de hoje pra lá, o que o senhor acha que talvez melhorasse a vida naquela época, e se o senhor puder, o que que o senhor traria daquele tempo pra cá também?

J: Complicado hein. Eu levaria de hoje a evolução, modernismo, a ciência que, que está avançada, pra trazer aos seres humanos os recursos que ele necessita, porque eu acho que era o que faltava naquela época, as coisas eram muito mais difícil do que hoje, o modernismo ele tem o seu lado ótimo, excelente e bom, do ser humano usufruir. De lá pra cá o que eu trazia, a paz, a amizade, o amor, a religião, é o que eu trazia, certo, o bem querer, a relação entre os seres humanos, a alegria que existia muito, era isso que eu traria.

F: Tá certo, bom obrigada então seu José, o senhor quer, tem mais alguma coisa que o senhor quer falar?

J: Bom, pra encerrar eu quero agradecer mais uma vez, o programa Saúde Toda Vida, a pessoa da, do seu, presidente, diretor, essas moças maravilhosas que convive aqui cotidianamente quase com a gente, que tem uma paciência com a gente sabe, porque você sabe que velho às vezes pior do que criança (risos), certo, quero agradecer você Fernanda pela oportunidade de eu poder expor alguma coisa da minha cidade agradecer a Márcia também por formar esse grupo que ela formou, do acervo de Campinas, e deixar o meu abraço, a minha felicidade e o meu carinho.

F: Obrigada seu José, eu que agradeço por aprender tanto com vocês viu.

J: Obrigado. Tá bom?

F: Tá ótimo. (fim da gravação)

JAIL LEME CARDOSO DE ARAÚJO
VALDEMAR LOURENÇO PAULO

ENTREVISTA REALIZADA DIA 19 DE SETEMBRO DE 2005

LEGENDA:

F: Fernanda Mandetta (CMU – UNICAMP)

M: Márcia Regina Mainardes (UNIMED)

J: Jail Leme Cardoso de Araújo

V: Valdemar Lourenço Paulo

F: ...a história de cada um de vocês, e um pouquinho da história de vocês com a cidade, né, então, como a gente (pausa), primeiro a (...), pode ser Jail? A gente vai fazendo um...

J: Bom, eu não nasci aqui em Campinas, nasci em Mogi Mirim, eu, então eu vim pra cá com quinze anos, e, quer dizer, nesse tempo dá pra eu me sentir aqui de Campinas né.

F: Que ano você veio pra cá?

J: Vim em quarenta e seis, mil novecentos e quarenta e seis, estamos em dois mil e cinco, então faço parte daqui né.

F: Faz.

J: E, eu primeiro, engraçado na, nos nossos passeios, o primeiro foi o bosque, e foi o primeiro local que eu conheci, quando eu vim morar aqui.

M: Você morou em qual bairro?

J: Eu morava...

M: Primeiro bairro que você veio morar.

J: Eu vim morar na avenida Andrade Neves, então no centro né, é na Avenida Andrade Neves foi onde eu conheci a família Monteiro né, minha irmã já morava lá, então eu morando lá, conversei, João Monteiro Caetano Filho, o João Caetano Monteiro Filho, (...) João Monteiro Caetano Filho, é isso, e então, eu vi a mãe dele, o pai, eram os donos da pensão, e...

M: Como chamava a pensão, você lembra?

J: Monteiro.

M: Monteiro.

J: Monteiro.

M: Você veio então pra trabalhar?

J: Não, eu vim, é que eu, é que eu vivia, eu fiquei sem mãe, então eu apanhava muito lá onde eu morava, não que era menina danada não né, é que, ela era nervosa coitada, ela trabalhava muito, quando chegava em casa ela ficava, ficava meio, desabafava em mim né, era um bode espiatório né, mas foi indo até que a última surra que ela me deu foi muito, eu pensei que eu ia morrer, aí a nora dela falou, "*Jail, escreve uma cartinha pro seu pai, que eu ponho no correio*", porque eu não tinha nem dinheiro pra comprar o envelope e, aí eu vim morar aqui em Campinas porque o meu irmão foi me buscar e me trouxe pra cá, que tinha uma irmã que trabalhava ali já, e aí eu fiquei, a mãe do Joãozinho Monteiro, era como uma mãe pra mim, era muito boazinha, e eu fazia tudo direitinho também pra, enfim eu era, me acostumei a fazer tudo direitinho, bom e aí eu fui conhecendo bem Campinas, eu, eu frequentava a igreja Independente, Presbiteriana Independente, que ali na rua Lusitana, ali eu me casei também, e, e conheci o Jardim das Palmeiras que hoje é jardim Carlos Gomes, lá o tempo que eu comecei a namorar era ali que eu ia passear.

F: Então quando você veio pra cá, o passeio de vocês, o lazer que você tinha, era passear no, no...?

J: É, não era sempre, eu tinha lá na, da igreja tinha o salão onde, o salão dos jovens, assim, reunir e, ensaio pra coral, pra teatro na igreja né, então a gente frequentava ali, tinham jogos, ping-pong, e outros joguinhos, e a gente participava, então a maior parte a gente participava ali, então quando era domingo durante o dia assim, a gente vinha no bosque, eu ia, ah, à noite, no sábado ia no Jardim Carlos Gomes...

F: Ah, era à noite?

J: Era à noite, e agora, cinema era muito difícil de eu ir, também quando eu ia, quando eu tava namorando e ia com namorado, eles não deixavam entrar, porque pensava que eu era menor de idade, já estava casada...

F: (...)

J: ...e não deixavam entrar.

F: E, e conta um pouquinho pra gente, Jail, como é que era, como é que era esse passeio lá no Carlos Gomes, vocês chegavam lá, como é que vocês?

J: Ah, bom, a gente ficava um pouco sentado conversando né, e aí a gente, se eu ia com alguma amiga, a gente ficava lá, no vai e vem em volta do, do coreto, então, sempre tocando as músicas muito bonitas né, e tocavam, e

quando tocava o hino nacional, é claro, todo mundo ia se levantar em respeito né, (...) que umas das vezes nós estávamos tão entretidas na conversa, quando eu vi todo mundo em pé, ficamos de pé imediatamente né, porque estava tocando o hino nacional. Mas era muito agradável, foi indo, por pouco tempo, uns quatro anos que eu participei assim né, porque depois eu me casei e fui morar em São Paulo, mas depois, algum tempo depois eu já voltei pra cá outra vez.

F: E onde que você conheceu o seu marido?

J: Eu conheci aqui mesmo.

F: Mas na, nesses passeios no, na praça, no Carlos Gomes, no bosque, ou não?

J: Não, havia um parente dele que trabalhava ali, na pensão Monteiro, que eu conheci, porque era gente da família dela né, e aí foi indo que nem pensei em namorar, nunca terminar, mas um dia ele foi embora daqui, e eu não sabia porque, aí a mãe do Joãozinho veio falar pra mim, “É Jael, tô muito triste porque, sempre que alguém saia daqui, sai por causa da dívida”, é uma parente dela que era meio, é, meio brava sabe, então enfeitava passo. Eu falei, “*mas eu não fiz nada pra ele*”, só que ele foi embora. Um ano depois ele voltou, aí ele sabia que eu tava na casa do Reverendo né, aí perguntou se podia me buscar lá, aí ele falou porque que ele foi embora daqui. Aquele dia que os moços da igreja iam me levar pra casa, então ele achou que tinha já alguém pra mim, então ele gostava de mim e achou que ele não teria oportunidade né, bom e aí eu sei dizer que, que eu não queria namorar não, mas eu falei com a dona Olga né, mãe do Joãozinho, aí ela falou, “*olha ele é de família muito boa, namora né, e depois com o tempo você aprende a gostar dele*”, bom, “*experimenta*”, ela falou. Aí eu falei, bom, dona Olga falou pra experimentar, vamos ver (risos), bom aí comecei a, começamos a namorar, ele fumava, eu falei, “*eu não gosto de namorado que fuma*”, aí ele tirou o macinho de cigarro e jogou longe, nunca mais voltou a fumar, bom aí ele jogou o maço, jogou cigarro que ele estava fumando, mas era mentira que ele, três meses depois que eu me casei começou a fumar de novo, já tinha garantido o que ele queria né, bom aí eu sei dizer que é, que depois de casado eu fui pra São Paulo, com cinco meses depois de casado, fui ficar lá com a família dele que tava morando, os irmãos né, eles estavam morando lá, então fomos pra lá, mas aqui, então a gente tinha família tanto, minha irmã, depois minha irmã já tinha se casado quando eu me casei também, e a amizade com o pessoal da igreja né, a gente, e tinha aquela convivência constante, participava sempre das festas da igreja...

F: Então vocês vinham bastante pra cá?

J: É.

F: Mesmo morando lá em São Paulo.

J: É, morava em São Paulo, mas quando morava em São Paulo eu não participava mais não, da igreja não, só vinha pra ver a família né...

M: E quanto tempo depois você voltou?

J: É, uns quatro anos depois.

M: Aí voltou?

J: É. Então, mas aí, quer dizer, continuou aquela como era antes né, até que houve a separação, quando eu adotei os meus filhos né, e aí eu continuei morando aqui, e aí eu não tinha tempo de passear, mas muita coisa, tudo o que modificava, a gente ficava sabendo né. Campinas naquele tempo, era uma cidade de muito (...), convidativa, as pessoas que vinham aqui, ficavam, (...) com a limpeza que tinha, com o movimento de trânsito não era como é hoje né, muito congestionado, mas era uma cidade tranquila, muito bonita, muito limpa, então aquela, a recordação do passado é uma recordação muito boa né, bem diferente da, da, da Campinas de hoje, então...

F: Jael, quando você voltou de São Paulo pra cá, você trabalhava?

J: Não, eu, eu comecei a trabalhar depois que meu marido foi embora, eu tinha que ajudar né manter a casa, então aí eu tinha feito corte e costura no Sesc, que era aqui em frente a Casa de Portugal, eu fiz o corte e costura ali, então eu pensei comigo, eu vou trabalhar com as crianças pequenas, tinha o meu sobrinho que eu criava que morreu a pouco tempo, e tinha os, as duas crianças que eu adotei, e aí eu, parece que deu (...), você aprende o corte, vai ali trabalha com costura, assim se você tiver em casa você cuida dos seus filhos né, e eu fiquei cuidando então, assim trabalhando, e graças a Deus apareceu muita coisa pra mim fazer, fazia até vestido de noiva...

F: Mas trabalhava é, na sua casa mesmo.

J: Na minha casa. Então, aí eu fiz muita amizade né, então, mas eu não tinha tempo de, de estar passeando não...

F: Não, não tinha que trabalhar muito...

J: ...mas pelo menos meus filhos estavam bem seguros de tudo né, então...

F: Você morava onde nessa época?

J: Eu morava nessa época, eu morava ali no, quando o meu marido foi embora, eu morava na Major Solo, que é Cambuí, Major Solo que vai lá dar no jardim Santa Cruz, então eu morei dez anos ali, e dali eu fui pra Vila Industrial, dessa única vez que eu morei ali, eu morei na Rua Industrial, mas ali eu fiquei pouco tempo porque eu tava muito longe de todo mundo da família, e aí minha cunhada falou de uma casa que tinha aqui perto né, e

conversou com o proprietário, aí deu certo, fui, era na, aqui da banca, quatro esquinas na Barão de Jaguar, fui morar lá, e aquele tempo, como o trânsito não era tanto como hoje, mas aconteceu até um acidente que ficou marcado, bem na esquina da Barão com, com a Cidadã, um, umas amigas que não se viam a tanto tempo, se encontraram ali na esquininha, estavam conversando, e estava de guarda-chuva, porque não sei se estava chovendo ou sol muito quente, eu não me recordei disso bem, e aí um carro veio e por acaso bateu, matou as duas amigas. Então ficou marcado isso aí né, bom, porque era muito difícil de acontecer um acidente aí, mas então eu morei ali algum tempo, com a (...), cunhada como ela foi, mudou pra outro lugar, (...) lá no Bonfim, pra mim morar lá, ela tinha a casa dela, e eram bairros muito, aquele tempo era, era bonde né, era bonde e aí foi com o tempo, já foi (...), mas eu com as crianças pequenas, eu tinha que tomar muito cuidado né, mas eram lugares assim tipo um trânsito mais fácil da gente atravessar, se cuidar, e com o tempo foi passando, eu fui morar lá no Cambuí novamente, mas um lugar diferente, era Carlos Guimarães a rua, que ia dar lá no, o finalzinho dela, a próxima esquina era a avenida Orosimbo Maia, então eu morei ali por um ano, morei por um ano, e dali, eu mudei para o Bonfim, no outro local.

F: De novo, você voltou?

J: De novo, é, mas o local diferente, era perto do jardim das, do, do Clube das Andorinhas. Quer dizer, então tinha o Jardim das Andorinhas e o Clube das Andorinhas, que é lá no Bonfim, então eu morei, nesses lugares todos, agora o último local que eu morei, com os meus filhos até se casarem, é, eu morei na, é, foi nesse aí, daí do Bonfim que eu vim pra cá nos Guimarães né, é perto da avenida Orosimbo Maia. Bom, daí, modificou muita coisa, que a minha filha se casou, tava na fase de exército, que era muito difícil arruma um emprego né, e pra ele né, e aí eu fui pra São Paulo de novo, eu fui pra São Paulo de novo, fiquei em torno duns quatro anos lá, depois voltei pra cá, e com isso Campinas foi mudando né, cada vez mais, mas continuava uma cidade já mais, já mais é, já com coisa de dar medo já né, porque o povo vai, evoluindo tudo, vai modificando tudo, e infelizmente todo lugar que o, muito movimento acaba ficando pro lado difícil também pra gente se locomover pra cá e pra lá, então, perigoso né, mas eu fui me (...) a gente vai trocando pra frente até que eu mudei de novo pra São Paulo, porque o meu filho, o meu filho conseguiu um trabalho no SDP, ficou trabalhando por lá, alguns anos, se deu muito bem, (...) dá muito bem, até que ele ficou doente e faleceu, faleceu com trinta anos, e ele, com o falecimento dele (trecho não compreendido), então, essa Campinas é outra né, é bem diferente, eu gosto de Campinas, é claro, sinto de ter mudado pra pior, porque infelizmente a cidade está muito, a rua Treze que nós visitamos aquele dia, tava, tinha arrumado, mas eu não sei se o material que arrumaram lá, era um material muito, é de segunda, terceira, quarta, sei lá, e escoliambou tudo, então estão de novo, a rua Treze tá bem difícil de transitar lá, e é o lugar dos mais pobres frequentarem né, o centro da cidade, e mas infelizmente aquela Campinas deixa mais saudade.

F: E atualmente, Jael, o que que, quais que são os seus, o que que você faz assim de lazer, quais são as suas?

J: Ah, umas das coisas é frequentar aqui né, (...) com Vida, onde a gente, eu, eu conheci tantas pessoas, a gente fez muita amizade, com todas que trabalharam aqui também, que no início era a, a Carmen, você conheceu a Carmen? Então, a Carmen foi muito bom no tempo dela, depois passou pra Valéria né, Valéria...

?: Patrícia.

J: Patrícia, Valéria né, que me ajudava, mas foi, cada um desenvolveu bem o seu papel, só que a Márcia tá se, ela não sabe ficar parada, ela inventa de fazer tudo e nós vamos com ela, mas eu sei que ela faz com, com prazer e muita boa vontade, e então é, aqui é um dos locais que eu frequento, que gosto muito. Frequento também a Casa do Poeta, porque com tantas recordações, eu comecei, eu já tinha muito tempo escrito nas coisas que estavam lá, guardadas de lado né, mas até a primeira poesia que eu fiz foi sobre criança né, meu filho quando era pequenininho, ele bagunçava bem durante o dia, quando chegava a noite ele dormindo parecia um anjinho lá né, então eu sei que eu comecei a fazer poesia, fazer do meu filho, minha mãe né, que convivi tão pouco, mas teve muita recordação boa dela, muita mesmo, então a minha vida, o passado faz muita, vem sem presente na minha vida, porque muitas recordações daquele tempo. Então, eu frequento aqui, frequento a Casa do Poeta, e o Centro de Poesia e Arte de Campinas, então, quer dizer são coisas que, que, ajudam a gente a não se sentir tão sós, porque como a vida vai, a vida vai passando, os filhos vão se casando, vão tendo a vida deles, e a gente vai se sentindo muito só né, então com essa vinda pra cá, com os amigos que a gente faz aqui, e também é muito bom a, a cada, o que a, cada vez, cada semana é uma coisa diferente, aqui sempre tem uma coisa pra gente aproveitar né, e dos médicos que vem, tudo que a gente precisa saber sobre a nossa saúde, é muito bom né, então eu agradeço a Deus de ter me mostrado tudo o que eu posso aproveitar né, e também as amizades que a gente vai fazendo aqui, é muito bom, então (...) tenho uma, uma vida mais tranquila, no sentindo de, não sentir tão só né, com os amigos que eu tenho agora, com o tempo que a gente vai fazendo, embora às vezes eu estou mais quieta no canto, mas eu estou observando muita coisa né, que é bom pra gente né.

F: Só pra, pra gente só fechar essa parte, depois a gente conversa um pouquinho aqui com seu Valdemar sobre isso, e aí a gente, eu penso na gente colocar os temas, que acho que durante os temas...

J: (...) posso falar.

F: ...pode falar um pouquinho né. Então só pra terminar a gente pensou assim, é, se você pudesse voltar no passado, oque que você traria pra cá, oque que você acha que, que foi e que é importante, alguma coisa que você sente saudade, no passado que você traria pra hoje?

J: Sobre a forma de vida né...

F: É sobre a cidade, pensando na cidade o que que você acha que poderia, oque falta hoje, que você traria do passado pra cá?

J: Bom, o que eu acho, é, Campinas, sobre a cidade, eu acho que, aquele tempo que havia uma boa direção, era mais fácil a conservação da cidade né, então, agora não, a gente não pode aproveitar tanto hoje, por causa de tanta coisa errada que existe né, infelizmente, não dá pra, pra gente ter uma escolha assim de coisas como aquele tempo a gente aproveitava não, mas oque podia, é como seria muito diferente voltando daquele tempo não seria hoje de volta, por isso tudo passa né, então, oque (...) passado, muita coisa vem à lembrança, coisa boa, mas é um tempo que, isso aí tava encerrado né, e agora de um tempo pra frente a gente quer aproveitar, mas não vai ser tão bom não, não vai ser tão bom porque, a gente vê que é, pra ser (...), voltar àquela Campinas. É por exemplo o bosque, o bosque é que foi assim um tempo gostoso, já não é tanto, aquele tempo tinha menos coisas pra gente se distrair, mas o que a gente aproveitava era bom, hoje que tem mais a gente não pode aproveitar tanto, porque há muito perigo, a vida da gente é todos os sentidos, e não é só Campinas, muitas cidades, mas eu tenho saudades da época de Campinas certo, então espero que com o tempo volte alguma coisa a ser mais passiva, que deixa, que deixa uma recordação boa, porque eu fico pensando, as pessoas que vem conhecer Campinas, a gente fica muitas vezes envergonhada de ser essa cidade, então praticamente é abandonada, eu acho, que está muito abandonada. E eu penso, não sei se é a falta de dinheiro, ou dinheiro que é dado com menos (...) né, (risos), eu não sei se é isso aí, esse dinheiro então tá fazendo falta pra melhoria de muita coisa né.

F: Tá certo. Então, daí a gente, daqui retoma alguns temas.

J: Tá bom.

VALDEMAR LOURENÇO PAULO

V: Começo.

F: Seu Valdemar.

V: Bom, em mil novecentos e trinta e cinco eu nasci, no bairro hoje Vila Nova, naquele tempo só existia três casas, meu pai é italiano e ele sempre gostou de roça, italiano na época e até hoje gosta (...) de roça, então ele plantava algodão ali onde é a Vila Nova hoje, fiquemos ali um tempo e daí fomos embora pra aquela fazenda, agora aquilo pertence à Campinas, a fazenda (...) hoje, naquele tempo era fazenda Santa D'Água, lá também fiquemos um tempo, e mudemos pra fazenda Jambeiro, hoje que é o (...) Jambeiro ali, estrada velha de Valinhos, ali fiquemos oito anos, dali a gente mexia muito aqui com Campinas, nós fabricava vassoura, e nós mulecada vinha vender aqui na cidade, então a cidade pra nós era, só dos canto aí né, e depois a gente fazia as comprinha e levava pra casa, daí dessa fazenda Jambeiro, a gente mudou lá onde tava fazendo a Singer, hoje é fazenda Palmeira, aquele tempo era Companhia Industrial Palmeiras, tava fazendo a Singer, e aí fiquemos também acho que oito ou nove anos, daí nós mudemos pra fazenda (...), é São Francisco da Rhodia, hoje como, e depois passou a Companhia Industrial Química da fazenda São Francisco, e hoje Rhodia, e ali foi o lugar mais bacana que eu tive na minha vida, porque ali realmente era uma potência, potência mesmo, ali o senhor não precisava vir na cidade, a gente vinha porque queria ir, você tinha tudo, tinha trabalho, tinha cooperativa, tinha cinema, tinha campo de futebol, o que você precisasse tinha aí, tinha médico, enfermaria, tinha tudo, (...) segurança total, como a Jael disse que daqui não tinha, mas ali tinha, ali podia dormir com a porta aberta, não tinha problema nenhum, a gente ficou muito tempo ali, e como...

M: Seu pai plantava algodão ainda?

V: Não, não, meu pai nessa época já, levava só comida pra nós, porque a família italiana, é (...) não aceita que os filhos saem, então todo esse tempo de criança até moço eu só acompanhei os meus pais, porque não aceitava dos filhos sair não, mesmo que tivesse ruim, tá ruim pra um, tá ruim pra todos então, (...) permaneceu junto com os pais, vontade de vim morar na cidade, trabalhar na cidade a gente tinha, mas os pais não aceitava, e...

F: Seu Valdemar, só pra, o senhor falou, é que o senhor, só pra gente voltar pra gente falar um pouquinho sobre cada uma dessas fases que o senhor falou, então o senhor nasce na Vila Nova que o seu pai plantava algodão, com quantos anos o senhor vai pra essa primeira fazenda? Essa...

V: Eu nasci aí no Vila Nova, aí acho que fiquemos uns três ou quatro anos, então eu nessa idade ainda não tinha noção, quatro anos, era criança de (...) mesmo, que essa fazenda Serra D'Água, que hoje é (...) fazendo do governo aí, eu também não tenho noção, eu só me lembro algumas coisinha, porque era novinho de tudo, agora nessa fazenda Jambeiro...

F: Jambeiro o senhor já lembra?

V: ...eu já lembro porque nós vinha vendê coisas da horta, vassoura, tudo aqui na cidade junto com a minha mãe, porque eu vinha acompanhado dela.

F: Então conta um pouquinho dessa, dessa que o senhor lembra, dessa fazenda Jambeiro, o seu, o seu pai plantava alguma coisa, ou não, era só (...)?

V: Plantava, nós plantava, aí e (...) das família italiana, as criança ajuda desde de pequeninho, não tem esse negócio de vagabundando, ajuda, nós trabalhava na roça junto com ele, plantava, nós molhava a horta peã depois de sábado colher e vim vender...

F: Vender aqui.

V: ...vender, vir na cidade, e depois quando pegava algum dinheirinho, (...) e voltava pra casa, era uma ajuda até muito boa, e...

F: E como é que era vim pra cidade, era uma festa (...)?

V: A pé, a pé, nós vinha assim, descalço...

F: Vinha a pé de lá até aqui...

V: Vinha, não era tão longe, é o parque Jambeiro, é perto (...) ...

F: E, e ia pra onde, pro mercadão pra vender, não, onde é que vocês vendiam?

V: Não, mais aqui, o bairro Português, aqui o centro, (...).

F: Você saiu vendendo?

V: Mais esse, aqui no centro...

I: Cambuí, não é, o Cambuí é o lugar que vendia mais?

V: O Cambuí nós não xeretava muito, porque daí era uma gente orgulhosa, uma gente poderosa, então o Cambuí...

I: Eu (...) mais, mais, a maior parte no Cambuí, mas eu não era...

V: Então minha gente, a gente vinha sempre na cidade, mas sempre junto com a minha mãe, até uma época que ela, que nós tinha uma tia que morava aqui no Bonfim, e a gente visitava bastante ela, porque eles gostava da sobrinhada, e era sete de setembro, como foi agora dia da pátria, e subindo a Governador Pedro (...) aí, o exército tava fazendo umas manobra (...) naquela época, e a minha mãe se assustou, (...) voltou pra casa (risos), bom (...)...

F: Vieram pra visitar porque era feriado...

V: Porque naquele tempo não tinha comunicações, esse negócio de falar, hoje você sabe tudo, o que vai acontecer amanhã você sabe hoje, aquele tempo não, ninguém sabia de nada, ninguém explicava, então também o sete de setembro fazia as coisas (...), mas o pessoal não ficava sabendo, não tinha como comunicar, vê lá que eu não existia, depois que apareceu uns lá, porque você ligava, é, só fazia barulho, você não entendia nada, e era difícil...

F: E dava tempo pra brincar quando era criança?

V: Olha, não dava tempo pra brincar não.

F: É, era mais ajudar mesmo (...).

V: Não, é prache das família italiana os filhos não ficar muito à toa, os filho das família italiana é educado a trabalhar, a trabalhar, porque esse negócio de ficar vagabundando não. E mais eu gostava muito assim do tempo de correr atrás de balão, mulecada correndo atrás de balão em Campinas era, não tinha esse negócio de, de não poder soltar balão, naquele tempo podia, isso foi em quarenta e cinco, quando acabou a guerra foi liberado a soltar balão, então tinha bastante balão, não havia, a mulecada corria o tempo inteiro atrás de balão. Gostava muito de pescar também, pescar com a peneira mesmo, ragaçava a carça e entrava com a peneira naqueles corguinha de pesca, e bom, era muito gostoso.

F: E tinha rio perto lá?

I: (...)

F: Empinar pipa?

V: Ô, não tinha, não tinha linha, não tinha nada naquele tempo, linha era pras mães costurar, não era pra molecada brincar não, não, era coisa difícil...

F: E tinha lá, tinha rio pertinho lá da (...) que vocês pescavam?

V: (...) a fazenda Jambeiro tinha, tinha um tanque bonito lá (...), naquele tempo, (...) a mulecada não pode entrar.

F: E levava o peixe pra mãe, não, era pra (...)?

V: Opa, depois chegava em casa, a mulecada mesmo limpava e a mãe fritava pra comer, e a gente passava a vidinha da gente tranqüila, e vim pra cidade, como que se diz, a mulecada na cidade ia fazer o que, só com vontade de comer um doce, essas coisas, tinha cinema, essas coisas nem ligava, embora a gente em finados no cemitério da Saudade a gente vinha fazer as visitas aí, e era muito, era uma festa, naquele tempo todo mundo (...) encontrar uns parentes aí, então era muito gostoso vir pro cemitério no dia de finados, porque a gente encontrava com a parentagem tudo ali, muito bom, e depois na saída a mãe comprava um pedacinho de mel, que servia na, na, é, e hoje não fazem mais, não

fazem, cortava assim, punha numa folha de bananeira, nós comia aquele doce gostoso, o (...), e tomava lá uma sodinha que, coisa difícil, e depois ia embora à pé também...

F: Voltava a pé pra...

V: A pé, a pé, naquele tempo não tinha esse, nem sabia que tinha condução, e eles não gostava, condução chega logo em casa, então, mas naquele tempo não chegava né, porque a condução também não andava, era, só roncava e não saía do lugar, mas aí então, é uma pena que a gente, mudando de (...) assim até a gente não lembra de todas as coisas bacanas, mas era uma vida saudável, era uma vida saudável porque não tinha aquela conversa, hoje, hoje como você falou, as coisas mudaram de Campinas, mas nós mudamos também, nós não somos daquele, se nós tivesse (...), porque as pessoas de hoje, pra frente eu vou achar que a Campinas de hoje que era boa né...

F: Tem isso também.

V: Então eu acho que, depois eu, a minha trajetória por Campinas e...

F: Então, mas aí ó, daí o senhor ia, tava no Jambreiro, aí com até quantos anos vocês moram lá? O senhor lembra mais ou menos?

V: Eu fiquei ali até uns treze anos...

F: E aí depois o senhor vai?

V: Aí pra fazenda Palmeiras que era do Singer, fábrica Singer.

F: E aí lá vocês mudaram porque seu Valdemar?

V: É, como se diz, sempre procurando o melhor né, todo mundo vai procurando o melhor, e a gente pensou que daí ia ser melhor...

F: Pra trabalhar, pra...

V: É, pra trabalhar, tudo, mas no fim foi tudo igual né, não melhorou muito não, a situação naquele tempo não era tão boa quanto hoje que você tenta procurar as coisas, você encontra, naquele tempo também era difícil, não era fácil não, porque não existia dinheiro, foi nessa época que surgiu o salário mínimo, aí então, aí começou a melhorar, começou melhorar porque aí o pessoal tinha o salário, de primeiro ninguém tinha salário não.

M: Mas o seu pai continuava plantando algodão?

V: Não, aí já nós não plantava algodão, aí a gente trabalhava com café, milho e arroz, porque o algodão também, fracassou tudo essas coisas, o café, o café também na época do Getúlio Vargas, derrubou todos os fazendeiro, foi tudo à falência, tiveram que cortar, plantar outras coisas, foi difícil pro Brasil, o Brasil passou (...), quem tá aqui no centro da cidade não vai ver, mais a volta aí funcionava dessa maneira, então o café também deu um tombo violento no pessoal aqui do Brasil, acabou com muita gente.

F: E aí o senhor fica, vocês ficam na fazenda Singer?

V: É.

F: Quanto mais, pouco tempo?

V: Não, vivemos aí oito anos.

F: Aí o senhor já tinha então por volta duns dezenove, vinte, mais ou menos?

V: Isso.

F: E nessa época seu Valdemar, depois que o senhor já tá, é, juvenzinho, tudo, aí vocês continuavam vindo frequentar a cidade mais pra, pra vender as coisas, ou não, aí o senhor já vinha passear?

V: Sempre a Negócio aqui, sempre na mesma, você morando em lugar que você trabalha, no sistema, sistema de, de, (...), você precisa comprar as coisas, então a gente vinha na cidade pra comprar, tinha que fazer compra pra casa, a gente fazia compra aqui em Campinas.

F: Aonde, no mercadão?

V: Não, aqui na rua Costa Aguiar que tinha os atacadistas bom aí né, então dali, depois a compra era levada até a estação da Sorocabana que era ali no Bonfim, hoje acho que é o Sesi aí né, e dali o trem levava até lá pra nós que passa descampado, é a segunda estação, lá é descampado, que é da fábrica Singer, e então a gente fazia esse trajeto aí pra essas coisas, não era pra passeio não, era pra negócio.

F: E mesmo, mesmo na cidade o senhor não vinha de final, era só pra fazer negócio mesmo e aí dava uma voltinha?

V: É porque, não, tá certo você, a cidade era ruim pra nós, nós ia melhor fora da cidade do que aqui na cidade, (...) em pôr sapato, gente lá da roça não gosta de andar de sapato, um chinelo, qualquer coisa tá bom. Você tinha que trocar de roupa, chegava aqui não podia se sujar (risos), aqui a mulecada se suja, então aí na hora de pôr inclusive (...), pra, pra Rhodia, a Rhodia já era outro sistema diferente...

F: A Rhodia lá em Barão Geraldo?

V: É pra frente de Barão Geraldo...

F: É um pouquinho, mas aí na...

V: ...mas pertencia à Campinas, Campinas é uma coisa, porque hoje ela não pertence Campinas porque Paulínia foi emancipada, e ela passou à pertencer Paulínia.

M: E quantos anos mais ou menos (...)?

V: Vinte anos.

M: Vinte anos.

V: E como nós morava numa casa, e tínhamos dois irmãos que morava junto, a casa ficou tão pequena que eu não tinha mais, (...) de solteiro era eu, o irmão mais velho era casado e tinha dois filhos, meu irmão mais novo também casou e um filho ficou...

M: Morava tudo junto?

V: Meu pai, minha mãe, e eu fiquei sem onde, sem lugar pra dormir, e sem lugar pra se trocar, ia trocar onde, ou no quarto de um, de outro, na sala não podia, e então aí eu resolvi casar, e já tava de paquera lá com a minha mulher e...

M: E aonde que o senhor encontrou ela, paquerava onde (...)?

V: Encontrei na Rhodia mesmo, que eu trabalhava, eu era açougueiro, trabalhava no açougue, e aí (...) você via todo povo aí né, então já era um ponto de, como que fala? Grande né, porque trabalhava no açougue, os outro não tinha essa oportunidade pra trabalhar, então eu conheci a Nair, e daí não tinha outra opção né, porque eu tinha que casar, eu tinha que sair de casa.

F: E ela morava lá, por (...)?

V: Junto com a irmã dela.

F: Lá na Rhodia também?

V: Na Rhodia, o cunhado dela trabalhava (fala muito baixo), e então, daí eu fiquei um ano mais na Rhodia porque aí eu mudei junto com ela, porque ela, na casa da irmã dela tinha bastante espaço, aí eu mudei junto, fiquei um ano junto porque tem a irmã dela também que é um nervosismo, ô mulher brava que não tinha jeito né (risos), ah não aí mudei pra Paulínia, aí eu vivi em Paulínia, e Paulínia também a gente tava sempre aqui em Campinas, e foi indo, depois que quando chegou a Petrobrás, que poluiu muito a região ali, aí eu falei, "*não eu vou embora*", porque não me dava com aquele cheiro, um cheiro drástico, entrava dentro de casa e, é um gás pesado e ficava nos lugar baixo, não tava cheirando nada no ar, mas dentro de casa tava cheirando, então eu falei, "*não, não*", daí eu mudei pra Barão, de Barão tô até hoje.

F: O senhor mudou pra lá quando, seu Valdemar?

V: Pra Paulínia?

F: Pra Barão, pra Barão, (...).

V: Pra Barão eu mudei em setenta e quatro.

F: Como é que era lá?

V: Barão?

F: É, nessa época.

V: Barão era o bairro mais pacato que hoje, hoje tá bem movimentado, mas aquela época não, era um bairro, porque ainda nem ônibus circular tinha, quando eu mudei lá, parece que eu trouxe o ônibus circular, e começou a aparecer o ônibus circular lá dentro, no primeiro apareceu, depois apareceu outro, depois aí tinha quatro, quatro linha de ônibus pro lado de, de, a gente ia e voltava pra cidade sentado, não tinha tanto passageiro como que é hoje, você vai de pé e volta de pé, não tem nem, naquele tempo era assim, era bem pacato.

F: E tinha lugar pra fazer compra, não, tinha que vir aqui pra Campinas também?

V: Tinha lugar, mas o pessoal do lugar não compra no lugar, gosta de comprar fora (risos), e vinha fazer compras.

F: Aí o senhor vinha aqui também, vinha pra cá fazer...

V: Vinha, sempre vinha...

M: Vinha (trecho não compreendido).

V: Com ônibus, ônibus. Barão também não é longe, como você sabe, é perto.

F: E aí seus filhos já, mas na época o senhor já tinha filho, e tudo, quando morava lá?

V: Sim, sim.

F: E eles estudavam lá em Barão, ou estudavam aqui?

V: O mais velho estudava aqui no Liceu, e do meio estudava na (Entec), se formaram aí...

M: O senhor trabalhava no açougue (...).

V: Eu trabalhava no açougue...

M: Continuava ali forte trabalhando?

V: Só que não era mais no açougue, aí eu sai da cooperativa, passei a trabalhar na indústria (...), trabalhei mais de vinte ano (...), meu serviço só foi dentro da Rhodia.

M: Aposentou lá?

V: Aposentei na Rhodia. E vinte e oito anos de trabalho na Rhodia.

F: Você vai permitir?

V: É agora...

I: Oque que o senhor tem saudade, do passado assim...

V: Eu já escrevi alguma coisa do passado e...

M: O senhor queria que...

V: Voltasse atrás, então, deixa eu ver as minhas palavra...

F: Mas já tem tempo ainda.

V: ...as minha palavrinha que saudades, Campinas, cidade da minha infância, Campinas, a bela cidade de agora, setenta anos na (...), se nós pudéssemos voltar atrás, queria Campinas no meu tempo de criança, onde a simplicidade e a amizade de mãos dadas faziam Campinas uma cidade de verdade, sou campineiro como um todo, isso muito tenho mostrado, viver, morar, trabalhar, e amar Campinas, e um dia nela ser enterrado, muito obrigado, mas (...) Fernanda por esse trabalho maravilhoso que muito nós tem honrado, resgatando o passado, Valdemar (...) não tá aposentado.

F: Olha a (...), que lindo seu Valdemar, poxa vida.

V: Então né, se eu fosse como você falou, se nós pudesse voltar atrás, eu queria a cidade daquele tempo, porque era uma cidade onde vivemo no tempo de criança e muito, muito legal.

M: Se tem alguma coisa assim no presente, hoje, que o senhor gostaria que tivesse lá no passado?

V: Que tivesse lá no passado?

M: Alguma coisa que hoje o senhor tem, que o senhor lembrar, que você tivesse quando era criança, teria sido melhor?

V: Sim, sim, muitas coisas, porque quantas vezes a gente queria ter uma bicicleta e não tinha, não podia ter, nós compramos uma bicicleta quando nós era já moço, ainda precisou reunir a família inteira pra comprar uma bicicleta e, e a Jael tá aí pra lhe dizer que aquele tempo tinha bicicleta, ninguém, olha, como eu falei, gostava de pescar, nós não tinha um anzol pra pescar, se tinha um anzol, ia comprar, comprava um anzol, hoje você compra uma caixinha com cem que vem, naquele tempo você comprava um, ia lá enroscava no (...) perdia, (...) nada. Linha, hoje tem aquelas linha de pescar, naquele tempo não tinha, não tinha linha pra você pescar, então tinha que roubar um pedacinho daquela linha da mãe, de costurar, e pescar com aquela, mas não era de pesca, e não tinha outra. Roupa, meia, pra usar meia, eu fui usar a primeira meia com dezesseis ano, nem meia não tinha pra você pôr no pé não. Sapato, ih, se comprasse um sapato, se ele machucasse, ou tinha qualquer coisa, tinha que usar, então usava o sapato, por isso que ninguém gostava de vir na cidade, porque tem que pôr sapato, aí se...

M: Sofria mais do que... (risos)

V: Fazia cada roseta aqui no calcanhar aqui, que ficava em carne viva, andava quase de perna aberta, saia da cidade pra tirar e pendurar nas costas e ir embora à pé...

F: E também não acostumado a andar o tempo todo, então punha, machucava.

V: Era um coro duro, não era essas coisas como, era um coro duro, não tinha meia, e o pé suava, e sujo de terra porque não tinha asfalto, não tinha nada, e era complicado, mas obrigado pra hoje, mas naquele tempo era normal, não tinha nada que atrapalhasse.

J: Olha, o que eu acho que mudou muito, o que mudou, o que fez falta naquele tempo, hoje Campinas tem muito mais cultura do que antes né, hoje tem, hoje a pessoa tentar fazer curso de medicina, dentista, enfim, advocacia né, e antigamente o pessoal trabalhava mais no duro né, no pesado, e então hoje é uma cidade que eles oferecem mais campo pra estudo né, então eu acho que nem se conta, Campinas de agora é melhor.

V: Sim, é melhor em ponto, porque aquele tempo, como eu falei, os pais não aceitavam, os filhos tinham que dar continuidade no trabalho dele, se o pai era fazendeiro, os filho ia cuidar da fazenda, não é como hoje os filho vem estudar e fica pra cidade, aí o pai vai fazer o que com aquilo lá, vende pra eles destruir tudo aqui, isso é ruim pro pai, o pai ainda ficou sem família, tá tudo aqui na cidade, não é bom. Porque que tá tudo agrupado aqui, o pessoal escuta falar, “nossa aquele prefeito fez mil e quinhentas casas, vai fazer tudo aqui, não tem lugar, nem dá o que tá aqui dentro, não tem, aí fica tudo sujo, aí não pode consertar, você falou do (...) que fizeram na rua treze, como é que você vai trabalhar passando gente em cima, pisando ali, pisando, não fica, não fica o serviço, não pode parar aquilo uma semana pra consertar se puder, fica na mão.

F: Mais alguma coisa que vocês acham que vocês falar?

V: A primeira vez que eu vi desenho animado na televisão (risos), mas que coisa bacana, porque que hoje não é tão gostoso igual aquele tempo, então não é as coisa que ficaram melhor, é nós que também temos humildade.

F: Quando que o senhor viu seu Valdemar (...)?

V: Ah, faz muito tempo, porque (...) acho que eu tinha quatorze ou quinze anos, porque apareceu a televisão, não tinha televisão.

M: E aonde que o senhor viu?

V: Eu vi lá (...), tinha um fazendeiro lá que comprou uma e eles, e ele era solteirão, ele deixava a molecada ir dar uma espiada lá na televisão. (risos) Não, mas (...) Singer hoje, é ali mesmo, descampado é porque, sei lá, é o lugar, puseram esse nome, porque tinha a estação da Sorocabana, escreveram em cima dela, descampado, porque os avião aí no aeroporto de Viracopos, acho que pra orientar, naquele tempo não tinha também os aparelho de hoje, então eles escreviam, pra saber onde tava, escrevia, e letreção grande assim, e lá de cima o avião via aquela letra, então sabia que tava aí no descampado.

F: Certo, acho que tá bom porque também já são quinze pras onze (...), então obrigada, mais uma vez pra gente estar dando essas oficinas.

M: Seu Valdemar você não quer, esse papelzinho você não quer deixar... (fim da gravação)

ENTREVISTA PASSEIO AO BOSQUE

Entrevista Idosos Programa Saúde Toda Vida

Data: 14 DE JULHO DE 20005

LEGENDA:

M: Márcia Regina Mainardes (UNIMED)

F: Fernanda Mandetta (CMU – UNICAMP)

E: Dona Eugênia da Cunha Mei

J: seu José Otterço

V: seu Valdemar Lourenço Paulo

S: seu Sebastião da Silva

G: seu Gláucos Curi

I: Idosos

EUGÊNIA DA CUNHA MEI

F: Vamos tentar gravar é..., é o depoimento de todos eles com relação aos que eles passaram, e viveram aqui no bosque. (interrupção da gravação) Eugênia quando que eles vinham?

E: Hã?

F: Quando, qual que era o dia que os blocos vinham?

E: Eles vinham no domingo à tarde né...

F: Ahã.

E: ...porque durante..., depois à noite eles, aí eles iam pra cidade né...

F: Tá.

E: ...então aqui no domingo à tarde eles vinham, davam, davam show pro pessoal aqui né...

F: Ahã.

E: ...era o Camisa Verde...

F: Camisa Verde.

E: ...era o Leão, o Marujo, e às vezes vinha também..., como chama aquele outro de bloco, meu Deus do céu? É..., Nem Sangue nem Areia.

F: Nem Sangue nem Areia. ,

E: Sabe?

F: Ahã.

E: É.

F: Que era da Vila, não era?

E: Da Vila, é. Então davam show aqui assim pra todo mundo, aí eles iam embora, e já iam pra, pra cidade...

F: Pra cidade.

E: Daqui eles saiam lá pelas cinco e meia, seis horas, eles já saiam, porque não terminava tarde o...

F: O carnaval.

E: ...o carnaval né...

F: Tá.

E: O carnaval era mais era..., tinha corso né.

F: Ahã.

E: ...então, aqueles carro enfeitado, tudo né...

F: Tá.

E: Com a capota abaixada né, e aquela mulherada cheia de serpentina, confete né.

F: E vinham todos pra cá, pro bosque?

E: Vinha, os carro não, porque os carro não vinha aqui, os carros era só na cidade, eu pelo menos, pode ser que vinha, mas eu nunca vi...

F: Tá.

E: Carro aqui não, mas os bloco vinham...

F: Vinham. (interrupção da gravação)

E: Mas minha mãe vinha com uma, uma família portuguesa, dona Júlia, e a gente fazia piquenique aí embaixo.

F: Quando você era criança?

E: Aonde tem aquela biquinha, sabe ?

F: Sei.

E: Ali, quando a gente era criança.

F: Tá.

E: É, ela vinha, trazia os filhos dela, a gente trazia um frango sempre assado né e uma farofa né, bebida, bebida assim guaraná né...

F: Refrigerante.

E: Porque nem pros homens não eram de tomar..., meu pai, meu pai tomava vinho, agora cerveja não. O marido dela também era português né, também tomava vinho. Então trazia um vinho, trazia uma guaraná pras criança, sodinha, essas coisas né a gente passava aqui a tarde.

F: E depois quando você já ficou mocinha você vinha também aqui paquerar, vinha no...?

E: Não.

F: Não? Aqui não?

E: Nunca vim.

F: Tá, era só de criança e quando tinha carnaval.

E: Não, aí não saía.

F: Seu pai não deixava? (risos)

E: Pelo amor de Deus.

F: Não podia de jeito nenhum?

E: Não. Eu falei, eu tava falando outro dia pra elas que hoje eu me sinto gente, foi..., quando foi anteontem que a gente tava conversando também isso lá na minha casa? No domingo, eu falei, ela falou, “*mãe, mas a senhora não para em casa hein*” , a minha filha falou né. Eu falei, eu não paro, e não vou parar, eu falei, porque chega já a juventude, a infância, que eu passei.

F: E agora tá certo, tem que aproveitar, é isso mesmo.

E: Não, tá louco, se você não aproveitar agora quando é que eu vou, depois de morta!?

F: Não, tem que ser..., lógico.

E: Não dá né. (interrupção da gravação)

JOSÉ OTTERÇO

F: Conta um pouquinho pra mim, quando é que o senhor vinha aqui, como é que, como é que era?

J: Quando é que eu vinha aqui? Eu no bosque a gente sempre veio, desde garoto, desde criança, principalmente no carnaval, a gente formava aqueles bloquinho com os amigo e vinha aqui passear no bosque, isso durante o carnaval, tinha muita fantasia, era muito divertido. E futuramente, depois de moço, então a gente vinha aqui também porque tinha muita coisa pra se ver. E comigo acontece uma coincidência, que eu fiz, eu tinha, eu namorava uma moça, era quase noivo numa moça que morava na esquina aqui da rua Uruguaiana, aí houve um problema, de uma outra mulher que ligou na casa dela e o pai dela então interrompeu, porque eu tava praticamente noivo. Aí ela procurou através do concunhado dela né, que tava também noivo, pra que eu viesse conversar com ela, porque ela precisava falar comigo e a nossa reconciliação foi aqui no Bosque...

F: Foi no bosque.

J: E com essa mulher é que eu me casei.

F: Certo.

J: Que é mãe dos meus filhos. Sendo que o Bosque é uma coisa espetacular, aqui sempre vinha excursões, pessoal de fora, de outra cidade, escolas né.

F: Ahã.

J: O bosque é um atrativo, é um ponto turístico charmoso de Campinas.

F: Da cidade, é verdade. Obrigado seu José.

J: De nada. (interrupção da gravação)

F: A Márcia tá tirando uma foto na frente do Museu de História Natural, que segundo eles era aonde era o salão de baile que eles iam dançar nos finais de semana. (interrupção da gravação)

SEBASTIÃO DA SILVA

F: Então pera aí.

S: Tinha o balcão aqui, era do Torquato o salão de baile aqui e todo domingo a gente vinha, tinha a matinê, a gente ficava aí até seis e meia, sete hora da noite.

F: Todo domingo o senhor vinha?

S: Todo domingo. Era muito bom viu.

M: E era nesse salão mesmo aqui?

S: Nesse salão aqui, nesse salão.

M: O senhor lembra o que que tinha aqui?

I: Ah, tinha cadeira, tudo essas coisas por aqui né e tinha o balcão aqui. O salão de baile que você tá falando né? É, o salãozinho de baile que era aqui primeiro.

L: Era aqui.

S: Era aqui.

J: Era aqui que se dava baile no carnaval.

F: Só no carnaval, ou não?

S: Tinha as matinê aos domingo também.

L: Tinha, tinha.

S: Tinha as matinê aos domingo, tinha matinê aqui.

L: Aí a gente comprava bala, era raridade comprar bala, chocolate, aquele drops que a gente tinha, que a gente comprava, ainda não se via, era difícil né Tião, aí quando recebia algum dinheirinho a gente comprava...

S: É, aqui no bosque.

L: (?)

S: Ficava até a noite aqui né, sete hora, oito hora da noite né, a gente andava sossegado pra rua aí...

L: Eu vinha muito no baile, eu morava ali atrás da Matriz do Carmo, então era fácil pra eu vir até aqui, vinha eu e minhas duas irmãs, nós éramos em três e às vezes a mamãe também vinha, tadinha.

F: Todo domingo?

L: É, a maioria dos domingos, é.

S: Era o bosque né, todo domingo, vinha muita gente fazer visita né...

L: Vem.

S: Mas não tinha trezininho, depois que puseram trezininho, depois de...

L: Ah isso meu filho já tava com quatro anos de idade quando ele começou andar no trezininho.

S: No trezininho, é.

L: E tinha um carrinho à gasolina, que a gente pagava por hora, e as criança ficava dando volta de carrinho.

S: Será que tem aquelas aulas lá embaixo ainda?

L: Tem, tem. Vamo até lá? (interrupção da gravação)

VALDEMAR LOURENÇO PAULO

F: Seu Valdemar, vamos conversar um pouquinho sobre o Bosque.

V: Vamo. Então, eu entrei na escola, Escola Mista Rural da Fazenda Tapera, então a professora marcou um passeiozinho aqui no Bosque, era trinta e oito alunos na época, aí viemos com a professora à pé, de lá aonde era a escola, que hoje é Vila Ipê, viemos aqui e começamos a andar pelo bosque, tudo e visitemos o museu, que não era aí, era essa casa aqui e ali na frente tinha umas mesa de cimento, e fomos fazer o lanche. Cada um trouxe o que podia, um pãozinho com mortadela, outro..., aí tinha um menino de classe um pouquinho mais elevada e ele trouxe uma lata de salsicha, que vinha numas latinha assim, que tinha até uma chaveta que abria assim...

F: Pra abrir.

V: ...que cortava a fita da lata e a tampinha.

F: Foi a primeira vez que o senhor veio?

V: A primeira vez, foi em quarenta e quatro, isso tá fazendo sessenta anos. Aí a professora, de medo assim, a professora era como se fosse mãe daqueles alunos, elas fazia tudo o que precisasse, então de medo de que os outros ficasse com vontade de ver ele comer salsicha, ela retirou o pessoal, deixou ele sozinho, ele comeu a salsicha sozinho e depois sobrou uma, e aí foi repartido um pedacinho de salsicha pra cada um.

F: Pra todos, pra não ficar com vontade.

V: Isso aí me marcou tanto que guardo até hoje isso.

F: Ahã, claro. E depois quando o senhor ficou moço, tudo, o senhor vir aqui pra passear ?

V: Vinha, vinha, mas aí já não tinha essa história, aí vinha visitar

F: Não, sim, claro...

V: Aí só visitava, mas essa história que marcou tudo isso aí...

F: Que marcou mais.

V: Você ver que situação de não conhecer nem salsicha, e aquele tempo não era co.., era coisa rara, porque só ele pode trazer.

F: Só ele podia trazer, não era...

V: Até a mortadela não tinha a máquina pra cortar, a gente ia na venda e eles cortavam com uma faca assim né.

F: Ahã, não tinha aquelas máquinas que hoje fatia frios né.

V: Não tinha, não tinha.

F: Tá certo. Obrigada seu Valdemar.

V: Nada. (interrupção da gravação)

FLÁVIA

F: ...sobre o bosque (risos). Conta pra mim um pouquinho quando é que foi a primeira vez que você veio e quando é que você vinha normalmente aqui?

Flávia: Ah eu vinha quando era criança passear assim né, que tinha os blocos de carnavais vinha aqui, então a gente vinha ver o bumba-meu-boi, que eles tinha um cabeçudo, o boi vinha em cima, os homens dançavam e vinha e cima da gente, morria de medo, e a gente vinha passear e ver os macaco né...

F: Tá.

I: ...porque o que a gente mais gostava era ficar olhando o macaco, pulava daqui, pulava de lá.

F: E já tinha aquele macaco que o seu Sebastião falou, como é que era o nome?

I: Não sei qual que ele falou.

F: Não era o Chico? Não, que era o mais famoso?

I: Ah, o Chico.

F: É, não era um que ele, não sei que (...) acho que falou.

I: É, acho que é, que tinha um macaco que, acho que tinha assim só que eu não, só que eu não lembro.

F: Tá.

I: E acho que a última vez que eu tive aqui no bosque, minha mãe tava viva ainda né...

F: Ahã.

I: ...então eu vim com meu sobrinho, minha neta, até ela tem uma fotografia tirada num cantinho aí, em frente os bichos.

F: Ah...

I: Eu não lembrei, senão trazia. E a gente vinha passear, era gostoso dar volta assim né...

F: Ahã.

I: ...ficava caminhando assim, depois tinha os patos né, era maravilhoso, e outra coisa era pamonha né (risos)...

F: Comer pamonha?

I: ...pamonha e milho verde, é, e acho que até hoje ainda tem por aqui né?

F: Acho que sim.

I: Mas é muito, só que tá, agora tá mais bonito, tá diferente, e tudo né.

F: Ah, eu achei lindo.

I: Mas era muito bom vim passear aqui, nossa!

F: E quando você era mocinha, você vinha paquerar também? Vinha Paquerar?

I: Não...

F: Não.

I: ...não, paquerar eu já tava moça, daí a gente não vinha, minha mãe não deixava eu sair.

F: Não deixa. Nem no baile, de domingo?

I: No baile, não, eu nunca vim em baile, eu não vinha em baile quando eu, quando era solteira, e nem de casada que o marido...

F: Também não deixava.

I: ... também não deixava, é.

F: Então você lembra mais da sua infância?

I: Mais é, quando a gente vinha passear assim né.

F: Tá.

I: Passear e olhar os macacos, era lindo, maravilhoso, e a gente achava que tinha cobra, às vezes a gente achava que tinha cobra no meio, mas, mas imaginação né.

F: Ahã.

I: Mas era muito gostoso, então você ficava passeando, só que não era assim todo cheio de, era terra né...

F: Tá.

I: ...agora não, agora tá tudo diferente...

F: É.

I: ...mas naquele tempo era muito bom.

F: E era passeio de domingo?

I: Era de domingo.

F: Fazer piquinique.

I: Fazer piqui..., e algumas vezes eu vim paquerar, uma vez escondido da minha mãe (risos)

F: Ah tá. Ninguém fica sabendo.

I: Mas o medo que alguém visse e fosse contar né. Até eu me lembro que um dia, eu vim e, foi assim, nós somos, eu fui ao cinema e terminou, e esgotou a entrada...

F: Hã.

I: ...então a minha amiga falou assim, *“vamo até o bosque”*, cheio de gente lá, eu falei, *“é melhor a gente não ir porque a minha mãe não quer né”*.

F: Hã.

I: Ela falou, *“mas a sua mãe não vai ficar sabendo”*, daí a gente veio, quando eu entrei ali na frente, meu primo, é um moção...

F: Hã.

I: ...me viu, falou, *“O que que você tá fazendo aqui?”*, eu falei, *“eu só vim passear”*, falei, *“você não conta pra mamãe, pelo amor de Deus”*, ele falou, *“tá bom, então volta”*, e ele pegou me deu umas garrafinha de sodinha, parece que chamava na época, uma pra mim e uma pra minha amiga, e mandou a gente voltar, quando eu cheguei na minha casa, que eu entrei no portão já fui apanhada, eu levei uma surra da minha mãe...

F: Ele já tinha contado?

I: Não, não foi ele não...

F: Ah não?

I: ...foi uma moça que trabalhava, eles já trabalhavam, já era mocinha, que foi contar pra minha mãe...

F: Que contou.

I: ...que eu tava aqui no bosque, mas só que ela contou da maneira dela, ela contou, até hoje eu tenho horror disso, tenho horror porque fala uma coisa que eu não fiz.

F: Ahã.

I: Ela disse pra minha mãe que eu tava bebendo, eu com aquela idade bebendo.

F: Imagina.

I: A minha mãe ficou horrorizada, porque poxa vida né, e naquele tempo a gente apanhava mesmo, daí eu falei, *“mãe porque que a senhora tá me ...”*, eu pensei comigo, ela não sabe que eu não fui no cinema, ela não deu (...), como que soube, daí eu peguei falei pra ela, *“mãe”*, ela falou, *“você, você saiu daqui pra ir ao cinema, você vai em outro lugar não”*, eu falei, *“não eu fui mas falei”*, ele chamava Joaquim, a gente fala Quinzinho, falei, *“Quinzinho tava lá, se a senhora quiser, a senhora...”*, ele morava no quarteirão de cima, falei, *“vai perguntar pra ele se eu tava bebendo”*. Daí ela foi lá, ele falou, *“não Alice, ela não tava bebendo, ela mal entrou, eu fiz ela voltar pra trás”*...

F: Voltou.

I: ...e eu apanhei.

F: Olha.

I: Só que quando eu cheguei na fábrica, no dia seguinte, eu falei pras menina do meu jeito trágico, sabe, todo mundo virou a cara pra ela (risos).

F: Bem feito.

I: Todo mundo virou, porque eu falei, até hoje eu sou, você pode falar uma coisa que você, a pessoa pode falar uma coisa que você fez, tudo bem, mas o que você não fez...

F: Não pode.

I: ...é horrível né.

F: Claro.

I: Nossa aquilo dói pra boi, e o pior que eu levei uma surra né, falei pra minha mãe, *“a senhora não tá vendo, a senhora me bate”*, porque tinha gente que apanhava memo...

F: É...

I: E a minha mãe ficou envergonhada também né, coitada da minha mãe, agora...

F: Porque depois que acreditou né.

I: É. Porque agora que eu sou adulta que eu vejo né, chega na sua casa, agora não porque as moças vão em barzinho, mas no meu tempo não...

F: É claro.

I: E chegar, falar assim, “olha filha eu tava bebendo”...

F: Imagina.

I: Nossa, coitada de mim, até hoje eu não bebo (risos), eu já falei que eu sou tonta, eu tenho tontura, sem beber...

F: Sem beber.

I: ...porque se não me desse, eu bebesse. (interrupção da gravação)

F: Conta então um pouquinho pra mim quando é que o senhor, qual foi a primeira vez que o senhor veio aqui, como é que era?

S: O bosque?

F: É.

S: Era completamente diferente disso aqui, não tinha, não era, não tinha asfalto era terra embaixo...

F: Hã.

S: ...e o que mais que eles queria saber, tinha, nós vamos passar lá agora, não sei se tem ainda as aulas...

F: Ahã.

S: ...os bichos lá né, mas era bonito aqui Fernandinha, todo mundo vinha no bosque, mas todo mundo, o passeio preferido era o bosque né.

F: E o senhor vinha, quando o senhor era criança também? Não, o senhor veio depois de mocinho já.

S: Já de mocinho.

F: Hã.

S: Eu tenho uma foto que eu tirei dum fordinho aqui bem num lugar aqui, eu falei vô leva procê ver lá...

F: Hã.

S: E era muito bonito o bosque...

F: Vocês vinham de domingo pro baile?

S: Vinha, nós tinha, aonde tem aquele salão, era o baile, dança no salão aqui.

F: Tá.

S: E depois, ah carnaval, os cordões de carnaval entrava aqui também.

F: Que cordões que tinham seu Sebastião?

S: Tinha, tinha o...

F: Que vinha?

S: ... o Marujo, cordão da (...), entrava tudo aqui no, no bosque.

F: E aí fazia festa aqui?

S: É.

F: E o senhor pulava o carnaval aqui?

S: Pulava carnaval. Aí eles saiam daqui, iam lá pra rua Campos Sales, ou melhor, General Osório, iam lá pro Bonfim, eles andavam tudavida né.

F: Hã.

S: E depois aqui no bosque reunia todo mundo.

F: Reunia todo mundo.

S: Todo mundo ia pro bosque.

F: Ah. (interrupção da gravação) Conta um pouquinho é, qual foi a primeira vez que o senhor veio aqui no bosque?

I: O negócio é um seguinte, eu primeira, eu tinha meu neto, tinha muitos filhos, eu vim aqui a muitos anos, eu morava na Vila Conceição e vinha sempre aqui...

F: Ahã.

I: ...mas depois faz mais, mais de quinze anos que eu não vim mais no bosque, não sabia nem como estava aqui.

F: Mas quando o senhor era mocinho, o senhor vinha no baile aqui também ou não?

I: Não, eu não morava aqui em São Paulo.

F: O senhor não morava aqui em Campinas né?

I: Não, não, eu vim aqui pra Campinas em sessenta e dois.

F: Ah, então aí o senhor trazia os filhos.

I: Eu, então, eu tinha, o meu filho, eu tenho um filho...

F: Hã.

I: ...é nascido em São Paulo, ele chama Luís Antônio, nasceu na avenida Brigadeiro Luís Antônio...

F: Olha.

I: ...(...), e depois tem o Tacílio aqui em Campinas né...

F: Ahã.

I: ...mas ele veio pra cá em sessenta e dois, como já falei...

F: Tá certo.

I: ...trabalha na Ródia, depois aconteceu, agora ele morava na rua Conceição, e o seguinte, com meus filhos, com minha sobrinha, sempre vinha aqui, faz muitos anos que não venho.

F: Fazer piquinique, essas coisas?

I: Não, não a gente...

F: Não, passear mesmo.

I: Não a gente trazia o salgadinho, e tudo pra...

F: Tá.

I: E o meu sobrinho né, a gente vinha aqui no domingo passear, porque morava aqui na Conceição, é perto, dava pra vir.

F: Tá certo. (interrupção da gravação) Conta, não, só um pouquinho do bosque.

I: Do bosque?

F: Quando é que você veio a primeira vez, oque que você vinha fazer aqui?

I: Ah, eu vim a primeira vez pra conhecer né, porque só ouvia nas histórias né, porque eu lia muita história de fada né...

F: Hã.

I: ...e então eu estava com quinze anos, então era meio fantasiosa, ainda sou né, mas, é e aí eu vim com minha irmã, o namorado dela, a outra irmã com mais duas pessoas da igreja vieram juntos né, e esses dois da igreja, um estava interessado em mim, e o outro na minha irmã...

F: Hã, então já vieram?

I: Não, mas não tinha nada de ficar, nem de mão dada, nem de mão dada.

F: Ahã.

I: Mas a gente, aí eu fiquei conhecendo aqui e, mas era, naquele tempo era mais bonito, mais espaçoso...

F: Hã.

I: ...e então os, os bichinhos tinham mais liberdade.

F: Ahã.

I: Olha o trem!

F: Ó o trenzinho.

I: Naquele tempo não tinha trenzinho não.

F: Não tinha trenzinho?

I: Não tinha trenzinho não.

F: E normalmente você vinha, por exemplo, de domingo pra fazer piquinique?

I: Não, naquele tempo eu vim pra conhecer, depois fiquei muitos anos sem vir.

F: Tá.

I: Mas depois, quando fiquei madura mesmo né, aí tornei a vir, mas eu acho que é um passeio bom assim pra ter liberdade e ver, de estar em contato com a natureza né...

F: Claro.

I: ...porque se Deus fez isso tão bonito e a gente fica fechado em casa, não, não vê nada da, das belezas que Deus criou né...

F: É claro.

I: ...então é bom a gente de vez em quando ir, respira um ar puro né...

F: Ahã. E no, no domingo, nos bailes você vinha também? Não, de domingo.

I: Baile?

F: É.

I: Nunca vim em baile...

F: Não.

I: ...eu nunca dancei, nunca dancei, e então, mas é assim, eu gosto, acho muito bom, porque é um lugar...

F: Você quer tirar foto? Vai lá, depois a gente continua. (interrupção da gravação) Tá, como é que, quando que você vinha no bosque, quando é que foi a primeira vez que você veio?

I: Fernanda, (...) eu vinha quando eu era menina, assim mininota duns dez, doze anos que eu cheguei em Campinas, cheguei com nove, depois eu vim bastante, aí na minha adolescência eu vinha nos bailes, arranjava namoradinho, que era muito bom, a gente passeava, conhecia alguém também...

F: Ahã.

I: ...aí depois conheci o meu marido.

F: Você conheceu ele aqui?

I: Conheci aqui no baile de carnaval.

F: Você lembra que ano que foi?

I: Eu casei em cinquenta...

F: Hã.

I: Não, eu casei em cinquenta e um, então eu devo ter conhecido ele num, quarenta e oito, por aí.

F: No carnaval de quarenta e oito.

I: De quarenta e oito.

F: Veio no baile no, no domingo de carnaval?

I: No domingo de carnaval, cantando pirata da perna da pau (risos), aí eu conheci o meu marido, casamos, aí nunca mais saí de casa.

F: Aí depois você não vinha mais, nem com os filhos?

I: Ah, depois comecei a vir com os filhos, que eu tava falando agora que a gente não via essa beleza, porque a gente trazia a criança, a gente ficava correndo atrás da criança, cuidado com a criança, a gente não via essa beleza que nós estamos vendo hoje né...

F: Ahã. Hoje você pode prestar mais atenção.

I: ...a gente. Muito mais.

F: É.

I: Depois vim com os netos, e tô aqui hoje...

F: (...)

I: Eu me sinto uma vencedora...

F: Claro, mas com certeza.

I: ...com a minha idade, setenta e quatro ano, tô feliz da vida, com muita saúde, muito feliz de estar na Unimed...

F: (...) passeando.

I: ...da Saúde Toda Vida, passeando, com os amigos bom legais...

F: Ai que bom.

I: ...tô muito feliz, graças a Deus.

F: Que bom, obrigada (...)(interrupção da gravação)

G: Oque que eu vou falar meu Deus, eu não sou daqui.

F: Mas como é, a primeira vez que o senhor veio, quando que foi, no, no bosque?

G: Uns dois anos.

F: O senhor conheceu?

G: Eu conheci.

F: É. E aí acho bonito?

G: Achei (...)

F: É bonito né?

G: muito bonito, nossa vida.

F: Mas quem tá acostumado com o Pantanal, oque que o senhor fala?

G: (...) é esse né, quem tá acostumado no Pantanal, isso aqui...

F: É pequeno?

G: ..é bom pra (...) recordar né.

F: Pra lembrar o Pantanal.

G: Pra lembrar o Pantanal.

F: O senhor chegou em Campinas quando seu Gláucio?

G: Se não me engana foi em oitenta e nove, tem dezesseis anos que eu tô aqui.

F: Que tá aqui. E antes o senhor não tinha vindo aqui?

G: Não, eu já tinha vindo aqui sim, a mais de vinte anos eu tenho vindo à Campinas, quando eu servia (...), com vinte e cinco anos eu estava aqui né.

F: Tá.

G: Então eu vinha todo ano, vinha visitar.

F: Vinha visitar. Mas aqui no bosque especialmente o senhor não vinha?

G: Não, acho (...) aqui no bosque mesmo foi, a minha filha morava num prédio aqui, eu vim uma vez, e a última vez que eu vim aqui tinha uns dois anos, que eu brinco com meus netos aqui, eles vieram passar as férias aqui...

F: Aí o senhor trouxe?

G: Aí vieram, papai (...), essas coisas, mas é lindo isso viu.

F: É lindo né?

G: É pena que já não tá vendo mais os animais que vocês viam né, que tinha pato, agora só tem pato liso aí.

F: É.

G: Catitu, que eu vi agora ali, esse aqui parece que tá desabitado.

F: É que... (fim da gravação)

PASSEIO AO CENTRO DA CIDADE

Data: 20 de agosto de 2005

LEGENDA:

M: Márcia Regina Mainardes (UNIMED)

S: senhor Sebastião da Silva

E: Eugênia da Cunha Mei

I2: Idoso

V: seu Valdemar Lourenço Paulo

Z: seu Zé (José) Otterço

I: Idelina A. S. Fredericce

S: ...nesse, nesse prédio a frente aí.

M: Quem era o padre?

S: Até aqui a igreja aqui.

M: Ahã.

S: E essa praça aqui não era, não era calçada assim, não tinha jardim, não tinha nada né, depois que, na, na, no (...) do Chico Amaral, até brigou com o padre por causa disso né, daí que calçaram tudo isso aqui, e o que mais que tinha por aqui, aqui quase não tem nada que mudou viu.

M: E a igreja era assim?

S: A igreja é assim, a igreja era, do memo, memo jeito era a igreja aqui, é a mais antiga também parece né?

M: Eu acredito que sim né seu Sebastião.

S: Oque mais que tem aqui, acho que da praça, não da praça é só isso mesmo, Márcia, não tem muita coisa... (interrupção da gravação) Aqui, aqui as, como é que chama aquelas que vem na igreja, que sai assim, A Verônica né, que canta na, na, que vem tudo de preto na sexta-feira santa, então aqui tinha uns quadro, vinha, começava na prefeitura, descia a, a (...), depois descia a Barão, vinha aqui na onde era atração Luz e Força aqui na esquina, depois virava aqui, (...), eram pra ser sete quadros.

M: Sempre na semana santa?

S: É na sexta-feira santa, semana santa, que a Verônica vinha cantar, a procissão o dia inteiro né, ela vinha cantar. (interrupção da gravação) Da Barão aqui na com a Benjamim Constant né, na Glicério era uma viela assim, não passava, não passava carro, não passava nada, tinha um boeiro no meio ali. (interrupção da gravação) Na, na avenida industrial, então ele, ele, fazia sanduíche, até jogo de bicho ele fazia (risos)...

M: Quem que era?

S: Seu Júlio, ele era vizinho da Eugênia, vizinho da Eugênia não era?

E: Não, eu, eu trabalhava... (interrupção da gravação)

M: Aqui onde tá a Caixa Econômica o que que era?

S: Era um terreno vazio, que tinha parque infantil, pra crianças brincar aqui, roda gigante né, e era tudo terra aí, sobradão velho, ia daqui, daí na Glicério. Acho que é só né. (interrupção da gravação)... O bonde, o bonde dez vinha aí.

I: É, o bonde vinha até aqui.

S: Vinha o bonde dez, vinha ele, voltava descia a, como é que chama aquela rua ali? Marechal Deodoro.

I: Eu sei que ele passava na Major Solo, porque quando ele vinha, ele subia a Major Solo e virava...

S: E tinha um depois, antigamente tinha um que passava aqui.

M: Aqui aonde seu Sebastião?

S: Subia aqui virava, subia aqui a rua Barão, era o Guanabara três ou quatro, (...) cruzava aqui.

M: E aqui era o terminal do bonde?

S: É, do bonde.

I: ...ia no Liceu né, ele ia até o Liceu.

S: Ia até o Liceu. E aqui tinha o cartório Paula Leite, pro lado de cá né, agora eles voltaram pro lado de lá.

I: ...e aqui não era o palácio da justiça?

S: Onde é a Juvanete.

I: Era lá, não era aqui não?

S: Não.

I: Era aqui Bastião, eu me lembro que a gente ia pra trabalhar, parava aqui com o, com o Romeu Tórtima, ah, (...) inteira.

S: Era a Juvanete ali que tinha o palácio da...

I: E eu achava que era aqui.

S: Era ali.

M: No lugar do Juvanete?

I: Será Bastião?

S: Tinha o palácio da justiça, tinha.

I: Era lá?

S: Era.

I: Pra mim achava que era aqui.

S: Tinha ali onde era a Juvanete, é a Juvanete hoje.

I: ...passava a noite inteira nos processos né.

S: É.

I: E de manhã o povo chegava pra trabalhar, parava, a gente ouvia o que tava falando lá dentro.

S: Tinha a (...) de renda ali embaixo ali, lembra?

I: Ah, eu lembro, isso eu lembro.

S: Tinha, oque mais que tinha ali, depois ficou a sede da Ponte Preta, aonde que é a Juvanete ali, depois que mudaram Palácio da ...

I: (...)

S: É.

I: ...ih eu fiz confusão com o, com o... (interrupção da gravação)

S: ...a praça não mudou nada assim sabe, a não ser o calçamento que fizeram né, o calçamento.

M: Como era antes seu Sebastião?

S: Era um calçamento mio feio né, então eles mudaram, transformaram tudo aí, fizeram mais moderno né, deixo oque mais que tem por aqui... (interrupção da gravação) (...) da atração, aqui na esquina...

M: (...) da companhia.

S: ...da, da atração, Luz e Força.

V: Essa Caixa Econômica aí, ela sempre existiu, eu vinha com o meu pai aí quando tinha que ou depositar, ou retirar algum dinherinho, a gente entrava na porta, escrevia, e, tinha uma pessoa que atendia na porta, escrevia o nome e dava um folheto pra ir lá, aí ele pagava...

S: A Caixa era na General Osório, depois que mudou...

V: Não, essa aí.

S: Então, depois que mudou. Na General Osório era essa Caixa aí.

I: Essa Caixa.

S: Eu tenho uma cardeneta de mil novecentos e quarenta que eu abri na Caixa, na (risos).

I: ...então eu abri...

S: Mas depois que mudou pra cá.

I: ...na General Osório, esquina com Barão, não foi, eu...

S: Na General Osório.

I: ...naquele tempo que eu ia na Caixa.

S: É, é.

V: E é muito importante...

S: Mil novecentos e quarenta abriu.

V: A Caixa Econômica, nossa!

S: É, a Caixa Econômica.

I: ...e aqui era a receita...

S: E devo levar a cardeneta pra você ver a carteira. (interrupção da gravação)

M: ...Café Regina, oque que o senhor lembra?

S: Eu lembro, eles eram meu vizinho, o dono do Café Regina, aí que eles venderam pra, pra essa nova companhia do centro, eles que abriram Café Regina (...), acho que faz mais de cinquenta anos que tem esse café aqui.

M: O senhor vinha aqui seu Sebastião?

S: Vinha, vinha tomar cafezinho né, vinha.

M: Namorava por aqui ou não?

S: Não, não né, (...) (risos).

M: E oque que mudou aqui?

S: Aqui era livro azul, livro azul.

M: Oque que era livro azul?

S: Era, era uma livraria, livro azul.

M: Ahã. (pausa) (interrupção da gravação)

S: ...né.

I: Cultura.

S: Cultura.

M: Aonde que era a Cultura?

S: Aonde, aonde que tem um bingo ali...

I: ...ali em cima, assim, do lado.

S: ...aonde tá o bingo.

I: Esse clube é só de gente rica.

S: (...), bom. (cumprimenta alguém) (interrupção da gravação) ...o estacionamento era a Padaria do Comércio, lembra da padaria, Padaria do Comércio era aí onde tá o estacionamento. (interrupção da gravação) ...ferragem, pegaram, era aqui assim, no tal de ferragem.

M: Do lado da sorveteria Soni?

S: É, Soni.

M: Era o Cultura, a Casa de Ferragem, a sorveteria...

S: Soni.

M: ...e o Café Regina.

S: Onde é o Café Regina ali na esquina, era, onde tem o, era casa telefônica, primeiro telefone que veio pra Campinas, dos Rodrigues, os primeiros telefones que veio pra cá. (interrupção da gravação) ...era o bar do (...) que pegou fogo.

M: Aqui na esquina?

S: Na esquina aqui.

M: Da General Osório, e a...

S: Do Barão.

M: ...do Barão. Pegou fogo que ano seu Sebastião? Lembra?

S: Hum não lembro, foi pelos trinta e nove, trinta e, quarenta, por aí mais ou menos, bar do (...).(interrupção da gravação) ...tudo arborizada era, muito bonito...

M: Ah, o largo aqui?

S: É, é, o largo.

I: Largo do Rosário.

M: Tinha muitas árvores?

S: Tinha, toda, toda arborizada.

M: Oque que o senhor acha, tá muito diferente seu, seu Sebastião.

S: Ah, tem planta memo entendeu...

M: Tá melhor agora, ou era melhor antes?

S: A gente gostava mais porque tinha bastante árvore, não ficava sentado aí né, e tinha mais, lá onde tá a farmácia, aquele, o banco, ali tinha um, era um bar, deixa ver se eu lembro o nome do bar, Bar Tupi, era ali, onde tá o banco.

M: E o Êder Maia, já tava aqui?

S: Já, o Êder Maia já estava.

I: Já, ele é antigo aí né.

M: E o Rosário?

S: O, o...

I: Rosário é uma igreja, lá tinha uma igreja linda.

S: Ali tem uma igreja, uma igreja bonita...

M: No lugar do fórum?

S: Fazia, o fórum ficava atrás da igreja, e a igreja era na frente.

I: Aquela parte da frente ali era a igreja né.

S: Na frenta ali, é, a igreja.

I: E ali tem o famoso Juvanete...

S: É, o Juvanete antigo.

M: Primeira.

I: O primeiro.

M: Era aqui que vinha namorar então?

S: É, aí que a gente ia, Juvanete. (interrupção da gravação) ...corta aqui, isso aí é melhor nem gravar, então um camarada, eu ia passando, eu ouvi aquele barulho lá, um senhor bebeu umas pinga aqui, e foi no bar do outro e vomitou lá, e falou, “*agora você vai limpar*” (risos).

I: Ai, você sabe, e no Berto Chulé, você lembra do Berto Chulé?

S: Roberto Chulé, lembro.

M: Roberto Chulé?

S: Roberto Chulé.

M: Quem era Roberto Chulé?

I: Ele foi esfaquiado aqui, e foi morrer, e foi segurando a barriga, ele foi segurando as tripas...

S: Vamo, vamo atravessar.

I: ...até...

M: Em frente o Juvanete ali ele morreu?

I: Não, ele foi esfaquiado ali, uma pessoa passou a faca na barriga dele, ele desceu, e foi, não se foi aqui nessa esquina ou na outra, ele foi segurando e encostou na parede, daí o guarda, porque ele era briguento, muito briguento e tudo, ele derrubava a, tá gravando? Pior que ele era (...) (risos), e ele foi pro, daí ele virou pro guarda, o guarda viu né, chamou, levou ele pro hospital, e no outro dia saiu assim, grande Roberto Chulé é esfaquiado em tal lugar, e meu, e meu, não era do meu tempo não, mas minha sogra que contava, que quando foi de manhã o jornalista chorava na porta assim do meu sogro, disse que ele falava assim, “*já sei, já sei, brigou na rua, brigou (...) foi preso*”, ele falou, “*não, esfaquiaram ele*”, disse que ele saiu chorando e foi pra... (interrupção da gravação).

S: ...prédio do Guarneli...

M: Qual prédio seu Sebastião?

S: Aquele grandão lá. Lá era a Rádio, a Rádio Janela...

I: A Rádio Janela, esse aqui da esquina ó.

S: Ficava de domingo...

M: Na esquina ali qual rua que é?

I: Francisco com a General.

S: Francisco...

M: Francisco com a General?

I: Francisco com a General.

S: Era a Rádio Janela. De domingo ficava cheio de gente né, nossa.

M: O que que tinha lá?

I: É rádio, era rádio.

S: É rádio.

I: Rádio Janela (risos).

S: Tinha, os artistas ficavam tudo na janela.

I: Os artistas...

M: Vamo atravessar?

I: Vamo.

S: Vamo. (interrupção da gravação)...Bahia, era loja Americana.

M: Ah, mas já tinha desde sempre?

S: Já.

I: As lojas Americanas é antiga.

S: Era aqui onde tá a Casas Bahia.

M: Ah tá.

I: Depois aí a última também teve aí as lojas Ibi, uma Ibi né.

S: Ibi.

I: Era uma loja de roupas feitas...

S: A Maria fazia roupa pra eles, costurava lá.

I: ...e eu trabalhei aí, a gente parava na porta, os rapazes passava e falava assim, “*eu vou, eu arranjo emprego ainda nessa loja*”, (risos). (interrupção da gravação)

S: ...numa sapataria aqui.

M: Embaixo daonde seu Sebastião? Do prédio?

S: Do prédio.

M: Desse prédio aqui da esquina...

S: É. Que tinha a Rádio Janela, isso.

M: Como chamava a sapataria?

S: Esmalte.

M: Esmalte.

S: É. (interrupção da gravação) ...esse prédio ali.

M: Qual prédio seu Sebastião?

S: Esse um que tá o...

M: O Bob's?

S: ...o Bob's, era...

M: Oque que era?

S: ...era exposição...

M: Que exposição?

S: ...uma loja enorme, exposição (...) né.

M: Loja do que?

I: De roupas feitas.

S: De roupas feitas, tinha tudo aí, e aqui nesse, onde tá esse prédio grande...

M: Do Unibanco?

S: ...é, lá o trinta horas, é, aí a refinação de açúcar, cinco mil e dois...

M: Era uma fábrica?

S: É, mas fazia uma fumaceira aqui, uma fumaceira no final, né, era aqui, era de açúcar. (interrupção da gravação) ...tava aquele, vivo ali, ali era uma sapataria, depois, antes era, era, o Lotufo, vendia pastel, um tostão o pastel né.

M: Era pastelaria?

S: Tinha pastelaria, do Lotufo, depois ficou...

I: Ai tinha a pastelaria, até (...).

S: Do Lotufo né (risos), tá lembrada a pastelaria aí?

I: Tô.

S: Do Lotufo.

M: Era bom o pastel ali seu Sebastião?

S: Opa, pastelzinho...

I: E ligada a pastelaria não tinha aquela casa de vitamina?

S: Tinha depois...

I: ...(...) português?

S: ...depois veio o Renato que, que é sapateiro né.

I: Mas tinha uma casa de vitaminas...

S: Tinha aí a vitamina.

I: Ele fazia várias delas... (interrupção da gravação)

M: Onde é o Santander, oque que era?

S: Santander, era a Noroeste.

I: Então tinha o Noroeste e o Real...

S: Noroeste, é Noroeste.

I: Sebastião, Sebastião, foi nessa esquina que eu conheci o meu primeiro, nesse, na frente desse banco, que eu conheci o meu primeiro marido, eu tava, eu tava parada, eu ao invés de ir na escola de noite, na escola de corte e costura, a gente ficava parada ali, daí tava os meninos tudo cantando né, e daí ele passou, ele veio de lá pra cá, ele viu que eu tava de pé, ele abaixou, ele olhou no chão e falou assim pros amigos, "*não é assim que se adora uma deusa*", (risos). (interrupção da gravação)

S: ...(...) né?

V: Eu vim com meu falecido pai e ele, nós paramo na esquina aqui, vinha vindo aquele cordão com aquela música Chiquita Bacana, vinha vindo uma moça dentro duma casca de banana, "*Chiquita Bacana, lá da mais (...), ela se veste com uma casca nanica*".

S: Tinha farmácia aqui também nesse prédio né, onde tinha uma farmácia.

M: Nessa esquina aqui?

V: Era uma farmácia.

S: É, aqui tinha uma farmácia.

M: Com a...

S: Com a Glicério.

M: Com a Glicério. Você vinha no carnaval aqui também seu Sebastião?

S: Ah vinha, eu morava na Glicério aqui né.

V: ...do bloco, era cordão naquele, era codão né.

S: Naquele tempo a (...) era aqui na Glicério.

I: Oque?

S: A, a (...), de Campinas, conhece? Agora hoje é a educadora né, era aqui a (...).

M: Aqui na Glicério.

S: Era na Glicério aqui embaixo, num barzinho ali, dum chinês ali. (interrupção da gravação) ...é do Lazinho, essa banca é antiga, reformaram né.

M: Era banca de quem?

S: De jornal, Lazinho.

M: Lazinho?

S: É.

M: Tã muito mudado seu Sebastião?

S: Era daquelas banquinhas pequeninha lá, hoje é que eles puseram. (interrupção da gravação) ...o Zé Ribeiro era aqui... (interrupção da gravação)...a Casa, a Casa é uma loja muito grande, Casa, Casa São Paulo, você tá lembrado da Casa São Paulo? Era aqui, esse prédio aí, era...

I: Só tinha essa, essa daqui tinha né?

S: Qual?

I: Esse hotel...

S: Não, não.

M: (...) onde era o Magazine Luiza?

S: Não, era aqui assim.

M: Cigana?

S: Cigana. E lá...

I: Onde é o Magazine Luiza tinha aquele hotel, embaixo tinha o (...).

S: Tinha o (...), mas...

I: La bomboniere do (...). Em cima era um hotel chique né.

S: Nossa. Meu sogro construiu esse prédio aí.

M: Como que é?

S: Meu sogro construiu isso aí.

M: Esse prédio aqui do Magazine Luiza?

S: É, meu sogro...

M: Teu sogro construiu.

S: ...ele era só pedreiro do pessoal lá do Couri, essas coisas né, esse prédio é do Couri. Do Miguel.

M: Oque que era aí antes seu Sebastião?

S: Hein?

M: Oque que eles construíram pra ser oque?

S: Hotel, o Termas.

I: Pra fazer hotel, o Termas.

M: O Termas.

I: O Terminus.

S: O Terminus.

M: Terminus.

S: É.

I: E aqui do lado dele é... (interrupção da gravação)

S: (...) um alfaiate, deixa eu lembrar o nome dele...

M: Aqui no lugar do banco Itaú?

S: Casa Couper, era alfaiate aqui.

M: Casa?

S: Couper.

M: Couper. Aqui no lugar do banco Itaú?

S: No lugar do banco Itaú. (interrupção da gravação)

M: Casa Piero, onde que era?

S: Pierro, onde tá, embaixo do hotel ali, da Magazine Luiza.

M: Era loja do que?

S: De ferragens, ferragens.

M: Pierro.

S: Pierro. (interrupção da gravação)...uma loja aqui.

M: (...), loja doque que era?

S: De tecidos.

M: Também. Tinha muita loja de tecido nessa (...)?

S: Tinha bastante.

I: ...Bastião, tinha bastante...

S: Tinha, a Casa de Lastre era aqui né.

I: É, a Casa de Lastre.

S: Era alfaiate, alfaiataria.

M: Aqui na esquina, onde é a Fininvest?

S: Sim, sim.

V: Vendia terno pronto né. (interrupção da gravação)

S: (...) aquele que tá ali.

M: No Mcdonald's.

S: Era o centro de saúde, uma casinha amarelinha, tá lembrado o centro de saúde ali? Tinha o centro de saúde aí.

I: Olha aí, do lado de lá né Bastião?

S: É do lado de lá.

I: Era centro de saúde?

S: Era, era o centro de saúde...

I: Olha eu não lembro...

S: ...era um prédio amarelo, ficava pra dentro assim, (...).

I: Nossa.

I: No tempo, quando foi pra ir pra guerra, as moças iam fazer curso de enfermagem pra ir pra guerra.

S: É.

I: Uma amiga minha fez.

M: Ali no centro de saúde?

I: Vinha fazer curso.

S: No centro de saúde. (interrupção da gravação)

M: Aqui na frente da igreja, na frente da igreja, oque que tinha? A catedral?

I: Aqui tinha um jardim cheio de rosa né, muito bonito. (interrupção da gravação)

S: ...ele, ele fechava as lojas à tarde e de manhã ele vinha abrir, ele tinha chave, o corpo inteirinho chave.

M: Chave de todas as lojas.

S: De todas as lojas da rua Treze.

M: Como que chamava ele? João chaveiro, o homem da chave?

S: Nós chamava o homem da chave.

M: Pra ele abria e fechava?

S: E fechava. (interrupção da gravação)

V: ...que eu já responsável pra acender e apagar luz, que era feito manual.

M: Por que não tinha (...)?

V: Não, não era automática como hoje, era manual. (interrupção da gravação)

S: ... Nicoloto era, era uma lojinha, tinha, punha uma vitrine assim com uma lâmpada dentro da vitrine assim...

I: E agora ele tá no shopping...

S: É, Nicoloto. (...) tem a Eugênia, ali, "Eugênia", (chama).

I: "Eugênia".

S: Lembra da casa Nicoloto que tinha um vitrine, tinha uma luz no meio assim, era aonde?

E: Era aqui né.

S: Nicoloto.

I: E essa Ezequiel, quantos anos...

S: Ah, essa aqui é antiga.

I: Meu marido é freguês da Ezequiel viu. (interrupção da gravação)

S: Então, na esquina, a especialista era a loja Rener, tá lembrado ali (...)? Uma vez a prefeitura fez um calçamento e deixou tanto de paralelepípedo na rua, veio um carro bateu a vitrine dele, a prefeitura teve que pagar tudo isso aí. Salvador... (interrupção da gravação)

I: Virando aqui (barulho do sino), daí...

S: Aqui, era aí, era aí o cine República.

M: Aonde é o Unodue.

S: É.

M: O cinema né.

S: O cinema, República. E aqui tinha um bar do alemão, que pegava, tá lembrado do bar do alemão, que era aqui onde tá o banco.

M: É o mesmo que tem aqui, naquela ruazinha, ou não?

S: Não, não. E o que tem mais, que tinha mais aí, aonde tá o banco ali...

I: Aqui também era diferente, tinha bastante coisa...

S: ...era um prédio velho né, tudo, tinha uns bar embaixo, tinha, como é que chama aquele médico famoso aí, o doutor Caprini, Caprini, eles tinham, eles tinham uma, uma fotografia aí embaixo, então ia fazer baile, a turma mandava fazer folheto, o pai dele (...), mas como xingava o médico, ele não era, ele tava estudando aquele tempo ainda, o doutor Caprini, era aqui...

I: (...) tinha a união dos bancários, onde a gente ia, lá eu ia dançar, descendo aqui a Regente, você lembra?

S: Dos Bancário?

I: Dos Bancário.

S: Não, depois, depois mudaram lá na (...).

I: ...eu lembro dele, aonde eu ia dançar era a descida aqui em cima, União dos Bancários... (interrupção da gravação)

S: Encheram de, de, de marimbondo, o cara bateu com a cara (risos)...

V: Então, até tinha essa marvadeza né, xingava...

S: Punha marimbondo (...), pegava aquele cacho, a turma batia, aquilo vinha que pegava todo mundo.

V: É, mas esse Juda era um homem feito de pano né, as roupas enchida de palha de arroz, essas coisas, pendurava aí...

S: Disse que hoje não pode mais fazer isso né?

V: ...numa cruz lá em cima, e a pessoa dava o tiro com a espingarda, cortava-se o (...), aí então a mulecada batia, rasgava, chutava, era matar o Juda, depois que estourava Aleluia... (interrupção da gravação)

S: ...o Luiz.

M: Aonde?

S: Aqui na esquina aí.

M: Comércio São Luiz.

S: São Luiz. (...) aquele senhor de bengala, aquele...

M: Aquela pontuda.

S: ...parece que ele estudou aí. (interrupção da gravação) ...Jorge Elias, é aí na esquina, uma loja.

M: Aonde é essa loja aqui?

S: É, aonde que é a (...) ali.

M: Loja do que?

S: De tecidos.

M: Tecidos também. (interrupção da gravação) O que o senhor lembra da catedral?

S: Ah, é a mesma coisa só que fizeram essa reforma, aí não houve mais modificação, foi sempre assim. (interrupção da gravação) ...casa Boris...

M: Aonde seu Sebastião?

S: ...aonde que tá esse banco, aqui onde a gente tava.

M: Onde a gente tava.

S: É. Loja Boris, de móveis.

M: Móveis.

S: Uma vez nós fizemos um baile aqui, e eu conheci o Jacó, eu era da diretoria, eu vim, ele emprestou duzentas cadeiras pra gente, novinha, ele emprestou.

M: Baile na rua?

S: Não, onde era o banco, onde tá o banco hoje.

M: O que que era ali?

S: Nós, era um clube que nós fundamos aí, e tudo mundo vinha dançar, era uma beleza.

I: Porque era um clube (...).

M: Como chamava, o senhor lembra seu Sebastião?

S: Deixa eu ver se eu lembro, Vinte e Oito, depois eu lembro, eu não te lembrado se era Vinte e Oito. Era aqui... (interrupção da gravação) ...e aí era tudo casarão velho, nós vamo passar pra você ver uma coisa.

M: Tá. (interrupção da gravação)

I: Bem magrinha, acho que é mais magra que você...

S: (...).

I: ...é Márcia, e punha os, depois os vestidos lavados eles punham na vitrina, e tinha uns vestidão, eu parava e falava, “que horror, que horror”...

M: Lavanderia aqui nessa rua?

I: É nessa rua aqui.

M: Como chama essa rua?

I: É, como é que chama aqui?

M: Como chama essa rua seu Sebastião?

S: Qual?

M: Essa aqui.

S: Costa Aguiar.

I: Costa Aguiar.

M: Costa Aguiar, tinha lavanderia, vocês vinham?

I: Não, a gente passava da fábrica, olhava que as pessoas eram grandonas, e nós pequenininha, delicada, a gente ficava boba de ver o tamanho dos vestidos que estavam na, na...

S: Embaixo era, era, era (...) fazer impressa, coisa toda, o velho (...) era... (interrupção da gravação) ...ali era a Casa Maia.

V: É, a Casa Maia...

S: Casa Maia.

V: ...tinha o armazém do Peres.

S: Depois tinha o Marreco que eles fizeram né.

V: E esse armazém você comprava nele, e ele...

S: Na cardeneta né?

V: Não, aquele, nós pagava, mas ele pegava a mercadoria e levava na estação da Sorocabana, despachava pra nós até Descalvado, eles fazia isso, hoje não faz...

I: Aquele prédio ali, ali da esquina...

M: Qual?

I: ...ali, passando esse, aquele prédio da esquina era a prefeitura...

I2: ...antiga prefeitura...

I: ...é, era a prefeitura ali.

S: Aí tem um, tem um museu também aí.

M: Tem né.

S: Tem.

M: Precisamos vim visitar o museu.

I: Tem museu aí?

M: Tem. (interrupção da gravação)

S: Eu morei nessa rua Regente no três oito três, lá em cima.

M: Como chama essa rua?

S: Regente Feijó, eu morei aí, mil novecentos e trinta e sete... (interrupção da gravação)

M: Fala um pouquinho sobre o teatro municipal?

S: O teatro é onde que tá aquela, como é que chama essa casa aí?

I: C&A.

M: C&A.

S: C&, aí ele vinha até, escadaria dele, vamo passar lá pra você ver mais ou menos...

M: Vamo, vamo. (interrupção da gravação)

S: ...elevador antigo, aquele de casa que parecia uma gaiolinha assim...

M: Aonde isso?

S: Aqui na, na...

M: Aonde é a Pernambucana?

S: É, era...

M: Fala um pouquinho então seu Sebastião...

S: A, aqui, aqui era uma loja, um armazém, Casa Maia, eu falei né.

M: Aqui na Casa Seler?

S: É.

M: Armazém?

S: Secos e molhados né, e aqui onde tem essa porta aí, era um restaurante, chama Reco, agora, a escadaria do teatro vinha (...), deixa eu ver, a escadaria do teatro vinha até aqui embaixo quase, a escadaria do teatro é uma beleza...

M: Era bonito né, seu Sebastião?

S: Ai, lindo, lindo, nossa. (interrupção da gravação) ...onde que mandou fazer isso aí, que mandou divulgar isso aí, o prefeito, o ex-prefeito.

M: O senhor já acompanhou, quando começou a derrubar?

S: Acompanhei, eu vinha, dá uma tristeza ver, não, a construção dessa aí tão bonita, (...) foi fazer essa C&A.

M: O senhor vinha muito aqui seu Sebastião?

S: Vinha, eu vinha no teatro, a escadaria do teatro vinha até aí né, a escadaria do teatro?

V: Você nunca veio aqui, nunca me viu parado embaixo (...) serviço aí, não acreditava...

S: (...) vinha a turma aí de guarda, Anésio, vinha o Anésio, o Guimarães...

M: Quem eram esses?

S: Eram guarda-civil também.

M: Ah, os guardas.

S: O Zuma...

I: O Zuma.

S: ...Bastião.

I: O Zuma era meu amigão.

S: É Bastião. Orlando, aquele, aquele gordão né.

I: O Bastião, Orlando que a mulher dele matou a sogra dele?

S: É. (...) (risos) A guarda, a guarda-civil ela prestava serviço, a guarda-civil ela prestava serviço, em São Paulo existia uma divisão que era DDP, Divisão de Divisões Públicas, aqui em São Paulo não, aqui em Campinas não, mas no interior o guarda-civil, ele dava serviços de rua no trânsito, policiamento...

M: Tudo.

S: ...e ele trabalhava também na, na, nos eventos assim, como teatro municipal, cinemas né, e existia, pra esse tipo de serviço existia Grande Gala, que era chamado, e foi uma polícia que foi extinta eu pertenci na década de cinquenta...

I: ...ele voltou de lá, daí no caminho...

S: ...sai, pedi a minha baixa, por auto recreação. (interrupção da gravação) O prefeito da época que foi o Rui Novaes...

V: Rui babão.

S: ...que ele era...

M: Chega aqui pertinho seu Sebastião.

S: ... considerado o rei, o Rui babão, corre, correu um assunto na época que ele recebeu propina, dinheiro, para alegar que o teatro tinha problema e derrubar o teatro, demolir, para construção dessa firma, C&A, como ele fez também, aproveitando a oportunidade, e demoliu a igreja do Rosário que foi o maior absurdo que pode acontecer, porque grande cidade como o Rio de Janeiro e outros, como marcante do seu conhecimento, existe ruas que, que a igreja tá de pé, a rua corre pra cá, corre pra lá, então ele fez porque ele, ele não era uma pessoa que amava a cidade de Campinas. (interrupção da gravação) ...(...) tinha a Sears, lembra tinha a Sears aqui, e o teatro vinha aí, cobria a loja aqui, a rua.

M: Qual loja seu Sebastião?

S: Essa aqui que, era a Sears primeiro, e o teatro vinha até aqui, a escadaria.

M: E o senhor vinha nos bailes, frequentava aqui?

S: Vinha, no teatro, tinha cinema de manhã né, matinê né.

Z: O teatro, o teatro tinha os grandes eventos, os bailes de formatura, das, das faculdades principalmente, das escolas tradicionais, eram todos eles feitos aqui no teatro, né, o pessoal vinha aí, formatura, receber o diploma, e depois tinha a festa, o baile.

I: Aqui não era a loja cirúrgica? (interrupção da gravação)

S: ...tinha a associação, a associação de funcionários públicos, era do médico que morava sozinho aí, doutor...

I: Aí não era Receita Federal, aqui?

S: Foi.

I: Era a Receita Federal.

S: E lá onde que tá a associação dos funcionários, era o médico que morava sozinho aí, e depois a associação comprou. (interrupção da gravação) Eu vou, eu vou trazer uma foto pra você ver Márcia.

M: Do teatro?

S: No teatro, Carlos Gomes.

M: Não é uma que o senhor tem dentro do teatro?

S: Tem dentro do teatro. A escadaria do teatro vinha até aí ó.

M: Era enorme né.

S: Nossa. Que mais que tinha pra cá. (interrupção da gravação)...tinha cinema aí né.

M: Domingo de manhã. (interrupção da gravação)

S: ...vinha Orlando Silva, (...), oque que caiu aí?

I: A última (...) que nós... (interrupção da gravação) ...eram estreitas assim, lembra?

S: O que?

I: As, as ruas eram estreitinhas assim, a Campo Sales não era larga como é, era metade...

S: A rua General Osório.

I: É.

S: Não é. General Osório não foi mexida, ela continuou como era.

I2: ...mexida do lado de lá.

I: Ah sim, é.

I2: Mas demoliram as casas né.

I: É. (interrupção da gravação)

I2: ...chama Vivará, é a única lanchonete que servia arroz, lombo de porco, assim, assado, e batata frita, era, era o fashion, a gente vinha comer aí.

S: A loja, a loja Habitar fechou a tantos anos né?

I2: A loja Habitar fechou.

S: Eu, eu tenho um carrinho de feira que eu comprei quase cinquenta anos, tá novo o carrinho lá, ali na...

I2: Nossa...

M: Aonde que era seu Sebastião?

S: Aqui.

I2: Aqui, encostada à feira.

M: Aqui?

I2: Aqui na C&A.

M: Ah, a C&A.

S: Loja Habitar.

I2: Habitar era...

S: Chegou a conhecer, lembra?

I2: ...mas tinha tanta coisa na Habitar.

S: Nossa.

I2: Até trezentos eles (...).

S: Ah, chegava, mas a mãe dele ficava na, só sentando na cadeira pra, pra alguma pegava alguma coisa né, ela ficava o dia inteirinho sentada a velha (risos).

V: ...farmácia que era que tinha aí ambém.

S: Italiana?

M: Farmácia.

S: Italiana?

V: Não, acho que não.

S: Era ali.

V: Era italiana?

S: Era italiana.

I: Gente, não tinha Casa Para Todos? Tinha?

I2: Era aqui na esquina...

I: Era aqui na esquina. Aqui a Para Todos.

I2: A Para Todos era aqui.

I: Era aqui né.

V: Loja Brasileira aqui né.

I: Brasileira.

M: Oque que era a Para Todos?

I: Era uma loja de roupas, de roupas feitas, muito boa, onde...

I2: Pra todas as idades.

I: Pra todas idades.

I2: Por isso que é pra todos.

I: Era de, para todos, e fechou. (fim da gravação)

PASSEIO JARDIM CARLOS GOMES E LARGO DAS ANDORINHAS

Data: 22 de agosto de 2005.

LEGENDA:

F: Fernanda Mandetta (CMU- UNICAMP)

M: Márcia Regina Mainardes (UNIMED)

J: Jael Leme Cardoso de Araújo

Z: seu Zé (José) Otterço

L: Lina (Idelina) A. S. Fredericce

V: seu Valdemar Lourenço Paulo

FL: Flávia Paes Ramalho

E: Eugênia da Cunha Mei

S: seu Sebastião da Silva

I: idosos

J: (...)

F: É.

J: Esses coitados já estão segurando isso aí...

F: O coreto, o coreto, é verdade. (risos)

J: Não sei como eles não morreram, desabaram ainda.

F: Será que eles não estão cansados.

J: Bom, isso é daquele tempo, agora...

F: Vocês vinham, como é que vocês vinham pra, pra Carlos Gomes, que dias, o que vocês vinham fazer?

L: Era de domingo...

J: De domingo.

L: ...que a gente ficava por exemplo, a gente descia lá pelas seis e meia, sete horas, a gente ficava na rua Barão. Andava, andava pra lá e pra cá, e depois alguém fazia sinal assim, e a gente descia, chegava aqui, os moços tava tudo parado na volta, assim, e a gente ficava passeando aqui, a banda tocando...

F: A banda ficava tocando?

L: Tocando, nossa...

J: Todo fim de semana.

L: ...fim de semana, ficava a banda tocando, né Jael. Aí depois a gente subia, quando era nove horas todo mundo ia embora Fernanda, era marcado no relógio. Nove horas a gente ia embora, cada um pra sua casa, se arranjava namorado a gente falava que ia de bonde, não era?

J: É, é.

L: Anda assim do lado, do lado do namorado...

J: (...) do lado do rapaz, era andar de bonde.

L: ...era andar de bonde, é.

F: Ah.

L: Ou senão também, olha, ele tá tirando uma linha, né.

F: O que é tirar uma linha?

L: É olhar...

J: Olhar.

L: ...é paquerar, era tirar linha.

F: Ah.

L: Você lembra Zé disso?

F: Você tirava muita linha?

L: Tirava muita linha?

Z: Eu, eu não tirava muita linha, porque quem tirava linha com elas, com ela, era meus amigos, eu era muito acanhado naquela época.

Todas: Ah...

F: Coitadinho.

J: A gente imagina.

Z: Aí depois que eu tive, fiz amizade com um rapaz assim, que era mais solto, ele, duns dois, três anos de vantagem de idade comigo, aí que eu aprendi, porque eu era acomodado mesmo sabe...

F: Hã.

Z: ...aí eu aprendi, aí eu recuperei todo aquele tempo que eu passei, que eu perdi, certo.

L: Ele tirou barbante.

F: Aí ele tirou barbante. (risos)

Z: Aí eu fiz um (...).

L: Aí ele tirou barbante no poerinha. (risos)

Z: Aí quando você vem aqui, e você tinha felicidade, você, da moça gostar de você, olhar, e pode ser até difícil, aquela piscadinha...

F: Pode ser tão difícil, falava.

L: Falava.

Z: É. E aquelas piscadinha né, se fosse correspondido, um sorriso...

J: Ah era, pisca, pisca.

Z: ...então como que acontecia as coisas, ela ia indo, você tinha que sair, o moço teria que sair do meio aqui, e ir atrás, pra ver depois separadamente, longe do povão aqui, você chegar e conversar.

F: Aí perguntava, pode ser o da difícil.

Z: É, aí ela (risos), aparecia, daí é que ela consentia, então como a Lina falou, eu não lembro dessa que, que eu tava, que eu era bom de (...), de bonde.

L: ...era do bondinho, não era Jael?

Z: (...) não era bonde né, mas.

L: Aí eu subi de bonde com fulano, subi...

F: Ah é.

L: ...que ele subiu junto, subiu junto. Engraçado que nem subia a general, a gente subia nessa (...), é o povo ia...

F: É nessa com, ah tá.

L: Aqui, (...). Mas assim todo mundo, parecia que a gente combinava...

F: Descia da Barão de (...) e vinha pra cá.

L: ...(...) conversar com você.

Z: (...)

L: Sérgio Barbaci, Ernesto Cuma é lá na outra, não, a gente não subia, a minha turma por exemplo, a gente subia mais é, a Berba, a Berba, é.

Z: O que eu posso falar é o seguinte, naquela época Campinas era uma cidade muito diferente, quer dizer, Campinas tinha as suas, os seus valores, era terra das andorinhas, e ali mesmo era, onde era o mercadinho era o reduto das andorinhas...

F: Ahã.

Z: ...era considerado a cidade mais higiênica e limpa do país...

L: (...)

Z: O campineiro, o campineiro tinha fama de orgulhoso, porque naquela época você não via pessoa mal vestida, quer dizer, suja, sem higiene, podia ter aquela roupinha simples e tal, mas tava sempre, sempre...

J: Sempre bonitinha.

L: Sempre em ordem.

Z: ...passadinha, arrumadinha, bonitinha. E era, número de habitantes era bem menor.

L: É.

Z: A condução que nós tínhamos era o bonde. Condução que nós tínhamos era o bonde, e aí a maioria andava de pé, a pé...

F: A pé.

Z: ...você entendeu.

F: Carro, era muito difícil né seu José?

Z: Não, carro era para quem tivesse assim da classe média pra cima, porque o trabalhador, considerado a classe operária, ninguém tinha carro, o que se usava muito era bicicleta, era uma condução da época.

F: É certo.

Z: Meu pai mesmo, ele ia trabalhar de bicicleta.

F: Bicicleta.

Z: E o que houve no jardim Carlos Gomes, ele ficou aqui tradicional por causa do chamado *footing*, é isso que (...)?

F: É o *footing*.

Z: Porque eu falo muito mal o português, calcule o, o Inglês e coisa parecida (risos).

J: Só que naquele tempo, não era jardim Carlos Gomes, era jardim das Palmeiras.

L: Engraçado, eu conheci aqui como jardim Carlos Gomes, (...) Carlos Gomes.

J: Eu conheci como jardim das Palmeiras.

L: Das Palmeiras tô conhecendo, conhecendo...

J: Sabendo agora.

F: Ouvindo, ah tá.

L: Era jardim Carlos Gomes, todo mundo vinha...

F: E a história das primas seu José, porque eu fiquei muito curiosa?

Z: Bom, a história das primas, o professor não tá aí, vou ver se eu substituo à altura...

F: Isso.

Z: ...Sebastião, mas antes, a gente quando vinha aqui com os amigos tentar ganhar uma, uma namorada, começar um namoro, e não conhecia a gente falava assim, "*Vortei pagão*", quer dizer, não peguei nada né...

F: Tá certo.

Z: ...não cacei nada, não consegui nada.

L: Ah não sabia Zé, você pagava, é...

Z: Voltamos pagãos e tal. Mas sobre essa pergunta que você me fez, prima era um termo que era usado antigamente, para aquelas que eram considerada na época, mulheres da vida...

F: Ahã.

L: Mulheres fácil né, de vida fácil.

Z: E aí porque mulheres da vida, eu não sei, eu não estudei isso aí, era o termo popular...

F: Certo.

Z: E nessa esquina da rua Conceição com a Boa Ventura do Amaral, onde hoje ali, parece que tem um prédio ali, ali do lado, é, ali existiu na época, eles, eles chamavam (...), que eram esses encontros né...

F: Ahã.

Z: ...mas só que ali era uma coisa mais reservada, era pra pessoas que tivessem mais posses financeiras...

F: Certo.

Z: ...porque como popularmente, o povão chamava de zona...

F: Hã.

Z: ...ela se realizava ao redor do mercadão, até que depois, houve uma fiscalização, depois houve uma fiscalização, o povo, a cidade aumentou, o movimento, então não ficava bem aquelas casas né...

F: Ahã.

Z: ...de prostituição ali no centro da, da cidade.

F: Certo.

Z: Aí elas foram se espalhando, pegaram uma grande área foi pro Castelo, que era tudo terra ainda...

L: Senador Saraiva.

Z: Não, depois que saiu da Senador eu tô falando.

L: Ah depois que saiu da Senador?

F: Depois que saiu do centro.

L: Ah tá.

Z: Então foi pra lá pro Castelo, algumas pro Taquaral, e ficou mais ou menos assim, até que foi criado o jardim Itapinga.

L: Que horror.

F: Ah.

J: Um dia eu passei por lá, que, que meu sobrinho tava dirigindo, estava mais, tinha mais gente junto, e passamos por aquele bairro, eu fiquei boba de ver as mulheres quase nuas ali no terraço de casa...

F: (...)

I: Com cadeira na, na, na calçada.

J: ...e as que passavam na rua que iam comprar alguma coisa né, também, bem à vontade, como se estivesse em casa, um horror. E passavam carros e mais carros que iam...

L: E tinha umas mulher feia, Fernanda, (risos) barriguda, ai mais assim judiada mesmo, meu Deus né Zé.

Z: De nome assim, tem, tem nomes famosos, das donas de casa, dois deles que eu me recordo que elas eram muito assim...

I: Chamavam-se cafetonas né?

Z: Não, ela, ela muito assim, tratada com maior respeito em termos assim de querer ganhar simpatia com elas, que era uma, o nome dela eu não sei, chamava Paraguaia né, e a outra, como é que era o nome dela? Eu lembrei agora e

esqueci, bom, mas isso aí não vai bem ao caso né. Isso que a nossa amiga aqui, a Jael falou, era uma maneira delas atraírem os fregueses, certo, então tem até aquele, tem aquele pessoal que ia, já sabia, ia lá para aquela finalidade.

F: Ahã.

Z: Outros iam passear por curiosidade.

F: Pra ver como é que é.

Z: E aí elas saíam assim pra, mas havia fiscalização na época.

F: Ahã.

Z: Qualquer atitude indecorosa que acontecesse perto de uma autoridade, elas eram detidas, eram presa, então tinha que ter respeito.

L: Elas tinham documento, alguma carteirinha né Zé.

Z: Elas, elas, existia até naquela época uma fiscalização inclusive do centro de saúde.

F: Hã.

L: É. Uma carteirinha, da saúde.

Z: Pra, pra, pra prevenir né, de doenças venéreas, aquelas coisas todas, hoje você o mundo como é que ficou né, eu posso dar o meu, meu ponto de vista assim, eu penso assim; antes elas eram taxada como mulheres da vida, prostituta e outras palavras que nem convém falar, mas hoje a gente vê a prostituição aberta. Como nós tivemos passeando ontem, você viu mulheres...

F: É verdade, lá no centro.

Z: ...fazendo ponto.

F: Ali do lado da igreja né.

I: (...) Nossa, não viu (...) tinha bastante...

Z: E eu pergunto, se existe um , um reduto pra isto, porque prolifera uma coisa dessa, então oque que vai acontecer, eu acho que a moral tá lá em baixo, porque a moça que não tiver uma certa estrutura, ela vê que aquela vida é fácil, ela vai se prostituir.

F: Ahã.

Z: Eu não sou nenhum moralizador, nem tenho o porque de ser né.

L: (...) muito, aí no norte, aqui no Brasil, meninas de doze anos se prostituindo, a mãe fala vai, manda a filha se prostituir por causa de dinheiro...

F: Pra ganhar dinheiro né.

L: ...por causa de dinheiro, de uma troca de favores, isso é terrível né, meninas às vezes não, não se previne, doze, treze anos estão grávidas...

Z: Não existem mais, Fernanda, a gente prosseguindo um pouco sobre aquele, a nossa juventude passada...

F: Ahã.

Z: ...a virgindade era tabu naquela época.

L: Ah sim, com certeza.

F: É por isso muito que, que também procuravam né, essas moças, porque as meninas não?

L: Não.

F: A senhora foi depois do casamento, não é?

L: Não se cediam como agora...

Z: Porque esses...

L: ...agora a meninada se encontra a primeira vez e já vão pro motel, naquele tempo nem existia (...) motel, não existia...

Z: Mesmo porque...

L: ...no meu tempo eu não sabia oque que era motel.

Z: Mesmo porque na, na, nisso que a Lina tá falando, existia o seguinte, uma moça, na época, se ela perdesse a virgindade ela tinha que ir pra outro endereço...

L: Ou casar...

Z: ...os pais falava.

L: ...os pais obrigavam a casar.

Z: Ou então o cara era levado à força...

L: Pra casar.

F: Pra casar.

Z: ...se descobriu, foi ele, e tal não sei oque, ele era intimado à força pra casar. Agora devido a toda essa, essa, essa mudança que teve no modernismo da sociedade, você hoje vê meninas com doze anos, você hoje vê meninas com doze anos grávidas.

L: Grávidas.

F: É.

Z: Ou com a mão...

J: Eu já vi com doze anos, já com nenezinho no colo e o rapaz junto pensando que era tudo, que eram dois irmãos com a irmãzinha...

F: Imagina que loucura.

J: ...aí quando vi que ele abraçava mais ela, e dava beijinho assim, eu vi que não era...

F: Que não era irmão.

L: Essa que você viu teve sorte dele estar junto, porque a maioria, não está junto.

J: ...(...) nossa, novinha de uns doze anos mais ou menos.

L: É, a maioria não está junto.

Z: Bom, então agora, o Fernanda, pela pergunta que você me fez sobre as primas, eu pra encerrar...

F: Certo.

Z: ...a minha colaboração sobre aquilo que eu aprendi, eu só posso dizer que elas eram maravilhosas de satisfazer o prazer dos jovens.

L: Ah. (espantada)

Z: Sobre as prima, assunto encerrado da minha parte.

F: Muito bem. Agora deixa eu perguntar uma coisa pra vocês, é, vocês vinham todo domingo aqui vocês estavam falando?

L: Todo domingo.

J: Não todo domingo...

L: Eu...

J: ...eu vinha de vez em quando.

L: Eu vinha...

F: Frequentava bastante?

L: É.

F: E hoje vocês continuam vindo aqui na praça?

L: Não, agora é difícil...

F: Qual foi a última vez que vocês vieram?

L: Não de domingo, nunca mais vim.

F: Nem pra passear?

L: Nem pra passear, nem pra ouvir a banda, diz que tem banda aí ainda né?

F: Não sei.

J: Mas agora, tem sim.

L: Eu não venho.

J: Agora parece que tá tendo...

F: Mas vocês não frequentam mais?

J: Não, não.

L: Não porque...

F: Por que?

L: ...não tem nem ambiente, o ambiente aqui é ruim, vem pessoas, tinha uma amiga que tava sentada aqui outro dia, um sábado à tarde, disse que falou assim pra ela, *“quanto que você tá cobrando o programa?”*

F: Olha.

L: Ela quase morre, eu falei o que, mas que programa, quem falou assim faz programa? Ela não deu resposta, levantou e foi embora. Então não, não é ambiente, não é ambiente, ambiente pra gente vir, principalmente assim à noite, à tardinha, ficar sentada, não tem condições.

F: Não tem mais?

L: Não, não tem. Além disso, os bandido, mendingo...

F: Perigo de assalto?

L: É perigoso assalto. Não tem mais, não tem mais ambiente pra vir.

J: As pessoas que bebem, como ontem né, um pouquinho que nós estávamos lá, você não viu né?

F: Não.

J: É, chegou um bêbado né, já querendo uns trocadinhos da gente.

L: Acho que a Fernanda tava lá aquela hora.

F: Não vi.

L: Não, não tinha (...)...

F: Lá na igreja do Carmo?

J: É, é, logo que nós chegamos né, veio, tinha um amigo dele, também veio assim, sentado no banco, aí ele pediu um trocadinho, aí não sei quem falou, “não, ninguém tem aqui”, eu falei, “é nem trocados, nem, nem inteiros”, (risos).

L: O que acontece Fernanda é que agente tem muito medo, por exemplo eu tô olhando aqueles dois senhores lá, aquele de camisa listrada, a gente vai ficar sentada perto, quem será, oque que eles estão fazendo, qual a intenção deles, será que eles estão conversando de roubar, de falar alguma coisa, desrespeitar a gente, porque afinal de contas a gente tá com uma idade (...), todo ser humano precisa respeito, então se a gente tiver que sentar, eu já não sentaria...

F: Ficaria com medo.

L: ...já passo direto. Não venho mais.

Z: Porque na realidade, Campinas nessa época que nós estamos aqui recordando, vamo falar anos cinquenta, por aí mais ou menos, era uma cidade interiorana, onde as famílias saiam, não, televisão essas coisas, não era todo mundo que tinha, (...) saiam...

L: Pra ver vitrine.

Z: Não saiam pra sentar na calçada, pra ficar conversando né, e as crianças brincando, hoje a cidade mudou, então o *point* nosso que era da época, vamo dizer jardim Carlos Gomes, você se preparava todo bonitinho pra quê, pra ver paquera, você vinha afim de ganhar uma, uma, uma namorada.

F: Claro.

Z: Então a disputa era grande, não era fácil não. (risos) Certo.

L: Você tá pensando o que, tinha mais homem do que mulher na época.

Z: É, e elas né, com todos os cuidados dela...

F: Hã.

Z: ...e ela principalmente com todos os cuidados dela, porque sabe como é que ela falou, “com quem será esse cara”, se alguém conhece, às vezes era mais ou menos, você ficava uma semana, você marcava aquela garota, daí você voltava na outra, você tentava outra vez, às vezes...

F: Era, foi um investimento.

Z: É...

L: Fernanda, tinha um detalhe assim, eu tinha cabelo comprido, então eu gostava muito de flor no cabelo, então eu punha aqui o cabelo, deixava solto, punha uma flor, cada semana a gente tava com um vestidinho barato, mas sempre em ordem, sempre um sapatinho novo, o sapato que a gente trabalhava, porque eu não usava tênis, o sapato que eu ia trabalhar eu não, que eu passeava eu não punha pra trabalhar, era um outro tipo de sapato, era um outro tipo de roupa, então a gente se valorizava.

F: Era um acontecimento.

L: Acontecimento.

Z: Acontecimento.

L: E pro cinema, o cinema era um sapato de salto, meia, leque, porque naquele tempo não tinha ar condicionado, era leque, todo mundo levava o seu leque, era muito bom, muito bom.

F: E o cinema era também domingo?

L: Domingo. Não, às vezes eu ia de semana, mas era mais, era de sábado pra domingo, a gente passeava de sábado e domingo.

J: Do filme que a gente estava interessada.

L: É, interessada, é.

Z: Olha...

L: Mas eu não ia no meio de semana não.

Z: ...hoje nós estamos aqui, bem aqui onde hoje tem o (...) existia o cinema aí que se chamava Coliseu.

L: É, Coliseu.

Z: A gente era menino, e eles, naquela época podia entrar menor no cinema e tal, então passou aqueles seriado, entendeu...

F: Hã.

Z: ...e então a gente vinha todo domingo na matinê pra não perder o que ia acontecer.

F: O capítulo.

L: Tinha um seriado de segunda-feira, tinha um seriado que passava toda segunda-feira.

F: No Coliseu?

L: No Coliseu, mas aí era a noite.

F: Hã.

L: A gente descia aquela turma, eu morava na Senador Saraiva, e a gente descia aquela turma pra vir no seriado.

Z: Agora, agora se eu posso falar alguma coisa a meu respeito, aqui seguindo a rua César Berbac, existia o cine São Carlos.

J: É.

L: Também lembro.

Z: E eu naquela época estudava à noite, no Alan Kardec, que era aqui na rua Conceição, quando eu tava no terceiro ano do técnico que era um curso, aí eu, eu tinha um amigo meu, ele tinha mais recurso do que eu, “*vamo no cinema que eu te pago*”, comecei a ir no cinema, aí eu ia lá na classe, e eu era muito bom de matemática, e as meninas queria que eu ensinasse, eu falei, “*ah não ensino, só se você sair comigo, vamo no cinema*”...

F: Ah chantagista.

Z: E aí aconteceu delas toparem, então eu ensinava, depois ia com uma, com outra, no São Carlos, só que sabe que aconteceu? O diretor foi em casa. E contou tudo o que tava acontecendo, e aí eu passei um aperto miserável, então o que eu fiz, por falta eu não pude fazer exame, eu fiz o terceiro técnico até metade.

F: Porque faltava da aula pra vir no cinema com as moças.

Z: Isso.

L: Repetia por falta também aquele tempo?

Z: Não, eu não podia fazer, porque a minha...

L: Só repetia a paciência né.

F: Também. (interrupção da gravação)

Z: ...contou sobre hoje.

F: Ahã.

Z: Vir aqui, eu, particularmente eu, o centro de Campinas ficou muito difícil, a gente vem pra saldar compromisso, mas não como prazer.

F: Certo.

Z: Tá bom.

F: Obrigada seu José.

Z: De nada. (interrupção da gravação)

F: Aonde tinha o mercado?

I: Aqui nesse local aqui.

F: Hã.

I: Mercado das Andorinhas.

F: Vocês vinham fazer compras aqui?

I: Bom, na época quem fazia compra era a minha mãe né.

F: Hã.

I: Mas a gente chegava à tarde vinha gente de fora pra ver as andorinhas descerem aqui né, é a coisa mais linda, muito bonito memo, tinha gente que ficava aqui pra ver.

F: Esperando pra ver as andorinhas.

I: As andorinhas. Depois espantaram com elas daqui né, mas era um mercado, assim não era tão grande como o mercadão.

F: O Municipal. Ahã.

I: Era menor, mas era mercado.

F: Ah.

I: Ali na prefeitura tem as andorinhas, devia tá aqui, em vez de estar aqui, tá lá.

F: É verdade. O monumento devia estar aqui né?

I: O monumento devia estar aqui. (interrupção da gravação)

I: ...e aí...

F: Hã.

J: ...morou a irmã do Joãozinho Monteiro.

F: Aqui nesse prédio abóbora.

J: Esse, é. Morou aí ela e o marido.

F: Quem que era Joãozinho Monteiro, Jael?

J: João Monteiro, João Caetano Monteiro Filho, ele trabalhava no Correio Popular, muitos anos, até o fim da vida dele, trabalhou lá.

F: Ah que vocês estavam falando aquele dia lá no arquivo do Centro de Memória?

J: Isso.

F: Tá.

J: Então, e a família dele é grande né...

F: Ahã.

J: ...então eu tenho amizade com todos eles, porque eu, dos meus quinze anos até muito tempo vivia junto né, as, as porque a gente frequentava a mesma igreja também né, e então nós nos dávamos muito bem, até eu e o Joãozinho brigava porque eu sempre gostei muito de ler...

F: Hã.

J: ...então eu via que ele tinha uma estante cheia de livros, e eu então falava, “*Joãozinho empresta esse pra mim*”, aí ele vinha com uma história, “*os livros são como as mulheres, não se emprestam, se emprestam não voltam, e se voltam imagina o estado em que está*”. (risos) Então eu falei, “*tá bom, não precisa, não precisa emprestar nada, se você não quer*”. Bom aí dava as costas, depois mais tarde ele entendia e voltava...

F: Emprestava o livro?

J: ... “*aí, tá Jael*”, (risos) (interrupção da gravação)

F: Era escola municipal?

I: É.

F: Hã.

J: E agora é escola Carlos Gomes.

F: Vocês estudaram aqui?

I: Não, a minha filha estudou aqui.

J: A Ditinha foi diretora, a Ditinha Monteiro.

F: Que é irmã.

J: Irmã dele, foi diretora aí.

F: A sua filha estudou aqui (...), mas você não, você não estudou aqui, não eu não, a minha filha que estudou aqui.

J: E a...

F: É lindo né.

J: E a Terezinha...

I: É bem antigo, ele tá muito maltratado.

J: Agora a Terezinha Monteiro também estudou aí, a parte de música, ela se formou também em música aí.

I: Tinha que ter mesmo...

J: Escola formal.

I: ...pra frequentar, pra entrar, não era pago.

F: AH.

I: Era que nem o Culto à Ciência, você tinha que ter média pra poder ficar, e não podia repetir dois anos né, porque saía da escola.

F: Senão saia.

I: Saía da escola.

F: Era uma escola muito forte?

I: Era aqui e a Carlos Gomes, a, o Culto à Ciência. Eu ma lembro que quando o meu sobrinho, hoje ele é engenheiro né, do lado do meu marido, ele veio fazer o exame aqui, meu cunhado ficou sentado aqui no banco, deu tchau pro, pro, “*vai filho, vai, que vai dar certinho*”, e ele subiu lá pra fazer os exames né. E ele sempre contava isso, e o pai, o pai sempre deu muita força pra ele, então ele...

F: Ele conseguiu?

I: Conseguiu, hoje ele é (...), se bem que ele perdeu (...) faz pouco tempo que ele (...) cunhado, mas ele, ele conseguiu. (Interrupção da gravação)

Z: ...era onde se formava as normalizas, futuras professoras.

F: Ah.

Z: E era muito tradicional, e elas eram chamadas normalizas, e tinha um uniforme saia azul, blusa branca.

F: Hã.

Z: A avenida né, não tinha essa divisória, aqui tinha ponto de táxi.

F: Era tudo aberto a avenida aqui, era uma só.

Z: E o guarde civil ficava ali, na hora da saída tinha a faixa de segurança, e a gente, como eu pertencia à guarda civil, quantas normalizas eu atravessei aí (risos), no trânsito, sendo que daqui, não sei se já foi dito, esse terreno onde tá aí a prefeitura municipal...

F: Ahã.

Z: ...a Santa Casa de Misericórdia, ela vinha até aqui, tinha pomares aí, atrás pela rua, a rua (...), na época a gente falava era um negócio de isolamento, era os tuberculosos, tinha uma área onde eles ficavam internados aí, em

tratamento. E Campinas é tudo isso, isso aqui foi um pecado o que fizeram, nesse, Largo das Andorinhas, mas cadê as andorinha?

F: Espantaram todas as andorinhas.

Z: As andorinhas elas viviam aqui no mercadinho né, e inclusive Campinas ficou como símbolo Terra das Andorinhas como até hoje falam né.

F: Ahã.

Z: Mas teve aí alguém, alguma autoridade que mandou pintar o supermercado né, que era um prédio de supermercado, e as andorinhas então, elas debandaram, e nunca mais soubemos de nada. E aqui também, nesse trecho que nós estamos aqui, na rua General Osório, do Cambuí vinha o bonde seis e sete, que era a condução que tinha na época, depois é que implantaram os ônibus, mas quando tinha os bondes, o bonde vinha, ele descia a General Osório, pegava a Coronel Quirino nesse sentido, descia aqui a Tomás Alves, virava aqui a avenida Anchieta...

F: Hã.

Z: ...e subia a General Osório. Então existia dois desvios, porque tinha o bonde seis e sete, um ia, chegava na avenida lá Júlio Mesquita, um ia pra esquerda outro pra direita, o seis ia pra esquerda, o sete pela direita...

F: Hã.

Z: ...tinha um desvio na, na avenida Júlio de Mesquita, e outro na rua Coronel Quirino, e andar de bonde naquela época era chique, porque dinheiro no que é bom...

F: Nada.

Z: Eu saía do Cambuí quando era garoto (...), na rua Emílio Ribas eu ia até, a pé, até perto da estação, no final lá da General Osório, às vezes um rapaz que já era meio oficial, e oficial depois ele se tornou, ele tinha dinheiro, eu ganhava pouco, ele falava “*vamo de bonde, (...) que eu te pago*”, aí era quando eu andava de bonde.

F: Senão tinha que ir a pé.

I: E tem um detalhe no bonde...

F: Hã.

I: ...os cavalheiros, quando a gente ia tomar o bonde, eles desciam pra dar o lugar pra gente.

F: Ah.

I: Não é que nem agora...

J: Ficavam nos...

Z: Nos estribos.

F: Deixavam vocês sentarem.

I: Quando parava o bonde, nossa maior gentileza dos cavalheiros, que hoje não tem. (risos)

F: Que hoje não existe mais.

I: Não existe mais.

Z: Aquela gentileza já pensando em alguma coisa entendeu. (risos)

I: (...)

Z: É, é, mas sempre com aquela visão pra frente né.

I: Pra descer do bonde assim, (...) sai, senão mostrava as pernas, aparecia as perna. (fim da gravação)

SEGUNDO GRUPO DE IDOSOS

M: ...nessa praça Carlos Gomes?

V: Não, a gente vinha muito pouco, passava aqui porque aqui dessa rua pra cá era, era os rico que morava. Cambuí sempre foi considerado rico...

M: Ah é.

V: ...então a gente não era bem visto aqui, e oque que vinha fazer pobre aqui.

M: Entendi.

V: (...) Então dessa, dessa rua pra cá a gente não fuçava não, fuçava pra lá...

M: Mas e no centro?

V: ...pro lado de lá, lá pelo lado de (...), mas pro centro e aqui a gente não vinha.

M: Aqui o senhor não circulava?

V: Não, não. Aqui era uma parte meio separada, a turma fala, “mais era separado aqui”. Então a gente era mal visto aqui, então não vinha não.

M: Entendi.

V: Por isso eu tenho bem pouco dessa praça pra contar, sim, vinha aqui a mulecada, mulecada que a gente era, e admirar assim, “*nossa, pra subir nessas palmeiras aí né, que gostoso seria*”, mas não conseguia é claro, aí era coisa de criança.

M: Coisa de criança, ahã.

V: E o coreto aqui também tinha música, mas à noite, a gente não vinha à noite, então eu tenho pouca coisa dessa praça aqui, não tenho quase nada. (interrupção da gravação) Hoje o Cambuí tem os seus quezinho, parece que não, mas tem, oque que eu posso fazer né (risos). (interrupção da gravação)

FL: ...então eu.

M: O Flávia conta um pouquinho, como que foi essa praça pra você, oque que você lembra?

FL: Então, eu era criança na época né, porque agora (risos), então a gente vinha no jardim porque era muito bonito, o jardim tudo né, então a gente vinha passear, sentar aqui, mas bem paquerar mesmo eu não vinha nesse jardim, quando a minha mãe não deixava, só que eu tenho uma recordação, toda noite aqui cantava, no coreto, tocava música, e eu morava no fim, começo ou fim? Major Soles esquina com a Anchieta, então a noite tocava uma música, “*eram duas caveiras que se amavam*”, lembra, lembra dessa música? Então nós estávamos brincando na rua, a gente corria pra dentro, tinha medo da música, então sempre minha mãe, minha mãe, “*vem pra dentro, vem pra dentro*”, eu não vinha, quando começava a música olha eu pra dentro, mas a gente gostava de passear por aqui né, andar por aqui tudo. E teve uma ocasião que eu namorei assim sabe, mais ou menos um rapaz que, hoje ele é guarda, ele foi guarda civil, amigo do, do terço, então a gente vinha passear assim, mas não se mão dada.

M: Mas como que acontecia a paquera aqui?

FL: Ah, as pessoas, os rapazes passavam, ele olhava, se a gente confirmasse, continuasse olhando era o que você estava consentindo né.

M: Mas vocês que ficavam, como ficavam, paradas aqui, como que funcionava?

FL: Não, eles, as moças ficavam passeando e os rapazes parados, e a gente passava perto deles, porque eu mais ia na, o pouco que eu sai de noite era no Barão de Jaguará né.

M: Ah tá, não era aqui.

FL: Então a gente, é, os rapazes ficavam parado e a gente passava passeando assim com a colega, e eles davam uma olhada, eu dava uma piscada assim, então se você, ele olhava se você concorda, olhasse também quer dizer que você tava consentindo né...

M: Ahã.

FL: ...e daí saiu um namorinho, daí, você saía um perto do outro, não dava mão nem nada ia perto, às vezes nem conversava, nem falava, não tinha o que falar né, porque você ia junto assim, e ainda tive um namorado que eu saía da fábrica, ele morava na, esqueço o nome, José de Alencar, ele ficava na porta da casa dele, e daí ele ficava, então quando eu descia da fábrica, ele vinha do lado até o ponto aqui da General Osório, do Cambuí, sem nada, dava bom dia lá e dava até logo aqui (risos).

M: E vocês acham que a praça mudou muito de quando vocês vinham, oque que mudou, ficou melhor, ficou pior, como que era antes?

V: Mudou muito nada.

M: Acha que não mudou muito?

V: Não mudou nada aqui.

FL: Essa aqui acho que não (...), tá sempre florida as árvores, verdinhas.

V: É sempre foi isso aqui, é pacata assim, sempre foi assim.

FL: É, essa aqui acho que não mudou, tem lugar da cidade que tá bem mudado...

M: E esses prédios aqui da redondeza, como é que eram?

FL: Ali na esquina não era prédio, ali era uma residência lembra, olha quer ver ali na esquina não era um prédio, era uma residência até muito bonita, aqui tinha uma casa, aqui nessa direção tinha uma casa que alugava cômodos, né que alugava...

V: É, é.

FL: Mas não era família.

M: Era pensão, tipo pensão assim?

FL: É, as pessoas na época chamavam cortiço né, mas era assim, na frente era uma residência, e o fundo da casa eles alugavam os quartos.

M: Sei.

FL: E tudo, não tinha um prédio aqui, era tudo casa né, tudo casa, e casa.

V: Deu uma melhora aqui depois que foi feito a prefeitura aí né...

?: (...)

V: É a prefeitura aí trouxe bastante coisa pra cá, porque a prefeitura não era ali, e não tinha tanto movimento.

FL: É a prefeitura era lá pra cima.

V: E você concorda que aqui era uma área meio reservada né.

FL: Era, quer dizer, aqui não era prédio, mas eram casas ricas...

M: Ah sim.

FL: ...aqui por exemplo né, era tudo.

M: Aqui na Conceição?

FL: Aqui na Conceição.

M: (...)

FL: Daqui pra lá já eram casa, casa de família bastarda né, já não era, a gente já morava, apesar de eu morara ali na Major Solo aqui pertinho, mas era casa pobre lá, mas aqui já era mais, mais, eu me lembro que um dia, quando eu tava, nossa eu era criança ainda, eu tava na escola, em vez de ficar na escola eu peguei vim e, vim com algumas meninas passear no jardim, imagina, e daí eu tinha medo, tinha medo do carro da, vermelinho chamava carro de preso né, então eu com aquele medo né, daí o vermelinho passou, porque eu achava que o vermelinho se achasse criança na rua...

M: Pegava.

FL: ...principalmente menina, acho que alguém fala isso viu, eu tinha medo que pegasse a gente, daí eu fiquei tremendo, tremendo, comecei a rezar, eu falei, *“ai meu Deus, eu prometo que nunca mais eu falto, a única vez que eu bati paião na escola”*, e fui pra casa, e a gente, a gente quer contar tudo pra mãe, bom, o princípio da gente, tudo o que acontecia a gente contava pra mãe né, e daí eu comecei a rezar pra contar pra minha mãe, ah e daí eu não sei onde que é, acho que era o bombeiro, que tocava uma sirene pra sair na rua, daí eu fiquei com mais medo ainda, a morava ali mesmo, mas eu fui rezando pra casa e perguntado, *“meu Deus, como é que eu vou contar pra minha mãe”*, passou minha mãe, *“mas oque que você tem, você tá doente?”* Não era, era que eu tava guardando né, daí eu peguei e falei, *“ai mãe, eu vou contar uma coisa pra você, a senhora não me bate?”* Ela (...), porque entrava no couro né. Daí eu falei, *“olha mãe eu falei da escola, eu fui lá no jardim, e olha, eu tava com tanto medo, com tanto medo que o vermelinho passou, eu pensei que ele ia me pegar”* (risos), daí minha mãe pegou, falou, deu uma carcada em mim tudo, mas não bateu, porque sabia, quer dizer eu tinha feito errado, mas contei né, pro duas vezes eu fiz coisa errada, outra vez foi ali no centro de convivência que tinha balanço, como tem aqui, tinha balanço e do lado de lá tinha um colégio, Cesário Mota né, e eu e minha prima fomo na missa, não faltava missa de domingo, oque que eu fiz, minha prima, *“ah já começou a missa, vamo passear”*, eu falei assim, *“olha”*, imagina cabeça de criança né, daí a gente a gente saiu da Matriz do Carmo e subiu, chegou lá balançando, balançando né, e daí tinha aquele, aquele que você sentava e rodava, uma outra menina rodava, eu tinha tontura, acho que desde daquele tempo, começou a rodar fiquei tonta, e eu gritava pra menina parar e a menina não parava, quanto mais gritava, mais ela rodava, eu peguei e fui sair, sai com o negócio virando, bati com a cabeça no chão e machucou assim no meio e começou a sangrar.

É olha, e minha prima tapando, *“não fala pra vovó”*, (...) da minha avó, *“não fala pra vovó que nós vamo apanhar”*, e daí eu peguei falei assim, *“mas doeu”*, eu falava pra ela, ela falava não chora, eu falava *“mas tá doendo prima”*, porque ela era mais velha, em vez da gente falar o nome a gente falava prima. *“Tá doendo prima, tá doendo”* né, aí eu fui, cheguei na casa da minha avó, que era lá Coronel (...), eu sentei assim na, na porta e, e tinha chorado bastante né, minha avó, *“oque que aconteceu?”*, eu falei, eu falava nada, e a minha prima olhando sério pra mim, pra mim não contar pra não apanhar né, eu falava, *“nada, nada”*, daí a minha avó foi passar a mão na minha cabeça, *“oque que você tem?”*, pois a mão no sangue...(risos)

M: Ai.

FL: Eu peguei, *“vó a senhora me perdoa, eu fui, eu fui no jardim brincar”*, imagina brincar no jardim tinha que falar pra mãe e pro pai né, *“eu fui no jardim”*, *“mas não era hora da missa”* né, *“então a missa tinha começado e a gente foi brincar no jardim”*, ela, *“tá vendo como Deus castiga”*...

M: Ai.

FL: *“Vocês não podem fazer nada escondido que Deus tá vendo, o que vocês estão fazendo”*

M: Mas me conta, vocês lembram oque que tinha naquela esquina ali ó, da, da Conceição, aquele prédio branco ali?

V: Ah, essa coisa que a turma falava das prima aí, eu, eu não lembro nada não.

M: Não lembra seu...

V: E também de criança a gente não, não fuça essas coisas né.

M: Mas a juventude de vocês?

V: Ah, mas a juventude é como eu te falei, eu não, não fuçava aqui.

M: O senhor não vinha aqui né?

V: Não.

M: Você lembra Flávia?

FL: Da, delas aí?

M: É.

FL: Não. Bom, podia ter, mas a gente não...

M: Não (...)

FL: ...não, com aquela idade a gente não sabia bem o que era...

M: Não tinha noção.

FL: ...não tinha noção do que era isso né.

M: Então tá certo. Que mais que vocês podem contar daqui da praça? Eugênia, oque que você tem pra contar aqui da praça, oque que você fazia aqui?

E: Olha bem, eu frequentei pouco tempo né, como, como eu sempre falei né, que a gente quase não saia né, então eu dava...

FL: É porque (...) a gente não saia, quer dizer as coisas que eu fiz foi tudo, quer dizer não saia de noite. À noite a gente não saia, então de dia que a gente, que eu passeava.

M: E vocês vinham aqui?

E: Não, eu de, eu vinha à noite com a minha irmã, só saia com a minha irmã né, a gente dava uma volta aqui assim..

M: Em volta do coreto?

E: ...a gente dava volta aqui no meio né, e os homens ficava aqui do, em redor, em redor tudo também né, então a gente paquerava, lógico né, e uma vez nós arranjamo dois namorado, uma pra cada uma né...

M: Ainda bem...

E: O meu é (risos), o meu era um loiro lindo de morrer, de olho, de olho azul né, coisa de louco né, coisa de louco né, e chamava-se Ismael, e o da minha irmã era um moreno, muito bonito também, chamava-se Sílvio né, e aí eles começaram a falar pra gente que quando a gente fosse embora eles iam também, e nós falamos pra ele que não fosse porque se meu irmão visse aqui era um inferno né, mas eles insistiram e foram né, tomaram o bonde né, junto com a gente e foram até a esquina da minha casa, e a gente tava que nossa senhora, acho que não, o desespero, o nervoso de que o meu pai viesse e desse um escândalo, porque o meu pai dava né, meu pai dava show assim memo de, né, então aí a gente conversou um pouco com eles e,e acabou dando em nada, porque como é que a gente ia namorar, não tinha condições mesmo né, só, só essa daí, e depois, aí a gente continuou vindo aqui e tudo né, era o único lugar que a gente...

M: Você acha que mudou muito da praça de antes?

E: Ah, a gente, quando a gente vinha à tarde, vinha com meu pai, com minha mãe, eles sentavam aqui né, e meu pai gostava muito de comprar aquela paçoquinha, amendoim, aquelas coisas né...

M: Ahã.

E: ...é, e a gente ficava às vezes sentado aqui, porque vinha a banda, era a Santa Cecília né, parece que vinha tocar aqui à tarde né, e tinha duas banda, tinha uma banda dos homens de cor, e tinha a banda Santa Cecília, que eu não sei qual delas que tocava, os dias assim que uma tocava, outra tocava.

M: Ahã.

E: E a gente vinha pra ouvir, pra ouvir até umas, até assim umas seis horas...

M: E no domingo?

E: No domingo também às vezes eles tocavam também aqui né, e a gente não vinha pra cá no, no domingo assim né.

M: Quando que você s vinham?

E: É vinha, é vinha no sábado.

M: Ah no sábado.

E: No sábado à noite né, e no domingo, no domingo era muito difícil a gente vir, se vinha a minha mãe às vezes vinha no sábado assim né, mas pouca coisa a gente frequentou por aqui né.

M: Sei. Você acha que mudou muito?

E: Hã?

M: Oque que mudou, oque que era?

E: Olha de muda eu não tô vendo nada né, Flávia, de, de, porque tem essas árvores aqui centenária aqui né, coreto é o mesmo né, eu acho que na questão de mudança, eu acho que até, até melhorou, porque o, eles foram plantando muito mais coisas né, ficou um jardim lindo aqui, agora as árvores são tudo centenárias aí quase né. E elas são maravilhosa né, porque olha cada uma como ela se né, olha, olha o porte daquela ali né, depois essa aqui também né.

V: ...cento e sete ano tem esses coqueiro aí né, cento e sete ano essas palmeira. Segundo o livro lá da, da, do Centro de Memória das Ciências Sociais, em mil oitocentos e noventa e oito. Então, mas foi plantado primeiro as palmeiras, depois as árvores, as árvores não tem essa idade.

E: ...as árvore, olha que maravilha, olha...

V: É, árvore tem menos idade.

E: Mas essas árvores são velhas...

V: Não, mas então você viu pela fotografia lá, que só tinha as palmeira.

I: Olha aquela lá, aquela lá longe, olha lá.

E: É, olha lá o tronco daquela ó.

I: ...o tronco dela. (interrupção da gravação)

V: Porque que fabrica essa tinta pra estragar um monumento assim, porque é difícil, essa tinta não sai fácil daí né, se não fabricasse então não tinha.

M: E se limparem tornam a fazer.

V: Não, mas não tem como limpar, isso não é (...) de tirar, e olha, você vê que a parte de baixo eles tentaram, mas olha. (interrupção da gravação)

V: ...(...), a gente tinha roupa pra sair, a roupa de sair e a roupa de trabalhar.

I: Sapato pra sair, sapato pra trabalhar.

V: Sapato pra sair, e sapato pra trabalhar.

I: Eu usava também essa fita no cabelo.

V: Então pra vim aqui na praça, vinha naquele, vinha com roupa de passeio.

M: Ahã.

V: Não é como hoje que você vem...

I: Não, você vai no médico, você vai no banco, você vai em qualquer lugar.

V: Não é sempre igual...

M: A roupa é a mesma né.

V: ...até por isso que as moças era bonita, porque vinha com roupa, de sair. (interrupção da gravação)

M: Mas o senhor vinha aqui na praça Carlos Gomes?

S: Vinha, vinha.

M: Oque que acontecia aqui?

S: A gente dava volta no jardim aqui, as mulher por fora, e os homem (...), tá lembrado isso aí?

I: Já, estamos.

I2: ...eu falei pra ela.

S: E aqui tinha o Coliseu, ali.

M: O Coliseu Cultura.

S: O Coliseu Cultura né, o que mais que tinha por aqui? Aqui tinha uma padaria aqui assim, parecia a Primavera assim, uma padaria muito, muito boa a padaria, mas o...

M: E ali na Conceição?

S: Aqui tinha uma, uma oficina que arrumava brinquedo pra as criança, Pascoal, Pascoal de Luca, que era o maior brinquedo, lembra? Pascoal se Luca, que o maior brinquedo pras criança aqui, oque mais que tinha por aqui?

I2: Sebastião, sabe aquele (...), que banda que tocava aqui, era a banda dos Jovens Cantor, ou era a bando do...

S: Carlos, Carlos Gomes.

I2: Mas aqui?

S: Aqui no jardim.

M: Era a banda Carlos Gomes?

S: É, a sede deles é aqui na, na rua, acabou né, tão reformando agora na Benjamim Constant, Carlos Gomes.

I2: É eu não lembrava que banda que era.

S: O João de Couro era lá em, no, no Largo do Pará.

I2: Ah é, no Largo do Pará.

S: É (...) do Pará. E oque mais que tinha?

M: Mudou muito aqui seu, seu...

S: Tinha (...).

M: ...Sebastião mudou muita coisa aqui?

S: Ah muito, muito, por exemplo o, você vê que tinha aqui no jardim, (...) não, se ele fizer um novo calçamento aqui né, botaram umas luzes pequenas aqui, mas não quebraram, rancaram todas, tinha uns postezinho que iluminava tudo isso aqui, chegou a ver?

M: Não.

S: O (...), os postes dessa altura, quebraram tudo, não tinha mais nada Márcia.

I: O pastel do Voga já tinha aquela época, você lembra ou não, você lembra o pastel do Voga?

S: Do Voga, tinha.

I: Que já era, era Voga, por causa do Voga ali né.

S: Do cinema né.

I: Do cinema.

S: Do cinema é Voga.

I: Bem, bem anos o Voga ali.

S: Era aqui na esquina o Voga né, é só isso Márcia, porque não tem mais nada.

M: Só isso?

S: É, não tem muita coisa pra contar né. Deixa eu ver aqui, o jardim, ali era o (...) clube do, casa, residência né, tudo residência ali, e o bonde, o bonde descia, passava aqui nessa rua (...), ia lá pro bosque, não tem mais nada memo pra contar daqui.

M: Tá bom, o senhor me dá licença.

S: Ah sim. (interrupção da gravação)

S: ...mercadinho aí, da Praça das Andorinhas né, e elas moravam ali, todas as andorinhas, depois a prefeitura cismou de pintar, elas foram toda embora, acho que tinha ido pra Rio Preto parece, as andorinha daqui né, mas era uma beleza né, quando tinha prossissão aí na, na, na Quinze de Agosto, elas ficavam todas sobrevoando aqui, era uma beleza, era uma beleza o bando de andorinha né, e o mercadinho era bem frequentado né, eles vendiam galinha, vendiam frango, vendia tudo ali né, e depois demoliram, aquelas, aquela negócio que, aquele que representa Campinas, não tem um, ali, ali não tinha...

M: Monumento ali?

S: Aquele monumento, ali não tinha, não tinha. Aquele, aqueles prédio, que tinha ali, também não tinha, que passa as andorinha, então ali também não tem muito que contar, era mais o mercadinho chamava atenção.

M: Como chamava o mercadinho, o senhor lembra?

S: Chamava mercado das Andorinhas, chamava, é...

M: Ahã.

S: ...é, das Andorinha. (interrupção da gravação)

M: O senhor frequentava o Voga, o pastel ali seu...

S: Ah, o pastel.

M: Comia pastel?

S: Um pastelzinho.

M: Muito tempo, sempre teve, você lembra?

S: Ah, sempre teve, depois fizeram o cinema Voga pra depois né, o cinema foi depois do Voga.

M: Ah tá.

S: é. Então aí, (...) um pastelzinho, reunia a turma, como reúne hoje aí né, você chega (...) só mesa pro lado de fora aí né.

M: Ahã.

S: Então é tudo isso mais, não tenho mais nada também.

M: Obrigada seu Sebastião.(interrupção da gravação)

M: Flávia.

FL: Aqui tinha o mercado...

M: Aqui a Praça das Andorinhas.

FL: Aqui tinha um barracão, um, um, um tipo dum salão, assim bem mal acabado mesmo, mal feito sabe Márcia, ele era assim de duas água, que desvia né...

M: Hã.

FL: ...e tinha, as andorinhas ficavam aqui, e aqui tinha aquele monumento que tá ali ó, tava aqui.

M: Ali na prefeitura?

FL: Aí depois eles pintaram, não vi mais.

M: E você vinha comprar aqui no mercadinho?

FL: Não, vinha passear porque eu morava aqui atrás da Matriz do Carmo, então a gente ia dando vorta na cidade, eu vinha passear mesmo, pra ver mesmo as andorinha.

M: O senhor também vinha aqui seu Sebas..., seu Valdemar?

V: É aquilo que eu falei, o meu era pra lá...

M: Nem aqui também não dava?

V: ...pra cá eu vinha pouco.

M: aqui também não dava?

V: Aqui também era esquisito.

M: É.

V: Pra cá eu passava durante o dia, mas vim passear assim não, vinha não.

M: Não.

V: Não.

M: No mercadinho o senhor lembra? No mercado?

V: sim, lembro do mercadinho aqui, mas eu vinha pouco pra esse lado aqui, eu não tinha nem o que fazer aqui, eu não vinha não.

M: Entendi.

FL: Aqui era o meu pedaço.

M: Era o seu pedaço.

FL: Era. Passeava muito por aqui, porque tinha chegado na cidade né, Márcia, então nós éramos em três irmãos, e a gente tava sempre por aqui passeando, de domingo, de sábado.

M: E o mercado funcionava todo dia da semana?

FL: Todo dia. Era assim um, naquele tempo Márcia, não falava-se mercado, falava quitanda...

M: Ahã.

FL: ...porque é aquelas banquinha com verdura, com frutas, então era pouco frequentado, não tinha muito movimento.

M: E tinha muita andorinha?

FL: Tinha muita, muita, era uma revoada linda, quando elas chegavam umas, umas cinco e meia, era uma revoada muito linda que a gente ficava olhando, e além disso fazia muita sujeira também né, fazia muita sujeira, é.

M: Com certeza.

FL: E na época, depois pintou mercadinho, desapareceu. Era bem aqui, ele terminava aqui, não tinha esse jardim, só tinha aqui. E aqui Márcia, não era a prefeitura na época, era a Santa Casa de Misericórdia. Tinha aquele, aquele, aquela madeira, chamava Jequitibá Rosa, que caiu, tá fazendo pouco tempo, tá fazendo uns três, quatro ano que caiu?

V: Ah, tem mais, mais.

FL: Mais? Qua a chuva derrubou né.

V: Derrubou...

FL: Era muito lindo. Aí eles desativou, ele tem ainda (...), não, não tem não. Tem é os irmãos penteado. Desativou e construiu a praefeitura. Aqui era assim mesmo, esses prédio, tem umas casas velhas, foi construindo, e...

M: Lembra de mais alguma coisa seu Valdemar?

V: Não, eu não lembro mais, não, eu não lembro, essas área aqui eu não lembro nada, quase nada, a gente...

FL: Você não vinha muito pra cá Valdemar?

V: Não, não vinha.

FL: Não?

V: A minha vinda na cidade era ais a negócio, do que, do que passear, eu vinha, eu vendia vassoura aqui na cidade...

FL: Onde você vendia vassoura?

V: ...e quando eu vinha sempre tinha que fazer compra pra levar pra casa, então não era passeio aqui.

FL: Você já aproveitava...

V: Já aproveitava...

FL: ...a vinda pra cidade...

V: ...não, a gente não podia vim aqui pro centro sem, tinha que vir, passar no mercadão, comprar carne e outras coisas aí, passar na rua Costa Aguiar que era os atacadista lá, comprar, então...

FL: Você lembra do Pires?

V: Pires, nós comprava no Pires.

FL: No Pires né.

V: No Pires.

M: Oque que era o Pires?

V: Era um atacadista.

FL: Era um atacadista muito famoso aqui em Campinas. Ele, depois entrou o Pão de Açúcar, aí o Pires terminou o, o Pão de Açúcar era um pegue-paga né, como é agora o supermercado, e o Pires não, tinha alguém pra servir a gente, pra atender a gente.

V: Você viu o que eu falei outro dia ainda, e eles pegavam a compra da gente e levava aonde você quisesse, seja na casa, e pra nós ele entregava na estação da Sorocabana que levava pra nós na estação de Descampado, e faziam isso.

FL: Era um atacadista né?

V: Atacadista, ótimo, dos mais famosos aí da cidade.

FL: Você lembra da casa do alho?

V: Do alho.

FL: Só vendia alho.

M: Aonde era?

FL: Era na rua, eu não sei se é na Regente, ou na José Paulino, uma daquelas duas rua ali, era a Casa do Alho.

V: E tem ainda a (...) Casa do Alho aqui perto da, do Camões aí, naquela ruinha ali.

FL: Tem ainda? Não sei.

V: Tem a Casa do Alho.

M: E aqui o colégio, vocês lembram do colégio?

(trecho não compreendido)

FL: ...escola normal.

M: Você frequentou, estudou aí Lina?

L: Não, eu não estudei aqui não, eu estudei um pouco em Franca, depois eu estudei no Francisco Glicério.

M: Sei.

L: Depois comecei a fazer à noite em escola pequena, aqui era mais assim pra gente mais privilegiada.

V: É, mais abafado, tudo isso, era mais pras as pessoas mais (...).

L: Na minha época aí frequentava assim pessoas mais de, de, de poder aquisitivo melhor, a gente não tinha acesso.

M: E você é, Eugênia, oque que você lembra daqui?

E: Não, eu lembro que aqui tinha o mercadinho né, mercadinho das Andorinha, e todo sábado nós vínhamos aqui, eu, minha mãe, meu pai, minha irmã, a gente comprava uma parte de coisas aqui porque não havia supermercado nada né, então comprava uma parte aqui, uma parte no mercadão né. Aqui tinha frutas, tinha tudo que você...

FL: Galinha viva.

E: Hã?

FL: Vendia galinha viva?

E: Tinha, olha pra te falar verdade aqui tinha de tudo viu, tinha até, teve dia que eu vi até carneirinho aqui pra vender...

FL: Porquinho.

V: Cabrito.

E: É porco, cabrito, tinha oque você quisesse tinha aqui, agora o que era lindo de morrer, aqui à tarde né, era a revoada das andorinha, vinha gente até de fora pra ver essa revoada aqui né, porque quando era quase seis Horas da tarde, elas vinham em bando e se recolhiam tudo em cima na, no, do supermercado, no forro né. Elas ficavam tudo ali, as andorinha, e quando era cinco e meia da manhã elas saiam todas pra passear, iam todas embora, mas você não precisava olhar no relógio, a hora que você visse as andorinha em bando, era seis hora da tarde, e cinco e meia da manhã elas saiam todas embora né, era a coisa mais linda, e era um lugar muito cheio de gente, porque toda Campinas inteira vinha comprar aqui, e no mercadão né.

L: Quando eu estudava em Franca, Márcia, já, já contei, tinha um livro didático, então falava, essa andorinha já estava na história do Brasil, porque á no, no, em Franca, a gente tava estudando sobre as andorinhas de Campinas, então era uma história de dois irmãos que conseguisse passar de ano, viria visitar Campinas pra ver as andorinhas, era um livro, então eu já estudava lá em Franca.

M: Então já ouvia essa história lá?

L: Já ouvia essa história lá, das andorinhas de Campinas.

E: tinha até uma música sobre a andorinha, a que falava assim, “*as andorinhas voltaram*”...

V: Trio Parada Dura.

E: É, tem até uma...

(todos): “*Eu também voltei*”.

E: É, é, muito bonita. E tinha aqui a escola normal que era frequentada por só pessoas da elite né, depois foi, da, da, foi normalizada, já não era tão, tão assim, uma coisa muito severa, porque pra entrar aí você precisava ser prima da dona fulana, sobrinha do seu sicrano, pra poder entrar, tinha que ter um sobrenome, aí entrava sobrenome né, depois foi decaindo, não é que decaindo, é que o poder aquisitivo foi abaixando também, e a minha filha se formou aí, a mais velha, que tá com cinquenta e seis anos, ela se formou aí, então era uma coisa, as normalistas eram muito assim...

FL: As roupas eram lindas, tinha até uma música né, “*mas as normalista linda, não pode casar ainda*”, você lembra?

E: É, lembro.

V: É marcha de carnaval, (...)?

FL: Marcha de carnaval, é.

M: Como era, você lembra a marchinha?

FL: Então como é que é, pera aí, eu, aí eu não me lembro...

E: Oque que era as normalista, o cantor?

FL: “*Vestida de azul e branco, trazendo...*”, não.

V: A música, até a gente lembra a letra, não né.

FL: “*Mas as normalista linda, não pode casar ainda, só depois que se formar...*”, é ou não é?

E: É um negócio assim mais ou menos.

FL: Era muito cantado essa música.

E: É muito, é.

FL: E era em homenagem as meninas que estudavam aí.

E: Ficava né os cara que, que tava afim de, de...

FL: E outro detalhe, não estudava menino aí.

E: É, não.

FL: Igual no, no, no Ave Maria, quando as minhas filhas estudavam era só menina.

E: E aqui vinha, ficava muito moço aqui, à tarde esperando a saída das normalista né, porque sabia que era tudo gente com um poder aquisitivo bom né, mesmo até o final quase assim, agora já não, agora já é uma coisa mais né, mas até que a minha filha estudou aqui, que ela tá com cinquenta e seis anos, você já viu né, era muito, muito assim, os moços queriam muito namorar as normalistas sabe, que, uma poder aquisitivo, outra que elas eram bonita, eram umas moça bonita também né, tinha um trato bom...

(trecho não compreendido)

M: Daí a música das normalistas, vamo lá, podem cantar.

V: O grupo vai apresentar a, as normalistas, na voz desse pessoal aqui, cantador, pode começar.

FL: Vai.

(todos): “*Vestida de azul e branco, trazendo sorriso pranto, rostinho encantador, ai ai, minha linda normalista rapidamente me conquista meu coração sofredor, e eu que trazia guardado, dentro do peito fechado, meu coração sem amor, fiquei bastante inclinado, a entregar aos cuidados daquele brotinha em flor*” (risos), “*mas a normalista linda, não pode casar ainda, só depois que se formar, eu estou apaixonado, o pai da moça zangado, e o remédio é despeitar*” (risos).

M: Não, acho bom. (interrupção da gravação)

V: ...as normalistas né, que elas eram pessoas maravilhosas, moças elegantes né, com aquele uniforme, saia azul, blusa branca...

FL: Moças ricas...

V: ...e da minha parte, na época década de cinquenta, eu pertencia à guarda civil, e aqui eu atravessei muitas normalistas, “*seu guarda, ô bonitão vai demorar pra atravessar?*”

(todas): Ah... (risos)

FL: Elas paravam do lado de lá da escola pro guarda atravessar, o guarda ficava ali, o guarda pegava pra atravessar a rua, eles atravessavam elas.

M: Olha.

V: E elas faziam grupos, esperava sabe, eu, a gente, o guarda né, “*vem*”, elas, “*não eu tô esperando a minha colega*”, pra depois elas começava, começava a passar carro, “*ô seu guarda, ô bonitão vai me atravessar ou não?*”...

(todas): Ah... (risos)

V: ...pra brincar com a gente né. (fim da gravação)